

## **Biblioteca Digital Curt Nimuendaju**

<http://biblio.etnolinguistica.org>

Barbosa, Pe. A. Lemos. 1956. *Curso de Tupi Antigo: Gramática, Exercícios, Textos.* Rio de Janeiro: Livraria São José.

Permalink: [http://biblio.etnolinguistica.org/barbosa\\_1956\\_curso](http://biblio.etnolinguistica.org/barbosa_1956_curso)

O material contido neste arquivo foi escaneado e disponibilizado online com o objetivo de tornar acessível uma obra de difícil acesso e de edição esgotada, não podendo ser modificado ou usado para fins comerciais. Seu único propósito é o uso individual para pesquisa e aprendizado.

Possíveis dúvidas ou objeções quanto ao uso e distribuição deste material podem ser dirigidas aos responsáveis pela Biblioteca Digital Curt Nimuendaju, no seguinte endereço:

<http://biblio.etnolinguistica.org/contato>

O presente trabalho, escaneado por Alexandre Ramos (Curitiba), foi disponibilizado pela equipe da Biblioteca Digital Curt Nimuendaju em dezembro de 2009.

CURSO DE  
TUPI ANTIGO

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju  
<http://biblio.etnolinguistica.org>

DO MESMO AUTOR

Pequeno Vocabulário Tupi-Português. Livraria  
São José. Rio. 1951.

O Auto de São Lourenço. Uma peça teatral de  
Anchieta em tupi, castelhano e português.  
Rio. 1950.

O "Vocabulário na Língua Brasílica". Ministério  
de Educação e Saúde. Serviço de Documentação.  
Rio. 1948.

Estudos de Tupi. O "Diálogo de Léry" na restaura-  
ção de Plínio Ayrosa. Rio. 1944.

Catecismo na Língua Brasílica do P. Antônio  
de Araújo S. J. Reprodução fac-similar da  
1.ª ed. (1618). Rio. 1952.

Em preparação

Pequeno Vocabulário Português-Tupi.

F.º A. LEMOS BARBOSA

# CURSO DE TUPI ANTIGO

*GRAMÁTICA  
EXERCÍCIOS  
TEXTOS*



4470

LIVRARIA SÃO JOSÉ  
RIO



*Correspondência sobre esta obra:*

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
Rua Marquês de S. Vicente (Gávea) 263 — Rio

**A**

BASÍLIO DE MAGALHÃES



Família tupi (LÉRY)

## P R E F Á C I O

Este CURSO DE TUPI ANTIGO pretende facilitar o conhecimento do idioma falado pelo grupo mais importante de índios do Brasil. Língua vulgar prevalente nos primeiros tempos da Colônia, falada na catequese e nas bandeiras, instrumento das conquistas espirituais e territoriais da nossa história, o seu conhecimento, sequer superficial, faz parte da cultura nacional. Adotada como língua "geral" ou "comum" por índios de outros grupos étnicos e lingüísticos, pelos próprios portuguêses e, ao que parece, até por muitos negros, tornou-se laço de união entre os vários povos que formaram o Brasil, e destarte contribuiu para fortalecer, na América Portuguesa, aquela unidade política que faltou à América Espanhola. De sua antiga preponderância são vestígios os nomes geográficos que semeiam o território nacional e os milhares de palavras incorporadas ao léxico brasileiro.

Fazia-se notada a falta de um compêndio moderno desta língua. Os até aqui publicados ou foram escritos ao tempo em que o tupi era ainda vivo, e não são, portanto, apropriados para as atuais circunstâncias (ANCHIETA, FIGUEIRA), ou se referem mais de perto ao dialeto guarani, seja o antigo (MONTOYA, RESTIVO, BATISTA CAETANO), seja o moderno (MONREALE, BOTTIGNOLI, GUASCH, etc.), ou ao nheengatu (CCUTO DE MAGALHÃES, SYMPSON, PARISSIER, STRADELLI, TASTEVIN, etc.), ou, enfim, são demasiado superficiais, quando não mal informados.

Esta obra, denominamo-la CURSO: um misto de gramática, vocabulários, exercícios e textos, desenvolvidos não pela clássica ordem grammatical, mas em pequenos ciclos, com a preocupação de possibilitar ao estudioso o assenhoreamento prático da língua, pela imediata formação de frases, gradativamente mais complexas. Lições a princípio mais simples, relegadas para o fim do volume as maiores dificuldades. Nos exemplos gramaticais, houve o cuidado de evitar grande variedade de vocábulos, para não distrair a atenção do fito principal: a aprendizagem do mecanismo da língua. Essa pobreza e monotonia

do texto é compensada pelo rico vocabulário manejado nos exercícios. Nestes, deu-se preferência aos têrmos relacionados com a cultura indígena, e às vozes irregulares. Pouca margem deixamos aos zoônimos e fitônimos: regulares, parco é o seu interesse gramatical. Por outro lado, são de fácil consulta nos vocabulários e obras congêneres.

Fizemos uma gramática *expositiva*, e não um estudo histórico ou comparativo. Quisemos expor os fatos da língua, não explicá-los. Não vemos por que imprimir, logo de início, ao ensino do tupi, um cunho erudito, que não se dá ao estudo clássico das outras línguas, como o francês, o inglês, o latim, o próprio português. Ao comum dos leitores, letrados, porém não necessariamente lingüistas nem americanistas, interessa conhecer o tupi, mas talvez não a sua história, nem as suas relações com outras línguas ou dialetos. Um estudo dessa natureza, ideal para os especialistas, poderia afastar grande número de iniciantes. Se a língua tupi interessasse particularmente à cultura nacional, deve-se isso ao papel que o idioma desempenhou na história do país, assim como à contribuição que trouxe para o português falado no Brasil. Não são razões de caráter glotológico. Sob este prisma, o tupi teria o mesmo interesse que qualquer outro idioma indígena do Brasil ou da América. Pela mesma razão, o seu lugar no Curso Superior não é ao lado da etnografia nem da lingüística nem da antropologia, mas sim na seção de letras (conceito que no Brasil será mister alargar, pois que temos um passado próprio, com resultantes lingüísticas e culturais próprias). A isso acresce ponderar que o tupi não foi apenas uma língua *primitiva*, senão também língua de civilização ou "comum". Seu estudo, se quiser ser objetivo e real, não pode ser equiparado simplesmente ao dos idiomas de outros índios que nunca tiveram prolongado contacto lingüístico com os brancos.

Entenda-se, assim, por que conservamos a nomenclatura gramatical indo-européia, embora sabendo que em tupi não há gêneros, números, casos, etc. Procuramos destarte satisfazer à natural exigência do espírito civilizado de saber *como* se exprime na outra língua aquela categoria gramatical, sem a qual não se está acostumado a falar, talvez nem sequer a pensar. A nomenclatura, desde que a tempo reduzida ao seu verdadeiro lugar, não traz prejuízo real, e serve até de ponte entre os dois mundos: a língua civilizada e a língua primitiva.

Particularmente, afastamo-nos da nomenclatura e mesmo da técnica gramatical em uso entre os indigenistas norte-americanos. Con quanto admirável pela precisão e objetividade, tornou-se de tal forma especializada, que requereria um prévio estudo, não menos árduo que o próprio estudo da língua tupi. Desserviria, assim, ao objetivo de divulgação desta obra, destinada não a lingüistas mas ao grande público brasileiro, que dedica ao assunto um interesse crescente mas sem preocupação de cunho científico.

Na escrita obedecemos ao mesmo critério: um alfabeto simples, evitados, quanto possível, os caracteres exóticos. Fique o rigor fonético para as obras técnicas, de caráter lingüístico. Nenhum gramático português, espanhol, inglês, nenhum latinista se lembrou de usar o alfabeto fonético internacional nas suas obras de divulgação. Só abrimos uma exceção para as semivogais, que foram gravadas sempre *i*, *û*, *ŷ*. Dada a absoluta necessidade de distinguir entre ditongos e hiatos, após madura reflexão pareceu-nos essa a melhor alternativa.

O embaracoso problema da divisão das palavras compostas, dos elementos incorporados, principalmente das partículas átonas, procuramos resolvê-lo ecléticamente. Fugindo tanto das palavras incommensuráveis dos antigos gramáticos, quanto da fragmentação em pequenas partículas átonas ou integrantes silábicas de outros morfemas. O hífen (de que alguém pensará que abusamos), pareceu-nos solucionar suficientemente o duplo problema: da decomposição semântica (importante para quem começa a estudar), sem prejuízo do feitio incorporativo da língua e sem quebra da unidade fonológica das palavras. Por outro lado, visto o caráter prevalentemente didático do hífen, não cause espécie se acaso, neste CURSO, uma mesma palavra figure ora com, ora sem élé.

Estuda-se aqui o *tupi antigo*, não o guarani nem os dialetos modernos, cujo contacto com o português se circunscreveu a regiões relativamente pequenas do território nacional.

Nosso estudo versa sobre a língua documentada nos dois séculos que medeiam entre 1550 e 1750. Nessa época já o tupi se distinguia sensivelmente do guarani, embora as divergências não fôssem profundas. Mas mesmo no domínio do tupi havia ligeiros matizes regionais, sobretudo no campo da fonologia (v. n. 26, 39).

Nesta obra, salvo indicação em contrário, trata-se do dialeto falado na Costa, desde o Rio de Janeiro até o Maranhão. Respeitamos o tradicional apelativo "tupi", que, entretanto, de início só cabia à tribo e à língua dos "tupis" (de São Vicente), tendo-se estendido

posteriormente às tribos e subdialetos costeiros e setentrionais. Por um contrassenso histórico, o dialeto dos legítimos "tupis" era o que mais se distanciava entre as tribos irmãs, aproximando-se bastante do guarani. Portanto, a língua *tupi* que se estuda neste CURSO, é mais exatamente a dos *tupinambás*, *tupiniquins*, etc. do que a dos legítimos "tupis". Apesar disso, conservou-se o nome "tupi", já consagrado como genérico por uma tradição de vários séculos. Os próprios autores que recentemente o substituíram por "tupinambá", vez por outra voltam ao velho etnônimo.

Pelo demais, êste CURSO não é senão a sistematização de quanto nos legaram os antigos gramáticos, ANCHIETA e FIGUEIRA, aproveitadas, quando compatíveis com o tupi, as observações de MONTOYA e RESTIVO sobre o guarani. Há, sim, por vêzes, uma nova concepção gramatical, à luz dos exemplos dos mesmos mestres e de outros documentos preciosos, como o *Vocabulário na Língua Brasílica*, as obras de ARAÚJO, VALENTE, BETTENDORFF, etc., e, principalmente à luz da lingüística moderna, mas de uma lingüística modesta, mais de conclusões do que de citações. Aliás em geral citamos quase só exemplos, raramente opiniões de gramáticos. Dispomos dos elementos para defender cada uma de nossas afirmações, mas no caso de ser provado êrro nosso, prazeirosamente será corrigido. Como compensação pela escassez de citações, terá o leitor, no fim de cada Licão, a respectiva bibliografia.

Desde o título da obra excluiu-se a expressão "língua tupi-guarani", que nos parece inexata. Conhecemos sim as *línguas tupi e guarani*, ou, melhor, os *dialetos tupi e guarani*, estreitamente aparentados, mas com caracteres diferenciais bem nítidos. Conhecemos também o *grupo* (de línguas ou, melhor, dialetos) tupi-guarani. Mas dizer "língua tupi-guarani", só pelo fato de serem irmãos e parecidos os dois dialetos, é tão inaceitável como o seriam as expressões "língua luso-espanhola" ou "luso-galega".

Nos exercícios, demos preferência às pequeninas orações, sobre assuntos vários, às vêzes até desconexos. Mediante elas, o estudioso estará em condições de formar outras.

A citação dos exemplos e textos em tupi é sempre feita na ortografia dêste CURSO. Dada a extrema variedade de sistemas gráficos e a finalidade didática dêste compêndio, seria contra-indicada qualquer outra orientação. Quando, por motivo didático, ou na citação de

textos guaranis, fôr necessária alguma adaptação que não atinja apenas a ortografia, logo depois do número da página citada irá a abreviatura "ad.", p. ex. (REST. 120 ad.). — Fique esta advertência bem clara, para conhecimento da crítica honesta.

Pareceu-nos de utilidade juntar à obra um índice remissivo dos prefixos, sufixos, palavras gramaticais e de todos os outros têrmos que a qualquer título tenham sido particularmente estudados neste CURSO.

Complemento necessário da obra, estão vindo a lume os *Pequenos Vocabulários Tupi-português* e *Português-Tupi*, enquanto se prepara um mais completo *Dicionário da Língua Tupi*.

Para outra oportunidade reservamos uma investigação de caráter mais especializado sobre a índole da língua tupi. Estamos que trabalho dessa natureza, estritamente lingüístico, será mais fácil de realizar do que um curso de divulgação, como a presente obra.

*Este CURSO encontra-se concluído há quase dez anos, e nesse intervalo não sofreu retoques de monta. Porventura, se o fôssemos redigir de novo, dar-lhe-íamos outro feitio, mais técnico. Tal como está, porém, quer-nos parecer que será mais acessível ao grande público.*

*Muito raras alterações fizemos ao texto durante a impressão, que levou mais de três anos. Acrecentou-se apenas a Lição 60a. e tudo o que se lhe segue. Também a bibliografia após cada Lição. Mas as obras mais recentes, inclusive nossa reprodução do Catecismo de ARAÚJO (1.<sup>a</sup> ed.), não interferiram em nada no corpo da obra, excetuados dois ou três passos.*

Nesse ínterim, têm-se acentuado alguns mal-entendidos, entre filólogos brasileiros, a respeito de estudos de tupi. Tratando-se de nomes conceituados, é justo que nos detenhamos um pouco num exame sereno de suas posições.

Comecemos pelo prefácio do recente tomo II do *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* de ANTENOR NASCENTES (Rio, 1952), p. X:

"Tupi não se faz no asfalto. Faz-se na selva, em contacto com o índio, com o desconforto, com o mosquito, com as cobras e outros animais perigosos, numa verdadeira vida

de missionário. Precisamos fazer tábua rasa de tudo que se tem produzido em matéria de tupi e mandar aos Estados Unidos meia dúzia de rapazes, ou mesmo algum professor, que tenham gôsto por êstes estudos, para com os discípulos de Boas aprenderem os processos de estudarem línguas de selvagens, processos estes tão ligados à filologia quanto à antropologia".

O ilustre professor mostra-se não bem informado do assunto, laborando em alguns equívocos.

"Tupi não se faz no asfalto" — diz NASCENTES — mas no mato. Ora, o tupi da costa (precisamente o dialeto que contribuiu para o vocabulário comum e para a toponomástica geral do Brasil, de que NASCENTES faz os seus estudos etimológicos) é *língua morta* e, como tal, já não se fala em mato algum. Seu estudo tem de ser histórico e filológico, documental, e em hipótese nenhuma será estudo de campo<sup>1</sup>. Os co-dialetos vivos podem trazer luz a algumas questões, mas indiretamente, como o galego atual talvez esclarecesse algo do português do século XVI.

Certo lingüista americano estranha que os investigadores brasileiros se dediquem tanto ao tupi antigo, língua morta, e não se voltem para as línguas indígenas ainda vivas. Reparo compreensível, este

(1) A simples idéia de "trabalho de campo" parece fascinar alguns espíritos, a ponto de menoscabarem os estudos "de gabinete". É óbvio que qualquer estudo sobre índios ou suas línguas deve basear-se em observações diretas do índio ou de sua língua. Mas estas podem ser tanto as do próprio teorista como as de outro informante fidedigno. Negar isto seria admitir a experiência pessoal como fonte única de conhecimento certo, deitando por terra todo o edifício da ciência. Verdade isto da etnologia, muito mais o é da lingüística. Pois se não é possível trazer uma tribo para a cidade, é fácil ter à mão informantes nativos e mesmo textos autênticos gravados. Veja-se, p. ex., o que diz FLOYD G. LOUNSBURY (Universidade de Yale) no seu artigo *Field Methods and Techniques in Linguistics*, na recente e mais que autorizada publicação *Anthropology Today, An Encyclopedic Inventory prepared under the Chairmanship of A. L. Kroeber*. The University of Chicago Press (Chicago, 1953), p. 406:

*"A complete grammatical analysis need not be carried out while in the field. In fact, if a large enough collection of texts is available, this can be done without access to a native informant".*

Por onde se conclui que a convivência pessoal com o povo indígena não é de tão absoluta importância como pretende A. NASCENTES, e que o seu rigor quanto à técnica de trabalhos lingüísticos não está atualizado nem mesmo para o estudo das línguas vivas.

sim. Ele não exige que se vá à selva estudar uma língua morta; pelo contrário, porque a sabe morta, pede que se dê atenção também às vivas... Talvez um lingüista americano não alcance o que significa o tupi antigo para os estudos históricos, filológicos e etimológicos brasileiros, pois nada de semelhante se deu com as línguas norte-americanas. Entretanto, seguindo a mesma linha de pensamento, um americanista europeu, que não tem oportunidade de vir à América, poderia lamentar que os lingüistas do Novo Mundo não consagrem ao trabalho de campo todo o tempo que dedicam ao latim... ou à crítica. Surpreende, porém, que um renomado etimologista brasileiro, que há anos vem prometendo um dicionário etimológico de brasileirismos, lamente a falta de estudos dos dialetos vivos, que pouca ou nenhuma atuação tiveram na língua do Brasil, e por essa falta explique as deficiências de seu dicionário.

Não há o que opor ao alvitre de mandar estudiosos para o... asfalto americano, a estudar com os "discípulos de Boas"<sup>2</sup> — muito embora não nos conste que para estudar línguas de "selvagens" haja algum método diferente do das outras línguas vivas. Mas quem conheça por dentro as obras dos discípulos de Boas, sabe que nem todas foram preparadas no mato e que algumas foram redigidas com índios residentes na cidade. Tanto mais que para esclarecer as dúvidas etimológicas de NASCENTES, de nada serve estudar os dialetos atuais dos Tapirapés ou dos Tembés, nem o guarani platino ou o nheengatu amazônico. O que importa é conhecer o tupi antigo, língua que subsiste apenas na documentação histórica. A vida inteira entre os Apiacás ou entre os Parintintins, com cobras e lagartos, não explicaria uma letra das palavras *Niterói*, *Macaé*, *Bertioga*, *Arauama*, nem de *tacape*, *carioca*, *inúbia*, *pindaíba* ou *peró*.

Diante de tudo isso, fica-se a imaginar o que poderá ser o *Dicionário Etimológico de Brasileirismos*, que NASCENTES nos vem

(2) Para alguns filólogos brasileiros, Boas continua a ser a última palavra em matéria de lingüística indígena. É incontestável a influência que exerceu o grande cientista na direção desses estudos, sobretudo pelo seu "descubrimento" de que as categorias lingüísticas não são universais nem têm correlação com os diferentes tipos de cultura. Os modernos lingüistas continuam a nortear-se pelo princípio de Boas de que cada língua deva ser estudada em si mesma e não pela comparação com a estrutura de outras. Mas o "método" de Boas para o trabalho lingüístico é hoje antiquado e insuficiente. Cfr. FLOYD G. LOUNSBURY, op. cit., p. 408. Quem fôr à América aprender com os discípulos de Boas os processos de estudar línguas de índios (ou "selvagens" — como diz NASCENTES), verificará que exatamente nisso elas são menos discípulos do mestre.

prometendo há tantos anos. Grande contingente de brasileiríssimos são de origem tupi. NASCENTES condena o estudo citadino do tupi. Acha que se deve fazer tábua rasa de tudo o que já se escreveu até hoje sobre o assunto. Por outro lado, nunca foi estudá-lo no mato. De que fonte serão as origens tupis que nos oferecerá, e para as quais "já estão devidamente ordenadas as respectivas fichas"?

Podemos fazer ideia por algumas amostras. Assistimos a uma defesa de tese de concurso para livre docência de português na Faculdade Nacional de Filosofia, em que A. NASCENTES, na arguição, atírmou que a palavra "inubia", tirada da *ianybia* de JEAN de LERY e vulgarizada pelos românticos, provém de uma transcrição detituosa da palavra *mimby* "tlauta" (o *m* inicial teria sido tomado por *m*)<sup>3</sup>. Ora não se faz mister ir ao Xingu para ver que os tupis não podiam chamar com o mesmo nome (*mimby*) dois instrumentos nativos tão diferentes como a *tlauta* e a trombeta. Basta ir a p. 65 do *Dicionário Português e Brasiliano*, onde vem *jombyá* na acepção de "buzina". Cfr. ainda p. 246 e ARRANCHES 86 (*jumiá*), STRADELLI 134 (*iumiá*). O problema se resolve não no mato mas na biblioteca.

Clara compreensão do assunto demonstra o prof. ARION DALL'IGNA RODRIGUES (Universidade de Curitiba), em seu recente artigo *Análise morfológica de um texto tupi*, Logos, VII, n.º 15 (Curitiba, 1952):

"Sendo o Tupi antigo (sécs. XVI-XVII) uma língua morta, apenas atestada documentalmente, todo o estudo que dela se faz há de ser baseado em documentos: gramáticas, vocabulários e textos; esse estudo é, pois, de um cunho nitidamente filológico".

Não estranhe o leitor se nos estendemos nesses esclarecimentos. Ao lado de arremetidas francas, como a de A. NASCENTES, sente-se uma guerra fria aos estudos de língua tupi, por parte de alguns filólogos brasileiros. Como essa oposição se diz feita ora em nome da lingüística ora em nome da filologia portuguesa, é tempo de colocar as coisas nos seus lugares.

(3) Em publicações, NASCENTES já veiculara essa explicação, que vem de BATISTA CAETANO, *Apontamentos sobre o Abanheenga*, 2.º opúsculo, p. 4.

Do equívoco primário de supor o tupi colonial uma língua viva, que possa ser estudada pelo método etnológico-lingüístico, surge outro mal-entendido, evidenciado na assertiva de NASCENTES de que “a transcrição só com Tastevin tomou algum jeito. É esta a transcrição que sigo...”.

Dir-se-ia que a língua documentada por TASTEVIN é o mesmo tupi antigo. Ora, o nheengatu amazônico das obras de TASTEVIN é um dialeto civilizado cu “crioulo”, falado por descendentes de arauaques, e que do tupi mal conserva o vocabulário, muito alterado e reduzido, tendo simplificado inteiramente a morfologia e a sintaxe, tornando-se uma língua analítica ao extremo. NASCENTES navega na esteira de TASTEVIN, que cuidou estar tratando com o mesmo tupi colonial, apenas mal apreendido pelos antigos gramáticos.

Prossegue NASCENTES:

“numa época em que se dispõe de aparelhos de gravação, palatos artificiais, olivas nasais, quimógrafos, etc., não nos podemos contentar mais com informações teóricas”.

Consigne-se aqui esse paradoxo de exigir para o estudo do tupi um rigor “científico” que não se aplica ao estudo da língua portuguesa. Em valiosa obra, ainda há pouco reimpressa, sobre língua viva (o linguajar carioca), o sr. A. NASCENTES não se serviu de nenhum desses aparelhos que declara indispensáveis para observação do tupi, língua morta. O linguajar carioca, e mesmo a fala brasileira em geral, tão nítidamente diferenciados da fala portuguesa, já foram objeto de observações através de palatos, olivas ou quimógrafos? A filologia brasileira, tão erudita e rigorosa com os indigenistas, contenta-se, para uso interno, com informações “teóricas”? Será a técnica moderna menos útil ou acessível para a caracterização fonológica dos dialetos românicos?

Sejamos sinceros. Certa filologia brasileira está mais bem informada sobre a dialetologia portuguesa (continental e colonial) do que sobre a língua que se fala no Brasil. Mais voltada para o português arcaico e clássico do que para a realidade lingüística nacional. Trata mais das construções de GIL VICENTE e do *Palmeirim da Inglaterra* do que do vocabulário brasileiro. Condena indistintamente tudo o que se tem escrito sobre tupi, tachando de antiquados, líricos, artificiais os métodos seguidos, mas não dá exem-

plo de objetividade científica enquanto persiste nas velhas preocupações de ética lingüística, do que é ou não “correto”, tomando como ponto de referência não os fatos atuais mas o uso dos “bons autores”, português e clássicos de preferência<sup>4</sup>.

Outro ponto para o qual se volta o zélio lingüístico de alguns críticos: a “artificialidade” dos antigos documentos tupis. Diz-se que os textos dos jesuítas são fictícios, versam assuntos estranhos à cultura indígena (p. ex. nos catecismos, sermões, poesias, etc.), aceitam neologismos inventados pelos Padres, não se sabe se com real penetração na língua, etc.

Longe de nós contestarmos o que há de verdade nessas observações<sup>5</sup>. Os antigos missionários pagaram tributo à mentalidade dominante na época. Considerando a cultura européia e as línguas clássicas o tipo ideal de cultura e de linguagem humanas, não lograram compreender o interesse de registrar produções espontâneas de uma língua de índios. Deixaram-nos inúmeras traduções de livros europeus, de composições ocidentais; não nos legaram uma só lenda ou narração autêntica no idioma nativo. Dessa natureza restaram-nos apenas frases esparsas. Segue-se que aqueles textos não têm interesse para a etnologia, por isso que não traduzem o pensamen-

(4) Compreende-se que a gramática normativa da língua literária — “o que se pode ou se deve ou não dizer” — procure conservar seu lugar ao sol, tanto quanto os códigos de etiqueta social ou das modas de verão. Mas que não se considere menos artificiosa do que um texto de catecismo indígena, mil vezes burilado sob o controle da língua viva. Nem mais digna de ser objeto da ciência lingüística. Cfr. LEONARD BLOOMFIELD, *Language* (N. York, 1945), p. 3-4; 496 s; J. MAROUZEAU, *La Linguistique* (Paris, 1950), p. 51 ss; 112; 120-121.

(5) Façamos, porém, uma ressalva. Não é justo que se aplique indiscriminadamente esse juízo crítico. Na literatura indígena dos antigos missionários (gramáticas, vocabulários, sermões, poesias, etc.), cabem também as variedades e as graduações. Houve observadores mais e menos cultos, mais e menos perspicazes. E houve línguas mais favorecidas que outras. A literatura em língua tupi (e o mesmo vale da guarani) ocupa uma posição singular entre tódas. Durante dois séculos, uma série ininterrupta de cultos jesuítas, oriundos de várias nações, consagraram-se ao estudo dos dialetos tupi e guarani, chegando a encetar um movimento literário, filológico e editorial em plena selva, sem paralelo mesmo nos Andes e no México. A ortografia, através de sucessivos aperfeiçoamentos, chegou a uma exatidão prática em nada inferior à portuguêsa e à castelhana do tempo, — para não falar da inglesa e francesa atuais.

to nem a cultura do índio<sup>6</sup>. Mas daí a recusar-lhes qualquer valor como documentos filológicos e lingüísticos só seria justo se a Lingüística fosse mera disciplina auxiliar da Etnologia, destinada tão só a desvendar aos olhos do etnólogo o pensamento e a cultura dos primitivos. Ora o objeto da Lingüística não é o pensamento nem a cultura, mas a expressão simbólica e vocal do pensamento ou emoção<sup>7</sup>. — Um catecismo em língua indígena não é mais artificial do que uma lenda indígena escrita em português. Nem do que uma tragédia de Sófocles, representada em inglês.

O que é artificial na literatura missionária é o pensamento ou quicá a cultura que se põe na língua do índio, não necessariamente a língua em que se expressa aquêle pensamento. As palavras, o material sonoro empregado, os conceitos gramaticais expressos, os processos que os exprimem, os prefixos, os sufixos, a ordem das palavras, enfim tudo o que é material estritamente lingüístico (e não apenas cultural) tudo ali é autêntico e legítimo — excetuado algum ou outro neologismo ou êrro acidental — e não um artifício lingüístico, como seria, p. ex., um discurso em esperanto ou uma poesia em volapuque.

Para maior clareza, suponhamos que um índio narre a lenda de Sumé em tupi, em português e em esperanto. Nos três casos, o conteúdo etnológico é o mesmo, genuíno e autêntico. O modo (lingüístico) de expressar esse conteúdo é também genuíno nos dois primeiros casos, artificial apenas no caso do esperanto. Por quê? Porque no esperanto, tanto o material sonoro sistematizado quanto o convencionalismo do sinal semântico não vêm de uma

(6) Já tivemos ocasião de estudar textos tupis que não só registram cenas autênticas da vida indígena, mas conservam o próprio torneio do diálogo nativo com o seu sabor agreste. Cfr. A. LEMOS BARBOSA, *O Auto de São Lourenço* (Verbum, t. VII, Rio, junho 1950). O Pe. GUILLERMO FURLONG S. J. acaba de reimprimir em fac-símile a primeira parte dos *Sermones y Ejemplos en lengua guarani*, obra de um índio das Reduções, NICOLAS YAPUGUAY (San Francisco Xavier, 1727). No prefácio, prova que YAPUGUAY foi o verdadeiro autor, redigindo por própria conta o que ouvia na igreja. "Nenhum jesuíta escreveu cousa mais elegante" atestou o Pe. JOSÉ PERAMÁS. Esse mesmo YAPUGUAY servia constantemente de intérprete a RESTIVO toda vez que este tratava de se explicar com mais elegância em guarani.

(7) A língua é parte integrante da cultura (entre os contemporâneos, apenas VÖGELIN considerou discutível esse princípio). Entretanto, um fenômeno lingüístico nem sempre atinge os outros setores da cultura. E vice-versa.

herança social, mas de uma iniciativa de criação consciente e artificial.

Quase tudo o que se sabe da língua górica é o que contém os fragmentos da tradução da Bíblia, feita pelo bispo WULFILA no século IV. Mera versão de um texto hebreu-greco-latino, que nada representa da cultura górica, texto "artificial", ninguém entretanto lhe recusará o máximo interesse lingüístico: lá está eternizado o mecanismo gramatical, o material sonoro e grande acervo vocabular de um idioma extinto.

Também nos documentos missionários, a artificialidade não atinge a medula da língua. Confina-se dentro do vocabulário, e isto mesmo só em casos excepcionais. Tendo sido indispensável aos Padres fazerem-se entender, em assunto inteiramente novo para os índios, não é crível que se dessem ao trabalho de compor, corrigir, limar por anos fio, e afinal imprimir, com tantos sacrifícios, cousas que não tivessem sentido para os destinatários. Convimos apenas que, não a organização interna das orações, mas sim a seqüência dos períodos, a trama ou técnica do discurso obedecem às tradições literárias ocidentais.

A distinção entre vocabulário e material gramatical é familiar aos filólogos patrícios e por êles invocada quando querem contestar influência tupi no português do Brasil. É o que diz, p. ex., o prof. ERNESTO DE FARIA neste parecer típico:

"Quanto à pretensa influência lingüística do Tupi no Português é também, pelo menos até hoje, lirismo lingüístico, pois tal estudo ainda não foi feito objetivamente. Aliás, influência lingüística pode afirmar-se não ter havido, por não se ter ela manifestado nos processos gramaticais, isto é, na fonética, morfologia e sintaxe. Algumas dessas inculcadas influências fonéticas, morfológicas e sintáticas têm sido, uma por uma, desmascaradas pelo estudo da dialeto-  
logia portuguesa, que aponta os mesmos fenômenos em re-  
giões de Portugal, onde suas populações não tiveram o me-  
nor contacto com o indígena".

Observem-se as seguintes confusões: 1.º) chama-se à fonética, morfologia e sintaxe "processos gramaticais"; 2.º) considera-se o vocabulário algo estranho à língua e à lingüística: portanto uma penetração de dez mil vocábulos de uma língua em outra língua

não seria influência lingüística; 3.º) nega-se influência lingüística (entenda-se “gramatical”), depois de reconhecer que o assunto ainda não foi estudado objetivamente; 4.º) admite-se que o simples fato da existência de um mesmo fenômeno num dialeto português é bastante para “desmascarar” a influência tupi no caso do português do Brasil; 5.º) o que implica uma premissa de que dois fenômenos lingüísticos idênticos só possam provir de uma mesma causa<sup>8</sup>. Não se sente necessidade “científica” de provar “objetivamente” que houve atuação histórica daquele dialeto na língua do Brasil. Reconhecemos a precipitação de alguns brasileiros. Mas não são menos patentes os sintomas de lirismo lingüístico em certo reacionarismo lusófilo.

É importante sublinhar que os documentos missionários, se não satisfazem pelo método seguido e pelos objetivos procurados, têm a seu favor a experiência de vidas inteiras no convívio das aldeias. Neste sentido superam a quase totalidade dos trabalhos realizados por especialistas modernos com toda a técnica e recursos atuais. Vale das línguas o que diz LOWIE da religião e da vida de família:

“No tocante a temas como êstes, os missionários, os mercadores de peles e outros, cuja profissão exige longa permanência num determinado lugar, tornam-se amiúde superiores aos próprios especialistas modernos. A religião dos aborígines do Brasil se depreende com maior clareza das crônicas dos primeiros portugueses, franceses e alemães, que visitaram aquelas regiões, do que dos trabalhos de etnógrafos tão prestigiosos como Karl von den Steinen e Fritz Krause...”<sup>9</sup>.

Eis por que, apesar do progresso dos métodos lingüísticos, as informações que temos sobre a língua dos antigos tupis e guaranis não foram superadas pelas de nenhuma outra língua indígena atual do país.

(8) Os mesmos fenômenos se repetem monotonamente nas mais distantes línguas do globo. Sobretudo ao campo da fonologia, as variedades não são muito numerosas.

(9) ROBERT H. LOWIE, *História de la Etnología* (México, 1946), p. 16.

Alega-se que nas gramáticas houve a preocupação de nivelar os dialetos e de subordinar a língua à gramática latina.

A primeira asserção é inteiramente inexata, e precisa ser desmentida de uma vez por todas. Tanto ANCHIETA como o *Vocabulário na Língua Brasílica* e os dicionaristas guaranis registraram as variantes locais e chamam para elas a atenção dos leitores. O PE. PAULO RESTIVO na sua obra inédita *Frases selectas y modos de hablar* tem um apêndice de 5 páginas em duas colunas para consignar "Varios vocabulos, y modos de hablar no vsados en San Xauier, ni en Santa Maria; pero por si acaso fueren vsados en alguma parte destas Reducciones...".

Já a segunda afirmativa é verdadeira. Os velhos gramáticos, defrontando-se com idiomas de índole totalmente estranha, não souberam caracterizá-los senão em relação com as línguas e gramáticas clássicas. Não há por que admirar, se as gramáticas portuguêses da época eram moldadas na latina, da qual, aliás, até hoje não se libertaram inteiramente, como ainda não se libertaram da escolástica<sup>10</sup> e de outros defeitos tradicionais<sup>11</sup>.

Acrescente-se que os gramáticos e missionários, desde ANCHIETA até RESTIVO, mostraram clarividência e intuição de muitos fenômenos específicos da língua, e neste ponto superaram a maioria dos modernos gramáticos do tupi amazônico e do guarani do

(10) Veja-se, p. ex., a divisão entre substantivos abstratos e concretos em quase todos os compêndios. Ao lado dessas distinções filosóficas (nem sempre bem conceituadas) de pouco ou nenhum interesse lingüístico, nem uma palavra se lê sobre realidades lingüísticas, como a diferença de tom, ascendente e descendente, nos dois tipos de interrogação: a *alternativa*, que pede uma resposta sim-ou-não (o navio chegou?) e a *especificativa* (quem chegou?, quando chegou?, como chegou?, quantos chegaram?). Feitura fonêmica de nossas línguas ocidentais, mas que merece apontada, pois que não é universal na linguagem humana.

(11) A gramática francesa, p. ex., continua a dizer que o feminino de *haut*, *chaud*, *sourd*, *froid* se obtém pelo acréscimo de um *e*. Ora, na língua viva, não desfigurada por uma escrita obsoleta, o que caracteriza o feminino daqueles nomes não é um *e* — que não existe (pois não se pronuncia) — mas o acréscimo de uma consoante: masc. *ô*, *xô*, *sur*, *frwá*, *tu*; fem. *ôt*, *xôd*, *surd*, *frwed*. A gramática ensina que o plural do artigo *le* se faz com o simples acréscimo de um *s*. Ora, na realidade há duas formas de plural, nenhuma com *s*, ambas com mudança da vogal para *e* aberto; a primeira (*lé-*) pré-consonantal, a segunda (*léz-*) pré-vocalica: *les jours* [*léjur*], *les êires* [*lezétr*].

Prata. Atente-se, p. ex., nestas observações de RESTIVO sobre a falta do conceito gramatical de número no nome:

"Todo nome é indeclinável na língua... O plural não se distingue do singular; das circunstâncias se há de concluir quando é singular e plural. Sendo necessário distinguir o plural do singular, pospõe-se-lhe a partícula *hetá* que significa muitos... Disse: sendo necessário, porque quando não há necessidade, deixam-na..."<sup>12</sup>.

Por onde se vê que a subordinação à gramática latina é apenas externa e aparente, não forçando em nada o conteúdo da língua. Conserva-se o quadro formal latino, e compararam-se a êle, sem violência, os fatos indígenas.

Confiava-me, com algum humor, famoso etnólogo francês, de passagem pelo Rio, que, embora admirando a sabedoria dos lingüistas indígenas americanos, quando buscava noções acessíveis sobre a língua de determinada tribo, não recorria a êles mas às artes dos missionários. É que certas análises tomaram caráter técnico tal e são vasadas em linguagem tão esotérica que se diriam destinadas a serem lidas só pelos seus próprios autores. Algumas valiosas monografias nem puderam ser impressas, tão restrito é o número de pessoas capazes de aproveitá-las ou interessadas nisso. E mesmo um bom lingüista, com aquelas análises espectroscópicas à mão, não traduziria uma linha de um texto indígena. Esperar aprendei por elas uma língua seria como querer ter uma idéia do corpo humano pela sua análise química. É bom que se diga isso àqueles que batem caixa à lingüística indígena americana e menosprezam todo estudo que não venha acompanhado de quimógrafos, olivas nais, etc., ou que não siga os moldes técnicos da análise descritiva —

(12) PAULO RESTIVO, *Arte de la lengua guarani* (Stuttgart, 1892) p. 11. Cfr. também, a pp. 30-31, como a seu modo sabe dizer que não existe a categoria de tempo no verbo guarani. No Suplemento da *Breve Notícia de la Lengua Guarani* (Stuttgart, 1890), p. 65, do mesmo autor, vem um paradigma de conjugação verbal guarani, paralelo ao latino, precedido desta justificativa que diz tudo:

"Porque los principiantes no se consuelan, no teniendo la conjugación del verbo por todos sus modos y tiempos, va la siguiente..."

muito embora ninguém até hoje tenha tentado a análise estrutural da língua portuguêsa<sup>13</sup>.

Sina essa dos estudos lingüísticos indígenas: dêles só se pode tratar com todo o rigor técnico. Sobre inglês, sobre latim, sobre biologia, geografia e até sobre física nuclear, um sábio pode escrever artigos leves ou livros de divulgação. Quem fizer isso com idiomas indígenas, é tachado de ufanismo, dilettantismo, lirismo, falta de critério lingüístico. Como a filologia brasileira ignora tanto as línguas que se falaram como as que ainda se falam entre os índios do país, o único critério de que dispõe para julgar os trabalhos do gênero é o aparato externo com que êles se apresentam: citações, nomenclatura, maquinário, etc.

---

(13) Os verdadeiros lingüistas sabem distinguir objetivos e métodos. Anote-se, por ex., o que diz um dos mais conceituados autores contemporâneos:

*"Whether one employs one or another type of terminology is dependent very largely upon the prospective readers of any grammar. If one is writing for a scientific journal read by professional linguists, then the terminology may be as technical as the subject matter warrants. On the other hand, if one's description of the language is intended for people who have had only the traditional orientation to grammar, then it is essential that the technical vocabulary be reduced to a minimum. Furthermore, for such readers it is impossible to rely entirely upon the concise descriptions of morpheme distribution by classes. One must cite numerous paradigms. Despite the fact that traditional grammars have many uneconomical ways of describing features, there are certain pedagogical features which must not be overlooked... The type of scientific description which we have been studying in this book is not designed to be applied to constructing a textbook to be used by people learning a language. It is the type of organization of data which should underlie the construction of a good pedagogical grammar, but it is no substitute for one."*

EUGENE A. NIDA, *Morphology, the descriptive analysis of words*. Ann Arbor. University of Michigan Press (Michigan, 1953), p. 240.

Justifica-se, pois, a norma tradicional, que preferimos, de descrever a língua tupi não em si mesma e para língüistas, mas comparando-a com os idiomas familiares à maioria dos leitores. Pela mesma razão, evitaram-se as grandes sínteses, que difeririam por demais dos esquemas de nossas línguas ocidentais.

## ABREVIATURAS

|                 |               |                 |                |
|-----------------|---------------|-----------------|----------------|
| <i>ad.</i>      | adaptado      | <i>f.-p.</i>    | futuro-passado |
|                 | adaptação     | <i>freq.</i>    | frequêntativo  |
| <i>adj.</i>     | adjetivo      | <i>fut.</i>     | futuro         |
| <i>afet.</i>    | afetivo       | <i>g.</i>       | gente          |
| <i>ag.</i>      | agente        | <i>ger.</i>     | gerúndio       |
| <i>an.</i>      | animal        | <i>guar.</i>    | guarani        |
| <i>apóc.</i>    | apócope       | <i>h.</i>       | homem          |
| <i>árv.</i>     | árvore        | <i>i.</i>       | inclusivo      |
| <i>at.</i>      | ativo         | <i>i. é</i>     | isto é         |
| <i>c.</i>       | cousa         | <i>ib.</i>      | ibidem         |
| <i>cfr.</i>     | confere       | <i>id.</i>      | idem           |
| <i>cl.</i>      | classe        | <i>imperat.</i> | imperativo     |
| <i>comp.</i>    | composto      | <i>ind.</i>     | indireto       |
| <i>compl.</i>   | complemento   | <i>índ.</i>     | índice         |
| <i>condic.</i>  | condicional   | <i>indet.</i>   | indeterminado  |
| <i>conjug.</i>  | conjugação    | <i>indic.</i>   | indicativo     |
| <i>cont.</i>    | continuação   | <i>inf.</i>     | inferior       |
| <i>contr.</i>   | contração     |                 | infinito       |
| <i>corr.</i>    | corrigido     | <i>infin.</i>   | infinito       |
|                 | corruptela    | <i>intj.</i>    | interjeição    |
| <i>cpr.</i>     | compara       | <i>intr.</i>    | intransitivo   |
| <i>d.</i>       | direto        | <i>invis.</i>   | invisível      |
| <i>def.</i>     | defectivo     | <i>irr.</i>     | irregular      |
| <i>dem.</i>     | demonstrativo | <i>iter.</i>    | iterativo      |
| <i>determ.</i>  | determinação  | <i>lit.</i>     | literalmente   |
|                 | determinativo | <i>locat.</i>   | locativo       |
| <i>dim.</i>     | diminutivo    | <i>m.</i>       | mulher         |
| <i>dir.</i>     | direto        | <i>n.</i>       | nome           |
| <i>dubit.</i>   | dubitativo    | <i>n.</i>       | número         |
| <i>dur(at.)</i> | durativo      | <i>neg.</i>     | negativo       |
| <i>e.</i>       | exclusivo     | <i>ns.</i>      | nomes          |
| <i>exc.</i>     | exceção       | <i>obs.</i>     | observação     |
| <i>explet.</i>  | expletivo     | <i>obj.</i>     | objeto         |
| <i>f.</i>       | futuro        |                 | objetivo       |

|                  |                |                |                     |
|------------------|----------------|----------------|---------------------|
| <i>opt.(at.)</i> | optativo       | s.             | seguinte            |
| <i>p.</i>        | pessoa         |                | semelhante          |
|                  | paralelo       |                | singular            |
|                  | passado        | <i>sb.</i>     | substantivo         |
| <i>pac.</i>      | paciente       | <i>sing.</i>   | singular            |
| <i>permiss.</i>  | permissivo     | <i>ss.</i>     | seguintes           |
| <i>p.-f.</i>     | passado-futuro | <i>sub.</i>    | subordinado         |
| <i>pl.</i>       | plural         | <i>subent.</i> | subentende-se       |
| <i>port.</i>     | português      | <i>subjet.</i> | subjetivo           |
| <i>poss.</i>     | possessivo     | <i>suf.</i>    | sufixo              |
| <i>pp.</i>       | pessoas        | <i>suj.</i>    | sujeito             |
| <i>pr.</i>       | próprio        | <i>sup.</i>    | superior            |
| <i>pred.</i>     | predicativo    | <i>tr.</i>     | transitivo          |
| <i>pref.</i>     | prefixo        | <i>trad.</i>   | traduzir            |
| <i>prep.</i>     | preposição     | <i>v.</i>      | vide                |
| <i>pron.</i>     | pronome        | <i>var.</i>    | verbo               |
|                  | pronunciar     |                | variante            |
| <i>ptc.</i>      | partícula      | <i>vb.</i>     | verbo               |
| <i>q. v.</i>     | quod vide      | <i>vd.</i>     | vide                |
| <i>rec.</i>      | recíproco      | <i>vis.</i>    | visível             |
| <i>redpl.</i>    | reduplicação   | <i>voc.</i>    | vocativo            |
| <i>refl.</i>     | reflexivo      | †              | portuguesismo       |
| <i>reg.</i>      | regido         | +              | mais                |
| <i>rel.</i>      | relativo       | ←              | forma que provém de |
| <i>retr.</i>     | retransitivado | →              | forma de que provém |

## ABREVIATURAS DE NOMES PRÓPRIOS

|                   |  |
|-------------------|--|
| ANCH.             | ANCHIETA   |
| AR.               | ARAÚJO   |
| BETT.             | BETTENDORFF                                      |
| <i>Conq. Esp.</i> | <i>Conquista Espiritual</i> (MONToya)            |
| <i>Crest.</i>     | <i>Crestomatia</i> (FERREIRA FRANÇA)             |
| FIG.              | FIGUEIRA   |
| MONT.             | MONToya  |
| NIC.              | NICOLÁS (YAPUGUAY)                               |
| <i>S. Lour.</i>   | <i>Auto de S. Lourenço</i> (ANCHIETA)            |
| REST.             | RESTIVO  |
| <i>Tes.</i>       | <i>Tesoro de la lengua guarani</i> (MONToya)     |
| VLB               | <i>Vocabulário na Língua Brasílica</i> (ANÔNIMO) |

## ERRATA

Na página **282** linha **18** onde lê-se : **ere-kuab-pe** seja **ere-î-kuab-pe**

Na página **363** linha **22** onde lê-se : **r-e-mi-îuká-pyr-amo** seja **r-e-mi-îuká-pûer-amo**

## LIÇÃO 1.<sup>a</sup>

### LEITURA

1. O tupi não tinha escrita. Cada gramático ou observador europeu procurou transcrevê-lo no alfabeto de sua língua nativa, com adaptações.

Nosso alfabeto aqui será o seguinte:

*a, b, (d), e, (g), h, i, î, k, m, n, nh, o, p, r, s, t, u, û, x, y, ÿ*

Segue-se uma exposição sumária e didática da pronúnciação tupi, tomando como referência o alfabeto. No fim do volume encontrar-se-á uma análise fonológica.

### CONSOANTES

2. O *s* soa como o nosso *ç*, não como *z*:

*a-só* (pron. *acó*): eu fui

O *r* é sempre brando, mesmo no princípio da palavra:  
*roy*: frio

O *x* é como o de “xadrez”.

O *h* é aspirado, como em inglês. Só aparece em três ou quatro palavras.

O *g* nunca se pronuncia como *j*, mesmo antes de *e*, *i* ou *y*:

*mo-ingé* (pron. *moingué*, não *moinjé*): introduzir

O *b* intervocálico é débil, próximo de *v*. Como no espanhol “caber”.

Exceto se precedido de nasal: *pysyrō-byra*: salvo

O *m* e o *n* nasalizam as vogais vizinhas, mas devem ser articulados claramente, embora no fim da palavra: *a-sem*, *py-teem*

### GRUPOS DE CONSOANTES

3. Além de *nh* (que é som simples, como em português), só há *mb*, *nd*, *ng*. No princípio da palavra, seria êrro fazê-los acompanhar de alguma vogal:

*nd' o-ú-i*: não o comem; *mbaé*: causa (pronuúnrias errôneas: *indoúi*, *undoúi*, *embaé*, *umbaé*)

Dispensa-se o *m* ou *n* quando, em palavra composta, precede vogal ou ditongo nasal: *pysyrō-byra* = *pysyrō-mbyra*: salvo; *nhū-búera* = *nhū-mbúera*: o que foi campo; *takúar-eē-ndyba*: canavial

O *d* no princípio da palavra é sempre precedido de *n*, ainda que acaso, nos antigos documentos, esta letra não venha escrita; mas pode-se pronunciar só o *n* sem o *d*:

*de* ou *nde* (pronunciar *nde* ou *ne*, nunca *de*): tu

Em seguida a pausa (ponto, vírgula, etc.), *b* é sempre precedido de *m*, ainda que esta letra não figure:

*baé* (leia-se *mbaé*): causa

Também *g* sempre pressupõe *n*:

*gatu* (pron. *ngatu*): bom, bem

Só se abre exceção quando vem seguido da semivogal *ü*: *gūasu*.

O *g* aí se introduziu por falsa percepção dos portuguêses e espanhóis: *gūasu* corresponde a *wasu* (dando ao *w* o som que tem em inglês).

Encontra-se *g* medial em escassas palavras como *ygapema* “clava”, *ygapenunga* “onda”, *ygapó* “pântano”, *ygapukui* “remar”, *yvara* “canoa”, *ygé* “ventre”, e seus compostos. Como nem todos os documentos registram o *g* (v. variantes *yapema*, *yapó*, *yapukui*, *yé*, etc.), e como vem amiúde depois de

y, mais parece vestígio da representação do y, que algum tempo se grafava *ig* ou *yg* para precisar que não era *i* ou *y* comum senão o *i* ou *y* "gutural" ou "grosso". Cpr. as grafias *Ararigboia*, *Iperoig*, em que o *g* se passou a pronunciar. — De qualquer forma, o *g* intervocálico não é oclusivo mas fricativo, variante do hiato ou oclusão glotal.

## VOGAIS

### 4. Y tem som peculiar.

Obtém-se, aproximadamente, o som do *y*, dispondendo os lábios para pronunciar *i*, mas "tentando" pronunciar *u*. (O contrário do *u* francês: lábios para *u* e língua em posição de *i*).

As outras vogais, como em português do Brasil, na pronúncia padrão.

Não se distinguem *e* e *o* fechados de *e* e *o* abertos: *e* e *o* são um meio termo entre aqueles timbres.

Tôdas as vogais podem ser nasais:

*ã, ê, ï, õ, û, ý*

## SEMIVOGAIS

5. Há três: *î, û, ý*. Fonéticamente, assemelham-se e correspondem às vogais *i, u, y*, mas formam ditongo com a vogal que antecede ou que se segue:

*aû, eû, iû, aî, eî, iî, etc. (pron. áu, éu, iu, ái, éi, ii)*  
*âa, âe, âa, ie, ya, ye, etc. (pron. uá, ué, iá, ié, yá, yé)*

ou tritongo, quando precedidas e seguidas de vogal:

*aâa, eâa, iâa, oâa, uâa, yâa; aûa, eûa, etc.*

Nos ditongos crescentes e nos tritongos, *î* se pronuncia como o *y* espanhol (em "ayer", "yo") ou inglês (em "yes", "beyond"), p. ex.:

*îasy: lua; kaîa: arder; kaîá: cajá*

Alguns autores, nesses casos, escrevem *j*: *jasy, kajá*.

Nos ditongos decrescentes, *î* se pronuncia como *i* português:

*kaî* (pron. *kái*): pegar fogo

Quanto a *û*, nos ditongos crescentes e nos tritongos, equivale a *w* inglês (em “toward”). Quase sempre vem precedido de um *g*; mas essa não era a primitiva pronúncia. Nos ditongos decrescentes, *û* se profere como *u* português:

*eû* (pron. *éu*): arrotar

O *ŷ* só entra em ditongos crescentes:

*apŷaba*: macho; *kapŷaba*: herdade, quinta

As semivogais podem ser nasais. Mas dispensa-se indicá-lo na escrita: subentende-se que o sejam toda vez que (e só quando) formam ditongo com vogal nasal:  
*aûana* (pron. *añana*): bracelete de penas

## DITONGOS

6. Crescентes: a vogal vem antes da semivogal.

Orais: *aî, eî, iî, oî, uî, yî; aû, eû, iû, oû, uû, yû*

Nasais: *ãî, êî, ïî, ôî, ûî, ýî, ãû, êû, ïû, ôû, ûû, ýû*

Muitas vezes êsses ditongos são compostos de dois elementos semânticamente distintos — e por isso se escrevem separados por hífen (*ú-û, é-û*). Mas pronunciam-se numa só emissão de voz.

Decrescentes: a vogal vem depois da semivogal.

Orais: *ia, ie, ûi, io, îu, iy; ua, ûe, ûi, úo, úu, úy; ya, ýe, etc.*

Nasais: *ãa, êã, ïã, ôo, ûõ, ýõ; ãû, êû, ïû, ôõ, ûõ, ýû; ya, ýê, etc.*

## HIATO

7. Quando se encontram duas vogais (não se fala das semivogais), dá-se entre as duas um *hiato*. Deve-se separá-las na pronúncia, o que não se faz como em português,

"suavizando a pronúncia da segunda vogal, mas, ao contrário, cortando em seco a pronúncia da primeira, deixando tensas as cordas vocais durante um breve instante, para acomodá-las, assim tensas, à pronúncia da segunda" (MARTÍNEZ 129).

Reatando-se a emissão do ar, forçada a sua passagem pela glótis, há uma explosão, verdadeira consoante oclusiva, entre as duas vogais. Cpr.

| PORT. | TUPI                                  |
|-------|---------------------------------------|
| faraó | <i>aoba</i> ( <i>a</i> ↔ <i>oba</i> ) |
| caí   | <i>pai</i> ( <i>pa</i> ↔ <i>i</i> )   |
| Macaé | <i>mbaé</i> ( <i>mba</i> ↔ <i>é</i> ) |

8. O hiato se distingue, na escrita, dos ditongos e tritongos, porque êstes incluem sempre uma semivogal *î*, *û* ou *ŷ*:

*ûá*, *ûé*, *ûí* (monossílabos, ditongos); *uá*, *ué*, *uí* (dissílabos, hiatos); *kuâ* (tritongo) cuia, *a-y-ú* (trissílabo) bebo água

Obs.: Parece que em algumas palavras não havia verdadeira oclusão glotal, mas simples hiato tipo português. No presente trabalho, pode-se descurar essa distinção.

A vogal final, quando átona, não forma hiato com a inicial seguinte. Embora se escreva, na conversa viva a final se elide.

E' nítido o hiato, ou oclusão glotal, quando a vogal inicial é tônica: *nde aba*: teu cabelo; *xe á*: meu fruto; *i á*: o seu fruto; *i ú*: comê-lo; *i é*: seu dizer; *i ó*: tapá-.

9. O sinal ' indica a queda de um ou mais sons.

10. O hífen separa os elementos da palavra. Mas na leitura não se faz caso dêle:

*eym-i, nd' o-ú-î* (leia-se: *eými, ndoúi*)

### EXERCÍCIO

11.

|                     |                |                  |                      |
|---------------------|----------------|------------------|----------------------|
| <i>a-é</i> :        | digo           | <i>puam</i> :    | erguer-se            |
| <i>e-í</i> :        | diz            | <i>uú</i> :      | tossir               |
| <i>akang-ûera</i> : | caveira        | <i>akué</i> :    | abalado              |
| <i>potiá</i> :      | peito          | <i>ui</i> :      | farinha              |
| <i>kûara</i> :      | buraco         | <i>ui-atâ</i> :  | farinha de guerra    |
| <i>moema</i> :      | mentira        | <i>gûyrá</i> :   | passarinho           |
| <i>r-esé</i> :      | por            | <i>roy</i> :     | frio                 |
| <i>apŷaba</i> :     | macho          | <i>mo-ngué</i> : | abalardar            |
| <i>koema</i> :      | manhã          | <i>kapŷaba</i> : | quinta               |
| <i>tapiá</i> :      | mano (vocat.)  | <i>iagûara</i> : | onça                 |
| <i>píá</i> :        | filho (vocat.) | <i>iundiá</i> :  | esp. de peixe        |
| <i>mo-pû-á-bo</i> : | tocando        | <i>kaá-ysá</i> : | cérca de defesa      |
| <i>mo-pû-ara</i> :  | o que toca     | <i>ikó aib</i> : | viver mal            |
| <i>pŷá</i> :        | entradas       | <i>pŷ-aba</i> :  | instrumento de sôpro |
| <i>gû-á-bo</i> :    | comendo        | <i>gû-aba</i> :  | modo de comer        |
| <i>gû-ara</i> :     | o que come     | <i>kuí</i> :     | farelo               |
| <i>mo-ngui</i> :    | moer           | <i>s-upiá</i> :  | ôvo                  |
| <i>i ú-û</i> :      | êle o comeu    | <i>i é-û</i> :   | (êle) o disse        |
| <i>o-io-pûai</i> :  | êle o mandou   | <i>karâi</i> :   | arranhar             |
| <i>nd' o-kaí</i> :  | não pegou fogo | <i>karaiba</i> : | homem branco         |

### BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 1-6v; FIGUEIRA 1-2; ARAÚJO\*-\*\*ijj; ID. 1.<sup>a</sup> ed. 1-2v; ECKART 3; MONTOYA 1-2; 98-100; RESTIVO 7-10; UPSON CLARK 122-123; CAETANO 1-4; ID. *Apontamentos I*, 43-60; ADAM 4-16; MARTÍNEZ 127-136; CABALLERO 138-162; MORÍNIGO 31-39; DALL'IGNA, *Diferenças* 336-348; EDELWEISS 75-83; 87-93, 105-109; 119-120; 128-140; TOVAR 115-118; L. BARBOSA 175.

## ACENTO (\*)

### 12. Regras para conhecer o acento tônico:

São oxítonas tôdas as palavras terminadas 1) em consoante, 2) na vogal *y*, 3) em vogal nasal, 4) em ditongo decrescente, 5) em *e*, *i*, *o*, *u* (exceto algumas partículas átonas).

As palavras acabadas em *a* podem ser oxítonas ou paraxítonas. Mas o *a* das paroxítonas é sufixo.

13. Há algumas partículas e sufixos enclíticos terminados em *a*, *e*, *i*, *o* ou *u*. Fonéticamente, formam uma só palavra com o vocábulo anterior. Em nosso sistema gráfico, conhecem-se essas partículas por serem precedidas do sinal -. As principais são:

-*a*, -*e*, -*i*, -*u*, -*pe*, -*me*, -*be*, -*te*, -*ne*, -*mo*, -*bo*, -*no*, -(r)*eme*, -(r)*amo*

Exceto *reme*, -*ramo*, -*bae*, tôdas as mais são monossilábicas.

Por vêzes, juntam-se duas ou mais, formando proparoxítonos, préproparoxítonos, etc.:

*morubixaba-pe*

pronunciar

"*iuká-reme*

"*iukárememe*

"*sý-ramo-te-pe-ne?*

"*sýramotepene?*

Obs.: A atonicidade parece ter sido menos pronunciada nas partículas -*pe*, -*me*, -*be*, -*te*, -*ne*, -*mo*, -*no*, -(r)*eme*, -(r)*amo*: em certos autores ocorrem às vêzes acentuadas na vogal final.

(\*) O iniciante pode contentar-se com uma rápida leitura desta lição, bem como da seguinte, voltando a elas quando necessário.

As partículas podem-se unir numa só sílaba, e até num só ditongo, com o vocábulo anterior:

|                        |            |                   |
|------------------------|------------|-------------------|
| <i>nd' o-s-epiak-i</i> | pronunciar | <i>ndosepiáki</i> |
| <i>îuká eym-e</i>      | "          | <i>îuká eyúme</i> |
| <i>îuká-û</i>          | "          | <i>îukáu</i>      |

Tôda palavra terminada em *e*, *i*, *o* ou *u* átonos contém algum sufixo. Mas em nosso sistema ortográfico tais partículas ou sufixos vêm separados por hífen.

#### 14. Regras para usar o acento agudo:

*Usa-se o acento agudo:*

- nos oxítonos terminados em *a*, *e*, *o*: *gûatá*, *bebé*, *r-ekó*
- em todos os monossílabos tônicos, terminados em vogal: *ká*, *ó*, *pú*
- na vogal tônica final, quando o oxítonto termina em mais de uma vogal ou em ditongo crescente: *uú*, *pái*, *mbaé*, *kaá*, *kui*  
— exceto se a vogal final é *y*: *roy*, *ay*

*Não se usa o acento:*

- nos oxítonos terminados em *y*: *yby*, *roy*
- nos oxítonos terminados em *i* ou *u*: *api*, *ypu*  
— exceto no caso b): *pú*, *ú*, *pi*  
— e no caso c): *uú*, *pái*
- nos oxítonos terminados em consoante: *o-pab*, *a-î-mo-mbak*, *o-ur*
- nos pronomes monossilábicos: *xe*, *nde*, *i*
- nos prefixos proclíticos: *a-*, *ere-*, *o-*, *îa-*, *gûi-*, etc.
- nos paroxítonos terminados em *a*: *peba*, *kaâa*, *uuba*, *iyra*
- reme, *-ramo*, *-pe*, *-te*, etc.
- quando o acento tônico coincide com o til: *pabé*, *mokôîa*, *t-etâ'-me*
- nos oxítonos terminados em ditongo decrescente: *o-kaî*, *îa-syî*

OBS.: As partículas enclíticas em nada alteram a acentuação que compete à palavra principal: *ó-bo* leva acento no *o*, porque *ó* é monossilabo.

## BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 7-9; FIGUEIRA 167; ARAÚJO \*\*ij; MONTOYA 99-100.

## METAPLASMOS (\*)

15. Os sons da língua, ao entrarem em contacto íntimo — na composição, derivação, incorporação, próclise, ênclise, etc. (v. n. 1105 ss.) — podem sofrer alterações ou metaplasmos.

Conforme a ligação seja menos ou mais profunda, os elementos se escrevão *separados*, *ligados* por hífen ou simplesmente *juntos*.

16. Nos casos de composição, incorporação e derivação, o primeiro elemento, sendo paroxítono, diante de consoante, perde a última sílaba; diante de vogal, perde a última vogal:

|                  |                 |                           |                          |                       |                           |
|------------------|-----------------|---------------------------|--------------------------|-----------------------|---------------------------|
| <i>ybaka</i> :   | <i>céu</i>      | <i>ybak-una</i> :         | <i>céu negro</i> ;       | <i>ybá'-piranga</i> : | <i>céu vermelho</i>       |
| <i>iagûara</i> : | <i>onça</i>     | <i>iagûá'-gûyrá</i> :     | <i>onça-pássaro</i>      |                       |                           |
| <i>epiak</i> :   | <i>ver</i>      | <i>epiá'-katu</i> :       | <i>ver bem</i>           |                       |                           |
| <i>nheenga</i> : | <i>voz</i>      | <i>a-î-nheeng-endub</i> : | <i>ouvi a voz dêle</i>   |                       |                           |
| <i>pindoba</i> : | <i>palmeira</i> | <i>pindob-y</i> :         | <i>rio da palmeira</i> ; | <i>pindó'-taba</i> :  | <i>aldeia da palmeira</i> |

Podem cair os grupos *mb*, *nd*, *ng*; mas a vogal anterior continua nasal:

|                  |               |                  |                |                        |                       |
|------------------|---------------|------------------|----------------|------------------------|-----------------------|
| <i>nheenga</i> : | <i>voz</i>    | <i>poranga</i> : | <i>bonito</i>  | <i>nheé'-poranga</i> : | <i>voz bonita</i>     |
| <i>akanga</i> :  | <i>cabeça</i> | <i>îuba</i> :    | <i>amarela</i> | <i>akã'-îuba</i> :     | <i>cabeça amarela</i> |

OBS.: O *a* átono que termina inúmeros substantivos (ex. *ybaka*), adjetivos (ex. *una*) e pronomes (ex. *akûeia*) é um verdadeiro índice nominal. Sufixa-se aos temas terminados em consoante, pois o nome (substantivo, adjetivo, pronome) deve acabar sempre em sílaba aberta (vogal) — e o mesmo se diga do infinitivo, que é um verdadeiro nome. Em composição, *-a* sufixa-se apenas ao tema final (quando este é acabado em consoante). — Para efeitos descritivos, porém, neste curso de divulgação, trata-se o *-a* como se fizesse parte integrante do tema.

(\*) O iniciante pode contentar-se com uma rápida leitura desta lição, voltando a ela quando necessário.

17. Fenômeno semelhante se dá, mas raramente, quando se encontram duas vogais iguais, uma, tônica, no fim da primeira palavra, a outra, átona, no princípio da segunda:

|              |       |                |        |                    |                |
|--------------|-------|----------------|--------|--------------------|----------------|
| <i>obá</i> : | rosto | <i>asab</i> :  | cruzar | <i>obá'-sab</i> :  | abençoar       |
| <i>akā</i> : | galho | <i>apyra</i> : | ponta  | <i>akā'-pyra</i> : | ponta de galho |

Obs.: 1. Quando as vogais são diferentes, é possível (embora não normal) a elisão de uma, em geral a átona:  
*ie-* (reflexivo): se      *ab*: abrir      *i'-ab*: abrir-se, desabrochar

2. Mas sendo a segunda vogal *i* ou *u*, fora de sílaba tônica, costuma haver ditongação: *xe api* + *u* = *xe api-û*: atirou-me pedra  
 Afora êsses casos de elisão e ditongação, há sempre hiato (n. 7).

18. *î* e *nh* às vêzes se permутam. Junto de nasal é preferido *nh*:

*îara*: senhor, *ûu*: espinho, *nhan*: correr, *îuba*: amarelo, *îandé* ou *nhandé*: nós, nosso, *îakumã* ou *nhakumã*: estaca de canoa, *îundiá* ou *nhundiá*: espécie de peixe

19. S antecedido de *i* muda-se em *x*:

*i+supé* = *i xupé*; *i+sy* = *i xy*; *i+suban* = *i xuban*. Mas v. n. 28 d).

20. Entre a consoante final de uma palavra e a inicial da outra (sobretudo se há ênclide), ouve-se uma vogal dúbia, entre *i* e *u* (ANCHIETA ouviu *y*):

*a-pab-ne* = *a-páb(i)-ne*; *ok-pe* = *ók(i)-pe* ou *ók(u)-pe*; *ptyun-me* = *ptyún(i)-me* ou *ptyún(u)-me*; *i xok-pyra* = *i xok(i)-pyra*

Dada a natureza incerta dessa vogal, deixamos de anotá-la na escrita.

21. *P*, *m* e *mb* se permутam. Às vêzes também *b*:

a) *P* inicial, não antecedido de genitivo nem de complemento, torna-se *mb*:

*abá pyá*: entranhas de homem; *mbyá*: entranhas (de gente);  
*xe pô*: minha mão; *mbó*: mão (v., porém, n. 862).

b) *Mb* inicial = *m*; às vêzes só se escreve *b* (n. 3).

c) *M* final, seguido de vogal tônica, muda-se facultativamente em *mb* (e é o mais comum):

*tym+ara* = *tymb-ara* ou *tym-ara*: o que enterra; *tym+aba* = *tymb-aba* ou *tym-aba*: o modo de enterrar; *sem+é* = *semb-é* ou *sem-é*: sair à parte; *nhauuma*: barro + *oka*: casa = *nhauumb-oka*: casa de barro; *kama*: seio + *y*: líquido = *kamb-y* leite

d) *B* final esporadicamente se converte em *p*:

*xe r-ub!* ou *xe r-up!*: ó meu pai!

e) *B* de sílaba final átona passa a *p* no gerúndio e nos verbais (*s*)*ara* e (*s*)*aba*:

*ausub*: amar, *ausup-p-a*: amando, *ausup-p-ara*: o que ama, *ausup-p-aba*: lugar, tempo, modo, etc. de amar

22. *D*, *n* e *nd* têm entre si as mesmas alternâncias que há entre *p*, *m*, e *mb*, exceto as de a), d) e e):

b) v. n. 3.

*nhan+ara* = *nhand-ara* ou *nhan-ara*: o que corre; *nhan+aba* = *nhand-aba* ou *nhan-aba*: o modo de correr; *nhan+é* = *nhand-é* ou *nhan-é*: correr à parte; *amana+y* = *amand-y* ou *aman-y*: água da chuva

23. *P* e *m* iniciais podem converter-se em *b*, quando se encontram com o *b* final da sílaba anterior, com que se compõem:

*s-oba+peba* = *s-ó-beba*: folha larga ou chata; *kabureyba* + *potyra* = *kaburey-botyra*: flor de cabreúva; *aba+puku* = *a-buku*: cabelo comprido; *kuab+meeng* = *kuá-meeng* ou *kuá'-beeng*: mostrar

24. Mas, em geral, justapondo-se duas consoantes homogâmicas, a primeira cai:

*epiak+katu* = *epiá'-katu*: ver bem; *ausub+bé-nhé* = *ausu'-bé-nhé*: tornar a ver

25. A apócope é menos taxativa, se as duas consonantes são heterogâmicas:

*epiak+pab = epíak-pab* ou *epiá'-pab*: ver tudo; *nheeng+porang* = *nheeng-porang* ou *nheē'-porang*: falar bonito

26. No tupi meridional (i. é, o de S. Vicente), e muito mais no guarani, a tendência é para a queda de toda consoante que não se encontre apoiada em vogal seguinte da mesma palavra ou da imediata (quando não há pausa):

| TUPI SETENTR.                 | TUPI MERID.                  | GUARANI                      |
|-------------------------------|------------------------------|------------------------------|
| <i>a-s-ausub abá</i>          | <i>a-s-ausub abá</i>         | <i>a-h-ayhu abá</i>          |
| <i>a-s-ausub xe sy</i>        | <i>a-s-ausu xe sy</i>        | <i>a-h-ayhu xe sy</i>        |
| <i>a-s-ausub xe r-ayra</i>    | <i>a-s-ausu xe r-ayra</i>    | <i>a-h-ayhu xe r-ay</i>      |
| <i>a-s-ausub xe r-ayr-etá</i> | <i>a-s-ausu xe r-ayr-etá</i> | <i>a-h-ayhu xe r-ayr-etá</i> |
|                               | amo o índio                  |                              |
|                               | amo minha mãe                |                              |
|                               | amo meu filho                |                              |
|                               | amo meus filhos              |                              |

Como se vê, o guarani tende a eliminar a consoante (e a vogal átona) até dos nomes paroxítonos, exceto quando seguida de outra vogal.

Excepcionalmente, em tupi, as consoantes velares *k* e (*n*)*g* podem resistir na incorporação: *a-i-pysyk-potar* eu o quero apanhar.

OBS.: Em pausa, costumam cair todas as consoantes finais, exceto as velares.

27. As sílabas átonas finais *-ma* e *-na*, ao se comporem com uma vogal tônica, podem transformar-se em *-mb-* e *-nd-*:

*kama + y = kamb-y*: líquido do seio = leite; *kama + ú = kamb-ú*: beber (d)o seio = mamar; *amana + y = amand-y*: água da chuva; *mena + uba = mend-uba*: pai do marido = sogro

28. Um som nasal no fim da palavra, ou mesmo na penúltima sílaba, pode alterar a sílaba inicial da palavra ou partícula seguinte, com que se compõe:

a) *B* e *p* mudam-se em *m* ou *mb*:

gerúndio: *nupā + bo = nupā-mo*: açoitando

part. passivo adj.: *nupā + pyra = nupā-byra*: açoitado

part. passivo subst.: *mi + pūāia = mi-mbūāia*: mandado verbais (se perdem o *s*): *nupā + (s)aba = nupā-ma*: açoite

passado: *nhū + pūera = nhū-būera*: o que foi campo  
 prepos. -pe: *paranā + -pe = paranā-mz*: no mar  
 pref. causativo: *mo + pab = mo-mbab*: acabar, destruir  
 compostos: *mina + puku = mi'-mbuku* ou *mi'-muku*: lança

b) *K* muda-se em *g* ou *ng*:

part. passivo subst.: *mi + kaú = mi-nгаú*: feito papas; mingau  
 pref. causativo: *mo + ker = mo-nger*: despertar  
 compostos: *akanga + ká = akan'-gá*: quebrar a cabeça  
*poranga + katu = poran'-gatu*: muito bonito

c) *T* muda-se em *d* ou *nd*:

part. passivo subst.: *mi + tyþyrō = mi-ndyþyrō*: ensopado,  
 pirão

pref. causativo: *mo + tykyr = mo-ndykyr*: distilar  
 compostos: *takúar-eē + tyba = takúar-eē-dyba*: canavial

*exceções*: *marā-t-ekó* batalha, *amā-tiri* raio; mas tendem a perder  
 a nasal: *mará-t-ekó*, *amá-tiri*.

d) *S e x* mudam-se em *nd*:

pref. causativo: *mo + syk = mo-ndyk*: fazer chegar; *mo + syryk = mo-ndyryk*: fazer deslizar

part. passivo subst.: *mi + (suí ->) xuí = mi-nduú*: morrido

compostos: *mena + sy = mendy*: sogra (da mulher)

*exceção*: *Tupā-sy* Mãe de Deus (neologismo colonial).

e) *R* muda-se em *n*:

partícula -reme: *nupā-neme*: quando açoitar

partícula -ramo: *irū-namo*: como companheiro

verbal (s)ara: *arō-ana*; fut. *arō-an-ama*: futuro salvador

Obs.: 1) *Mo-* e *mi-* não soem alterar as sílabas que já são nasais: *mo-sem*, *mo-pym*, *mo-sam*, *mo-sāī*, *mo-sym*, *mo-ting*, *mo-kong*, *mi-tyma*, *mi-pana*.

2) *Mbo-* e *mbi-*, variantes de *mo-* e *mi-*, não ocasionam metaplasmos. Como nos autores antigos havia certo descuido quanto ao grupo *mb*, que às vezes se escrevia só *b* ou só *m* (como *n* ou *d*, em lugar de *nd*), fica incerto em que casos *mo-* se deva pronunciar *mo-* e em que outros se deva pronunciar *mbo-*.

3) Não se usa *mbi-* e *mbo-* antes de nasal: *mi-mbo-é* “discípulo” (nunca *mbi-mbo-é*), *mi-tyma* “enterrado, plantado” (não *mbi-tyma*); *mo-kuí*,

*mbo-kuí* ou *mo-ngui* “moer”, “pulverizar” (nunca *mbo-ngui*). Fenômeno semelhante se dá com *nd* em sílaba que preceda nasal. Cpr. *nda xe maenduar-i* “não me lembro”; *na nde maenduar-i* “não te lembras”, etc. Caso de nasalização regressiva encontra-se nos metaplasmos *ro* = *no* (n. 501) e *i* = *nh* (n. 18): *ia-* = *nha-* (n. 112); *ie-* = *nhe-* (n. 294); *io-* = *nho-* (n. 295); *i* = *nh* (n. 299).

29. O pronome *pe* parece ter sido nasal, pois, em guarani, modifica o *r* inicial seguinte para *nd*:

*pe r-esá* = *pe nd-esá* vossos olhos; *pe r-esé* = *pe nd-esé* por vós;  
*pe r-oby* = *pe nd-oby* vós sois azuis

Mas a alteração, comum no guarani, é desconhecida no tupi.

30. Um fonema nasal nasaliza levemente as sílabas vizinhas:

*kurumī* ou *kunumī*: menino (pron. *kūrūmī* ou *kūnūmī*)

O prefixo *ro-* torna-se *no-*, seguido de nasal:

*ro-tī* ou *no-tī*; *ro-sem* ou *no-sem*

Seguido de nasal, o *r* chega mesmo a diluir-se num som confuso entre *r* e *n* (Cfr. guarani moderno):

*pōranga* ou *pōnanga*; *pīranga* ou *pīnanga*

31. Por vezes *r* e *n* se permутam, sem mais:

*ybá nema* (às vezes *ybá rema*): fruta fedorenta

*karagūatá nema* (às vezes *karagūatá rema*): erva-babosa

32. Dão-se também raros casos de desnasalação:

*mo-sa-sāî* ← *mo-sā-sāî*: espalhar; *mo-su-sung* ← *mo-sū-sung*: sacudir; *umā?* ← *umā?*: onde?; *mará-t-ekó* ← *marā-t-ekó*: trabalho; *mará-é-tenhéa* ← *marā-é-tenhéa*: fábula, patranha; *a-pysyka* ← *an(ga)-pysyka* (cfr. guarani): consolado; *hé gûé* ← *hē gûé*: olá; *pysá-pema* ← *pysā-pema*: unha do pé; *amá-tiri* ← *amā-tiri*: raio; *Tupā* ← *Tūpā*: † Deus

33. Já no tupi pré-colonial parece que o *y* tendia a converter-se em *u*. Na era histórica, era facultativo *u* em lugar de *y* em muitas vozes, particularmente quando vizinho de labiais:

*pytuē, putuē; pytuura, putuura; pytuna, putuna; ymūā, umūā*

34. Unindo-se duas palavras, das quais a primeira acabe e a segunda comece por *i* ou *y*, aparece não raro entre as duas um *î* eufônico:

compostos: *syry + y = syry-î-y*: rio do siri  
*abati + y = abati-î-y*: rio do milho

possessivo: *i + itá = i-î itá*: a pedra dêle  
*i + ypy = i-î ypy*: o princípio dêle

pron. objetivo: *i + ybō = i-î ybō*: frechá-lo

35. O *î* eufônico pode aparecer, mesmo que seja outra vogal seguinte:

*i + aeté = i-î aeté*: êle é finíssimo  
*i + apó = i-î apó*: fazê-lo

36. Acontece de dar-se a assimilação do *i* pelo *î*:

\**a-i-iuká = a-iuká*: eu o matei

Na proximidade de um som nasal, pode o *î* eufônico ser substituído por *nh* (n. 18):

*a-î-ybō* ou *a-nh-ybō*: eu o frecho  
*a-î-amī* ou *a-nh-amī*: eu o espremo

37. *R* final se permuta por *t* (pron. comum dos tamoios; entre as outras tribos, elegante mas rara):

*mosapyr = mosapyt*: três      *xe r-ayr! = xe r-ayt!*: ó meu filho!  
*a-îur = a-îut*: vim      *a-ś-ekar = a-s-ekat*: procurei-o

38. São freqüentes as apóopes. Na vogal tônica só excepcionalmente. As mais comuns são:

|        |        |           |        |        |       |
|--------|--------|-----------|--------|--------|-------|
| -pe    | p' akó | p' aé     | p' ikó | p' ipó | p' iã |
| rá     | r' akó | r' aé     |        |        |       |
| -te    | t' akó | t' aé     | t' ikó | t' ipó |       |
| -ne    | n' akó | n' aé     | n' ikó | n' ipó | n' iã |
| akó    |        | ak' aé    |        |        |       |
| r' akó |        | r' ak' aé |        |        |       |

39. A consoante final das palavras é um tanto indecisa, sobretudo (não exclusivamente) quando seguida de partículas iniciadas por consoante. Do Norte para o Sul até os tamoios (E. do Rio), a tendência é para a conservação. Dos tupis (E. S. Paulo) para o Sul, prevalece a apócope. Entre os carijós ou guaranis, regra geral é a apócope. Excetue-se a final *k* (em guarani *g*), que normalmente se conserva. O mesmo se diga de *ng*. Em composição com elemento de vogal inicial, a norma é persistir a consoante final, mesmo em guarani.

Quando cai a última consoante de sílaba nasal, continua nasal a vogal precedente: *amana* + *pytuna* = *amã-pytuna* "nuvem carregada"; *pinim(a)* + *pinima* = *piñi-pinima* "pintadinho"; *akanga* + *iuba* = *akã-iuba* "cabeça amarela".

40. Há casos de metátese:

*kupý-iúrar* = *pyku-iúrar*: laçar a perna a  
*ykeyra* = *ekyyra*: irmão mais moço (de h.)  
*kysyíé* = *sykyíé*: temer

## BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 1-6; 8v-9; FIGUEIRA 92; MONTOYA 93-98; CAETANO, *Apontamentos I*, 60-68; ADAM 5-19; TOVAR 115-118; L. BARBOSA 192-199.

## SUBSTANTIVOS

41. O substantivo tupi pode ser monossilábico ou polissilábico. Termina sempre em vogal tônica ou em *-a* átono. Pode ser simples, composto, derivado:

|                        |  |
|------------------------|--|
| <i>y</i> : água, rio   | <i>kamby</i> : leite                       |
| <i>oka</i> : casa      | <i>atuasaba</i> : compadre                 |
| <i>nhandu</i> : ema    | <i>morubixaba</i> : cacique                |
| <i>akanga</i> : cabeça | <i>py</i> : pé                             |
| <i>potyra</i> : flor   | <i>pysã</i> : dedo do pé                   |
| <i>aiô</i> : bolsa     | <i>pysapema</i> : unha (do dedo)<br>do, pé |

O substantivo não sofre alterações de número, gênero e caso. Recebe, porém, sufixos de tempo, de negação, prefixos de referência pessoal (possessivos, etc.), além das partículas pospositivas.

Obs.: Em tupi não há artigo definido nem indefinido.

## GÊNEROS

42. Não há gênero gramatical.

Apenas alguns nomes de parentesco, e semelhantes, divergem para cada sexo:

|                           |                              |
|---------------------------|------------------------------|
| <i>t-uba</i> : pai        | <i>sy</i> : mãe              |
| <i>mena</i> : marido      | <i>t-e-mi-r-ekó</i> : mulher |
| <i>abá</i> : índio, homem | <i>kunhã</i> : índia, mulher |
| <i>apŷaba</i> : macho     | <i>kunhã</i> : fêmea         |

Os nomes de animais servem para os dois sexos. Sendo estritamente necessário esclarecer, podem servir *apŷaba* e

*kunhã* (para sérres humanos), *s-akûâi-bae* e *kunhã* (para animais) :

*tapiira*: anta

*tapiira s-akûâi-bae*: anta macho;

— *kunhã*: anta fêmea

*marakaíá*: gato-do-mato

*marakaíá kunhã*: gata;

— *s-akûâi-bae*: gato

*mboîa*: cobra

*mboîa s-akûâi-bae*: cobra macho;

— *kunhã*: cobra fêmea

*membryra*: filho, filha (de mulher); *xe membryr apýaba*: meu filho; *xe membry' kunhã*: minha filha

As línguas dos povos pastôres e criadores costumam dispor, quando não de masculino e feminino, de nomes diferentes para cada sexo, naquelas espécies em que o macho apresenta utilidade diversa da fêmea. Assim, boi, vaca; cavalo, égua; galo, galinha, etc. Chega a haver nome especial para o filhote, e até para as suas várias idades, quando têm utilidade específica: bezerro, tourinho, bezerra, novilha, pinto, frango, leitão, marrão, etc. Os tupis não eram criadores, e as poucas espécies de animais que domesticavam (patos, pombos, papagaios, canindés, macacos) não ofereciam interesse diverso segundo o sexo ou idade. Não houve, pois, diferenciação lingüística. Os torneios *gûaká apýaba* ou *gûaká kunhã*, tanto quanto em português “gaivota macho” ou “gaivota fêmea”, não implicam *gênero gramatical*; exprimem o *sexo real* por meio de adjetivo ou apôsto, como poderiam expressar uma qualidade: “gaivota gorda”, “gaivota magra”, “boi preto”, “boi branco”. Só se devem usar esses circunlóquios quando há necessidade de precisar o sexo. — Esporadicamente tinham nomes diferentes macho e fêmea, quando pela forma, tamanho ou côr aparentavam diversidade de espécies: *usá* (macho), *kunduru* (fêmea).

43. Alguns nomes de parentesco diferem segundo o sexo da pessoa a que se referem:

“filho”, com referência ao *pai*, é *t-ayra*; com referência à *mãe*, é *membryra*; para o homem, “sogro” é *t-atuuba*, “sogra” é *t-aixó*; para a mulher, respectivamente: *menduba* e *mendy*.

Leva-se em conta ainda o sexo do parente intermediário:

“tio”, irmão do pai, é o mesmo que “pai”: (*t*)*uba*; “tio”, irmão da mãe, já é *tutyra*.

Aliás toda a nomenclatura do parentesco obedece, em tupi, a um esquema diverso do nosso.

As regras e os nomes são os mesmos para o parentesco de animais.

44. Certas partículas são de uso exclusivo ou preponderante de um sexo:

sim: *pá* (só de homens); *eē* (sobretudo de mulheres)  
não: *aan* ou *aan-i* (comum); *aan-i reī* (h.); *aan-i reá* (m.)

45. Algumas raras palavras só se usam de homem para homem:

*hē!* (posposto): olá

*ahē*: êle, aquêle, fulano (homem referindo-se a homem)

## NÚMEROS

46. Não há número gramatical. As palavras correspondem igualmente ao nosso singular e ao plural:

*t-esá-y* lágrima, lágrimas; *ypeka* pato, patos; *ygapenunga* onda, ondas

O sentido se colherá do contexto.

47. No tupi colonial, passou-se a empregar *etá* “muitos”, para realçar a pluralidade (com apócope do *a* final dos paroxítonos):

*pirá*: peixe

*syry*: siri

*paka*: paca

*gúyratinga*: garça-branca

*pirá etá*: peixes

*syry etá*: siris

*pak' etá*: pacas

*gúyrating' etá*: garças-brancas

Não era êsse, porém, o primitivo sentido, e seria errôneo abusar daquele indefinido, principalmente se o plural já se subentende:

*mokōi pirá*: dois peixes (nunca *mokōi pirá etá*)

A reduplicação pode oferecer uma modalidade de plural; v. Lição 50.<sup>a</sup>.

## SUBSTANTIVOS ABSTRATOS

48. Não há nomes abstratos de qualidades e semelhantes, como beleza, bondade, côr, tamanho, etc.

Na versão, deve-se dar às frases tupis uma forma concreta. P. ex., "A paciência ganha da aflição" se verterá "O homem paciente ganha do homem aflito", ou cousa equivalente.

Há, porém, a tendência para substantivar tanto os adjetivos como os infinitivos:

*poranga*: belo = beleza

*osanga* (*t*): paciente = paciência

*angaturama*: bondoso = bondade

*io-ausuba*: amarem-se (uns aos outros) = amor

*nhe-mo-yrō*: irar-se = ira

V. também, sobre *saba*, n. 826.

Aliás, a distinção substantivo-adjetivo-verbo é ainda menos pronunciada que nas línguas européias.

## BIBLIOGRAFIA

**Gêneros** — RESTIVO 16-17; CAETANO 7-8; ADAM 20; L. BARBOSA 168.

**Números** — ANCHIETA 8v-9v; FIGUEIRA 3-4; MONTOYA 2; RESTIVO 11-12; ADAM 20-21; L. BARBOSA 168-169.

## LIÇÃO 5.<sup>a</sup>

### QUALIFICATIVOS

49. São invariáveis. Pospõem-se ao substantivo. Este, se é oxítono, não sofre alteração:

|                    |                        |                                 |
|--------------------|------------------------|---------------------------------|
| <i>itá</i> : pedra | <i>tinga</i> : branco  | <i>itá tinga</i> : pedra branca |
| <i>y</i> : rio     | <i>puku</i> : comprido | <i>y puku</i> : rio comprido    |

Se é paroxítono, — antes de vogal, perde a última vogal; antes de consoante ou semivogal, perde a última sílaba:

|                      |                           |                                    |
|----------------------|---------------------------|------------------------------------|
| <i>taba</i> : aldeia | <i>ybaté</i> : alto       | <i>tab' ybaté</i> : aldeia alta    |
| <i>ybaka</i> : céu   | <i>piranga</i> : vermelho | <i>yba' piranga</i> : céu vermelho |
| <i>aoba</i> : veste  | <i>tinga</i> : branco     | <i>aó' tinga</i> : veste branca    |

Mas v. n. 16 Obs.

Mas nos paroxítonos dissilábicos, é rara a elisão da sílaba:

|                     |                        |  |
|---------------------|------------------------|--|
| <i>ara</i> : dia    | <i>panema</i> : aziago | <i>ara panema</i> : dia aziago         |
| <i>aba</i> : cabelo | <i>tinga</i> : branco  | <i>aba ou á' tinga</i> : cabelo branco |

Obs.: Pode também deixar de dar-se a apócope, quando não há incorporação mas apenas a justaposição transitória de um substantivo com um adjetivo, o que aliás é insólito em tupi.

50. Costumam os gramáticos dar como exceções os adjetivos que perdem o *t* ou *s* iniciais:

|                     |                          |                               |
|---------------------|--------------------------|-------------------------------|
| <i>y: rio</i>       | <i>toby: verde, azul</i> | <i>y oby: rio verde</i>       |
| <i>abá: homem</i>   | <i>setá: muitos</i>      | <i>abá etá: muitos homens</i> |
| <i>ybaka: céu</i>   | <i>tuna: negro</i>       | <i>ybak' una: céu negro</i>   |
| <i>t-esá: olhos</i> | <i>toby: verde, azul</i> | <i>t-esá oby: olhos azuis</i> |

Mas *t* e *s* são meros prefixos de classe (v. n. 852).

Neste CURSO figuram entre parênteses, após o adjetivo:

*etá (s), una (t)*

51. Note-se que há adjetivos que têm *t* ou *s* fixos, como parte do tema:

*tinga: branco, tinga: enjoativo, tininga: seco, tuí-bae ou tuíá(-bae) ou tunhá(-bae): velho, tekó-kuába: ponderado, taigaiba: ardoroso, syma: liso*

52. Tais são também certos adjetivos formados do infinitivo de verbos intransitivos: *sununga: barulhento, tytyka ou tutuka: palpitante, tataka: tirante, tyarô: amadurecido*. Em todos, *t* e *s* fazem parte da palavra.

### EXERCÍCIOS

53.

|                       |                               |
|-----------------------|-------------------------------|
| <i>kururu: sapo</i>   | <i>kaá: mato</i>              |
| <i>pira: pele</i>     | <i>oka: casa</i>              |
| <i>akanga: cabeça</i> | <i>atã (t): duro</i>          |
| <i>nambi: orelha</i>  | <i>una (t): preto</i>         |
| <i>îuru: bôca</i>     | <i>aîa (t): ácido, azêdo</i>  |
| <i>apekû: língua</i>  | <i>peba: chato</i>            |
| <i>pereba: ferida</i> | <i>puku: comprido</i>         |
| <i>paranã: mar</i>    | <i>panema: aziago, inútil</i> |

54. *Panema: infeliz, sem sorte, imprestável, inútil: kaá panema: mato sem caça; y panema: rio sem pesca; abá panema: homem inútil, caipora, imprestável para a guerra; ara panema: dia aziago, perdido.*

55. *Îuru una. Nambi peba. Kaá panema. Oka puku. Ygá' peba. Mboi una. Akang usu. Akang atã. Pir' una. Paranã puku. Paranã oby. Y panema. T-atã piranga. Yby atã. Kururu peba. Tatú peba. Pirá una. Paranã tinga. Paranã sununga. Îuru aîa. Pirá tininga.*

56.

|                          |                               |
|--------------------------|-------------------------------|
| azeite: <i>nhandy</i>    | árvore; madeira: <i>ybyrá</i> |
| resina: <i>ysyka</i>     | flor: <i>ybotyra</i>          |
| flauta: <i>mimby</i>     | amarelo: <i>iuba</i>          |
| serra: <i>ybytyra</i>    | viscoso: <i>pomonga</i>       |
| vento: <i>ybytu</i>      | séco: <i>tininga</i>          |
| prato: <i>nhaē</i>       | frio: <i>roy, roy-sanga</i>   |
| menino: <i>kunumĩ</i>    | cheio: <i>ynysema (t)</i>     |
| estéril: <i>panema</i>   | pintado: <i>pinima</i>        |
| brilhante: <i>beraba</i> | bonito: <i>poranga</i>        |

57. A flauta comprida. A orelha chata. As ondas verdes. Casas brancas. Muitas casas brancas. Azeite amarelo. Resina viscosa. Menino bonito. Vento frio. Lágrima brilhante. Flor seca. Flor amarela. Mato branco. Peixe seco. Rio vermelho. O rio bonito. Rio grande. Prato cheio. Rio estéril (*sem peixe*). Rio brilhante. Árvore vermelha. Madeira seca. A serra negra. Madeira pintada. Peixe pintado. Peixe amarelo. Azeite branco. Azeite azêdo.

### BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 8v-9; FIGUEIRA 69; MONTOYA 2-3.

## LIÇÃO 6.<sup>a</sup>

### POSSESSIVOS

58. Precedem sempre o substantivo. Não há os chamados pronomes possessivos:

*xe*: meu, minha, meus, minhas

*nde*: teu, tua, teus, tuas

*i* (relativo): seu, sua, seus, suas; dêle, dela, dêles, delas

*o* (reflexivo): seu, sua, seus, suas; dêle, dela, dêles, delas

*iandé* (incl.): nosso, nossa, nossos, nossas

*oré* (excl.): nosso, nossa, nossos, nossas

*pe*: vosso, vossa, vossos, vossas

*asé*: da gente

59. *Oré* é empregado nos casos em que “nosso” não inclui a pessoa ou as pessoas com quem se fala. Nos outros casos, *iandé*:

*iandé* = { “meu”                            “teu”                            “teu”  
              ou                  mais {        ou            oré = “nosso” menos {        e  
              “noso”                            “voso”                            “voso”

*iandé ygara*: nossa canoa (dizem entre si os donos da canoa).

*oré ygara*: nossa canoa (diz um ou vários donos da canoa a um ou vários que não o são).

*iandé r-uba*: nosso pai (dizem entre si os filhos do mesmo pai).

*oré r-uba*: nosso pai (diz o filho ou os filhos a quem não é seu irmão).

*Iandé* se permuta com *nhandé*, sobretudo antes de nasal (n. 18).

60. Quando “seu”, “sua”, “seus”, “suas” se referem ao sujeito, usa-se *o*:

Pindobuçu quebrou o *seu anzol* (de Pindobuçu mesmo) : *o pindá*  
 Pindobuçu quebrou o *seu anzol* (de Itajibá) : *i pindá*

Pindobuçu quer que Itajibá quebre o *seu anzol* (de Itajibá) :  
*o pindá*

Pindobuçu quer que Itajibá quebre o *seu anzol* (de Japi) : *i pindá*

*I* é possessivo relativo. *O*, possessivo reflexivo ou recorrente.

61. “Seu” referente ao sujeito da oração principal se verte por *o*, ainda que esteja em oração subordinada de sujeito diferente:

Japi quebrou o arco de Itajibá, porque (Japi) quebrou o *seu anzol* (de Japi mesmo) : *o pindá (sujeito idêntico)*

Japi quebrou o arco de Itajibá, porque Itajibá quebrou o *seu anzol* (de Japi) : *o pindá (sujeito diverso)*

Japi se zangou, porque Itajibá quebrou o *seu anzol* (de Japi) : *o pindá*

Japi se zangou, porque Itajibá quebrou o *seu anzol* (de Itajibá) :  
*o pindá*

Como se vê, há casos de ambigüidade, como em português.

Sobre *pe*, v. n. 29.

62. *I*, antes de outro *i* ou de *y*, recebe um *î* eufônico (n. 34) :

*i-î ygara*: a sua canoa

*i-î inî*: a sua rête

Mas *irû* “companheiro” não admite o possessivo *i*: *xe irû* meu companheiro, *nde irû* teu companheiro, *irû* o companheiro dèle, *o irû*, etc.

O *s* que se segue ao *i*, passa para *x* (n. 19) :

*sy*: mãe

*sama*: corda

*i xy*: a sua mãe

*i xama*: a sua corda

63. *I e o* servem para o singular e para o plural tanto do possuidor como da cousa possuída:

*i py, o py*: seu pé (dêle, dela, dêles, delas)  
seus pés (dêle, dela, dêles, delas)

64. *Asé* “da gente”, como em português, pode equivaler à 1.<sup>a</sup> p. pl.:

*asé anga*: a sombra da gente; a nossa sombra  
*asé nambi*: a orelha da gente; a nossa orelha

### EXERCÍCIOS

65.

|                |                      |                  |                    |
|----------------|----------------------|------------------|--------------------|
| <i>pó</i> :    | mão                  | <i>nhyā</i> :    | entranhas, coração |
| <i>py</i> :    | pé                   | <i>t-atá</i> :   | fogo               |
| <i>iybá</i> :  | braço                | <i>yby</i> :     | terra              |
| <i>py-sã</i> : | dedo do pé           | <i>nhū</i> :     | campo              |
| <i>po-ã</i> :  | dedo da mão          | <i>ybá</i> :     | fruto              |
| <i>âiura</i> : | pescoço              | <i>oiepé</i> :   | um                 |
| <i>tí</i> :    | nariz, focinho, bico | <i>mokôî</i> :   | dois               |
| <i>aba</i> :   | cabelo               | <i>mosapyr</i> : | três               |

66. *Xe pó. Xe py. Xe py-sã. I-î yby. Oré yboty' piranga. O tî piranga. Pirá o-gûe-ra-só* (levou) *oré pindá. T-atá o-s-apy* (queimou) *îandé po-ã. Pe nhū. O-gûe-r-ur* (trouxer) *irû. Asé aba. Nde kó. I-î ygara. Nde âiura. Oré âiura. Xe âiura. Pe âiura. I âiura. O âiura. Îandé âiura. Asé âiura. I iybá. I-î ybá. Pe nhyā. Pe mokôî pó. Mosapyr pindá. Oiepé ybotyra.*

67.

|               |                             |               |                  |
|---------------|-----------------------------|---------------|------------------|
| guerreiro:    | <i>gûarinî</i>              | faca:         | <i>kysé</i>      |
| chefe:        | <i>morubixaba</i>           | mato, planta: | <i>kaá</i>       |
| senhor, dono: | <i>îara</i>                 | fava:         | <i>kumandá</i>   |
| arco:         | <i>gûyrapara, ybyrapara</i> | feijão:       | <i>kumandá-î</i> |
| machado:      | <i>iy</i>                   | leite:        | <i>kamby</i>     |
| grande:       | <i>gûasu</i> (n. 99)        |               |                  |

68. Verter apenas o que está grifado:

A *vossa roça*. O *nosso parente* (meu e teu). João cortou o *seu* (próprio) pé. Caiu na *cabeça da gente*. Os *nossos campos* (não teus). P. roubou a *canoa dêle* (de J.). Traze o *meu machado grande*. Olha as *nossas belas flores* (nossas e vossas). Os *teus cabelos vermelhos*. A *vossa faca amarela*. O *nosso* (meu e teu) céu azul. Os chefes chamaram os *seus dois guerreiros* e mandaram que êles trouxessem os *seus arcos* (dêles dois). Os meninos tiraram com suas mãos o *leite dela* (da cabra). O *nosso senhor* pediu aos *seus guerreiros* que nos dessem o *seu feijão* (dêle). J. comeu as *suas favas* e os *seus frutos*. O guerreiro tomou o *seu machado* e cortou o *braço dêle* (de J.). *Meu senhor*, com *seus machados*, cortou os *braços dela*. O *companheiro dêle* me deu os *seus três arcos verdes*.

### BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 10v-12v; FIGUEIRA 66, 69, 80, 83-84; MONTOYA 4-5; 40-42; RESTIVO 23-24; 115-116; 118; CAETANO 10-11; ADAM 21-26; L. BARBOSA 170.

## DEMONSTRATIVOS

69. Distinguem-se conforme a *proximidade* e a *visibilidade*:

este, esta, êstes, estas, isto; eis aqui, eis que já:

kó ou *ikó* (cousa ou ação que se esteja vendo)

ã, *anga*, *ang*; *iã*, *ianga*, *iang* (cousa que se veja ou não)

esse, -a, -es, -as, -o; aquêle, -a, -es, -as, -o; eis aí ou lá:

*kûeia*, *kûeî*, *kûé*

*ebo-kûeia*, *ebo-kûeî*, *ebo-kûé*

*ebo-uïng*, *ebo-uï*, *eb-uï*, *e-guï*, *e-uï*, *uï*

*a-îpó*

*a-é*

*a-kó*

*a-kûeia*, *a-kûeî*, *a-kûé*

= que se está vendo

*ebo-uïng*, *ebo-uï*, *eb-uï*, *e-guï*, *e-uï*, *uï*

= que não se está vendo

70. Note-se a evidência de dois prefixos, *a-* para as cousas que não estão à vista, e *ebo-* para o que está próximo do interlocutor, correspondente a “esse”, etc. O mesmo prefixo *ebo-* figura em *eb-apó* “aí”, *eb-anõi* “da banda daí”, e, nasalizado, em *emo-nã* “dessa maneira” (cpr. *nã* “desta maneira”).

71. As formas terminadas em *a* átono são preferidas como “pronomes”. Nesta função, a tôdas as demais formas se pode sufixar *-bae*, que apenas lhes reforça o sentido:

*kó-bae*, *ikó-bae*, *ã-bae*, etc.

72. Há ainda *aé*, *ahē*, *aōa* e *erika* “êsse mesmo, aquêle mesmo, -a, etc.”. Valem para ambos os gêneros e números. Excetua-se *ahē*, masculino e singular (só de h.); também significa “êste”.

73. A todos os demonstrativos se pode seguir *aé* “mesmo”:

*kó aé*: êste mesmo, *akó aé* ou *ak' aé*: aquêle mesmo, etc.

74. O substantivo, quando expresso, vem depois do demonstrativo:

*kó abá o-só, aípó-bae o-ur*: êste homem foi, aquêle veio

75. Os demonstrativos podem ter função adverbial: *a-iur ikó*: eis que vou (lit. eis que venho: modo de se despedir); *a-só ã aé*: eis que vou; *a-só iã*, *a-só-n' iã*, *a-só-n' ikó*: eis que vou; *pe-só uñ*: eis que vos ides; *a-só ã-ne*: eis que irei.

## PRONOMES PESSOAIS

76.

*eu*: *xe* (*ixé*)  
*tu*: *nde* (*endé*)  
 élle, ela: *i*

*nós*: *iandé* (incl.), *oré* (excl.)  
*vós*: *pe* (*peẽ*)  
 élles, elas: *i*

a gente: *asé*

As formas entre parênteses se usam quando o pronome não está seguido imediatamente de verbo predicativo.

Não há, propriamente, pronome pessoal da 3.<sup>a</sup> p. *I* é prefixo pessoal. *Aé*, *erika*, *aōa* e *ahē* são demonstrativos.

*Ahē* é masculino singular (só de h.); *aōa* é mais comum no plural:

*abá i marangatu; karaiba i angaipab*: os índios são bons; os brancos são maus; *aé i marangatu; aōa i angaipab*: élle (aquêle) é bom; aquêles (élles) são maus

## 77. é ou aé: mesmo

*ixé é, ixé aé, xe é, xe aé: eu mesmo, eu mesma  
endé é, endé aé, nde é, nde aé: tu mesmo, tu mesma  
aé aé: élle (aquele) mesmo, -a, -os, -as  
iandé é, iandé aé: nós mesmos, nós mesmas (incl.)  
oré é, oré aé: nós mesmos, nós mesmas (excl.)  
peē é, peē aé, pe é, pe aé: vós mesmos, vós mesmas*

## BIBLIOGRAFIA

**Demonstrativos** — VLB passim; FIGUEIRA 5, 85; MONTOYA 5; RESTIVO 26-28; CAETANO 70; ADAM 32-34; L. BARBOSA, *Nova Categoria* 67-74.

**Pronomes pessoais** — ANCHIETA 10v-12v; FIGUEIRA 66; 69; 80-84; MONTOYA 4-5; RESTIVO 23-25; 115-116; CAETANO 10-12; 70-71; ADAM 21-26; L. BARBOSA 170.

**É ou aé** — ANCHIETA 53v-54; FIGUEIRA 140; MONTOYA, *Tesoro* 17; RESTIVO 117-120.



## VERBOS PREDICATIVOS

78. Os verbos *ser* e *estar*, como verbos de ligação, não têm correspondentes em tupi. Junta-se simplesmente o pronome sujeito ao predicado. Este pode ser substantivo, adjetivo, pronome ou advérbio:

*xe marangatu*: eu (sou) bom      *iandé* ou *oré marangatu*: nós (somos) bons

*nde marangatu*: tu (és) bom      *pe marangatu*: vós (sois) bons  
*i marangatu*: êle (é) bom      *i marangatu*: êles (são) bons

Chamaremos “verbos predicativos” às palavras assim conjugadas.

79. Quando o predicado é um *adjetivo*: 1) vem depois do sujeito; 2) e se é paraxítono, perde a última vogal:

*piranga*: vermelho      *xe pirang*: sou (ou estou) vermelho

*angaȋpaba*: ruim      *i angaȋpab*: é ruim

*kagû-ara*: bebedor      *oré kagû-ar*: somos bebedores

80. Mas se o sujeito é um substantivo ou pronome da 3.<sup>a</sup> p., é mais comum pospor-se ao predicado:

*i aysó aé*: êle (aquele) é bonito

*i pirang ahē*: êle é vermelho

81. Quando o complemento predicativo é um substantivo ou advérbio, 1) pode vir antes ou depois, preferivelmente antes; 2) não perde nunca a vogal átona:

*Ypiranga aipó-bae y-ekó-aba*: é o Ipiranga aquêle riacho

82. Se o predicado vem antes do sujeito, o pronome toma as formas *ixé*, *endé*, *peé* (n. 76). Nas outras pessoas, nenhuma diferença:

*abá ixé*: sou índio; *kunhã endé*: és mulher; *morubixaba peē*: sois chefes; *kunhã iandé*: somos mulheres

83. Se o predicado vem depois do sujeito, as formas *ixé*, *endé*, *peē* são facultativas:

*xe kurumĩ* ou *ixé kurumĩ*: sou menino

84. O prefixo pessoal da 3.<sup>a</sup> p. é imprescindível antes do predicado, embora o sujeito seja substantivo ou pronome expresso:

*y i pirang*: o rio é vermelho; *y piranga i puku*: o rio vermelho é comprido; *i pirang Ypiranga*: o Ipiranga é vermelho

85. Mas nunca se usa quando o predicado é substantivo ou advérbio:

*abá*: (ele) é índio; *soó*: são bichos; *emonã*: é assim, dessa maneira; *kunhã ebokûeia*: essas são mulheres; *paka soó* ou melhor *soó paka*: a paca é bicho; *Tatamirĩ abá* ou melhor *abá Tatamirĩ*: Tatamirim é índio

86. Os verbais formados com o sufixo *(s)ara* e os nomes de profissões portam-se indiferentemente como substantivos ou como adjetivos:

é chefe: *morubixaba endé* ou *endé morubixab* ou *nde morubixab* ou *endé morubixaba* ou *nde morubixaba*; êles são comedores de ossadas: *reri-gû-ara* ou *reri-gû-ar* ou *i reri-gû-ar aé*

87. Os verbais que começam pelo prefixo *poro-* (n. 380) mudam-no para *moro-* ou *mboro-*:

*poro-mbo-é-sara*: mestre; *moro-mbo-é-sara ixé*, *xe moro-mbo-é-sar*, etc.: eu sou mestre

88. Dão-se vários metaplasmos (n. 19 e 35):

*i-î aeté*: êle é finíssimo; *i xym*: é liso

Sobre uma locução sucedânea do verbo “ser”, v. n. 888.

### Irregularidades

89. Os mesmos adjetivos de *t-* ou *s-* móveis (n. 50): 1) têm *s-* como prefixo da 3.<sup>a</sup> p.; 2) levam *r-* nas outras pessoas, após o pronome:

**oby**: azul, verde

*xe r-oby*: sou azul    *îandé* ou *oré r-oby*: somos azuis

*nde r-oby*: és azul    *pe r-oby*: sois azuis

*s-oby*: é azul    *s-oby*: são azuis

*t-oby*: azul (gente)    *s-oby*: azul (cousa)

*asé r-oby*: a gente é azul

*s-oby ybaka* ou *ybaka s-oby*: o céu é azul

*s-aî ybá* ou *ybá s-aî*: a fruta está azêda

90. Nos qualificativos *tinga*, *tininga*, *tuâ-bae*, *tunhá-bae*, *tekó-kuaba*, *taigaiba*, *syma*, o *t* e o *s* fazem parte do tema (n. 51). Seguem *marangatu* (n. 78). Também os adjetivos tirados do infinito de verbos intransitivos (n. 52).

91. *T-ynysema* “cheio” segue *t-oby*, mas na 3.<sup>a</sup> p., em lugar de *s*, leva *t*:

*xe, nde, îandé, oré, asé r-ynysem*: sou, és, somos, a gente é cheio  
-a, etc.

*pe r-ynysem*: sois cheios, -as

*t-ynysem*: é cheio, -a; são cheios, -as

*y t-ynysem*: o rio está cheio

Sobre *t-urusu*; v. n. 99.

### EXERCÍCIOS

92.

*inî*: rête (de dormir)    *roba*: amargo

*akaīu*: caju  
*marakuīá*: maracujá  
*kyrá*: gordo  
*angaibara*: magro  
*kyá*: sujo  
*asy (s) (xe)*: doer  
*maraá'-bora*: doente  
*aiba*: ruim; intransitável  
*poxy*: nojento  
*poxy-aiba*: feio  
*abaité*: medonho

*eē (s)*: sárido (doce ou salgado)  
*aruru*: tristonho  
*por-ausub-ara*: compassivo  
*nhe-ran-eyma*: cordato  
*osanga (t)*: paciente  
*angaīpaba*: mau, ruim  
*katu*: bom  
*angaturama, marangatu*: bom  
*aysó*: formoso  
*aeté*: ótimo  
*matueté*: ótimo

93. Por afinidade, *aiba* “ruim (físicamente), estragado, impraticável” e *poxy* “nojento” tomam o sentido de “mau (moralmente)”. *Poxy* também o de “feio”.

94. *Eē (s)* “que tem sabor”, seja doce ou salgado (contrário de “insípido”): *y eē* água salgada (do mar); *ybá eē* fruta doce; *pirá eē* peixe salgado.

95. Certos verbos, transitivos ou relativos em português, são predicativos em tupi. Assim *xe maenduar, nde maenduar, i maenduar*, etc. eu me lembro, tu te lembras, etc. (Cfr. latim “memor sum”); *xe r-asy, nde r-asy, s-asy*, etc.: dói-me, dói-te, dói-lhe (lit. sou dolorido, és dolorido, etc.).

96. *Aipó abá i kyrá, kó-bae i angabar. Nde porang, ahē i poxy. Oré marangatu; pe angaīpab. Marakuīá s-eē; akaīu i rob. Aipó kunhā angaibara i angaturam. I-i aeté ikó nde iy puku. I kyá kó inī. Maraá'-bora i aruru. S-asy i akanga. Ebokûei y i aib. Xe por-ausub-ar. Nde r-osang. I nhe-ran-eym. Oré katu. Pe matueté. I aysó aipó yboty' iuba. Paîé i abaité. I poxy-aib ikó kunumī.*

97.

cachoeira: *ytu*  
 lua: *iāsy*  
 carne: *oó (s)*  
 barata: *arabé*

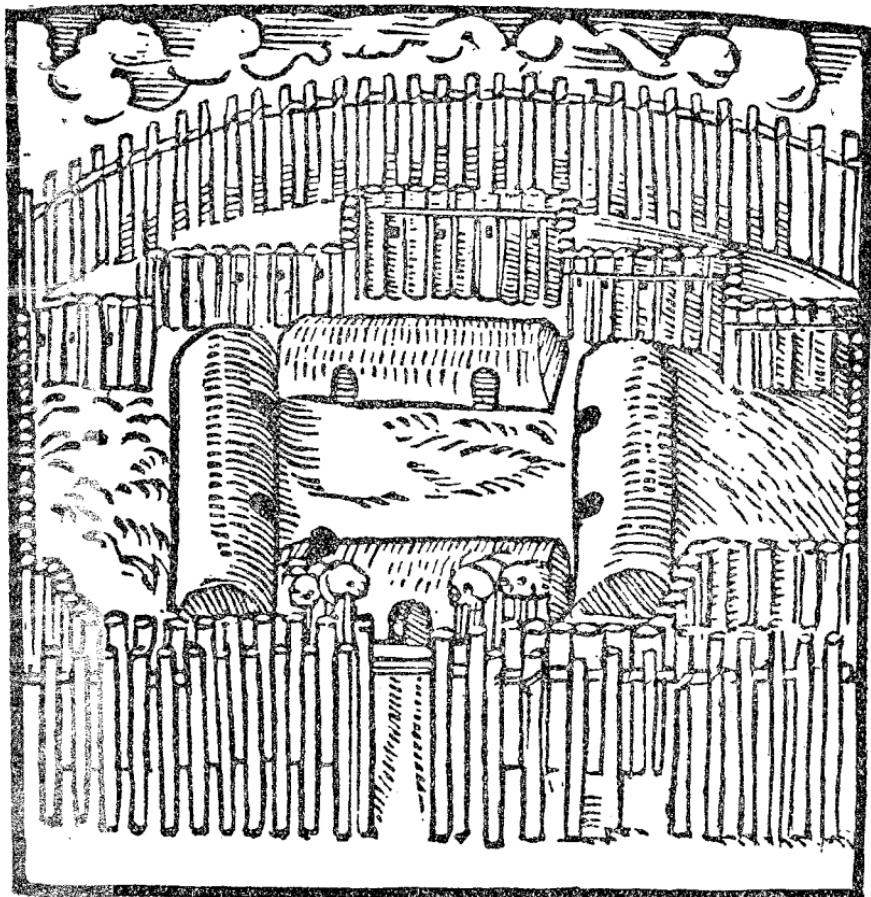
quente: *akuba (t)*  
 redondo: *apûã*  
 forte, duro, firme: *atā (t)*  
 rijo: *iyka*

98. Eu sou índio. Ela é mulher. Tu és pajé. Ele é bebedor. Eu sou chefe. Nós somos guerreiros. Vós sois bonitos. Ele é vermelho. Nossa chefe é bom. A pedra é alta. Vossa canoa é comprida. Eu sou bom chefe. Güiraguaçu é um chefe forte. Os nossos guerreiros são imprestáveis. A lua é redonda. A cachoeira é redonda. A

cachoeira é branca. Os montes são altos. A barata é chata. O céu é azul. A árvore é firme. A carne (*s-oó*) está rija. O fogo é quente. Esta fruta amarela é amarga. Aquela fruta vermelha é doce. Aquela minha fruta preta está azeda. Aquela cachoeira alta é bonita. Esta minha flor é bonita. Aquela é feia.

### BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 20-21; 38; 46-47v.; FIGUEIRA 36-53; 65-68; VLB 390; MONTOYA 46-50; RESTIVO 42-44; 46-47; CAETANO 10-11; ADAM 38-39; 78-81; L. BARBOSA 170.



Aldeia tupi (THEVET)

## GRAUS DO SUBSTANTIVO

## AUMENTATIVO

99. “Grande” traduz-se por *t-urusu*, que só é usado quando se trata da 3.<sup>a</sup> p. A 1.<sup>a</sup> e a 2.<sup>a</sup> se servem de *s-eburusu*, que é comum também à 3.<sup>a</sup>. *S-eburusu* segue *t-oby* (n. 89):

|                                  |  |
|----------------------------------|--|
| <i>xe r-eburusu</i> : sou grande | <i>iandé</i> ou <i>oré r-eburusu</i> : somos grandes |
| <i>nde r-eburusu</i> : és grande | <i>pe r-eburusu</i> : sois grandes                   |
| <i>s-eburusu</i> : é grande      | <i>s-eburusu</i> : são grandes                       |

100. Mas o sufixo aumentativo é *gûasu* para os nomes acabados em vogal tônica, e *usu* para os outros. Os paroxítonos perdem a última vogal:

|                                   |                                       |
|-----------------------------------|---------------------------------------|
| <i>kurumi</i> : menino            | <i>kurumi-gûasu</i> : moço            |
| <i>paranã</i> : rio volumoso, mar | <i>paranã-gûasu</i> : oceano          |
| <i>y</i> : rio                    | <i>y-gûasu</i> : rio grande           |
| <i>mboiâ</i> : cobra              | <i>mboi'-usu</i> : cobra grande       |
| <i>iararaka</i> : jararaca        | <i>iararak'-usu</i> : jararaca grande |

101. *S-eburusu* e *gûasu* incluem a idéia de “grande e grosso”. Com adjetivos e verbos, *gûasu* (ou *usu*) significa “muito”; com os verbos transitivos, faz de objeto; com os intransitivos, de sujeito:

|                                   |                                     |
|-----------------------------------|-------------------------------------|
| <i>a-r-ur-usu</i> : trouxe muitos | <i>o-ur-usu</i> : vieram muitos     |
| <i>a-peb-usu</i> : achatadão      | <i>ran-usu</i> : grosseirão         |
| <i>a-sang-usu</i> : rechonchudão  | <i>o-îabab-usu</i> : fugiram muitos |

Ocorrem formas como estas: *a-peb-usu-gûasu* achatação, *a-sang-usu-gûasu* rechonchudão.

O aumentativo entra em numerosas alcunhas.

## DIMINUTIVO

102. “Pequeno” é *miri*, *ĩ* ou *i*. *ĩ* e *i* são sufixos. *Miri* é também adjetivo:

*pirá*: peixe  
*âiura*: pescoço  
*pitanga*: criança  
*kumandá*: fava

*pirá miri*, *pirá-i*: peixinho  
*âiur-ĩ*, *anhur-ĩ*: pescocinho, colo  
*pitang-ĩ*: criancinha  
*kumandá-i*: feijão

O sufixo modifica também adjetivos:

*a-sang-ĩ*: rechonchudinho      *a-peb-ĩ*: achatação

Significam também “pequeno, miúdo”: *ayrĩ* (*t*), *isĩ* (*t*). Seguem *oby* (*t*).

## PARTÍCULAS EXPLETIVAS

103. Há duas principais: *-ne* e *rá*, esta de raro uso em separado:

*kó-ne aé xe r-embi-ekara*: é isto o que procuro  
*mbaé-pe?* *Kó-ne*: o que? Isto

104. Unem-se com os demonstrativos *akó*, *aé*, *iã*, *ikó*, *ak'* *aé*, com o advérbio *ipó*, etc.:

*n' akó*, *n' aé*, *n' iã*, *n' ikó*, *n' ipó*, *n' ip' aé*, *r' akó*, *r' aé*, *r' ak' aé*, que também são partículas demonstrativas de realce (exceto *n' ipó* e *n' ip' aé*)

105. A partícula se pospõe ao membro da oração que se quer fazer sobressair:

*ahẽ-n' akó i angaturam bê-ĩ* (VLB 285): aquêle em todo caso é um pouquinho melhor; *ikó aoba-n' iã aûn-é katu tenhé* (VLB 339): este vestido é muito bom; *iké-ndûara-n' ikó* (VLB 339): este é daqui;

*anhé-n' akó* (VLB 116) : assim é; *yby anhó-n' ipó asé r-oó?* (AR. 47) : é acaso só terra a nossa carne?; *ixé r' akó* ou *ixé r' ak'* aé (VLB 214) : eu era (aquele)

## EXERCÍCIOS

106.

*ybyty-gûaîa*: vale  
*yby-peba*: vargem  
*kûara*: toca, cova  
*mundé*: armadilha

*tapiti*: coelho  
*peyba*: trilhado  
*kûá-gûasu*: grosso e roliço  
*ubixaba* (*t*): enorme

107. Há alguma confusão entre "rio" e "mar". No guarani "mar" é *pará*, "rio" *y ou*, quando volumoso, *paranã*. No tupi, "mar" é *paranã* e "rio" *y ou* *y-gûasu*. Os vocabulários não mencionam *pará* no tupi, mas pelos nomes geográficos vê-se que tanto *paranã* como *pará* foram empregados para designar o mar e os rios mais caudalosos.

108. *I a-peb-usu n' akó kururu. S-ubixab n' akó ybyty-gûaîa. Yby-peb-usu n'ikó. I peyb n' akó tapiti kûara* (VLB 388). *S-ubixab-usu n' ikó ybyrá. I a-sang-usu-gûasu n' ikó pe irû. I a-sang-í kó pitang-í. I aib-ne y-gûasu. S-eburusu r' akó nde mundé. I aib xe mundé-gûasu. I kuá-gûasu-ne aípó ybyrá una. Nde r-ubixab; ixé, xe mirí. I katu n' akó nde iy mirí. Nde iy-gûasu i aib.*

109.

regato: *y-ekó-aba*  
 espigão: *api-pema*

tacape: *ybyrá-pema*  
 ladeira: *yby-ama*

110. O mar é grande. O regato é pequeno. Teu nariz é pequeno. Orelha grande. Tua orelha é grande; a minha é pequena. Teu irmão é "orelha grande". Passarinho. Teus pés são pequenos. Eu sou pequeno; tu és grande. Aquêle pau é achatado. Meu tacape é grosseirão. Este homem é rechonchudo. Aquela criança é achatinha. Aquêle teu machadinho está ruim. É enorme esse homem. É uma ladeira enorme aquela. É achatadão aquêle espigão.

## BIBLIOGRAFIA

Aumentativo — ANCHIETA 13-13v; FIGUEIRA 80; RESTIVO 19-20.

Diminutivo — ANCHIETA 54; FIGUEIRA 140; MONTOYA 7; RESTIVO 21; ECKART 8.

Partículas de realce — ANCHIETA 57v; VLB passim; MONTOYA 19; RESTIVO 113-114; 202-214.

## LICÃO 10.<sup>a</sup>

### VERBOS

111. Há duas conjugações: 1.<sup>a</sup>) verbos de pronomes pacientes *xe*, *nde*, *i*, etc.; 2.<sup>a</sup>) de prefixos ou pronomes agentes *a-*, *ere-*, *o-*, etc.

Correspondem aos dois tipos de frases: equacionais e narrativas.

112. Já conhecida a primeira (n. 78), eis o paradigma da segunda:

*bebé*: voar

|                      |                   |                        |
|----------------------|-------------------|------------------------|
| ( <i>xe, ixé</i> )   | <i>a-bebé</i> :   | voei, vôo              |
| ( <i>nde, endé</i> ) | <i>ere-bebé</i> : | voaste, voas           |
|                      | <i>o-bebé</i> :   | voou, voa              |
| ( <i>iandé</i> )     | <i>ia-bebé</i> :  | voamos, voamos (incl.) |
| ( <i>oré</i> )       | <i>oro-bebé</i> : | voamos, voamos (excl.) |
| ( <i>peē</i> )       | <i>pe-bebé</i> :  | voastes, voais         |
|                      | <i>o-bebé</i> :   | voaram, voam           |

Os pronomes entre parênteses só aparecem quando se quer dar maior realce ao sujeito. Os prefixos *a-*, *ere-*, *o-*, etc. são, em geral, imprescindíveis.

Obs.: 1. *ia-* é inclusivo, *oro-* exclusivo (n. 59). Antes de sílaba nasal, *ia-* se torna *nha-* (n. 18).

2. Quando o tema do verbo começa por *i* ou *u* pré-tônicos, estas vogais podem semivocalizar-se, formando ditongo com a vogal do prefixo pessoal (n. 17 OBS. 2). Não sendo fenômeno claro nem constante, não se indica na escrita.

## TEMPOS DO VERBO

113. O verbo tupi não conhece a noção de tempo: exprime apenas um processo ou ação (ou uma equação, se o verbo é predicativo). Na sua forma geral, o indicativo aplica-se a qualquer tempo. É mais comum traduzir pelo passado. O futuro, como em nossa linguagem familiar ("eu vou e trago-o"), pode ser expresso pela forma geral. Quando o futuro implica *resolução* ou *desejo* de quem fala, confunde-se com o modo deliberativo ou permissivo. É usada também a partícula *-ne*, quando há uma *expectativa* de quem fala:

### FUTURO

#### PRIMEIRA CONJUGAÇÃO

|                            |                             |
|----------------------------|-----------------------------|
| <i>xe maenduar-ne</i> :    | eu me lembrarei             |
| <i>nde maenduar-ne</i> :   | tu te lembrarás             |
| <i>i maenduar-ne</i> :     | ele se lembrará             |
| <i>iandé maenduar-ne</i> : | nós nos lembraremos (incl.) |
| <i>oré maenduar-ne</i> :   | nós nos lembraremos (excl.) |
| <i>pe maenduar-ne</i> :    | vós vos lembrareis          |
| <i>i maenduar-ne</i> :     | elos se lembrarão           |

#### SEGUNDA CONJUGAÇÃO

|                      |                  |
|----------------------|------------------|
| <i>a-bebé-ne</i> :   | voarei           |
| <i>ere-bebé-ne</i> : | voarás           |
| <i>o-bebé-ne</i> :   | ele voará        |
| <i>ia-bebé-ne</i> :  | voaremos (incl.) |
| <i>oro-bebé-ne</i> : | voaremos (excl.) |
| <i>pe-bebé-ne</i> :  | voareis          |
| <i>o-bebé-ne</i> :   | voarão           |

*i marangatu-ne*: ele será bom; *emonã-ne*: será assim; *xe r-osang-ne*: serei paciente; *ixé-ne*: serei eu

Alguns autores costumam registrar o *i* eufônico (n. 20) entre o tema terminado em consoante e a partícula *-ne*: *xe maenduar-i-ne*.

A partícula *-ne* ocupa sempre o fim do período:

*kori ere-ikó xe r-oryp-á'-pe xe pyr-i-ne* (Ar. 91): hoje estarás junto de mim no meu lugar de felicidade

Não há outros tempos. Em vez da categoria de "tempo", desenvolveu-se mais em tupi a de "aspecto", que exprime as modalidades do processo verbal, e não o momento em que se verifica o processo (v. n. 1021).

## EXERCÍCIOS

## 114. Conjugar no futuro:

|                      |                    |
|----------------------|--------------------|
| îuká: matar          | s-eiar: deixar     |
| ker: dormir          | sem: sair          |
| manó: morrer         | s-endub: ouvir     |
| nheeng: falar        | s-enôî: chamar     |
| pab: acabar-se       | s-epiak: ver       |
| pak: acordar         | só: ir             |
| pytá: ficar          | ytab: nadar        |
| kaî: pegar fogo      | nhan: correr       |
| pirang: ser vermelho | rem: ser fedorento |

## ORDEM DAS ORAÇÕES SIMPLES

115. O sujeito pode vir antes ou depois do predicado, mas o prefixo agente precede sempre o verbo. O objeto direto, se é substantivo, vem depois do verbo, mas são possíveis outras colocações, desde que não se prejudique a clareza:

Pindobuçu viu o mar: *Pindobusu o-s-epiak paranã* ou *Pindobusu paranã o-s-epiak* ou *paranã Pindobusu o-s-epiak* ou *o-s-epiak paranã Pindobusu*

116. O objeto pode-se colocar entre o prefixo agente e o verbo:

matei uma mósca: *a-mberu-îuká*; matou uma mósca: *o-mberu-îuká*

117. Neste caso, se é substantivo paroxítono, diante de consoante ou semivogal perde a última sílaba; diante de vogal perde a última vogal (n. 16):

matou uma onça: *o-iagûá'-îuká* (*iagûara*, onça); arrancou cabelos: *o-ab'-ok* (*aba*: cabelo; *ok*: arrancai)

118. O objeto indireto e os outros complementos têm a mesma variedade de colocação do português. Evita-se, porém, colocá-lo entre o verbo e o objeto direto.

## PRONOMES OBJETIVOS

119. Sempre que o substantivo que é objeto direto não está entre o prefixo agente e o verbo, nesse lugar deve ficar o pronome objetivo da 3.<sup>a</sup> p.

120. Este é quase sempre *i* (ou *î* após vogal):

apanhou um machado: *o-îy-pysyk* ou *o-î-pysyk* *îy* ou  
*îy o-î-pysyk*

quero pedras: *a-î-potar* *itá* ou *itá a-î-potar* ou *a-itá-potar*

121. Antes de muitos verbos começados por vogal, é *s*, em vez de *i*:

viste o mar: *ere-paranã-epiak* ou *ere-s-epiak* *paranã* ou *paranã ere-s-epiak*

ouvi uma voz: *a-nheeng-endub* ou *a-s-endub* *nheenga* ou *nheenga a-s-endub*

122. Com os verbos monossilábicos, é *îo-* (*nho-*, antes de nasal):

escondemos frutas: *oro-ybá-mim* ou *oro-nho-mim* *ybá*, etc.

arrancaram as flechas: *o-uub-ok* ou *o-îo-ok* *uuba*, etc.

enterrastes as cabeças: *pe-akâ'-tym* ou *pe-nho-tym* *akanga*

123. Nas 3as. pp. o *îo-* não é de rigor:

enterrou a mulher: *o-nho-tym* *kunhã* ou *o-tym* *kunhã*

pilou o milho: *o-îo-sok* *abati* ou *o-sok* *abati*

124. Os verbos que começam por *r(o)-* ou *no-* não levam pronome objetivo da 3a. p.; na 1a. excl. pl. e nas 3as. pp. inserem *gûe-*:

**r-ekó:** ter

*a-r-ekó*: eu o tenho  
*ere-r-ekó*: tu o tens

**no-sem:** retirar

*a-no-sem*: eu o retiro  
*ere-no-sem*: tu o retiras

*o-gûe-r-ekó*: êle o tem  
*îa-r-ekó*: nós o temos  
*oro-gûe-r-ekó*: nós o temos  
*pe-r-ekó*: vós o tendes  
*o-gûe-r-ekó*: êles o têm

*o-gûe-no-sem*: êle o retira  
*îa-no-sem*: nós o retiramos  
*oro-gûe-no-sem*: nós o retiramos  
*pe-no-sem*: vós o retirais  
*o-gûe-no-sem*: êles o retiram

125. Esses verbos, quando o objeto está depois do pronome agente, levam mais um *e*:

*a-uub-e-r-ekó*, *ere-uub-e-r-ekó*, *o-uub-e-r-ekó*: tenho frechas, tens frechas, etc.

126. Raríssimos verbos transitivos irregulares não usam o pronome objetivo da 3.a p., embora levem prefixo agente: *a-é* “digo” (*é* “dizer”), *a-ú* “como” (*ú* “comer”). V. Lição 48.a.

127. O verbo *îuká* “matar” e outros começados por *î* perdem o pronome objetivo da 3a. p., quando precedidos de prefixos agentes:

*a-îuká*, *ere-îuká*, *o-îuká*, etc.: eu o mato, tu o matas, êle o mata, etc.

128. Em alguns vocabulários e gramáticas, os verbos transitivos aparecem com o pronome objetivo, como se êste fizesse parte do tema verbal. — Desta lição em diante, indicaremos entre parênteses o pronome objetivo, quando fôr *s* ou *îo*, dispensando-nos de fazê-lo quando fôr *i*.

## EXERCÍCIOS

129.

*t-obaîara*: inimigo (subst.)  
*kybyra*: irmão (de m.)  
*tutyra*: tio materno  
*akuti*: cutia  
*îepeaba*: lenha  
*amana*: chuva  
*kanhem*: sumir  
*mo-akuí*: enxugar (o úmido)  
*mo-kang*: enxugar (o molhado)  
*mo-akym*: molhar

*ygá-pema*: tacape  
*kûarasy*: sol  
*py-banga*: torto dos pés  
*areá*: aleijado (sola para cima)  
*py-teema*: id. (que pisa com a ponta do pé)  
*anama*: parente  
*r-ur*: trazer  
*ar*: apanhar  
*ú*: comer, beber  
*mim (nho)*: esconder

*mo-nguâ*: derrubar  
*ra-só*: levar  
*mo-nhang*: fazer

*amó... amó...*: um... outro...  
*gûá*: ptc suj. indet. 3.<sup>a</sup> p. pl.  
*pytá*: ficar

130. *Abá o-î-monhang o taba.* *Kurumî o-y-e-ra-só.* *Kunhã o-îepeab-ar.* *Îepeaba i tining.* *Amana o-î-mo-akym îepeaba.* *Kûarasy o-î-mo-akuí îepeaba.* *Kûarasy o-îepeá-mo-akuí.* *Ybytu o-î-mo-nguâ ybá.* *T-atá o-î-mo-kang aoba.* *T-obâara xe anama o-ûuká.* *Irû* (n. 62) *o-gûe-r-ekó uub-etá.* *Xe kybyra amó i py-teem, xe kybyra amó i py-bang.* *Xe tutyra i areá.* *O-kanhem xe iy.* *O-mim gûá nde ygapema-ne.* *O-gûe-r-ur gûá nde sy.* *Akuti o-ú akaíu.* *Ypek o-y-ú.* *Gûyratinga o-pirá-ú.* *O-pytá gûá-ne.*



Cenas de um acampamento de índios em expedição guerreira (DE BR)

131.

entrevado: *apara*  
 coxo: *par-ĩ*  
 coxear: *par-ĩ (xe)*  
 mudo: *nheeng-ú*, *nheeng-*  
       -*eyma*  
 comida: *mbi-ú*

surdo: *apysá-eyma*  
 veado: *siásu*  
 mais para cá: *kybõ*, *kybõ ngoty*  
 mais para lá: *amõ*, *amõ ngoty*  
 também: *abé*

132. A mulher apanha lenha seca, faz a comida. Os passarinhos comem a comida. Minha mãe escondeu o machado dela. Tu trouxeste o seu tacape. O veado comeu as frutas. Nós trouxemos o vosso companheiro. Eu vi muita lenha seca. A chuva molhou a lenha. Esconderam os nossos machados. Perdi (sumiu) o meu machado. Traze mais para cá êsse entrevado. Leva mais para lá êsse coxo. Ele é surdo. É mudo também.

### BIBLIOGRAFIA

**Verbos** — ANCHIETA 17v-22; FIGUEIRA 149-153; MONTOYA 13-18; RESTIVO 28-33; CAETANO 14-16; ADAM 40-42; 52-54; DALL'IGNA, *passim*; L. BARBOSA 171-173.

**Ordem das orações simples** — ANCHIETA 36-37; FIGUEIRA 87-89; MONTOYA 34-35; RESTIVO 74-75; CAETANO 86-87.

**Pronomes objetivos** — ANCHIETA 37v-40; FIGUEIRA 87-89; MONTOYA 38-40; RESTIVO 74-78; CAETANO 39-40; ADAM 40; L. BARBOSA, *Juká* 74-77.

## LIÇÃO 11.<sup>a</sup>

### PREPOSIÇÕES

133. Colocam-se depois da palavra que regem. São posposições.

#### 134. suí

- 1) “de” (proveniência e separação): *a-sem taba suí* (ANCH. 43): saí da aldeia; *a-î-peá i xuí*: apartei-o de sua mãe
- 2) “fora de”: *oro-ikó taba suí*: estamos fora da aldeia
- 3) “sem” (neg. de companhia), “e não”: *t' a-só nde suí-ne*: irei sem ti (e tu não); *ere-s-enõi xe r-uba xe sy suí*: chamaste a meu pai sem minha mãe
- 4) “para não”: *a-só nde r-epâak-a suí*: vou para não te ver
- 5) “(por causa) de”: *xe r-un t-atá-tinga suí* (VLB 177): estou negre de fumaça; *t-oryba suí a-popor* (VLB 385): salto de alegria
- 6) comparativo; v. n. 173 s.
- 7) “a” (raro): *o-kanhem ygara xe suí* (VLB 337): desapareceu-me a canoa; *s-asý xe akanga xe suí* (VLB 194): dói-me a cabeça

#### 135. r-upi

- 1) “por” (lugar): *oro-nhan yby r-upi*: corremos pelas terras
- 2) “conforme, segundo”: *pe-gûatá xe sy r-upi*: andais como minha mãe; *a-ikó-bé nde r-ekó r-upi*: vivo segundo a tua norma
- 3) “à medida que”, “enquanto”: *xe nheenga r-upi* (VLB 199): em eu falando
- 4) “com” (raro): *a-ikó kunhã r-upi* (ANCH 43v.): casei-me com a mulher

### 136. supé

- 1) “a, para” (dativo): *a-î-meeng nde r-uba supé*: dei-o a teu pai
- 2) “em busca de, buscar”: *e-îor nde r-uuba supé*: vem buscar tuas flechas
- 3) “contra”: *tapyyâa o-î'-ereb i xumarã supé*: os tapuias se voltaram contra os inimigos dêle; *a-nheeng nde r-uba supé* (FIG. 122): pelejei contra teu pai

### 137. koty (após nasal *ngoty*)

- 1) “para o lado de” (com v. de movimento): *iagûara o-só oka koty*: a onça foi para o lado da casa; *ebouï nde r-esá por-ausub-ara e-ro-bak oré koty* (Ar. 2): êsses teus olhos misericordiosos volve para o nosso lado
- 2) “para o lado de”, “ao ou do lado de” (v. de repouso). Menos usado: *okara koty*: do lado da rua; *Tupã T-uba... é-katu-aba koty s-en-i* (Ar. 3): está assentado à direita de Deus Pai

### 138. pupé

- 1) “em”: *ikó yby pupé* (Ar. 24): nesta terra; *oré taba pupé*: em nossa aldeia; *ara mosapyra pupé* (Ar. 3): no terceiro dia; *T-uba r-era pupé* (Ar. 1): em nome do Pai
- 2) “dentro”: *maraká pupé*: dentro do maracá; *a-ar nde ygara pupé* (ANCH. 40v.): embarco em (dentro de) tua canoa
- 3) “com” (dentro de alguma cousa): *o-ur ixé pupé*: veio comigo (p. ex. na canoa); *a-ar nde pupé* (ANCH. 40v.): embarco contigo; caio em teus costumes
- 4) “com” (instrumento): *o-îuká ygapema pupé*: matou-o com o tacape; *t-esâia pupé* (Ar. 137): com alegria
- 5) “entre, juntamente com”: *o-gûe-ra-só xe r-uuba o mbaé pupé*: levou minhas flechas entre seus objetos

OBS.: *i pupé* “junto com isso, com tudo isso, além disso”: *o-îuká o-ú i pupé*: mataram-no e ainda o comeram; *i pupé nd' ere-îabab-i-pe?*: e ainda não fugiste?, *abá byk-ag-ûer-eym-amo s-ekó pupé memé* (Ar. 4): juntamente com ser ela também virgem

### 139. r-esé ou rí

- 1) “por (causa de)”: *xe sy r-esé a-por-abyky*: trabalho por causa de minha mãe; *xe r-ory'-katu nde r-ura rí* (LÉRY 262): ale-gro-me muito por teres vindo; *nde xe r-ayra r-ausuba r-esé, ixé abé oro-ausub*: por amares a meus filhos, eu também te amo
- 2) “com” (companhia), v. n. 144 s.
- 3) prep. que rege muitos verbos e adjetivos relativos: *xe maenduar xe r-etama r-esé*: lembrei-me de minha terra; *o-mendar xe r-yke-ra r-esé*: casou-se com minha irmã; *e-Tupã-mo-ngetá oré i an-gaipá'-bae r-esé* (AR. 2): roga a Deus por nós, pecadores; *o nheenga o-ityk xe r-esé*: falou contra mim; *o-î'-epyk xe rí*: vin-garam-se de mim; *a-pó-ar ndé r-esé-ne* (FIG. 124): hei de te es-pancar; *a-ro-biar nde r-esé*: creio em ti; *nda xe ray'-potar-i ndé r-esé* (FIG. 124): não te quero ter por filho

### 140. -pe (após nasal -me)

- 1) “em” (lugar): *o-manó xe kó-pe*: morreu na minha roça; *oro-pytá Itá-pe*: ficamos em Itá
- 2) “a, para” (direção), “até”: *o-só Itá-pe*: foi a Itá; *pe-só oré kó-pe*: fostes a nossa roça; *t' ïa-só xe irũ-mo Nhoesembé-pe nhó-te* (VLB 117): vai comigo só até Ilhéus
- 3) “a, para” (dativo): *a-î-meeng itá nde r-uba-pe*: dei a pedra a teu pai
- 4) “por, em busca de”: *a-só nde r-uba-pe*: vou em busca de teu pai, trazê-lo
- 5) “por, porque”: *xe r-enôî-dag-ûé'-pe, a-îur*: venho por me terem chamado

### 141. Após nasal, a preposição é -me:

*nhũ-me*: no ou ao campo; *paranã-me*: no mar

### 142. Regidos de -pe, os paroxítonos perdem a última vogal. Tenha-se presente, entretanto, a eufonia (n. 20):

*oka*: casa, *ok-pe*: na casa; *anga*: abrigo, *ang-me*: ao abrigo; *nhâia*: fonte, *nhâî-me*: na fonte

Se a sílaba final átona é *ba*, cai. Se é *ma*, cai e há nasalização. Se é *na*, cai só a vogal:

*taba*: aldeia, *tá-pe*: na aldeia; *t-etama*: região, *t-etã-me*: na região; *koema*: manhã, *koẽ-me*: de manhã; *pytuna*: noite, *pytun-me*: de noite

143. Nas acepções 3) e 4), *-pe* não causa alteração aos paroxítonos. Mas pode nasalizar-se após oxítonos nasais:

*morubixaba-pe*: ao chefe

*sumarã-me*: ao inimigo

## CONNECTIVOS

144. A preposição “com” de (de companhia) se pode traduzir por *pabé*, *ndí*, *ndí-bé*, *r-esé*, *r-esé-bé*, *irũ-namo* ou *irũ-mo*.

No sujeito, estas preposições levam o verbo para o plural. Mas *irũ-namo* ou *irũ-mo* prefere o singular:

*pe-iur-pe xe sy ndí?*: viestes com minha mãe?; *oro-mará-monhang Taubisy r-esé* ou *ndí* (VLB 335): lutei com Taubici; *oro-îe-byr nde r-esé-bé*: voltei contigo; *xe-r-uba pabé oro-só* (VLB 269): fui com meu pai; *t' ia-só xe irũ-namo Nhoesembé-pe nhó-te* (VLB 117): vai comigo só até Ilhéus; *a-îe-byr nde sy irũ-namo*: voltei com tua mãe

145. Não há a conjunção “e”. Os substantivos e pronomes, quando estritamente necessário, se unem pelas preposições *pabé*, *ndí*, etc.:

*oro-só nde r-aiyra ndí*: fomos eu e tua filha; *a-s-epiak nde r-aiyra nde tutyra r-esé-bé*: vi tua filha e (com) teu tio

146. Substituem igualmente a conjunção os advérbios *bé*, *abé*, *-no*, *bé-no*, *abé-no* “também”, “mais”:

*o-sem kunhã kunumã abé*: saiu a mulher (e) o menino também  
Esses advérbios em geral se pospõem. Mas *-no* pode-se colocar no fim da frase (antes de *-ne*, no futuro):

t' a-r-ur amó t-e-mbi-ara, amó akang-ûera bé, muam-baba s...-no-ne: trarei, do combate, uns prisioneiros e umas cabeças

147. Os verbos e orações ligadas pela conjunção “e” ou 1 se justapõem simplesmente, ou 2) se servem de *bé*, *abé*, etc., ou 3) do gerúndio (n. 425):

vi-o e matei-o: *a-s-epiak*, *a-iuká* (lit. vi-o, matei-o); *a-s-epiak*, *a-iuká-bé* (lit. vi-o, matei-o também); *a-s-epiak*, *i iuká-bo* (lit. vi-o matando-o)

Mas v. n. 1060.

### EXERCÍCIOS

148.

|                   |                         |                                       |
|-------------------|-------------------------|---------------------------------------|
| <i>membrya</i> :  | filho, filha<br>(de m.) | <i>gûasem</i> [supé]: achar, chegar a |
| <i>upaba</i> :    | lago                    | <i>ar</i> : cair                      |
| <i>andyrá</i> :   | morcego                 | <i>kûab</i> : passar                  |
| <i>mandioka</i> : | mandioca                | <i>asab</i> (s): atravessar           |
| <i>koema</i> :    | manhã                   | <i>meeng</i> : dar                    |
| <i>karuka</i> :   | tarde                   | <i>karu</i> : comer (intr.)           |
| <i>pytuna</i> :   | noite                   | <i>ybaté</i> : alto (subst. e adj.)   |

149. *Y-ekó-aba o-ar y-gûasu-pe; y-gûasu o-ar paranã-me. Akuti o-i-pysyk akaîu o pô-pe. Ia-pytá kaá-pe. Nde sy ixé a-iuká. I nheenga a-s-endub maraká pûpé. O-gûe-ra-só mboia paîê supé. A-nheeng-endub. Akuti o-manô koë-me. Oro-ytab upá-pe; peë peë-ytab paranã-me. Gûyrá o-bebê ybaté koty. Kunhambeba o-ker pytun-me xe iní-me-ne. Xe membrya o-mendar ko gûariní r-esé-ne. Andyrá xe py o-i-pyter ko pytun-me. O-sem kûarasý. A-i-meeng xe gûyrapara nde membrya-pe. Koë-me oro-sem, nde membrya r-esé-bé, taba suí, oro-só upaba koty, oro-nhan nhû r-upi, ybytyra r-upi-bé, oro-ytab, oro-s-asab abé y-gûasu-no. Oro-só paîê r-esé xe membrya suí-ne. O-kanhem xe iní. A-gûasem nde iní supé, a-i-meeng nde sy-pe. Ypeka o-ú pirá, mandioka abé. Gûyrá o-ker ybyrá ybaté-pe.*

150.

canastra: *karamê(m)ûã*  
gambá: *sarigûé*

subir: *îe-upir*  
atirar-se: *nhe-mo-mbor*

bolsa do gambá: *sabé-aió*  
 quati: *kuati*  
 sombra: *anga*  
 brincar: *nhe-mo-saraí*  
 descer: *gûeiyb*

hoje: *îeí, oieí* (pass.), *kori* (fut.)  
 ontem: *kûesé*  
 amanhã: *oirã, oirandé*  
 aqui: *iké*  
 alguém: *amô abâ*

151. [Perdi] (Sumiu) o meu tacape e o meu machado. Eu encontrei teu machado dentro da nossa canastra. Nós saímos da taba ontem de tarde; atravessamos o lago; chegamos ao mar de noite, e voltamos hoje de manhã para a taba. Nossos companheiros saíram hoje e voltarão hoje mesmo (*kori-é*). Cunhambeba foi ontem de noite à minha taba, escondeu minha rême dentro da canastra dêle e atirou-a (*o-ityk*) ao mar. Por vossa causa passei por esta taba. Os meninos embarcaram comigo; as meninas embarcarão com Cunhambeba. Os passarinhos voam no céu; os peixes nadam no lago; o veado corre pelos campos. O gambá leva os seus filhos numa bolsa. O quati desceu da árvore, subiu na pedra [e] atirou-se à água. Os meninos brincam à sombra das árvores.

## BIBLIOGRAFIA

**Preposições** — ANCHIETA 40-46; FIGUEIRA 120-126; MONTOYA 70-76; RESTIVO 11-16; CAETANO 64-69; ADAM 29-32.

**Conectivos** — ANCHIETA 41-46; FIGUEIRA 123-148; MONTOYA 74-81; CAETANO 68.



Fabricação do fogo (STADEN)

LIÇÃO 12.

## GENITIVO

152. Para verter em tupi a idéia de posse, expressa em português pela preposição “de”, basta juntar os dois substantivos em ordem inversa à do português:

|                      |                   |                                 |
|----------------------|-------------------|---------------------------------|
| <i>gûyrá</i> : ave   | <i>pepó</i> : asa | <i>gûyrá pepó</i> : asa da ave  |
| <i>tyé</i> : canário | <i>tí</i> : bico  | <i>tyé tí</i> : bico do canário |

Como não há artigo, *gûyrá pepó* tanto significa “asa de ave”, como “a asa da ave”, etc.

153. Como em português, o processo serve para a posse propriamente dita *paié kysé* “a faca do pajé”; para a posse integrante (partes do sujeito): *paié pô* “a mão do pajé”; para a posse de relação (parentesco, etc.): *paié sy* “mãe do pajé”; para a posse de subjetividade: *paié sema* “a saída do pajé”

Neste CURSO diremos que o 1.º nome ou pronome está no “genitivo”

Os possessivos (n. 58) não são mais do que pronomes em genitivo: *kysé* “minha faca” (lit. a faca de mim); *nde pô* “tua mão” (lit. a mão de ti); *i xy* “a mãe dele”; *o sema* “a saída dele” (refl.).

154. Segue-se o mesmo processo para exprimir o complemento restritivo ou determinativo:

*abati uí*: farinha (*feita ou tirada*) de milho  
*itá y*: água (*tirada*) da pedra  
*(te)-sá-y*: água (*que sai*) dos olhos  
*itá nhaẽ*: prato (*feito*) de pedra

155. Dão-se vários metaplasmos (n. 15 s.) e as mesmas alterações dos qualificativos:

|                  |        |                 |             |                        |                |
|------------------|--------|-----------------|-------------|------------------------|----------------|
| <i>marana</i> :  | guerra | <i>irū</i> :    | companheiro | <i>maran-irū</i> :     | companheiro    |
| <i>kama</i> :    | seio   | <i>y</i> :      | líquido     | <i>de guerra</i>       |                |
| <i>îagûara</i> : | onça   | <i>akanga</i> : | cabeça      | <i>kamb-y</i> :        | leite          |
|                  |        | <i>pó</i> :     | mão         | <i>îagûar-akanga</i> : | cabeça de onça |
|                  |        |                 |             | <i>îagûá'-pó</i> :     | mão de onça    |

Isto, porém, só quando da junção dos dois substantivos surge uma terceira palavra, composta.

156. O adjetivo fica depois do substantivo correspondente:

asa preta de passarinho: *gûyrá pepó una*  
asa de passarinho preto: *gûyrá û' pepó*

Não é fácil estabelecer com precisão em que casos os dois elementos se devam escrever separados ou juntos. V. n. 15. Muitos substantivos aparentemente simples são compostos de genitivo.

## INTERROGATIVOS

157. Às perguntas junta-se uma partícula de interrogação; quase sempre *-pe*:

*a-só-pe?*: eu fui?; *ere-îuká-pe?*: tu o mataste?; *o-manó-pe-ne?*: morrerá?; *o-bebê-pe gûyrá?*: voou o passarinho?

A partícula se pospõe ao término sobre o qual recai a pergunta:

*xe iní-me ere-ker-pe?*: dormiste em minha rôde?; *xe iní-me-pe ere-ker?*: [foi] em minha rôde [que] dormiste?; *xe iní-me endé-pe ere-ker?*: [foste] tu [que] dormiste em minha rôde?

Se esse término for inseparável do seguinte, deixa-se a partícula para depois, ou, possivelmente, repete-se o término:

*xe só-reme-pe?*: quando eu fôr?; *ixé-pe xe îuká?*: mata-me a mim?; *nde-pe nde îuká?*: mataram-te a ti?

158. A partícula *-te* dá à interrogação um tom dubitativo, e mesmo negativo:

*ere-s-enõi-te-pe?*: pois o chamaste?; *pe-s-epiak-te-pe-ne?*: porventura o vereis?; *mbaé-te-pé?*: que causa pois?

Ocorre amiúde nas respostas interrogativas, comuns no idioma:

*a-só-te-pe ixé?* (ANCH. 36): eu fui? (= não fui)  
*abá-é-te-mo-p' aé?*: quem outro seria êle?

A consoante final da palavra anterior a *-pe* ou *-te* pode cair. Sem ser uma norma absoluta, é freqüente a queda de *b*, facultativa a de *r*, *m* e *n*, muita rara a de *k* e (*n*)*g*. Quando a consoante não cai, aparece um *i* ou *y* eufônico, ainda que não se escreva (n. 20).

159. Emprega-se também, mais rara que *-pe*, a interrogativa *hẽ*:

*marã-pe?*, *marã hẽ?*: como?; *mbaé-pe?*, *mbaé hẽ?*: que?

160. O advérbio *serã* “talvez, duvidosamente, acaso” serve também de interrogativa dubitativa:

*asé sy-ramo bé serã Tupã o sy mo-ingó-û?* (AR. 37): acaso Deus constituiu sua mãe como mãe nossa também?; *marã serã t-ur-eym-i?* (VLB 260): por que será que não vem?

Raramente, o próprio tom da voz dispensa a partícula.

OBS. Em numerosas línguas, tanto civilizadas como primitivas, há diferença de tom ou de estrutura entre dois tipos de interrogações: 1.<sup>º</sup> a pergunta de afirmação-negação, alternativa (*sim* ou *não?*), 2.<sup>º</sup> a pergunta de especificação (*quem?*, *quando?*, *como?*). Em português, p. ex., a pergunta do 1.<sup>º</sup> tipo pede elevação final de tom. A do 2.<sup>º</sup> tipo, queda de tom.

Cpr. 1.<sup>º</sup>) *O viajante já chegou?*

2.<sup>º</sup>) *Quem é que chegou?*

Alguns autores, para o 2.<sup>º</sup> tipo, usam o sinal reverso de interrogação (‘)

Em tupi, há ligeira diferença entre os dois tipos. Para ambos pode-se usar a partícula interrogativa *-pe*. Já as partículas *hẽ* e *serã* são mais comuns no 2.<sup>º</sup> tipo. — Ignora-se se havia diferença de tom.

161.

*abá?*: quem?  
*mbaé?*: que? qual? que cousa?  
*abá mbaé?*: de quem?  
*marã?*: que? como? quais? por que?  
*marã-namo?*: por que?  
*marã ngatu?*: como? de que maneira?  
*marã ngoty?*: aonde? para onde?  
*marã-bae?*: qual? de que espécie?  
*umã-bae?*: qual?  
*mbaé r-esé?*: por que?  
*mbaé-reme?*: em que hora?

*mamó?*: onde? aonde?  
*ebapó*: lá, aí  
*karuk-eme*: de tarde  
*kunhã-taï*: menina  
*piraûba*: dourado (peixe)  
*pé*: escama  
*okara*: praça  
*gûaîbî*: velha  
*por-anduba*: novidades  
*pé-ok*: escamar  
*marã-neme?*: em que hora?

162. Marã, com ou sem *-pe*, diz quem não entendeu bem: "que (disseste)? como?"

163. Umã-bae, em geral, vem sem substantivo. Mbaé, com ou sem *-pe*, ora modifica substantivos, ora não: *mbaé oka?* qual casa?, *mbaé?* que?, *umã-bae?* qual dêles?

164. *Abá-pe kó kunhã-taï?* *Aipó kunhã membyra n'ikó kunhã-taï.*  
*Umã-bae?* *Aipó kunhã angaibara.* *Mbaé kunhã angaibara?* *Marã-namo-pe ere-porandub?* — *Mamó-pe kûesé ere-ikó?* *Kûesé ebapó a-ikó.* *Mamó r-upi-pe ere-kûab?* *Iké r-upi.* *Mbaé-reme-pe?* *Pytun-me.* *Marã?* *Pytun-me.* — *Abá sy-p' ikó gûaîbî?* *Nde membyr' irû sy n'ikó gûaîbî.* — *Marã-bae pirá ere-s-epiak?* *Piraíuba.* *Mbaé?* *Piraíuba.* *Marã-bae pé-p' ikó?* *Piraíu' pé.* *Abá-pe o-i-pé-ok pirâuba?* *Ixé a-i-pé-ok.* *Marã-neme-pe?* *Kûesé, karuk-eme.* *Mamó-pe?* *Okar-pe.* *Abá ndí-bé-pe ere-i-pé-ok?* *Xe irû ndí-bé.* *Mbaé pupé-pe?* *Kysé pupé.* *Abá kysé pupé-pe?* *Xe kysé pupé.* *Marã ngatu-pe?* — *Abá mbaé-pe kó ygapema?* *Aipó gûaîbî membyra meny mbaé;* *o-s-eiar iké, karamêuã pupé.* *O-s-eiar serã, ko-ipó o-kanhem?* *Marã ngoty-pe i xó-û (foi)?* — *Abá mbaé kó iepeaba?* *Xe mbaé.* *Mbaé r-esé-pe ere-s-eiar iké, okar-pe?* *A-s-eiar-te-pe?* *Abá-é-te-pe o-s-eiar?* — *Marã-pe moranduba?* *Ixé-te-pe a-i-kuab?!*

165.

fruto, grão, semente: *á*  
árvore, pé: *yba*  
fruto, fruta: *ybá*

gostoso: é (s)  
pintado (quase maduro): *aûîé-paraba, û'-baraba*

|                                       |  |
|---------------------------------------|--|
| ananás: <i>naná</i>                   | feder: <i>nem (xe)</i>                             |
| ibiraigara: <i>ybyraygara</i> (árvt.) | cheirar, sentir [cheiro de] tr.<br><i>etun (s)</i> |
| casca (de árv.): <i>pé, ypé</i>       | dar flor, intr.: <i>potyr (xe)</i>                 |
| maduro: <i>aûié</i>                   | dar fruto, intr.: <i>á (xe)</i>                    |
| verde: <i>kyra</i>                    | descascar: <i>pé-ok</i>                            |
| de vez: <i>tyarô</i>                  | não: <i>aan</i>                                    |
| fétido, fedor: <i>nema</i>            | sim: <i>pá (h.)</i>                                |
| cheiroso: <i>yapûana (t)</i>          | já: <i>ym(û)ã, um(û)ã</i>                          |

166. Yba e á mais se usam em composição. Fora dela, *ybyrá* e *ybá*.

167. Ybotyra é composto de *yba* "pé" e *potyra* "flor". Não se usa, pois quando o nome da árvore já é composto de *yba* ou *ybyrá*: *kaburey' botyra* "flor de cabreúva". O mesmo se diga de *ypé*, composto de *yba* e *pé* "casca". *Ybá* compõe-se de *yba* e *á* "fruto, grão", mas pode figurar ao lado de *á*.

168. *Aûié* propriamente significa "bom, no ponto (de comer)". "Madure" também se traduz pela côn ou feição que toma cada fruta:

*iabotikaba i á un*: a jaboticaba está [com a] fruta preta; *i á ûú'-potyra ybá* (MONT. 198v): está querendo ficar amarela a fruta; *i á pub um marakuíá*: já está mole o maracujá

169. Umã, ymã, etc. depois do verbo equivale a "já"; antes, a "há tempos".

170. Vistes já uma flor? Sim. Vimos hoje no mato uma linda flor. Que flor vistes? Vimos uma linda flor de maracujá. Já cheiraste uma flor de maracujá? Sim. Há tempos cherei. É cheirosa? Não. — O cajueiro (*akaíu yba*) deu flores e frutos. Os seus frutos estão verdes. — O ananás é cheiroso, bonito e gostoso. — Esta fruta é cheirosa; aquela fede. Já sentiste o fedor daquela fruta? Qual? Aquela fruta preta. Como? Aquela fruta preta. — A flor do cajueiro é branca. Onde viste o cajueiro? Lá mesmo. — A flor do cajueiro caiu no poço. — Que flores vistes no mato? — Que casca é esta? É casca de ibiraigara. Quem descascou a ibiraigara? Eu [é que] a descasquei. Em que hora? Hoje, de manhã. Onde? Fora da praça. Com quem? Com um companheiro. Com que? Com o machado. Com o machado de quem? — Quais são as novidades?

## BIBLIOGRAFIA

**Genitivo** — ANCHIETA 9-9v; FIGUEIRA 6; MONTOYA 3; RESTIVO 12; ADAM 22-23; L. BARBOSA 179.

**Interrogativos** — ANCHIETA 24; 35v-36; FIGUEIRA 144; 127-133; 166; MONTOYA 69; RESTIVO 109-111; CAETANO 17; ADAM 36-37.

## GRAUS DO ADJETIVO

### SUPERLATIVO

171. Pospõe-se, ao adjetivo, *eté* ou *katu* “muito”:

*marangatu-eté*: muito bom; *porang-eté*: muito bonito; *katu-eté*: muito bom; *porã-ngatu*: muito bonito

*Eté* e seus compostos *eté-eté*, *eté-katu*, *'té-katu-nhé* “muitíssimo”, modificam também substantivos, advérbios e verbos:

*o-mbaé-kuab-eté*: êle sabe muito; *apiué-katu-eté*: muito longe; *o-ú-eté-eté ahē-bae*: fulano come demais; *ybotyr' yapuán-aib-eté*: flor muito fedorenta

Aos substantivos *eté* dá o sentido de valor, preciosidade, genuinidade, grandeza:

*abá-eté*: homem de valor, honrado; *iaguar-eté*: onça legítima, grande; *kaá-eté*: mata virgem; *yby-eté*: terra firme; *y-eté*: água boa (oposto de “salgada”) = água comum

Sobre a evolução de *eté* na época colonial, v. n. 1091.

172. *Rana*, oposto de *eté*, significa “semelhante, parecido, o que parece mas não é igual, pseudo”, e daí “mal feito, tosco, grosseiro”:

*abá rana*: cousa que parece (mas não é) homem; *Pindobusu rana Akangusu*: Akanguçu é parecido (apenas) com Pindobuçu; *xe*

*rana endé*: és parecido comigo; *uuba rana*: flecha mal feita, tôsca, que (mal) parece flecha; *gûyrapá'-ran-usu*: arco grosseirão

## COMPARATIVO

173. O conceito gramatical de comparativo era pouco conhecido. Desenvolveu-se mais sob a pressão das línguas européias.

174. Superioridade: O segundo término da comparação é regido da preposição *suí* ou *sosé* “acima de”. Ao primeiro término pode-se juntar *eté* “muito”, *bé* “mais”, *bé-i* ou *pyryb* “um pouco mais”, *pyryb-i* ou *pyryb-iô-te* “um pouquinho mais”:

*xe katu-eté nde suí* ou *xe katu nde suí* ou *nde sosé*: sou melhor que tu; *nde sosé ixé* (VLB 119): sou mais (alto, valente, etc.) do que tu; *nde r-aîyra marangatu-eté xe r-aîyra suí*: tua filha é melhor que a minha; *i xosé-mo n' ak' ixé r-eô* (VLB 296): melhor seria morrer eu; *i mo-mbeú-katu-pyr-amo ere-ikó kuhã suí* (AR. 2): bendita és mais do que as mulheres

175. Inferioridade: Não há. Supre-se, quando estritamente necessário, convertendo para superioridade:

minha filha é menos boa do que a tua: *nde r-aîyra i marangatu-eté xe r-aîyra suí* (*lit.*: tua filha é melhor que a minha)

176. Igualdade: Ao término de comparação pospõe-se *iá-bé* ou também *iá*, *iá-bé-nhé*, *iá-katu*, *iá-katn-nhé* “como, quanto, da mesma maneira que”:

*xe iá-bé s-eburusu*: é tão grande quanto eu; *nde r-aîyra i marangatu-eté xe r-aîyra iá-bé*: tua filha é tão boa quanto a minha

177. OBSERVAÇÕES. — Não há superlativo relativo. Supre-se com o comparativo de superioridade ou com o superlativo absoluto:

*taipiira sūasu abé s-eburusu-eté opá-katu soó sosé: a anta e o veado são os maiores de todos os animais; i porang-eté n' ikó ybyrá: esta árvore é muito bonita ou a mais bonita*

Da mesma forma, compararam-se as orações:

*o-mbaé-kuab-eté ixé suí: élle sabe mais do que eu; o-mbaé-kuab ixé iá-bé: élle sabe tanto como eu*

Sobre *gûasu* e *i* modificando adjetivos, v. nn. 101-102.

178. Com a locução *gûyr-i* “abaixo de”, formam-se vários comparativos correspondentes a “menor”, “menos”:

*xe gûyr-i bé* “menor do que eu, mais abaixo de mim”; *xe gûyr-i nhó-te*, id.; *xe gûyr-i pyryb-ĩ* “um pouquinho menor do que eu”.

“Menor em idade, mais moço” diz-se *gûyr-i-gûana* “o que está abaixo de” ou *aky-púer-i-gûana* (*t*) “o que está atrás de”. “Maior em idade, mais velho” diz-se *enotar-ûera* (*t*) “o da frente, o dianteiro”.

### EXERCÍCIOS

179.

*mboyma*: conta

*mo-atyr, mo-apûã*: amontoar

*kôia*: gêmeo, gêmeos

*kanga;akuí*: enxuto

*apûã* (*s*), *atyr*: montão,

*r-endyra*: irmã

monte

*pyryb*: um pouco mais

*opá, opá-katu*: todos, tôdas

180. Ndc *gûyr-i-gûana-pe* kó nde *r-endyra*? Aan. *Xe gûyr-i pyryb-ĩ nhote*. Nde *rana*. Kôia oré. I angaturam-eté *opá-katu xe r-endyra sosé*. Umâ-bae o-î-kuab-eté i xui? Abá-pe o-î-mo-atyr iké kó mboyma? Mamó-pe s-apûã? S-etá-pe mboyma? S-etá mboy' rana; oiepé mboymr-eté nhó-te. O-gûe-r-ur-pe bé amó-ne? O-gûe-r-ur bé amó mboymr-eté-ne? I-î aeté-pe? I matueté 'té-katu-nhê. Umâ-bae-pe i-î aeté: nde uí, kó-ipó xe uí? Nde uí i akuí pyryb-ĩ. Umâ-bae s-é-eté-eté?

181.

Mantiqueira: *Amandykyra*Tinharé: *Tinharé*

182. São altas as montanhas da tua terra (*r-etama*)? São muito altas. São muito mais altas do que as nossas, ou são pouco mais altas? São menos altas. As nossas são as mais altas de tôdas as montanhas? Não. A Mantiqueira é tão alta como as vossas mais altas serras. Qual é mais alto: o Tinharé ou a Mantiqueira? Qual flor é a mais bonita? A flor do maracujá é a mais bonita de tôdas as flores. É muito bonita a flor do maracujá. As flores do cajueiro são muito bonitas e cheirosas. A flor do cajueiro é a mais cheirosa das flores. O caju é muito gostoso; é mais gostoso que o maracujá. A flor do maracujá é mais bonita que a flor do cajueiro. A flor do cajueiro é mais cheirosa que a do maracujá. O ananás é mais gostoso que o caju e que o maracujá. O ananás é a mais gostosa de tôdas as frutas.

#### BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 43-43v; FIGUEIRA 79-80; 122; 123; ECKART 12; 15-16; MONTOYA 6-7; RESTIVO 20-21.

## CONJUGAÇÃO NEGATIVA

183. A conjugação negativa forma-se da afirmativa, juntando, antes do verbo, o prefixo *nda*, e, depois do verbo, o sufixo átono *-i* (depois de vogal, *î*).

*Nda* perde o *a* antes de vogal e de *î*, e perde o *d* antes de *nd*:

**bebé:** voar

*nd' a-bebé-î:* não voei  
*nd' ere-bebé-î:* não voaste  
*nd' o-bebé-î:* não voou  
*nd' ia-bebé-î:* não voámos  
*nd' oro-bebé-î:* não voámos  
*nda pe-bebé-î:* não voastes  
*nd' o-bebé-î:* não voaram

**maenduar:** lembrar-se

*nda xe maenduar-i:* não me lembrei  
*na nde maenduar-i:* não te lembraste  
*nd' i maenduar-i:* não se lembrou  
*nd' iandé maenduar-i:* não nos lembramos  
*nd' oré maenduar-i:* não nos lembra-  
*mos*  
*nda pe maenduar-i:* não vos lembra-  
*tes*  
*nd' i maenduar-i:* não se lembaram

**oby (t):** (ser) azul

*nda xe r-oby-î:* não sou azul  
*na nde r-oby-î:* não és azul  
*nda s-oby-î:* não é azul

*nd' iandé ou nd' oré r-oby-î:* não so-  
*mos azuis*  
*nda pe r-obv-î:* não sois azuis  
*nda s-oby-î:* não são azuis

*Nda* reduz-se a *n'* quando há *mb* na sílaba seguinte: *n'a-mbo-é-î* "não o ensino"; *n' ia-mbo-é-î* "não o ensinamos"; *n' o-mbo-é-î* "não o ensinou".

*N'* aparece também em outros casos, como *n'a-î-kuab-i*, *n' o-pyk-i*, etc.

Se o verbo acaba em ditongo decrescente, dispensa-se o sufixo *-i*:

*o-kaî*: pegou fogo

*nd' o-kaî*: não pegou fogo

Se acaba em *b*, esta consoante pode desaparecer:

*a-s-endub*: eu o ouvi

*nd' a-s-endub-i* ou *nd' a-s-endu-î*: não  
o ouvi

184. Quando o verbo é predicativo e o complemento é um substantivo, pronome, particípio ou advérbio, em vez de *-i* coloca-se *ruã* entre o sujeito e o complemento:

*nda itá ruã ixé*: não sou pedra; *nda soó ruã endé*: tu não és bicho; *nda paîé ruã ahê*: ele não é pajé; *nda ixé ruã*: não fui eu; *nda emonã ruã*: não foi (é) assim; *nda peê ruã pe-îuká*: não fostes vós que o matastes

Cfr., porém, n. 352.

185. Os nomes de profissões e os verbais (n. 86) admitem ou *-i* ou *ruã*:

não somos pajés: *nd' oré ruã paîé* ou *nd' oré paîé-î* ou *ndc paîé ruã oré*

não sou bebedor: *nda ixé ruã kagû-ara* ou *nda xe kagû-ar-i* ou *nda kagû-ar-i ixé* ou *nda kagû-ara ruã ixé*

## FUTURO

186. Acrescente-se *xó-ne* ou *xó-é-ne*:

*nd' a-bebé-î xó-é-ne*: não voarei

*nda xe maenduar-i xó-é-ne*:  
não me lembrei

*nd' ere-bebé-î xó-é-ne*: não voarás

*na nde maenduar-i xó-é-ne*:  
não te lembrarás

*nda xe r-oby-î xó-é-ne*: não serei azul

*na nde r-oby-î xó-é-ne*: não serás azul

o decrescente, dispensa-se

*kaí*: não pegou fogo

te pode desaparecer:

-endub-i ou *nd' a-s-endu-i*: não  
ouvi

ivo e o complemento é um  
ou advérbio, em vez de -i  
complemento:

*nda soó ruã endé*: tu não és  
ajé; *nda ixé ruã*: não fui eu;  
*da peẽ ruã pe-iuká*: não fostes

os verbais (n. 86) admitem

*baíê* ou *nd' oré paíê-i* ou *nda*

*igû-ara* ou *nda xe kagû-ar-i* ou  
*igû-ara ruã ixé*

O

*xó-é-ne*:

*nda xe maenduar-i xó-é-ne*:  
não me lembrarei  
*na nde maenduar-i xó-é-ne*:  
não te lembrarás

: não serei azul  
: não serás azul

*nd' i porang-i xó-ne*: não será bo  
aquelé não será pajé; *nda ixé ruã-i  
nda paíê-i xó oré-ne*: não seremos p  
não será assim; *nda ixé ruã-i xó-ne*:

187. Aos advérbios negativos  
-é-ne ou -i xó-ne:

*aan*: nunca: *aan-i xó-é-ne*: nunc  
nunca mais

### EXERCÍCIO

188.

*apûé-katu*: longe  
*aé-pe*: lá mesmo  
*mbegûé*: de vagar  
*eẽ*: sim (de m., em geral)  
*sé!*: interj. sei lá!  
*ypeka*: pato

189. *Ere-s-endub-pe gûyraponga sap*  
*ere-s-endub?* Sé! *Nd' ere-s-endub-i-p*  
*Nd' o-nheeng-i ikó gûyrá*. *Marã-nam*  
*Mbaé r-esé-pe nd' ere-ker-i xe ygara*  
*r-esé-pe nd' ere-i-potar-i?* Nde *yga*  
*Nd' ere-s-epiak-pe kó ypeka?* *Nda ypá*  
*Mbaé r-esé-pe nd' ere-iuká-i xó iag*  
*pe-karu-i xó-b-pe-ne?* *A-karu umã*.  
*amô*. *Gûyratinga o-ikó-bé ypá' r-em*

190

*jaboticaba*: *iabotikaba*  
*só*: *nhó, nhó-te*  
assim, sim: *aié, anhé*

não: *eama, eamaẽ* (de m.)

191. *Aan-i* vem muitas vêzes reforçado  
*aan-i r' akó*, *aan-i reá* (h.), *aan-i rei* (m.)

*nd' i porang-i xó-ne*: não será bonito; *nda paîé ruã-î xó-é aé-ne*: aquêle não será pajé; *nda ixé ruã-î xó-é paîé-ne*: não serei o pajé; *nda paîé-î xó oré-ne*: não seremos pajés; *nda emonã ruã-î xó-é-ne*: não será assim; *nda ixé ruã-î xó-ne*: não serei eu

187. Aos advérbios negativos acrescenta-se apenas *-i xó-é-ne* ou *-i xó-ne*:

*aan*: nunca; *aan-i xó-é-ne*: nunca há de ser; *aan-i xó koy-te-ne*: nunca mais

### EXERCÍCIOS

188.

*apûé-katu*: longe  
*aé-pe*: lá mesmo  
*mbegûé*: de vagar  
*eẽ*: sim (de m., em geral)  
*sé!*: interj. sei lá!  
*ypeka*: pato

*s-upi*, *s-upi-katu*: na verdade  
*-te*: senão, mas sim, mas  
*gûyraponga*: araponga  
*sapukaïa*: grito  
*ikó-bé*: viver  
*gûatá*: andar

189. *Ere-s-endub-pe gûyraponga sapukaïa?* Pá. *A-s-endub*. *Endé-pe ere-s-endub?* Sé! *Nd' ere-s-endub-i-pe?* *Nda gûyraponga ruã, abá-te*. *Nd' o-nheeng-i ikó gûyrá*. *Marã-namo-pe?* *Nda gûyrá ruã, andyrá-te*. *Mbaé r-esé-pe nd' ere-ker-i xe ygara pupé?* *Nd' a-î-potar-i*. *Mbaé r-esé-pe nd' ere-î-potar-i?* *Nde ygara pupé nd' oro-ker-i xó-é-ne*. *Nd' ere-s-epâk-pe kó ypeka?* *Nda ypeka ruã kó gûyrá, gûyratinga-te*. *Mbaé r-esé-pe nd' ere-îuká-i xó iagûara-ne?* O-îabab umã. *Nda pe-karu-î xó-é-pe-ne?* *A-karu umã*. *Mbaé hê pe-ú?* *A-ú ybá eẽ amó*. *Gûyratinga o-ikó-bé ypá' r-embé-y-pe* (às margens dos lagos).

190

*jaboticaba*: *iabotikaba*  
*só*: *nhó, nhó-te*  
*assim, sim*: *aié, anhé*  
*não*: *eama, eamaë* (de m.)

absolutamente não: *erimã*  
*ou*: *kó-ipó, kó-n'-ipó*  
*nada, não*: *aan-i*  
*de maneira nenhuma*: *aan angá-î*

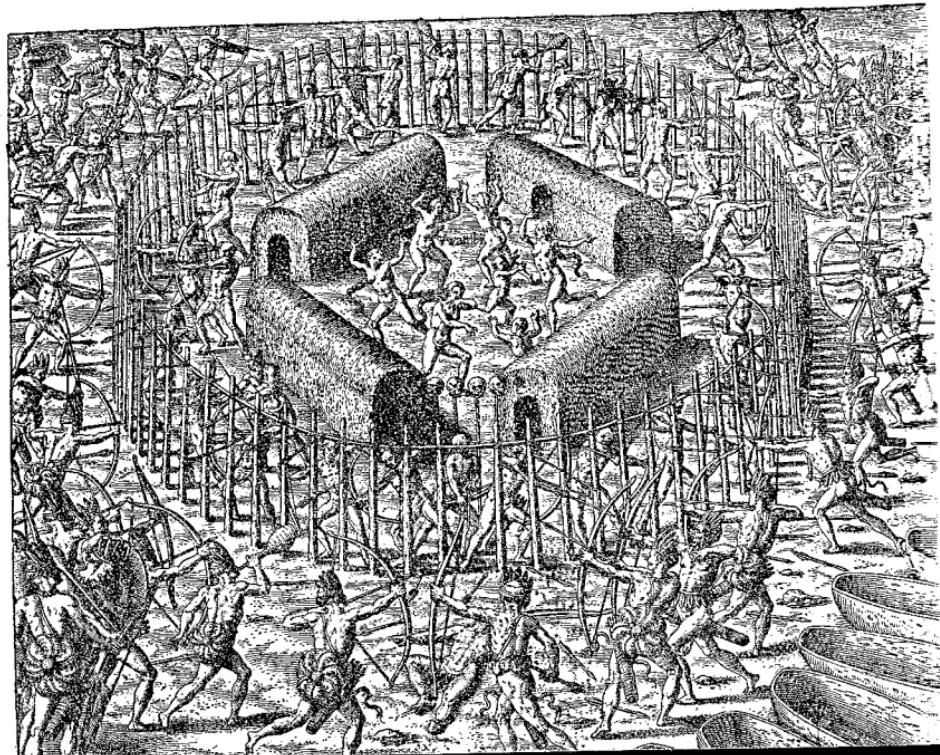
191. *Aan-i* vem muitas vezes reforçado por outras partículas: *aan-i nhé*, *aan-i r' akó*, *aan-i reá* (h.), *aan-i rei* (m.).

192. *Aié* ou *anhé* pode vir acompanhado de outras partículas como *r-aié*, *katu*, *r' akó*, *ipó*, *r'akó réa*, *reí*, *r'akó reí*. Ocorrem também os compostos *anhé-té*, *anhé-té-katu*, *anhé-té-katu-nhé*, *anhé-té-té-katu-nhé*.

Não viste minha mãe aqui? Sim. Eu a vi. Por onde fostes ao rio dos jacarés? Nós não fomos ao rio dos jacarés. Quem foi, pois? Não o sabeis? Não é amarga a fruta desta árvore? Sim: é amarga. Por que não comeste o caju? O caju é muito amargo. Que vistes dentro do maracá? Vimos umas pedrinhas apenas. Que ouvistes dentro dêle? Minha mãe ouviu uma voz. Tu que ouviste? Nada. De vagar não chegareis à taba dos vossos parentes. Que fruta é mais gostosa: a jaboticaba ou o ananás? A jaboticaba. Não é a jaboticaba, mas sim o ananás a mais gostosa de tôdas as frutas. Que fruta é maior: o maracujá ou o caju? Não é o maracujá?

### BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 17v-20; 34-35; 46-47; FIGUEIRA 23-35; 36-40; MONTOYA 13-14; 46-47; 49-50; RESTIVO 45-47; CAETANO 15-16; ADAM 51; TOVAR 125-126.



## LIÇÃO 15.<sup>a</sup>

### IMPERATIVO

AFIRMATIVO

NEGATIVO

**bebé:** voar (*intransitivo*)

193.

*e-bebé:* voa

*pe-bebé:* voai

*e-bebé umé:* não voes

*pe-bebé umé:* não voeis

**pysyk:** apanhar (*transitivo*)

*e-i-pysyk:* apanha-o

*pe-i-pysyk:* apanhai-o

*e-i-pysyk umé:* não o apanhes

*pe-i-pysyk umé:* não o apanheis

**maenduar:** lembrar-se (*predicativo*)

*nde maenduar:* lembra-te

*pe maenduar:* lembrai-vos

*nde maenduar umé:* não te

lembres

*pe maenduar umé:* não vos  
lembreis

Acrescentando *-ne*, forma-se um *futuro*:

*e-bebé-ne:* voa

*e-bebé umé-ne:* não voes. Etc.

*Umé* pode-se distanciar do verbo:

*nde nhó e-iuká umé:* não o mates tu sózinho

194. Para aconselhar, advertir, não se usa o imperativo, mas o indicativo: (aconselho que) não o apanhes: *nd' ere-i-pysyk* (não *e-i-pysyk umé*)  
A 1.<sup>a</sup> e a 3.<sup>a</sup> pp. se tomam do permissivo.  
Em vez de *umé* se diz também *ymé* (forma primitiva).

195. Há dois imperativos irregulares: de só “ir” e de *îur* “vir”:

só: “ir”; *e-kûâi* ou *e-kûá*: vai; *pe-kûái* ou *pe-kûá*: ide

A 2.<sup>a</sup> forma é mais forte: *e-kûá!*: vai-te embora!

*îur*: “vir”; *e-îor*, *e-îor-i* ou *îor-i*: vem; *pe-îor* ou *pe-îor-i*: vinde

O comp. *r-ur* “trazer” faz: *e-r-ur* ou *e-r-ur-i*; *pe-r-ur* ou *pe-r-ur-i*.

*E-nhâ-bé* só tem imperativo, e vale para o singular e o plural: “espera ou esperai um pouco”.

## PERMISSIVO

196.

**bebê** (intr.)

|                    |   |     |
|--------------------|---|-----|
| <i>t' a-bebê</i>   | { | -ne |
| <i>t' ere-bebê</i> |   |     |
| <i>t' o-bebê</i>   |   |     |
| <i>t' ia-bebê</i>  |   |     |
| <i>t' oro-bebê</i> |   |     |
| <i>ta pe-bebê</i>  |   |     |

**pysyk** (tr.)

|                       |   |     |
|-----------------------|---|-----|
| <i>t' a-î-pysyk</i>   | { | -ne |
| <i>t' ere-î-pysyk</i> |   |     |
| <i>t' o-î-pysyk</i>   |   |     |
| <i>t' ia-î-pysyk</i>  |   |     |
| <i>t' oro-î-pysyk</i> |   |     |
| <i>ta pe-î-pysyk</i>  |   |     |

**maenduar** (predicat.)

|                          |   |     |
|--------------------------|---|-----|
| <i>ta xe maenduar</i>    | { | -ne |
| <i>ta nde maenduar</i>   |   |     |
| <i>t' i maenduar</i>     |   |     |
| <i>t' iandé maenduar</i> |   |     |
| <i>t' oré maenduar</i>   |   |     |
| <i>ta pe maenduar</i>    |   |     |

Forma-se do indicativo, juntando-lhe *ta*, que perde *a* antes de vogal e de *î*. No futuro, acrescentar *-ne*; negativo: *umé*; futuro negativo: *umé-ne*.

*t' iandé maenduar-ne*: que venhamos a lembrar-nos; *t' i maenduar-ne*: que ele não se venha a lembrar

Os substantivos, pronomes e advérbios, quando complementos predicativos, seguem *maenduar*:

*ta xe paîé* ou *ta xe paîé-ne*: que eu seja pajé; *ta xe paîé umé* ou *ta xe paîé umé-ne*: não seja eu pajé; *ta ixé* ou *ixé-ne*: seja eu; *ta emonã* ou *ta emonã-ne*: assim seja; *ta ixé umé* ou *ta ixé umé-ne*: *ta emonã umé* ou *ta emonã umé-ne*: não seja assim

197. O permissivo designa uma deliberação da pessoa que fala: pedindo, convidando, mandando, permitindo ou decidindo. Por isso, corresponde, às vezes, ao nosso futuro (não absoluto, mas resultante de deliberação):

*t' a-î-pysyk*: apanhe-o eu; apanhá-lo-ei; *t' ere-î-pysyk*: apanhe-lo tu; apanhá-lo-ás; *t' o-î-pysyk*: apanhe-o êle; apanhá-lo-á

198. Também equivale a “para que”; e pode-se juntar *-te*, se o verbo é afirmativo:

*e-r-ur pirá t' a-ú-ne*: traze peixe, comê-lo-ei (para que o coma); *a-î-apó pab*, *t' o-putuú-te*: faço tudo, para que êle descanse

Nesta accepção, *-ne* é comum nas 1as. pp., excepcional nas outras:

*t' a-îuká-ne*: matá-lo-ei, pois; *t' oro-îuká umé-ne*: não o mataremos

199. Largamente empregada é a partícula de determinação *ká* (a mulher diz *ky*; plural: *pá*). O verbo pode levar *-ne* ou *-pe*. Mas *ká*, *ky* e *pá* só se aplicam aos casos em que o sujeito fala consigo mesmo. Vêm sempre depois do verbo e mesmo de *-ne*. Pode-se omitir *ta*:

*t' a-só ká*, *t' a-só-ne ká*, *t' a-só-pe ká*, *a-só-ne ká*, *a-só-pe ká*: irei; *t' a-î-pysyk(-ne) ká*: trá-lo-ei; *t' a-r-ur-ne ky*: trá-lo-ei (diz a mulher)

As outras pessoas raramente são acompanhadas de partículas:

*ta pe-îuká rō* ou *ta pe-îuká-ne rō*: matá-lo-eis; *t' o-î-pysyk rō* ou *t' o-î-pysyk-ne rō*: segure-o, segurá-lo-á pois

200. A 1a. incl. pl. dos transitivos perde amiúde o *a* e até o *t*; *î* se vocaliza:

*t' îa-î-pysyk = t' i-pysyk = i-pysyk*  
*t' îa-ra-só = t' i-ra-só = i-ra-só*

Se o pronome é *s-*, muda-se em *x* (n. 19):

*t' îa-s-ausub = t' i-x-ausub = i-x-ausub*

201. *T' îá*, que também se pronuncia *x' îá*, pode ser usado à parte no sentido de “vai tu, ide vós antes”:

*nei, t' îá*: eia, vai tu primeiro; *peî, t' îá*: eia, ide vós primeiro, na frente

202. Quando se convida uma pessoa a participar de uma ação, serve a 1a. incl. pl., não a 2a.:

*t' îa-karu xe irû-namo*: come ou comei comigo (*lit.* comamos comigo); *t' îa-só îandé irû-mo*: vai ou ide comigo (*lit.* vamos conosco)

## PRONOMES OBLÍQUOS INDIRETOS

203. Os pronomes pessoais, regidos das preposições de dativo *-pe* e *supé*, assumem estas formas equivalentes:

*ixé-be, ixé-bo, xe-bo, xe-bo*: a mim  
*endé-be, endé-bo, nde-be, nde-bo*: a ti  
*i xupé*: a ele, a ela, a êles, a elas  
*îandé-be, îandé-bo, nhandé-be, nhandé-bo*: a nós (incl.)  
*oré-be, oré-bo*: a nós (excl.)  
*peê-me, peê-mo*: a vós  
*asé-be, asé-bo*: à gente

## Ê OU AE

204. A partícula é, posposta a qualquer palavra, realça-lhe o sentido. Corresponde a “é que”, “só”, “mesmo”, etc

Junto de substantivo, assume a forma *aé*; junto de pronome, *e* ou *aé* (n. 77) :

*iké-é*: aqui mesmo, é aqui que; *aé-reme-é*: então é que; *Kunham-beba aé*: Cunhambeba mesmo; *iei-é*: hoje mesmo, hoje é que; *kori-é*, *kori-î-é*: hoje é que (*fut.*); *a-iur-é*: eu é que vim (não que me chamem); *a-iub-é*: estou é deitado (sem dormir nem fazer outra cousa); *xe só riré-é*: depois que eu fui é que; *xe kó-é*: tenho roça própria (sem parceria de outro); *xe é*, *xe aé*, *nde é*, *nde aé*, *aé aé*: eu mesmo, tu mesmo, etc.; *amô aé*: outro mesmo, outro é que

Assim: *sem*, *semb-é*; *nhan*, *nhand-é*; *kaâ*, *kaï-é*, etc.

## NHÉ E Í

205. Estas partículas, sufixadas a verbos, indicam fazer-se a ação sem finalidade, só por fazer, à toa, sem intenção, sem compromisso, etc.:

*a-iur-î* ou *a-iur-nhé* ou *a-iur-î-nhé*: vim à toa, porque vim, porque quis; *a-î-meeng-î*: dei-o à toa, por dar, de graça; *a-î-mo-nhang-î*: fiz à toa, por fazer, por distração; *nde r-uba nd' o-î-potar-i*. *A-î-mo-nhang-î*: teu pai não o quer. Faço-o assim mesmo; *o-s-eþiak-î*: êle (apenas) o vê (e nada faz): consente-o

## EXERCÍCIOS

206.

- potiá*: peito
- inimbó*: fio
- uuba*: flecha
- piá-î*: filhinho (vocat.)
- mo-mbeú*: contar
- kyrirî*: silencioso; (*xe*)  
calar-se
- asoï-ab-ok*: destampar
- mo-in*: apontar
- puam*: intr. levantar-se
- gûapyk*: sentar-se

- pepô*: asa, pena da asa
- marã-é-tenhêa*: bravata
- pó apytera*: palma da mão
- Nhoesembé*: n. pr. Ilhéus
- ekar (s)*: procurar
- r-ekô*: ter, segurar
- a-é*: disse, digo
- eneî*: eia, sus (2a. p. s.)
- peneî*, *peî*: eia, sus (2a. p. pl.)
- kuriteî*: depressa

207. Angaba ou *muru angaba*, com v. afirmativo, é expressão de louvor, afeto, carinho, compaixão, nem sempre traduzível: *o-manó angaba* “morreu, coitado”; *a-só angab' ikó* ou *xe angab' ikó a-só* “estou indo, querido”; *o-só ipó, a-é angá'-n' iã ixé* “foi-se, de certo, pensei eu inocentemente”; *pe angaturam, e-i xe r-uba muru angaba* “sêde bons — disse o bom do meu pai”. — Com imperat. e permiss., corresponde a um pedido: *e-ker angab* “dorme, — peço-te”; *ta pe-só angab* “ide, por favor”. — Com v. negat., equivale a “absolutamente”: *nd' a-í-potar angab-i* ou *angá-í* “absolutamente não o quero”. Idem com *aan-i* e com *katu'-té-nhé*: *nd' a-í-potar-i katu'-té-nhé* ou *nd' a-í-potar-angá-í katu'-té-nhé*. *Aan angá'-í* “absolutamente não”.

208. Para aconselhar, etc. (n. 194), serve também o imperat., seguido de *ké*: “olha que...”: *e-ra-só ké rá* (h.) *rare* (m.): “olha que o leves”; *e-ra-só “olha que...”*; *e-ra-só ké rá* (h.): “olha que o leves, vamos ver”; *e-ra-só ('té) ké nhandu*: “olha já que o leves”; *e-ra-só ('té) ké nhandu ruã*: “olha que não o leves”; *e-ra-só 'té ké hē*: “olá, olha que o leves”; *e-ra-só 'té ké nhandu muã hē*: olá, olha já que não o leves...!”

209. *E-puam, piá-í, e-r-ekó kó inimbó nde pô apyter-pe. T'ere-í-meeng rō ixé-be, t' a-r-ekó-ne. E-nhā-bé! nde-bo-é a-í-meeng-ne. O-kanhem xe ygapema. I-x-ekar rō. Nei t'iá. “E-y-e-ra-só, e-í-meeng maraá-bora supé-ne” — a-é *muru angaba i xupé*. Abá supé-pe? “Maraá-bora supé” — a-é. Pe-íor-í, pe-guápyk iké. Penei, t'ia-só xe irú-mo. Nei, t' iá. E-íor *angaba!* Ixé a-só-ne. Nde irú r-esé-be umi-e-kuá! Mbaé r-esé-pe? Xe irú aé r-esé-bé t' a-só-ne. E-íor, e-ra-só kó gûyrá pepó piranga paíê supé t' o-s-epiak-te. Kuritei! E-nhā-bé ranhé. E-kuá! E-ra-só umé ké rare! (m.). E-nheeng mbegué. Pe-kyrirí! Mará-é-tenhéra umé nd' ere-í-mo-mbeú-i xó-é ixé-bo-ne... E-í-asoí-ab-ok nde karaméñã t' a-s-epiak ne mbaé (LÉRY). E-í-mc-in uuba xe potiá supé. T' ia-só xe irú-namo Nhoesembé-pe nhó-í* (VLB 117).

## 210.

roupa: *aoba*

osso: *kanga*

osso (fora do corpo): *kang-ûera*

grande e grosso: *t-urusu* (n. 99)

grosso e chato: *anama*

vigiar (espiando): *mainan [esé]*

olhar: *maé [esé]*

mostrar: *kuá-meeng*

gritar: *asem (t) (xe)*

dizer o nome de: *enõi (s)*, tr.

eia, outra vez!: *nei bé!*

basta: *aúié!*

basta assim: *nã nhó (ranhé)*

toma, tomái: *kó*

logo mais: *koromó*

outras cousas: *amó*



Mulheres cohem e transportam a mandioca (STADEN)

211. Olha êste osso de peixe. Que peixe é êsse? Mostra-mo para que eu o veja. Grita para que ouçam a tua voz. Que é isto? Sei lá! Que trazes em tua canastra? Roupa. [De] que espécie? Roupa vermelha. Que outras cousas? Machados. São muitos? Sim, são muitos. Isso só? Absolutamente não. Dize o nome de outras cousas. Logo mais. Eia, depressa! dize! Espera um pouco! Dá-me êsse osso. Toma. Destampa a tua canastra para que vejamos as tuas cousas. Basta! Basta assim! Vigiai a cutia para que ela não fuja.

Vigiá-la-emos, pois. Olha aquêle homem gordo. Absolutamente: êle não é gordo. Os ossos dêle é que são grossos. Não. É a roupa dêle que é grossa.

## BIBLIOGRAFIA

**Imperativo** — ANCHIETA 18; 22; FIGUEIRA 15; 26; 34; 40; MONTOYA 14; 21; RESTIVO 34; 44; CAETANO 18-19; ADAM 55-56.

**Permissivo** — ANCHIETA 18-19; 22v-23v; FIGUEIRA 15-19; 26; 29; 30; 34; 40; 44-47; MONTOYA 15; 23-24; RESTIVO 35-38; 44; CAETANO 17-19; ADAM 54-55.

**Pronomes oblíquos indiretos** — ANCHIETA 10v-11; FIGUEIRA 6; MONTOYA 4; RESTIVO 23-24; CAETANO 11; ADAM 29; 31.

**Ê ou aé** — ANCHIETA 23; 53v-54; FIGUEIRA 140; MONTOYA, *Tesoro* 17; RESTIVO 66-68; 117-120.

**Nhé e ï** — ANCHIETA 54; FIGUEIRA 140-141; 144.

## LIÇÃO 16.<sup>a</sup>

### NUMERAIS

#### 212. Cardinais

um: *oiepé*, *moiepé*

dois: *mokōî*

três: *mosapyr*, *mosapyt*

quatro: *irundyk*

Não há exata tradução para “quatro”. *Irundyk* e suas variantes *o-îo-irundyk*, *o-îe-irundyk*, *mo-nhe'-rundyk*, etc. são pouco usados.

“Cinco” e números maiores não há. No caso em que seja necessário exprimir números maiores de quatro, faz-se um circunlóquio:

cinco: *ã-mbó* ou melhor *mbó* “mão da gente”; *xe pô* “minha mão”

dez: *opá kó mbó* “tôdas estas mãos”

vinte: *xe pô xe py* “minhas mãos e meus pés”

Pode-se dizer ainda *nã* “tantos, assim” e mostrar tantos dedos (ou outras coisas) quantas forem as unidades.

Os cardinais em geral precedem, mas podem igualmente seguir o nome:

uma rêde: *oiepé pysá* ou *pysá oiepé*

duas pombas: *mokōî pykasu* ou *pykasu mokōî*

#### 213. Ordinais

*ypy*: primeiro

*mokōia*: segundo

*mosapryra*: terceiro

*irundyka*: quarto

Exigem, anteposto, o complemento:

|  |   |
|--|---|
| <i>i mokōia</i> : segundo (dêles)              | <i>abá mokōia</i> : o segundo homem<br>(dos homens) |
| <i>xe mosapyra</i> : o terceiro<br>(des)de mim | <i>i-i ypy</i> : o primeiro dêles                   |

Os numerais *mokōia*, *mosapyra*, *irundyka* significam também “dois, três, quatro juntos”. Neste caso o paroxítono perde a sílaba final:

*abá mokōia*: dois homens juntos, num só; o dois-homens  
*akā mosapyra*: três cabeças juntas; o três-cabeças

V. também n. 827.

## 214. Distributivos

*oiepé-iepé*: um a um  
*mokōi-mokōi*: dois a dois

*mosapy'-sapyr*: três a três  
*irundy'-rundyk*: quatro a quatro

## 215. Advérbios numerais

Os numerais e palavras afins, antepostos ao verbo, se adverbializam:

*mokōi o-kanhem*: desapareceu duas vêzes  
*s-etá o-i-api*: relou nêle muitas vêzes  
*mobyry-pe ere-no-nhen?*: quantas vêzes o corrigiste?  
*nā*: tantas vêzes  
*Oiepé* significa também “todos juntos, à uma”.

OBS.: A falta dos respectivos *nomes* não significa que os tupis não tivessem a idéia de números superiores a quatro. Numa economia e comércio primitivos, pouca utilidade havia de maior precisão matemática. Quando fôsse o caso, entendiam-se por sinais ou circunlóquios. — Assim, às nossas línguas falta às vêzes o nome exato de uma côr, que entretanto distinguimos de qualquer outra.

## TEMPOS DO SUBSTANTIVO

216. Os substantivos têm futuro e passado. Formam-se com *rama* e *púera*:

*ybá*: fruta

f. *ybá-rama*, a que será fruta, futura fruta  
p. *ybá-púera*, a que foi fruta, ex-fruta

*uru*: vasilha

f. *uru-rama*, a que será vasilha, futura vasilha  
p. *uru-púera*, a que foi vasilha, ex-vasilha

OBS. — O *a* final é sufixo nominal. Os sufixos temporais, a rigor, são *ram* e *púer*.

O infinitivo e os particípios formam os seus tempos como o substantivo.

217. Os oxítonos nasais servem-se de *nama* e *búera*:

*t-eõ*: morto f. *t-eõ-nama*; p. *t-eõ-búera*

*nhũ*: campo f. *nhũ-nama*; p. *nhũ-búera*

218. Os paroxítonos perdem a última vogal e juntam *ûama* ou *ûera*:

*oka*: casa f. *ok-ûama*; p. *ok-ûera*

219. Mas se o paroxítono tem *b* na sílaba final, muda-o para *g*:

*morubixaba*: chefe f. *morubixag-ûama*; p. *morubixag-ûera*

220. Se tem *m*, no futuro perde-o e junta-se *gûama*; no passado não o perde e junta-se *bûera*:

*tyma*: enterrar f. *tý-gûama*; p. *tym-búera*

221. Se tem *n* ou *r*, no futuro junta *ama*; no passado, os que têm *r*, juntam *era* (às vezes *ûera*); os que têm *n*, juntam *dera* (às vezes *dûera*):

*mena*: marido f. *men-ama*; p. *men-déra* ou *men-dûera*

*iara*: senhor f. *iar-ama*; p. *iar-era* ou *iar-ûera*

*pira*: pele f. *pir-ama*; p. *pir-era* ou *pir-ûera*

*i ûuká-pyra*: morto, matado f. *kôi-gûama*; p. *kôi-gûera*  
p. *i ûuká-pyr-ûera*: o que foi morto

222. Os paroxítonos terminados em tritongo nasal perdem o *a* final e acrescentam *gûama* e *gûera*:

*kôia*: gêmeo f. *i ûuká-pyr-ama*: o que será morto

223. Há dois tempos compostos: *ram-bûera* (passado-futuro) e *pûer-ama* (futuro-passado):

*t-atá*: fogo

- p. f. *t-atá-ram-bûera*, o que foi futuro fogo; ex-futuro fogo; que ia ser fogo (mas não foi)
- f. p. *t-atá-pûer-ama*, o que será ex-fogo; o futuro ex-fogo; que deixará de ser fogo

*xe r-e-mbi-ú*: minha comida

- p. f. *xe r-e-mbi-ú-ram-bûera*, a que ia ser minha comida (mas não o foi)
- f. p. *xe r-e-mbi-ú-pûer-ama*, a que deixará de ser, terá sido minha comida

224. O fut.-pass. é insólito. O pass.-fut. só aparece ~~só~~ duas formas: depois de oxítonos: *ram-bûera*; de paroxítonos (com apócope): *am-bûera*:

*xe kysé-ram-bûera*: a que ia ser minha faca; *nde r-e-mi-r-ek-ram-bûera*: a que ia ser tua mulher; *oré r-etam-am-bûera*: a que ia ser nossa terra; *pe tab-am-bûera*: a que ia ser vossa taba; *ok-ati-bûera*: a que ia ser casa

225. Há as formas negativas, com o sufixo *eym(a)* que se coloca após a partícula de tempo, ou, excepcionalmente, antes destas:

*xe r-eymbaba*: minha criação

- f. *xe r-eymbag-ûam-eyma* ou *xe r-eymbab-eŷ-gûama*, a que não será nossa criação
- p. *xe r-eymbag-ûer-eyma* ou *xe r-eymbab-eym-bûera*, a que não foi minha criação
- pf. *xe r-eymbab-am-bûer-eyma* ou *xe r-eymbab-eym-am-bûera*, a que não ia ser minha criação

226. O passado é de muito uso quando se fala de órgãos e partes do corpo já separados:

*pir-era* couro, pele, *akang-ûera* caveira, *mbaé kang-ûera* ossada de animais

227. Empregam o futuro sempre que falam de uma cousa da qual se fará outra.

Mostrando, p. ex., um galho, podem dizer *xe gûyrapar-ama* meu arco (futuro); falando de um menino, *xe men-ama* meu futuro marido, etc.

Uso semelhante cabe a *ram-bûera*. De um prisioneiro fugido diz-se:

*o-îabab xe r-e-mbi-ú-ram-bûera*: fugiu o que ia ser minha comida

228. Com verbos no passado, *rama* equivale, em português, a "havia de ser". Pois não se considera o futuro com relação ao tempo em que se fala mas ao tempo do verbo:

Acanguçu, o meu senhor, me deu um anzol

- 1) *Akangusu, xe ïara, o-î-meeng pindá ixé-be*
- 2) *Akangusu, xe ïar-ama, o-î-meeng pindá ixé-be*

Cabe a 2.<sup>a</sup> tradução (futuro), se Acanguçu ainda não era meu senhor quando me deu o anzol, mas o foi depois (lit.: Acanguçu, que havia de ser meu senhor, me deu um anzol). Só se usa a 1.<sup>a</sup> tradução, se já era meu senhor e ainda o é. Cfr. mais êstes exemplos:

*nde r-uba, xe ïar-ama, kó gûyrapara o-s-eîar ixé-be*: teu pai, que havia de ser meu senhor (e o foi), deixou-me este arco; *ahá suí-be Cristãos aîpô o é-rama r-ar-i?* Iandé ïara Jesus Cristo suí (Ar. 16 ad.): de quem tomaram os cristãos êsse que havia de ser (e foi) o seu nome? De N. S. J. Cristo

229. Igualmente, com verbos no futuro, *pûera* equivale, às vezes, ao passado do futuro:

*i ú-pyr-am muam-bá'-pe t-obaiara gûarinî-me o-manô-bae-pûera*: serão (hão de ser) devorados no campo de batalha os guerreiros que morrerem (lit.: que morreram) na guerra

Na tradução, a noção de tempo pode ligar-se não ao substantivo, mas ao possessivo:

*i aog-ûera-pe marã s-e-r-ekó-û?* (AR. 89): as roupas que foram suas, que fizeram delas?

Por vêzes *rama* equivale a “para ser”:

*e-i-meeng ixé-be kó ybyrá xe gûyrapar-ama*: dá-me êsse pau para ser meu arco; *a-iur ixé pe r-e-mbi-ú-rama* (STADEN 67 ad.): cheguei eu (para ser) vossa (futura) comida

Ocorrem algumas combinações intrincadas:

*aipó xe r-eõ-nama ram-búera abaí-me, t' o-nhe-monhang umé xe r-e-mi-motara* (AR. 72 ad.): se fôr difícil frustrar-se minha (futura) morte, não se faça a minha vontade

230. *Rama, púera e ram-búera* podem-se conjugar como v. predicativos:

*xe ram, nde ram, i ram*, etc.

*xe púer, nde púer, i púer*, etc.

*xe ram-búer, nde ram-búer, i ram-búer*, etc.:

*i púer umã roy*: já passou o frio; *i púer paíé*: está velho o pajé; *abá-pe paíé rama?* Xe ram: quem será o pajé? Eu; *nde ram-búer*: tu devias ser (mas não foste); *nd' i ram-búer-i xe r-e-mi-motar-úera*: não falhou o que eu quis; *i ram-búer-pe oré gûariní-ne?*: falhará a nossa guerra?; *t'i ram-búer ã xe r-e-mi-porard-rama, xe r-ub gûé!* (AR. 72 ad.): não se realize êsse meu futuro sofrimento, ó meu pai!

231. Desses partículas se formam também verbos transitivos: *mo-mbúer* “tornar velho, conservar velho, conservar, habituar, deter”, *mo-ram-búer* “frustrar, impedir, estorvar, desfazer, inutilizar”.

### EXERCÍCIOS

232.

*araberi*: lambari

*pirá-akamuku, iaú*: peixes (esp.)

*iundiá, mandü*: ” ”

*taraira, píaba*: ” ”

*e-mbi-ara (t)*: prisioneiro de

guerra

*tuîuka*: atoleiro

*moraseia*: dança

*akyma*: molhado

*py-kúab (xe)*: atolar-se

*ekyî (s)*: pescar (com anzol)

*ityk*: atirar fora

*mobyrr*: quantos?

*tiruã*: sequer, ao menos

*mbaé rama r-esé?*: para que?

por que? (fut.)

233. *Abá-pe t-e-mbi-ara iuká-sar-ama* (o que matará)? *Xe ram.* *Na nde ram ruā:* *nde puer umā.* *Aan-angá-î: nda xe puer-i.* *A-i-meeng xe membyr-ama nde r-uba-pe-ne.* *Mbaé rama r-esé-pe?* *Mamó-pe morasei-púera?* *I ram-buer moraseia.* *Marā-namo-pe?* *Amana o-i-mo-ram-buer:* *okara i akym-eté:* *oré py-kúab tuuuk-pe.* *Mobyrs soó-pe pe-i-nh-ybō* (frechastes)? *Mokōi akuti, mosapyr paka, oiepé súasu.* *Mobyrs pirá-pe pe-s-ekyî?* *S-etá-katu.* *Mbaé pirá?* *Araberí, piab-etá, pirá-akamuku-etá-etá abé.* *Mobyrs pirá-pe pe-i-nh-ybō?* *Piraiuba oiepé, nhundiá mosapyr, taraira irundyk.* *Mobyrs-pe iau?* *Oiepé tiruã nd' a-i-nh-ybō-î.* *Mobyrs-pe mandii?* *Nã.* *Mobyrs-pe pirá-akamuku?* *Xe pô xe py.* *Ofab (tôdas) xe ramyî mbaé-* (cousas dos meus avós) -púera a-ityk (LÉRY 265 ad.).

## 234.

|                                 |                         |
|---------------------------------|-------------------------|
| inimigo: <i>amotar-eymb-ara</i> | picar: <i>pí (io)</i>   |
| mel: <i>eira</i>                | queimar: <i>apy (s)</i> |
| abelha: <i>eir-ubu</i>          | quem: <i>abá</i>        |
| colmeia: <i>eir-etama</i>       | para cá: <i>kó koty</i> |
| morder: <i>suú</i>              | levar: <i>ra-só</i>     |

235. Mataste a araponga? Não. Mata-a. Matá-la-ei, pois. (Olha) não a mates... Não a matarei, pois. Por que não a matarás? Quantas abelhas vivem naquela colmeia? Sei lá! São muitíssimas. Onde estais vós? Morrestes? Não. Não morremos. Estamos vivos. Quantos são êles? Dois só. Vós quantos sois? Somos muitos. Quantos índios trouxeste? Só um. Os outros fugiram para o lado do mato. Quais? Quantos? Por que? Chamai-os para cá. Quem queimou minha roça (pass.)? A tua segunda mulher. Quantas abelhas picaram teus dedos (da mão)? Muitíssimas. Quantos lambarris trouxeste do rio? Nem ao menos um [trouxe]. Meu primeiro marido (pass.) matou a que ia ser a sua mulher. Acanguçu, que ia ser [e é] meu companheiro, deixou os seus antigos companheiros. Quem comeu a que ia ser a nossa comida? Levaram-na aos que eram nossos companheiros [e] que agora são nossos inimigos. Também nós, pois, sejamos seus inimigos (fut.). É êste o que não ia ser chefe [e foi]. Por que não ia ser chefe? Ia ser pajé. Por que ia ser pajé

[e não foi]? Quem é que deixará de ser chefe? De que é esse osso?  
É osso de anta.

## BIBLIOGRAFIA

**Numerais** — ANCHIETA 9v-10v; FIGUEIRA 4-5; MONTOYA 7-9, RESTIVO 21-23; ECKART 4-5; CAETANO 7.

**Tempos do substantivo** — ANCHIETA 33-34; MONTOYA 29-30; RESTIVO 48-50; CAETANO 19-20; 46-50; ADAM 68-72; L. BARBOSA 189-190.



Guerreiros, adornados e armados (STADEN)

## LIÇÃO 17.<sup>a</sup>

### GENITIVOS E POSSESSIVOS IRREGULARES

236. O *t-* e o *s-* móveis, que vêm no início de muitos substantivos (e também de adjetivos, verbos e preposições), não fazem parte do tema. São prefixos, índices da classe a que as palavras se referem: *t-* é o índice quase geral da classe superior (gente); *s-* o é da classe inferior (animais, vegetais, seres inferiores).

237. Com substantivo, *t-* e *s-* funcionam como possessivos, não individuais (como “meu”, “teu”, “seu”, etc.) mas de classe: gente ou cousas:

*t-eté*: corpo (de gente)      *s-eté*: corpo (de outro ser)

Esses substantivos (de *t-* ou *s-*), quando não precedidos de genitivo nem de possessivo, devem trazer sempre o índice da classe a que se referem. — Maiores esclarecimentos, v. n. 852.

### Primeira Classe

238.                                    *eté*: corpo

cl. sup.: *t-eté*: corpo (de gente) cl. inf.: *s-eté*: corpo (de cousa)

*gûará r-eté*: corpo de garça

*xe r-eté*: meu corpo

*iandé ou oré r-eté*: nosso corpo

*nde r-eté*: teu corpo

*pe r-eté*: vosso corpo

*s-eté*: seu corpo (dêle, -a)

*s-eté*: seu corpo (dêles, -as)

*o eté*: seu corpo (refl.)

*o eté*: seu corpo (refl.)

Se o genitivo é um pronome da 1.<sup>a</sup> ou 2.<sup>a</sup> pp. ou um substantivo, o *t-* é substituído por *r-*. O possessivo da 3.<sup>a</sup> p. não é *i*, mas *s-*. O refl. é regular: *o* ou *og* (antes de *u*: sempre *og*; antes de *o*: *og* ou *o*; nos demais casos: *o*).

Em alguns autores se encontra *gû*, *go*, *ogû*, *ogo*: *gûeté*, *go-eté*, *ogû-eté*, *ogo-eté*; e *g* antes de *u*: *g-uba*.

OBS.: É obscura a origem desse prefixo *r-*, que tem na língua histórica a função de subordinativo ou relativo. Não é improvável fosse a princípio uma preposição, tal como *ri* (n. 620).

239. Não se conhece, em tupi, nenhum exemplo de nasalização do *r-* pelo prefixo pessoal *pe-*, fenômeno comum no guarani (n. 29).

### EXCEÇÃO I

240.

**ayra:** filho

cl. sup.: *t-ayra*: filho (de gente) cl. inf.: *t-ayra*: filho (de animal)

*abá r-ayra*: filho do índio

|                                   |  |
|-----------------------------------|--|
| <i>xe r-ayra</i> : meu filho      | <i>iandé</i> ou <i>orê rayra</i> : nosso filho |
| <i>nde r-ayra</i> : teu filho     | <i>pe r-ayra</i> : vosso filho                 |
| <i>t-ayra</i> : seu filho (rel.)  | <i>t-ayra</i> : seu filho (rel.)               |
| <i>o ayra</i> : seu filho (refl.) | <i>o ayra</i> : seu filho (refl.)              |

A única diferença do paradigma *eté* é que o possessivo da 3.<sup>a</sup> p. e o índice da cl. infer. é o próprio *t-*.

241. Seguem esta exceção:

|   |  |
|---|--|
| <i>aîyra</i> : filha (de h.)                  | <i>ybyra</i> : irmão mais moço (de h.)   |
| <i>amŷia</i> ou <i>amûia</i> : avô            | <i>ykera</i> : irmã mais velha (de m.)   |
| <i>ayra</i> : filho (de h.)                   | <i>ykeyra</i> : irmão mais velho (de h.) |
| <i>uba</i> : pai                              | <i>yku</i> : líquido, causa liüeifa      |
| <i>y</i> : líquido, sumo, caldo,<br>água, rio | derretida                                |
|   | <i>ypy</i> : fundura                     |

OBS. 1 — Há também as formas *amŷia* e *amûia*. 2. — *Yku* e *ypy* são compostos de *y*. 3. — *Y*, no sentido de “água” ou “rio”, raramente é prefixo. Alguns compostos, como *y-aiba* “tempestade marítima”, *y-katu* “balança”, *y(g)-apenunga* “onda”, só admitem o prefixo *r-*. 4. — *Ybytyra* “maranhão” segue estes últimos.

## EXCEÇÃO II

242. **atuuba:** sogro (de h.)

cl. sup.: *t-atuuba*

cl. inf.: *t-atuuba* ou *s-atuuba*

*abá r-atuuba:* sogro de índio

*xe, nde r-atuuba*

*iandé ou oré, pe r-atuuba*

*s-atuuba* ou *t-atuuba*

*s-atuuba* ou *t-atuuba*

*o atuuba*

*o atuuba*

243. Só três substantivos seguem esta exceção:

*atuuba:* sogro (de h.)

*aixó:* sogra (de h.)

*ubixaba:* chefe, maioral

*Aixó* e *atuuba* preferem *s-* na 3.<sup>a</sup> p. e na cl. inferior.

## EXCEÇÃO III

244. **yapira:** mel

cl. sup.: *t-yapira*

cl. inf.: *t-yapira*

*el'-r-uba r-yapira:* mel de abelha

*xe, nde r-yapira*

*iandé ou oré, pe r-yapira*

*i t-yapira*

*i t-yapira*

*o yapira*

*o yapira*

## Segunda Classe

245. **apó:** raiz

cl. inf.: *s-apó:* raiz

*ybyrá r-apó:* raiz de árvore

*xe, nde r-apó*

*iandé ou oré, pe r-apó*

*s-apó*

*s-apó*

*o apó*

*o apó*

Gramaticalmente não diferem da 1.<sup>a</sup> cl. Se não têm o *t-* da cl. sup., é que, por sua própria natureza (raiz, rabo, etc.), só podem referir-se a seres inferiores. É possível, entretanto, encontrá-los com *t-* em sentido figurado. Assim, em MONTOYA *t-ugúai(a)* “cauda” no sentido de “acompanhamento” (de filhos).

### Terceira Classe

246. mi-nгаú: mingau

cl. sup.: mi-nгаú

cl. inf.: s-e-mi-nгаú

abá r-e-mi-nгаú: mingau do índio

xe, nde r-e-mi-nгаú

iandé ou oré, pe r-e-mi-nгаú

s-e-mi-nгаú

s-e-mi-nгаú

o e-mi-nгаú

o e-mi-nгаú

Seguem *eté*, mas não têm índice da cl. sup.: serve o tema nu.

247. Os principais são:

kuâa: cuia

mi-apé, myiapé: pão

kuâá: canteiro

moema: mentira

m(b)i-ara: pescado, caçado

mbetara: tembetá

mi-ausuba: escravo, -a

m(b)i-ú: comida

mi-mõia: cozido

nimbó, inimbó: fio

mi-mbúaia: servo

nhaë (e comp.): prato

mi-ndypyro: papas, pirão

nhauuma: barro

mi-nгаú: mingau

panakü: cesto (esp.)

mi-tyma: plantação, horta

tymä: perna

mi-xyra ou mi-xira: assado

248. Há também, facultativas, as formas para a cl. sup.: t-e-mbetara, t-e-mbi-ara, t-e-mbi-ú, t-e-mi-ausuba, t-e-moema, t-e-tymä (mais uso que tymä).

249. Não é raro aparecerem sob forma regular essas palavras, mormente quando indicam a "matéria" de que é feito o objeto: itá mimby (VLB 320), itá nhaë (VLB 123).

### Quarta Classe

Têm formas especiais:

250. oka: casa (de gente)

s-oka: casa (de animais)

xe, nde r-oka, s-oka, o oka

abá r-oka: casa do índio

iandé, oré, pe r-oka, s-oka, o oka

Seguem *oka* as palavras *okena* "entrada", *okendaba* "porta, madeira que tampa a entrada".

**251. uyba, uuba:** flecha (de gente)

*s-uuba, s-uyba:* flecha (de inf.)

*xe, nde r-uuba, s-uuba,* *og-uuba*

*abá r-uuba:* flecha de índio

*iandé, oré, pe r-uuba, s-uuba,* *og-uuba*

**252. pé:** caminho (de gente)

*s-apé:* caminho (de ani-  
mais)

*xe, nde r-apé, s-apé, o apé*

*tapii" r-apé:* caminho da anta

*iandé, oré, pe r-apé, s-apé, o  
apé*

Pé é "caminho" em relação ao que *passa* (do índio, da anta, do inimigo, da chuva, etc.). Em relação ao *térmo*, usa-se *píara*, regular: *kó píara* "caminho da roça", *ybd' píara* "caminho do céu".

Segue pé o composto *pé-ypy* "entrada da aldeia, antes das primeiras casas".

**253. iyra:** sobrinho

*abá r-iyra:* sobrinho do índio

*xe, nde r-iyra, iyra, o iyra*

*iandé, oré, pe r-iyra, iyra, o  
iyra*

OBS. — Não tem índices de classes.

**254. mimbaba:** criação, animal doméstico (de gente)

*s-e-imbaba:* criação (cl.  
inf.)

*xe, nde r-e-imbaba*

*s-e-imbaba, o e-imbaba*

*abá r-e-imbaba:* criação do  
índio

*iandé ou oré, pe r-e-imbaba*

*s-e-imbaba, o e-imbaba*

Há também a forma *mymbaba*.

**255. uru:** vasilha, receptáculo

1. com relação a quem carrega a vasilha

cl. sup.: *uru*

cl. inf.: *s-epuru*

*abá r-epuru:* vasilha do índio

*xe, nde r-epuru*

*s-epuru, o epuru*

*iandé, oré, pe r-epuru*

*s-epuru, o epuru*

263. O *t* e os iniciais dos substantivos formados de v. intransitivos (de pref. agente) são sempre fixos:

|                         |   |
|-------------------------|---|
| <i>sem</i> : sair       | <i>sem-a</i> : saída                      |
| <i>syk</i> : chegar     | <i>syk-a</i> ou <i>syk-ab-a</i> : chegada |
| <i>tykyr</i> : gotejar  | <i>tykyr-a</i> :gota, goteira             |
| <i>tatak</i> : palpitar | <i>tatak-a</i> : palpitação               |

264. Em alguns substantivos, o *s* inicial faz parte da palavra. São regulares. Só na 3.<sup>a</sup> p., ao contacto com *i*, há mudança de *s* em *x*:

sy: mæ

*xe sy, nde sy, i xy, o sy*      *iandé sy, oré sy, pe sy, i xy*  
*o sy*

265. Eis os principais:

|                     |                     |
|---------------------|---------------------|
| sama: corda         | susuá: inchaço      |
| sé-bae: condimento  | sy: mãe             |
| sugúaraív: meretriz | sybá: testa         |
| sumarã: inimigo     | syra: enxada        |
|                     | syryra: tia materna |

Sama só se usa em composição: *pindá-sama* "corda de anzol", *urapá'-sama* "corda do arco".

## **EXERCÍCIOS**

266

|  |   |
|--|---|
| <i>embeyba</i> ( <i>t</i> ): margem      | <i>aba</i> ( <i>s</i> ): pena                 |
| <i>etama</i> ( <i>t</i> ): terra         | <i>e-mbi-ú</i> ( <i>t</i> ): comida           |
| <i>asema</i> ( <i>t</i> ): grito         | <i>pepu</i> : corda para carga, <del>at</del> |
| <i>eõ-búera</i> ( <i>t</i> ): cadáver    | ombro   |
| <i>e-mi-r-ekó</i> ( <i>t</i> ): espôsa   | <i>panakú-sama</i> : corda de car-            |
| <i>endyra</i> ( <i>t</i> ): irmã (de h.) | (pela testa)                                  |
| <i>era</i> ( <i>t</i> ): nome            | <i>kytí</i> : cortar                          |
| <i>endy</i> ( <i>t</i> ): chama          | <i>no-sem</i> : tirar                         |
| <i>embýra</i> ( <i>t</i> ): sobra        | <i>auê-bé!</i> : muito bem!                   |

267. Não se usa possessivo nem genitivo imediatamente antes de nomes de criações nem de animais apanhados em caça ou pesca. Antes dos primeiros deve-se juntar *mi-mbaba* (n. 254), e dos segundos *mbi-ara* (n. 247) :

meu porco: *xe r-e-imbaba taâsu* (não *xe taâsu*)

meu papagaio: *xe r-e-mbi-ara âiuru* (não *xe âiuru*)

*ere-i-á-pe soó nde r-apixara r-eymbaba iagûara r-e-mi-îuká-pûera?* (Ar. 239) : apanhaste caça morta pelo cachorro de [propriedade de] teu proximo?

268. *Nd' ere-s-endub-i-pe xe r-uba? A-s-epiak nde r-e-mi-r-ekó-rama.* *Nd' o-s-ausub-i og-uba ikó kunumí.* *Mbaé-pe ere-r-ur?* *Xe r-atá-rama a-r-ur.* *Xe r-amyia r-uba o-mendar nde r-amyia rendyra r-esé.* *Xe r-aixó nde r-e-mi-r-ekó nd' o-gûe-ra-só-i.* *Marã-pe nde r-era?* *Akangusu.* *Aiié-bé!* *T-era poranga!* *Marã-pe nde r-etama r-era?* *Akaray.* *I porang-pe nde r-etama?* *Pá.* *I poran'-gatu.* *T-urusu-pe?* *T-urusu-katu.* *Tagûiba-pe kó-ipó t-eõ-búera taper-pe ere-s-epiak?* *Abá r-eõ-búera.* *Nd' ere-s-endub-i-pe xe r-asema?* *Nde r-aíyra xe tybytaba o-s-apy t-atá r-endy-pe.* *Xe r-e-imbaba gûyrá o-ú nde r-e-mbi-ú r-embyr-ûera.* *Abá-pe o-gûe-no-sem xe r-e-panakú sama xe r-oka suí?* *Nda ixé ruã.* *Ixé a-ra-só nde pepu.* *S-oby aipó gûyrá pepó r-aba.* *Xe tutyra o-e-mbi-ara pirá o-îuká ybyrá pupé.* *Nde r-ayra nde r-embi-ú-ram-búera o-gûe-ra-só o epuru pupé.* *Ere-iür-pe xe r-oka piara r-upi?* *Mamó-pe ere-s-eiar abá r-uuba?* *A-s-eiar xe r-ok-pe.* *O-manó paranã r-embe'y-pe xe r-e-mbi-ar-ûera pirá.* *Pe-s-ausub pe sy!* *Nd' oro-s-ausub-i-te-pe oré sy?* *Abá-pe nd' o-s-ausub-i o sy?* *Tia-s-ekar nde r-e-kuâ xe irû-mo-ne.* *O-manó xe r-e-imbaba tapiura.* *Xe tutyra nd' o-ú-i t-oó.* *T-uba i xy abé i ú-û (comem-na).* *Ta pe-kyti umé xe r-e-imbaba gûyrá r-aba-ne.* *Nde r-atuuba o e-mbi-ú-rama o-gûe-no-sem xe r-e-mi-uru suí.*

### 269.

lábios: *embé* (*t*)

dente: *âia* (*t*)

veia: *aîyka* (*t*)

unhas da mão: *pó-apê*

moço: *kunumi-gûasu*

ter medo de: *sykyié* [*suí*]

arrancar: *ok* (*îo*)

morar: *ikó-bé*

mudar-se: *îe-akasó*, intr.

agredir: *epehan* (*s*)

furar: *kutuk*

reluzir: *endy-puk* (*s*) (*xe*)

partir-se: *sok*, *pen*, intr.

rachar-se: *bok*, intr.

chamuscar: *apek* (*s*)

experimentar: *aang* (*s*)

bolir: *mŷi*, intr.

dilacerar: *mo-ndorok*

antigamente: *erimbaé*

unargem (do rio ou mar): :

(*r-*)*embeyba*

agora de pouco: *koyr-é*

270. Os tapuias antigamente moravam à beira do mar. Mudaram-se agora de pouco. A onça com as suas unhas e com os seus dentes dilacerou o corpo do moço. Ouvistes os gritos dêle? Menino agrediu o seu (próprio) pai com um pau. Tua filha veio com a sua irmã (mais velha) e voltou com a sua sogra. Os espinhos furaram minha veia. Tenho medo dos olhos da onça. Eles reluzem de noite. Quem arrancou os olhos dêste cadáver? Boliu a perna do cadáver. Teus filhos cortaram as raízes destas árvores. A onça, com os seus filhotes (filhos), cortou, com os (seus) dentes, as raízes destas árvores. Partiu-se a corda do vosso arco? De (*r-esé*) que está cheio o vosso cesto? Está cheio de couve. De que é êsse cesto? É cesto de frutas. De quem? É o cesto do índio. Verão o sair do sol os prisioneiros? Teu filho matou os seus avós nas suas casas. Partiu-se a minha corda. As chamas do fogo chamuscaram os meus lábios. Rachou-se a tua casa de barro. Experimenta a sobra da comida da vasilha de teu sobrinho. Experimentei já. Não é gostosa.

## BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 12-17; FIGUEIRA 71-79; 84; MONTOYA 9-12; RESTIVO 17-20.  
 CAETANO 43; 45; passim; ADAM 22-29; TOVAR 118-119; L. BARBOSA 173-174.  
 Id., *Os Índices*; DALL'IGNA 62-64.

## LIÇÃO 18.<sup>a</sup>

### PRONOMES PESSOAIS (Síntese)

**271.** Os pronomes e prefixos pessoais incluem-se no seguinte quadro:

| I    | II   | III            | IV       | V           |
|------|------|----------------|----------|-------------|
| a-   | gûi- | xe             | ixé      | eu          |
| ere- | e-   | nde            | endé     | tú          |
| o-   | o-   | i, s-, o, etc. |          | ele, ela    |
| âo-  | âa-  | iandé          | iandé    | nós (incl.) |
| oro- | oro- | oré            | oré      | nós (excl.) |
| pe-  | pe-  | pe             | peê      | vós         |
| o-   | o-   | i, s-, o, etc. |          | elos, elas  |
|      |      |                | aé, etc. |             |

Sobre os pronomes objetivos, v. Lições 20.<sup>a</sup> e 21.<sup>a</sup>.

**272.** As formas da 1.<sup>a</sup> COLUNA: Prefixam-se aos verbos, indicando o sujeito. São de rigor no indicativo, permissivo, optativo e condicional. Exceto quando os verbos levam pronomes objetivos da 1.<sup>a</sup> ou 2.<sup>a</sup> pp.

**273.** As formas da 2.<sup>a</sup> COLUNA só se empregam como prefixos de gerúndio de verbos intransitivos.

**274.** As formas da 3.<sup>a</sup> COLUNA:

- Juntam-se ao complemento predicativo, dispensando os verbos "ser" e "ter" (n. 78 e 350).
- São de rigor em alguns modos do verbo (n. 336).
- São as únicas formas que recebem preposições tônicas:

*xe suí*: de mim  
*xe r-upi*: por mim

*nde suí*: de ti  
*nde r-upi*: por ti

Se a preposição é átona, servem também as formas da 4.<sup>a</sup> coluna:

*xe-be*, *xe-bo*; *ixé-be*, *ixé-bo*: a mim  
*nde-be*, *nde-bo*; *endé-be*, *endé-bo*: a ti

*Pe* não recebe preposição átona.

- d) Servem de possessivos (n. 58). Os possessivos não passam de pronomes pessoais em função de genitivo:  
*xe py*: meu pé (o pé de mim)
- e) Servem de objeto direto. V. Lições 20.<sup>a</sup> e 21.<sup>a</sup>.

#### 275. As formas da 4.<sup>a</sup> COLUNA:

- a) Usam-se, raramente, com as das outras col. para dar realce ao pronome. As 3.<sup>as</sup> pp. não têm pron. propriamente pessoal (n. 76) separável do verbo:  
*ixé a-bebé*: eu (é que) voei; *endé ere-bebé*: tu (é que) voaste  
*iande ia-bebé*: nós (é que) voamos; *oré angaiapab oré* (AE 38): nós somos pecadores

Nas mesmas condições são usados também *xe* e *nde*:

*xe a-só*, *nde ere-iur*: eu vou, tu ficas

- b) *Ixé*, *endé* e *peẽ* se usam antes dos correspondentes da 3.<sup>a</sup> col., também para realçar-lhes os vários sentidos:

*ixé xe suí*: de mim; *endé nde r-upi*: por ti; *peẽ pe pupé*: con-vosco; *ixé xe maenduar*: eu me lembrei; *peẽ pe maenduar*: vós vos lembraсты; *ixé xe só-reme*: se eu fôr

- c) *Ixé* e *iandé* servem, facultativamente, quando separados do verbo por algum complemento da 2.<sup>a</sup> p.

*ixé oro-iuká*: eu te mato; *ixé opo-iuká*: eu vos mato

276. A forma da 5.<sup>a</sup> COLUNA: Não é mais do que um demonstrativo: aquêle mesmo, aquêles mesmos (n. 72).

a) Supre raramente o pron. da 3.<sup>a</sup> p.:

*aé o-só*: aquêle (êle) (é que) foi, aquêles (é que) foram, etc.

b) Posposto, *aé* serve de sujeito a orações predicativas, com substantivo por complemento (n. 80).

c) É a única forma usada com as preposições átonas:

*aé-pe*: nêle, naquilo; então; lá

277. RESUMO: As formas da

1.<sup>a</sup> COL. precedem os verbos. São prefixos. E pronomes agentes.

2.<sup>a</sup> COL. precedem os verbos intransitivos, no gerúndio.

3.<sup>a</sup> COL. precedem complementos predicativos, preposições, substantivos (como possessivos), verbos trans. (como obj. dir.). São pronomes pacientes.

4.<sup>a</sup> COL. são enfáticas.

5.<sup>a</sup> COL. são demonstrativos em função de pronomes pessoais.

## EXERCÍCIOS

*YBYRA*: A árvore

278.

*akā* (s): galho

*oba* (s): fôlha

*poty'-kytā*: botão

*aynha* (s): caroço

*potyra*: flor (n. 167)

*ara* (s): espiga

*aryba* (s): cacho

*opytá* (s): tronco

*apó-ok* (s): arrancar (de raiz)

*mo-ndok*: quebrar

*pakoba*: pacova

279. *Ybytu o-s-apó-ok ybyrá, o-î-mo-ndok abé s-akā*. — *Marã-bae-pe ko ybyrá r-opytá?* — *S-eburusu-eté*. — *Marã-bae-pe s-oba?* — *I puku, soby abé-no*. — *Marã-bae-pe i pé?* — *S-yapûã ngatu* — *Marã-bae i potyra?* — *I iub, s-yapûã abé*. — *Marã-bae-pe i-î ybá?* — *S-é-katu, i porang abé i-î ybá-no*. — *Marã-pe ko ybyrá r-era?* *Mobyry-pe i-î ybá r-aynha?* — *A-r-ur nde-bo abati r-ara amó, pakoba r-aryba emó abé*. — *E-î-kuá-meeng ixé-be ikó poty'-kytā*.

## O JEQUITIBÁ

280.

|                                  |  |
|----------------------------------|--|
| chão: <i>vby</i>                 | estar seco: <i>tining (xe)</i>                           |
| jequitibá: <i>ivkytybá</i>       | sacudir: <i>mo-susung</i>                                |
| derrubar: <i>mo-nquî</i>         | continuar de pé: <i>am-iô-te</i>                         |
| levantar-se: <i>puam</i> , intr. | todo, todos, tudo: <i>opá-katu</i>                       |
| cessar: <i>pik</i>               | debalde: <i>tenhé</i>                                    |
| quebrar: <i>mo-pen</i>           | apenas: <i>nhó-te</i>                                    |
| partir-se: <i>pen</i> , intr.    | com o tempo: <i>mheñié irã</i>                           |
| murchar: <i>nhynhyng</i>         | tempestade, ventania: <i>ybytu gû-su</i> , — <i>aiba</i> |

281. Levantou-se a tempestade, derrubou tôdas as árvores e arrancou-as do chão. O jequitibá, sómente, continuou de pé. A ventania quebrou os galhos das outras árvores (*e*) atirou-os (*o-ituk*) ao chão. Não atirou os troncos (*pass.*) apenas. Os galhos do jequitibá, a ventania os sacudiu debalde: não se partiram. O vento levou as flores das outras árvores, espalhou os seus frutos e as suas fôlhas. O jequitibá mesmo continua de pé.

Cessou o vento. As outras árvores estão deitadas (*o-ub*) por terra (*vby-bo*). As [suas] fôlhas já murcharam. Estarão seca amanhã mesmo. Com o tempo as árvores morrerão (*s-eõ-û-ne*).

O jequitibá, sómente, continua de pé!

## BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 10v-12v; 20-21; 28v-29; FIGUEIRA 10-11; 23; 37-39; 65-68; 80-85; MONTOYA 4-5; 11-12; 40-43; 45-50; RESTIVO 23-25; 28-29; 42-43; 82-83; 85-86; CAETANO 8-14; ADAM 21; 38-44; L. BARBOA 170; DALL'IGNA 62-63; 65.

LIÇÃO 19.<sup>a</sup>

## CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

282. Precisemos a nomenclatura adotada neste CURSO.

283. Quanto ao agente

O verbo é *ativo*, se o sujeito é o próprio agente; *passivo*, se é o paciente; *reflexivo*, se agente e paciente; *neutro* é o verbo que não conota propriamente uma ação mas um estado do sujeito.

Cpr. *iuká*: matar, *por*: pular, *nhan*: correr (ativos); *manó*: morrer, *ar*: cair, *syryk*: deslisar, *ikó-bé*: viver (neutros)

OBS. — Em tupi não há verbo passivo.

284. Quanto ao complemento

*Intransitivo*, se não exige complementos; *transitivo*, se exige objeto ou complemento direto; *relativo*, se exige complemento indireto (regido de preposição); *bi-transitivo*, se exige dois complementos diretos (não há o caso em tupi); *bi-relativo*, se exige dois complementos indiretos; *transitivo-relativo*, se exige um complemento direto, outro indireto; *intransitivado*, se um verbo transitivo leva objeto direto incorporado, o que o equipara gramaticalmente a intransitivo (n. 381); *retransitivado*, se de intransitivado se torna novamente transitivo, com novo objeto direto (n. 531); *predicativo*, quando não há propriamente verbo, mas apenas um *predicado* (geralmente nominal),

que modifica o sujeito; *copulativo*, se há verbo de ligação com um predicado que modifica o sujeito:

*nhan*: correr, *manó*: morrer (intr.) ; *potar*: querer, *epiak*: ver (tr.) ; *maenduar* [*esé*]: lembrar-se de, *poir* [*suí*]: deixar de (rel.) ; *ieruré* [*esé*] e [*supé*]: pedir cousa a (bi-rel.) ; *meeng* [*supé*]: dar a (tr.-rel.) ; *mbaé-ú*: comer [cousa(s)], *y-ú*: beber água; *por-ú*: comer [gente], *akang-ok*: cortar ou arrancar cabeça(s) (intransitivado) ; (*i-*)*akang-ok*: arrancar a(s) cabeça(s) a ou de (retransitivado) ; *katu*: (ser) bom; *oby*: (ser) azul, (predicativos) ; *ikó*: estar (copulativo).

285. Cada verbo relativo pede a sua preposição (a mais comum é *esé*):

*sykyié* [*suí*]: temer  
*gûariní* [*esé*]: guerrear  
*nheeng* [*supé*]: falar com  
*maë* [*esé*]: olhar para  
*îur* [*suí*]: vir de

*maenduar* [*esé*]: lembrar-se de  
*nharõ* [*esé*]: investir contra  
*gûasem* [*supé*]: achar, chegar a  
*iar* [*esé*]: estar pegado a  
*só* [-*pe*]: ir a

*o-sykyié taîasu iagûara suí*: o porco tem medo da onça

286. Certos verbos admitem diversas regências, mudando ou não de sentido:

*puam* (intr.): levantar-se, erguer-se || [*esé*]: colocar-se contra, assaltar, dar em cima de

*esaraí* (*s*) (*xe*) [*suí*]: esquecer (alguma cousa passada) || [*esé*]: esquecer de (trazer algum objeto)

*ikó* (intr., copul.): estar *oro-ikó-katu*: estamos bem || [*esé*]: entender-se com, ter o que ver com: *nd' a-ikó-î nde r-esé*: não me entendo contigo; *nd-oro-ikó-i aipó-bae r-esé* (AR. 81): não temos (nada) que ver com isso || [*upi*]: casar com: *nd' ere-ikó-î aipó kunhã r-upi-ne*: não te cases com aquela mulher || [*supé*]: servir: *abá supé-pe oro-ikó-ne?*: a quem serviremos? || [*esé-katu*]: perseguir, estar de ponta com: *morubixaba o-ikó paíé r-esé-katu*: o cacique está de ponta com o feiticeiro || [-*ramo*]: estar como, ser: *xe sy-ramo ere-ikó*: estás como minha mãe; és minha mãe

**nhe-ang-ú** (tr.-rel.): recear || [suí] (pessoa): *a-nhe-ang-ú xe r-uba suí*: receio meu pai || [esé] (cousa): *a-nhe-ang-ú nde r-uba nheenga r-esé*: receio as palavras de teu pai

**asy** (*s*) (*xe*) (intr. ou rel. [esé]): doer a: *s-asy xe akanga* ou *s-asy xe akanga xe suí*: dói-me a cabeça || [supé]: pesar a: *s-asy xe r-uba supé*: pêsa disso a meu pai

**nhe-ran**: tr.-rel.: resistir a [supé]: (defendendo-se); || [esé]: (atacando)

**por-epy-an**: intr. ou tr.: contratar, resgatar: *a-só gûi-por-epy-an-a* (VLB. 163): vou contratar ou resgatar; *a-só aþýaba por-epy-ana* (ib.): vou contratar com os índios

**pó-epyk** (tr.: pessoa ou cousa): replicar, responder, retribuir, revidar: *a-i-pó-epyk i nheenga*: repliquei às suas palavras; *a-i-nheé-pó-epyk* id.; *a-i-pó-epyk Kunhambeba*: repliquei a Cunhambeba

**287.** As regências tupi e portuguêsa nem sempre concordam:

**mo-ngetá**: tr.: falar com: *nd' oro-i-mo-ngetá-i nde r-aixó*: não falamos com a tua sogra

**mbo-é**: tr.-rel.: ensinar (dir. de pessoa, ind. de cousa [esé]): *nda pe-i-mbo-é-i xe r-ayra abá nheenga r-esé*: não ensineis o tupi a meus filhos

**ro-iyb**: tr.-rel.: descer com, descarregar (dir. de c., ind. de p. [supé]; de animal ou cousa [suí]): *e-ro-iyb kumusi abá supé*: descarrega o pote ao índio; *e-ro-iyb kamusi mimbara suí*: descarrega o pote ao animal

**nyhrõ** (*xe*): bi-rel.: perdoar (p. [supé] c. [esé]): *nde nyhrõ oré angaipaba r-esé oré-be*: perdoa-nos as nossas ruindades

**îeruré**: bi-rel.: pedir (p. [supé] c. [esé]): *oré sumarã supé-pe pe-îeruré y r-esé-ne?*: pedireis água aos nossos inimigos?

**mondar, mundar**: tr.-rel. [esé]: suspeitar mal de; tomar por, julgar que seja; ter ciúmes de: *a-i-mondar ahé xe itaíuba ri* (VLB 396): suspeito de fulano a respeito de meu dinheiro; *oro-mondar Pindobusu r-esé*: pensei que eras Pindobuçu

288. Certos verbos intransitivos em tupi são reflexivos em português: *noong* ajuntar-se, reunir-se. Com o prefixo *mo-* (n. 481), tornam-se transitivos: *mo-noong* ajuntar, reunir; e com *ie-* (n. 294), reflexivos: *ie-mo-noong* juntar-se, reunir-se. A diferença entre *noong* e *ie-mo-noong* é que o primeiro se diz das coisas que se reúnem naturalmente, sem responsabilidade consciente do sujeito (v. neutros): *y o-noong ypá'-pe*: as águas se reuniram na lagoa; *morubixab-etá o-ie-mo-noong okar-usu-pe*: reuniram-se muitos chefes no terreiro.

## 289. Quanto ao pronome sujeito

Há verbos de pronome *paciente* (n. 78), que levam sempre como sujeito um dos pronomes *xe*, *nde*, *i*, etc., e verbos de pronome ou prefixo *agente* (n. 112), que no indicativo, etc., levam os prefixos pessoais *a-*, *ere-*, *o-*, etc.

## BIBLIOGRAFIA

FIGUEIRA 10-11; 22-23; 66-68; 85-92; MONTOYA 13; 45-48; 49; 82; RESTIVO 28-29; 42-43; 82; RESTIVO 28-29; 42-43; 82; 142; CAETANO 10; 14; 36; ADAM 38-40; 79-81.

## PRONOMES OBJETIVOS

290. Quando o pronome pessoal é objeto direto, 1) vem logo antes do tema verbal, 2) determina a queda do pronome agente (exceto se o objeto direto é da 3.<sup>a</sup> p.), 3) assume formas diversas, conforme a pessoa gramatical do sujeito:

291.

## QUADRO

|                       |        | S        | U        | J            | E         | I        | T        | O            |
|-----------------------|--------|----------|----------|--------------|-----------|----------|----------|--------------|
|                       |        | 1a.s.    | 2a.s.    | 3a.s.        | 1a.i.     | 1a.e.    | 2a.pl.   | 3a.pl.       |
| O<br>B<br>J<br>E<br>T | 1a.s.  | ie       | xe       | re           | —         | —        | xe       | ze           |
|                       | 2a.s.  | oro      | ie       | nde          | oro       | oro      | —        | nde          |
|                       | 3a.s.  | i, s, io | i, s, io | i, s, io, ie | i, s, io, | i, s, io | i, s, io | i, s, io     |
|                       | 1a.i.  | —        | iandé    | iandé        | ie        | —        | iandé    | iandé        |
|                       | 1a.e.  | —        | oré      | oré          | —         | ie       | oré      | oré          |
|                       | 2a.pl. | opo      | —        | pe           | opo       | opo      | ie       | pe           |
|                       |        | 3a.pl.   | i, s, io | i, s, io     | i, s, io  | i, s, io | i, s, io | i, s, io, ie |

I após vogal torna-se i (n. 120).

292. *a-i-pysyk*: eu o seguro, eu os seguro; *ere-i-pysyk*: tu o ou os seguras; *o-i-pysyk*: élle o segura, élle os segura; élles o seguram, élles os seguram; *ia-i-pysyk*, *oro-i-pysyk*: nós o ou os seguramos; *pe-i-pysyk*: vós o ou os segurais; *oro-pysyk*: eu te seguro; nós te seguramos; *opo-pysyk*: eu vos seguro; nós vos seguramos; *xe pysyk*: élle me segura; élles me seguram; *nde pysyk*: élle te segura; élles te seguram; *iandé pysyk* ou *oré pysyk*: élle nos segura; élles nos seguram; *pe-pysyk*: élle vos segura; élles vos seguram

293. Quando o objeto é da 1.<sup>a</sup> p. de qualquer número e o sujeito é da 2.<sup>a</sup> p., depois do verbo vem o pronome sujeito *iepê* "tu" ou *peiepê* "vós":

*xe pysyk iepê*: tu me seguras; segura-me; *iandé* ou *oré pysyk iepê*: tu nos seguras; segura-nos; *xe pysyk peiepê*: vós me segurais; segurai-me; *iandé* ou *oré pysyk peiepê*: vós nos segurais; segurai-nos

294. O reflexivo é *îe-* para tôdas as pessoas (antes de nasal: *nhe-*):

*a-îe-pysyk*: eu me seguro

*ia-îe-pysyk*, *oro-îe-pysyk*: nós  
seguramos

*ere-îe-pysyk*: tu te seguras

*pe-îe-pysyk*: vós vos segurais

*o-îe-pysyk*: êle se segura

*o-îe-pysyk*: êles se seguram

*e-nhe-nupã*: açouta-te (tu)!

*oro-nhe-nupã*: nós nos açoitamos

295. Quando a ação recai sobre os agentes reciprocamente: *îo-* (antes de nasal: *nho-*):

*oro-îo-pysyk*: nós nos seguramos (mútualemente); *pe-îo-pysyk*.  
vós vos segurais; segurai-vos (mútualemente); *o-nho-nupã*: êles se  
açoitam (mútualemente); *pe-nho-nupã*: vós vos açoitais; açoitai-vos  
(mútualemente)

296. *Oro-* e *opo-* só se empregam no indicativo, imperativo, optativo e permissivo, i. é, nos modos que levam prefixos agentes (*a-*, *ere-*, *o-*, etc.). Nos outros modos, usa-se de *nde* e *pe*: *o-î-potar gûá ixé nde înká*: querem que  
eu te mate.

297. O verbo com o pronome objetivo pode ter futuro e forma negativa:

*nd' a-î-pysyk-i*: não o ou os segurei; *nd' a-î-pysyk-i xó-é-ne*: não  
o ou os segurarrei; *nd' oro-pysyk-i*: não te segurei ou seguramos;  
*opo-pysyk-ne*: segurar-vos-ei, segurar-vos-emos; *nd' opo-pysyk-i xó-  
é-ne*: não vos segurarei; não vos seguraremos; *nda xe pysyk-i*:  
êle não me segura; êles não me seguram; *na nde pysyk-i xó-é-ne*:  
não te segurará ou segurarão; *nda xe pysyk-i iepê*: não me seguraste;  
*nd' iandé pysyk-i xó-é peiepê-ne*: não nos segurareis; *nd' oré pysyk-i*

*xó-é peiepé-ne*: não nos segurareis; *xe pysyk iepé*: segura-me tu; *oré pysyk umé iepé*: não nos segures; *ta xe pysyk umé peiepé-ne*: segurai-me, pois (fut.); *t' oré pysyk umé iepé-ne*: não nos segures, pois (fut.)

298. Quando o sujeito dessas orações é da 1.<sup>a</sup> ou 2.<sup>a</sup> pp., pôde-se acrescentar *xe*, *nde*, *iandé*, *oré*, *peé* antes ou depois do verbo: *xe oro-pysyk* ou *oro-pysyk ixé*: eu te segurei

299. O pronome objetivo da 3.<sup>a</sup> p., amiíde, antes de vogal recebe um *î*; antes de nasal, *nh* (n. 34 s.):

|              |          |   |               |
|--------------|----------|---|---------------|
| <i>apó</i> : | fazer    | <i>a-î-i-apó</i> :                          | eu o faço     |
| <i>ybō</i> : | frechar  | <i>ere-i-î-ybō</i> ou <i>ere-i-nh-ybō</i> : | tu o frechas  |
| <i>amî</i> : | espremer | <i>o-î-nh-amî</i> :                         | êle o espreme |
| <i>apó</i> : | fazer    | <i>i-î apó</i> :                            | fazê-lo       |

300. O *î* ou *nh* assimilam por vêzes o primeiro *î*:

*a-î-apó*      *ere-i-ybō*      *ere-nh-ybō*      *o-nh-amî*

301. Os verbos *irurô* "irritar, atacar", *irumô* "acrescentar, aumentar o número", *ytarô* "fartar," e *ityk* "atirar, derribar, vencer" nunca levam o pronome *i* nos modos e tempos de pronome agente: *a-irumô* "eu o ajunto", etc.

302. Os verbos formados com o prefixo *mo-* (n. 480) ou *mbo-* em geral levam o pronome objetivo da 3.<sup>a</sup> p., mas podem dispensá-lo:

*a-î-mo-sem*, *ere-î-mo-sem* ou *a-mo-sem*, *ere-mo-sem*, etc.

Sobre os pronomes objetivos dos verbos formados com o prefixo *ro-* ou *no-*, v. n. 503.

Sobre *iuká* e outros começados por *î*, v. n. 127.

303. Os verbos cujo tema comece por *s*, mudam êsse *s* para *x*, ao contacto com o *i* (ou *î*):

**suban:** sugar

|                      |              |  |                  |
|----------------------|--------------|--|------------------|
| <i>a-î-xuban</i> :   | eu o suguei  | <i>ia-î-xuban</i> , <i>oro-î-xuban</i> : | nós o sugamos    |
| <i>ere-î-xuban</i> : | tu o sugaste | <i>pe-î-xuban</i> :                      | vós o sugastes   |
| <i>o-î-xuban</i> :   | êle o sugou  | <i>o-î-xuban</i> :                       | êles o sugararam |
| <i>oro-suban</i> :   | eu te suguei | <i>nde suban</i> :                       | êle te sugou     |

304. Se a ação de um verbo subordinado recai sobre o sujeito (da 3.<sup>a</sup> p.) da oração principal, o pronome não é *i* mas *o*. Este *o* chama-se *reflexivo* subordinado:

*o-só o etã'-me, o enôî 'ré*: foi para sua terra, depois que o chamaram; *o-pytá, o pysyk-eme*: fica, se o seguraram; *kunhã o-só, morubixaba o mo-ndó-reme*: a mulher vai, se o maioral a mandar; *kunhã-muku o-só, ixé o mo-ndó-reme*: a moça vai, se eu a mandar

Se recai sobre o próprio sujeito subordinado, o reflexivo é *ie-*:

*kunhã-taî o-manô, nhe-nufã-neme*: a moça morre, se se açoutar

### EXERCÍCIOS

305.

*nhyrô (xe)*: perdoar  
*mo-yrô*: agastar  
*nda abá ruã*: ninguém  
*pesê-ong*: partir  
*aman, maman*: enrolar,  
 amarrar  
*porandub [esé]*: perguntar  
*asy-ab*: cortar  
*mbo-ir*: partir

*mo-nhyrô*: acalmar  
*apar (i)*: entortar  
*apar-ok (i)*: desentortar  
*soó*: convidar (para festa, etc.)  
*mo-mbeû*: contar  
*mo-morandub*: avisar  
*okytá*: esteio  
*ysypó*: cipó  
*biã-é*: pois se...  
*memé'-l' ipó*: quanto mais

306. *Biã*, posposto, subentende uma adversativa: *a-s-ausu' biã* "bem que eu o amava (mas nem por isso me correspondia)", *a-i-mo-nhang oka biã* "bem que fiz a casa (mas ignoro se a teu gôsto, ou se saiu bem; ou: mas caiu)". — No fut. não se usa *biã*, mas *iepé*, que serve também para todos os tempos: *a-só iepé-ne* "irei contudo (embora, sei, sem resultado)".

307. *A-i-maman okytá ysypó pupé* (VLB 209). *A-i-maman ysypó okytá pupé* (ib.) — *Abá-pe o-i-apar xe r-uuba?* — *Nda ixé ruã.* *E-porandub umé ixé-bo.* — *Abá-pe? e-i-mo-mbeû, neñ!* — *E-nhã-bé, e-nhe-mo-yrô umé.* *T' a-i-apar-ok, t' oro-mo-nhyrô-ne.* *Mbaé r-esé-pe kó ybyrá r-akã?* — *Okytá rama r-esé.* *Nde r-ayra o-i-mo-pen xe güyra-para, o-i-asy-ab xe r-uuba, o-i-pesê-ong abé-no.* — *E-i-mbo-ir*

*mandioka.* Soó biã-é o ayra o-gûe-r-ekó katu, memé-t' ipó ixé xe r-ayra r-au-sup-a-ne (amarei). Abá-pe xe ybõ? — Ixé, oro-ybõ. — Mbaé r-esé-pe ere-i-ybõ? — Ta nde abé oro-ybõ-ne. Mbaé r-esé-pe ere-iur (vieste)? Nda abá ruã oro-soó. — Oro-i-xoó. — Mbaé r-esé-pe nda xe mo-morandub-i peiepê? — Oré oro-mo-morandub. biã. Pe-soó. Pe-i-xoó. Oro-soó. Ia-i-xoó.

## 308.

puخار (por corda): *samysyk*  
escolher: *porab-ok*, *parab-ok*  
espantar: *mo-ndyî*, *mo-sykyî*  
abrir: *pirar*  
salvar: *pysyrô*  
laçar: *iur-ar*  
alguém: *abá amó*

beliscar: *pixam*  
escolher: *katu-ok*  
ajudar: *pytybõ*  
errar: *aby* (*i*)  
tocar: *pokok* [*esé*]  
apontar: *mo-in* [*supé*], tr.-rel.  
caracará: *karakará*

309. Ajuda-me. Eu te escolho. Não o escolhas. Escolhi-o. Não vos mateis uns aos outros. Nós os salvamos. Eu te salvarei. Livra-me. Não me toques. Conheces minha mãe? Sim, conheço-a. E (*aé-pe*) tu conheces a minha (mãe)? Abre o teu arco. A onça me mordeu. Eu a lacei. Meus companheiros a seguraram. Eu a matei. Meus companheiros puxaram-na. Alguém tocou em mim. Não: ninguém te tocou. O caracará [é que] (*te*) te beliscou. Por que não frechastes a garça? Nós bem que apontamos a frecha para ela. Ela fugiu? Não. Espantaram-na? Não. Eu [é que] (*a*) errei.

## BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 37v-40; FIGUEIRA 87-89; MONTOVA 38-40; RESTIYO 74-78;  
CAETANO 39-40; ADAM 40; L. BARBOSA, *Juká* 74-77.

LIÇÃO 21.<sup>a</sup>

**PRONOMES OBJETIVOS**  
(Continuação)

**s-**

310. O pronome objetivo da 3.<sup>a</sup> p., antes de muitos verbos que começam por vogal, é *s-* (n. 121):

*a-s-ausub*: eu o ou os amo

*ia-* ou *oro-s-ausub*: nós o ou os amamos

*ere-s-ausub*: tu o ou os amas

*pe-s-ausub*: vós o ou os amais

*o-s-ausub*: êle o ou os ama

*o-s-ausub*: êles o ou os amam

311. Esses verbos, quando o objeto é da 1.<sup>a</sup> ou 2.<sup>a</sup> p., recebem um *r-*:

*xe r-ausub*: êle me ama, êles me amam; *nde r-ausub*: êle te ama, êles te amam; *iandé ou oré r-ausub*: êle nos ama, êles nos amam; *pe r-ausub*: êle vos ama, êles vos amam; *xe r-ausub iepé*: tu me amas; *ama-me tu*; *oré r-ausub iepé*: tu nos amas; *ama-nos tu*; *xe ou oré r-ausub peiepê*: vós me ou nos amais; *amai-me ou -nos*; *xe nde r-ausuba*: amar-te eu

312. O mesmo sucede se o objeto fôr substantivo:

*asé sy r-ausuba*: amar a mãe da gente; *a-s-epiak morubixaba sumarã r-enônia*: vi o chefe chamar o inimigo

313. Mas quando se conservam os prefixos agentes, desaparece o *r-*:

*a-ybak-epiak*: vi o céu

314. Precedidos de *oro-*, *opo-*, *îe-* ou *îo-*, os verbos não levam *r-*:

*oro-ausub*: amo-te; amamos-te; *opo-ausub*: amo-vos; amamo-vos; *a-îe-ausub*: amo-me; *ere-îe-ausub*: amas-te; *o-îe-ausub*: êle se ama; êles se amam (a si mesmo cada um); *o-îo-ausub*: êles se amam (reciprocamente); *nd'oro-îo-ausub-i*: não nos amamos (reciprocamente)

315. No infinito e nos demais modos que se conjugam com pronomes pacientes (n. 336), o pronome objetivo da 3.<sup>a</sup> p. é *s-*. Cpr.:

quero que o vejas: *a-î-potar nde s-epiak-a*; quero ver-te: *a-î-potar nde r-epiak-a* ou *oro-epiâ'-potar*; quero que vejas a meu pai: *a-î-potar xe r-uba nde s-epiak-a* ou *a-î-potar nde xe r-uba r-epiâk-a*.

316. O reflexivo subordinado (n. 304) é *o*, mas antes de *u* é *og*:

*kunhã o-manô, o-enôî-me*: a mulher morreu, quando (outro) a chamou; *kunhã o-manô, s-enôî-me*: a mulher morreu, quando (ela) o chamou; *o-ú pirá, s-ekar-eme*: comerá peixe, se o procurar; *pirá o-nhe-min, o ekar-eme*: o peixe se escondeu, quando o procuraram; *nde r-uba o-î-potar nde og-upir-a*: teu pai quer que o levantes (a êle); *nde r-uba o-î-potar nde s-upir-a*: teu pai quer que o levantes (a outro). Cpr.: *nde r-uba o-î-potar nde r-upira* ou *nde r-uba oro-upi'-potar*; teu pai quer levantar-te

### îo- ou nho-

317. O pron. objetivo da 3.<sup>a</sup> p. dos v. monossilábicos é *îo-* (antes de nasal, *nho-*):

*a-îo-ok*: eu o ou os tiro

*nha-nho-mim*: nós o ou os escondemos

*ere-îo-sub*: tu o ou os revis-  
tas

*oro-nho-tym*: nós o ou os enterramos

*o-îo-rab*: êle o ou os solta

*pe-îo-pûai*: vós o ou os mandaís

318. *Io-* desaparece quando o verbo perde os prefixos agentes:

*opo-mim*: eu vos esconde; nós vos escondemos; *nde mim*: ele te esconde; eles te escondem; *nd' oro-rab-i xó-é-ne*: não te soltarei

319. Neste caso, o pron. objetivo da 3.<sup>a</sup> p. será sempre *i* e o reflexivo subordinado (n. 304) será *o*:

*o-î-potar nde i mim-a*: ele quer que o escondas (a outro)  
*o-î-potar nde o mim-a*: ele quer que o escondas (a ele mesmo)

320. Se o verbo começa por *s*, muda-se este *s* para *x*, depois de *i*:

*o-î-potar nde i xok-a*: ele quer que o piles (a outro)

321. O pronome *io-* cai também quando o objeto está incorporado, seja substantivo, seja partícula:

*a-akang-ok*: arranquei uma cabeça; *oro-nho-nong*: nós nos colamos; *e-nhe-mim*: esconde-te; *a-poro-rab*: desamarro (gente)

322. Nas 3.<sup>as</sup> pp., estando o prefixo agente, *îo-* é facultativo. Mais elegante é omiti-lo:

*o-nho-mim* ou *o-mim*: ele o ou os esconde; eles o ou os escondem

### îo-s- ou nho-s-

323. Alguns verbos monossilábicos, começados por vogal, têm, além do pron. objetivo *s-* (n. 310), o pronome *io-* (após nasal, *nho-*) (n. 317):

ORAL: *eî* lavar

*a-îo-s-eî*: eu o ou os lavo

*îa-* ou *oro-îo-s-eî*: nós o ou os lavamos

*ere-îo-s-eî*: tu o ou os lavas  
*o-îo-s-eî*: ele o ou os lava

*pe-îo-s-eî*: vós o ou os lavais  
*o-îo-s-eî*: eles o ou os lavam

NASAL: *ǖi* escaldar

*ere-nho-s-ǖi*: tu o, os escaldas  
*a-nho-s-ǖi*: eu o, os escaldo

*o-nho-s-ǖi*: êle o, os escaldas

*ia-* ou *oro-nho-s-ǖi*: nós o, os es-  
 caldamos

*pe-nho-s-ǖi*: vós o, os escaldais

*pe-nho-s-ǖi*: êles o, os escaldam

Observam-se a um tempo as regras referentes a *s-* e a *io-*:

*oro-ei*: lavo-te; lavamos-te; *nde r-ei*: lava-te; lavam-te; *nde r-ei-a*: lavar-te; *o-îe-ei*: lava-se; lavam-se (refl.); *o-îo-ei*: lava-se; lavam-se (recípr.); *s-ǖi-a*: queimá-lo; *iandé r-ǖi*: queimou-nos; *xe r-ǖi iepé*: queimaste-me; queima-me! *o-poro-ǖi*: êle queima (gente); *ia-kaá-ǖi*: queimamos fôlhas

324. Nos seguintes verbos o *s* pertence ao tema; portanto, nunca se muda para *r-* nem cai:

*a-îo-sok*: eu o pilo, chuço

*a-îo-sub*: eu o revisto

*a-îo-syb*: eu o limpo

325. Mas, ao contacto de *i*, converte-se em *x* (n. 19):

*a-î-kuab pe i xyg-ûama*: sei que o limpares; *nd' a-î-potar-i nde i xok-a*: não quero que o piles

326. Eis a relação dos verbos que pedem *io-* ou *nho-*:

*io-*

*iaí*: escarnecer

*ká*: quebrar (cousa ôca)

*kok*: escorar; dirigir barco

*ó*: tapar

*ok<sup>1</sup>*: tirar; cortar

*pé*: esquentar; iluminar

*pi*: picar

*píar*: cercar; defender

*poí*: alimentar

*pûâi*: mandar fazer

*pûar*: amarrar; enrolar

*py*: soprar; tocar instrumento de sopro

*pyk*: apertar; tapar

*rab*: desatar, soltar

*sok*: chuçar; pilar, socar

*sub*: revistar; visitar

*syb*: limpar

*tî*: atar; armar (rêde)

*nho-*

- gûang*: tingir de urucu  
*man*: enfeixar  
*mim*: esconder  
*mong*: grudar; lambusar  
*mun*: cuspir  
*nong*: pôr; colocar

- nhang*: juntar; entrouxar  
*pan*: lavrar; bater  
*pem*: trançar  
*pin*: raspar; lavrar  
*pûan*: passar à frente de  
*pun*: ferir; avivar (ferida etc.)

*io-s-*

- ei*: lavar

- ab<sup>2</sup>*: abrir; partir; cortar

*nho-s-*

- en*: esvaziar; derramar;  
despejar

- ûî*: escaldar; queimar

1. O verbo *ok* (*io*) "tirar", embora não tenha *s*, recebe *r* nos mesmos casos que *ei* e *ûî*. Mas o *r* é facultativo:

*nde r-ok* ou *nde ok*: êle te tira; êles te tiram; *xe r-ok iepé* ou *xe ok iepé*: tira-me tu

NOTA. — Sobre os verbos reversivos, formados de *ok*, v. n. 372.

2. *Ab* é defectivo, em tupi: só se usa com objeto incorporado ou na forma reflexiva (n. 897). Mas deve ter existido \**a-io-s-ab*, \**ere-io-s-ab*, etc., pois em guarani antigo se registrou *a-io-h-a(b)*. MONTOYA, Arte 90; Tesoro 133v.; cfr. FIGUEIRA 136; VLB 166, 422.

OBS. — MONTOYA acrescenta cinco verbos: *gûa(r)* (*io*) "pegar, apanhar, tomar"; *pâa(r)* (*io*); "desviar, apartar do caminho"; *kenda(b)* (*nho*) "fechar a porta"; *patî* (*nho*) "atar as extremidades"; *tanõ* (*nho*) "estrear".

Mas 1. em tupi o verbo *ar* (n. 891) é que assume a forma *gûar*, e apenas quando precedido de *o*: *a-i-ar*, *ere-i-ar*, *o-gûar*, *oro-gûar*, *opo-gûar*. 2. da documentação tupi não consta o verbo *piaar* naquele sentido. Segundo MONTOYA, Tesoro 289/283, seria tanto transitivo como intransitivo. 3. a decomposição não é *nho-kendab* mas *nh'-okend-ab* "fechar a porta para si mesmo"; *nh(e)* é reflexivo. 4. a decomposição não é *nho-patî* mas *nh'-opá-tî* ou melhor *nh'-upá-tî* "atar a própria rête (*upaba*)": *nh(e)* é reflexivo. 5. em tupi só se conhece a forma reflexiva *ie-tanong*.

## EXERCÍCIOS

327.

- pesê-bûera*: pedaço  
*kamusi*: pote  
*eyî (s)*: afastar

- ygasaba*: talha (de fazer vinho)  
*aarõ (s)*: esperar  
*mo-pen*: quebrar (vara, pau, etc.)

*nharō*: intr.: avançar, ficar  
bravo

*nong (nho)*: pôr

*non'-gatu*: sossegar

*ká (îo)*: id. (c. arredondada,  
ôca, etc.)

*apar-ar (xe)*: cair (do lugar)

*tym (nho)*: plantar

328. Quando o sujeito e o objeto direto são da 3.<sup>a</sup> p., o prefixo agente pode ser *îa-*: *îagûara sâcas o-îuká* ou *îa-îuká*: a onça matou o veado; *kag-ûara paé nheenga nd' o-s-endub-i* ou *nd' îa-s-endub-i*: os bebedores de vinho não ouviram a palavra do pajé; *îagûara îasy o-ú* ou *îa-ú*: eclipsou-se a lua (lit.: a onça devorou a lua). — Embora raro, *îa-* ocorre sobretudo quando o sujeito é de menor valor que o objeto.

329. *Oro-aarō*. *Xe r-aarō iepé-ne?* *Nd' îandé r-aarō-î xó-é-ne.*  
*Pe-s-aarō-pe?* *Abá-pe xe r-aarō?* *Opo-aarō ixé.* *A-nhe-nim.* *Xe mim umé peiepê-ne.* *T' oré mim umé iepé-ne.* *Mboia kuhnâ îa-î-xuú.* *Îagûara îasy îa-ú.* *Endé-pe ere-îo-ká kó ygasaba?* *Nda ixé ruã, nde syyra-te; o-bokok itá r-esé, i apar-ar ygasaba, o-îe-pesé-ong.* *E-s-eîvî pesé-bûera iké sui.* *Abá-pe o-î-mo-hen xe r-uuba?* *Nda abá ruã o-î-mo-hen.* *O-pen nhó-te.* *Ixé a-îo-ok ietyka; endé ere-nho-tym abati.* *Abá pirá o-î-vbô;* *kuhnâ ietyka o-tym;* *kunumî o-s-arô ietyka kamusi pupé.* *Îagûara oré r-aarô, oré r-epenhan abé.* *Gûvrá xe r-e-mbi-ú îa-î-pixam.* *O-nharô iã xe r-e-imbaba.* *E-nhâ-bé.* *T' oro-î-monhyrô-ne.* *Nda pe-nho-non'-gatu-î xó-é-ne:* *pe r-epenhan-ne.* *T' oro-epenhan iepé-ne, oro-î-mo-nhyrô-ne.* *Mamô-pe ere-nho-nong xe ybá r-uru?* *A-nho-nong nde r-oka ar-pe* (em cima de). *Abá-pe nde r-upir?* *T' oro-s-eiyî oré r-oka y-embey'-pe.*

330.

furar: *mo-mbuk*

revistar, visitar: *sub (îo)*

vingar: *epvk (s) [esé]*

tapar: *ó (îo)*

ferir, picar: *kutuk*

chuçar: *sok (îo)*

peneira: *urupema*

manar, entornar-se: *en, nhe-en*

entornar: *en (nho-s), tr.*

borbotar: *bur, bubur*

apascentar: *mo-ngaru*

estar furado: *kûar (xe)*

desamarrear: *rab (îo)*

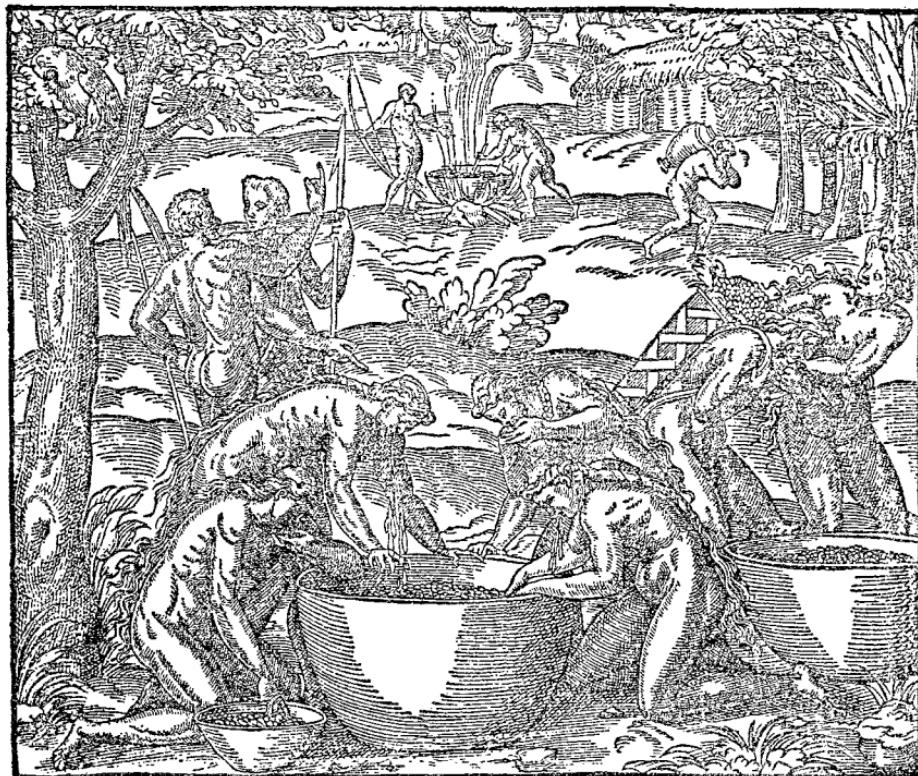
para onde?: *marã ngoty? mamô?*

331. Para onde levaste tua mãe? Não a levei. Ela é que me levou. Não te vejo; e tu me vês? Não. Não te vejo: ouço a tua voz. Onde deixaste teu arco? Deixei-o na canoa. Eu encontrei teu arco na canoa. Não me deixeis. Não nos firaís. Eles se amam. Desamar-

rai-me. Salvai-me. Arrancai-me daqui. Não me visitaste. Nós também não te visitaremos. Alguém me chuçou. Não fui eu, senão teu sobrinho. Eu te deixarei aqui mesmo (*é*). Nós o levaremos. Para onde? Para o lado do mar. Furaram a minha peneira. A minha talha também está furada: entorna o cauim. Eu taparei o buraco. Entornai na talha o cauim. Quem vingará os nossos parentes dos inimigos? Itá, tu me amas? Sim, Senhor meu, tu sabes tudo (*pab*); tu sabes que te amo. Apascenta as minhas criações.

### BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 37v-40; FIGUEIRA 87-89; MONTOYA 38-40; RESTIVO 74-78;  
CAETANO 39-40; ADAM 40; L. BARBOSA, *Juká* 74-77.



Preparação do cauim (THEVET)

## INFINITIVO

332. **bebé:** voar

### Positivo

- pres.: *bebé:* voar  
fut. : *bebé-rama:* haver de voar  
pass.: *bebé-púera:* ter voad  
p.-f. : *bebé-ram-búera:* haver tido de voar

### Negativo

- pres.: *bebé-eyma:* não voar  
fut. : *bebé-ram-eyma* ou *bebé-eý'-gúama:* não haver de voar  
pass.: *bebé-púer-eyma* ou *bebé-eym-búera:* não ter voad  
p.-f. : *bebé-ram-búer-eyma:* não haver tido de voar

333. **maenduar:** lembrar-se

### Positivo

- pres.: *maenduar-a:* lembrar-se  
fut. : *maenduar-ama:* haver de se lembrar  
pass.: *maenduar-ûera:* ter-se lembrado  
p.-f. : *maenduar-am-búera:* haver tido de se lembrar

### Negativo

- pres.: *maenduar-eyma:* não se lembrar  
fut. : *maenduar-am-eyma* ou *maenduar-eý'-gúama:* não haver  
de se lembrar

pass.: *maenduar-ûer-eyma* ou *maenduar-eym-bûera*: não se ter lembrado

p.-f. : *maenduar-am-bûer-eyma*: não haver tido de se lembrar

334. Formação: — a) Toma-se o tema do verbo. Se êste termina em consoante, acrescenta-se *-a*. O mesmo se faz, se termina em ditongo decrescente:

*só* = *só*: ir

*ker* = *ker-a*: dormir

*pab* = *pab-a*: acabar

*kaî* = *kaî-a*: arder

- b) Os infinitivos oxítonos seguem *bebé*; os paroxítonos, *maenduar*.
- c) Os *tempos* se formam como com os substantivos, (n. 216).
- d) O negativo se forma do tema com *eym* (seguido de *-a*). No passado e no futuro, *eym* pode ficar antes ou depois de *ram* e *pûer*.

335. Sintaxe: — O infinito nunca está só. Se é intransitivo, requer, antes, o sujeito; se é transitivo, requer também o objeto:

*xe ker-a*: dormir eu

*xe nde îuká*: matar-te eu

*nde îuká*: matar-te (êle)

*i îuká*: matá-lo (êle)

336. O infinitivo só admite pronomes pacientes. O pronome ou substantivo que precede um infinito intransitivo equivale ao sujeito; o que precede um transitivo é objeto direto. Havendo dois substantivos ou pronomes diversos, ou um substantivo e um pronome, o que estiver imediatamente antes do verbo transitivo é o objeto direto:

*nde xe îuká*: matares-me; *xe nde îuká*: eu matar-te; *xe îuká nde*: matares-me; *nde îuká ixé*: eu matar-te; *nde r-uba xe îuká* ou *xe îuká nde r-uba*: matar-me teu pai; *xe nde r-uba îuká* ou *nde r-uba îuká ixé*: eu matar a teu pai; *îagûara akuti îuká* ou *akuti îuká îagûara*: a onça matar a cutia

Assim, *xe r-ausub-a* deve-se traduzir “o amar-me (êle)” ou “amarem-me (êles)”, nunca “amar eu” nem “o meu amar”. Para isto há outra forma (n. 384).

O objeto pode-se afastar, contanto que o pronome fique em seu lugar:

*nde r-uba xe i ïuká*: lit.: teu pai matá-lo eu; *akuti ïagûara i ïuká*: lit.: a cutia a onça matá-la

337. O infinito tem função de substantivo, e como tal poderá muitas vezes ser traduzido. Podem regê-lo preposições e conjunções adverbiais:

*xe ker-a*: dormir eu, meu dormir, meu sono; *xe ker-pe*: no meu dormir, no meu sono; *xe nde r-ausub-a r-esé*: pelo meu amor a ti, por eu te amar; *xe r-ausub-a*: o amar-me, o amarem-me, o amor que me tem ou têm; *i é-reme*: no seu dizer, quando êle disse

Muitas vezes se traduzirá por uma frase:

*a-î-potar i pytá*: quero que êle fique; *a-î-potar nde só-ram-a*: quero teu ir (fut.), quero que vás

O infinitivo pode ser sujeito ou complemento:

*i porang s-epiak-a*: é belo vê-lo; *ere-s-epiak-pe i xem-a?*: viste-o sair?

No passado e no futuro, mais empregado que o infinitivo é o sufixo *saba*. V. n. 810.

O infinito de verbos intransitivos ou intransitivados (n. 284) pode ter função de complemento atributivo:

*abaré bebé*: padre que voa

*kunumí nhe-mbo-é* (ANCH. 32): menino que aprende

*abá kunumí-ïuká* (*ib.*): homem mata-meninos

## VERBOS DE PREFIXOS T- E S-

338. **ausub-a**, tr., de pron. agente

*xe r-ausub-a*: amar-me, ama-      *s-ausub-a*: amá-lo ou -los; amarem-me      amárem-no, -nos

*nde r-ausub-a:* amar-te, amarem-te  
*ie-ausub-a:* amar-se, amarem-se      *o ausub-a:* amá-lo, -los; amarem-no, -nos  
*io-ausub-a:* amarem-se (mútua-mente)

*iandé ou oré r-ausub-a:* amar-nos, amarem-nos

*pe r-ausub-a:* amar-vos, amarem-vos

*poro-ausub-a:* amar ou amarem (gente)

*s-ausub-a; mbaé r-ausub-a:* amar ou amarem (cousas, animais)

*abá r-ausub-a:* amar ou amarem ao índio

### 339. oby, neutro, predic., pron. pac.

*xe r-oby:* ser eu azul

*nde r-oby:* sêres tu azul

*s-oby:* ser êle azul

*o oby:* ser êle azul (refl. su-  
bord.)

*t-oby:* ser azul (gente)

*pe r-oby:* serdes azuis

*iandé, oré r-oby:* sermos azuis

*s-oby:* serem êles azuis

*o oby:* serem êles azuis (refl.  
sub.)

*s-oby:* ser azul (cousa)

*t-esá r-oby:* serem azuis os olhos

340. Alguns autores, em vez de *o*, escrevem *og*, *ogû*, *gû*, *go*, *ogo*: *og-oby*, *ogû-eô*, *ogo-ausub-a*, *go-ausub-a*, etc.

### 341. OBRAS DE MISERICÓRDIA

P. ANTÔNIO DE ARAÚJO (1566-1632)

(adaptação ortográfica)

*Catorze<sup>1</sup> asé abá r-ausub-á'-saba<sup>2</sup>*

*Sete<sup>1</sup> abá r-eté r-esé-ndûara<sup>3</sup> nã e-i<sup>4</sup>:*

1. *Ambyasy-bora<sup>5</sup> poî-a<sup>6</sup>.* 2. *Useî-bora<sup>7</sup> mo-y-ú<sup>8</sup>.* 3. *I katu-pe ndûara<sup>9</sup> mo-aob-a<sup>10</sup>.* 4. *Mbaé-asy-bora<sup>11</sup> r-epiak-a.* 5. *Atara mo-mbytá.* 6. *I mo-mi-ausub-pyra<sup>12</sup> r-e-no-sem-a<sup>13</sup>.* 7. *T-eô-bûera tym-a.*

*Sete abá anga r-esé-ndúara nã ei:*

1. *Abá supé r-ekó-katu-sag-ûama<sup>14</sup> mo-mbeú.* 2. *I tekó-kuab-eym-bae<sup>15</sup> mo-tekó-kuab-a<sup>16</sup>.* 3. *O-ikó-tebẽ-bae<sup>17</sup> mo-apysyk-a.* 4. *O-ikó-memûã-bae<sup>18</sup> r-e-no-nhen-a<sup>19</sup>.* 5. *Ogû-e-r-ekó-memûã-sara<sup>20</sup> supé nhirõ<sup>21</sup>.* 6. *Abá marã s-ekó-ag-ûer-î<sup>22</sup> r-esé nhe-ran-eym-a.* 7. *O-ikó-bé-bae<sup>23</sup> r-esé, o-manó-bae-pûera<sup>24</sup> r-esé bé Tupã mo-ngréta.*

1 — Portuguesismo (n. 1093). 2 — misericórdia. 3 — referentes. 4 — assim rezam. 5 — famintos. 6 — dar de comer a. 7 — sedentos. 8 — dar de beber. 9 — nus. 10 — vestir. 11 — doentes. 12 — cativos. 13 — redimir. 14 — bom conselho. 15 — ignorantes. 16 — ensinar. 17 — aflitos. 18 — os que erram. 19 — corrigir. 20 — os que os injuriaram. 21 — perdoar. 22 — fraquezas. 23 — os vivos. 24 — os mortos.

## BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 18v-19; 20; 26v-27v; FIGUEIRA 20-21; 31-32; 35; 48-51; 105-106; 155; MONTOYA 15-16; 24; RESTIVO 83-84; CAETANO 21-31; ADAM 66-71.

LIÇÃO 23.<sup>a</sup>

APÔSTO

342. É o substantivo que modifica outro substantivo, como complemento atributivo. Pospõe-se:

|                                     |                |                          |
|-------------------------------------|----------------|--------------------------|
| abá: homem                          | soó: bicho     | abá-soó: homem-bicho     |
| itá: pedra                          | kurumí: menino | itá-kurumí: pedra-menino |
| pó: mão                             | pindá: anzol   | pó-pindá: mão-anzol      |
| xe pó-pindá: seu mão-anzol (ladrão) |                |                          |

Alterações fonéticas, como no genitivo. Mas *t* e *s* prefixos mantêm-se:

|                                 |                |                                      |
|---------------------------------|----------------|--------------------------------------|
| iagûara: onça                   | gûyrá: pássaro | iagûá'-gûyrá ou iagûara<br>gûyrá     |
| abá: homem                      | t-ayra: filho  | abá t-ayra: homem-filho              |
| kunhâ-taï: menina               | t-aiyra: filha | kunhâ-taï t-aiyra: meni-<br>na-filha |
| Tupã: † Deus                    | t-ayra: filho  | Tupã T-ayra: Deus Filho              |
| Cpr. Tupã R-ayra: Filho de Deus |                |                                      |

343. Por vezes, o apôsto inclui a relação “o — de —”, “o que tem”:

yá: cabaça    anhur-í: colo    yá-anhur-í: cabaça de colo

abá muam-baba: o índio do assalto (p. ex. que estêve — sabes — no assalto); abá tî-gûasu: o índio do nariz grande; kunhâ ygasaba: a mulher do pote (p. ex. que vimos com o pote); ybyrá á: árvore de fruta, que tem (dá) fruta; kunhâ men-eõ: mulher viúva (lit. do marido morto); pirá akâ-iuba: peixe da cabeça amarela; iagûá' pó-peba: onça (ou cão) da mão chata (lontra); ybyrá pó-gûasú: árvore de fibra grossa; aõ' pó-anama: roupa de fibra grossa (ao tacto)

Neste caso, perde o *t* ou *s*. Cpr.:

*kunhã r-obá*: o rosto da mulher

*kunhã t-obá*: a mulher-rosto, que é tôda rosto

*kunhã-obá*: a mulher do rosto (p. ex., do rosto de que falamos)

*kunhã-obá-iuba*: a mulher do rosto amarelo

## NOMES CLASSIFICATÓRIOS

344. Alguns substantivos tendem a perder a sua primitiva natureza, tornando-se prefixos classificatórios, com a função de conotar a forma ou aspecto de objetos ou ações.

Os principais são *pé*, *á*, *pó*, *py*, etc. Com um sentido muito amplo, por vezes nem se traduzem.

345. **Pé**: “superfície, casca, casco; escama”: *pé-ká*, abrir, romper (a parte de fora); *pé-ok*, descascar; *pé-pó*, asa (mão da casca?); *pé-syma*, liso, escorregadio (de superfície). V. *á-pé* (n. 349).

346. Á tem também uma função semelhante, por vezes intraduzível. Do sentido de “grão, semente, fruto, cabeça” (que ainda conserva), parece ter-se originado a função de quase-prefixo na accepção de “arredondado”: 1. *a-pi*, ferir a cabeça de; *a-pan*, não atingir em cheio a cabeça de; *a-pin*, rapar a cabeça de; *a-kok*, abraçar a cabeça de; *a-pyra*, ponta, ápice, cume, cabeça; *a-pyr-asab*, passar por cima; *a-pyr-anô*, mergulhar (a cabeça de); *a-py-ru*, acrescentar; *a-py-ti*, atar as pontas a; *a-py-mim* (ou *a-pu-mim*), afundar, mergulhar; *a-py-pema* (ou *a-pi-pema*), espigão, ponta angulosa; *a-py-peba*, agachado, abaixado, etc. 2. *a-pytera*, centro (de cousa arredondada) (cfr. *pytera*, meio de c. extensa ou superfície); *a-syma*, cousa lisa e arredondada (cfr. *syma*, liso); *a-gûaá*, saliência arredondada (cfr. *gûaá*, saliência, reentrância, concavidade).

Assim *a-sura*, *a-sanga*, *a-pyra*, *a-iyka*, *a-pó-monga*, *a-pûã*, *a-peba*, etc. Nestes e outros exemplos, patenteia-se a índole concreta e classificatória do idioma. Daí que muitos adjetivos só se possam traduzir por dois ou mais em português.

347. **Pó**: “grossura” [de objetos compridos (como árvores, fios, varas, tiras, homens, etc.)]: *aó pó-bebê*, pano fino; *ybyrá pó-gûasu*, árvore grossa; *ybyrá pó-î*, árvore fina; *ybyrá pó-atá*, árvore direita, reta; *pó-peba*, largo (aplica-se a objetos compridos e largos, p. ex. fitas); *mboi' pir-ûé' pó-peba*, pele larga de cobra; *mo-pó-î*, adelgaçar; *mo-pó-gûasu*, engrossar; *pó-ká*, torcer (c. comprida); *mo-pó-kyrirî*, torcer (até que se enrole); *pó'-ban*, fiar; *pó-mo-myik*, torcer (cordas, e s.); *pó-ungá*, adelgaçar, igualar o fio; *mo-pó-io-ybyr*, dobrar o fio. Etc.

348. **Py**: “largura, fundura, capacidade, interior, vâo, centro”: *oka py-gûasu*, casa de grande largura, larga, ampla; *i py kó ygara*, tem largura, é larga esta

canoa; *y py* ou *t-y py*, fundura ou fundo do rio ou mar, rio fundo; *t-y py*, o rio é fundo; *py* ou *ipy*, o avesso ou a parte interna; *a-i-py-ei nhaẽ*, lavei (a parte de dentro d) o prato; *a-i-py-pirar aitaká*, alarguei (o interior d) o cesto; *a-i-py-tybyr-ok*, espanei-o por dentro.

**349. A-pé:** "superfície; direito (contrário de "avesso"); casco, casca [de couxa arredondada (como ôvo, noz, fruto duro)], escama; concha": *a-pé-aob*, forrar (por fora); *a-pé-ara*, superfície; *a-pe-kũ*, língua; *a-pé-pu*, som ôco; *a-pé-púera*, crosta, concha, casca (sem conteúdo); *a-pé-ok*, descascar; *a-pé-rerá*, raso, tosado; *a-pé-uban*, forrar (por fora); *a-pé-bura* estufado; *a-pé-banga*, envolto, embrulhado.

Sobre **a-pá**, v. n. 666, 1107, 1108.

## VERBO “TER”

**350.** Para traduzir o verbo “ter”, junta-se simplesmente o sujeito, substantivo ou pronome, ao complemento. Os substantivos paroxitonos perdem o *a* final. Irregularidades, as mesmas que com os genitivos e possessivos:

*xe kó*: minha roça *ou* tenho roça

*s-etymã*: a perna dêle *ou* tem perna

|  |   |
|--|---|
| Cpr. <i>nde r-uba</i> : teu pai                | <i>nde r-ub</i> : tens pai              |
| <i>nde t-uba</i>                               | <i>t-uba nde</i> : és pai               |
| <i>abá r-ayra</i> : o filho do índio           | <i>abá t-ayr</i> : o índio tem filho    |
| <i>abá t-ayra</i>                              | <i>t-ayra abá</i> : o índio é filho     |
| <i>nde r-e-mi-r-ekó-pe?</i> <i>nde mē'-pe?</i> | (AR. 220): tens mulher?<br>tens marido? |

**351.** Os nomes que começam pelo prefixo *poro-* não o mudam para *moro-* e não perdem o *a* final:

*xe moro-mbo-é-sara* *ou* *xe moro-mbo-é-sar* *ou* *moro-mbo-é-sara*  
*ixé*: sou mestre; *xé poro-mbo-é-sara*: tenho mestre

**352.** Negativo: *nda...-i* (*não nda...ruã*):

|   |   |
|---|---|
| <i>nda xe sy-i</i> : não tenho mãe                    | <i>nda xe sy ruã</i> : não sou mãe                      |
| <i>na nde r-ayr-i xó-é-ne</i> : não te-<br>ráis filho | <i>na nde t-ayra ruã-i xó-é-ne</i> :<br>não serás filho |
| <i>nda t-ayr-i xó-é-ne</i> : ele não<br>terá filho    | <i>nda t-ayra ruã-i xó-é-ne</i> : ele<br>não será filho |
| <i>nd' i xý-i</i> : ela não tem mãe                   | <i>nda sy ruã</i> : ela não é mãe                       |

*nda s-ar-i abati ranhé* (MONT., Tes. 133v.): o milho ainda não tem espiga

353. Há o verbo *r-ekó* “ter” (ou melhor “estar com”), mas não se aplica aos casos em que a posse é mais um estado natural ou permanente do sujeito.

tenho pé: *xe py* (não *a-r-ekó py*); não tenho filho: *nda xe membry-i* (m.); ele tem muitos parentes: *i anam-etá*; não tenho cabelo: *nda xe ab-i*; ele tem o rosto risonho: *s-obá esã*; não tens o rosto risonho: *na nde r-obá esã*; a árvore teve (deu) flores, não teve (deu) frutos: *i potyr ybyrá, nd' i á-i*; a árvore não tem ponta: *nda s-akāpyr-i ybyrá*; as abelhas têm (dão) mel: *i t-yapir' ei'-r-uba*; esta fruta não tem caroço: *nda s-aynh-i kó ybá*; aquela árvore não dará (terá) frutos: *nd' i á-i xó-é aipó ybyrá-ne*; os passarinhos não têm leite: *nd' i kamby-i güyrá*

## VERBOS PREDICATIVOS

(Continuação da Lição 8.º)

354. Frases predicativas (de “ser” ou “estar”), que incluem genitivo ou possessivo no sujeito, podem-se verter tanto pelo processo de “ter” como de “ser” (como em português):

*pikepé' tī s-un* ou *s-un pikepé' tī*: o bico da rolinha é preto  
*pikepeba i tī un*: a rolinha tem o bico preto

O segundo processo é mais usado e mais elegante:

tenho os olhos tortos, sou vesgo: *xe r-esá-bang*; o pescoço da garça é comprido (e) as pernas são amarelas: *güyratinga i aîu' puku, s-etymā iub* (lit.: a garça tem o pescoço comprido (e) [tem] as pernas amarelas); minha cabeça está dolorida (dói-me a cabeça): *xe akang' asy* (lit.: tenho a cabeça dolorida); um olho meu é negro (e) o outro é azul: *xe r-esá amó un, xe r-esá amó oby* (lit.: tenho um olho negro e o outro azul).

Como se vê, o adjetivo, se é paroxítono, perde a vogal final. O substantivo paroxítono perde a última vogal diante de vogal, a última sílaba diante de consoante. Mas esta última não é norma absoluta.

355.

|                                   |   |
|-----------------------------------|---|
| <i>tukana</i> : tucano            | <i>asyka</i> : cortado, maneta                        |
| <i>ûaâa</i> ( <i>s</i> ): rabo    | <i>oby-una</i> ( <i>t</i> ): azul-escuro              |
| <i>kaâá</i> : cajá                | <i>pysasu</i> : novo                                  |
| <i>sûasu-apara</i> : veado (esp.) | <i>paraba, pará-paraba</i> : bicolor, multicor        |
| <i>atu-kupé</i> : costas          | <i>piriana, piriã-piriana</i> : listado (ao comprido) |
| <i>kupé</i> : costas              | <i>piní-pinima</i> : pintadinho, malhadinho           |
| <i>aka</i> : chifre               | <i>pitanga</i> : pardo, avermelhado                   |
| <i>kaba</i> : gordura             | <i>aembé</i> ( <i>s</i> ): áspero                     |
| <i>banga</i> : virado, torto      | <i>ranhé</i> : ainda                                  |

356. *Tukana s-etymā un, i pepó un, s-ûaâi un, i atukupé r-ab oby-un, ipotia r-á' iub, i tî iub, i ting abé; i akâ' miri, i tî mbuku, s-eburusu-eté-eté abé.* Soó i *pv*, *ybyrá s-apó*. *Nda s-ar-i abati ranhé.* *Kaâá i-î ybotyr yapûan, i porang abé-no.* *Sûasu-apara i aka porang, i py poxy.* *Nde pô aembé.* *Marakaâá s-eté piriñ-hirian.* Xe aô' *pvasasú*. *Nde aô' pô-î.* I aô' *piní-pinim.* Nd' i *t-yapir-i-pe aipô eir-uba?* I *kab xe r-e-imbaba taîasu.* *Anhé.* Nd' i *angaibar-i; i kyrá-te.* *Marakaâá i nambi asyk.* Xe *py banq.* *Nde par-î.* I *asyk.* *Nde ivbá apar.* *O-ká gûá nhaë-pepó.* Nd' i *nambi kûar-i kô ygara* (MONT. Tes. 173v). Kó soó i *kupé pará-parab, i py pitang.*

357.

|                                   |   |
|-----------------------------------|---|
| <i>casco</i> : pé, a-pé           | <i>louro</i> : iuba                           |
| cágado da terra: <i>iaboti</i>    | <i>queixo</i> : <i>endybá</i> ( <i>t</i> )    |
| cágado dágua: <i>iurará</i>       | <i>barba</i> : <i>endybá-aba</i> ( <i>t</i> ) |
| <i>liso</i> : <i>syma, a-syma</i> | <i>câs</i> : á'-tinga                         |
| <i>mole</i> : <i>puba</i>         | <i>curto</i> : <i>a-sanga, a-kytã, a-poai</i> |

358. O veado tem os cornos grandes e [tem] os pés pequenos. As aves têm penas; os peixes têm escamas. Tem caroço esta fruta? Não. Não tem caroço. Qual a árvore mais (*verta-se* “muito”) bonita? Qual árvore tem a flor mais (“muito”) bonita? É o pé de maracujá. As árvores não têm pés, mas (-te) raízes. A jaboticabeira não deu flor ainda. O cajá tem a casca grossa, a madeira mole, a flor branca, o fruto amarelo e o caroço grande. As plantas não têm alma? As mulheres não têm barba. Eu também não tenho barba; e tu? Eu tenho [barbal]. De que jeito (*marã-bae*) tens a barba? Tenho a barba comprida, curta, grossa, negra, loura, branca. Eu tenho câs. Meu cabelo é branco. Tenho os cabelos brancos. O homem tem os

pés; as aves têm os pés e as asas. Tua roupa está muito curta. Não tenho [roupa] comprida. O jurará não tem o casco liso. O jaboti tem o casco muito duro. Viste o homem da barba branca? Não. Vi a mulher da roupa azul.

### BIBLIOGRAFIA

**Apôsto** — ANCHIETA 9-9v; L. BARBOSA 180; DALL'IGNA, *A Composição* 5-6.

**Verbo "ter"** — ANCHIETA 46-47; 47v-48; FIGUEIRA 38-39; 66-68; MONTOYA 49-50; RESTIVO 42-43; DALL'IGNA 63.

**Verbos predicativos** — ECKART, *passim*.



Os chefes fumam, reunidos em conselho (STADEN)

## INFINITO OBJETIVO

359. O infinito pode ser complemento direto, indireto, ou circunstancial.

360. Quando objeto direto de um verbo da mesma pessoa, o infinito se coloca antes do tema daquele verbo:

*a-karu-potar*: quero comer; *ere-karu-potar*: queres comer; *e-ka-ru-ypy!*: começa a comer!; *ia-karu-ypy*: começamos a comer; *nd' o-karu-potar-i xó-é-pe-ne?*: não quererá comer?; *nda pe-karu-ypy-potar-i xó-é-te-pe-ne?*: não querereis, pois, começar a comer?

Obs.: Alguns verbos intransitivos ou intransitivados (n. 381) seguem processo análogo:

*e-karu-îebyr!* torna a comer!; *o-karu-iepotabé*: continuou a comer; *a-karu-poir*: cessei de falar

361. Se o infinito é v. predicativo, a conjugação se faz pelos pronomes pacientes:

*xe maenduá'-potar*: quero lembrar-me; *nde r-ory'-potar*: queres alegrar-te; *s-asý-poir*: deixou de doer; *nd' iandé r-ory-îe-byr-i xó-é-ne*: não nos tornaremos a alegrar; *nda pe r-esaraí-kuab-i-pe?*: não sabeis esquecer-vos?

362. Se o infinito é paroxítono, antes de consoante perde a última sílaba; antes de vogal perde a última vogal:

*oké'-potar*: ele quer dormir

*o-ker-ypy*: ele começou a dormir

363. Pode haver metaplasmos:

*a-î-meen'-guab*: sei dá-lo

*a-î-meeë'-boir*: parei de dá-lo

Mas igualmente comum é ficar imutável o infinito, principalmente se a justaposição é transitória:

*misa r-enduba r-eiá* (Ar. 93): deixando de ouvir missa; *mbae r-esé-pe i xó-û?* *S-eõ-büera r-e-ro-iyp-a, i tyma motá* (*ib.*): para que foram? Para descerem o seu cadáver, por quererem enterrá-lo

364. Quando o infinito tem objeto direto, este pode vir incorporado ou não, como nos modos finitos (n. 116). Mas não estando incorporado, antes do infinito deve ficar o pronome objetivo da 3.<sup>a</sup> p.:

*o-y-ú-poir*: deixou de beber água; *ere-i-pó-kutu'-potar*: queres furar as mãos dêle; *ere-itá-kutu'-potar*: queres furar a pedra; *ere-i-kutu'-potar itá*: queres furar a pedra; *nd' a-kunhã-epiá'-potar-i*: não quero ver a mulher; *nd' a-s-epiá'-potar-i kuhnã*: não quero ver a mulher; *nd' ere-abá-nupã-nupã-epiá'-potar-i-pe?* ou *nd' ere-i-nupã-nupã-epiá'-potar-i-pe abá?*: não queres ver acometarem o índio?; queremos ouvir a voz dêle; *pe-i-mo-nhan'-guab*: vós sabeis fazê-lo; *ybyrá a-i-pysy'-potar*: quero pegar um pau; *nd' a-soó-r-esá-epiá'-potar-i* ou *nd' a-s-epiá'-potar-i soó r-esá*: não quero ver os olhos do bicho

365. O objeto direto pode ser um pronome:

*oro-epiá'-potar*: quero ver-te; *nde r-enõi-ie-byr*: tornou a te chamar

366. Se o infinito tem complemento indireto, não há incorporação dêste:

*a-sem-botar taba sui*: quero sair da aldeia; *i maenduá'-poir xe r-esé*: deixou de se lembrar de mim; *nda xe maenduá'-potar-i oré r-etama r-esé*: não quero lembrar-me de nossa terra

367. Se o infinito é objeto direto de verbo de outra pessoa, não há incorporação:

*a-i-potar nde só*: quero tua ida, quero que vás; *morubixaba o-i-kuab i xó-rama*: o chefe sabe que êle irá; *o-i-potar xe nde iuká-rama*: êle quis que eu te matasse

368. Quando o infinito é complemento indireto, regido de preposição, não há incorporação:

*o-îeruré nde pytá-rama r-esé*: pediu que ficasses

Também o infinito pode ter complemento indireto:

*a-î-kuab asé mbaé r-esé nde mondá-púera*: sei que roubaste as cousas da gente; *nd' a-î-potar-i taba suí nde sema*: não quero que saias da aldeia; *a-îeruré xe r-esé nde maenduar-eý'-gûama r-esé*: peço que não te lembres de mim; *a-îeruré-potar nde-bo mbaé amó r-esé*: quero pedir-te uma cousa

369. O infinito não incorporado pode ter também complementos:

*a-î-potar nde i kuaba*: quero que o saibas; *a-î-kuab nde i ïuká-ram-búera*: sei que o terias matado; *nda pe maenduar-i-pe xe i potar-eym-búera r-esé?*: não vos lembrais de que eu não o queria?; *ere-î-kuab xe nde r-ausuba*: sabes que te amo; *ere-î-kuab xe nde r-ausug-ûera*: sabes que te amei ou amava; *ere-î-kuab xe s-ausub-am-búera*: sabes que o amaria; *o-î-kuab xe s-ausub-am-búer-eyma*: ele sabe que eu não o amaria (relat.); *o-î-kuab xe o ausub-am-búer-eyma*: id. (reflex., n. 316); *ere-î-kuab xe nde r-ausub-eý'-gûama*: sabes que não te amarei; *a-îeruré nde-be taba suí nde sem-am-eyma r-esé*: peço-te que não saias da aldeia

370. A incorporação do infinito não é estritamente obrigatória. Encontram-se exemplos como êstes:

*a-î-potar xe só*: quero ir; *o-î-potar o só*: quer ir; *a-î-potar nde ïuká*: quero matar-te

Tal construção, em geral rara, torna-se taxativa, quando a tradução portuguêsa pede “que”:

*a-î-kuab xe r-eõ*: sei que morro; *a-î-kuab xe r-eõ-nam-eyma*: sei que não morrerei; *a-î-kuab xe nde sug-ûam-eyma*: sei que não te visitarei

Cpr. *xe r-eõ-guab*: sei morrer

371. Com muita freqüência, o infinito não incorporado é substituído pelo particípio verbal *saba* (n. 810).

## VERBOS COMPOSTOS DE *OK*

372. Há um sem número de verbos formados de substantivo + *ok* "tirar" (n. 326): *pé-ok* tirar a casca ou escama, descascar, esfolar; *apé-ok* tirar a casca [grossa], descascar; *pir-ok* tirar a pele, esfolar; *aob-ok* tirar a roupa, despir; *er-ok* (*s*) tirar nome (pôr nome novo); *gûyr-ok* tirar a parte inferior; roçar por baixo; *por-ok* tirar o conteúdo, despejar, esvaziar; *obá-ok* (*s*) tirar as bordas, alargar; *ayî-ok* (*s*) escaroçar; *tvyr-ok* espanhar, escovar; *vînî-ok* (*t*) escumar; *ar-ok* tirar a parte de cima, desgastar; *kamby-ok* ordenhar; *yé-ok* (*s*) estripar; *ekó-ab-ok* (*t*) tirar o modo de ser ou estar; mudar; despejar; *asoî-ab-ok* tirar a cobertura ou tampa, descobrir; *pesê-ô* ou *pesê-ong* (nasal. de *ok*) tirar pedaco, partir; *katu-ok* tirar o(s) melhor(es) ou bons, escolher, selecionar, etc. Na forma refl.: *i'-ekb-ab-ok* tornar-se ou ficar diferente ou mudado; *ie-aib-ok* tirar o luto; *i'-up-ab-ok* retirar ou levantar o pouso; partir de viagem, etc. — Com alguns adjetivos e verbos, *ok* parece ter uma função reversiva: *apar-ok* tirar o curvo ou curvatura; endireitar, retificar; *apê(g)-ok* tirar o torto; desentortar; *mamã-r-ok* desenrolar; *ubã-r-ok* desembrulhar; *parab-ok* escolher ou determinar entre vários; *îá'-ok* desprender-se, separar-se; *mo-iá'-ok* apartar; repartir; *okend-ab-ok* (*s*) abrir a porta. Cfr. *okend-ab* (*s*) fechar a porta.

## EXERCÍCIOS

373.

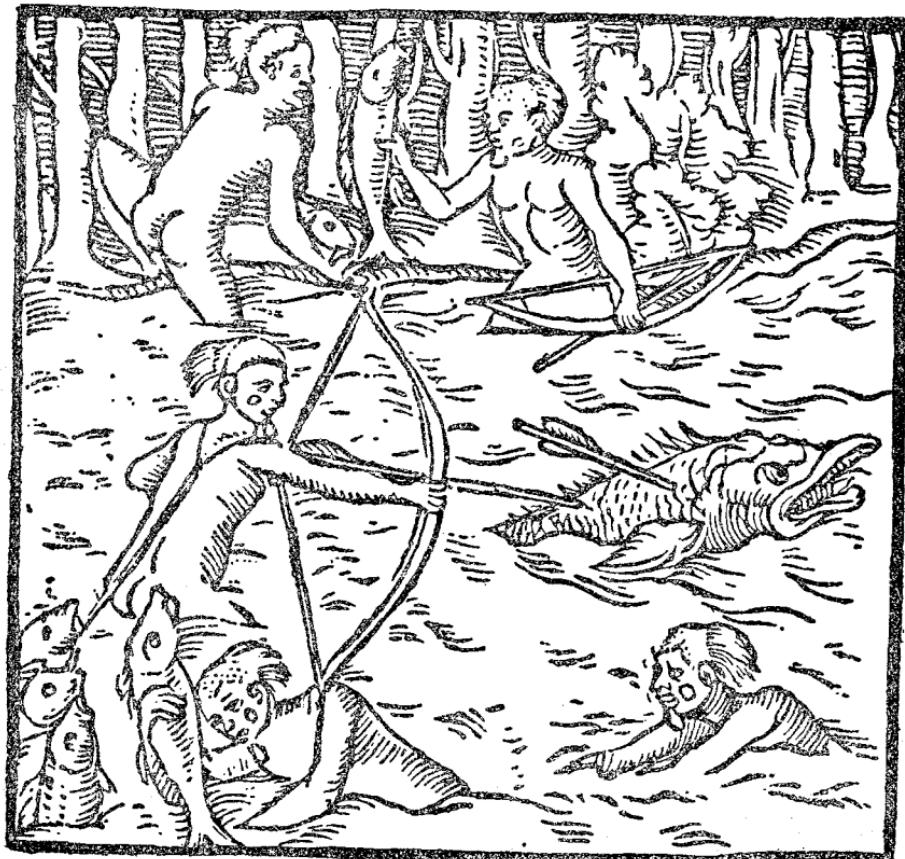
*mbaé aé?*: qual outro?  
*opab*: todos, tudo  
*taté*: fora do destino  
*pirar*: abrir (o arco)  
*mo-ndó*: atirar

*gûyr-pe*: sob  
*ar-pe*: sobre  
*eym-e-bé*: antes que  
*mo-ang*: julgar  
*esaraí* (*s*) (*xe*): esquecer (n. 286)

374. *Taté, taté-é, taté-nhé* (preposições); "fora do destino, ao contrário do que devia ser, não no objeto, errado": *gûyrá taté*: (a frecha deu) fora do passarinho; *xe r-uba taté a-i-meeng xe mbaé*: dei minhas coisas a *cút'ô* que não meu pai (por êrro); *ahé mor-apití-ar-ûera taté-nhé ibyá o-ñuká* (VLB 265): mataram-no em lugar do assassino (por engano).

375. *Ere-s-epiak-pe xe gûyrapara?* — *Aan-i.* *Nd' a-s-epiak-i.* — *Ere-s-epiâr-potar-pe?* — *Pá.* *Mamó-pe ere-s-éiar?* — *Kunnambeba o-nho-nong itá ar-pe.* — *E-r-ur t' a-s-epiak-te.* — *Nd' a-r-ur-i xó-ne.* — *Mbaé r-esé-pe nd' ere-r-ur-i xó-é-ne?* — *E-r-ur mosapyr uuba abé.* — *Opab a-r-ur-ne.* — *Mbaé r-esé-pe ere-i-potar?* — *A-i-i-ybô-botar pirá amb.* — *Mbaé pirá?* — *Iang-bae.* — *Mbaé-rama r-esé-pe ebo-kûei pirá ere-i-i-ybô-botar?* — *Xe r-e-mbi-ú-rama r-esé.* — *Mbaé*

bé-pe a-r-ur-ne? — Na mbaé bé ruã. — Marã? — Na mbaé bé ruã. E-î-pirar nde gûyrapara. E-î-mo-ndó uuba. — A-î-mo-ndó umâ uuba mosapyr. I-î ypy a-î-aby. I mokôia a-î-mo-ndó pirá taté. I mosapyra o-gûe-ra-só ybytu. — Uuba nde i mo-ndó eym-e-bé, a-î-kuab umâ nde i mo-ndó-katu-ram-eyma. — Ixé a-î-mo-ang xe i mo-ndó-katu-ram-bûera. Xe r-esaraí xe gûyrapara r-esé ybyrá gûyr-pe. — A-î-kuab peê xe r-eiar-am-eyma bé. — Nd' oré r-esaraí nde r-enôia r-esé-ne. — Nd' opo-eiá-potar-i. Nd' opo-eiar-i xó-é-ne. Xe r-ausub-pe iepé? — Pá. Ere-î-kuab, xe iar gûé, xe nde r-ausuba. T' oro-ausub aûié-rama-nhé (para sempre). Marã-pe nde r-era?



Pesca à flecha e à mão (STADEN)

376.

|   |                           |
|---|---------------------------|
| voltar, tornar a: <i>îe-byr</i>                   | prometer: <i>mo-mbeû</i>  |
| deixar de: <i>poir</i>                            | passear: <i>gütatá</i>    |
| falar com: <i>mo-ngetá</i> , tr.                  | de dia: <i>ar-bo</i>      |
| basta: <i>aüié</i>                                | de noite: <i>pytun-me</i> |
| nada: <i>aan</i> , <i>aan-i</i> , <i>aan-gatu</i> | alta noite: <i>pysaé</i>  |

377. Queres ir a Acaraí? — Sim. Quero. Quero que vás comigo. — Tu queres ir comigo?! Que queres fazer lá? — Nada. Quero apenas passear. E tu? — Quero nadar. — Eu não sei nadar. — A que horas queres voltar? — Alta noite. E tu? — De dia. — Quem mais te prometeu ir? — Ninguém. — Por que não falaste com Timbeba? — Tornarei a falar com algumas pessoas! — Não. Basta! Para de falar (e) começa a andar! Eia, vamos! — Não. Não quero ir contigo. — Não deixes de ir!

### BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 27v; 52; FIGUEIRA 87; 157; MONTOYA 24; RESTIVO 51-52; 84;  
ADAM 66-67.

## COLETIVOS

378. Os principais são *tyba* e *eyîa* (*t*).

*Tyba* (n. 259) implica “abundância, lugar em que há muito”. Muito usado com nomes de plantas e minerais:

*takûá'-kysé*: taquara (espécie)  
*arasá*: araçá  
*itá*: pedra  
*reri*: ostra  
*mbaé*: cousa  
*mbaé*: cousa  
*takûur-eẽ*: cana de açúcar

*takûá'-kysé-tyba*: taquaral  
*arasá-tybu*: araçazal  
*itá-tyba*: pedreira  
*reri-tyba*: jazida de ostras  
*mbaé-tyba*: terra fértil  
*mbaé-tyb-eyma*: terra estéril  
*takûar-eẽ-ndyba*: canavial

V. ainda n. 841 e s.

379. *Eyîa* (*t*) significa “multidão, bando, cardume”, etc. Muito usado com nomes de animais. Segue *eté* (n. 238):

*gûyrá r-eyîa*: passarada  
*marakaíá r-eyîa*: bando de gatos-do-mato  
*itá r-eyîa*: multidão de pedras

## PREFIXOS DE CLASSE

380. Todo verbo transitivo, que não tenha outro objeto direto, deve levar um dos prefixos de classe, que são regularmente *poro-* (classe superior) e *mbaé* (classe inferior).

Assim, uma frase portuguêsa como “eu mato” tem de ser traduzida em tupi ou por *a-poro-iuká* “eu mato (gente)” ou por *a-mbaé-iuká* “eu mato (ser inferior)”.

381. Para efeitos gramaticais, o verbo com prefixo de classe é equiparado a intransitivo. O mesmo se dá quando o verbo leva pronome reflexivo ou objeto incorporado.

O verbo, claro está, perde os pronomes objetivos *i-*, *s-*, *îo-*:

*a-î-pysyk*: eu o seguro

*a-s-epiak*: eu o vejo

*a-nho-tym*: eu o enterro

*a-î-kuab*: eu o conheço

*a-poro-pysyk*: seguro (gente)

*a-mbaé-pysyk*: seguro (cousas)

*a-poro-epiak*: vejo (gente)

*a-mbaé-epiak*: vejo (cousas)

*a-poro-tym*: enterro (gente)

*a-mbaé-tym*: enterro (cousas)

*a-poro-kuab*: conheço (gente)

*a-mbaé-kuab*: conheço (cousas)

382. Os verbos com *poro-* e *mbaé* se conjugam às vêzes com pronomes pacientes. Incluem neste caso a idéia de hábito, estado permanente, potência, conhecimento:

*a-poro-ausub*: amo (gente)

*a-poro-iuká*: mato (gente)

*a-mbaé-mo-asy*: dói-me algo

*xe poro-ausub*: sei ou costumo  
amar

*xe poro-iuká*: sei ou costumo  
matar

*xe mbaé-mo-asy*: costuma doer-  
-me algo

383. Aliás é que o que se dá com todos os verbos intransitivos:

*a-nheng*: falo, falei

*a-ytab*: nado, nadei

*xe nheeng*: falo, sei ou costumo  
falar

*xe ytab*: nado, sei ou costumo nadar

384. Como em tupi não há verbos transitivos sem objeto direto, é com *poro-* ou *mbaé* que se traduzirão frases como estas:

eu quero matar: *a-poro-iuká-potar*; ele quer que eu mate:  
*o-î-potar xe poro-iuká-rama*; eu sei cortar: *a-mbaé-mo-ndó-kuab* ou  
*a-î-kuab mbaé mo-ndoka*

**poro-**

385. Se o verbo começa por *r(o)-* ou *no-*, depois de *poro-* vem a sílaba (*gû*)*e-*:

*a-poro-gûe-ra-só*: levo gente, levo os outros; *ere-poro-gûe-ra-só*: levas gente, levas os outros; *o-poro-gûe-ra-só*: leva gente, leva os outros.

386. Às vezes, antes de vogal *poro-* perde a última vogal; e, mais raramente, antes de consoante perde a última sílaba:

|                            |  |
|----------------------------|--|
| <i>a-ú</i> : eu o como     | <i>a-por-u</i> : como gente (carne humana)     |
| <i>a-î-apiti</i> : mato-o  | <i>a-por-apiti</i> : mato gente, os outros     |
| <i>a-îo-sub</i> : visito-o | <i>a-po'-sub</i> : visito gente, os outros     |
| <i>a-î-xuban</i> : sugo-o  | <i>a-pó-suban</i> : sugo gente, sugo os outros |

387. Se o verbo se substantiva e não há possessivo antes, nem genitivo, *poro-* se torna *mboro-* ou *moro-*:

*a-por-ausub*: amo (gente)

*xe por-ausuba*: eu amar, meu amar, meu amor (aos outros)  
*m(b)or-ausuba*: amar (gente); amor (aos outros), etc.

388. Dos verbos *abyky* manusear, *mo-nhang* fazer, e *pysyk* apanhar, formam-se *por-abyky* trabalhar, *poro-mo-nhang* gerar, e *poro-pysyk* apanhar (caça ou prêsa), que se aplicam também aos seres inferiores.

389. *Poro-* se prefixa também a verbos intransitivos, no infinito, traduzindo-se como sujeito ou genitivo:

|  |  |
|--|--|
| <i>sema</i> : sair                                     | <i>moro-sema</i> : sair gente, saída<br>(de gente)               |
| <i>esaraia</i> ( <i>t</i> ) ( <i>xe</i> ): esquecer-se | <i>moro-esaraia</i> : esquecer-se (gente), esquecimento da gente |

Sobre *poro-* anteposto a substantivos, adjetivos, preposições, v. n. 861, 872.

## mbaé

390. Os verbos começados pelos prefixos *r(o)-* ou *no-* interpõem (*gû*)*e*:

*a-ra-só*: levo-o

*a-no-sem*: retiro-o

*a-mbaé-e-ra-só*: levo *cousas*

*a-mbaé-e-no-sem*: retiro *cousas*

391. O verbo pode substantivar-se. Neste caso, os verbos de pronome objetivo *s-* costumam levar *r-*:

*a-s-endub*: ouço-o

*mbaé r-enduba*: ouvir (*cousas*), o ouvido (*sentido*)

*a-s-etun*: sinto cheiro de

*mbaé r-etuna*: cheirar (*cousas*), o olfato

*xe r-asy*: dói-me

*mbaé asy* ou *mbaé r-asy*: doer, dor, doença

392. *Mbaé* tem largo campo de aplicação nas alcunhas:

*mbaé tî-gûasu*: narigudo; *mbaé akâ-beba*: cabeça chata; *mbaé embé-gûasu*; beiçudo; *mbaé mimbabá*: animal; *mbaé îuru-apê*: bôca-torta

## BIBLIOGRAFIA

**Coletivos** — *tyba*: FIGUEIRA 76; VLB 142; MONTOYA, *Tesoro* 387/381; RESTIVO 324; CAETANO 76-77; DRUMOND, *Notas Gerais* 57-70; L. BARBOSA, *Traduções* 30-31; *eyîa*: FIGUEIRA 5; VLB 94; 124; 145; 304; MONTOYA, *Tesoro* 376/370; ADAM 99.

**Prefixos de classe** — ANCHIETA 14v-15; 49v-50; 51-52; FIGUEIRA 86; 90; VLB 282; 290; 321; MONTOYA 53-54; ID. *Tesoro* 318/312-319/313; RESTIVO 52-55; 277; CAETANO 38; ADAM 9; 22-27; L. BARBOSA 173-174; ID. *Os Índices*.

*LIÇÃO 26.<sup>a</sup>*

## GERÚNDIO

393. O gerúndio traduz as nossas formas verbais “mando, a matar, para matar”.

## DESINÊNCIA

### TIPO I: Verbos de Pronome Agente

#### Forma Afirmativa

394. FINAL VOGAL ORAL: 1. Os verbos acabados em *á*, *é*, *ó*, recebem *-bo*:

*iuká*: matar

*iuká-bo*: matando

*ie-peá*: separar-se

*ie-peá-bo*: separando-se

*mo-ndó*: mandar

*mo-ndó-bo*: mandando

*mbo-é*: ensinar

*mbo-é-bo*: ensinando

395. *Exceções*: 1) Precedido de vogal, *ó* é substituído por *gû-á-bo*:

*soô*: convidar

*sogû-á-bo*: convidando

2) Precedido de *m* ou *n*, a terminação é *-mo*:

*manó*: morrer

*gûi-manó-mo*: morrendo (eu)

3) *Sykyié* “ter medo de”, *iké* “entrar” e seus compostos *mo-sykyié* “assustar”, *mo-ingé* “introduzir” e *ro-iké* “entrar com”, fazem respectivamente;

*sykyî-á-bo* ou *sykyîé-bo*, *iké-á-bo*, *mo-sykyî-á-bo* ou *mo-sykyîé-bo*, *mo-ingé-á-bo* e *ro-iké-á-bo*

396. 2. Os verbos acabados em *i* ou *u* recebem *á-bo*, e o *i* ou *u* passam para *î* ou *û*:

*apiti*: matar (gente)  
*poru*: usar

*apitî-á-bo*: matando (gente)  
*porû-á-bo*: usando

397. *Exceções*: Não sendo precedido de consoante, *u* cede lugar a *gû-á-bo*:

*û*: comer  
*suú*: morder

*gû-á-bo*: comendo  
*sugû-á-bo*: mordendo

398. 3. Os verbos acabados em *y* acrescentam *-bo* ou *á-bo*; neste caso, o *y* passa para *ŷ*:

*apy*: queimar                           *apy-bo* ou *apŷ-á-bo*: queimando

399. *Exceções*: Alguns verbos acabados em mais de uma vogal oral, que não formem ditongo, podem fazer o gerúndio de outros modos:

|                              |   |
|------------------------------|---|
| <i>aó</i> : injuriar         | <i>agû-á-bo</i> ou <i>aó-á-bo</i> : injuriando  |
| <i>îe-peé</i> : esquentar-se | <i>ie-peé-á-bo</i> , <i>îe-peé-bo</i> , <i>ie-pegû-á-bo</i><br>ou <i>ie-peé-gû-á-bo</i> |

Outros só podem receber *-bo*:

|                            |                                   |
|----------------------------|-----------------------------------|
| <i>eé</i> : impelir, limar | <i>éé-bo</i> : impelindo, limando |
| <i>ô</i> : tapar           | <i>ô-bo</i> : tapando             |

400. FINAL VOGAL NASAL: 1. Os acabados em *ã*, *ẽ* ou *õ* acrescentam *-mo*:

*nupã*: açoutar                           *nupã-mo*: açoutando

2. Os acabados em *î*, *û* ou *ŷ* acrescentam *â-mo*:

*kytî*: cortar                           *kytî-â-mo*: cortando

*Nota* — ADAM 63 opina que primitivamente o índice de gerúndio era *sabo* e *abo*, respectivamente para verbos terminados em vogal e em consoante. Pelo menos a última parte da afirmativa é aceitável: *abo*, em contacto com a vogal anterior, sofre-lhe ou causa-lhe alterações (contração, semiconsonantização).

Quer-nos parecer, aliás, que o gerúndio em *-bo* é o próprio nome verbal (*s*)*aba* (n. 798) regido de *-bo* (n. 643).

401. FINAL DITONGO NASAL OU ORAL: Recebem -a:

|               |         |                 |           |
|---------------|---------|-----------------|-----------|
| <i>enõî</i> : | chamar  | <i>enõî-a</i> : | chamando  |
| <i>kai</i> :  | queimar | <i>kai-a</i> :  | queimando |

402. FINAL CONSOANTE: Acrescentam -a:

|                   |         |                     |           |
|-------------------|---------|---------------------|-----------|
| <i>mo-nhang</i> : | fazer   | <i>mo-nhang-a</i> : | fazendo   |
| <i>pysyk</i> :    | apanhar | <i>pysyk-a</i> :    | apanhando |
| <i>sem</i> :      | sair    | <i>sem-a</i> :      | saindo    |

403. O *b* final muda-se em *p*:

|                 |        |                                    |          |
|-----------------|--------|------------------------------------|----------|
| <i>ausub</i> :  | amar   | <i>ausup</i> - <i>a</i> :          | amando   |
| <i>gûeiyb</i> : | descer | <i>gûeiy</i> <i>p</i> - <i>a</i> : | descendo |

404. Os acabados em *r* perdem êsse *r*, e nada acrescentam:

|                  |               |                 |                 |
|------------------|---------------|-----------------|-----------------|
| <i>potar</i> :   | querer        | <i>potá</i> :   | querendo        |
| <i>eiar</i> :    | deixar        | <i>eiá</i> :    | deixando        |
| <i>ausubar</i> : | compadecer-se | <i>ausubá</i> : | compadecendo-se |

### Forma Negativa

405. Forma-se juntando *eym-a* ao tema do indicativo:

|              |                           |          |                      |              |
|--------------|---------------------------|----------|----------------------|--------------|
| <i>potar</i> | <i>potá</i> :             | querendo | <i>potar-eym-a</i> : | não querendo |
| <i>ausub</i> | <i>ausup</i> - <i>a</i> : | amando   | <i>ausub-eym-a</i> : | não amando   |
| <i>iuká</i>  | <i>iuká</i> - <i>bo</i> : | matando  | <i>iuká-eym-a</i> :  | não matando  |

### TIPO II: Verbos de Pronome Paciente

406. Se o tema do verbo acaba em vogal tônica, recebe *-ramo*. Se é nasal, *-namo*. Nos demais casos, *-amo*. No negativo, sempre *eym-amo*:

|                            |                   |                                |                          |
|----------------------------|-------------------|--------------------------------|--------------------------|
| (xe) <i>katu-ramo</i> :    | sendo (eu)        | (xe) <i>katu-eym-amo</i> :     | não sendo                |
| bom                        |                   | (eu) bom                       |                          |
| (xe) <i>maenduar-amo</i> : | lembra-<br>ndo-me | (xe) <i>maenduar-eym-amo</i> : | não<br>me lembrando      |
| (xe) <i>r-atã-namo</i> :   | sendo (eu)        | (xe) <i>r-atã-eym-amo</i> :    | não sen-<br>do (eu) duro |
| duro                       |                   |                                |                          |

407. *Nota:* Os verbos modificados por partículas levam o sufixo do gerúndio após a partícula:

*mo-ang-aub:* fingir  
*aang-yþy:* pronunciar a  
                   primeira vez  
*eþiak-ukar:* fazer ver

*mo-ang-aup-a:* fingindo  
*aang-yþy-á-bo:* pronunciando  
                   a primeira vez  
*eþiak-uká:* fazendo ver

408. O gerúndio pode levar as partículas do futuro, condicional, etc.:

*abá biã-é o ayra o-gûe-r-ekó-katu, memé-t' ipó Tupã, mbaé tetiruã iar-amo o-ikó-bae, asé r-ausubá-ne* (AR. 22): pois se os homens tratam bem a seus filhos, quanto mais Deus, que é o senhor de tôdas as cousas, se compadecerá da gente

## SUJEITO E COMPLEMENTOS

### TIPO I: Verbos de Pronome Agente

#### § 1.º Transitivos

409. Requerem o objeto direto (substantivo ou pronome) logo antes do tema. Os pronomes objetivos são *xe, nde,* etc., nunca porém *oro-, oþo-*.

**pysyk:** apanhar

*xe pysyk-a:* apanhando-me (tu, vós, êle ou êles)

*nde pysyk-a:* apanhando-te (eu, nós, êle ou êles)

*i pysyk-a:* apanhando-o ou -os (eu, nós, tu, vós, êle ou êles)

*o pysyk-a:* apanhando-o ou -os (eu, nós, tu, vós êle ou êles)  
                   (refl. subord.)

*iandê pysyk-a:* apanhando-nos (êle ou êles)

*oré pysyk-a:* apanhando-nos (tu, vós, êle ou êles)

*pe pysyk-a:* apanhando-vos (eu, nós, êle ou êles)

Quando o objeto é substantivo e se acha distanciado do gerúndio, antes dêste deve ficar o pronome objetivo (n. 119):

comi, segurando o prato com minhas mãos: *a-karu, xe pô-pe nhaẽ pysyk-a* ou *a-karu, nhaẽ xe pô-pe i pysyk-a*

O gerúndio tende a ficar sempre no fim da frase.

**410.** Se o verbo é dos que têm *s-* como pronome objetivo da 3.<sup>a</sup> p., o *s-* se conserva nas 3as. pp.; mas depois de substantivo ou pronome da 1.<sup>a</sup> ou 2.<sup>a</sup> pp., vem *r-*:

*xe r-eõ-botar, xe sy r-epiak-a:* quero morrer vendo minha mãe

### epiak: ver

*xe r-epiak-a:* vendo-me

*iandé ou oré r-epiak-a:* vendo-nos

*nde r-epiak-a:* vendo-te

*pe r-epiak-a:* vendo-vos

*s-epiak-a:* vendo-o ou -os

*s-epiak-a:* vendo-o ou -os

*o epiak-a:* vendo-o ou -os  
(refl.)

*o epiak-a:* vendo-o ou -os (refl.)

**411.** Se o pronome objetivo é *io-*, o verbo perde-o:

### tym: enterrar

*xe tym-a:* enterrando-me

*iandé, oré tym-a:* enterrando-nos

*nde tym-a:* enterrando-te

*pe tym-a:* enterrando-vos

*i tym-a:* enterrando-o

*i tym-a:* enterrando-os

*o tym-a:* enterrando-o

*o tym-a:* enterrando-os

*t' ia-só i xok-a:* vamos pilá-lo

*a-iur i-i ok-a:* venho tirá-lo

**412.** Se o pronome objetivo é *io-s-* (n. 323), segue-se *epiak*:

### eî: lavar

*xe r-eî-a:* lavando-me

*iandé, oré r-eî-a:* lavando-nos

*nde r-eî-a:* lavando-te

*pe r-eî-a:* lavando-vos

*s-eî-a*: lavando-o  
*o eî-a*: lavando-o (refl.)

*s-eîa*: lavando-os  
*o eî-a*: lavando-os (refl.)

*aoba r-eî-a*: lavando a roupa  
*a-r-ur s-eî-a*: trouxe-o para lavá-lo  
*a-iur nde r-oka*: vim para tirar-te

413. Os verbos começados por *r(o)-* ou *no-* (n. 124) recebem na 3.<sup>a</sup> p. a sílaba *s-e-*, e depois de substantivo ou de pronome da 1.<sup>a</sup> ou 2.<sup>a</sup> pp., *r-e-*:

### **ra-só:** levar

*xe r-e-ra-só-bo*: levando-me

*iandé, oré r-e-ra-só-bo*: levando-nos

*nde r-e-ra-só-bo*: levando-te

*pe r-e-ra-só-bo*: levando-vos

*s-e-ra-só-bo*: levando-o

*s-e-ra-só-bo*: levando-os

*o e-ra-só-bo*: levando-o (refl.)

*o e-ra-só-bo*: levando-os (refl.)

*o-ar ygasaba r-e-ra-só-bo*: caiu levando a talha

Sobre os verbos reflexivos, verbos com índices de classe, com objeto incorporado, v. n. 294, 417 e 418.

### **§ 2.<sup>º</sup> — Intransitivos e relativos**

414. Requerem o prefixo sujeito antes do tema. Os prefixos são:

SING.

PL.

1a. p.: *gûi-*

1a. p. incl.: *ia-*; excl.: *oro-*

2a. p.: *e-*

2a. p.: *pe-*

3a. p.: *o-*

3a. p.: *o-*

### **pak: acordar**

*gûi-pak-a*: acordando eu  
*e-pak-a*: acordando tu  
*o-pak-a*: acordando êle

*ia-pak-a, oro-pak-a*: acordando nós  
*pe-pak-a*: acordando vós  
*o-pak-a*: acordando êles

Os prefixos persistem, ainda que o sujeito esteja antes do verbo:

*o-manó xe r-uba o-nheeng-a*: meu pai morreu falando

415. O *s* inicial do verbo, depois de *gûi-*, se muda em *x* (n. 19):

*gûi-xó-bo*: indo eu

*gûi-xem-a*: saindo eu

416. Os verbos transitivos na forma reflexiva (n. 294) podem seguir o paradigma *pak*, mas podem também ficar invariáveis:

*gûi-ie-iuká-bo*: matando-me  
eu

*ia*- ou *oro-ie-iuká-bo*: matando-nos  
nós

*e-ie-iuká-bo*: matando-te tu

*pe-ie-iuká-bo*: matando-vos vós

*o-ie-iuká-bo*: matando-se élle

*o-ie-iuká-bo*: matando-sé êles

ou, simplesmente, para tôdas as pessoas: *ie-iuká-bo*

417. Assim se podem conjugar também os verbos transitivos que levem os pronomes de classe *poro-* ou *mbaé*. Mas, se ficarem invariáveis, *poro-* se muda para *mboro-* ou *moro-* (n. 387):

*gûi-poro-pysyk-a* ou *m(b)oro-pysyk-a*: apanhando eu

*e-poro-pysyk-a*      "      "      "      tu

*o-poro-pysyk-a*      "      "      "      êle. Etc.

418. Os verbos de objeto incorporado (n. 116) podem seguir *pak* ou ficar invariáveis:

*gûi-mimby-py-bo* ou *mimby-py-bo*: tocando eu flauta

*e-mimby-py-bo*      "      "      "      tu      "

*o-mimby-py-bo*      "      "      "      êle      "

## TIPO II: Verbos de Pronome Paciente

419. Requerem os pronomes pacientes:

SING.

- 1a. p.: *xe*
- 2a. p.: *nde*
- 3a. p.: *o*

PL.

- 1a. p. incl.: *iandé*: excl.: *oré*
- 2a. p.: *pe*
- 3a. p.: *o*

**katu:** (ser) bom

*xe katu-ramo*: sendo eu bom

*iandé, oré katu-ramo*: sendo  
nós bons

*nde katu-ramo*: sendo tu bom

*pe katu-ramo*: sendo vós bons

*o katu-ramo*: sendo êle bom

*o katu-ramo*: sendo êles bons

420. Os que na 3.<sup>a</sup> p. têm *s* como pronome sujeito do indicativo, no gerúndio recebem um *g*, na mesma pessoa, após o *o*:

**oby:** (ser) verde

*xe r-oby-ramo*: sendo eu verde

*iandé, oré r-oby-ramo*: sendo  
nós verdes

*nde r-oby-ramo*: sendo tu verde

*pe r-oby-ramo*: sendo vós  
verdes

*o(g)-oby-ramo*: sendo êle verde

*o(g)-oby-ramo*: sendo êles  
verdes

421. Os substantivos, pronomes e advérbios, quando funcionam como complemento predicativo, seguem *katu* ou *maenduar*, mas não levam prefixos:

*ixé-ramo*: sendo eu

*ixé-eym-amo*: não sendo eu

*itá-ramo*: sendo pedra

*itá-eym-amo*: não sendo pedra

*emonan-amo*: sendo dessa  
forma

*emonan-eym-amo*: não sendo  
dessa forma

422. NOTA. — O gerúndio pode ter, incorporado, como objeto direto, outro verbo no infinito. Neste caso, a terminação dependerá do segundo verbo, e os prefixos e pronomes acompanharão a natureza do verbo que está no infinito:

*i iuká-ypy-bo*: começando a matá-lo; *xe s-epiá-îe-by*: tornando eu a vê-lo; *nde s-eî-îe-potá-bé-bo*: continuando tu a lavá-lo; *gûi-ké'-potá*: querendo eu dormir; *o-nhee'-nguap-a*: sabendo ele falar; *iandé r-esaraî-îe-by*: tornando-nos a esquecer

### Gerúndios irregulares:

423. Desde já convém conhecer os seguintes:

*ikó*: estar

sg. *gûi-t-ekó-bo*, *e-ikó-bo*, *o-ikó-bo*;  
pl. *îa-ikó-bo*, *oro-ikó-bo*, *pe-ikó-bo*, *o-ikó-bo*.

*in*: estar (parado)

sg. *gûi-t-en-a*, *e-in-a*, *o-in-a*;  
pl. *îa-in-a*, *oro-in-a*, *pe-in-a*, *o-in-a*.

*îub*: estar deitado

sg. *gûi-t-up-a*, *e-îup-a*, *o-up-a*;  
pl. *îa-îup-a*, *oro-îup-a*, *pe-îup-a*, *o-up-a*.

*îur*: vir

sg. *gûi-t-ú*, *e-îú*, *o-ú*;  
pl. *îa-îú*, *oro-îú*, *pe-îú*, *o-ú*.

### EXERCÍCIO

424. Conjugar no gerúndio os seguintes verbos:

*kûab*: passar

*îe-byr*: voltar

*epiak-ukar* (*s*):

*am*: estar (de pé)

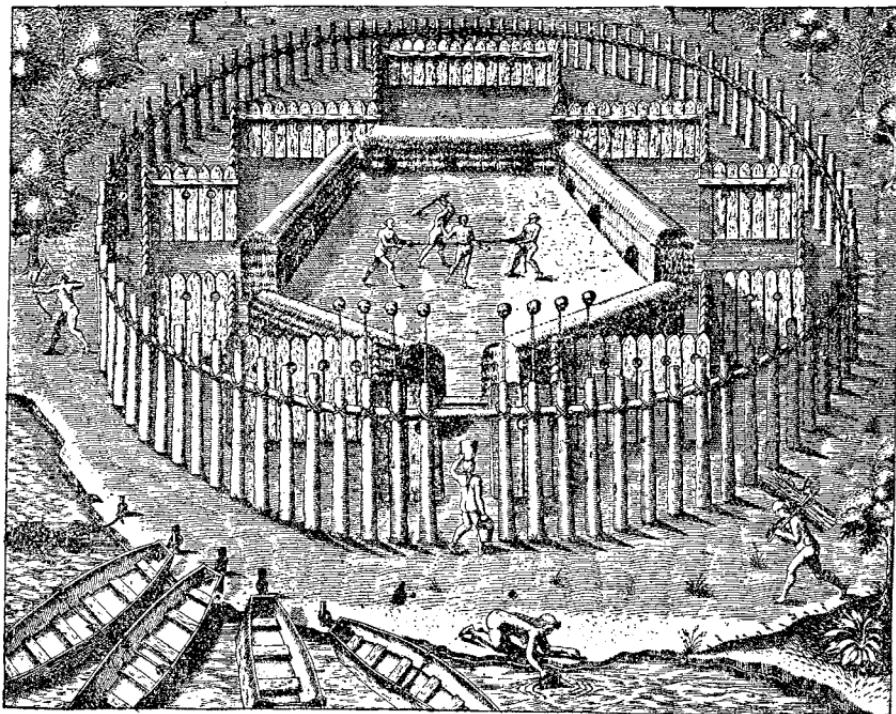
mostrar

*manó*: morrer

|   |   |
|---|---|
| <i>esaraî</i> ( <i>s</i> ) ( <i>xe</i> ): esquecer-se | <i>suú</i> : morder                         |
| <i>ú</i> : comer                                      | <i>asy</i> ( <i>s</i> ) ( <i>xe</i> ): doer |
| <i>só</i> : ir  | <i>sem</i> : sair                           |
| <i>iké</i> : entrar                                   | <i>ei</i> ( <i>io-s</i> ): lavar            |
| <i>mim</i> ( <i>io</i> ): esconder                    | <i>epiak</i> ( <i>s</i> ): ver              |
| <i>sok</i> ( <i>io</i> ): pilar                       | <i>ybō</i> ( <i>i</i> ): flechar            |
|   | <i>mo-mbeú</i> : narrar                     |

## BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 19; 27-29v; FIGUEIRA 22-23; 33; 35; 52-53; 110-114; MONTOYA 16; 24-29; RESTIVO 85-86; 145-147; CAETANO 31-35; ADAM 58-65; DALL'IGNA, *Análise* 64-66.



Aldeia e cenas da vida tupi (DE BRY)

## SINTAXE DO GERÚNDIO

425. O gerúndio tem, em tupi, várias funções correlatas: 1) gerúndio teleológico (causa final); 2) gerúndio simulfactivo (ação simultânea); 3) gerúndio conectivo ou seriativo (ação em série, pelo menos lógica):

- 1) *o-ur xe r-uba r-epiak-a*: veio para ver a meu pai
- 2) *o-ur o-porasei-a*: veio dançando
- 3) *o-î-pysyk i iuká-bo*: apanhou-o (e) matou-o

O verbo só vai para o gerúndio quando tem o mesmo sujeito da oração principal:

indo (eu), avistei-o: *gûixó-bo, a-s-epiak*

Na frase “indo (êle), avistei-o”, o verbo vai para o infinito, seguido da conjunção *-reme*: *i xó-reme, a-s-e-piak*, i. é, “quando êle ia, avistei-o”.

426. O gerúndio tem larga aplicação com os verbos de movimento:

vim para te ver: *a-îur nde r-epiak-a*; veio para te ver: *o-ur nde r-epiak-a*

Mas sendo distintos o sujeito da oração principal e o da subordinada, ter-se-á de recorrer ao verbal *saba* (n. 799), que aliás serve também para os casos em que o sujeito é o mesmo.

### Locuções Gerundivas

427. As locuções “estou caminhando”, “estou ensinando”, etc. se traduzem:

*a-gûatá gûi-t-ekó-bo, a-poro-mbo-é gûi-t-ekó-bo*, etc.

Isto é, 1) o verbo que vai para o gerúndio é o auxiliar, 2) a ordem é inversa à portuguêsa. Literalmente: "eu caminho estando", etc.

428. Há várias traduções para "estar", conforme a posição:

*am*: estar de pé

*m*: estar quieto, parado (p.  
ex. sentado)

*iub*: estar deitado

*ikó*: estar (em geral, es-  
pecialmente com os  
verbos de movimento)

*kub*: estar (só no plural)

*a-manó gûi-t-up-a*: estou (deitado) morrendo; *t' o-por-abyky o-in-a*: que élê esteja (continue) trabalhando; *oro-só oro-ikó-bo*: es-  
tamos indo; *pe-poro-epiak pe-am-a-pe?*: estais (de pé) olhando?

429. Em algumas locuções o gerúndio se verte pelo particípio passado português:

*a-nhe-nong gûi-t-up-a*: estou deitado; *a-gûapyk gûi-t-en-a*: estou sentado

430. Por vêzes se combinam dois dêsses verbos em uma locução. Um dêles desaparece na tradução:

*mbaé r-esé-pe araiá pe-ikó tenhé pe-kup-a?*: por que estais todo o dia ociosos?

431. Nas locuções, a negação modifica o primeiro verbo:

*nd' a-gûatá-i gûi-t-ekó-bo*: não estou andando; *nd' o-ker-i o-up-a*: élê não está dormindo; *nd' oro-arõ-i xó gûi-t-en-a-ne*: não te estarei esperando; *xe r-epiak umé e-iup-a*: não me estejas (deitado) olhando

432. Também os verbos de pronome paciente têm gerúndio perifrástico:

*xe mbaé-asy gûi-t-ekó-bo*: estou doente; *nde maenduar e-ikó-bo*: estás-te lembrando

Sobre as locuções de dois participios presentes, v. n. 957.

433. Havendo dois verbos da mesma pessoa, coordenados em português, um deles se pode traduzir pelo gerúndio:

*o-î-pysyk gûyrá, i îuká-bo*: segurou o pássaro e matou-o; *gûyrá pypyk-a, a-îuká*: segurei o pássaro e matei-o

### Partículas que pedem gerúndio

434. Certas partículas levam o verbo ao gerúndio:

*aé-î-bé*: logo então

*aé-î-bé o-ké*: logo então dormiu

*aûné, rumby, erumby, erumby nhé, te, te-ne, te-ipó, koyté* (esta posposta ao verbo), *te... koyté, rumby... koyté*: enfim, finalmente, senão quando; eis que, até que enfim:

*te ixé gûi-xó-bo*: eis que nisto eu me vou; *te-ne o-syk-a*: eis que chega; *rumby xe r-uba o-basem-a*: eis que chega meu pai; *aûné o-ma-nó-mo*: finalmente morreu; *rumby ahé o-ú koyté*: senão quando vem êle; *te ahé s-e-ra-só-bo koyté*: até que enfim êle o levou

Há também *koyte*.

*emonã* ou *emonan*: assim (raramente com gerúndio)

*emonan i potá*: assim o quis êle

*iá, iâ, iâ iá-by, iâ muru, iâ iá-by mâ, iâ-by anhé mâ*: ainda bem que

*iâ mburu o-manó-mo; iâ mburu o-mbaé-asy-ramo* (Ar. 102): ainda bem que morreu, ainda bem que adoeceu; *iâ-n' ahé* (VLB 263): ainda bem por ti, por êle

*memé, memé-te(-ne), memé-t' ipó*: quanto mais. com maior razão

V. ex. n. 408.

*neī* ou *eneī* (sing.); *peī* ou *peneī* (pl.): eia, sus (só nas 2.<sup>as</sup> pp.):

*neī i iuká-bo*: eia, mata-o; *peī, i iuká-bo*: eia, matai-o

— Admite o permissivo, mas no sentido de concessão:  
*neī t' ere-iuká*: mata-o pois (já que o pedes ou queres)

*t' e-i tenhē umé*: guarde-se de; trate de não... (só nas 3.<sup>as</sup>. pp.):

*t'e-i tenhē umé ahē o-nheeng-a* ou *o-nheeng-aup-a* (VLB 254):  
 trate êle de não falar

*t'e-i-nhé, te-nhé*: deixa, deixai (falando de 3.<sup>as</sup>. pp.):

*t'e-i-nhé o-ké*: deixa-o que durma; *t' e-i nhé o-ikó-bo, o-up-a, o-in-a*: deixa-o estar, estar deitado, parado

— Com o permissivo, supõe que ainda não se esteja realizando a ação verbal: *te-nhé Cristãos Tupã-eté t' o-i-mo-eté, e-i o boiá-etá supé* (AR. 140): deixai que os cristãos honrem ao Deus verdadeiro — disse (Constantino) aos seus súditos

*té-umé* ou *eté-umé*: (sing.), *pe-té-umé* ou *pe-té-pe-umé* (pl.): guarda-te de; ... olha não... (só nas 2.<sup>as</sup> pp.):

*té-umé s-e-ra-só-bo*: não o leves, olha lá; *té-umé ang-iré emonan e-ikó-bo* (AR. 221): olha, doravante não faças mais assim; *té-umé e-só-bo*: guarda-te de ires; *pe-té-umé xe r-apirō-mo* (AR. 88): não me lamenteis

Por vêzes *té-umé* é acompanhado da partícula *ké*, podendo o gerúndio levar ainda *nhandu* e *ruā* (n. 208):

*té-umé kē gûyrá pysyk-a*: guarda-te de apanhares o passarinho;  
*té-umé kē s-e-ra-sóbo nhandu ruā* (VLB 253): guarda-te de o levares

Igual sentido tem o imperativo negativo com aquelas partículas (n. 208).

**435.** Nota: Nem tôdas essas partículas exigem o gerúndio com a mesma obrigatoriedade. Encontram-se exemplos em contrário:

*memé-t' ipó ixé a-i-mo-nhang-mo* (FIG. 143): quanto mais eu faria isso

## EXERCÍCIOS

436.

(a) *bé-rameī*, *rameī-bé*: parecer  
*ia-sūar(-i)* ou (*-eté mā*): pa-  
 recer  
*maraar (xe)*: estar doente  
*îe-kuab*: ser visível  
*mo-apē*: entortar  
*apē-ok (î)*: desentortar  
*m(b)o-sá-ká*: ferir os olhos a

*anga*: alma  
*penga*: sobrinho (de m.)  
*obaâara (t)*: cunhado  
*gûariba*: macaco (espécie)  
*rana*: parecido com (n. 172)  
*gûarinî-ã-me*: na guerra  
*sûer, sûé, só (suf.)*: por pouco  
 que

437. *Bé-rameī*, *iá-sûar*, etc. nunca levam o prefixo verbal: *itá bé-rameī ixé-bo* (VLB 89): afigurou-se-me ser pedra.

*Bé-rameī* compõe-se de *rameī* “igual, semelhante, como”: *i rameī* como élle, igual, semelhante a élle (em tamanho, qualidade, etc.); *aípô rameī* como aquilo, daquela maneira. O mesmo significa *nungara*; *kó nungara* como isto, desta maneira; *i porang nungar-eyma* é belo sem igual; *o-mendar o nungara r-esé*: casou-se com uma igual a élle; *nd' i nungar-i*: não tem igual.

Com o gerúndio, *bé-rameī*, *nungara*, etc. equivalem a “como se”: *gûi-îe-byr-eym-a* *bé-rameī*, *xe sy xe r-apirô-pirô-û*: como se eu não voltasse, minha mãe me chorava.

438. *Xe maraar-amo*, *xe r-esaraî mbaé ú sui*. *Mbaé-pe ere-î-apô e-in-a?* *Xe gûyrapar-ama a-î-apar gûi-t-ekó-bo*. *Nd' a-só-î nde r-arô-mo*. *A-îur nde r-epiû-potá*. *Xe anama o-manó gûarinî-ã-me*, *o-îabab-eym-a*. *Ixé gûi-manó-potar-eym-a*, *a-îabab*. *Mbaé r-esé-pe ere-îabab e-ikó-bo?* *Té-umé ké e-îabap-a nhandu ruã*. *Nd' a-îabab-i gûi-t-ekó-bo*. *A-ker gûi-am-a*. *O-manó o-á*. *Mbaé-pe ere-ú e-in-a?* *A-pirá-ú gûi-t-en-a*. *Xe penga o-só s-obaâara r-e-ra-só-bo*. *Aûné s-e-ra-só-bo*. *Iá s-e-ra-sóbo*. *Aé-pe gûi-xyk-a*, *a-manó-ne*. *S-obý ybaka*. *Nhû s-obý*. *S-obý paranâ abé*. *Mbaé r-esé-pe?* *Ikó-bae r-esé*: moroby nhó-te *nd' iandé mosá-ka-î*, — *bé-rameī ixé-bo*. *A-îur nde pytybô-mo*. *Mbaé-pe ere-s-epiak e-ikó-bo?* *Gûariba bé-rameī ixé-bo*. *Umâ-pe?* *O-îabab umâ, rameī-bé*. *Ere-manó sûer-î, xe sy gûé*. *O-îe-kuab-pe asé anga?* *Nd' o-îe-kuab-i*. *Marâ-namo-pe?* *O eté-eym-amo*. *Ere-î-mo-apê xe r-uuba*: *a-î-apê-ok-ne*.

439.

acender: *mo-ndyk*  
 apagar: *m(b)o-gûeb*, tr.  
 apagar: *gûeb*, intr.

rir: *puká*  
 deitar-se: *nhe-nong*  
 recolher: *eyî-nhang (s)*

|  |                                |
|--|--------------------------------|
| soprar: <i>peûu</i>                              | despertar: <i>mo-mbak</i>      |
| zombar: <i>mo-iaru</i> , tr.                     | talo: <i>aîuru-py</i>          |
| falar mal de: <i>iuru-ar</i> ( <i>xe</i> ) [esé] | vagem: <i>opé</i> ( <i>s</i> ) |
| espalhar: <i>mo-sâî</i>                          | verde, novo: <i>kyra</i>       |
| apanhar: <i>poô</i>                              | maduro: <i>tininga</i>         |
| — quebrando o talo: <i>mo-ndok</i>               | logo: <i>koriteî</i>           |
| debulhar: <i>yky</i> ( <i>i</i> )                | por si: <i>nhó-te</i>          |

440. Que estás fazendo? Estou desentortanto minhas flechas (*fut.*). Teu irmão que está fazendo? Está dormindo. Onde está dormindo? Queres que o desperte? Não. Deixa-o estar dormindo. Quase que morreu de cansado, e deitou-se querendo dormir. Agora, que estás comendo? Estou bebendo leite. Que outra cousa estás fazendo? Vim para te ajudar a acender o fogo. O fogo apagou. Eia, pois, acende-o. Quem o apagou? Parece-me que ninguém: apagou por si mesmo. Não: eu o soprei e apaguei. Que estás fazendo aí parado? Estou esperando o meu avô. Por que estão rindo aquêles homens? Estão zombando de nós. Guardem-se de falar de mim (VLB 284). Por que não foste ontem à roça? Ontem estava doente. Por que não vieste visitar-me com teu cunhado? Eu estava apanhando jaboticaba. Jaboticaba não tem talo? Tem [talo]. Que outra cousa apanhaste? Estive apanhando vagens de feijão. Estão verdes, ou já estão cheias? Já estão maduras. Traze-as para que as debulhemos. Já as debulhei com meu cunhado, e já espalhei os grãos no chão. Recolhe-os logo: vai chover de tarde. Dizes, como se eu não soubesse...

## BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 29v; 56-57v; FIGUEIRA 155; 158-164; MONTOYA 24-25; RESTIVO 85-90; 145-153; CAETANO 31-35; ADAM 58-65; L. BARBOSA, *Traduções* 31-32.

## LIÇÃO 28.<sup>a</sup>

### NOMES PRÓPRIOS

#### Antropônimos

441. Apenas nascida uma criança, o pai lhe dava um nome, ouvindo para isso o conselho da tribo.

Aos homens davam-se, amiúde, nomes de animais ferozes; às mulheres, nomes de pássaros, peixes ou frutas. Mas não era norma rigorosa: para ambos os sexos se escolhiam nomes de antepassados, e sobretudo algumas, tiradas de defeitos ou particularidades da criança.

| Nomes de homens   | Nomes de mulheres      |
|-------------------|------------------------|
| <i>Pindobusu</i>  | <i>Pirakâuba</i>       |
| <i>Íaguanharõ</i> | <i>Teberebé</i>        |
| <i>Taîaoba</i>    | <i>Kunhágûasutenhé</i> |
| <i>Íagûaraba</i>  | <i>Mairatá</i>         |

442. Cada inimigo que matassem, em batalha ou prisoneiro, os índios tomavam novo nome, à própria escolha.

Também os que ajudassem a matar ou a capturar em guerra. Condição principal: quebrar a cabeça do inimigo. Assim, tomavam nome, mesmo quando quebravam a cabeça de algum contrário que desenterrassem ao se apossarem de aldeia inimiga. A mulher só adquiria novo nome, se o marido matasse algum escravo.

#### Etnônimos

443. Tanto como nas línguas indo-européias, em tupi os nomes de povos e tribos têm origem muito remota e mostram-se por vezes indecifráveis.

Eis alguns:

|                         |                  |                    |
|-------------------------|------------------|--------------------|
| <i>tamūña</i>           | <i>temiminó</i>  | <i>mbarakaîá</i>   |
| <i>tupi</i>             | <i>tupinakŷâ</i> | <i>tupinambá</i>   |
| <i>tobaîara</i>         | <i>tupinaé</i>   | <i>kariîó</i>      |
| <i>gûaitakâ</i>         | <i>gûâianá</i>   | <i>tupiîó</i>      |
| <i>tapyyiâ</i>          | <i>kaaeté</i>    | <i>gûâimuré</i>    |
| <i>ybyra(a) pûâîara</i> | <i>kamusuâra</i> | <i>gûakaraîara</i> |

*karaiba*: branco; europeu; estrangeiro; português

*peró*: português (alcunha)

*maira*: branco, estrangeiro; francês; inglês

*âiuruîuba*: francês, inglês (alcunha)

*mboaba*: português (alcunha)

*kasiana*: castelhano

No tupi primitivo, tanto *maira* como *karaiba* aplicam-se a sêres mais ou menos sobrenaturais. *Maira* (seguido ou não de epítetos, como *Monâ*, *Atá*, *Sumé*) designa vários deuses da mitologia tupi. THEVET, *Cosmographie Universelle* 914, traduz por "transformador". Está ligado a uma noção de divindade portentosa, ao passo que *karaiba* qualifica os taumaturgos humanos. *Maira* e *karaiba* foram os nomes com que vieram a designar os estranhos e perigosos brancos aportados ao Brasil. Fenômeno geral entre os primitivos esse de sobrenaturalizar o estrangeiro, sobretudo se mais civilizado. Posteriormente, *maira* (ou *mair* nos autores franceses) ficou reservado aos franceses, enquanto *karaiba* se generalizava em duas direções: 1) branco, europeu; português; 2) santo, batizado, bento, cristão.

Corriam também apôdos: *âiuruîuba*, usado no *Auto de S. Lourenço* e no VLB no sentido de "francês", mas que MARCGRAVE afirma aplicar-se também ao "inglês" e em geral ao estrangeiro de cabelos ruivos (*âiuru-iuba* "papagaio amarelo"). Apôdo também *peró* "português", generalização do antropônimo "Pero", popular na época. Tal como no México certos índios chamam a todos os brancos homens "José" e mulheres "Maria". Explica-se assim por que os tamoios, aliados dos franceses, chamavam a estes *maira* (nome de respeito) e aos inimigos português *peró* (alcunha); ao passo que os temiminós chamavam aos portuguêses, seus aliados, *karaiba* (nome de respeito) e aos adversários franceses *âiuruîuba* (alcunha). Mais tarde, com o despertar do nacionalismo, surgiria outra alcunha para o português: *mboaba* "mão peluda".

*Kasiana* é adaptação tupi de "castelhano" (S. Lour. 860-863).

## Topônimos

444. Os topônimos e outros nomes geográficos tupis têm a mais variada procedência: particularidades do lugar,

fauna ou flora locais, fatos acontecidos na região, causas ali encontradas, etc.:

*Ygûasu*: rio grande (Rio da Prata; Rio Doce)

*Paraupaba*: rio das lagoas (apôsto) (em S. Paulo)

*Turumirî*: bôca estreita (Rio dos Patos)

*Itakúatiara*: pedra escrita, pintada (Ilha da Cananéia)

*Nhauuma*: barro (Ilha de Vitória)

*Akaray*: rio, mar ou água dos carás (na baía do Rio)

*Rerityba*: jazida de ostras (aldeia no Espírito Santo)

Era comum um nome geográfico estender-se para denominar outro: p. ex., o nome do rio passar para a aldeia construída ao lado. E vice-versa.

De tantos em tantos anos costumavam os índios transferir as aldeias, com todo o material. Mas conservavam sempre os mesmos nomes.

**445. NOTA.** — Nem sempre o conhecimento da língua bastará para “explicar o sentido” de todos os nomes geográficos de origem tupi. Muitos deles foram adulterados pelos brancos. Outros, antigos, os mesmos índios já não os sabiam decompor. Antes de qualquer explicação — ainda que esta nalgum caso pareça óbvia — convém investigar quais as variantes populares e, principalmente, sob que formas aparece o nome nos mais antigos documentos. Note-se a pouca variedade silábica do tupi, que possibilita várias decomposições para a mesma palavra. Assim *Ypanema* poderia ser dividida de duas maneiras: *y-panema* “água (rio ou mar) estéril” ou *ypá'-nema* “lagoa fedorenta”. O estudo filológico só terá valor, se aliado a uma simultânea pesquisa histórica e geográfica. — Sirva a observação de acautelar, não de esmorecer os curiosos, sôfregos de “etimologias”. Pois o mais exímio latínista, só com os seus conhecimentos filológicos, não saberia dar razão de numerosos topônimos latinos, nem de muitos outros, românicos, de origem latina.

## VOCATIVO

**446.** Diz-se estar no vocativo o nome com que chamamos a atenção de outrem.

**447.** Se é paroxítono, perde a última vogal. A consoante final, sendo *r* ou *b*, pode mudar-se para *t* ou *p*, respectivamente:

|                   |  |
|-------------------|--|
| <i>ayra</i>       | <i>xe r-ayr</i> ou <i>xe r-ayt</i> : ó meu filho |
| <i>uba</i>        | <i>oré r-ub</i> ou <i>oré r-up</i> : ó nosso pai |
| <i>Itaiyb</i>     | <i>Itaiyb</i> ou <i>Itaiyb</i> : ó Itajiba       |
| <i>morubixaba</i> | <i>morubixab</i> ou <i>morubixap</i> : ó chefe   |

448. Pode aparecer a interjeição *gûé* ou *gûy* (as mulheres dizem *îú* ou *îó*):

*xe r-ub gûé* ou *gûy* (h.); *îó* ou *îú* (m.): ó meu pai  
*Itaiyb gûé* ou *gûy* (h.); *îó* ou *îú* (m.): ó Itajiba

449. Os nomes de parentesco e semelhantes levam sempre possessivo. Exetuam-se certos vocativos de carinho, como:

*pai*: papai, senhor; *ai*: mamãe; *piá, piá-í*: filho, filhinho; *aí, tapiá*: mano (h.); *peí, gûaûpira*: mana (h.); *aí, tapiá, tang*: mano (m.); *kyí, kynaí, naí, peí, gûaûpira, toí*: mana (m.); *itó, titó, gûaitó*: sobrinha (h.); *taá, xe á* (h. e m.): senhor; *taûpé, miâ* (h.); *tapé* (m.): senhora

450. NOTA. — Os índios chamavam de preferência pelo nome de parentesco ou de relação social; raramente pelo nome próprio.

### EXERCÍCIOS

451.

*no-sem*: tr.-rel. [*suí*]: descar-  
regar

*îasuk*: intr.: banhar-se

*pytybô*: tr.-rel., indir. de c.  
no infin. (reg. ou não de  
*esé*) ou no ger.: ajudar

*pu-mim, a-pu-mim*: afundar  
*nh'-a-pu-mim*: afogar-se, afun-  
dar-se

*Karagûataguásu, Ybyrapítanga*:  
ns. prs.

*ar*: embarcar

*amõ*: molhar

*bur*: emergir

*ygar-upaba*: ancoradouro  
(*ygá*-) *pukuí*: remar

(*ygá*-) *pukuí-tara*: remeiro

*ygá-pukuí-taba*: remo

*kûab apûan*: correr veloz

*koromó*: logo mais

*epyî* (s): aguar

*ekyî* (s): puxar

452. *Piá! Marã, paí? E-s-epyî xe r-e-mi-tyma. A-îasuk gûi-t-ekó-bo.*  
*Aé-pe nde, Karagûataguásu? A-nhe-nong gûi-t-up-a. Ybyrapítang*  
*gûé! Marã? E-s-epyî xe r-e-mi-tyma. T'a-s-epyî koromó. Nd'*

ere-i-amõi xe mbaé! Xe r-ub ió! Mbaé, xe r-ályt? Kurumí o-nh'-a-pu-mim, o-bur-eym-a. Nei ygara r-ekyia, t' ere-i-pysyrô-ne. Nda xe puku. Marã? Nd' a-puku-kuab-i. E-s-enõi ygá-puku-tara, i xupé ygá-puku-taba meeng-a. Taá, mamó-pe ere-s-éiar xe ygara? A-i-pu-mim ygar-upaba suí, t' o-s-epiak umé t-oabâara-ne. Aé-pe nde ygara mamó-pe s-en-i (está)? A-s-ekyî yby-pe. Xe pytybô peiepê y-pe s-e-ityk-a (lançá-la). Pe-no-sem pe mbaé i xuí t' o-kûab apuan-gatu. E-nheeng-poир, e-á koyté! O-nhe-pu-mim ygara!!!



Batalha naval (STADEN)

453.

ilha: *y-pau*  
 terra (de origem): *aupaba*  
 caminho: *pé, pâara* (n. 252)  
 irmã mais moça (da m.): *py-kyyra*  
 tomar novo nome: *ie-er-ok*  
 mudar para: *sem [-pe]*

cabo: *apoã*  
 terra (residência): *etamu* (?)  
 batalha: *mará-t-eko*  
 chamar-se: *er (s) (xe)*  
 ir à guerra: *só gûarinî-ramo*  
 e...?: *áe-pe...?*

454. Aonde foste, meu filho? Fui à guerra. Onde foi a batalha (pass.)? (Foi) em Itacuatiara. Mataste algum inimigo? Sim. Matei um. E tu? Eu não fui à guerra. Qual era o nome do inimigo? Maracajaguaçu. E não tomaste novo nome? Sim. Tomei. Qual é o teu nome? Caramuru. Belo nome. — De onde vens, mano? Venho de Sapopema. Por onde passaste? Passei por Piraguaçu. Onde é o caminho de Piraguaçu? É lá. A quem viste em Piraguaçu? Vi o Pindobuçu e o Cururupeba. — [Como se chama] (qual o nome d') aquela cidade? Acaraí. E qual é o nome daquela ilha e daquele cabo? O nome da ilha é Ipaúguazu. O nome do cabo não sei. — Qual o nome de tua terra (de origem)? Itapemirim. E o teu lugar de residência? Reritiba. — Como se chama aquêle morro? Tinhare. — Quem nasceu em Aiuruoca? Eu (*biã*), [mas] mudei-me de lá para Piratininga. — Como se chama a irmã mais moça de Guarapiranga? Piracanjuba. E o irmão dela? Potim. Onde mora êle? [verta-se: onde é a sua residência?] Em Nhauúma.

## BIBLIOGRAFIA

**Antropônimos** — STADEN 149-151; CRONISTAS, *passim*.

**Etnônimos** — CRONISTAS, *passim*; CARDIM 194-206; CAETANO, *Notas* 207-276.

**Topônimos** — CRONISTAS *passim*; SAMPAIO, *passim*.

**Vocativo** — ANCHIETA 9-9v; FIGUEIRA 9; MONTOYA 2-3; RESTIVO 13; DALL'IGNA, *Análise* 68.

LICÃO 29.<sup>a</sup>

VERBO É “DIZER”

455. É irregular:

INDICAT.: *a-é, er-é, e-i; ia-é, oro-é, pe-î-é, e-i*: digo, dizes, etc.

NEGAT.: *nd' a-é-î, nd' er-é-î, nd' e-í; nd' ia-é-î, nd' oro-é-î, nda pe-î-é-î, nd' e-i*: não digo, não dizes, etc.

PERMIS.: *t' a-é, t' er-é, t' e-i; t' ia-é, t' oro-é, ta pe-î-é, t' ei*: diga, etc.

NEGAT.: *t' a-é umé, t' er-é umé, t' e-i umé*, etc.

IMPERAT.: *er-é; pe-î-é*: dize; dizei

NEGAT.: *er-é umé; pe-î-é umé*: não digas; não digais

INFIN.: *é*: dizer

NEGAT.: *é-eym-a*: não dizer

GER.: *gûi-î-á-bo, c-î-á-bo, o-î-á-bo; ia-î-á-bo, oro-î-á-bo, pe-î-á-bo, a-î-á-bo*: dizendo eu, tu, ele, etc.

NEGAT.: *gûi-é-eym-a, e-é-eym-a, o-é-eym-a; ia-é-eym-a, oro-é-eym-a, pe-î-é-eym-a, o-é-eym-a*: não dizendo eu, tu, ele, etc.

456. Embora se conjugue como verbo intransitivo — sem pronome objetivo da 3.<sup>a</sup> p. — exige sempre, antes do sujeito, o objeto direto ou pelo menos o demonstrativo *aipó* “isso”, “aquilo”, “o”:

*aipó e-i nde-be*: isso te diz ele; *aipó t' a-é*: di-lo-ei pois; *a-só, er-é*: dizes que vais (lit.: vou, dizes tu); *a-îuká-pe ká, a-é*: matá-lo-ei, disse (deliberei); *aipó i é nd' a-î-kuab-i*: não sei que ele diga (disse-se) isso; *ere-manó-ne, a-é*: digo que morrerás; *ere-manó, aé-ne*: direi que morreste; *aipó nd' a-é-î ou mesmo nd' aipó nd' a-é-î*: não o digo

## Idiotismos

457. Ao referir um período longo, repete-se *e-i* (diz, dizem, disse, disseram) após cada frase de sentido completo:

*e-i-mondeb itangapema s-uru-pe, e-i; nd' ere-i-potar-i-p' iā xe r-uba r-e-mi-motara r-upi xe r-eō?*, *e-i* (AR. 76): enfia a espada na sua bainha (disse); não queres que eu morra. segundo a vontade de meu pai? (disse)

*pe-té-umé xe r-apirō-mo, e-i; peē aé-eté pe-ie-apirō, e-i; pe mem-byra-te pe-s-apirō, e-i* (AR. 88): não me choreis (disse); chorai-vos a vós mesmas (disse); chorai antes a vossos filhos (disse)

*Tupā r-esé tiruā kó nheenga r-e-ityk-i, e-i; pe-s-endu'-n' akō t nheenga poxy, e-i; Marā eté-ī-p' ipó peē-mo?, e-i. Marā e-i-pe pe nheenga?, e-i; o aob-usu mo-ndorō'-ndorok-a o maramotar-amo* (AR. 79): eis que até contra Deus atira palavras (disse); vós mesmos ouvistes as suas más palavras (disse). Que vos parece? (disse). Que diz a vossa opinião? (disse, rasgando as suas vestes, enfurecendo-se)

Quem transmite um recado, repete ao destinatário a frase tal como a ouviu, juntando apenas: *e-i nde-be* “diz-te Fulano”:

- Itajibá diz a Tinguaçu: “Dize a Caramuru que não venha”: *T'o-ur umé Karamuru-ne — er-é i xupé* (lit.: Não venha Caramuru — diz-lhe)
- Tinguaçu diz a Caramuru: “Itajibá te manda dizer que não vás”: *T'o-ur umé Karamuru-ne — e-i nde-be Itaîybá, — er-é i xupé* (lit.: Não venha Caramuru, diz-te Itajibá, diz-lhe)

Assim também se traduzem as palavras dos outros, mesmo quando referidas indiretamente:

não ouvi meu pai dizer que o chamassem: *xe r-enōi iepe, xe r-uba i-ag-ûera, nd' a-s-endub-i* (lit.: chama-me, dito de meu pai, não o ouvi)

Por vêzes é corresponde a “resolver, deliberar”:

*a-s-enõi, a-é ou a-s-enõi-pe ká, a-é: deliberei chamá-lo  
t' oro-iuká-ne ká, e-i gúá: deliberaram matá-lo*

458. O verbo é pode indicar a intenção ou o motivo, sobretudo no gerúndio. Explicando-se, p. ex., a uma pessoa o perigo de ir a tal lugar, ela responde:

*aípó gûi-i-á-bo, a-só-ne: por isso mesmo é que irei (lit.: isso dizendo, irei)*

Neste sentido o gerúndio nega-se com *nda* e *ruã* (n. 184) e não com *eym-a*:

*nda aípó e-i-á-bo ruã, aípó er-é: não o dissesse com essa intenção (lit.: não dizendo isso, o dissesse)*

É muito usado com o permissivo:

*t' i marangatu, gûi-i-á-bo, a-i-nupã: bati-lhe para que seja bom;  
t' ia-i-pysyrô, oro-i-á-bo, ia-i-nupã: batemos-lhe, no intuito de salvá-lo; ta xe poi, nda gûi-i-á-bo ruã, a-iur: não venho para que êles me dêem de comer (lit.: alimentem-me, não dizendo, venho)*

Com advérbios dubitativos, traduz-se por “pensar, julgar que”:

*o-só ipó reá, gûi-i-á-bo angá', nd' oro-enõi: julgando que te tivesses ido, não te chamei; xe mbaé serã, e-i-á-bo, ere-r-ur: trouxeste-o, pensando que fôsse teu; o-i-mo-mbab umã ipó reá, nda gûi-i-á-bo ruã, a-só xe r-e-mbi-apó r-epiak-a: não fui ver minha obra, não julgando que (julgando que não) a tivessem destruído; i angaturam ipó reá, nda gûi-i-á-b' eym-a ruã, nd' a-s-enõi: não por o não julgar bom, o não chamei*

459. Seguido de *aub* ou *angá*, significa “pensar erradamente”:

*o-só ipó, a-é aub-n' iã ixé (VLB 171): cuidei que êle tivesse ido; nda xe r-epiak-i xó-é-ne, e-i-á-b' aup-a, ere-s-enõi: supondo erradamente que êle não te veria, chamaste-o*

## Verbo é “dizer”, auxiliar

460. O verbo é pode juntar-se a outro verbo no gerúndio como auxiliar:

**é s-epiak-a: vê-lo**

*a-é s-epiak-a: eu o vejo*

*er-é s-epiak-a: tu o vês*

*e-i s-epiak-a: élle o vê*

*ia-é ou oro-é s-epiak-a: nós o vemos*

*pe-î-é s-epiak-a: vós o vêdes*

*e-i s-epiak-a: êles o vêem*

*a-é nde r-epiak-a: eu te vejo; nd' er-é-î s-epiak-a: tu não o vês;*  
*nd' a-é-î s-ausup-a: não o amo; nd' ia-é-î xó-é nde r-ausup-a-ne: não*  
*te amaremos; nda pe-î-é-î oré r-ausup-a: vós não nos amais; pe-î-é*  
*umé xe r-esé pe-îaseó-bo: não choreis por mim*

Usa-se essa perífrase, em geral, para exprimir as decisões do momento; prefere-se então é no permissivo:

*a-é gûi-xó-bo ou melhor t' a-é gûi-xó-bo: vá eu*

461. Como auxiliar, é junta-se também a outras partículas e palavras, formando locuções que levam o verbo ao gerúndio:

**é katu: poder, ser bom para, saber**

*a-é katu: posso*

*er-é katu: podes*

*e-i ou o-é katu: pode*

*ia-é ou oro-é katu: podemos*

*pe-î-é ou melhor pe-é katu: podeis*

*e-i ou o-é katu: podem*

*a-é katu gûi-xó-bo: eu posso ir; er-é katu e-ké: podes dormir;*  
*o-é ou e-i katu o-ygá-pukuâ-a: ele pode ou sabe remar; e-i katu nde*  
*r-uba iuká-bo: élle pode matar seu pai; nd' oro-é-î oro-îe-by: não po-*  
*demos voltar; nda pe-é-î xó t-obaîara iuká-bo-ne: não podereis ma-*  
*tar os inimigos*

462. Com complemento regido de *r-esé*, é *katu* significa “saber fazer”:

*a-é katu ebouinga r-esé*: sei fazer isso; *er-é katu s-esé*: sabes fazê-lo; *nd' e-i katu mbaé r-esé*: ele não sabe fazer nada

### Outras partículas:

463. *byté(r)(-i)*: ainda, continuar

*oro-é byter i mo-nhang-a*: ainda o estamos fazendo; *e-i byter i p̄ysyk-a*: continuou segurando-o; *a-é byter aipó gûi-i-á-bo*: ainda o digo; *nd' eré-i byter-i-pe e-íup-a?*: não continuas deitado?; *e-i byter-i ahē xe amotar-eym-a* (VLB 339): ele continua a me odiar; *e-i byter o-mbaé-asy-ramo*: ele continua doente

*é*: tempo virá em que

*e-i ahē i kuap-a-ne* ou *e-i é ipó ahē i kuap-a-ne* (VLB 403): tempo há de vir em que o saberá

*ié*: ainda, continuar

*a-é ié s-epiak-a*: ainda continuo a vê-lo; *e-i ié o-ké*: ele continua dormindo

*ké*: (com v. neg.): não tivesse...

*nd' er-é-i ké e-iaseó-bo...*: não tivesses chorado... (e, p. ex., não te teriam desprezado)

*memé-nhé*: em tudo igual a *uman-i*

*nhé*: já

*er-é nhé e-só-bo*: já vais; *t' e-i nhé o-ikó-bo, o-up-a, o-só-bo, o-in-a* (VLB 177): deixa-o já estar, jazer, ir, estar parado; *t' e(-i) nhé -n' o-ikó-bo ká* (VLB 177): (resolvo) que o deixem já ir; *e-i nhé-pe o-ikó-bo-ne?* (VLB 177): já ficará assim? já o deixarei estar?

*teé*: (com v. neg.): de propósito, por isso mesmo

*nd' a-é-i teé gûi-îe-by*: por isso mesmo voltei; *nd' e-i teé o-mano-mo*: por isso mesmo morreu; *nd' e-i teé o poxy-eym-amo, o angaturam-eté-ramo* (Ar. 137): por isso mesmo ela foi bela, santíssima

464. *tenhé*: em vão, debalde, à toa, sem outro fim, falsamente

*pe-i-é tenhé pe-iabap-a*: fugistes à toa, sem necessidade; *e-i tenhé o-pytá-bo*: ficou em vão; *a-é tenhé nde nupã-mo-ne* (VLB 382) : à toa te baterei; *er-é tenhé xe r-ausup-a*: debalde me amas; *oro-é tenhé oro-í-á-bo*: dissemos-lo à toa; de mentira; *t' e-i tenhé umé o-nheeng-a* (VLB 254) : guarde-se élle de falar à toa; *t' e-i tenhé umé ahé aípó o-í-á-bo* (*ib.* 306) : guarde-se de dizer isso à toa, de gracejo; *e-i tenhé ipó o-í-á-bo*: élle disse isso por caçada

465. *umã, umûã, ymã, ymûã*: já  
*a-é umã gûi-xó-bo* (FIG. 160) : já vou

*uman-í, umûan-í, yman-í, ymûan-í*: devagar, tardar, nunca acabar de fazer

*a-é uman-í gûi-gûatá-bo*: levo tempo para andar; *e-i ymûan-í ahé i mo-nhang-a* (VLB 347) : não acaba nunca de o fazer

— Estando na forma negativa seja o verbo é seja o gerúndio, o sentido é o mesmo:

*nd' a-é-í ymûan-í i mo-nhang-a* ou *a-é ymûan-í i mo-nhang-eym-a* (VLB 401) : tardo muito em o fazer

Para ANCHIETA, quando um dos verbos é negativo, o sentido é algo diverso: "não acabar de começar". Cpr.:

*a-é uman-í mbaé gû-á-bo* (ANCH. 57v) : detenho-me muito em comer  
*nd' a-é-í uman-í mbaé gû-á-bo* ou *a-é uman-í mbaé ú-eym-a* (*ib.*) : ainda não acabo de começar a comer

466. *ranhé*: (com v. afirm.): primeiro, adiante  
*t' a-é-ne ranhé gûi-xó-bo*: que eu vá (irei) primeiro

Só se usa na 1.<sup>a</sup> p. s. Para as outras há circunloquios:

*nei nde ranhé e-sô-bo* ou *nei e-sô-bo ranhé*; *peî peê ranhé pe-sô-bo* ou *peî pe-sô-bo ranhé*; *t' e-i nhé o-sô-bo ranhé* ou *t' e-i nhé t'o-sô*. Etc.

467. (com v. neg.): ainda (*ranhé* vai no fim)

Cpr. *nd' o-ur-i ranhé*: não veio ainda; *nda s-ar-i abati ranhé*: o milho ainda não tem espiga

*nd' a-é-î nde r-epiak-a ranhé*: ainda não o vi; *nd' a-é-î uman-î mbaé gû-á-bo ranhé* (ANCH. 56v): ainda não acabei de começar a comer; *nda pe-é-î-pé pe maenduar-amo ranhé?*: ainda não vos lembrais?; *nd' e-í o-iyp-a ranhé*: ainda não está assado; *nd' e-í o ekó-rama r-upi o-ikó-bo ranhé ybá*: a fruta ainda não está como deve (lit.: segundo o seu futuro ser); *nd' er-é-î i kuap-a ranhé-pe?*: ainda não o conheces?; *nd' e-í nde pysyk-a ranhé-pe gûá?*: ainda não te prenderam?

468. Nas respostas, pode-se omitir o gerúndio, e mesmo *ranhé*:

ainda não o conheces?: *nd' er-é-î i kuap-a ranhé?*; ainda não: *nd' a-é-î i kuap-a ranhé* ou *nd' a-é-î ranhé* ou *nd' a-é-î i kuap-a* ou *nd' a-é-î ou aan ranhé*

469. Com *ranhé*, o verbo pode deixar de ir ao gerúndio: não está ainda deitado: *nd' e-í o-up-a ranhé* ou *nd' e-í o-ub ranhé*; ainda não vos lembrais?: *nda pe-é-î-pe pe maenduar-amo ranhé?* ou *nda pe-é-î-pe pe-maenduar ranhé?*

470. *Ranhé*, claro ou subentendido, dá à frase, amiúde, o sentido de "ser cedo", "ser muito cedo":  
*t' ia-só-ne. Nd' e-í angá-î*: vamos! É muito cedo; *Nd' e-í ara* (VLB 148): ainda resta grande parte do dia. É ainda cedo.

### Modismos onomatopaicos

471. Certas partículas onomatopaicas, seguidas do verbo é, formam curiosos modismos:

*ten*: firme, fixo, encaixado

*ten a-é, er-é, e-í, etc.*: estou firme, estás firme, está firme, etc.

*ten nd' a-é-î, nd' er-é-î, etc.*: não estou firme, etc.; *ten a-î-mo-é* (ou *a-î-mo-ten*): eu o firmo, encaixo, etc.

*tak, tatak*: dar estalo, bater

*tak e-í gûyrapara*: o arco deu um estalo

*tek*: quebrar-se estalando, estalar

*tek e-í ybyrá*: a árvore estalou

*tyk*: serem muitos (só no pl.)

*tyk oro-é, ïa-é, pe-î-é, e-í*: somos, sois, são muitos

*ning, ning-ning*: latejar

*ning e-i xe akanga*: minha cabeça está latejando

*gûym*: sair depressa, voando, zunindo

*gûym a-é nhé ou gûym a-é*: saí às pressas, voando

### Verbo é impessoal

472. Os documentos tupis não no atestam, mas por analogia com o guarani concluímos que o verbo é devia ter também a função impessoal de “fazer”:

*roy e-i*: faz frio (Cfr. MONT., *Voc.* 286); *iasy e-i*: faz lua ou luar (*id.*, *Tes.* 185); *pirya' e-i*: faz calor ou stior (*id.*, *Voc.* 130); *aman' e-i* ou *amand-y e-i*: chove (*ib.* 355); *amã-pytun' e-i*: está nublado (*ib.* 389); *y t-ypyak' e-i*: congelou-se a água (*ib.* 435); *t-ypyak' e-i kamby*: coalhou-se o leite (*ib.*); *pytu-y e-i*: faz ou deita vapor (*id.*, *Tes.* 301v/295v)

É provável, pois, que houvesse em tupi construções como *kûarasay e-i*: está fazendo sol

Mas o modismo é restrito aos fenômenos atmosféricos, astronômicos e semelhantes.

### EXERCÍCIOS

473. Conjugar no indicativo, presente e futuro, afirmativo, negativo, interrogativo:

dizer

não o ver ainda

não dizer ainda

não ir ainda

474. Tinguaçu diz a Akangatã: *Akangatã, e-kûâi iakaré y-pe, o-manô xe sy, er-é Abatiuna supé.* Akangatã diz a Abatiúna: *O-manô xe sy, e-i nde-bo Tigûasu, er-é i xupé.*

T' o-î-kuab, gûi-î-á-bo, a-é i xupé. *A-s-eþiak ipó xe r-ayra-ne, o-î-á-bo, Abatiuna kûesé Aíuruok-pe i xó-û* (foi). *Aipó xe é nd' a-î-kuab-i.* O-só ipó, oro-î-á-bo, nd' oro-s-ekar-i. Xe iuká-ne, pe-î-á-bo, nda pe-ker-i. Nd' e-i o-pak-a ranhé, gûi-î-á-bo, nd' a-s-enôi. Nd' e-i o-manô-mo ranhé-pe t-obaîara? Nd' a-é katu-î i kuap-a ranhé. Nd' a-é katu-î gûi-xó-bo ranhé-pe? Nd' e-i ranhé. Xe r-ub gûé! oro-é katu-pe paranâ-me ytap-a? Nda pe-é katu-î. Mbaé-pe e-i nhandé-be? Nda pe-é katu-î, e-i. Nd' oro-é katu-î oro-ké-pe? Aan-i. Mbaé-pe e-i? Aan-i, e-i. Mbaé e-î-á-bo-pe, aan-i er-é? T' o-manô umé-ne, gûi-î-á-bo, aan-i a-é. Nda aipó e-î-á-bo ruã, aan-i er-é oré-bo. Mbaé-te-pe gûi-î-á-bo, aan-i a-é peê-mo? Ere-nhe-nong e-îup-a? Eê. A-nhe-nong gûi-t-up-a.

### aub

475. auba: falso, de mentira; mesquinho; aub: falsamente, mesquinhamente, sem resultado, fingidamente, de má vontade, mal, apenas, só:

*abá auba*: homem mesquinho, de burla; *mbaé kuap-ar-auba*: sábio fingido, de mentira, impostor; *ere-ker-aub*: finges que dormes; *nd' ere-ker-aub-i*: não finges que dormes; *a-é-aub*: pensei ( ← disse) errada ou falsamente; supus; imaginei

Repetido o verbo, fica mais claro o sentido de “fingir”:  
*o-î-meê'-meeng-aub*: fingiu que o deu

476. Repetido *aub*, exprime-se “grande desejo”:

*a-iur-aú'-aub*: desejo muito ir

477. *eym-aub* (com v. neg.): fingir que não:

*nd' a-só-eym-aub-i*: finjo ou faço que não vou

478. *mo-ang*: pensar, cuidar, imaginar, fingir, debalde:

*a-só-mo-ang*: cuido ir; *mbaé kuap-ara mo-anga*: sábio tido como tal

*mo-ang-aub*: fingir, fazer que, pensar erradamente:

*a-só-mo-ang-aub*: finjo que vou; *o-só ipó reá mo-ang-aup-a, aipó a-é*: eu disse isso, pensando erradamente que tivesses ido

Cpr. também as frases:

*xe r-epiak-aub iepé*: finges que me vês; *nda xe r-epiak-aub iepé*: não finges que me vês; *nda xe r-epiak-eym-aub-i iepé*: finges que não me vês; *nda xe r-epiak-aub-eym-i iepé*: não finges que não me vês

Sobre a locução *nda s-aub-i*, v. n. 576.

479. Posso dormir? Sim. Podes dormir. Que me disse êle? Disse-te que sim, que podes dormir. Podes vir tu também comigo? Posso. Vem, pois, comigo. Ainda não vou. Por que, pois, disseste que vinhas? Disse que ia, supondo erradamente que pudesse ir. Agora ainda não podes vir? Já vou. Finges que não queres vir... Traze também o teu amigo. Levá-lo-ei e deixá-lo-ei aí. Abatiúna ainda continua doente? Não. Êle está só deitado. Está fingindo que dorme. Ainda não se levantou? Levantou-se dormindo. Por que se levantou dormindo? Nem bem se tinha deitado... — A onça fingiu que morreu. — Não finjas que não me estás vendo. — Não finjas que não sabes fazer isso. — Não digas que não fingiste que não me vias. — Com que intenção fingiste que estavas dormindo?

## BIBLIOGRAFIA

**Verbo “dizer”** — ANCHIETA 54-57; FIGUEIRA 54-56; 159-163; MONTOYA 55-59; RESTIVO 122-133; CAETANO 40; 78-79; ADAM 72-74; L. BARBOSA, *O Vocabulário* 17-18.

**Modismos onomatopáicos** — *gûym*: VLB 120; 302; *ning*: VLB 273; *tak*: VLB 204; *tek*: RESTIVO 126; *ten*: ANCHIETA 57; VLB 118, 204; 238; MONTOYA 58-59; Id. *Tesoro* 378v/372v; RESTIVO 126; *tyk*: ANCHIETA 57; VLB 264; 304; 395; 417; MONTOYA 390/384.

**aub** — ANCHIETA 35; FIGUEIRA 138-139; VLB 291; 237; 382; 414; *passim*.

## VERBOS CAUSATIVOS

mo- ou mbo-

480. De verbos intransitivos ou intransitivados, de substantivos, adjetivos, partículas, etc., formam-se, com o auxílio dos prefixos *mo-* e *ro-*, muitos verbos transitivos. Há freqüentes metaplasmos (n. 28).

481. *M(b)o-* é prefixo *causativo*, usadíssimo:

*só*, ir: *mo-ndó*: mandar, tocar  
*sok*, quebrar-se: *mo-ndok*, quebrar  
*îe-byr*, voltar: *mo-îe-byr*, fazer voltar, devolver  
*maenduar*, lembrar-se: *mo-maenduar*, fazer lembrar-se  
*ker*, dormir: *mo-nger*, fazer dormir  
*gûeb*, apagar-se: *mo-gûeb*, apagar  
*endy*, acceso: *mo-endy*, acender, iluminar  
*sem*, sair: *mo-sem*, tocar, despedir  
*pak*, acordar: *mo-mbak*, despertar  
*abá*, homem: *mo-abá*, fazer ser ou ter filho  
*ayra*, filho: *mo-ayr*, fazer ser ou ter filho  
*ram-bûera*, suf. pass.-fut.: *mo-ram-bûer*, frustrar  
*eté*, muito, etc. (n. 171): *mo-eté*, honrar, engrandecer, estimar  
*îe-îuká*, matar-se: *mo-îe-îuká*, fazer matar-se  
*îo-îab*, igualarem-se: *mo-îo-îab*, fazer igualarem-se  
*por-ausub*, amar: *mo-por-ausub*, fazer amar (gente)  
*mbaé-kuab*, saber (as cousas): *mo-mbaé-kuab*, fazer saber (as cousas)

482. Antes de verbos intransitivos ativos, pode-se sempre verter por “fazer”; antes de intransitivos neutros, é mais adequado um transitivo:

ativos: *syk*: chegar  
*ie-byr*: voltar  
 neutros: *akub*: ser quente  
*pab*: acabar-se

*mo-syk*: fazer chegar  
*mo-ie-byr*: fazer voltar  
*mo-akub*: esquentar  
*mo-mbab*: acabar, destruir

483. Prefixa-se também a substantivos modificados por complementos atributivos:

*á'-iuba*, cabelo louro

*abá á'-iuba*: homem de cabelo louro (n. 344)

*abá i á'-iub*: o homem tem o cabelo louro

*a-i-mo-á'-iub abá*: fiz o homem ter cabelo louro

*pi'-roy*: pele fresca

*xe mo-pi'-roy*: ele me refrescou a pele

*pirá-kaē*: peixe moqueado

*a-i-mo-pirá-kaē* ou *a-i-mo-kaē pirá* ou *a-i-mo-pirá mo-kaē*:  
 moqueei o peixe

484. Entre o prefixo agente e o prefixo *mo-* ou *mbo-*, em geral vem o pronome oblíquo da 3.<sup>a</sup> p. *i*, mas não é de rigor: *a-i-mo-sem* ou *a-mo-sem*. No tupi de São Vicente é menos usado. No guarani não se usa.

485. *Mbo-* é o mesmo que *mo-*, mas menos empregado. No dialeto tupi, ocorre especialmente antes de monossílabos e sons orais:

*mbo-ur*: fazer vir, *mbo-é*: ensinar; (mas *mo-in*: pôr, *mo-un*: pintar de preto).

Não ocasiona metaplasmos: cpr. *mo-mbab* e *mbo-pab*, etc. (n. 28, obs. 3).

486. Os verbos intransitivos de pronomes pacientes podem tomar o reflexivo *ie-*, e, novamente, o prefixo *mo-*:

*akub*: ser quente  
*a-ie-mo-akub*: esquento-me

*a-ie-mo-pi'-roy*: refresquei-me

*a-i-mo-akub*: esquento-o  
*a-i-mo-ie-mo-akub*: faço-o esquentar-se  
*a-i-mo-ie-mo-pi'-roy*: faço-o refrescar-se

487. Antes de *mo-*, pode vir a partícula *poro-*:

*a-poro-mbo-é*: ensino (gente)

*a-poro-mo-îe-mo-pi'-roy*: faço com que se refresquem

### Irregulares

488. *A-ytarõ* (n. 301) é transitivo, mas admite o prefixo *mo-*, sem alteração de sentido:

*a-i-mo-ytarõ*: farto-o

489. De *potar* “querer, desejar”, forma-se *mo-mbotar* ou *mo-motar* “fazer-se cobiçar ou querer.” O sujeito de “fazer” é o mesmo objeto de “querer” ou “cobiçar”:

*a-i-mo-mbotar xe r-uba*: faço meu pai me querer, faço-me querer de meu pai; *xe mo-motar ahẽ aoba* (VLB 156): faz-me cobiça a roupa dêle; *a-nhe-mo-motar aipó mbaé r-esé*: cobiço essa cousa

490. O causativo de *ikó* “estar” é *mo-ingó* “colocar, pôr”; de *iké* “entrar” é *mo-ingé* “introduzir”; de *ür* “vir” é *mbo-ur* “fazer vir”; de *atyrô* “arranjado, enfeitado” é *mo-ngatyrõ* “arranjar, enfeitar”, etc.

*Manó* “morrer” não admite o prefixo *mo-*.

491. Repetido *mo-* antes de *mo-sem* “fazer sair, tocar para fora”, forma-se *mo-mo-sem* “acossar, correr atrás de”.

492. Em alguns verbos de prefixo *mo-*, o segundo elemento na fase histórica da língua já não tinha uso em separado, tornando-se difícil conhecer o seu sentido próprio:

*mō-nhang* “fazer”, *mo-ndeb* “enfiar, vestir”, *mo-mbeú* “declarar, referir”

### EXERCÍCIOS

493.

*îasy-t-atá*: estréla

*apysá*: ouvido

*kaûñ*: cauim

*mo-îo-iab*: igualar (2 ou mais cousas)

*kaneõ*: cansado

*piruá*: bôlha (da pele); empolaro  
*piruá-púera*: calo; caloso  
*mo-mbeb*: esmagar  
*nhe-mo-mbeb*: esmagar-se, agacharse  
*iá* ou *iab*: igual, do tamanho de  
*o-îo-îab*: iguais; igualmente  
*ar-bo*: encima de

*endy* (*t*) (*xe*): estar aceso  
*i'-atá-pý*: fazer fogo (para si)  
*asé'-asema* (*t*) (*t*): gritaria  
*atá-tinga* (*t*): fumaça; (*xe*): fumegar  
*bé-nhé*, *bé-no*: tornar a  
*ikó*: eis que, aqui, agora, já (vis.)

494. *O-nhe-mo-pytun*. *Iasy-t-atá s-endy ybak-pe*. — *Iasy iá-ne kúarasy*. *An*. *Nd' o-îo-îab-i*. — *Ybytu o-î-mo-y-roysang*, *kúarasy o-î-mo-aku* *bé-nhé*. — *Xe iuru kaneõ xe r-asé-r-asem-amo*. *O-î-mo-kaneõ xe apysá nde r-asé-r-asema*. *Xe mo-apysá-kaneõ nde r-asé-r-asema*. — *A-î-mbo-ar t-atá*. *E-î-mo-endy t-atá ta s-atá-ting umé-ne*. *Mbaé r-esé-pe nd' ere-î-mo-endy-î nde aé-ne?* *T-atá e-í byter og-endy-ramo*. *Nd' er-é-î t-atá mo-endy-á-bo xe iní gûyr-pe ranhé-pe?* *Nd' a-é-î*. *Nd' a-é-î xe syk-a*. — *Ybytu t-atá o-î-mo-gûeb ikó*. *E-î-atá-pý bé-nhé*. — *Mbaé r-esé-pe ere-î-peiu t-atá?* *T' o-gûeb umé-ne*, *gûi-î-á-bo*, *a-í-peiu*. — *T-atá o-poro-apy*. — *Xe r-amyâa o-î-mo-mbeb t-oþaiara akanga*, *i iuká-bo*. — *Paka o-nhe-mim ybyrá gûyr-pe*, *o-nhe-mo-mbep-a*. — *A-î-mo-nhe-mim xe r-âiyra*. — *Na nde iab-i ixé*. *O-îo-îab iandé*. *Oro-îo-ausub o-îo-îab*. — *Ta pe-nho-mo-îo-îab-ne*. — *E-î-mo-ingó-katu xe iní t-atá ar-bo*. — *Ygá-pukuî-taba xe mo-pó-piruá o-ikó-bo*. *Ixé abé xe pô píruá-puer'-n' ikó*.

## 495.

*pedaço*: *asyk-ûera*  
*bocado*: *iuru*  
*acompanhamento*: *tyra*, *s-é-bae*  
*fome*: *ambiyasy*  
*sêde*: *ú-seâa*  
*ter sêde*: *ú-seî* (*xe*)  
*querer comer ou beber*: *ú-seî*, tr.  
*querer comer*: *karu-seî*, intr.  
*arrancar (rebentando)*: *mo-ndorok*  
*engordar*: *mo-ngyrá*, tr.  
*suor*: *yaâa* (*t*)  
*suar*: *yai* (*t*) (*xe*)

*responder*: *é*  
*farto*: *a-pysyka*  
*moqueado*: *kaë*, *mo-kaë*  
*moquear*: *mo-kaë*  
*enjoar*: *mo-ting*  
*sujo*: *kyá*  
*cru*: *pyra*  
*antigo*: *ymûana*, *umûana*  
*verde (não seco)*: *ybyra*  
*fresco*: *pysasu*  
*[carne, fruta, etc.]*: *ybyra*  
*não há*: *nd' i por-i*

496. *S-é-bae* "acompanhamento", "condimento" que torna mais gostoso um alimento, p. ex., do pão: peixe, carne. *Tyra* "companheiro": *xe tyra ahē*: é meu companheiro; *xe tyr*: tenho companheiros. Aplicado a comidas, significa tanto o alimento principal como o acompanhamento: *Kaaoby o-î-meeng pirá ixé-be*; *endé koyr e-î-meeng ixé-be i tyr-ana*: Caobi me deu peixe; tu agora dá-me o acompanhamento (pão, farinha, etc.); *ui tyr-eyma r-esé a-karu*: como (só) farinha, sem acompanhamento (peixe, carne).

497. Para [me] emagrecer, cansei-me muito, arrancando mato. O sol me fez suar. Assim eu [me] emagrecerei logo. — Queres beber água? Não. Não tenho sêde. Tenho fome. Eu quero comer. Para que (n. 198) queres comer? Para [me] engordar, e para me tornar forte. Que queres comer? Queres carne crua? Quero carne moqueada. Moqueia-a, pois, para que (n. 198) a comamos. Não. Fala com meu irmão e pede-lhe que a moqueie para mim. Por que não a moqueias tu mesmo? Porque não sei fazer isso (n. 462). Já falei com êle, (mas) êle respondeu que não a moqueia. Por que não a quer moquear? Porque a carne está muito nojenta.

— Por que não comedes ainda os vossos prisioneiros? Nós os estamos engordando primeiro. Como queres comer a carne dêles? Quero que faças a carne moqueada. Não posso fazer a carne moqueada: não há lenha seca: o sol secou só as folhas das árvores; a madeira ainda está muito verde. E as frutas, por que não as comes? Ainda não estão maduras. Por que não as apanhas para amadurecê-las? Elas estão ainda muito verdes. — Queres mais um pedaço ainda? Não. Comida eu ainda tenho; agora quero o acompanhamento [dela]. Dou-te dois bocados apenas. Tu me fazes (ficar com) [ter] os braços cansados! E tu, queres farinha? Não. Estou farto. E maracujás? Não. Eles me enjoam.

— Vim [para] conversar contigo. — Ele está conversando con-sigo mesmo. — Quem te sujou a cara? Minha cara não está suja! — Tua casa está velha. Eu a renovarei. Eu também era novo e [me] envelheci.

498. Indicar a composição dos verbos (excepcionalmente vão sem divisão):

*mosym*: alisar

*mombub*: amolecer

*mobok*: rachar

*mombuk*: rachar

*mombaeú*: dar de co-

mer a

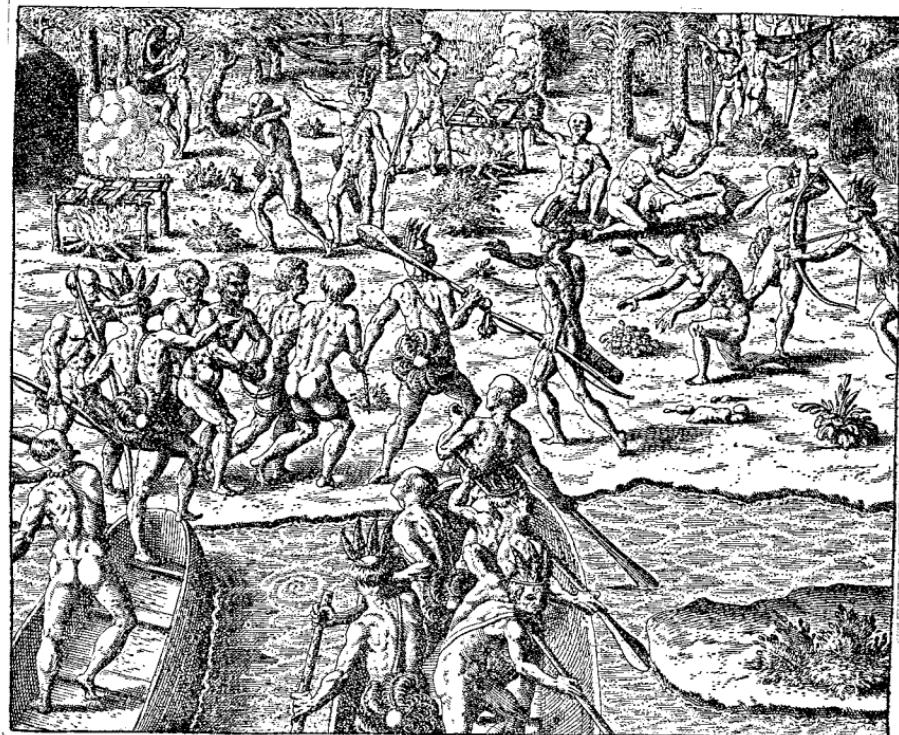
*mongaru:* dar de comer a      *moynysem:* encher      *mombytá:* fazer ficar  
*mondyí:* assustar      *moatã:* endurecer

499. Formar em tupi os seguintes verbos:

alongar, dilatar, deter, retardar; de *puku*  
abalar, aluir; de *kué*  
fazer ficar, deter, dar pouso a; de *pytá*  
quebrar, partir; de *sok*

## BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 48-49; FIGUEIRA 91-92; MONTOYA 48-49; RESTIVO 59-61; CAETANO 37-38; 39; ADAM 47-48; L. BARBOSA 172; 184; DALL'IGNA, *Análise* 64-65.



Prisioneiros europeus conduzidos. Execução e consumação de uma vítima (DE BRY)

## VERBOS CAUSATIVO-COMITATIVOS

ro- ou no-

500. Como *mo-*, forma verbos transitivos, mas tem de especial que 1) o sujeito também participa da *ação* do *objeto*, ou 2) pelo menos, entre o sujeito e o objeto há alguma conexão especial. Exs.:

- 1) *a-ro-ie-byr xe r-ayra*: fiz meu filho voltar comigo; trouxe meu filho
- 2) *a-ro-ker aoba*: durmo com roupa  
*a-ro-manó t-ekó-katu*: morro com virtude  
*a-no-tí xe sy*: envergonho-me de (com) minha mãe

Compare-se com o prefixo *mo-*:

*a-î-mo-mbytá ygara*: fiz parar a canoa (em que eu não ia)  
*a-ro-pytá ygara*: fiz parar a canoa (em que eu ia); parei com a canoa  
*a-î-mo-ingé mimbabá*: fiz entrarem as criações (tocando-as)  
*a-ro-iké xe mbaé*: recolhi, levei comigo para dentro as minhas cousas

501. *No-* é variante de *ro-*, usada antes de nasais:

*a-no-sem* ou *a-ro-sem*: faço-o sair comigo, tiro-o, toco-o comigo

NOTA — A forma primitiva do prefixo devia ser *ero-* ou *eno-*. O *e* ficou em alguns casos (503-508). — Neste CURSO, descritivo, toma-se o *e* como accessório.

### Irregularidades

502.

*só*: ir

*îur*: vir

*a-ra-só*: faço-o ir comigo; levo-o  
*a-r-ur*: faço-o vir comigo; trago-o

*ikó*: estar                    *a-r-ekó*: faço-o estar comigo; tenho-o  
*îub*: estar deitado      *a-r-ub*: estou deitado com; deitei-o comigo  
*ro-biar*: crer em (não há o simples *biar*)

503. Não se usa o pronome objetivo da 3.<sup>a</sup> p. antes de *ro-* ou *no-* nos modos e tempos de prefixos agentes. Nas 3as. pp. e na 1a. excl. pl., insere-se (*gû*)*e*-:

*a-ro-bebé*, *ere-ro-bebé*, *o-gûe-ro-bebé*  
*ia-ro-bebé*, *oro-gûe-ro-bebé*, *pe-ro-bebé*, *o-gûe-ro-bebé*

504. Nos mesmos modos e tempos, os pronomes objetivos da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> pp. vão seguidos de *r-e*-:

|                                       |   |
|---------------------------------------|---|
| <i>me r-e-r-ur</i> : levou-me consigo | <i>nde r-e-r-ur</i> : levou-te consigo          |
| <i>pe r-e-r-ur</i> : levou-vos        | <i>iandé</i> ou <i>oré r-e-r-ur</i> : levou-nos |
| <i>xe r-e-r-ur iepé</i> : levaste-me  | <i>xe r-e-r-ur peiepé</i> : levastes-me         |

505. Exceção: Depois de *oro-* e *opo-*, vem só *e*-:

*oro-e-r-ur*: eu te trouxe; nós te trouxemos  
*opo-e-r-ur*: eu vos trouxe; nós vos trouxemos

506. Nas formas reflexivas e recíprocas (*ie-*, *nhe-*; *io-*, *nho-*) e quando o verbo leva objeto direto incorporado ou as partículas *poro-* ou *mbaé* (n. 280), introduz-se um *e*- antes do prefixo *ro-* ou *no-*:

|  |   |
|--|---|
| <i>a-ie-e-ro-bak</i> : eu me virei       | <i>o-poro-e-r-ur</i> : êle trouxe (gente)         |
| <i>ere-mbaé-e-r-ekó</i> : tu tens coisas | <i>oro-Tupã-e-ro-biar</i> : nós confiamos em Deus |

Alguns autores escrevem *gûe-*; p. ex., *o-poro-gûe-r-ur*.

507. Mas com o reflexivo *ie-*, o primeiro *e* pode desaparecer:

*a-ie-e-ro-bak* → *a-i-e-ro-bak*

508. Nos modos de pronomes pacientes (n. 336), o prefixo *ro-* ou *no-*, precedido de objeto direto, recebe um *e-*, que varia desta sorte:

### INFINTO: e-ro-kera

cl. sup.: *t-e-ro-ker-a*: dormir com (g.); fazer (g.) dormir com  
 cl. inf.: *s-e-ro-ker-a*: dormir com (c.); fazer (c.) dormir com

*xe r-e-ro-ker-a*:

- 1) fazer-me dormir com;
- 2) dormir comigo

*nde r-e-ro-ker-a*:

- 1) fazer-te dormir com;
- 2) dormir contigo

*s-e-ro-ker-a*:

- 1) fazê-lo dormir com;
- 2) dormir com êle

*o e-ro-ker-a*:

- 1) fazê-lo dormir com;
- 2) dormir com êle

*iandé* ou *oré r-e-ro-ker-a*:

- 1) fazer-nos dormir com;
- 2) dormir conosco

*pe r-e-ro-ker-a*:

- 1) fazer-vos dormir com;
- 2) dormir convosco

*s-e-ro-ker-a*:

- 1) fazê-los dormir com;
- 2) dormir com êles

*o e-ro-ker-a*:

- 1) fazê-los dormir com;
- 2) dormir com êles

*mitanga r-e-ro-ker-a*:

- 1) fazer a criança dormir consigo;
- 2) dormir com a criança

*nde xe r-e-ro-ker-a*: tu me fazeres dormir contigo; dormires comigo; *paié xe r-e-ro-ker-a*: fazer-me o pajé dormir consigo; dormir o pajé comigo; *ixé s-e-ro-ker-a*: eu fazê-lo dormir comigo; dormir eu com êle; *paié s-e-ro-ker-a*: o pajé fazê-lo dormir consigo; o pajé dormir com êle; *Pindobusu nd' o-s-epiak-i paié o e-ro-ker-a*: Pindobuçu não viu o pajé fazê-lo (a Pindobuçu) dormir consigo (com o pajé); Pindobuçu não viu o pajé dormir com êle (com Pindobuçu); *Pindobusu nd' o-s-epiak-i paié s-e-ro-ker-a*: Pindobuçu não viu o pajé fazê-lo (p. ex., a Caobi) dormir consigo (com o pajé); Pindobuçu não viu o pajé dormir com êle (com Caobi)

509. O gerúndio segue o infinito, exceto na desinência.

510. Como *mo-*, o prefixo *ro-* ou *no-* não se antepõe a verbos transitivos. Se êstes, porém, estão na forma reflexiva, ou se levam as partículas *poro-* ou *mbaé* ou objeto incorporado, equiparam-se a intransitivos:

*a-ro-por-ausub xe sy*: fiz minha mãe amar (g.) comigo; *oro-e-ro-por-ausub*: eu te fiz amar (gente) comigo; *o-gûe-ro-îe-peá*: fê-los se separarem-se com êle; *pe-ro-y-ú pe r-e-imbaba*: fazei as vossas criações beberem água convosco; bebei água com as vossas criações; *ere-ro-ybak-epiak-pe mitanga?*: fizeste a criança ver o céu contigo?

O prefixo *ro-* ou *no-* não é muito usado com substantivos, adjetivos, partículas e mesmo com os verbos de pronomé paciente.

### EXERCÍCIOS

511.

*bak*: intr. virar (de direção)

*ie-reb*: virar-se (rodando)

*bur*: surgir, emergir

*tî [suí]*: ter vergonha de

*mo-tî*: envergonhar

*no-tî*: envergonhar-se (com o ato) de

*ro-yrô*: detestar

*ro-ie-byr*: voltar com

*mo-ingé*: recolher

*ro-iké*: recolher

*ro-ar*: irruir sôbre, arrebatar

*ro-gueiyb*, *ro-iyb*: fazer descer

*mo-asy*: arrepender-se de

*amotar*: tr. querer bem a

*apyama*: inclinado

*kapiigûara*: capivara

*kaá-ysá*, *ka-ysá*: cerca de ramos

*anama*: raça

*angaiapap-aba*: ruindade

*obaké (t)*: diante de

*Koema*: n. pr.

*kó ara puku-î*: para sempre

512. *Ybytu o-bak paranã suí ybytyra r-esé, ygara r-e-ro-bak-a.* — *Koema o-gûe-ro-bak o ekó-pûera.* — *Nd' oro-gûe-r-ekó-î oré r-e-mbi-ú-rama.* — *O-bur kapiigûara.* — *Abá o-gûe-ro-bur kunumî r-eté-pûera.* — *I akang' apyam.* — *Ybytu amana o-gûe-ra-só.* — *Xe r-ayr, t-obaíara r-obaké e-iasegû-á-bo, xe mo-tî iepé-ne.* — *Na nde nhó-te ruã* — *e-i morubixaba* — *opá-katu Tupinambá-te kó ara puku-î o-gûe-no-tî nde rayra-ne.* — *Kunhã o-s-enôi t-ayra s-e-ro-ké.* — *Tagûatô (o gavião) inambu o-gûe-ro-ar.* — *Marã-namo-pe nda pe-i-mo-ingé-i oré r-e-mbi-ar-ûera kaá-ysá-pe?* — *Oro-gûe-ro-iké biã...* — *Mamô-te-pe s-e-kó-û (estão)?* — *O-îabab, ixé o e-ro-iké riré.* — *Nd' o-îabab-i.* — *Ogûe-*

-no-sem gûá. Nd' o-gûe-no-sem-i: o-îe-upir ybyrá-pe. E-î-mo-gûeîyb. Nd' o-gûeîyb-potar-i. E-îe-upir ybyrá-pe t' ere-ro-gûeîyb-te. — E-î-mo-îe-reb soó, t' ere-î-mo-kaë ngatu. E-î-mo-âpyam! — Oré r-e-ro-yrô-pe iepé? N' aan-i. Nd' opo-e-ro-yrô angá-i. Opo-amotar. — Ere-î-mo-asy-pe nde ungaipap-ag-ñera? A-î-mo-asy katu, s-e-ro-yrô-mo, s-e-ro-îe-by'-potar-eym-a bé.

## 513.

chegar: *gûasem*aportar: *îe-potar*passar com: *ro-kûab*passarem juntos: *io-e-ro-kûab*— sucessivos: *kûakaar, kûakeó*— — com: *ro-kûakaar, ro-kûa-keó*tocar em: *syk* ou *byk* [esé]aproximar-se: *kakar*, intr.juntar-se a: *ro-byk*errar o caminho: *opar (s) (xe)*acreditar: *ro-biar*desviar-se do caminho: *pîá, intr.*desviar(-se com): *ro-pîá*dirigir (barco): *kok (io)*saltar com: *ro-por*passar (à frente de): *pîan (nho)*recear por: *ro-nhe-ang-ú*herdade: *kapýaba*festa (de comer e beber): *pepyka*Ilha dos Frades: n. pr. *Gûenû*

514. Kakar por si só significa "estar em vésperas de" (p. ex. ir, chegar).

515. Aproxima-se a festa do cauim. Aproxima-se também a minha ida. Estamo-nos aproximando da Ilha dos Frades. A canoa já aportou, já tocou em terra. Desembarquemos (e) retiremos os nossos objetos. Absolutamente não. Não é aqui a Ilha dos Frades. Erramos o caminho. Não dirigimos bem as nossas canoas (e) desviarmos-las (*ger.*). Isso eu já tinha dito. Vós não acreditastes em mim... — Vistes passar por aqui outras canoas? Elas nos passaram à frente. Sim. Elas passaram por aquí com muitos homens. Passaram juntas? Não. Passaram sucessivamente. A primeira encalhou (*o-ar*) na margem do rio. Os homens saltaram com suas couças. Receio por elêes: os inimigos os matarão e comerão. — Fazei que se juntem as outras canoas, para (n. 198) aportarem na margem do rio. Que êles desçam com as suas canoas para aquela herdade. Ainda não chegaram.

## BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 48-49; FIGUEIRA 92; MONTOYA 48-49; RESTIVO 61-63; CAETANO 37-38; 39; ADAM 47-48; L. BARBOSA 172; 184.

## VERBOS CAUSATIVOS

## ukar

516. Posposta aos verbos transitivos, a partícula *ukar* tem o mesmo valor que o prefixo *mo-* com os não transitivos. Em geral supõe que o efeito se verifique, e traduz-se por “mandar, fazer, obrigar”. A pessoa a quem se manda é regida pela preposição *supé*:

*a-î-pysyk*: segurei-o                    *a-î-pysyk-ukar*: mandei segurá-lo  
*oro-pysyk*: segurei-te                    *oro-pysyk-ukar*: mandei segurar-te

*nd' oro-pysyk-i*: não te seguramos; *nd' oro-pysyk-ukar-i xó-é-ne*: não mandaremos segurarem-te; *xe iuká-ukar iepé Itaîyba supé*: mandaste que Itajiba me matasse; *ta xe iuká-ukar umé peiepê Itaîyba supé*: não mандeis que I. me mate; *gûariba ta pe-î-pysyk-ukar umé peiepê ixé-be-ne*: não me obrigueis a apanhar o macaco; *o-iuká-ukar ixé-be*: fizeram com que eu o matasse; *Po. aé emonã xe mo-ingó-ukar* (VLB 264): Pero me fêz fazer isso

517. Em alguns casos equivale a “deixar, permitir”:

*a-ra-só-ukar uuba*: deixei-o levar as frechas; *yporu supé i mo-kanhem-ukar-eym-a* (AR. 237): não permitindo que o dilúvio os destruisse; *e-î-poru-ukar ixé-be nde gûyrapara*: deixa-me usar (empresta-me) teu arco; *o membyra Tupã, asé angaipaba r-esé asé-be i-nhe-mo-yrô-bae, o-î-mo-nhyrô, anhangá r-atá-pe asé mo-ndó-ukar-eym-a* (AR. 37): (Santa Maria) aplaca o seu filho Deus, agastado conosco pelos nossos pecados, não permitindo que êle nos mande para o inferno

518. *Ukar* é empregado também com os verbos intran-sitivados (n. 381):

*o-por-ausub-ukar peē-me*: ele vos manda que ameis; *a-îe-îuká-ukar Itaîyba supé*: mandei Itajiba matar-me; *nd' oro-ybak-eþiak-ukar nde-be*: não mandamos que olhasses o céu

519. Observe-se a diferença que vai entre *mo-* e *ukar*:

*a-îe-îuká-ukar Itaîyba supé*: mandei I. matar-me; fiz-me matar por I.; *a-î-mo-îe-îuká Itaîyba*: fiz que I. se matasse

520. Aos verbos reflexivos *ukar* dá uma significação passiva:

*ere-îe-pysyk-ukar nde r-uba supé*: deixaste-te segurar pelo teu pai; *mará o-ikó-bo-pe asé anhangá suí i nhe-pysyrō, ybak-pe o-îe-e-rasó-uká?* (AR. 40): como é que a gente se livra do demônio, para se fazer levar (= ser levado) para o céu?; *nd' ere-îe-ausub-ar-i, xe r-esé e-îe-îuká-uká* (AR. 316): não tiveste dó de ti mesmo, deixando-te matar por minha causa

521. *Ukar* precede tôdas as partículas que costumam seguir-se ao verbo:

*nd' o-s-eþiak-ukar-i*: não mandou vê-lo; *nde îe-eþiak-uká-saba*: lugar de sêres visto

522. Ocorre a partícula também com verbos transitivados por *mo-* ou *ro-*. Se o verbo ao qual se prefixou *mo-* não é ativo, *ukar* equivalerá a “fazer, mandar”; se é ativo, *ukar* não passará de partícula de realce:

#### NEUTROS

|                            |                            |  |
|----------------------------|----------------------------|--|
| <i>akub (t) (xe)</i> : ser | <i>mo-akub</i> : esquentar | <i>mo-akub-ukar</i> : mandar esquentar |
| quente                     |                            |  |
| <i>pab</i> : acabar-se     | <i>mo-mbab</i> : acabar    | <i>mo-mbab-ukar</i> : mandar acabar    |

## ATIVOS

|                        |                  |    |   |
|------------------------|------------------|----|---|
| <i>syk</i> : chegar    | <i>mo-ndyk</i>   | ou | <i>mo-ndyk-ukar</i> : fazer<br>chegar   |
| <i>ie-byr</i> : voltar | <i>mo-ie-byr</i> | ou | <i>mo-ie-byr-ukar</i> : fazer<br>voltar |

Neste último caso, o complemento de pessoa dispensa *supé*:

*oré mo-ar-ukar umé iepé tentação pupé* (AR. 2) : não nos faças  
(=deixes) cair na tentação

*a-i-mo-ie-byr-ukar Pindobusu*: mandei Pindobuçu voltar

523. NOTA — *Ukar* é sempre auxiliar. Para os outros casos, com o sentido de “mandar”, há *púai* (*io*), que também significa “governar, ordenar”. A pessoa mandada fica de objeto direto; a causa, de objeto indireto com *esé* ou *ri*:  
*a-i-púai xe r-ayra*: mando em meus filhos; *a-poro-púai*: eu mando;  
*xe iara é xe púai s-esé*: meu senhor é que mo mandou; *a-io-púai amó abá pindoba r-esé* (VLB 206) : mandei que uma pessoa me arranjasse (encomendei) palmas; *aé-pe mbaé aiba ri o-púai-me, marã?* (AR. 167) : e que (fazer) quando êle ordena uma coisa má?

Mas conhecem-se exemplos também como êstes:

*a-só uí púai-a*: vou mandar fazer farinha; *a-pindó-púai*: encomendei palmas

## EXERCÍCIOS

## 524.

|                              |                                |
|------------------------------|--------------------------------|
| <i>mo-mboî</i> : ameaçar     | <i>r-ekó-memîá</i> : maltratar |
| <i>kuakub</i> : ocultar      |                                |
| <i>mo-eé</i> : temperar      |                                |
| <i>r-ekó-ukar</i> : entregar |                                |

|   |
|---|
| <i>ie-potá-bé-tá-bé</i> : continuar<br>(muitas vêzes) |
| <i>Uubatyba</i> : n. pr. Ubatuba                      |
| <i>ateyma</i> : preguiçoso                            |
| <i>amé, n'amé</i> : ptc ser costume                   |
| <i>erimâ</i> : absolutamente não                      |

525. *E-i-mo-endy t-atá*. *Nd' a-i-mo-endy-i xó-é-ne*: *e-i-mo-endy-ukar xe r-ayra supé-ne*: *i ateym-eté*. — *T-atá kaá o-mo-mbab*. *Ybytu o-i-mo-mbab-ukar kaá t-atá supé*. — *Nd' ere-i-kuakub-i nde r-e-mbi-ar-ûera...* *Xe r-ykeyra o-i-kuakub-ukar ixé-be*. *Nde abé ere-ie-kuakub-pe?* *Xe r-ybyra xe mo-ie-kuakub*. — *Ere-só-potar-pe oré r-e-mbi-ú-rama r-eká?* *Aan-i*: *a-s-ekar-ukar umã xe r-aiyra supé*. — *Uubatyba r-e-ro-kaká*, “*A-iur-ne ixé pe r-e-mbi-ú rama*” — *e-i-ukar gûá t-e-mbi-ara supé, s-e-r-ekó-uká aé riré kunhã-etá supé*. *Abá o-gûe-ra-só o ok-pe, i mo-ie-nong-a iní-me*. *O-ie-byr kunhã, i nupã*,

*s-e-r-ekó-memûã ie-potá-bé-tá-bé, i ú-mo-mboî-a.* — *E-î-mo-eẽ-ukar soó nde r-e-mi-r-ekó supé.* Erimã. Soó n' am' ixé nd' a-î-mo-eẽ-î.  
— Kó abá o e-mi-r-ekó nd' o-pûaî iepeaba r-esé.

## 526.

|  |   |
|--|---|
| nascer (astro): <i>sem</i>                               | cachoeira: <i>yiu</i>                             |
| resplandecer: <i>endy-puk</i> ( <i>t</i> ) ( <i>xe</i> ) | fresco: <i>roysanga</i>                           |
| dar à luz: <i>membyr-ar</i> ( <i>xe</i> )                | mole: <i>membeka</i>                              |
| sentar-se: <i>gûapyk</i>                                 | enfadado: <i>pûeraia</i>                          |
| alegre: <i>oryba</i> ( <i>t</i> )                        | enfadonho: <i>poro-mo-pûeraia</i>                 |
| buraco (no chão): <i>yby-kûara</i>                       | onde?: <i>umã?</i> , <i>umá?</i> , <i>umã-me?</i> |

527. A onça fêz a paca esconder-se no buraco. Onde? — A mulher, dando à luz, faz o marido deitar-se na rête. — Deitei-me com meu arco. Fiz meu irmão deitar-se com o arco. Filo beber água. — O doente mandou chamar os seus filhos. Mandou que se sentassem. Os filhos não o quiseram. O velho mandou que a mãe se sentasse com eles. — A lua, nascendo no céu, faz a cachoeira resplandecer. O sol, nascendo, nos alegra. — O cauim aquece o nosso corpo. A água refresca a gente. Também o vento refresca. — Fiz as velhas mastigarem (*suú-suú*) o cauim. Não mandaste também as moças mastigarem com elas? — Manda matar o prisioneiro. Não sei mandar. És muito mole. — O sol amoleceu a resina das árvoreas. — Estou enfadado de te ver! Não te enfadas de me enfadar? És enfadonho! — Hoje estou à toa (*nhó-te*). Mandai-me fazer alguma cousa.

## BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 49-49v; FIGUEIRA 146; MONTOYA 48-49; RESTIVO 64-66; CAETANO, *Vocabulário* 550-551; ADAM 50-51; L. BARBOSA 172.

## OBJETO DIRETO INCORPORADO

528. Imediatamente antes do tema do verbo transitivo deve vir sempre o objeto direto. Se é substantivo, pode vir noutra parte da oração — e é o mais comum —, mas antes do tema deve ficar o pronome objetivo da 3.<sup>a</sup> p. (*i*-, *s*-, *io*-, n. 120-122), representando o substantivo:

não vos quero ver matar a meu filho: *nd' a-s-epiá'-potar-i peē xe r-ayra iuká* ou *nd' a-s-epiá'-potar-i xe r-ayra pe i iuká*

529. A incorporação do substantivo nunca é obrigatória. Raramente se dá quando é um polissílabo ou vem modificado por adjetivo ou complemento.

530. Com a incorporação, o verbo perde os pronomes objetivos. O objeto incorporado, paroxítono, perde a última vogal diante de vogal, e a última sílaba diante de consoante (n. 16).

531. Os verbos transitivos, com a incorporação, equiparam-se a intransitivos (n. 381). Mas podem tornar-se novamente transitivos e ter novo objeto direto. Chamemo-los verbos *retransitivos*.

O pronome objetivo da 3.<sup>a</sup> p. será o mesmo que serviria de possessivo ao substantivo incorporado: *i*, *s*, *t* (n. 236 ss.).

*kutuk*: furar

*a-i-kutuk*: furo-o; *a-nambi-kutuk*: furo orelhas; *a-i-nambi-kutuk* *xe r-e-imbaba*: furo as orelhas à (da) minha criação; *oro-nambi-kutuk*: furo-te as orelhas; *a-t-esá-kutuk*: furo olhos (de gente);

*a-s-esá-kutuk*: furo olhos (de animal); *ou* furo os seus olhos (dêle);  
*a-s-esá-kutuk xe r-e-imbaba gûyrá*: furo os olhos a meus passarinhos;  
*oro-embé-kutuk*: furo-te os lábios; *xe-r-embé-kutuk*: furou-me os  
lábios

### *upir*: erguer

*a-s-upir*: ergo-o; *a-mbaé-upir*: ergo uma cousa; *a-î-iybá-upir mará-bora*: ergo os braços ao doente; *nde-iybá-upir*: levantou-te os braços

### *ok*: cortar

*a-io-ok*: corto-o; *a-akang-ok*: corto cabeças; *a-î-akang-ok mboia*: corto a cabeça à (da) cobra; *a-s-apó-ok*: corto raízes; *ou* corto as raízes dela; *a-s-apó-ok ybyrá*: corto as raízes da árvore

### *mo-nhang*: fazer

*a-î-mo-nhang*: faço-o; *a-kó-mo-nhang*: faço roça; *a-î-kó-mo-nhang xe r-uba*: faço a roça a (de) meu pai; *xe kó-mo-nhang*: fazem-me a roça; *oro-kó-mo-nhang*: faço-te a roça; *nde kó-mo-nhang*: fazem-te a roça; *ou* faz-te a roça; *a-ô'-mo-nhang*: faço casa; *a-îe-ô'-mo-nhang ou a-î-ô'-mo-nhang*: faço casa para mim mesmo; *a-s-ô'-mo-nhang*: faço a casa a (de) meu filho; *a-pé-mo-nhang*: faço caminho; *a-s-apé-mo-nhang amana*: faço o caminho à (da) chuva; *xe r-a-pé-mo-nhang peiepé*: fazei-me o caminho

### *meeng*: dar

*a-î-meeng*: dou-o; *a-kó-meeng*: dou a roça; *a-î-kó-meeng xe r-uba*: dei a roça a meu pai; *oro-kó-meeng*: dei-te a roça; *a-t-ay'-meeng*: dei filhos; *a-t-ay'-meeng xe mena*: dei filhos a meu marido; *xe r-ay'-meeng*: deu-me filhos

532. Repetido o pronome antes do verbo *meeng* “dar” (e quiçá de algum mais), o sentido muda. Cpr.:

*a-î-i-kó-meeng xe r-uba*: dei a roça de meu pai (a outro); *a-î-t-ay'-meeng xe mena*: dei os filhos de meu marido (a outro)

533. Mas, em lugar de tôdas essas construções, mais comum é a analítica:

*a-î-kutuk xe r-e-imbabá nambi; a-î-monhang xe r-uba kó;*  
*a-î-kutuk xe r-e-imbabá gûyrá r-esá; o-î-kutuk xe r-esá.* Etc.

534. O substantivo se pode incorporar, sempre que corresponde ao nosso complemento restritivo:

cortei a raiz da árvore: *a-î-kytî ybyrá r-apó ou a-s-apó-kytî ybyrá*  
 viste o filho do chefe: *ere-s-epiak-pe morubixaba r-ayra?* ou  
*ere-t-ayr-epiak-pe morubixaba?*

não torceram o pescoço da maria-branca?: *nd' o-î-poká-î-pe*  
*gûyranheengetá aîura?* ou *nd' o-î-aîu'-poká-î-pe gûyranhe-*  
*engetá?*

535. Podem incorporar-se também os dois substantivos; o verbo se considerará intransitivo:

arrancai as penas da ema: *pe-îo-ok nhandu r-aba ou pe-s-ab-ok*  
*nhandu ou pe-nhandu-r-ab-ok*

536. Há casos esporádicos de incorporação de substantivo com adjetivo:

não comas frutas ácidas: *nd' ere-ybá-aî'-ú-i*

537. Não se incorporam determinativos (numerais, demonstrativos, etc.):

passei êste rio: *a-s-asab kó y ou mesmo kó a-y-asab*  
 passei dois rios: *a-s-asab y mokôî ou mesmo a-y-asab mokôî*

538. O verbo, intransitivado, torna-se novamente transitivo com *mo-* (n. 480):

*a-y-ú:* bebi água: ✓

*a-î-mbo-y-ú:* fi-lo beber água; *a-î-mbo-y-ú xe membyra:* fiz meu  
 filho beber água; *a-mitã'-mbo-y-ú:* fiz a criança beber água; *xe*  
*mbo-y-ú:* fêz-me beber água

539. Quando o objeto é modificado por um possessivo (em português) da mesma pessoa que o sujeito, pode-se incorporar o objeto, precedido de reflexivo *îe-* (*nhe-* antes de nasal) :

*a-nhe-embé-suú*: mordo-me os (meus) lábios; *t-obaíara o-îe-ygar-ok*: os inimigos abandonaram as suas canoas; *a-só gûi-nhe-tung-ok-a*: vou tirar(-me) o bicho-do-pé; *e-îe-py-sá-pem-ok*: arranca a tua unha do pé

É freqüente essa construção, sobretudo quando o objeto direto é nome de uma parte do corpo ou de vestuário.

540. Parece haver, também no dialeto tupi, casos raríssimos de incorporação de complementos indiretos com preposição:

*a-mbaé-r-esé-î'-e-r-ur-é*: pedi (por) uma coussa

Sobre o verbo no infinito incorporado, como objeto direto, v. n. 360 e ss.

## SUJEITO INCORPORADO

541. Os verbos não transitivos admitem às vezes a incorporação do sujeito.

Tanto os intransitivos de prefixo agente (*só “ir”*, *puká “rir”*), como os de pronome paciente (*maenduar “lembrar-se”*, *asy “doer”*).

542. Incorporado, o sujeito liga-se diretamente ao tema verbal. É esta construção corrente, quando o sujeito é modificado por possessivo:

escorregou meu pé: *xe py o-syryk*; *o-syryk xe py*; *xe py-syryk* (mais us.)

perde-se-me o sangue: *xe r-ugûy o-kanhem* ou *xe r-ugûy-kanhem* (id.)

perde-se-lhe o sangue: *s-ugûy o-kanhem* ou *s-ugûy-kanhem* (id.)

secou a água (do rio, e s.): *t-y-pab*

e na 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> pp. *xe r-y-pab*, *nde r-y-pab*

543. Os substantivos paroxítonos perdem a última vogal antes de vogal, e a última sílaba diante de consoante:

caem-me os cabelos: *xe aba o-kuî* ou *xe á'-kuî*

caem-lhe as penas: *s-aba o-kuî* ou *s-á'-kuî*

caem-te as penas: *nde r-aba o-kuî* ou *nde r-á'-kuî*

544. Dão-se casos de incorporação nas frases que referem fenômenos naturais, atmosféricos ou outros, independentes da vontade do homem:

*ysapy kuî*: cai o orvalho

*t-yaî syryk* (MONT., *Tes.* 388/382): corre suor

*ybytu peîw, iasy pirang-eme* (*id.*, 185 ad.): quando a lua está vermelha, sopra vento

*yboto' iab*: abre-se a flor

545. O prefixo *mo-*, do sujeito e verbo incorporados, forma um novo verbo transitivo:

*mo-ugûy-syryk*: fazer escorrer sangue de *ou a*:

*s-eté îá-katu-pe gûá i mo-peré'-pereb-i i mo-ugûy-syryk-a?* (AR. 85): chagaram-lhe todo o corpo, fazendo escorrer dêle sangue?

### EXERCÍCIOS

546.

*petek*: bater (com a palma da mão)

*pan (nho)*: lavrar

*py (io)*: tocar (soprando)

*peir*: varrer

*apiar (s)*: obedecer, cumprir

*mo-maran*: tr. desobedecer

*ekô-mo-nhang (t)*: tr. e intr.  
fazer lei

*ysy (t) (xe)*: estar em fila

*rung*: pôr, arranjar, armar

*yty*: cisco

*ysy (t)*: fila

*endy (t)*: saliva

*endy-syryka*: baba; (*xe*): barbar

*îu-atî-embó apynha*: coroa de espinhos

*mo-mbor*: atirar

*atûá-saba*: † compadre

**547.** Rung só se emprega com o objeto incorporado: *a-mundé-rung*: armei o alçapão; *o-koty-rung s-esé*: armou cilada contra élle; *e-i-kó-rung nde mena*: faze a roça para teu marido; *oro-i-i-yphy-rung oré r-oka*: pusemos princípio (começamos) a nossa casa; *pe-ysy-rung kurumí*: ponde [em] fila (a)os meninos; *o-nharybobô-rung*: faço ponte; *ia-t-up-á-rung abai*: arranjamos (seu) lugar [para] o milho (p. ex., preparando a terra); *a-î-ty'-rung soó*: pus acompanhamento à carne; *iagâú'-pó-peba o-py-rung poti r-esé*: a lontra pisou no camarão. — Por vêzes equivale ao pref. *mo-*: *a-s-ysy-rung* ou *a-î-mo-ysy*: pu-los em fila.

**548.** *Mbaé r-esé-pe ere-nhe-nong e-îup-a?* Er-é byter-pe nde mbaé-asy-ramo? Pá. A-é byter xe py-asy-ramo. Abá-te-pe o-mimby-py-ne? *Mbaé-reme-pe?* Kori-é, pytun-me. Xe r-ayra ipó-ne. Aan-i. Nd' i katu-î. I mbaé-asy abé o-up-a. Enei, e-puam t' ere-só mimby-py-bo-ne. Aan-i. *Mbaé r-esé-pe xe mo-maran iepé, xe nheeng'-apiar-eym-a?* Nd' a-é katu-î. A-é byter xe py-asy-ramo. Xe r-ugûy-kanhem-eté. *Mbaé r-esé-pe nd' ere-î-mbo-ur-i paíê ta nde py suban-ne?* T' a-îe-py-suban ixé aé-ne. Na nde xe r-ekó-mo-nhang-i...! — T' ia-só mundé-rung-a. Pá. T'ia-só. Enei rô. Ta pe-îo-ysy-rung. E-î-î-tyt-peir okara. Aûié. Koýr, e-yty-mo-noong, i mo-mbó uká nde r-e-mi-r-ekó supé. — *Mbaé-pe ere-i-apó e-ikó-bo?* A-ybyrá-pan gûi-t-ekó-bo. Er-é katu-pe kó-bae r-esé? A-é katu. — *Mbaé r-esé-pe nde r-endy-syryk-amo ere-ikó-bo?* — “*Mbaé-pe o-nong i akanga ar-bo?* Iu-atî-embó apynha, akanga kutu'-kutuk-a (para esfuracar), s-asap-a. S-ugûy-syryk serã s-obá r-upi, i atu-kupé r-upi bé? S-ugûy-syryk” (AR. 86). A-t-ay'-nupã xe atûá-saba.

### 549.

afiado: *aembeé* (*s*)  
 afiar: *aembeé* (*s*)  
 cortar: *kyti*, *mo-ndok*, *ab*, *mo-gûai*  
 raspar: *pin* (*nho*)  
 — a cabeça de: *á-pin* (*i*)  
 entrouxar: *nhang* (*nho*)  
 fazer feixe de: *man* (*nho*)  
 fechar a porta: *okendab* (*nh'*)  
 — a ou de: *okendab* (*s*)  
 enquanto isso: *aé-reme-bé*

suportar: *porará*  
 começar: *yphy*, *yphy-rung*  
 acabar: *mo-aûié*  
 não há muito, há falta: *nd' i tyb-i*  
 francês: *maira*  
 feixe: *mana*  
 navalha (de cana, palha): *ma-rupá*  
 pestanas: *opé-aba* (*t*)

550. "Cortar" com faca, tesoura, serra: *kytī*; sem instrumento: *mo-ndok*; rasgado: *mo-ndorok*; raspando: *pin (nho)*; com cunha, machado ou a golpes: *mo-gúai* ou *ab*. Este propriamente significa "abrir, rachar", e só se usa com o objeto incorporado ou com reflexivo: *a-ybyrá-ab*: corto, racho madeira; *ere-yby-ab*: abriste a terra; *o-asy-ab*: cortou um pedaço, partiu (intr.); *o-i-asy-ab*: id. (retr.).

551. "Começar a" (com infin.) em geral se traduz por *yþy*: *a-ker-yþy*, comecei a dormir. "Começar" (com substantivo), em geral *yþy-rung* ou *yþy-mo-in*, *yþy-mo-nhang*.

552. *Nh'-okend-ab* é reflexivo: fechar a porta da própria casa. *S-oken-dab* é transitivo: fechar a porta de. A mesma distinção se faz com *o-kendab-ok*, abrir a porta.

553. Faze um feixe de flores e traze-o para dar ao francês. — Afia a faca e corta aquela carne para tostá-la. Não. Manda outra pessoa afiá-la. Começa tu a afiá-la; eu [o] acabarei. Enquanto isso, começemos a cortar lenha. Traze-me dois feixes de lenha. Não há muita carne. Põe a armadilha. — "Veio uma mulher (e) rapou minhas pestanas com uma navalha (e) queria raspar também a minha barba (mas) isso não quis suportar (e disse-lhes) [dizendo-lhes] que me matassem com [minha] barba e tudo" (STADEN, ad.) — Façamos uma aldeia para os nossos parentes. Sim. Ponhamo-nos em fila. Comecemos uma aldeia para nossos parentes. Trazei a madeira (que eu farei) [para que eu faça] as portas (da) [à] casa. — Fecha a porta. Agora abre-a. Por que abriste a porta da tua casa? E tu por que me fechaste a porta? — O marido entrouxou as suas cousas, a mulher dêle entrouxou seu cesto, indo-se embora.

## BIBLIOGRAFIA

**Objeto direto incorporado** — ANCHIETA 8v-9; 50-51; FIGUEIRA 87-88; MONTOYA 53; RESTIVO 50-52; CAETANO 83; 86-88; L. BARBOSA 172; ID., Juká 74-76; DALL'IGNA, *A Composição* 8.

**Sujeito incorporado** — ANCHIETA 51; RESTIVO 51-52; CAETANO 83; L. BARBOSA 172.

## CONJUGAÇÃO SUBORDINADA

**554.** O verbo da oração principal assume forma especial — derivada do infinito — quando precedido, no mesmo período, por advérbio, preposição, gerúndio ou conjunção subordinativa.

### § 1.º — VERBOS DE PREFIXOS AGENTES

**555.** Perdem os prefixos agentes. Se o verbo termina em consoante, junta-se-lhe *-i* (átono); se termina em vogal, junta-se *-iû*; se termina em ditongo, nada se acrescenta:

|                                 |                    |
|---------------------------------|--------------------|
| matou: <i>o-iuká</i>            | <i>iuká-û</i>      |
| despertou-o: <i>o-i-mo-mbak</i> | <i>i mo-mbak-i</i> |
| pegou fogo: <i>o-kaî</i>        | <i>kaî</i>         |
| tem vergonha: <i>o-tî</i>       | <i>tî-û</i>        |

**556.** Se o verbo é transitivo, deve ser precedido pelo objeto direto (substantivo ou pronome); se é não transitivo, pelo sujeito:

dormindo, a mulher matou seu filho: *o-ké, kuhñã o membyra iuká-û*; antes de nascer o sol, ele me acordou: *kührasy sem' ianondé, xe mo-mbak-i*; de noite o mato pegou fogo: *pytun-me kaá kaî*

**557.** Os pronomes objetivos são os mesmos do infinito (n. 336 e 338); os verbos irregulares no infinito sofrem aqui as mesmas irregularidades:

*erimbaé-pe i pysyk-i?*: quando o capturaram?; *aé-i-bé i pysyk-i*: logo então o capturaram; *marã-namo-pe i ie-iuká-û?*: por que se mataram?; *nd' a-é roíá-i i é-û*: nem por isso eu o disse; *mbaé r-esé-pe xe r-ausub-i?*: por que me ama êle?; *mbaé-reme-pe xe r-ayra s-epiak-i?*: em que ocasião o viu meu filho?; *mbaé-reme-pe xe r-ayra r-epiak-i?*: em que ocasião êle viu meu filho?; *marã ngoty-pe xe r-e-ra-só-û?*: para onde me levaram?; *taba suí s-e-no-sem-i*: tiraram-no da aldeia; *mamó-pe i tym-i?*: onde o enterraram?; *mamó-pe i xok-i?*: onde o pilaram?

Exemplos de intransitivos com o seu sujeito (substantivo ou pron.):

*s-upi-bé xe ker-i*: logo depois disso dormi; *mamó-pe s-eõ-û?*: onde morreu?; *mamó r-upi-pe i xó-û?*: por onde foi êle?; *okar-pe nuba ar-i*: caiu no terreiro a flecha

558. Pode haver infinito incorporado:

*o-manó-bae-púera suí s-ekó-bé-îe-byr-i* (Ar. 3): ressurgiu dos mortos; *xe r-ausu'-poir-eym-i*: não deixou de me amar

559. Quando o sujeito do v. não transitivo ou o objeto do v. transitivo se acham afastados, antes do verbo deve ficar o pronome correspondente:

*kóriteñ kuhnã pitanga mo-mbak-i* ou *koriteñ pitanga kuhnã i mo-mbak-i*: a mulher despertou depressa a criança; *koriteñ pitanga kuhnã mo-mbak-i* ou *koriteñ kuhnã pitanga i mo-mbak-i*: a criança despertou depressa a mulher; *kaá r-upi abá gûatá-reme, mboia i xuú-û* ou *abá kaá r-upi i gûatá-reme, mboia i xuú-û*: passeando o índio pelo mato, a cobra mordeu-o; *kaá r-upi i gûatá-reme, mboia abá suú-û*: id.; *ybaka r-esé gûi-maẽ-mo, iasy-t-atá-bebê xe s-epiak-i* ou *ybaka r-esé gûi-maẽ-mo, ixé iasy-t-atá-bebê r-epiak-i*: olhando para o céu, vi uma estréla cadente; *marã ngoty-pe gûariní xe gûyrapara r-e-ra-só-û?*: para onde levou o guerreiro o meu arco?; *marã ngoty-pe xe gûyrapara gûariní s-e-ra-só-û?*: id.; *og-ok-pe s-e-ra-só-û*: levou-o para sua casa; *pytun-me pitanga pak-i*: a criança acordou de noite

560. Não se usa da conjugação subordinada nas 2as. pp. Nas 1as. pp. é facultativa. Nas 3as. pp. é obrigatória:

|  |                  |    |                      |
|--|------------------|----|----------------------|
| eis que vou:   | <i>kó a-só</i>   | ou | <i>kó xe só-û</i>    |
| eis que vais   | <i>kó ere-só</i> |    |                      |
| eis que vai:   |                  |    | <i>kó i xó-û</i>     |
| eis que vamos:   | <i>kó ia-só</i>  | ou | <i>kó iandé só-û</i> |
| " " (excl.)  | <i>kó oro-só</i> | ou | <i>kó oré só-û</i>   |
| eis que ides:  | <i>kó pe-só</i>  |    |                      |
| eis que vão:   |                  |    | <i>kó i xó-û</i>     |
| <i>nde iá-bé ixé i kuab-i</i> (VLB 400) ou <i>nde iá-bé a-i-kuab</i> : eu o sei<br>tanto como tu |                  |    |                      |

561. Há exemplos em contrário:

*s-upí nde r-ekó-reme..... anhangá r-atá-pe ere-só-û-ne* (BET. 105-106):  
se viveres de acordo com (as leis dos teus avós)..., irás para o inferno

Mas o tupi do *Catecismo de BETTENDORFF* já está ligeiramente alterado. Apresenta construções como estas, incompatíveis com as normas de ANCHIETA e FIGUEIRA:

*Aé-pe o-manó-û?* *O-manó-û* (p. 46): e Ele morreu? Morreu;  
*Aé-pe Tupá o-manó-û?* *Na i tupá ruã o-manó, s-eté nhó o-manó-û* (p. 47): e Deus morreu? Não morreu a sua divindade, mas só o corpo (d'Ele), que tomou de Sua mãe

Erro de BETTENDORFF? Evolução da língua? Não é improvável a segunda hipótese: nas pp. 46 e 47, BETTENDORFF segue de perto a ARAÚJO: se lhe faz essas alterações, deve ter tido motivos. — Em guarani, a conjugação subordinada, conquanto pouco desenvolvida, atingia também a 2.ª pessoa (Cfr. REST. 121-122).

562. Usa-se a conjugação subordinada ainda que haja outras palavras depois da preposição, gerúndio, etc. e antes do verbo. Mas se o sujeito está antes da preposição, gerúndio, etc., pode-se seguir a conjugação normal:

*abá ybyrá pupé mboia o-iuká*: o índio matou a cobra com um pau; *pitanga koyr o-ker*: a criança agora dormiu; *abá-pe erimbaé aé pitanga r-eté-rama o-i-mo-nhang-i?* (AR. 53): quem fêz outrora o corpo daquela criança?

563. Vem também a conjugação subordinada, quando a preposição, gerúndio, etc., já expressos num período, se subentendem no seguinte:

*aé-i-bé-pe t-oabaiara nde r-uba iuká-û?* — Pá. I iuká-û: logo então os inimigos mataram a teu pai? — Sim. Mataram-no

564. Na conjugação subordinada, o verbo transitivo se coloca regularmente depois dos complementos.

565. Forma negativa: Substitui-se o *-i* ou *-û* por *eym-i*, que se acrescenta também aos ditongos:

*paranã r-esé o-maē-mo, paíé uuba r-epiak-eym-i* ou *paranã r-esé o-maē-mo, uuba paíé s-epiak-eym-i*: estando a olhar para o mar, o pajé não viu a flecha; *marā-namo-pe i xó-eym-i?*: por que ele não foi?

566. Futuro: Acrescenta-se *-ne*:

*iuká-û-ne, s-eō-û-ne, iuká-eym-i-ne, s-eō-eym-i-ne*  
*ybaté koyt s-e-ra-só-eym-i-ne*: não o levará para cima

567. NOTAS: Caso o verbo esteja modificado por alguma partícula, o *-i* ou *-û* se colocam depois da partícula:

*marā-namo-pe s-enôi-étá-û?*: por que o chamaram muitas vezes?; *iepé-mo xe só uman-i* (ANCH. 24): ainda que eu já fôsse; *mamó-pe giá s-e-ra-só-ukar-i?*: aonde o mandaram levar?; *mamó-pe s-e-ra-só-uká-ibyr-i?* (AR. 84): aonde o mandaram levar de novo?

568. Nem todos os advérbios pedem conjugação subordinada. Alguns requerem o gerúndio (n. 434). Mas *emonan*, *aé-î-bé* e *aûié* podem também servir-se da conjugação subordinada.

569. A conjugação subordinada não se estende ao permissivo, imperativo, gerúndio e infinito.

## § 2.<sup>º</sup> — VERBOS DE PRONOMES PACIENTES

570. Para ANCHIETA (40), conjugam-se como no respectivo gerúndio (n. 406 e 419):

*nd' a-é roîá-î xe katu-ramo*: nem por isso sou bom; *nd' a-é roîá-î xe katu-eym-amo*: nem por isso não sou bom

ANCHIETA só faz exceção para *eō* (*s*) "morrer": *xe r-eō, nde r-eō, s-eō*, etc., o qual na conjugação subordinada segue os verbos de pronome agente: *koyr s-eō-û*: morreu agora; *kori tuí-bae r-eō-û-ne*: hoje o velho morrerá; *nd' a-é roîá-î xe r-eō-eym-i*: nem por isso eu não morri

Para FIGUEIRA 94 ss., os verbos de pronome paciente seguem os de prefixo agente:

*koyr kuhā-muku r-oryb-eym-i*: agora a moça não está alegre; *koyr xe r-oryb-i*: agora estou alegre; *koyr s-oryb-eym-i*: agora não está alegre  
Talvez as duas formas fôssem usuais. Mais ponderosa e antiga a informação de ANCHIETA, que é confirmada pelos exemplos de ARAÚJO.

### EXERCÍCIOS

571.

|                          |                   |   |
|--------------------------|-------------------|---|
| <i>nharō</i> :           | intr. estar bravo | <i>ekó-mo-nhang-aba</i> ( <i>t</i> ): lei; † mandamento |
| <i>mo-por</i> :          | cumprir           | <i>e-mi-motara</i> ( <i>t</i> ): desejo                 |
| <i>nhe-mo-pytun</i> :    | eclipsar-se       | <i>kó-mo-n'-ipó</i> : ou                                |
| <i>mo-asy</i> :          | sentir            | <i>tetiruã</i> : todos                                  |
| <i>aixé</i> :            | tia (paterna)     | <i>nhé</i> : ptc afirmativa (n. 1088)                   |
| <i>syryra</i> :          | tia (materna)     | <i>marā o-ikó-bo?</i> : como? de que maneira?           |
| <i>moro-pysyrō-ana</i> : | † sal-vador       | <i>umã?</i> : onde está? que é de?                      |

572. Para pedir ou dar o sentido ou a tradução de um termo, usa-se do verbo é “dizer”, nos seguintes modismos:

|   |
|---|
| <i>marā o-î-á-bo-pe</i> asé “ <i>Ygûasu</i> ” i é-û?: que quer dizer “ <i>Ygûasu</i> ”?   |
| (lit.: que dizendo, a gente diz “ <i>Ygûasu</i> ”?)   |
| “ <i>Rio Grande</i> ” <i>o-î-á-bo</i> , asé “ <i>Ygûasu</i> ” i é-û ou melhor “ <i>Rio Grande</i> ” <i>o-î-á-bo</i> : quer dizer “ <i>Rio Grande</i> ” (lit.: dizendo ou significando “ <i>Rio Grande</i> ”, a gente diz “ <i>Ygûasu</i> ”) |
| <i>marā o-î-á-bo-pe</i> , asé “chuva” i é-û?: como se diz “chuva”? que significa “chuva”? como se traduz “chuva”? (lit.: a gente diz “chuva” significando o quê?)   |
| “ <i>amana</i> ” <i>o-î-á-bo</i> : diz-se “ <i>amana</i> ”; significa “ <i>amana</i> ”. Etc.  |
| <i>marā o-î-á-bo-pe</i> , asé “ <i>eb-uí</i> ” i é-û? — “ <i>Ebo-kûei</i> ” <i>o-î-á-bo</i> : que significa “ <i>eb-uí</i> ”? — Significa “ <i>ebo-kûei</i> ”   |

573. O mesmo circunlóquio serve para pedir ou dar o sentido ou intenção de um ato, rito ou costume:

|  |
|--|
| <i>marā o-î-á-bo-pe</i> , <i>emonā s-ekb-û?</i> — <i>Ta xe iuká umé-ne</i> , <i>o-î-á-bo</i> : com que intenção ele fêz isso? — Para que não o matassem  |
| O verbo pode ir para outras pessoas, conforme o caso:  |
| <i>marā pe-î-á-bo-pe</i> , <i>morubixaba pe-î-é?</i> — “ <i>Chefe</i> ” <i>iá-i-a-bo</i> : dizeis “ <i>morubixaba</i> ” dizendo (significando) o quê? que significa “ <i>morubixaba</i> ” (subentende-se: na vossa língua)? — Significa “ <i>chefe</i> ” |

574. *Mamó-pe giúa nde syryra r-e-ra-só-û*, *i pysyk-iré?* *Ok-usu amó-pe s-e-ra-só-û*, *s-e-ro-iké-á-bo*. *Marā-namo-pe i pysyk-i?* — “*Marā o-î-á-bo-pe* asé Jesus i é-û? *Moro-pysyrō-ana o-î-á-bo*” (AR. 17). “*Ma-*

rã e-i-pe amó-aé asé r-ekó-mo-nhang-aba? E-i-mo-eté nde r-uba, nde sy abé, e-i. Marã o-ikó-bo-pe asé aípó-bae mo-por-i?” (AR. 100-101). Xe aixé r-eđ-neme, xe tutyra oré mo-apysyk-eym-i. — Marã pe-i-á-bo-pe, “t-uba r-endyra” pe-i-é? “Aixé” ia-i-á-bo. — Gúarim-á-me (na guerra), t-obaíara amó r-e-ro-ar-eme, abá i mo-ngyrá katu ranhé-û, s-eté r-e-mi-motara tetiruã meeng-a i xupé, “t’ i kyrá katu” o-i-á-bo. I kyrá katu riré é, i iuká-û” (Cong. Esp., 109 ad.). — Ybak-pe ia-guara r-ekó-û (há), e-i abá; i nharõ-neme, iasy kó-ipó kúarasy ú-û, e-i. Aípó r-esé iasy kó-mo-n’ ipó kúarasy nhe-mo-pytun-eme, abá i mo-asy-eté-û, “Iagúara kúarasy ia-û”, o-i-á-b’ aup-a. — O e-mi-motara r-upi nhé-pe, mbaé tetiruã porará-bo s-eô motar-i, abá o e-ro-biá potá? O e-mi-motara r-upi nhé.

## 575.

|   |                           |
|---|---------------------------|
| adoecer: mará-ar (xe)                     | alma (separada): ang-ûera |
| esquentar: pé (io)                        | forasteiro: atara         |
| jejuar: ié-kuakub (lit. es-<br>conder-se) | borboleta: panama         |
| mentir: iurarakuâi (xe)                   | cigarra: iakyraná         |
| reconhecer: kuab                          | besouro: unauna           |
| atacar: epenhan (s)                       | grilo: gûiyu              |

576. De *aub* (n. 475) com partículas negativas, forma-se a locução *n(d)-a-s-aub-i* “não sem razão, não é à toa que, é por isso que”.

577. Quando o sol não esquenta a terra, não chove. — Maracanã, no mato, encontrou um machado. Não sabendo qual o seu dono, usou-o. Ele ficou alegre. Por que ficou alegre? Porque encontrou o machado, ficou alegre. — Pelo fato de suas mulheres darem à luz (*infin. com prepos. esé*), ou de seus filhos adoecem, os índios jejuam. Também eles mesmos, quando adoecem, jejuam. Então ninguém fala com eles. Não sem razão eles jejuam, quando adoecem. — Como se diz “borboleta”? Diz-se “panama”. — Que quer dizer “iakyraná”? Quer dizer “grilo”. Não. Por que mente teu companheiro? Ele não quer ensinar ao forasteiro a língua dos índios? “Iakyraná” não significa “grilo”, senão (-te) cigarra. “Grilo” se diz “gûiyu”. E besouro? Diz-se “unauna”. — Quando os índios matam um inimigo, tomam novo nome. Com que intenção fazem isso? Para que (n. 572) fazem isso? Para que (n. 572) a alma do inimigo não os reconheça. — Quantas vezes a onça te atacou? Uma só vez. De-

pois disso não me atacou mais. — Quando chega à taba um forasteiro, os índios lhe dizem: "Viente?". O forasteiro responde: "Sim. Vim." Que significam essas palavras? (*trad. assim*: que dizendo, essas palavras dizem?)

## BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 39v-40; FIGUEIRA 94-98; RESTIVO 121-122; CAETANO 22; ID., *Cantos passim*; ADAM 45; L. BARBOSA 172; DALL'IGNA, *Análise* 70-71.



Guerrilhas às margens de um rio (STADEN)

## REFLEXIVO E RECÍPROCO

578. Primeiras noções, v. 294 e 295.

O reflexivo é *ie-* ou *nhe-* e o recíproco é *io-* ou *nho-* para todas as pessoas. Antepõem-se ao tema do verbo, que perde os pronomes objetivos:

|                       |                 |                       |                         |
|-----------------------|-----------------|-----------------------|-------------------------|
| <i>a-ie-pysyk</i> :   | seguro-o        | <i>a-ie-pysyk</i> :   | seguro-me               |
| <i>ere-s-ausub</i> :  | tu o amas       | <i>ere-ie-ausub</i> : | tu te amas              |
| <i>o-s-ausub</i> :    | ele o ama       | <i>o-ie-ausub</i> :   | ele se ama              |
| <i>nha-nho-s-ñi</i> : | escaldamo-lo    | <i>nha-nhe-ñi</i> :   | nós nos escaldamos      |
| <i>pe-s-e-kar</i> :   | vós o procurais | <i>pe-io-ekar</i> :   | vós vos procurais       |
| <i>o-ñuká</i> :       | elêos o matam   | <i>o-ie-ñuká</i> :    | elêos se matam (refl.)  |
| <i>oro-io-pûaî</i> :  | nós o mandamos  | <i>oro-io-pûaî</i> :  | nós nos mandamos (rec.) |
| <i>o-ñuká</i> :       | elêos o matam   | <i>o-io-ñuká</i> :    | elêos se matam (rec.)   |

Formam as vozes reflexiva e recíproca.

579. Nos verbos de prefixos *ro-* ou *no-*, introduz-se um *e-* antes daqueles prefixos:

*a-ie-e-ra-só*: eu me levei      *oro-io-e-ra-só*: nós nos levamos

## REFLEXIVO

§ 1.<sup>º</sup> — *Em oração principal: ie- ou nhe-*

580. *IE-* pode vir antes do objeto direto incorporado, com o sentido de possessivo:

*a-ie-py-kytî*: cortei-me o pé (= o meu pé); *o-ie-py-kytî*: ele [se] cortou o pé (= seu pé); *nd' o-ie-py-kyti-i*: não [se] cortou o

*pé; e-îe-esá-ok*: arranca-te os olhos!; *pe-îo-esá-ok*: arrancai-vos os olhos (uns aos outros)

Tal construção se torna mais usual quando o objeto é parte integrante do sujeito ou está a ele muito unido: membro do corpo, veste, adôrno, etc.

581. Pode haver complemento indireto:

*aé aé o-îe-îuru-meeng i amotar-eymb-ara supé*: élé mesmo entre-gou sua bôca aos seus inimigos (i. é, falando dêles, deu ocasião a que fizessem o mesmo com élé)

582. Na 3a. p., *ie-* pode tomar um sentido passivo:

*o-íe-epiá'-katu kó piara:* vê-se bem o caminho da roça; *nd' o-íe-ú-i soó kó ara:* não se come carne êste dia

Se o verbo é modificado por *ukar*, tem sentido passivo sempre (n. 520).

583. Em dados casos o e de ie- desaparece diante de vogal:

*ié-apuapyk*: encolher-se → *i'-apuapyk*

*ie-ekyî:* arrancar-se, expirar → *i'-ekyî*

*ié-ekó-sub*: obter, gozar → *i-ekó-sub*

584. Como intransitivos (n. 381), os reflexivos admitem os prefixos *mo-* e *ro-*:

*nhe-anq-ú*: recear (lit. comer a própria alma)

*nhe-ang-epiak*: mirar-se (lit. ver sua própria sombra ou reflexo).

585. O reflexivo pode vir entre um possessivo e um substantivo verbal:

*xe ie-ausuba*: o (meu) amor a mim mesmo; *i ie-ausuba*: o seu amor a si mesmo; *o ie-ausuba*: o seu amor a si mesmo (suj. da oração); *iandé ie-ausuba*: nosso amor a nós mesmos (refl.); *iandé io-ausuba*: nosso amor recíproco

### § 2.º — Em oração subordinada: o ou ie-, nhe-

586. Quando a ação de um verbo subordinado recai sobre o sujeito da 3.<sup>a</sup> p. da oração principal, o reflexivo é *o*, não *ie-* (n. 304):

*xe r-ayra o-só-ne, morubixaba o mo-ndó-reme*: meu filho irá, se o chefe o mandar

587. Mas se a ação do verbo subordinado recai sobre o próprio sujeito da oração subordinada, o reflexivo é *ie-*, não *o*:

*kiúaras ybytyra r-aky-puer-i i nhe-nim-eme, iasy sem-i*: quando o sol se escondeu detrás da montanha, a lua saiu

Também as preposições podem ter reflexivos. V. n. 623.

### RECÍPROCO

588. Como o reflexivo, pode vir antes do objeto direto incorporado:

*o-îo-py-kyti*: eles se cortaram os pés (uns aos outros); *oro-îo-esá-ok*: arrancamo-nos os olhos (uns aos outros); *ta pe-îo-esá-ok*: id.; *ta pe-îo-obá-petek umé-ne*: não vos esbofeteais; *oro-îo-endybá-á-pin oro-ikó-bo*: estamo-nos fazendo a barba (rec.)

589. O recíproco pode vir entre um possessivo e um substantivo verbal:

*oré io-ausuba*: nosso amor mútuo; *oré io-ausuba r-evê*: por nosso mútuo amor

590. Realçando a ação recíproca, pode-se repetir *îo-* nos complementos:

*oré îo-pó-pe oro-îo-kutuk*: ferimo-nos mútuamente com nossas mãos

591. *Îo-* às vezes significa “comum”, e, como qualificativo, modifica até substantivos:

*îandé nho-mbaé*: nossas cousas comuns; *pe nho-mbaé*: vossas cousas comuns; *nho-mbaé*: cousas comuns, de vários donos; *i îo-oka*: as casas comuns dêles; *atara o nho-mbaé o-s-ekar o-ikó-bo*: os viajantes estão procurando as suas cousas (dêles mesmos); *atara i nho-mbaé o-s-ekar o-ikó-bo*: os viajantes estão procurando suas cousas (de outros); *o-îo-e-r-ekó-bé-bae*: os que vivem em comum

592. Mas a 3.<sup>a</sup> p. refl. (*o-îo-*) pode substituir tôdas as demais:

*t' ia-ra-só nhandé nho-mbaé* ou *t' ia-ra-só o nho-mbaé*: levemos nossas cousas

Não porém quando a pessoa do sujeito é diversa:

*o-gûe-ra-só nhandé nho-mbaé* (não *o nho-mbaé*): levou nossas cousas

593. Por vezes *îo-* exprime uma relação entre dois seres, tomados em conjunto, mas sem reciprocidade. V. exs. n. 629.

594. Em alguns casos, *îo-* parece significar “igual”; admite possessivos e preposições:

*xe nhó r-e-mi-r-ekó*: a mulher de meu igual ou semelhante  
*a-nheeng xe io-upé*: falei a um meu igual

Assim pode-se dizer de um índio que está em casa de outro índio:

*o îo-ok-pe abá r-ekó-û*: o índio está em casa de seu igual

Outro tanto não se diria se estivesse em casa de um branco, de uma mulher, de um contrário, etc.

595. Raramente, *îo-* equivale a “todos”, “da gente”, “nossa”:

*nho-taba*: a aldeia da gente, de todos, nossa

596. Chega a corresponder a *poro-* (n. 380):

*a-nho-monetá nde r-esé-ne*: pedirei por ti

*o-î-porará nho-nupã*: padeceram ações

597. Segundo FIGUEIRA, também os verbos que já têm *îo-* como pronome objetivo (n. 317) podem usar do recíproco:

*oro-îo-rab*: nós o desatamos; *ou* nós nos desatamos um ao outro

Mas ANCHIETA restringe o uso aos modos em que perdem o pronome objetivo *îo-*:

*a-îo-poî*: eu o alimentei

*îo-poî-a*: alimentando-se mútuamente

*ou*: alimentar-se mútuamente

Também as preposições podem ter recíproco. V. n. 628.

## EXERCÍCIOS

598.

*eîyî (s)*: tr. mudar de lugar  
*î-eîyî [-pe]*: mudar para  
*sem [-pe]*: mudar-se para  
*îe-akasó*: intr. ir de mudança  
*iab*: intr. abrir-se  
*mo-iab*: abrir  
*î-upiá-mo-mbor*: pôr ôvo

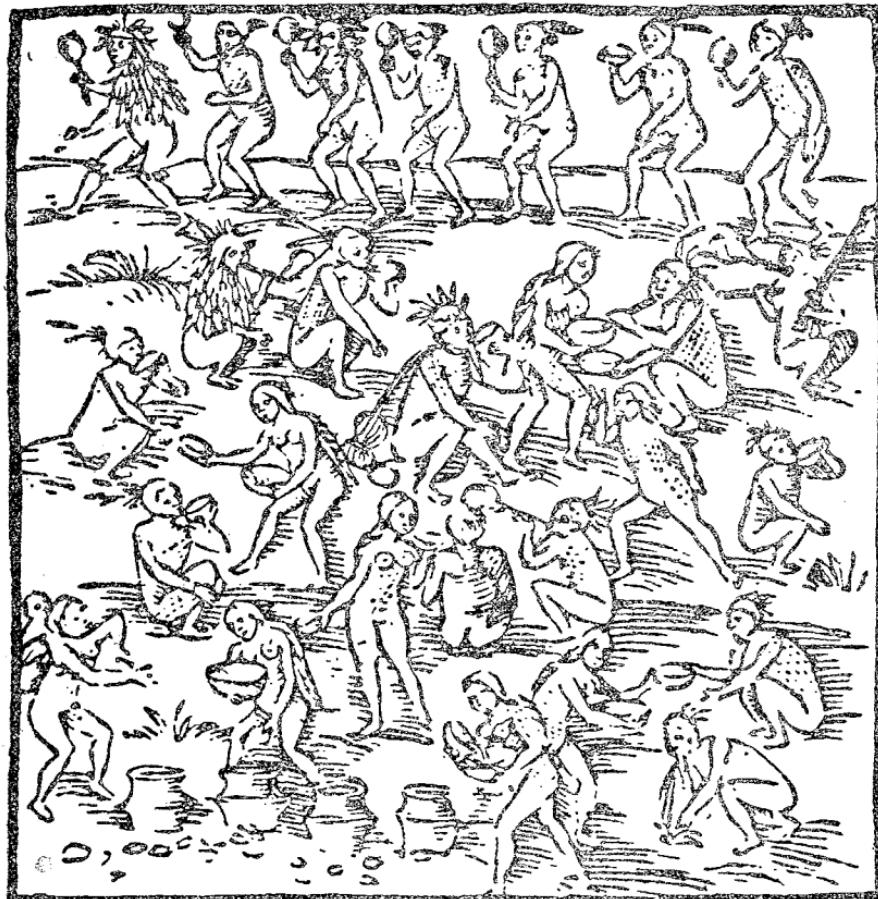
*î-ub-mo-mbor*: desovar  
*mo-î-upiá-e-r-ub*: pôr a chocar  
*mo-mbuerab*: curar  
*ayty (s)*: ninho  
*upiá (s)*: ôvo  
*uba (s)*: óva  
*y apyra koty*: rio acima

599. Sem e *îe-akasó* se dizem de mudanças para outras regiões; *î-eîyî* de mudança de casa ou da posição em que ela estava.

600. *iab* se diz das coisas que se abrem naturalmente, como a flor, o ôvo; nos outros casos: *îe-ab*. Mas ocorre um verbo pelo outro.

601. *O-iab umâ-pe marakuâ ybotyra?* *Nd' e-i o-îap-a ranhé.* — *Abá-pe o-s-ayty-mo-nhang gûyrá?* *Nda abá ruã: gûyrá o-îe-ayty-mo-nhang-é.* *S-upiá-etá-pe?* *S-etá nhé.* *O-iab uman-pe s-upiá?* *Nd' e-i uman-î gûyrá o-î-upiá-e-r-up-a...* *Abá-pe o-î-mo-iab s-upiá-ne?* *Gûyrá aé o-î-mo-iab-ne.* *Aan-i.* *S-upiá aé o-iab-é.* *Marã o-î-á-bo-pe, gûyrá îe-ayty-mo-nhang-i?* *T'a-îe-upiá-mo-mbor-ne, o-î-á-bo, i mo-nhang-i.* *Marã e-î-á-bo-pe, s-ayty nd' ere-no-sem-i?* *Gûyrá t' a-î-mo-î-upiá-e-r-ub-ne, gûi-î-á-bo, ixé s-ayty-mo-mbab-eym-i.* —

Gûyrá o-îe-ayty-eiyî amó aé yovyrá-pe nhó-te, ié-akasó-eym-a. — Mbaé rama rí-pe gûyrá nhe-mo-nhang-i? Aé-pe pirá? — Abá-pe o-s-ekó-mo-nhang gûyrá, soó abé? Abá-pe asé r-ekó-mo-nhang abé? Asé r-amyâa asé r-ekó-mo-nhang. Marã-namo-pe asé r-ekó-mo-nhang-i? Asé o apíara potá. — Marã o-î-á-bo-pe, pirá sem-i y apyra koty? T' ia-ñ-ub-mombor-ne, o-î-á-bo. — Roy mosapyr kó-ipó irundyk kúab 'iré (depois), abá, o-ikó-bé-bae-püera (que moravam) Itaty'-pe, o-sem amó-aé yby-pe, ié-akasó-bo. — Tupinambá mará-ar-eme, i ie-suban-ukar-i paíé supé, ta xe mo-mbuerab-ne, o-î-á-b'-aup-a.



Festa, celebrada com cauim e dança (STADEN)

602.

tosse: *uú*  
 tossir: *uú* (*xe*)  
 espirrar: *atiam* (*xe*)  
 engasgar-se com: *pytym* (suj.: c.; obj.: p.)  
 assoar o nariz: *ambu'-ok*, tr.  
 assoar-se: *nhe-ambu-ok*  
 cuspir: *mun* (*nho*), tr.  
 cuspir: *no-mun*, *nhe-no-mun*, intr.  
 respirar: *pytu* (*xe*)  
 rolar: *apá-îe-reb*  
 cair rolando: *apará'-îe-reb* (*xe*)  
 cair de sono: *ker-apar* (*xe*)  
 ofegar: *aybu* (*xe*)  
 — ao de leve: *ukuar* (*xe*)  
 estar sâo: *ikó-bé*  
 firmar-se em: *îe-pytá-sok* [*esé*]  
 preocupar-se: *nhe-ang-e-r-ekó*  
 dar atenção a: *îe-apysá-ká* [*esé*]  
 coçar: *eŷi* (*s*)

piscar: *nhe-mo-esá-bik*  
 — sem querer: *sá-pumí-pumim*, intr.  
 bocejar: *îe-îuru-pirar*  
 cochilar: *opé-by'-pé-byk* (*t*) (*xe*)  
 — cabecendo: *ker-ar*, *ker-apar-ar* (*xe*)  
 roncar (dormindo) — *ker-am-bu* (*xe*)  
 suspirar: *nhe-ang-e-r-ur*  
 escorregar: *py-syryk* (*xe*)  
 tropeçar: *py-sakang* (*xe*); *yby-api*, intr.  
 vergar-se: *aparar* (*xe*)  
 vomitar: *gûeen*  
 fumo: *petyma*  
 monco, moncoso: *ambuba*  
 barranco: *ybyama*  
 cansado, sem fôlego: *pytubara*  
 deparar-se a: *îe-sub* [*supé*]  
 deparar: *mo-îe-sub* [*supé*]

603. Quem é que está roncando? Não me dais atenção, ó meus filhos? Quem é que está roncando? — disse eu. É meu filho: está cochilando. Acorda-o para que assoe o nariz. Acorda, menino moncoso! Não. Deixa-c formir. Ainda bem que está cochilando: ele está doente. Não o ouves ofegar? Ele se está coçando. As mósicas não cessam de o picar e [não cessam de] o fazer piscar também. — O vento frio me faz tossir e o sol me faz espirrar. E o fumo não te faz espirrar? Sim, [me] faz espirrar. — Que vejo? Que foi o que cuspiste? Cuspiste [o teu próprio] sangue? Não te preocupes por mim: não estou doente (*nda xe maran-i*): estou sâo. Não te vi pois vomitar? — O menino não pode comer nem respirar: engasgou com a batata. Não foi com a batata: foi com a espinha de peixe. — Tu também estás cochilando e bocejando? Firma-te para que não tropeces e caias de sono. Meu filho, ontem, cochilando, escor-

regou e caiu rolando pelo barranco. — Achei um ninho. Quem te deparou? Ninguém. Deparou-se-me no caminho da roça. — Por que estás ofegando? Estás sem fôlego? Não estou ofegando: estou suspirando.

## BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 15v-17; 35-36; 49v; FIGUEIRA 80-84; MONTOYA 12-13; 40-43;  
RESTIVO 55-59; CAETANO 38; ADAM 45-47.



Homens dançando e cantando em torno de três *caraíbas*, que sopram fumo sobre eles (DE BRY)

LIÇÃO 36.<sup>a</sup>

PREPOSIÇÕES  
(Continuação)

I

PREPOSIÇÕES DE PREFIXOS T OU S

604. O *t-* e o *s-* móveis, que aparecem antes de muitas preposições, são prefixos, índices de classes (n. 846, 867).

605. *esé* (n. 139): “por (causa de)”

Segue *eté* (n. 238). Mas a 3a. p. refl. é irregular, e o índice da classe superior é *moro-* (e não *t-*):

Cl. sup: *moro-esé*; cl. inf.: *s-esé*

*xe r-esé, nde r-esé, s-esé, o-îo-esé*: por mim, por ti, por ele, por si  
*iandé ou oré r-esé, pe r-esé, s-esé, o-îo-esé*: por nós, vós, etc.

*asé r-esé*: pela gente                  *abá r-esé*: pelo índio

O comp. *esé-bé* (n. 144) segue *esé*.

606. *upi* (n. 135): “por” (lugar)

Segue *eté* (n. 238). Mas o índice da classe superior é *moro-* (e não *t-*):

Cl. sup.: *mor-upi*; cl. inf.: *s-upi*

*xe r-upi, nde r-upi, s-upi, og-upi*: por mim, por ti, por ele, por si

iandé ou oré *r-upi*, *pe r-upi*, *s-upi*, *og-upi*: por nós, por vós, por elés, etc.

*asé r-upi*: pela gente

*kó r-upi*: pela roça

O comp. *upi-bé* segue *upi*.

### 607. **enondé**: “antes de”

Segue *eté* (n. 238).

Cl. sup.: *t-enondé*; cl. inf.: *s-enondé*

*xe r-enondé*, *nde r-enondé*, *s-enondé*, *o-enondé*: antes de mim, de ti, dêle, etc.

iandé ou oré *r-enondé*, *pe r-enondé*, *s-enondé*, *o enondé*: antes de nós, etc.

*asé r-enondé*: antes da gente      *abá r-enondé*: antes do índio

### 608. **obaké**: “em frente de, diante de”

Segue *eté* (n. 238).

Cl. sup.: *t-obaké*; cl. inf.: *s-obaké*

*xe r-obaké*, *nde r-obaké*, *s-obaké*, *o(g)-obaké*: diante de mim, de ti, dêle, etc.

iandé ou oré *r-obaké*, *pe r-obaké*, *s-obaké*, *o(g)-obaké*: diante de nós, etc.

*asé r-obaké*: diante da gente      *abá r-obaké*: diante do índio

## II

### PREPOSIÇÕES DE T INICIAL

609. Na preposição *taté*, e em seus compostos, o *t* inicial não é prefixo. É temático.

**taté**: “fora de (destino), ao contrário de, em vez de”

*xe taté*, *nde taté*, *i taté*, *o taté*, etc.: fora de mim, de ti, etc.

Os comp. *taté-é*, *taté-nhé* seguem *taté*:

*ahé mor-apití-ar-ûerra taté-nhé anhé ibiá o-îuká* (VLB 265): mataram-*é* em vez do assassino (por êrro)

## III

## PREPOSIÇÕES DE S INICIAL

610. Nas três preposições *sosé*, *suí*, *supé*, o s- inicial não é prefixo. São, portanto, preposições regulares. Mas depois de *i*, mudam o *s* em *x* (n. 19). A 3a. p. refl. tem formação especial:

611. ***sosé***: “acima de, mais que, sobre”

*xe sosé, nde sosé, i xosé, o io-sosé*: sobre mim, sobre ti, etc.  
*iandé ou oré sosé, pe sosé, i xosé, o io-sosé*: sobre nós, sobre vós, etc.

*asé sosé*: sobre a gente                    *abá sosé*: sobre o índio

612. ***suí*** (n. 134): “de” (procedência)

*xe suí, nde suí, i xuí, o io-suí ou o ie-suí*: de mim, de ti, dele, etc.  
*iandé ou oré suí, pe suí, i xuí, o io-suí ou o ie-suí*: de nós, de vós, etc.

*asé suí*: da gente                    *abá suí*: do índio

O comp. *suí-bé* (n. 648) segue *suí*.

613. ***supé*** (n. 136): “a, para” (dativo)

*i xupé*: a ou para ele, ela, eles ou elas  
*o io-upé ou o ie-upé*: a ou para si (refl.)

*asé supé*: a ou para a                    *abá supé*: a ou para o índio gente

Vê-se que primitivamente o *s* era prefixo.

614. Na 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> pp. do sing. e pl., serve a mesma forma do dativo (n. 203):

*ixé-be, xe-be, ixé-bo, xe-bo*: a mim, para mim

*endé-be, nde-be, endé-bo, nde-bo*: a ti, para ti

*iandé-be, nhandé-be, iandé-bo, nhandé-bo, oré-be, oré-bo*: a nós, para nós

*peē-me ou peē-mo*: a vós, para vós

*asé-be, asé-bo ou asé supé*: à gente, para a gente

615. Entretanto, um maioral de muita importância pode dizer *ixé supé*: construção majestática.

616. Em frases como a seguinte, o *io-upé* equivale a “reciprocamente”: *aé riré o io-upé i nhyrō o-î'-e-r-ekó-ab-amo, kûesé-nheym o-îo-amotar-eym' iré* (AR. 84): depois daquilo, eles se perdoaram mútuamente, reconciliando-se, depois de se terem odiado (desde) muito tempo.

617. Precedida de *o-ie-*, *o-îo-* ou *moro-*, a preposição perde o *s*: *moro-upé* (AR. 3) ou *mor-upé*.

## IV

### PREPOSIÇÕES DE R INICIAL

618. São apenas *-ramo*, *rí* e *riré*. *Riré* e *-ramo* estão sujeitas a alterações fonéticas.

#### 619. **-ramo**

Após consoante: *-amo*; (com queda do *a* final dos paroxítonos); após nasal: *-namo*.

1) : “por, como, na dignidade de, segundo”; (às vezes: prepos. de compl. pred.):

*xe r-ub'-amo oro-gûe-r-ekó*: tenho-te por meu pai; *a-ikó nde boiá-ramo*: estou como teu servo; sou teu escravo; *paîé-ramo a-ikó*: estou como pajé; sou pajé; *oro-mo-ingó tubixab-amo*: nós te constituímos (como) chefe; *abá-pe erimbaé Tupã o-î-mo-nhang ypy por-amo?* (AR. 47): a quem outrora criou Deus inicialmente como habitantes da terra?

2) : “em” (término de conversão):

*y o-nhe-mo-nhang t-ugûy-ramo*: a água se converteu em sangue (humano); *a-î-mo-nhang pirá kang-ûera pindá-ramo*: de uma espinha de peixe fiz um anzol; *panama o-nhe-mo-nhang gûyrá-ramo*: a borboleta se converteu em passarinho; *mbaé-pe o-î-mo-nhang s-etê-ramo?* (AR. 47): de que fêz seu corpo? (lit. que transformou em seu corpo?)

620. **rí:** "por (causa)"

Alternava-se no uso com *esé* (n. 605). É preferida dos pronomes da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> pp.:

*xe rí, nde rí, iandé rí, oré rí, pe rí:* por mim, por ti, por ele, por si, etc.

Nunca se usa com pronomes da 3.<sup>a</sup> p.

621. **riré ou roiré:** "depois de, depois que"

*aipó riré:* depois disso

*xe só riré:* depois de eu ir, de minha ida, depois que eu fui

Precedido de paroxítono, *riré* perde o primeiro *r*: (*iré*); o paroxítono perde a vogal final:

*xe r~~e~~iar' iré:* depois de me deixar; *ar' iré:* depois do dia; *kaá ká pab' iré:* depois que o mato arder todo

Precedido de tritongo, *riré* perde a sílaba inicial; e o tritongo perde a vogal final:

*kaia:* incendiar-se

*kaí' ré:* depois de se incendiar

*Roiré e ré* são variantes de *riré*:

*ybytu-guasu ré:* depois do furacão; *nde só roiré:* depois de tua ida  
*Riré-bé* segue *riré*.

## V

622. **pupé** (n. 138): "com, em, dentro de"

É regular. Mas nas 3as. pp. refl. tem mais duas formas:

*xe pupé, nde pupé, i pupé, o pupé* ou *o io-pupé* ou *o ie-pupé:* em mim, etc.

*iandé* ou *oré pupé, pe pupé, i pupé, o pupé* ou *o io-pupé* ou *o ie-pupé*

## VI

## PREPOSIÇÕES REFLEXIVAS E RECÍPROCAS

623. As preposições podem reger pronomes reflexivos e recíprocos.

Pelo seu próprio sentido, as que mais aparecem sob forma reflexiva ou recíproca são: *pupé*, *esé*, *suí*, *supé*.

## Reflexivas

624. *xe iō-pupé*; *xe iō-esé*; *xe iō-suí*; *xe iō-upé*: em mim mesmo; por mim mesmo, etc.

*nde iō-pupé*; *nde iō-esé*; *nde iō-suí*; *nde iō-upé*: em ti mesmo, por ti m., etc.

*o iō-pupé*; *o iō-esé*; *o iō-suí*; *o iō-upé*: em si mesmo, por si mesmo, de si m., etc.

*iandé iō-pupé*; *iandé iō-esé*; *iandé iō-suí*; *iandé iō-upé*: em nós mesmos, etc.

*oré iō-pupé*; *oré iō-esé*; *oré iō-suí*; *oré iō-upé*: em nós mesmos, etc.

*pe iō-pupé*; *pe iō-esé*; *pe iō-suí*; *pe iō-upé*: em vós mesmos; por vós mesmos, etc.

*o iō-pupé*; *o iō-esé*; *o iō-suí*; *o iō-upé*: em si mesmos, por si mesmos, etc.

625. Troque-se *iō-* por *ie-*, e têm-se outras tantas formas equivalentes no uso e no sentido:

*xe ie-pupé*; *xe ie-esé*; *xe ie-suí*; *xe ie-upé*: em mim mesmo, por mim mesmo, etc.

626. Mas tôdas as preposições (exceto *esé*, *sosé*, *supé*) podem formar as 3as. pp. refl. sem *ie-* nem *iō-* (e é o mais comum):

*o pupé*: em si mesmo, mesma, mesmos, mesmas

*o(g)-obaké*: diante de si mesmo, mesma, mesmos, mesmas

*og-upi*: por si mesmo, mesma, mesmos, mesmas

627. Usa-se da forma reflexiva, quando o complemento se refere ao próprio sujeito da frase (principal ou subordinada) :

*a-r-ur xe io-upé* (não *ixé-be*) : trouxe-o para mim mesmo; *ere-r-ur nde io-upé* : tu o trouxeste para ti mesmo; *a-î-potar nde xe io-upé* (não *ixé-be*) *uuba meeng-a* : quero que me dês a flecha; *a-î-potar Tingusu o io-esé uuba meeng-a Pindobusu supé* : quero que Tinguçu, por sua própria causa, dê a flecha a Pindobuçu

### Recíprocas

628. Formam-se sempre com *io-*:

*nd' ia-îo-peá-potar-i iandé io-suí*: não queremos separar-nos uns dos outros; *o-py-rung o-îo-esé*: pisaram uns nos outros

Quando o sujeito é da mesma pessoa, a forma reflexiva da 3a. p. pode substituir tôdas as outras:

*t' ia-îo-peá umé iandé io-suí* ou *t' ia-îo-peá umé o io-suí*: não nos separemos uns dos outros

629. Nem sempre há verdadeira reciprocidade, mas apenas relação consecutiva entre dois ou mais seres tomados como um todo (n. 593) :

*o-îo-akypûer-i* (VLB 237) : um atrás do outro

## VII

### DUAS PREPOSIÇÕES

630. Dão-se casos de junção de duas preposições :

*kûeî-pe suí* (VLB 180) : de por aí; *marã ngoty suí?* (*ib.*) : de que parte?; *mamó ngoty suí?* (*ib.*) : id.

## EXERCÍCIOS

631.

*i'e-ro-biar* [esé]: confiar em  
*nhe-mo-motar* [esé]: cobiçar  
*puerab*: sarar  
*arybé*: cessar  
*poir* [suí]: separar-se  
*pore-ausub-ok*: tr. compade-  
cer-se  
*aruakanga*: costela

*n' aan-i*: não  
*ekó-biara* (*t*): substituto  
*o-ypyra* (*s*): zelador da casa  
*auié-rama-nhé*: para sempre  
*íá-bé* (com infin.): assim como  
de ausente  
*kuá*: meio  
*amó-neme*: algumas vezes

632. Atar-am-amo nhó, nda auié-rama-nhé tapiúar-amo ruã oro-ikó kó yby-pe. Iandé iô-esé nd' ia-î-e-ro-biar-i... — Nde iô-suí nde mbaé r-esé abá mo-ndarõ nde i potar-eym-a íá-bé, 'té-umé abá mbaé r-esé e-mo-ndarõ-mo, kó-ipó s-esé e-nhe-mo-motá (AR. 239). — Marã-pe nde amotar-eymb-ara r-ekó-û (deve fazer), o iô-upé nde nhyrõ-motá? — Mbaé-rama ri bé-pe guá iandy nong-i asé r-esé? Asé puerab-a potá, asé mbaé-asy arybé potá. Opuerá-te-pe guá o iô-esé i nong-eme iepi? O-puerab amó-neme (AR. 159-160 ad.). — E-i katu-pe mena o e-mi-r-ekó suí o-poí? N' aan-i. Nd' e-i katu-î o iô-suí o-poí (AR. 165 ad.). — Marã-pe morubixaba asé r-c-r-ekó-û-ne? — O iô-upé asé i'-e-r-ur-é-reme, asé r-ausub-ar-i-ne, asé pore-ausub-ok-i-ne (AR. 37 ad.). — Marã-pe asé mo-nhang-i? Na mbaé ruã o-î-mo-nhang asé ang-amo, o nheenga pupé é i mo-nhang-i (AR. 21). — Kamusi kuá r-upi nhó-te kaúi r-en-i (está) (VLB 291). — Oro-eiar xe r-ekó-biar-amo. — Na nde r-o-ypyr-i-pe? — Mbaé-pe Tupã o-î-mo-nhang iandé r-ub' ypy r-e-mi-r-ekó r-eté-ramo? I arukanga anhó (AR. 48).

633.

converter-se: *nhe-mo-nhang*  
linha de anzol: *pindá sama*  
beija-flor: *guâinumby*  
substituto: *ekó-biara* (*t*)

com: *esé-bé* (*s*) (n. 144)  
é verdade: *s-upi*; *anhé*  
predecessor: *enotara* (*t*)  
o que está em busca de: *piara*

634. **Enotara** (*t*): o que está ou vai à frente, antes, predecessor. Diz-se p. ex. do irmão mais velho, do mensageiro que precede um viajante, da comida com que se espera um hóspede, etc.: *kaúi xe r-enotara*: o cauim com que serei recebido; *nde r-enotar-ûera*: teu irmão mais velho. Aparece também com *moro-* (n. 387): *mor-enotara*, *mor-enotar-ûera*, etc.

635. Piara: o que está em busca de:

*a-s-e-piak nde piara*: vi quem está em tua busca; *o-ur nde piara* (VLB 267): veio o que está à tua procura; *marã e-i-pe Judeus, i piar-etá, i xupé?*: que lhe disseram os Judeus, que estavam à sua procura?

*Piar-amo*: em busca de; à cata de; buscar, trazer:

*a-só ybyrá piar-amo* (VLB 147): vou em busca de lenha; *a-só itá piar-amo* (VLB 266): vou catar pedras; *a-iur nde sy piar-amo*: vim em busca de tua mãe; *nde piar-amo i ie-byri*: voltou no teu encalço; *a-só y piar-amo* (VLB 415): vou buscar água

636. Ekó-biar-amo (*t*): em lugar de; como substituto de

637. O mensageiro que estava à minha procura já foi? Sim. O teu irmão o mandou antes dêle (*refl.*), como (n. 619) seu (*refl.*) substituto. Com êle foi também o viajante. Vós, também, ide uns com os outros. — O prisioneiro viu diante de si muitos inimigos. — Vieste? Sim. Venho em busca dágua. Meu principal me mandou também levar carne para êle. Não. Não é para êle que a pediu mas para dar aos viajantes que vieram à sua procura. — Pindobuçu não reconheceu depois daquilo a sua maldade? Reconheceu-o, quando eu olhei (*ixé maen-eme*) para êle. E quando lhe disseste (*nde é-reme*) “fizeste mal” (*ere-ikó memuã*), que te respondeu? Disse: é verdade: fiz mal. — A borboleta se converte em beija-flor? ou o beija-flor se converte em borboleta? — (De) que (*passado*) fizeste esta linha de anzol (fut. com *-ramo*)?

## BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 15v-16; 43-46; FIGUEIRA 80-83; 120-126; MONTOYA 70-76; RESTIVO 11-16; 117-120; CAETANO 64-69; ADAM 29-32.

## LIÇÃO 37.<sup>a</sup>

### PREPOSIÇÕES

638. -i: "em, a" (*locativa*)

Mais usada que -pe (n. 140) para indicar a parte do objeto:

aié (s) : corte, atalho

aié-i (s) : através de, de atra-  
vessado, de revés

Outros exs. :

am(b)y-i: ao lado, sob o braço

kuá-i: à cintura, pelo meio

anhā-i: na ponta, no cabo

puku-i: ao longo, durante

atuá-i: às costas, aos ombros

pytá-i: no calcanhar

639. Os paroxítonos perdem a última vogal, e, se terminam em *aia*, *eia*, etc., nada acrescentam:

âur-i: no pescoço

pyr-i, ypyr-i: perto de, junto  
de

apyr-i: na ponta ou cume

pyter-i: no meio, entre

a-pyter-i: na parte superior,  
sobre

eséi (s): em frente, diante de

ar-i: id.; encima de

obái (t): id.

asei: às costas

akypuer-i (t): atrás de

gûyr-i: sob, debaixo de

ybyr-i: ao longo de

São palavras formadas, respectivamente, dos substantivos: *âura* pescoço, *apyra* ponta, cume, *a-pytera* vértice, parte superior ou alta, meio, centro, *ara* parte superior, *aseia* costas, *gûyra* parte inferior, *pyra* ou *ypyra* parte próxima. *pytera* meio, *eseia* (s) parte oposta, frente, *akypuer* (t) parte posterior, *obaiz* (t) parte oposta, frente, *ybyra* extensão.

640. A preposição *-i* só se usa com os substantivos acima mencionados. Alguns também admitem *-pe*, no mesmo sentido:

*apyr-pe, apyter-pe, atuá-pe, gûyr-pe, kuá-pe, pytá-pe, akypúer-pe*

641. A preposição *esé* substitui tanto *-i* como *-pe*:

aos ombros: *atuá-î, atuá-pe ou atuá r-esé*

642. 1. — *Gûyr-i* indica especialmente o “tamanho” (menor): *xe gûyr-i s-ekó-û*: está abaixo de mim (*tamanho*); *xe gûyr-pe s-ekó-û*: está debaixo de mim (*posição, lugar*).

2. — *Apyr-i* significa também “no ápice da cabeça.” e “ao lado, junto, pegoado, parede meia, vizinho”: *xe apyr-i s-ekó-û*: está a meu lado, é meu vizinho; “atrás de” (na mesma canoa, ou à garupa no cavalo, às ancas):

*nde apyr-i t-ur-i-ne*: virá contigo, à garupa, etc.

3. — *Pyr-i* significa também “estar ou ter com” (pessoa): *a-só xe r-uba pyr-i*: fui ter com meu pai; *o-ur nde pyr-i*: veio estar contigo; *nde pyr-i t' a-pytá nde r-uuba r-e-r-ekó-bo* (REST. 298 ad.): quero ficar contigo para se-gurar tuas flechas.

4. — *Ybyr-i*, por si só, significa também “ao longo da costa”: *ybyr-i t' iá-só*: vamos ao longo da costa. Pode-se referir tanto à terra como ao mar.

5. — O pronome *aé* “aquele, êle” forma com a preposição *-i* e o advérbio *bé* a locução *aé-î-bé* “logo naquele ponto, momento, etc.”

643. -bo: “por, em, a, de”

Metaplasmos: os mesmos de *-pe* (n. 142). Mas não se nasaliza.

Como *upi* (n. 135), indica extensão (no lugar ou no tempo), mas realça melhor a indeterminação ou pluralidade. Cpr.

|                        |                             |                                      |
|------------------------|-----------------------------|--------------------------------------|
| <i>kó-pe</i> : na roça | <i>kó r-upi</i> : pela roça | <i>kó-bo</i> : pelas roças           |
|                        | <i>kó r-upi</i> : por aqui  | <i>kó-bo</i> : por aqui (in-determ.) |

|                                      |   |
|--------------------------------------|---|
| <i>pytun-me</i> : de noite (uma vez) | <i>pytun-bo</i> : pela noite, pelas noi-tes; toda noite |
|--------------------------------------|---|

*xe kupé-pe*: em minhas costas, detrás de mim (num ponto)

*xe kupé-bo*: por detrás de mim (em vários pontos); onde não estou

*xe pô gûyr-pe s-ekó-û*: está debaixo de minha mão *ou* poder  
*xe pô gûyr-bo s-ekó-û*: está (constantemente) debaixo de minha mão *ou* poder

644. 1. — *Ar-bo* “sobre, por cima de, em cima de” é mais usado que *ar-pe*, mesmo no singular.

2. — Os nomes terminados no sufixo *aba* ou *saba* (n. 798) usam de *-bo* mesmo no sentido de singular:

*tekó-kuap-aba* “conhecimento”: *tekó-kuap-á'-pe* ou *t-ekó-kuap-á'-bo*

### Locuções

645. Com o possessivo reflexivo, *-bo* forma muitas locuções. Neste caso, pode nasalizar-se:

|  |   |
|--|---|
| <i>o aîur-bo</i> : pelo pescoço                                  | <i>o pê-mo</i> : de lado, de esquina                  |
| <i>o atukupé</i> ( <i>pyter'</i> )- <i>bo</i> : de, pelas costas | <i>o puku-bo</i> : ao comprido, ao longo, de comprido |
| <i>o endypyã-eyî-bo</i> : de joelhos                             | <i>o tî-apuã-mo</i> : de ponta                        |
| <i>o esá popy-bo</i> : com o rabo do olho                        | <i>o tî-apyr-bo</i> : de ponta                        |
| <i>o iepynã-eyî-bo</i> : de joelhos                              | <i>o ybá-bo</i> : de través, de atravessado           |
| <i>o obá-py-bo</i> : de bruços                                   | <i>o yké-bo</i> : de lado, de esquina                 |

Ocorrem alguns com o recíproco *îo-*:

*o îo-pyter-bo*: pelo meio

O possessivo é sempre o da 3.<sup>a</sup> p.:

*a-gûatá o pô-bo*: ando de gatinhas; *o puku-bo taba mo-in-i*: assentou a aldeia de comprido; *o puku-bo taba r-en-i* (ANCH. 43): a aldeia está assentada de comprido

### BÉ OU ABÉ

646. *Bé* ou *abé* “também, mais, ainda, outra vez, e” (n. 146). Tem função intensiva:

*o-ikó-bé bê*: vive ainda  
*nei bê*: eia, outra vez!

*emonan bê*: assim também é  
*e-karu bê*: come mais

*i á-kyr s-aî bê ybá*: a fruta está verde e ácida

647. Com o infinito, particípio *saba*, gerúndio, substantivo ou pronomé, corresponde a “logo”, “desde”. Outros exs.:

|                                       |                                       |
|---------------------------------------|---------------------------------------|
| <i>aé-puer'</i> abé: logo ou desde    | <i>gûi-xó-bo</i> bé: de caminho       |
| então                                 | (indo)                                |
| <i>xe r-ur-ag-ûer'</i> abé: desde que | <i>gûi-t-ú</i> abé: de caminho (indo) |
| vim                                   |                                       |

648. Pospõe-se também a várias partículas, no sentido de “logo”. Muitas vêzes, é simples refôrço: *reme-bé* enquanto, desde que, logo quando; *eym-e-bé* antes que, logo sem; *ndí-bé* ou *esé-bé* (*s*) com; *iá-bé* como; *upi-bé* (*s*) logo depois que; conforme, perfeitamente; *riré-bé* logo em, logo depois que; *i-bé* ou *î-bé* logo em; *gûyr-i-bé* logo abaixo de; *aé-i-bé* logo naquilo, logo então; *akypuer-i-bé* ou *atuá-î-be* logo atrás; *kûesé-nhê'-ym-bé* desde antigamente, desde muito tempo; *koyr-bé* hoje em dia. Etc.

### EXERCÍCIOS

649.

*amŷi oka*: vizinhança (de casa)

*îasy*: ornato do peito, crescente

*ké-saba*: lugar de dormir, rête

*mo-ndeb*: pôr, vestir

*por-upi*, *po-sé*: ao longo de

*amŷi-ndaba* ou *amû-ndaba*: aldeia vizinha

*ekó-potâ-saba* (*t*): intenção

*r-ekó*: tratar

*tî* (*îo*): armar

*ybyr-i*: ao longo de

650. *Por-upi* e *po-sé* exigem complemento de pessoa. *Po-sé* supõe que quem está “ao longo” esteja na mesma rête, etc. Assim também *ybyr-i*. *Por-upi* se diz do que está “ao longo”, mas não na mesma rête:

*o sy po-sé pitanga r-ú-î* (ANCH. 44): a criança está deitada com (ao longo de) sua mãe; *xe por-upi xe r-ayra nhe-nong-i*: meu filho deitou-se ao longo de mim

651. *A-îe-aó'-mo-ndeb o aiur-bo*. *Xe mo-ndeb iusana r-esé o aiur-bo*. *O-î-mo-ndeb iukyra abé xe iuru-pe*. *E-am xe r-esé-i*. O *îo-apyr-i oré r-oka r-ú-î* (VLB 426). *Gûâibî pytun-bo s-eõ-û*. *N'aan-i*. O *ikó-bé bê*. *Pe r-ekó-potâ-sá-bo pe-r-ekó* (AR. 87 ad.). *A-ikó xe r-amyia r-ekó-bo*. *Xe kupé-bo xe mo-mbeú-û*. *E-îo-tî nde ké-saba xe por-upi*. *Xe ybyr-i t-ú-î* (deitou-se), *o-ké*. O *îo-akypuer-i taba r-en-i* (está). *Sóó amó ar-bo i ker-i*, *pytun-bo i gûatá-û*, *i karu-bé-î*. Oré *amŷi ok-etá*: *nd' oré amundab-i*. *Mbaé r-esé-pe nd' ere-îe-îasy-mo-ndeb-i?*

652.

ponta, conclusão: *apyra*  
 cumieira da casa: *ok-apyra*  
 nascente do rio: *y-apyra*  
 ponta de galho: *akā'-pyra* (*s*)  
 armação da cumieira: *apyr-ytá*

Ilhéus: *Nhoesembé*  
 saltar: *por*  
 à vista de: *obá-bo* (*s*)  
 à flor dágua: *y apé ar-bo*  
 de dia: *ar-bo*

653. Por que não vestis roupa aos índios? Eles não se vestem [roupa]. — Os peixes passaram saltando à flor dágua, à vista de Ilhéus. — O macaco subiu na ponta do galho, não querendo mais descer. — Na conclusão de minha fala (*passado*), ele falou. — Onde está a nascente do rio? Está no meio daquelas montanhas. Por onde passa ele? Passa por aqui, por êstes campos. — A cumieira da casa caiu. Caiu de atravessado ou de ponta? Caiu de comprido. De dia ou de noite? De dia. Apanhai a armação e colocai-a ao longo da casa. — A mulher carregou o marido às ancas, para visitar o francês...

## BIBLIOGRAFIA

**Indefinidos** — ANCHIETA 40-46; FIGUEIRA 120-126; MONTOYÁ 70-76; RESTIVO 11-16; CAETANO 64-69; ADAM 29-32; DLL'IGNA 71-73.

**Bé ou abé** — ANCHIETA 41v; 43v; 45v-46; FIGUEIRA 148; VLB 199; 184; 279; 400, 175; passim; MONTOYA 81; RESTIVO 217; 235-237; CAETANO 68

## INDEFINIDOS

654. **amó**: “algum, um, certo, outro, -a, -s, -as; vários, diversos, -as”

Pode preceder ou seguir o substantivo. É pronome e adjetivo:

*amó amó*: vários, diversos; *am(b)ó-aé*: outro, outros (e não êste nem êstes); *amó ahē, amó abá, abá abá*: alguém, certa pessoa, certas pessoas; *nda abá ruã, nda abá amó ruã, nda amó abá ruã*: ninguém; *amó... amó...*: um... outro...; alguns... outros...; *mbaé amó, amó mbaé*: alguma cousa, algo; *na mbaé ruã, na mbaé ruã, nda amó mbaé ruã*: nada; *oré amó*: alguns de nós

655. **îabiô**: “cada, cada um, cada vez que, todos”

Pospõe-se ao substantivo. É pronome e adjetivo:

*ara îabiô*: cada dia, todos os dias; *iandé îabiô*: cada um de nós; *i îabiô*: cada um dêles; *i é îabiô*: cada vez que disseram *ou* dizem *ou* disserem

656. **moby<sub>r</sub> ou mbobyr**: “alguns, poucos (4 a 6, mais ou menos); algumas vêzes”

Precede o substantivo. É’ pronome e adjetivo:

*moby<sub>r</sub> moby<sub>r</sub>*: alguns; *nda moby<sub>r</sub> ruã*: muitos (não poucos); *moby<sub>r-iô</sub>*: alguns, poucos (para FIGUEIRA: muitos); *moby<sub>r-iô-aub</sub>*: alguns, pouquinhos

OBS.: O interrogativo *moby<sub>r-pe?</sub>* “quantos?” traduz-se ao pé da letra “(são) alguns?”. A resposta *pá* “sim” significará que “são alguns ou vários”, i, é, até 6 mais ou menos. A resposta *aan-i* “não” significará que “não são mais de dois”.

**657. etá (s):** “muito, muitos, muitas vêzes”

Não sendo complemento predicativo, segue o substantivo. Pronome e adjetivo:

*etá-etá (s), etá-katu (s), etá-nhé (s), etá-katu-nhé (s), etá-té-katu-nhé (s) :*  
muitos, muitíssimos

*etá-pokanga (s) :* poucos, poucas vêzes (relativamente); escassos, raros

*Etá*, posposto, tende a substituir o plural (n. 47).

**658. anangatu:** “muitos”

Pospõe-se. É adjetivo. Muito pouco usado.

**659. opab ou opá:** “todo, -a, -os, -as, tudo”

Pode antepor-se ou pospor-se ao substantivo. É pronome e adjetivo:

*opá soó ou soó opá :* todos os bichos

**660.** Perdendo o *o*, pode sufixar-se ao verbo, como sujeito ou como objeto:

*oro-î-mo-îaok-pab t-e-mbi-ú :* repartimos tôda a comida; *oro-î-mo-îaok-pab :* repartimos tudo; *o-bobok-pab ygasaba :* racharam-se tôdas as talhas; *a-ra-só-pab* ou *opá a-ra-só :* levei todos

**661.** No gerúndio, pode ficar antes ou depois de *-bo*, mas sempre sob a forma *pá*:

*o-ur pe iuká-bo pá* ou *o-ur pe iuká-pá-bo :* vem para matar-vos todos

**662.** Quando *opab* vem antes do verbo, pede a conjugação subordinada. Mas entre *opab* e o verbo deve vir sempre o substantivo ou o pronome sujeitos:

*opá kunumî r-eôd-û :* morreram todos os meninos; *opá kaûî pab-i :* acabou-se todo o cauim; *opá ahê xe sub-i* (VLB 217): revistou-me todo; *pitanga opá pirá ú-û :* a criança comeu todo o peixe; *opá i pytâ-û*

(nunca *opá pytá-û*): todos ficaram; *opá i ú-û* (nunca *opá ú-û*): comeram tudo; *opá t-eõ iandé mo-ndyk-i* (Ar. 315): a morte a todos nos destrói

663. A partícula interrogativa segue-se sempre a *opab*:

*opá-pe s-eõ-û?*: morreram todos?; *opá-pe i iuká-û?* mataram a todos?

664. Há muitos compostos:

*opá-katu*, *opab-ē*, *opab-ē-nhé*, *opab-ī*, *opab-ī-nhé*, *opab-ē-ngatu*, *opab-ī-ngatu*

Todos têm o mesmo sentido e estão sujeitos às mesmas regras que *opab*:

*opá-katu-pe asé abé asé pab-i-ne?* (BETT. 58): e todos nós (a gente) havemos de acabar também?; *o-gûe-ro-yrô-pá-katu abá o an-gaipag-ûera* (Ar. 171): deve o homem detestar todos os seus pecados passados

665. OBS.: Para compreensão da sintaxe dêse indefinido, convém saber que é o próprio verbo *pab* “acabar”, “estar concluído”; na 3.<sup>a</sup> p.: *o-pab*.

666. Com o pref. *a-* (n. 349) e o indefinido *pá*, forma-se novo prefixo, *a-pá*, que figura em numerosas palavras com o sentido de “totalmente”, “de todo”: *apá-puba*: todo mole; *mo-apá-pub*: amolecer todo; convencer; *apá-kuî* (*xe*): desmoronar-se todo, derrocado, acabar-se todo; *mo-apá-kuî*: derriçar; *apá-sok*: socar, pilar, (formando uma massa compacta); *apá-ie-reb* (*xe*): revirar-se todo, revolutear, rolar; *apá-púar*: dobrar todo; *apá-púara*: dobra; *ie-apá-púar*: dobrar-se todo, enroscar-se, enrolar-se, encolher-se todo; *apá-íé*: inclinado, tombado, debruçado, vergado, maduro, inchado (de maduro); *mo-apá-íé*: pôr a amadurecer; *apá-iugûá*, *apá-tynâ*, *apá-xixâ*: encaroçado, misturado, embrulhado; *apá-mo-nan*: misturar; *apá-rar* (*xe*): cair (o que está assentado ou pousado, como gente, ponte, casa, prato...); *apá-r-atâ*: espesso, hirto, duro; *apá-tuká*: apisoar, machucar, bater, lavar (roupa).

667. **tetiruã**: “qualquer, quaisquer, todos”

Pospõe-se. É adjetivo:

*mbaé tetiruã*: qualquer, quaisquer, tôdas as cousas; *opá-katu mbaé tetiruã sosé*: acima de tôdas e quaisquer cousas

668. **memé**: “mesmo, mesmos; todos da mesma maneira; também, juntos”

*oîepé soó memé-pe?*: é um mesmo bicho?; *marã e-i-pe aé-reme?*  
*la-iuká memé aípó ïara*, — *e-i*; *t' o-manó*, — *e-i* (AR. 79): que disseram então? Matemos, todos, aquêle que disse isso (disseram); morra! (disseram)

669. **oîepé**: “todos juntos, todos à uma, todos de uma vez”

Seus compostos: *oîepé-katu*, *oîepé-gûasu*, *oîepé-bo*: igual sentido; *oîepé-remõ*, *oîopó-remõ*, *oîepó-remõ*: todos os de uma espécie ou qualidade

670. **aan**: “nenhum, nada, ninguémi”

Seus compostos: *aan-angá-î*, *aan-gatu-tenhé*. Igual sentido.

671. **mokonhó**: “poucos”

*mokonhó-î*: pouquinhos; *mokonhó-î-aub*: poucochinhas

672. **urusu (t)**: “muitos”

É irregular (n. 99). Além do sentido de “grande”, “grosso”, tem o de “muitos”:

*oré r-reburusu*: somos muitos; *a-r-ur-usu* (ANCH. 13v): trago muito ou muitos; *a-îo-poî-usu* (*ib.*): dou muito de comer; *xe peû-usû* (*ib.*): tenho muito pus; *o-ur-usu* (*Tes.* 406/400): vêm muitos; *o-iabab-usu* (*ib.*): fogem muitos

673. **eyî (t)**: “muitos”

*oré r-eyî*: somos muitos

*pe r-eyî*: sois muitos

*s-eyî*: são muitos

*s-eyî nhé*: são muitos

## EXERCÍCIOS

674.

*mo-un*: tingir de preto

*mo-ting*: tingir de branco

*mo-ngatyrô*: enfeitar

*ie-gûak*: pintar-se, enfeitar-se

*pitub*: tingir (com urucu etc.)

*pitu'-pirang*: id.

*etapurû* (*s*): pintar o rosto a longo do cabelo, ou do cabelo à ponta do nariz (*obj.* d.: pessoa)

*iuruû*: pintar o rosto, das orelhas aos cantos da cabeça

*mo-nyg*: untar (obj. dir.: a c.  
que se passa)

*gûang* (*nho*): tingir (com  
urucu)

*ro-apá-r-ar*: derrubar caindo

*obá-gûang* (*s*): pintar o rosto  
(com urucu)

*ianypaba*: jenipapo  
*tiruã*: até mesmo

*mará-t-ekó-ara*: guerreiro

675. *T-obaíara amó asé i iuká iabiô*, asé ie-*obá-gûang-i*. *Mará-t-ekó-ara o-ie-gûak*. *S-e-mi-r-ekó o-i-ianypá-mo-nyg*. *Kunhã opá-katu-pe ie-ianypá-mo-nyg-û?* *Kunhã pá-katu, kunhã-muku tiruã*. *Abá-pe o-i-mo-ie-gûak kunhã?* *I mena. Aé-pe kunhã-muku, marã?* *I xy o-i-mo-ie-gûak*. — *Moby-*r-pe ere-ie-pitub?** *S-etá-katu-nhé*. — *Abá amó oro-mo-ngatyrô*. *Aan-angá-i*. *Ixé é-te a-ie-etápurú*. *Marã-na-mo-pe nd' ere-ie-iuruû-ukar-i nde r-e-mi-r-e-kó supé?* *Nd' o-i-kuab-i*. *Opab-ê-nhé xe r-ayra i kuab-i*. *S-etá-pe nde r-ayra?* *Moby-*r-iô**. — *Mbôia o-ie-apá-pûar pé r-embeý-pe o-in-a* (Tes. 45 ad.). — *O-gûe-ro-apá-r-ar xe r-oka, xe mbaé* (Tes. 46v ad.). — *Ybá o akâ o-gûe-ro-apá-r-ar* (ib. ad.).



Uma mulher pinta o prisioneiro e a *ybyrapema*, enquanto as outras cantam em derredor (STADEN)

676.

arrancar plumas ou pêlos a:  
*aboó* (*s*)  
 depenar a asa a: *pepó-ok*  
 pelar a cabeça a: *aboó* (*s*),  
*á-pir-aboó* (*s*)  
 — a testa a: *obá'-boó* (*s*)  
 — — a si mesmo: *í'-obá'-boó*  
 emplumar a cabeça a: *gûaiay-*  
*-mo-iar*  
 — o corpo: *á-mo-nyg* (*s*)  
 aparar: *etab* (*s*)  
 esfoliar: *pir-ok*  
 aparar o cabelo a: *á-pir-etab*  
 colar: *mo-iar*  
 untar: *pixyb*  
 índio: *apýaba*  
 criar: *mo-ngakuab*

canindé: *kanindé*  
 arara: *arara*  
 papo de tucano: *tukambira*  
 cera: *iraity*  
 rã: *iui*  
 papagaio: *aiuru*  
 topete: *e-tobá-py-apuã* (*t*)  
 carapuça: *asoîaba, akang-aoba*  
 diadema: *akangitara*  
 rodelas de penachos: *nhandu-*  
*-aba, ar-asoi-aba*  
 manto: *asoî-aba, gûará-á'-buku*  
 bracelete: *aûana*  
 galinha: *† gûyrá-sapukaâa*  
 ema: *nhandu*  
 guedelha: *atybaâa*  
 guará: *gûará*  
 cercado: *okaâa* (*t*)

677. Os índios criam guarás em seus cercados. Depenam-nos, de suas penas (*pass.*) vermelhas fazendo (n. 619, 2) seus diademas e seus mantos. Criam também algumas araras e canindés. Arrancam-lhes as penas amarelas, fazendo delas suas carapuças. Das penas de ema fazem as rodelas de penachos. (De) que fazem os seus braceletes (*fut.*)? — Os guarás, canindés, araras, sendo raros (*tyb-eym-e*), criam também as galinhas brancas e outras aves; tingem as suas penas de vermelho, em lugar (n. 636) das penas vermelhas dos guarás. — Depenam também todo um papagaio, untam-no com sangue de rã. As penas novas que saem (*o-sem-bae*), tornam-se vermelhas. — Esfoliam também o papo dos tucanos; colam a pele dêles nas faces, com cera. — Todos os guerreiros têm muitas penas de aves, estimando-as muito. — Os mantos têm muitas penas finíssimas. São feitos não com as penas de quaisquer aves, mas das mesmas. — Os índios arrancam todos os pêlos do corpo. Rapam a cabeça, aparando só o cabelo por baixo, deixando uma guedelha. Pelam[-se] a testa também. Alguns deixam um topete. Outros não. — Com mel ou com resina êles se emplumam. Emplumam também a cabeça com cera ou resina. — Os

guerreiros estão dansando todos juntos. Alguns poucos vestem [em si mesmos] mantos; alguns vestem carapuças; outros vestem braceletes; muitos vestem rodelas de penachos; todos vestem diademas. Cada um deles traz o seu enfeite.

## BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 8v; 54; FIGUEIRA 4-5; MONTOYA 7; RESTIVO 21; ADAM 35-36.

## SUBORDINATIVAS TEMPORAIS

678. As orações subordinadas adverbiais se vertem pelo infinitivo regido de conjunções ou preposições. Como o infinito equivale a substantivo (n. 337), as conjunções subordinativas funcionam como preposições.

Seria estrangeirismo abusar das orações subordinadas.

Os períodos devem ser breves, e de conexão mais lógica do que gramatical (como na conversa viva em qualquer língua).

679. **-reme**: “quando, se, porque, como”

Usadíssima. Serve para todos os tempos: “quando mato, matei, matar”.

Precedida de nasal, é **-neme**; de consoante, **-eme**; de *m*, **-e** (também às vezes **-eme**); de *b*, **-eme** (às vezes **-me**, e então cai o *b*); de ditongo, **-me**. O infinito paroxítono perde o *a* final.

INFIN.

SUBORD. TEMPOR.

|             |  |
|-------------|--|
| <i>iuká</i> | <i>xe i iuká-reme</i> : quando, se, porque, como eu mato, -ei, -ar |
| <i>puká</i> | <i>i puká-reme</i> : quando, se, porque, como ele ri, ri, tir      |
| <i>nupã</i> | <i>nde nupã-neme</i> : quando, etc. me bates, bateres, bateste     |

(\*) ou pelo particípio *saba* (n. 810).

|                             |   |
|-----------------------------|---|
| <i>mim-a</i> ( <i>nho</i> ) | <i>nde i mim-e</i> : quando, etc., o escondes, -este, -eres   |
| <i>epiak-a</i> ( <i>s</i> ) | <i>oré r-epiak-eme</i> : quando, etc. êle nos vir, vê, viu  |
| <i>epiak-a</i> ( <i>s</i> ) | <i>oré s-epiak-eme</i> : quando nós o vemos, vimos, virmos, etc.  |
| <i>enôi-a</i> ( <i>s</i> )  | <i>pe r-enôi-me</i> : quando, se, etc., vos chama, -ar, -ou   |
| <i>ker-a</i>                | <i>xe ker-eme</i> : quando eu durmo, dormi, dormir, etc.  |
| <i>sem-a</i>                | <i>nde sem-e</i> ou <i>nde sem-eme</i> : quando, se, porque   |
|                             | sais, etc.  |
| <i>endub-a</i> ( <i>s</i> ) | <i>pe s-endub-eme</i> ou <i>pe s-endu-me</i> : quando o ouves, -iste, etc.                                  |
| <i>i-ekyî-a</i>             | <i>i-ekyî-me</i> : quando, se eu morro, morri, morrer, etc.   |
| <i>usei-a</i>               | <i>xe usei-me</i> : quando, como, porque, se tenho sêde, etc.   |
| <i>por-ausub-a</i>          | <i>xe pore-ausu'-me</i> ou <i>xe pore-ausub-eme</i> : quando, porque, como, era, fui, sou, serei um coitado |
| <i>ar-eté</i>               | <i>ar-eté-reme</i> : quando é dia grande (santo): nos dias santos   |
| <i>y</i>                    | <i>y-reme</i> : porque é ou há água; quando, se, como há, houve, houver água                                |
| <i>emonã</i>                | <i>emonã-neme</i> : quando, se, porque, como é, foi, será assim   |
| <i>nã</i>                   | <i>nã-neme</i> : quando assim: a estas horas  |

680. Na forma negativa, basta substituir *-reme* por *eym-e*:

|                         |  |
|-------------------------|--|
| <i>xe i iuká-reme</i> : | <i>xe i iuká-eym-e</i> : se, quando, como não mato, -ei, -ar   |
| <i>nde i mim-e</i> :    | <i>nde i mim-eym-e</i> : quando, porque não o escondes, etc.   |
| <i>pe r-enôi-me</i>     | <i>pe r-enôi-eym-e</i> : quando, se êle não vos chama, etc.<br><i>aan-eym-e</i> : se não, do contrário |

681. O verbo regido de *-reme* equivale ao gerúndio. É de rigor quando o sujeito da oração principal e o da subordinada são diversos. Quando são iguais, é facultativo, mas de escasso uso:

eu indo, ficarei: *gûi-xó-bo, a-pytá-ne* (ou *xe só-reme, a-pytá-ne*)  
 eu indo, ele não ficará: *xe só-reme, i pytá-eym-i-ne*

Sobre as locuções compostas de dois participios, v. n. 957.

**682. eym-e-bé, ïanondé, enondé (t): “antes de, antes que”**

*Îanondé* e *enondé (t)* supõem que a ação do verbo subordinado se verificará. *Eym-e-bé* serve para todos os casos:

antes que me batas, eu te mato: *nde xe nupã-eym-e-bé, oro-îuká:* antes que mo dissessem, já eu sabia: *xe io-upé i é ïanondé,* (ou *eym-e-bé*) *a-î-kuab umã;* antes que lhe dessemos o arco, ele o levou: *o-güe-ra-só gûyrapara, o io-upé oré i meeng-eym-e-bé;* meu filho saiu antes de nós (que depois também saímos): *xe r-ayra o-sem oré r-enondé*

*Eym-e-bé* e *îanondé* elidem o *a* final dos paroxítonos:

*taba kâi ïanondé, abá i xuí i xem-i:* antes que ardesse a aldeia, o índio saiu dela

**683.** Com o prefixo de classe, *enondé* equivale ao advérbio *ranhé* “antes”, “primeiro”, e prescinde do êxito ou não da ação verbal:

*nde boiá o-só t-enondé* ou *nde boiá o-só ranhé:* teu criado foi primeiro

**684. riré, roiré, iré, ré: “depois de, depois que” (n. 621)**

**685. eyma riré, eym-iré, eymb-iré** “depois de não, enquanto não”

*xe pore-ausub-eté-katu, xe r-ub-eté r-apiar-eym-iré mã!* (AR. 116): oh! que muito miserável fui, enquanto não obedecia a meu verdadeiro pai!

**686. abé, bé: “logo que, logo depois de, assim que. apenas, desde que, ao mesmo tempo que”**

*i xó abé, a-îur-ne:* assim que ele for, eu virei

Os paroxítonos perdem a última vogal:

*aé-púer' abé*: desde então; *xe r-epiak' abé, i iabab-i*: apenas me viu, fugiu; *o syk' abé, s-eõ-û*: logo que chegou, morreu; *o pak' abé, s-esé i maenduar-i*: logo que acordou, lembrou-se dele; *i pak' abé, tapyyia i iuká-û*: logo que ele acordou, os tapuias o mataram; *s-ekobé r-apŷ-á-bo* (*S. Lour. I*, 635) : queimando-o vivo (= enquanto viveu)

687. Com o mesmo sentido, junta-se ao gerúndio. Este perde o *a* átono final, se o tem. Se termina em *-ba*, *abé* é que perde o *a* inicial:

*gûi-xó-bo bé, a-s-epiak*: logo em indo, eu o vi; *gûi-kuap' abé, ixé i iuká-û*: em passando, matei-o; *gûi-t-ú' abé, a-s-ekar nde pindá-ne*: logo que vier, procurarei teu anzol; *e-nheeng' abé, ere-ar*: em falando, caíste

688. *upi-bé (s)*: “logo que, depois de, assim que, apenas; juntamente com” (n. 606)

*xe nheenga r-upi-bé*: logo depois que falei; *s-upi-bé s-eõ-û*: logo depois disso, morreu

689. *-reme-bé, puku-î*: “enquanto, durante o tempo que” (n. 638 e 648)

*aé-reme-bé*: enquanto isso; *ixé s-e-ra-só-reme-bé, e-putuú*: enquanto o levo, tu descansa!; *o mendar-ag-ûera r-ekó-bé-reme-bé, nd'e-i katu-î o-mendá amó-aé r-esé* (AR. 278) : enquanto viver seu esposo, não pode casar com outro; *ara-pukuú ou kó ara-puku-î* (VLB 408) : todo o dia; *ixé s-e-r-ekó puku-î, i ar-eym-i*: enquanto o tive comigo, não caiu; *abá ie-por-akar-a puku-î, kuhñá kó-pir-i*: enquanto o homem pescava, a mulher roçava

690. Os negativos são *eym-e-bé* (n. 648) e *eym-a puku-î*: “enquanto não”

*ebapó ta pe-ikó, pe-îe-byr-ag-ûama r-esé ixé nde mo-morandub-eym-a puku-î* (AR. 140) : ficai lá, enquanto eu não te avisar para voltardes; *i kyr eym-e-bé, t' iâ-mbaé-tym*: enquanto não chove, plantemos!

*Eym-a puku-i* é muito usado no sentido de “até que”.

691. Nota. — Em tupi não há tradução especial para “desde que” nem para “até que”. O primeiro é substituído por “depois que” (*riré*), “logo que” (*abé*), “enquanto” (-*reme-bé* e *puku-i*); o segundo é suprido por “enquanto não” (*eym-e-bé* e *eym-a puku-i*). — No guarani são correntes *sui-bé* (desde que) e -*pe-bé* (até que).

692. *îá, îá-bé, îabiõ, iepi, memé*: “cada vez que, tôda vez que, sempre que”

*nde só îabiõ, xe sô-û-ne* (VLB 367): quantas vêzes fores, irei; *ebo-uï-me s-en-a îá* (AR. 124): tôda vez que (enquanto) estiver lá; *xe r-robaiti îabiõ, xe r-e-r-ekó-aib-i*: sempre que me encontra, me injuria

O mesmo significam os compostos *îá-é, îá-bé-é, îabiõ-é, iabinhô-é, memé-nhé, iepi-nhé, iepi memé, iepi memé-nhé, memé-nhé... iepi: memé-nhé xe ker-a iepi, marã-t-ekó r-esé xe posausub-i*: cada vez que durmo, sonho com a guerra

693. *ieperi-bé-i*: “ainda bem não... e; mal...”

*ieperi-bé-i asé marã i é-û, o-nhe-mo-yrô umûan* (VLB 263): ainda bem a gente não disse alguma cousa, e já êle se zanga

### EXERCÍCIOS

694.

*tî*: proa

*mbaé*: cousa, bicho (qualquer ser inferior ao homem)

*penga*: sobrinho, -a (de m.)

*asoí* (i): cobrir

*er-ok* (s): pôr nome (novo)  
em

*emoém* (s) (xe): mentir

*mo-mbukab*: derramar

*i'-e-ro-ky*: inclinar-se

*nhé*: ptc afirmativa (n. 1058).

695. Não há em tupi o verbo “dever” na acepção de “ter obrigação de”. O contexto indica quando há de figurar na tradução portuguêsa:

*marã-pe asé r-ekó-û o nhe-mo-ngaib' ianondé?* (AR. 145 ad.): que se *deve* fazer, antes de ser batizado? (lit. que se *faz...*?); *o-î'-e-ro-ky-pe asé JESUS é-reme?* *O-î'-e-ro-ky* (AR. 17): a gente *deve* inclinar-se quando diz JESUS? *Deve* (lit. inclina-se); *o-î'-nhé-mo serã i angaipd'-bae, “Oré r-ub” o-î'-á-bo Tupã supé?* *O-î'-nhé-mo anhé...* (AR. 21-22): *deveria* o pecador envergonhar-se e dizer “Padre Nossa” a Deus? *Deveria* (lit. envergonhar-se-ia)

696. Outras vezes serve a partícula *amé* "costumar, ser costume".

697. *T-obaíara amó abá i iuká-reme, i i'-er-ok-i.* *Mi-ausuba amó iuká-reme, abá o e-mi-r-ekó r-er-ok-i-ne.* — *Ixé uí r-aang eym-e-bé, ere-i-mo-mbukab.* — *Nde penga nheenga iabiõ, s-e-moem-amo.* — *Tupinambá gûarini-ramo só-reme, ygara tû-me maraká mo-ingó-û.* — *Iasy kûarasý asoi-reme, abá "Mbaé iasy o-ú"* — *i é-û.* — *Marã iá-bé-pe Tupã aîpó-bae r-e-rekó-û, i xupé o ie-epiak eym-e-bé?* *Anhang-amo nhé i mo-ndó-û* (AR. 45). — *Marã iá-bé-pe erimbaé Tupã iandé r-ub ypy anga r-e-r-ekó-û* (fêz com) *i mo-nhang' abé?* (AR. 48). — *Marã-pe asé r-ekó-û* (deve fazer), *Tupã r-e-mi-motara mo-por-ag-ûama r-esé* (para cumprir), *Tupã o pytybô motá?* *O-pak' abé, s-esé o-maenduar-amo, i xupé o-i'-e-r-ur-é-bo-ne,* "T' a-i-aby umé-ne kori nde nheenga" — *o-i-á-bo* (AR. 111-112). — *Marã e-i nhó-te-pe asé, mbaé mo-mbegû-á-bo?* "Anhé, Anhé-té" — *e-i nhó-te* (AR. 99).

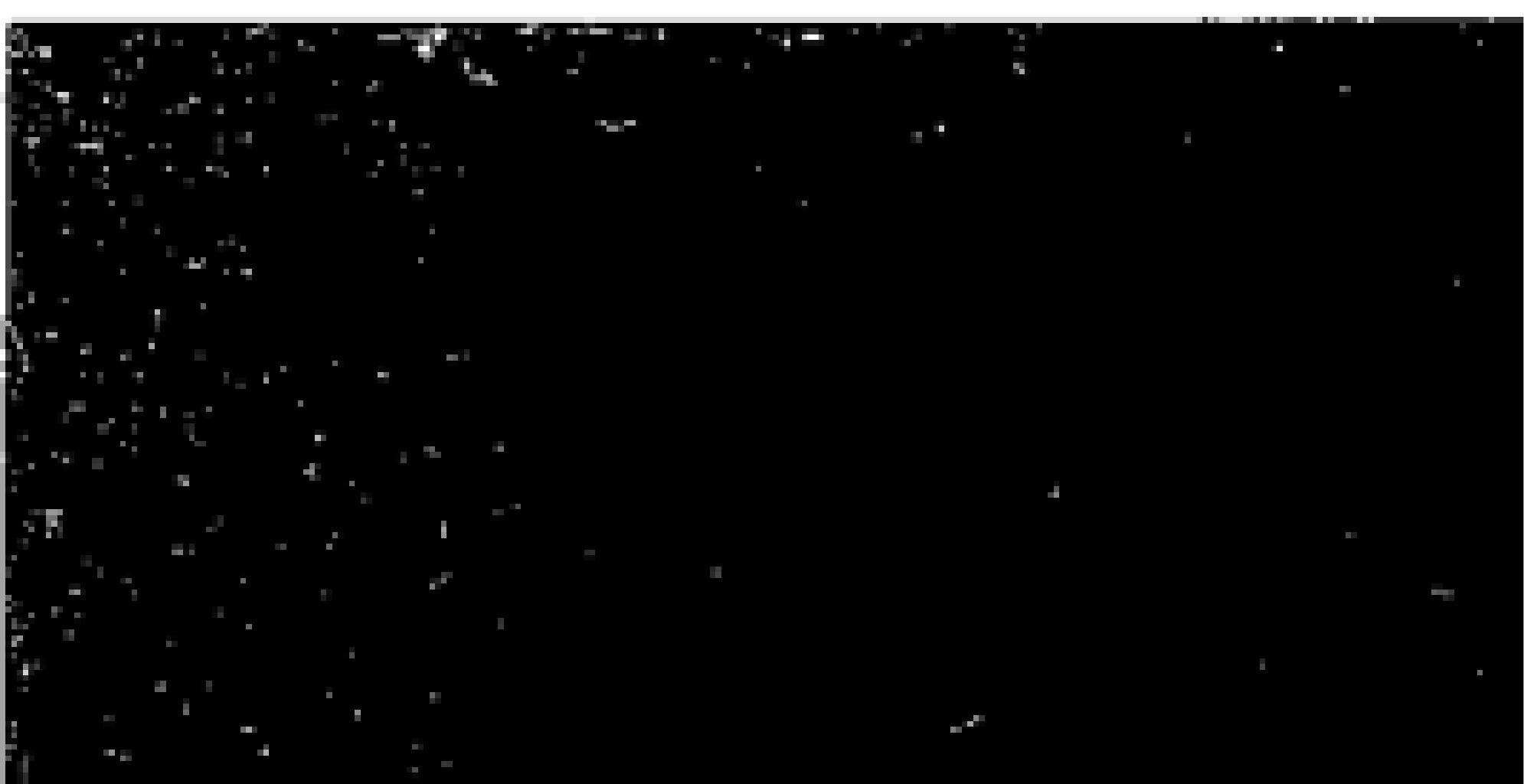
698.

|  |  |
|--|--|
| beber cauim ou vinho: <i>kaú</i> , intr. | <i>ir à caça: só kaá-bo</i>            |
| vestir: <i>aob</i> , tr.                 | <i>fazer festa: nhe-mo-saraína mo-</i> |
| enterrar: <i>atyb</i> , tr.              | <i>-nhang</i>                          |
| fazer roça: <i>kó-pir</i> , intr.        | <i>festa: nhe-mo-saraína</i>           |
| todo o dia: <i>ara puku-î</i>            |  |

699. Quando a gente tem sede, que deve beber? Água. E se não houver água, que? — Por que não se vestem os índios? — Onde pus meu arco? As crianças, vendo-o no chão, enterraram-no. — O dia todo os homens vestem [em si mesmos] os mantos de penas? Absolutamente não. Só quando vão à guerra ou quando fazem festa. — Quem deve trabalhar: o homem ou a mulher? Os brancos dizem (que é) o homem; nós dizemos (que é) a mulher. A mulher deve fazer a roça; o homem deve ir à guerra e (abé) à caça. E quem deve fazer a comida? — Quando o índio come, não bebe água. Quando bebe vinho, não come. Depois que come, é que bebe água. Enquanto come, não fala; só depois de comer. — Os brancos bebem comendo e comem falando (*amé*).

## BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 26-27; 43v-46; 158; FIGUEIRA 20; 31; 47-48; 101-105; 125; 127-129; 155; 158; MONTOYA 22-23; 76-77; RESTIVO 39-42; 45-46; CAETANO 35; 64-69; ADAM 56-57;



## PARTICÍPIO -BAE

700. Há vários sufixos de nomes verbais e participios: *-bae*, (*s*)*ara*, (*s*)*aba*, *pyra*, *pora*, *bora*, *sûara*, *sûera*, *tyba*, e um prefixo: *t-e-mi-*.

Os principais são: *-bae*, (*s*)*ara* (ativos), *pyra*, *t-e-mi-* (passivos) e (*s*)*aba* (circunstancial). — Usaremos indistintamente as expressões “nomes verbais” e “participios”, de preferência a última.

OBS. — O *a* final é sufixo nominal: (*s*)*ar-a*, (*s*)*ab-a*, *pyr-a*, etc.

701. AFIRMAT. NEGAT.

|            |                       |                          |
|------------|-----------------------|--------------------------|
| pres.      | <i>-bae</i>           | <i>eym-bae</i>           |
| fut.       | <i>-bae-rama</i>      | <i>eym-bae-rama</i>      |
| pass.      | <i>-bae-pûera</i>     | <i>eym-bae-pûera</i>     |
| pass.-fut. | <i>-bae-ram-bûera</i> | <i>eym-bae-ram-bûera</i> |
| fut.-pass. | <i>-bae-pûer-ama</i>  | <i>eym-bae-pûer-ama</i>  |

702. *-Bae* é particípio ativo. Indica o *agente* ou sujeito. Forma-se da 3.<sup>a</sup> p. do indicativo de qualquer verbo. Traduz-se quase sempre pelo nosso relativo “que” (sujeito), e às vezes pelos verbais terminados em “dor” “nte”:

|   |  |
|---|--|
| <i>o-î-pysyk-bae</i> : o que o apanha   | <i>s-asy-bae</i> : o que (lhe) dói:    |
| <i>o-îuká-bae</i> : o que o mata        | que sente dor                          |
| <i>o-î-pysyrô-bae</i> : o que o salva   | <i>i mbaé-bae</i> : o que tem cousas   |
| <i>o-s-epiak-bae</i> : o que o vê       | o rico                                 |
| <i>o-îo-s-eî-bae</i> : o que o lava     | <i>s-er-bae</i> : o que tem (por)      |
| <i>i maenduar-bae</i> : o que se lembra | me, chamado                            |
|   | <i>t-ynysem-bae</i> : o que está cheio |

Se o verbo acaba em *b*, pode perder êsse *b*:

*o-s-ausub-bae* ou *o-s-ausu'-bae*: o que o ama  
*i angaipab-bae* ou *i angaipá'-bae*: o que é mau; pecador

703. Forma os tempos como o substantivo (n. 216); no negativo, intercala *eym* depois do tema verbal.

704. Todos os verbos se podem servir de *-bae*. Os não-transitivos quase só se servem dêste particípio.

705. O prefixo verbal é sempre o da 3.<sup>a</sup> p., ainda que o sujeito seja de outra pessoa:

*o-só-bae ixé* e não *a-só-bae ixé*: sou eu que vou  
*ixé, o-só-bae-púera, nd' a-s-epiak-i*: eu, que fui, não o vi

706. Assim os gramáticos tupis. Mas, pelo menos no guarani, a regra não parece ter sido absoluta. É o que diz Restivo 155 e o que se induz de alguns exemplos esparsos. As mais antigas fórmulas guaranis do Padre Nossa rezam *cre-í-bae* "que estás".

707. O substantivo ou pronome correlativo pode prepor-se ou pospor-se ao particípio. De preferência se prepõe, quando o particípio é complemento predicativo:

*pitanga, o-ar-bae-púera, o-manó*: a criança que nasceu, morreu  
*i mará-ar-bae abá* melhor que *abá i mará-ar-bae*: o índio é que está doente

708. Nas orações predicativas, o particípio terá como advérbio negativo *nda...* *ruã* (n. 184). Cpr.:

*o-manó-bae-púera ixé*: fui eu quem morreu  
*o-manó-eym-bae-púera ixé*: fui eu quem não morreu  
*nda o-manó-bae-púera ruã ixé*: não fui eu quem morreu  
*nda o-manó-eym-bae-púera ruã ixé*: não fui eu quem não morreu

709. O particípio *-bae* não admite objeto direto senão da 3.<sup>a</sup> p. (substantivo ou pronome). Para a 2.<sup>a</sup> ou 3.<sup>a</sup> p. re-

Se o verbo acaba em *b*, pode perder êsse *b*:

*o-s-ausub-bae* ou *o-s-ausu'-bae*: o que o ama  
*i angaipab-bae* ou *i angaipá'-bae*: o que é mau; pecador

703. Forma os tempos como o substantivo (n. 216); no negativo, intercala *eym* depois do tema verbal.

704. Todos os verbos se podem servir de *-bae*. Os não-transitivos quase só se servem dêste particípio.

705. O prefixo verbal é sempre o da 3.<sup>a</sup> p., ainda que o sujeito seja de outra pessoa:

*o-só-bae ixé* e não *a-só-bae ixé*: sou eu que vou  
*ixé*, *o-só-bae-púera*, *nd' a-s-epiak-i*: eu, que fui, não o vi

706. Assim os gramáticos tupis. Mas, pelo menos no guarani, a regra não parece ter sido absoluta. É o que diz Restivo 155 e o que se induz de alguns exemplos esparsos. As mais antigas fórmulas guaranis do Padre Nossa rezam *ere-i-bae* "que estás".

707. O substantivo ou pronome correlativo pode prepor-se ou pospor-se ao particípio. De preferência se prepõe, quando o particípio é complemento predicativo:

*pitanga*, *o-ar-bae-púera*, *o-manó*: a criança que nasceu, morreu  
*i mará-ar-bae abá* melhor que *abá i mará-ar-bae*: o índio é que está doente

708. Nas orações predicativas, o particípio terá como advérbio negativo *nda...* *ruā* (n. 184). Cpr.:

*o-manó-bae-púera ixé*: fui eu quem morreu  
*o-manó-eym-bae-púera ixé*: fui eu quem não morreu  
*nda o-manó-bae-púera ruā ixé*: não fui eu quem morreu  
*nda o-manó-eym-bae-púera ruā ixé*: não fui eu quem não morreu

709. O particípio *-bae* não admite objeto direto senão da 3.<sup>a</sup> p. (substantivo ou pronome). Para a 2.<sup>a</sup> ou 3.<sup>a</sup> p. re-

corre-se ao particípio (*s*)ara. Mas -bae não perde o prefixo verbal:

o que o ama: *o-s-ausu'-bae*

o que te ama: *nde r-ausup-ara*

aquele que frechou o peixe: *pirá o-i-ybõ-bae-puera*

o que vai atravessar o rio: *y-guasu o-s-asá'-bae-rama*

710. Quando o particípio -bae está como predicativo, pode perder o prefixo verbal:

*abá iaseó-bae nda abá ruã*: o homem que chora, não é homem;  
*guariní membek-bae t-obaíara r-obaké i iabab-i*: o guerreiro (que é) mole diante do inimigo foge

711. -Bae se junta ainda a substantivos, pronomes, mas não leva prefixo verbal:

*kó-bae kuhñã*: (a que é) esta mulher

712. Todos os demonstrativos podem receber o sufixo -bae, que lhes realça o sentido:

*kó-bae, aípó-bae, iang-bae*, etc. (n. 71)

713. Havendo algum advérbio ou outra palavra que modifique o verbo, o adjetivo ou o substantivo, o sufixo de particípio fica para depois:

*o-ur-'amó-bae*: os que vieram neste instante

*abá marangatu-bae*: os que são homens bons

*ybytyra, ybaté-eté-bae, o-nhe-nim ybytinga pyter-pe*: as montanhas muito altas escondem-se em meio das nuvens

714. Muitos verbos de pronome agente têm duas formas no particípio: uma com o pronome *o*, outra com *i*. Divergem em que a primeira indica simples ato, ao passo que a segunda conota hábito, capacidade, conhecimento (n. 383):

*abá o-nheeng-bae*: o homem que falou, que fala (no momento)  
*abá i nheeng-bae*: o homem que costuma falar, que sabe falar ou  
 pode falar (que fala)

*kunumĩ o-ytab-eym-bae*: menino que não nada, que não nadou  
 (que não está ou não estêve nadando)

*kunumĩ i-î ytab-eym-bae*: menino que não nada (que não sabe,  
 não costuma, não pode nadar)

715. Assegura RESTIVO 155 que o sufixo *-bae* era muito usado na função de complemento objetivo, podendo então levar os prefixos verbais das três pessoas: *a-y-quáá'-bae* [tupi \* *a-î-kud'-bae*] “o que eu sei”; *a-mbo-é-bae* [tupi \* *a-î-mbo-é-bae*] “aquele que eu ensinei”. Nos documentos tupis não parece haver nada de semelhante.

### EXERCÍCIOS

716.

*mor-e-r-ekó-ara*: chefe

*mo-paû*: interromper

*iaseó-papá'-saba*: lamentos

*nhe-mo-sainan* [esé]: preo-

*kyreymbaba*: valente

cupar-se com

*mará-ara*: doente grave

*pook*: intr. parar de chorar

*amó-me*: algumas vezes

717. Mamó-pe Anás Iandé Iara r-e-ra-só-ukar-i? Mor-e-r-ekó-ara Kaifás s-er-bae supé (AR. 78). — Marã-pe gúá i mará-ar-bae r-e-  
 -r-ekó-û (tratam)? Nd' o-nhe-mo-sainan s-esé, — o-manó ipó-ne —  
 o-î-á-bo. — Aé-pe s-eõ riré, marã? Gúáibí, kuhnã abé, o-s-apirõ.  
 Tuîá-bae abé-pe o-s-apirõ tuîá-bae amó o-manó-bae-pûera? Tuîá-bae  
 abé. — Amó-me kuhnã o-iaseó-papá'-saba mo-paû-û — “O-manó i  
 kyreymbab-bae-pûera, o-ú-ukar-bae-pûera oré-be t-obaîar-etá!” —  
 Mbaé abé-pe, o mendara reõ-neme, s-e-mi-r-ekó-bae-pûera i é-û?.  
 “Xe r-e-mi-motar-ûera ymã! eh hé hé hé hé hé! eh hé hé hé hé hé!”  
 — e-í. — Aipó maira angaipaba, iké o-îe-potar-bae-pûera, ybytu-gûasu  
 o-î-mbo-ur. — O-manó-bae-rama-pe opá iandé? O-manó-bae-rama.  
 — O-manó-bae-ram-bûera-n' ikó t-e-mbi-ara. — Marã-pe pe-r-ekó  
 atara pe r-oka o-iké-bae? Kuhnã o-s-apirõ. Aé-pe abá? Kuhnã  
 pook-eme, abá, o-î-mo-inbytá-bae-pûera, i mo-ngetâ-û, “Ere-îur-pe?”  
 o-î-á-bo i xupé. — Abá, gûariní-ramo i xó-eym-bae, nda tupinambá  
 ruã.

718.

bicho-preguiça: *ay*

vagaroso: *mbegûé*

alma (separada): *ang-ûera*

veloz: *kûab-apûana*

ser rico: *mbaé* ou *mbaé-etá* (*xe*)  
além de: *amõ ngoty*

requeimar: *apy* (*s*)  
rachar: *bobok*, intr.

719. Aquêle que come carne de bicho-preguiça, torna-se vagaroso. Aquêle que come carne de veado, torna-se veloz. Os índios não comem carne de veado, enquanto não lhes cortam as pernas. — Quem faz um vaso, deve requeimá-lo. De outra maneira (*marandé-é-reme*), o vaso racha. — Onde ficaram os viandantes que deviam vir? Os que deviam vir não vieram. Vieram os que não deviam vir. — As almas dos índios, que devoraram muitos inimigos, vão ter com (n. 642,3) as almas dos seus avós, além das grandes montanhas. Que fazem (*s-ekó-û*) todos os que lá estão? Dançam sómente. — Aquêles que são ricos, déem-me alguma cousa!

### BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 30-31; FIGUEIRA 115-117; MONTOYA 17; 30; 31; RESTIVO 92-94; 155-156; CAETANO 50-53; 55; 57; 58-60; ADAM 37-38; 65.



Grande festa de cauim (THEVET)

LIÇÃO 41.<sup>a</sup>

## PARTICÍPIO (S)ARA

720. AFIRMAT.

NEGAT.

|          |                |                    |    |                 |
|----------|----------------|--------------------|----|-----------------|
| pres.    | (s)ara         | (s)ar-eyma         | ou | eymb-ara        |
| fut.     | (s)ar-ama      | (s)ar-am-eyma      | "  | eym-ar-ama      |
| pass.    | (s)ar-ûera     | (s)ar-ûer-eyma     | "  | eym-ar-ûera     |
| pass.-f. | (s)ar-am-bûera | (s)ar-am-bûer-eyma | "  | eym-ar-am-bûera |
| fut.-p.  | (s)ar-ûer-ama  | (s)ar-ûer-am-eyma  | "  | eym-ar-ûer-ama  |

721. É particípio ativo, tal como *-bae*. Traduz-se como *-bae*.

722. *Sara* é particípio de verbos transitivos. Raras vezes se encontra com outros verbos.

723. Ao contrário de *-bae*, não leva prefixo verbal. Por via de regra, sendo transitivo, exige a anteposição do objeto direto. Os pronomes objetivos são os mesmos do infinito (n. 336) :

*pindá mo-nhang-ara*: o que faz anzóis, fazedor de anzóis; *i mo-nhang-ara*: o que o ou os faz ou fêz; os que o ou os fazem etc.; *o mo-nhang-ara*: id. (refl., n. 304); *s-apirô-sara*: o que o pranteia; *xe r-apirô-sara*: o que me pranteia; *t-eô-bûera r-apirô-sara*: o que pranteia os mortos; *xe pi-sara*: o que me pica ou picou; *xe pi-sar-ûera endé*: tu é que me picaste

724. Se o objeto direto é pessoa ou causa indeterminada, deve-se recorrer a *poro-* (*moro-*) ou *mbaé* (n. 380):

*nde poro-apirō-sara*: és carpideira; *moro-posanong-ara*: curador; *mo-e-r-ekó-ara*: guarda, protetor, encarregado; *mbaé mo-nhang-ara*: fazedor

725. Com verbos não transitivos, o participípio (*s*)ara não leva pronome algum. Mas o participípio *sara* em tais verbos é excepcional. Normalmente o próprio infinito dos verbos intransitivos serve de participípio ou adjetivo verbal (n. 731).

Sobre o participípio *sara* como complemento predicativo, v. n. 86.

726. FORMAÇÃO. — Junta-se (*s*)ara ao tema do verbo.

*iuká* *iuká-sara*: o que mata

Se o verbo termina em *k* ou *ng*, (*s*)ara perde o *s*:

*p̄ysyk* *p̄ysyk-ara*: o que segura  
*mo-nhang* *mo-nhang-ara*: o que faz

Se termina em *m*, junta-se-lhe *b*, e cai o *s*:

*tym* *tym-bara*: o que enterra

Se termina em *n*, ou em ditongo nasal, junta-se *d* ou *nd* e cai o *s*:

*po-ban* *po-ban-dara*: fiador  
*enõî* *enõî-dara*: o que chama

Se termina em *b*, muda-se o *b* para *p*, e cai o *s*:

*syb* *syp-ara*: limpador

727. Se termina em ditongo oral, acabado em *î*, junta-se-lhe *t*, e cai o *s*:

*poi* *poî-tara*: o que dá alimento

Se termina em vogal oral ou nasal, ou em ditongo acabado em *û*, *sara* não sofre alteração:

*kytî* *kytî-sara*: o que corta  
*mo-ngaraû* *mo-ngaraû-sara*: desconjuntador

Mas pode também perder o *s*, caso o verbo não acabe em *a*. O *i*, *u* e *y* finais passam para *î*, *û* e *ŷ*:

|                  |  |
|------------------|--|
| <i>mo-ngaraû</i> | <i>mo-ngaraû-sara</i> ou <i>mo-ngaraû-ara</i>      |
| <i>aby</i>       | <i>aby-sara</i> ou <i>abŷ-ara</i> : o que erra     |
| <i>îuká</i>      | <i>îuká-sara</i> (nunca <i>îuká-ara</i> ): matador |

Após nasal, *ara* pode mudar-se em *ana*:

|               |  |
|---------------|--|
| <i>pysyrô</i> | <i>pysyrô-sara</i> ou <i>pysyrô-ana</i> : salvador |
| <i>arô</i>    | <i>arô-sara</i> ou <i>arô-ana</i> : guarda         |

O futuro desses particípios pode ser *sar-ama*, *an-ama* ou *ar-ama*.

728. Se o verbo termina em *r*, cai o *r*:

|              |                                |
|--------------|--------------------------------|
| <i>potar</i> | <i>potâ'-sara</i> : o que quer |
|--------------|--------------------------------|

Pode também cair o *s* de *sara*, contanto que a última vogal de verbo não seja *a*. Mas é pouco comum:

|                |  |
|----------------|--|
| <i>mo-mbor</i> | <i>mo-mbô'-sara</i> ou <i>mo-mbô'-ara</i> : atirador |
| <i>potar</i>   | <i>potâ'-sara</i> (nunca <i>potâ'-ara</i> )          |

Os mesmos verbos terminados em *r* podem manter esse *r*, em vez de *s*, no passado e no futuro:

|       |                         |  |
|-------|-------------------------|--|
| pass. | <i>potâ'-sar-ûera</i>   | ou <i>potar-ûera</i>                               |
| fut.  | <i>potâ'-sar-ama</i>    | " <i>potar-ar-ama</i>                              |
| pass. | <i>mo-mbô'-sar-ûera</i> | " <i>mo-mbô'-ar-ûera</i> ou <i>mo-mbor-ar-ûera</i> |
| fut.  | <i>mo-mbô'-sar-ama</i>  | " <i>mo-mbô'-ar-ama</i> " <i>mo-mbor-ar-ama</i>    |

729. Muitos verbos terminados em vogal tônica, não precedida de consoante, perdem essa vogal, e acrescentam *gûara*:

|                                     |                    |
|-------------------------------------|--------------------|
| <i>îe-peé</i> : esquentar-se        | <i>îe-pegû-ara</i> |
| <i>soó</i> : convidar (para festas) | <i>sogû-ara</i>    |
| <i>angaó</i> : vituperar            | <i>angagû-ara</i>  |
| <i>û</i> : comer                    | <i>gû-ara</i>      |
| <i>suú</i> : morder                 | <i>sugû-ara</i>    |

Isto sobretudo quando a última vogal é *u* ou *o*.

730. FORMA NEGATIVA. — Obtém-se com a partícula *eym-(a)*, colocada antes ou depois da forma afirmativa.

Sobre *nda-ruā* e *nda-i*, v. n. 184, 185, 352. Cfr. n. 708.

731. SINTAXE. — O infinito dos verbos intransitivos ou intransitivados (n. 381) equivale aos participios *sara* e *-bae*. Traduz-se como nome verbal, quase sempre:

*kanhem*: fugir; *kanhema* (infin. e partic.): fugitivo; *kanhem-búera*: pass.; *kanhem-gúama*: fut.; *abá kanhema* ou *abá o-kanhem-bae*; ou *abá kanhemb-ara*: homem que foge; *abá mondá*: (homem) ladrão; *xe mondá*: sou ladrão; *abá por-ú*: índio comedor de gente; *abá yby-ú*: índio comedor de terra; *abá karu* ou *abá mbaé-ú*: comedor, guloso; *xe karu* ou *xe mbaé-ú*: sou comedor, sou guloso

732. O infinitivo-particípio aparece muito nas alcunhas:

*mbaé mondá*: ladrão (n. 392)

733. Com o verbo *ur* "vir" (n. 884), o particípio *sara* traduz os nossos circunlóquios "vir de (infin.)", "acabar de (infin.)":

*mamó suí-pe ere-íur?* *Kó-pir-ar-úera a-íur*: de onde vens? Venho de roçar  
*mbaé-tym-ar-úera a-íur*: venho de plantar (acabo de plantar, fui plantar)  
*ybá poó-ar-úera a-íur*: vim de (fui) apanhar frutas

## EXERCÍCIOS

734.

|                          |                             |                          |                |               |
|--------------------------|-----------------------------|--------------------------|----------------|---------------|
| <i>mo-sá-ká'-ra</i> :    | homem hospitaleiro, fidalgo | <i>amotar-eym-bara</i> : | inimigo        |               |
| <i>ie-koty-á'-saba</i> : | amigo, camarada             | <i>peró</i> :            | português      |               |
| <i>karaiba</i> :         | (homem) branco              | <i>nheenga</i> :         | língua         |               |
|                          |                             | <i>akok</i> :            | fazer [sal]    |               |
|                          |                             |                          | <i>berab</i> : | intr. brilhar |
|                          |                             |                          | <i>karãi</i> : | tr. arranhar  |

735. Peró vem da palavra portuguêsa "Pero" (= "Pedro").

*A-í-mo-ngetá-potar karaiba amó, abá nheenga kuap-ara.* — *Abá-pe akûeî karaiba?* *Íukyr' akok-ar-úera.* — *Ybyrá mo-ndo-sok-ar-úera*

*ikó a-iur.* Aé-pe endé, mamó suí-pe ere-ñur? Ahē r-epiak-ar-ñera ikó a-iur. Pirá r-ekyî-ar-ñera a-iur. — Oré ie-koty-ú-saba, oré amotar-eym-bar-ñera ymā. — Abá-pe nde karãi-dar-ñera r-ekó-û (estão)? Aípó mo-sá-ká-'ra r-ok-pe s-ekó-û (estão). — Mamó-pe xe r-obaiti-sar-am-búera só-û? — S-esá-berab ikó paíé. S-obá-puká.

736.

|                                      |                                       |
|--------------------------------------|---------------------------------------|
| sobrinho: <i>membyr-aysé</i> (de m.) | atirar pedras (acertando): <i>api</i> |
| peixe-boi: <i>gûaraguá</i>           | atirar (com flecha): <i>ybô</i>       |
| empurrar: <i>mo-anhan</i>            | — (com arpão ou lança): <i>ku-tuk</i> |
| derribar: <i>ityk</i> (n. 301)       | devorar gente: <i>por-û</i>           |

737. Quem é que me viu? — Quem é que virá? — Sabes quem me empurrou? Eu é que te empurrei: quem te derribou, foi o teu camarada. — Quem é que matou o prisioneiro? Não o mataram ainda. Teu sobrinho é quem o matará. E quem é que o deveria matar? — Quais os que nos atiraram (pedras)? Quais os que [nos] erraram? Quais os que vieram de atirar flechas aos peixes? Estes são os que deviam arpoar o peixe-boi. — Quais os que quiseram matar-me? Quais os que não quiseram matar-me? — São comedores de gente estes índios? Não. São comedores de terra.

### BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 19; 28v-29; FIGUEIRA 116-120; MONTOYA 16; 25; 30-31; RESTIVO 90-92; CAETANO 50-57; 58-60; ADAM 58-65; L. BARBOSA 187.

PARTICÍPIOS *BORA* E *PORA*

738.

|        | PRES.                   | FUT.               | PASS.                  |
|--------|-------------------------|--------------------|------------------------|
| afirm. | <i>bora</i>             | <i>bor-ama</i>     | <i>bor-ûera</i>        |
|        | <i>pora</i>             | <i>por-ama</i>     | <i>por-ûera</i>        |
| negat. | <i>bor-eyma</i>         | <i>bor-am-eyma</i> | <i>bor-ûer-eyma</i>    |
|        | <i>por-eyma</i>         | <i>por-am-eyma</i> | <i>por-ûer-eyma</i>    |
|        | PASS.-FUT.              |                    | FUT.-PASS.             |
| afirm. | <i>bor-am-bûera</i>     |                    | <i>bor-ûer-ama</i>     |
|        | <i>por-am-bûera</i>     |                    | <i>por-ûer-ama</i>     |
| negat. | <i>bor-am-bûer-eyma</i> |                    | <i>bor-ûer-am-eyma</i> |
|        | <i>por-am-bûer-eyma</i> |                    | <i>por-ûer-am-eyma</i> |

São participípios abundanciais, ativo (*bora*) e passivo (*pora*).

739. Alguns verbos intransitivos ou intransitivados (n. 381) podem formar um participípio com o sufixo *bora*, que indica o agente ou sujeito, conotando, porém, a continuidade de ação ou estado:

*kanhem-bara*: o que foge, fugitivo

*kanhem-bora*: fujão

740. *Bora* se sufixa também a substantivos e adjetivos, em sentido semelhante ao do sufixo “oso” português:

*mor-ausuba*: amor  
*amby-asy*: fome

*mor-ausu'-bora*: amoroso  
*amby-asy-bora*: faminto

*mbaé-asy*: doença  
*pore-ausuba*: coitado

*mbaé-asy-bora*: doente  
*pore-ausu'-bora*: coitado, des-  
venturado

741. Dão-se vários metaplasmos:

*mará-ara*: doente  
*useiá*: sede  
*akuba*: quente  
*pir-akuba*: pele quente

*mará-á'-bora*: doente  
*usei'-bora*: sedento  
*aku'-bora*: o que está com calor  
*pir-aku'-bora*: id.

742. A falar com precisão, *bora* significa “o que tem”, “o que está cheio de”, “o continente”, em oposição a *pora*, que significa “o que é tido”, “o que está em”, “o conteúdo”, etc.:

*ikó ara-pora*: o que está neste mundo  
*roy-bora*: o que tem frio  
*kamusi-pora*: o conteúdo do pote  
*akang-asy-bora*; o que tem dor de cabeça  
*xe iúru-pora*: o que está em minha bôca  
*xe kó-bora*: a extensão de minha roça  
*xe kó-bora-pora*: o que está na (extensão da) minha roça

743. Também *pora* pode sofrer metaplasmos:

*nhū-pora* ou *nhū-bora*: o que está ou vive no campo

744. Mas *paraná-bora* não é o mesmo que *paraná-pora*. Este se aplica a tudo o que esteja no mar; aquele só a sérés marinhos.

745. Por extensão, *pora* significa “conseqüência, resultado efeito, sinal”:

*itá-ngapema-pora* ou *itá-ngapem-bora*: (ferida) feita pela espadinha;  
*py-pora* ou *py-por-ûera*: sinal dos pés, pégada; *kó taba xe nheé'-bora*: esta aldeia é resultado de minhas palavras (p. ex. porque foi feita por ordem minha); *pindá-pora*: efeito do anzol (p. ex. peixe apanhado com anzol); *xe iy-pora r' akó nde gûyrapara*: teu arco é efeito de meu machado; *xe iy-apara-pora pe-ú pe-ikó-bo*: estais comendo o resultado de minha foice (p. ex. o que foi plantado depois

que rocei o mato); *xe pô-pora ikó gûyrá*: êste passarinho foi pégo com minha mão; *mamó-pe nde r-uu'-bora r-ekó-û?*: onde está o resultado de tuas flechas? (p. ex. os inimigos feridos)

Aplica-se com precisão aos ferimentos, sinais ou cicatrizes:

*itá-pora* ou *itá-por-ûera*: sinal de pedra ou de pedrada; *kysé-pora* ou *kysé-por-ûera*: facada, sinal de faca; *mina-pora* ou *mî-bora*: sinal de lança; *pô-apê-bora*: unhada, sinal de unhada; *âi-bora* (*t*): dentada, sinal de dentada

746. *Pora* pode ser conjugado como verbo, com pronomes pacientes. Mas quase só aparece na 3.<sup>a</sup> p.:

*i por*: há, está cheio de, é rico em, abunda em; *nd' i por-i* ou *i por-eym*: não há, está vazio, pobre, não contém nada; *nd' i por-i xe r-oka* ou *i por-eym xe r-oka*: minha casa está vazia; *t-e-mbi-û amó por-eym-e, a-û s-oó*: não havendo outra comida, comi carne; *t' i por aipô iandé i'-e-r-ur-é-saba* (AR. 66): haja, realize-se, faça-se, cumpra-se êsse nosso pedido

747. Com o prefixo *mo-*, *pora* forma o verbo *mo-por* "encher, enriquecer, fazer que tenha efeito, realizar, cumprir, executar":

*a-î-mo-por ygasaba*: enchi a talha

*a-nhe-mo-por*: eu me enriqueci

*nd' ere-î-mo-por-pe xe nde pûai-taba?*: não cumpres o que te mandei?

*e-î-mo-por nde nheenga!*: cumpre a tua palavra!

748. Tanto *bora* como *pora* podem levar o sufixo *-bae*, se assim o pedir o sentido:

*i mbaé-bor-bae ixé*: sou eu que sou rico

749. Na proporção em que *bora* e *pora* perdem a função clara de partículas, formando novas palavras, sofrem e ocasionam mais freqüentes metaplasmos.

## EXERCÍCIOS

750.

*ygé* (*t*): barriga

*nambi-pora*: orelheira

*ekó-aba* (*t*): lugar de estar

*pô-asá-bora*: sinal de pancada

(com as mãos) ou de pedrada

*iá*: um pouco de

751. *iá* "um pouco de", "uma potica de" (água, comida, etc.): *e-i-meeng y iá ixé-bo* "dá-me um pouco dágua"; *e-r-ur iá* "traze-me um pouco". — Seguido do gerúndio de "comer" (*gû-á-bo*), este se modifica para *r-û-á-bo* ou *r-a-gû-á-bo*: *e-kûâi y iá r-a-gû-á-bo* "vai beber um pouco dágua!"; *ior-i uí iá r-û-á-bo* "vem comer um pouco de farinha!".

752. *Abá-pe o-i-apó ybaka i pora abé?* *Tupã.* "Mamó-pe *Tupã r-ekó-û* (está)? *Ybak-pe, yby-pe, opá-katu mbaé mo-por-i*" (AR. 22). — "Nd' asé *r-etama ruã-te-pe ikó yby* asé *r-ekó-aba?* N' *aan-i. Ybaka-por-ama r-esé* é *Tupã* asé *mo-nhang-i*; *atar-amo* é asé *r-ekó-û* (estamos) *ikó yby pupé*" (AR. 23). — *Nda xe r-ygé-por-i. E-ior-i y iá r-a-gû-á-bo.* *A-ú y uman.* *Nd' a-é-i uí iá r-û-á-bo ranhé.* — *Marâ-namo-pe nd' ere-i-mo-ndeb-i nambi-pora?* *Nda ixé ruã i nambi-por-bae, xe r-ybyra-te.* — *Mbaé-pe aipó-bae?* *Mbó-asá-bora.*

753.

febriticante: *akanundu'-bora*  
talha: *ygasaba*  
doente: *mará-ara, mará-á'-bora*

ordem: *nheenga*  
encher: *mo-por*  
facada: *kysé-pora*

754. Entre os tupinambás, *mará-ara* é o "doente grave, nas últimas".

755. Dá de comer àquêle faminto. Vai, dá-lhe (*permiss.*) um pouco de farinha. Quero também um pouco dágua. Não há. Bebe um pouco de cauim. Não. Estou febricitante. Estás doente? Que é isso no teu rosto? Foi uma facada. — Vai ao poço e enche uma talha. Já cumpriste minha ordem? — Que significa, na língua dos índios, *e-mi-ú-e-ro-kuab?* Significa "servir a comida a". E como se diz "dar de comer"? Diz-se *poî* ou *mo-ngaru* ou *mo-mbaé-ú*. E que significa *usei-bora mo-y-ú?* Significa "dar de beber aos que têm sede". E como se diz "dar de comer aos que têm fome"? Diz-se *amby-asy-bora poî-a.*

## BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 31-32; FIGUEIRA 117; MONTOYA 30-31; RESTIVO 241; 278; 299; CAETANO 78; 62-63; L. BARBOSA 187.

## PARTICÍPIO PYRA

756.

|      | PRES.                   | FUT.               | PASS.                  |
|------|-------------------------|--------------------|------------------------|
| af.  | <i>pyra</i>             | <i>pyr-ama</i>     | <i>pyr-ûera</i>        |
| neg. | <i>pyr-eyma</i>         | <i>pyr-am-eyma</i> | <i>pyr-ûer-eyma</i>    |
|      | PASS.-FUT.              |                    | FUT.-PASS.             |
| af.  | <i>pyr-am-bûera</i>     |                    | <i>pyr-ûer-ama</i>     |
| neg. | <i>pyr-am-bûer-eyma</i> |                    | <i>pyr-ûer-am-eyma</i> |

757. É particípio passivo, de agente indeterminado. Indica o paciente da ação verbal. Traduz-se pelo nosso particípio passado. Só o podem ter os verbos transitivos.

758. FORMAÇÃO. — Junta-se ao tema do verbo, precedido do pronome objetivo da 3.<sup>a</sup> p. (o mesmo do infinito):

|                                    |                                |
|------------------------------------|--------------------------------|
| <i>i iuká-pyra</i> : morto, matado | <i>s-ausub-pyra</i> : amado    |
| <i>i xok-pyra</i> : pilado         | <i>s-e-r-ur-pyra</i> : trazido |

759. O verbo de final nasal nasaliza o sufixo, ocasionando metaplasmos:

|                                  |                               |
|----------------------------------|-------------------------------|
| <i>i mo-sâi-byra</i> : espalhado | <i>i tym-byra</i> : enterrado |
| <i>pobâi-byra</i> : fiado        | <i>mo-nhãi-byra</i> : feito   |

Há também *mo-nhang-i-byra*, etc. (n. 20).

760. O negativo e os tempos se formam normalmente:

|   |
|---|
| <i>i iuká-pyr-eyma</i> : não morto, o que não é morto                 |
| <i>i iuká-pyr-ama</i> : o que será morto                              |
| <i>i iuká-pyr-am-eyma</i> : o que não será morto                      |
| <i>i iuká-pyr-ûera</i> : o que foi morto                              |
| <i>i iuká-pyr-ûer-eyma</i> : o que não foi morto                      |
| <i>i iuká-pyr-am-bûera</i> : o que ia ser morto (e não o foi)         |
| <i>i iuká-pyr-am-bûer-eyma</i> : o que não ia ser morto (e não o foi) |

*i iuká-pyr-ûer-ama*: o que deixará de ser morto

*i iuká-pyr-ûer-am-eyma*: o que não deixará de ser morto

761. O sufixo *pyra*, sobretudo no futuro, corresponde, por vezes, às terminações portuguêssas “vel” ou “ndo”. Traduz-se também com “deve” (*fut.*) e “devia” (*pass.-fut.*):  
*s-ausub-pyr-ama* o que é amável, o que deve ser amado

762. Quando complemento predicativo, este particípio pode antepor-se ou pospor-se ao sujeito. Mas o pronome é sempre o da 3.<sup>a</sup> p.:

*i iuká pyr-ama ixé*: eu é que devo ser morto; *i iuká-pyr-am-bûera endé*: tu é que devias ser morto

763. Como complemento predicativo, leva, na forma negativa, *nda...ruã* (n. 184):

*nda i iuká-pyr-ûera ruã ixé* ou *nda ixé ruã i iuká-pyr-ûera*: não sou eu que fui morto; *nda i iuká-pyr-ama ruã aîpó-bae*: não é êsse que deve ser morto

764. Como complemento atributivo, o particípio pode perder o pronome:

*o-iabab t-obaîara i iuká-pyr-am-bûera* ou *o-iabab t-obaîara iuká-pyr-am-bûera*: fugiu o inimigo que devia ser morto

765. Incluindo o sentido de “ter”, nega-se com *nda* e *-i*. Forma que aparece por vezes na 3.<sup>a</sup> p. impersonal:

*nd' i ú-pyr-i*: não há (meio de) ser comido, não se acaba de comer

766. Com este particípio se esclarece a dúvida que possa haver acerca do paciente de uma frase:

*kunhã mboîa o-iuká*; *kunhã i iuká-pyra*

A 1.<sup>a</sup> frase pode significar tanto “a cobra matou a mulher” como “a mulher matou a cobra”; a 2.<sup>a</sup> frase esclarece: “a mulher é a que foi morta”.

767. *Pyra* supre, em parte, a falta da voz passiva. Mas em geral não admite expresso o agente ou complemento de causa eficiente. Não se traduzirá com o particípio *pyra* uma frase como esta: "o homem morto por mim". Devenindo-se exprimir o agente, usa-se o particípio *t-e-mi-* (n. 773). Excetua-se apenas o caso em que o agente seja o pronome *pab* ou um dos seus derivados, os quais podem ficar incorporados ao verbo, antes de *pyra*: *i ku'd-pab-ē-byra*: conhecido de todos.

Como *pyra* é particípio de objeto direto, para seu correto emprêgo importa conhecer bem a regência do verbo tupi, nem sempre igual à portuguêsa. Assim *i mbo-é-pyra* "o ensinado", *i pûâi-pyra* "o mandado" se referem sempre à pessoa que recebe o ensino ou a ordem, nunca à cousa que se ensina ou manda, pois *mbo-é* e *pûâi* exigem complemento direto de pessoa e indireto de cousa. O particípio de objeto indireto é *saba* (n. 798).

768. Com o verbo *ur* "vir" (n. 884), o particípio *pyra* traduz as nossas locuções "vir de ser (+ partic. passado)", "acabar de ser (+ partic. passado)":

*a-ñur i nupâi-byr-ñera*: venho de ser batido, açoutado

### EXERCÍCIOS

769.

*ybygûá*: ventre (inferior)

*uba*: coxa

*gûarakapá*: escudo

*mo-îe-gûak*: enfeitar

*mo-ruru*: pôr de mólho

*air (s)*: riscar, fazer incisões em

770. *Gûarinî-sara o-gûe-r-ekó o gûarakapá, o gûyrapara, og-uuba gûyrá pepó-pûera pupé i mo-îe-gûak-pyra.* — *I mo-ruru-pyra-p' ikó soó pir-ñera?* *Aan-i.* *I mo-ruru-pyr-eyma.* *I mo-ruru-pyr-ama.* — *Abá-pe i ïuká-pyr-ama?* *Nda ixé ruã, endé-te i ïuká-pyr-ama.* *O-îabab i ïuká-pyr-am-bûera.* *Aan-i.* *Nd' o-îabab-i i ïuká-pyr-am-bûera, i ïuká-pyr-am-bûer-eyma-te.* — *Apýaba o eté-pe s-air-pyra amé.* *Kunhã og-u'-pe, o ybygûá-pe, o yké abé-pe nhó-te s-air-pyra.* — *Abá-pe s-air-pyr-ama?* *Apýaba t-obaíara amó o-ïuká-bae-pûera.* *I mo-mbeb-pyr-ñera-pe nde memby' tî?*

771.

*colhêr*: *ky*

*coar*: *mo-gûab*

*esperar*: *aarõ* ou *arõ (s)*

*ralar*: *eé (s)*

*mondar*: *kapir*

*amassar*: *aiuká*

*escrever*: *kûatiar*

*esmagar*: *kumirik*

772. Não será chorado aquêle que não chora os que morreram. — Onde as frutas colhidas estão (*r-ekó-û*)? — Arcos quebrados. Maracás furados. Milho espalhado. Mandioca ralada. Foram as cousas encontradas nas antigas aldeias. — Está coado este caldo? — Quem é

esperado hoje aqui? Já foi visto aquêle que é esperado? Não é muito estimado quem não é muito esperado. — Não devia ser morto o filho do prisioneiro? E o filho da escrava? — Quem é que deve matar (o que matará) o prisioneiro? Não sou eu o que o deve matar. Não há quem o mate. O que o devia matar foi morto. — Não deve ser amassado o pão? — Que é o que foi esmagado? — Já vistes a pedra escrita?

## BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 19v; 32; FIGUEIRA 107-109; 116; MONTOYA 31; 43-45; RESTIVO 98-100; 158-160; CAETANO 50-60; ADAM 65; L. BARBOSA 187.



Preparação do cauim (STADEN)

PARTICÍPIO *MI-* OU *MBI-*

773. É particípio passivo, de agente expresso. Indica o objeto direto do verbo transitivo. Corresponde ao relativo “que” (objeto direto) ou ao particípio passado português.

774. Prefixa-se ao verbo na forma do infinito, despido de pronomes. Em geral, requer os prefixos de classe *t-e-* e *s-e-* (n. 236, 238):

## AFIRMATIVO

*t-e-mi-îuká*: o que é morto

*t-e-mi-îuká-pûera*: o que foi morto

*t-e-mi-îuká-rama*: o que será morto

*t-e-mi-îuká-ram-bûera*: o que ia ser morto

*t-e-mi-îuká-pûer-ama*: o que terá sido morto

## NEGATIVO

*t-e-mi-îuká-eyma*: o que não é morto

*t-e-mi-îuká-pûer-eyma*: o que não foi morto

*t-e-mi-îuká-ram-eyma*: o que não será morto

*t-e-mi-îuká-ram-bûer-eyma*: o que não ia ser morto

*t-e-mi-îuká-pûer-am-eyma*: o que não terá sido morto

**mi-îuká**: morto por

Cl. sup.: *t-e-mi-îuká*: morto (por g.)

Cl. inf.: *s-e-mi-îuká*: morto (por ser inf.)

|  |  |
|--|--|
| <i>xe r-e-mi-îuká</i> : morto por mim          | <i>iandé</i> ou <i>oré r-e-mi-îuká</i> : morto por nós |
| <i>nde r-e-mi-îuká</i> : morto por ti          | <i>pe r-e-mi-îuká</i> : morto por vós                  |
| <i>s-e-mi-îuká</i> : morto por élle            | <i>s-e-mi-îuká</i> : morto por êles                    |
| <i>o e-mi-îuká</i> : morto por élle<br>(refl.) | <i>o e-mi-îuká</i> : morto por êles<br>(refl.)         |
| <i>abá r-e-mi-îuká</i> : morto pelo índio      | <i>asé r-e-mi-îuká</i> : morto pela gente              |

A forma, é claro, vale para o feminino e plural:

*re r-e-mi-îuká*: morto, morta, mortos, mortas por mim

### Outros exs.:

*nde r-e-mi-îuká-ram-eyma*: o, a, os, as que não matarás, que não será morto (*ou* não serão mortos) por ti; *s-e-mi-mo-nhang-ûera*: o que élle fêz, o feito por élle; *o e-mi-tym-am-bûera*: o que élle ia enterrar; *mboia r-e-mi-xuí-pûera*: o que a cobra mordeu; mordido por cobra

775. Nisto se distingue *t-e-mi-* de *pyra*: em que requer o agente expresso, ou pelo menos o índice da classe.

OBS.: Uma mesma palavra não pode levar os dois afixos (*t-e-mi-*) e *pyra*. Parece lapso o único ex. em contrário, no rosto da 1.<sup>a</sup> ed. do *Catecismo de ARAÚJO*: *xe r-e-mi-pysyrô-byra* “o(s) que eu salvei”

776. O substantivo ou pronome correlativo de “que” se antepõe:

*o-manó gûyrá oré r-e-mbi-ar-ûera* ou *gûyrá oré r-e-mbi-ar-ûera o-manó*: morreu o passarinho que apanhamos ou apanhado por nós; *xe kybyra o-s-epiak uuba kunumí r-e-mi-ekara*: meu irmão viu a flecha que os meninos procuram

777. Nas orações predicativas, o particípio de preferência vem depois, e na forma negativa pede *nda* e *ruã*:

a ti é que eu vejo: *nde xe r-e-mi-epiaka*; melhor: *xe r-e-mi-epiaka ndé*; a ti é que não vejo: *nde xe r-e-mi-epiak-eyma*; melhor:

*xe r-e-mi-epiak-eyma nde; não é a ti que vejo: na nde ruā xe r-e-mi-epiaka; melhor: xe r-e-mi-epiaka na nde ruā; ou ne nda xe r-e-mi-epiaka ruā; melhor: nda xe r-e-mi-epiaka ruā nde; não é a ti que não vejo: trad. iguais às da frase anterior, substituído apenas r-e-mi-epiaka por r-e-mi-epiak-eyma*

778. Há também a forma (*t-e-*)*mbi-*, que ocorre com muitos verbos monossilábicos ou começados por vogal. Nunca com verbos de inicial nasal:

- (*t-e-*)*mbi-ausuba* ou (*t-e-*)*mi-ausuba*: amada (escrava)
- (*t-e-*)*mbi-ara* ou (*t-e-*)*mi-ara*: apanhado (prisioneiro ou animal)
- (*t-e-*)*mbi-ú* ou (*t-e-*)*mi-ú*: o que é comido (comida)
- (*t-e-*)*mbi-poâa* ou (*t-e-*)*mi-poâa*: o que é sustentado
- (*t-e-*)*mi-nupã* (não *t-e-mbi-nupã*): o que é batido, açoutado

779. Produzem-se vários metaplasmos (n. 28):

|                 |             |   |                       |
|-----------------|-------------|---|-----------------------|
| <i>þy</i> :     | soprar      | <i>mi-mby</i> :   | soprado; (flauta)     |
| <i>þuaî</i> :   | mandar      | <i>mi-mbúaia</i> :  | mandado; (servo)      |
| <i>kaú</i> :    | fazer papas | <i>mi-ngaú</i> :  | feito papas; (mingau) |
| <i>typyrô</i> : | ensopar     | <i>mi-ndypyrrô</i> :  | ensopado; (pirão)     |
| <i>suú</i> :    | morder      | <i>mi-nduú</i> :  | mordido               |
| <i>potar</i> :  | querer      | ( <i>t-e-</i> ) <i>mi-motara</i> ou ( <i>t-e-</i> ) <i>mi-mbotara</i> : | o que se quer         |
| <i>porará</i> : | sofrer      | ( <i>t-e-</i> ) <i>mi-porará</i> ou ( <i>t-e-</i> ) <i>mi-mborará</i> : | o que se sofre        |

De *esyr* (*s*) "assar", *mi-xyra* "assado".

A palavra *mimbaba* "criação" (n. 254) é composta de *mi-*. O 2º elemento é duvidoso: talvez algum verbo transitivo extinto.

780. Às vezes o particípio se substantiva:

- t-e-mi-r-ekó*: a que é tida, possuída (a mulher)
- (*t-e-*)*mbi-ausuba*: a amada (a escrava; por extensão: o escravo)
- (*t-e-*)*mbi-ara*: o que é apanhado (em caça ou guerra) (animal ou prisioneiro)
- (*t-e-*)*mbi-ú*: o que se come (a comida)

V. outros exs. n. 247.

OBS. — Como se vê, o prefixo *t-e-*, de cl. sup., tendia a desaparecer.

781. Os verbos formados com o prefixo *ro-* (n. 500) levam *e* entre *t-e-mi-* e o tema:

*t-e-mi-e-ro-îe-upira*: levado de subida

*xe r-e-mi-e-r-ur-am-bûera*: aquêle que eu devia ter trazido

*ikô-n' ikô pe r-e-mi-e-ro-pytá-rama*: é com êste que ficareis

782. O verbo *r-ekó* “ter” segue essa regra; mas quando o particípio se substantiva no sentido de “espôsa”, perde o *e*:

*t-e-mi-e-r-ekó*: o que é tido, possuído, o que está com (gente)

*t-e-mi-r-ekó*: espôsa

*s-e-mi-e-r-ekó*: o que êle tem

*s-e-mi-r-ekó*: a mulher dêle

783. A tendência é para desaparecerem os prefixos de classe desses participios, especialmente quando substantivados:

*mi-mby*: o que é soprado (flauta)

*mi-tyma*: o que é plantado (horta)

*marã-namo-pe asé “mi-ú” i é-û i xupé?* (AR. 27): por que a gente a chama “comida”?

784. Como atributivo, estreitamente ligado ao substantivo, o particípio pode também perder os prefixos *t-e-* e *s-e-*:

*soó mi-mõia*: carne cozida

785. Precedido de genitivo ou possessivo, o particípio, mesmo substantivado, segue o paradigma *eté* (n. 238):

*xe r-e-mi-mõia*: meu cozido      *kunhã r-e-mi-mõia*: o cozido da índia

*xe r-e-mi-mby*: minha flauta      *abá r-e-mi-mby*: a flauta do índio

Mas v. n. 249.

786. O reflexivo *nhe-*, com os participios substantivados, forma verbos reflexivos, dispensando o prefixo *mo-* (*nhe-mo-*, n. 486):

*o-nhe-mi-mõi soó*: coze-se a carne

787. Exemplos de Montoya e do *Vocabulário na Língua Brasílica* parecem indicar que do particípio se fizessem verbos intransitivos:  
*mimby*: intr. tocar (instrumento de sopro)  
*mixyr*: intr. ficar assado

788. Precedidos de pronome pessoal, os participios podem incluir o sentido de “ter” (n. 350):

*mbo-é*: ensinar

(*t-e-*) *mi-mbo-é*: discípulo  
*xe r-e-mi-mbo-é*: tenho discípulo (*e* meu discípulo)  
*nda xe r-e-mi-mbo-é-i*: não tenho discípulo  
*s-e-mi-mbo-é-bae*: os que têm discípulos  
*s-e-mi-mbo-é-bae-puer-eyma*: os que não tiveram discípulos

789. Precedidos de *mo-* ou *nhe-mo-*, tornam-se verbos transitivos ou reflexivos:

*porará*: sofrer

(*t-e-*) *mi-mborará*: o que se sofre, sofrimento  
*a-i-mo-e-mi-mborará*: faço-o sofrer  
*a-nhe-mo-e-mi-mborará*: causo-me sofrimento, faço-me sofrer  
*o-nhe-mo-e-mi-mborará-bae*: os que se causam sofrimento  
*xe r-e-mi-mo-e-mi-mborará-puera*: aquêle que eu fiz sofrer

*ausub*: amar

(*t-e-*) *mi-ausuba*: escravo  
*mo-mi-ausub*: escravizar, tomar cativo  
*i mo-mi-ausub-pyra*: os cativos

790. O particípio *t-e-mi-* supre parcialmente a falta de voz passiva (n. 767).

791. Com a preposição *-ramo* (n. 619) e o particípio *t-e-mi-*, forma-se um modismo de largo emprêgo na língua, correspondente ao ablativo absoluto latino:

oré r-e-mi-endub'-amo, aípó i é-û: isto êle disse, estando nós a ouví-lo; o-ie-pó-eî t-eyía r-e-mi-epiak'-amo (Ar. 87): lavou as mãos à vista da multidão; s-e-mi-epiak-pab-ê-namo-pe mbaé tetiruã ku'd'-î? (Ar. 43): acontecem tôdas as cousas, [sendo] vistas por êle? (i. é: vê êle (Deus) tôdas as cousas que acontecem?)

792. Como *t-e-mi-* é particípio de objeto direto, para seu correto emprêgo é mister conhecer bem a regência do verbo tupi (n. 767).

793. No tupi colonial encontram-se inexatamente traduzidas, por vêzes, as palavras e frases formadas com *t-e-mi-*:

*t-e-mi-mborará*: sofrimento

*t-e-mi-mbotara*: vontade

A versão precisa é concreta, não abstrata; objetiva, não subjetiva:  
“a cousa sofrida”

“a cousa desejada”

### EXERCÍCIOS

794.

*mo-syryk*, *mo-syryryk*: fritar  
*esyr* (*s*): assar (em brasa)

*mi-xyr*: intr. assar-se

*mi-xyra*: assado (subst. e particip.)

*mo-in*: cozer

*mi-môia*: cozido

*îyb*: intr. estar cozido ou assado

*mo-îyb*: cozer, assar

*pokek*: embrulhar

*typyrô*: tr. pôr de môlho, en-sopar

*atyb*: cobrir

*ama*, *n' ama*, *amé*, *n' amé*: ser costume, uso

*mo-kaê*: tostar (à fumaça e ao fogo)

*mbi-ar-yby*: carne assada em covas

*mo-e-mbi-ar-yby*: assar carne em covas

*kaú*: tr. fazer papas de (*obj. dir.*: farinha)

*pukui*: mexer

*tuûuk*: intr. apodrecer (carne, fruta, etc.)

*iuk* (*xe*): id. (madeira, corda, etc.)

*iuky'-taâa*: sal com pimenta

*iukyrapûâa*: bolota de sal

*ybyra-pesê*: colher de pau

795. Abá o e-mi-ú-rama *nd'* o-î-mo-eë-î amé. Aé-pe karaiba? O-î-mo-eë amé. — Abá o-ú *s-oó* o e-mi-mo-kaê-bûera. Karaiba o-ú *s-oó* o e-mi-mo-syryryk-ûera. — Mbaé-pe *s-é* katu-eté: *mi-ngaú*, *mi-ndypyrrô*, *s-oó mi-môia*, *s-oó i mo-kaê-byra*, *kó-n'ipó mi-xyra?* *S-oó*

*mbi-ar-yby s-é katu-eté. Marã-ngatu-pe asé i mo-e-mbi-ar-yby-i?* Asé yby kúar-pe i mo-in-i, kaá pupé i pokek-a, i atyp-a bé. — *E-í-mo-iyb s-oó.* O-iyb umã. — *Nd' er-é-í-pe xe r-e-mbi-ú-rama mo-in-a ranhé?* Nd' a-é-i. Nd' er-é-í-pe i mo-eé-mo ranhé? — *S-é katu-pe t-e-mbi-ú xe r-e-mbi-apó-púera?* S-é katu-eté n'amé opá t-e-mbi-ú nde r-e-mbi-apó. — *S-é katu serã iukyra t-e-mbi-ú r-esé i mo-nã'-byra?* Mamó-pe t-oó nde r-e-mi-xyr-am-búera r-ekó-ú (está)? O-tuuk. — *E-í-meeng ixé-be ybyrá-pesé, t' a-i-pukuí uí.* I iuk umã! — *Mbaé-pe s-é katu-eté: iuky-taâa kó-ipó iukyr-apûã?*

## 796.

nascer [planta]: *enhûi* (s) (xe)  
crescer: *kakuab*  
deixar-se vencer por: *mo-e-  
-mbi-ar-iar* [esé]

tocar: *abyky*, tr.; *pó-kok* [esé]  
fazer bolir: *mo-kanãî*  
levar de vencida: *nhe(-mo)-e-  
-mbi-ar-iar* [esé]

797. Os índios não salgam a comida antes de a comerem, mas (-te) misturam o sal com a comida (*esé*) na [sua] bôca. — A chuva faz crescer o que plantamos. — Quando chove, as plantas nascem e crescem. Quando se arrancam (n. 582) (as plantas) [o que é plantado], elas logo murcham. — Nasceu a árvore que eu plantei. — Faltou o que eu queria fazer. — Estando nós a chamá-lo, passou e não parou (*ger. neg.*). — Misturastes os peixes que eu tinha separado? — Não toqueis naquilo que eu tocar. — Não façam bolir os filhotes do passarinho, que estão no ninho. — A quem é que eu devia ensinar a língua dos índios? Não é a mim. Quem é que me ensinará a língua dos brancos? — Onde estão os inimigos que escravizastes? — Como os levastes de vencida? Eles é que se deixaram vencer por nós.

## BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 13-14; 19v; 32; FIGUEIRA 115-116; MONTOYA 17-18; 32-33;  
RESTIVO 94-98; 156-158; CAETANO 50-60; ADAM 65; L. BARBOSA 186.

LIÇÃO 45.<sup>a</sup>

PARTICÍPIO (S)ABA

798. AFIRM.

|            |                |                    |                   |
|------------|----------------|--------------------|-------------------|
| pres.      | (s)aba         | (s)ab-eyma         | ou eymb-aba       |
| fut.       | (s)ag-ûama     | (s)ag-ûam-eyma     | " eym-ag-ûama     |
| pass.      | (s)ag-ûera     | (s)ag-ûer-eyma     | " eym-ag-ûera     |
| pass.-fut. | (s)ab-am-bûera | (s)ab-am-bûer-eyma | " eym-ab-am-bûera |
| fut.-pass. | (s)ag-ûer-ama  | (s)ag-ûer-am-eyma  | " eym-ag-ûer-ama  |

799. NOÇÃO GERAL. — (S)aba forma nomes verbais, substantivos e participios, que indicam as *circunstâncias* do processo verbal ou o próprio *processo verbal* abstrato:

*iuká-saba*:

- 1) o lugar, tempo, ocasião, modo, meio, instrumento, companheiro, causa, motivo, fim, efeito, poder de matar
- 2) a ação de matar, o matar, a matança

*gûatá-saba*:

- 1) o lugar, tempo, meio, companheiro, etc. de passear
- 2) o passear, o passeio

Pelo contexto se induz o sentido em cada caso.

800. FORMAÇÃO — Sufixa-se *saba* ao tema de qualquer verbo; às vêzes, de substantivos, adjetivos, pronomes, até de advérbios.

801. Segue as mesmas regras fonéticas que (*s*)ara (n. 726):

*pvsvk-aba*, *tymb-aba*, *pohan-daba*, *svp-aba*, *poi-taba*, *kyti-saba*, *mo-nagaraû-saba* ou *mo-ngaraû-aba*, *abŷ-aba*

802. Mas (*s*)aba pode perder o *s* depois de qualquer vogal; depois de *a* e *e*, pode perder toda a sílaba *sa*:

|                     |                 |                         |                     |
|---------------------|-----------------|-------------------------|---------------------|
| <i>abv-saba</i> ou  | <i>abŷ-aba</i>  | <i>sykvié-saba</i> ou   | <i>t-ekó-bé'-ba</i> |
| <i>iuká-saba</i> ou | <i>iuká'-ba</i> | <i>t-ekó-bé-saba</i> ou | <i>sykyiê'-ba</i>   |

803. E se a vogal é nasal, -*ba* se nasaliza em -*ma*:

|   |   |
|---|---|
| <i>nupã-saba</i> ou <i>nupã'-ma</i>       | <i>arõ-saba</i> ou <i>arõ-ama</i>               |
| <i>mo-haû-saba</i> ou <i>mo-haû'-ma</i>   | <i>apvtî-saba</i> ou <i>apvtî-ama</i>           |
| <i>gûarinî-saba</i> ou <i>gûarinî-ama</i> | <i>t-ekó-tebê-saba</i> ou <i>t-ekó-tebê'-ma</i> |

804. Depois de á, a sílaba *sa* ou cai inteira, ou permanece inteira:

*iuká-saba* ou *iuká'-ba* (nunca *iuká-aba*)

805. Mas no passado e no futuro de qualquer verbo, é comum cair só o *s*:

|                                       |   |
|---------------------------------------|---|
| <i>iuká-ag-ûama</i> e <i>iuká-ag-</i> | <i>kyti-ag-ûama</i> e <i>kyti-ag-ûera</i> |
| <i>-ûera</i>                          |   |

No futuro, a partícula pode nazalizar-se: *âg-ûama*. Nos documentos encontra-se *angoama*, *aôama*, etc.

806. No futuro dos verbos terminados em consoante, há muitas contrações:

*epiak-ag-ûama*, *epiak-ûama*; *mo-nhang-ag-ûama*, *mo-nhang-a-ûama*, *mo-nhang-ûama*. Etc.

807. Encontram-se exemplos de verbos que diante de (*s*)aba sofrem apócope da vogal tônica:

*sykyiê-saba*, *sykyiê'-ba* ou *sykyi'-aba* (Ar. 316)

808. SUJEITO E OBJETO DIRETO. — Como o infinito, (*s*)aba requer geralmente a anteposição do sujeito, se o verbo não é transitivo. Sendo transitivo, exige antes do tema o objeto direto ou pelo menos o índice de classe (n. 380):

*nhandé nheeng-aba*: nosso modo, meio, tempo, etc. de falar; nossa fala

*xe r-ausup-aba*: o modo, etc. de me amar; amarem-me; o amor que me têm

*xe por-ausup-aba*: o modo como amo, o amor que tenho; meu amor ou amar

*mor-ausup-aba*: o amor, o amar (aos outros)

*nho-mo-noong-aba*: reunião, conselho (da tribo)

809. TRADUÇÃO. — Conforme o caso, (*s*)aba se traduzirá por um substantivo, pelo infinito ou por uma oração:

*nd' a-s-epiak-i i tymb-aba*: não vi o seu enterro, ou enterraram-no; não vi o lugar em que ou o modo como o enterraram, etc., *nd' o-î-potar-i asé o epíak-aba*: não quer que a gente o veja; *xe ie-por-aká-saba r-upi i kúab-i*, *xe r-enôî-eym-a*: passou por onde eu pescava, e não me chamou; *nd' a-î-kuab-i i karu-sag-ûera*: não sei quando ou onde, como, com quem, com que, para que, ele comeu; *nde r-epiak-ag-ûama nhó-te r-esé xe ie-byr-i*: voltei sómente para te ver; *a-î-mo-ang nde xe kuab-ag-ûam-eyma*: cuido que não me reconhecerás; *kó-bae nde só-sab-am-bûera*: esta é a ocasião em que devias ter ido; *nhandé pysyrô ybyrá sui i gûeiyp-ag-ûera*: desceu da árvore para salvar-nos (lit. salvar-nos foi a causa de ter ele descido...)

810. Dos exemplos se infere que (*s*)aba pode substituir o infinito, sobretudo no passado e no futuro, em que o infinito não é quase usado (n. 337).

Os verbos oxítonos quase não se empregam no futuro do infinito:

eu o vi matar o papagaio: *a-s-epiak aiuru iuká-pûera* ou *iuká-sag-ûera*, quero que não o mates: *a-î-potar nde i iuká-ram-eym-a*; melhor: *iuká-sag-ûam-eym-a*

811. SINTAXE. — Assim como *t-e-mi-* e *pyra* indicam o objeto direto e se traduzem por “que”, (*s*)*aba* pode indicar o objeto direto ou os complementos circunstanciais, e traduz-se por “que”, regido de preposição:

*ara i xo-saba*: o dia em que êle vai; *t-obaâara o-îuká xe r-ayra*, *iagûara nde i pysyk-ag-ûera*: os inimigos mataram a meu filho, com o qual apanhaste a onça

812. (*S*)*aba* é o particípio próprio dos verbos que têm objeto regido de preposição. Para seu correto emprêgo é mister conhecer bem a regência do verbo em tupi, nem sempre igual à do português:

|                        |  |
|------------------------|--|
| <i>sem</i> [suí]:      | <i>o-kaî taba oré sem-ag-ûera</i> : a taba de que saímos, pegou fogo   |
| <i>mendar</i> [esé]:   | <i>aé nde mendá-sab-am-bûera</i> : é com êle que devias ter-te casado  |
| <i>maenduar</i> [esé]: | <i>maenduá-saba</i> : o de que (a gente) se lembra; lembrança<br><i>cre-kuab-pe xe maenduá-saba?</i> : sabes de que me lembro? |
| <i>maẽ</i> [esé]:      | <i>t' a-î-kuá-meeng nde-bo xe maẽ-saba-ne</i> : mostrar-te-ei o que estou olhando  |

813. Os verbos que têm complemento direto e indireto, exigem o complemento direto antes do particípio:

|                      |  |
|----------------------|--|
| <i>meeng</i> [supé]: | <i>abá peẽ iní meeng-ag-ûera o-y-asab</i> ou <i>abá iní pe i meeng-ag-ûera o-y-asab</i> : o homem a quem destes a rême, atravessou o rio |
| <i>mbo-é</i> [esé]:  | <i>oré r-amûñ-etá nd' o-î-kuab-i pe oré mbo-é-saba</i> : nossos antepassados não conheciam o que nos ensinais                            |

814. Os verbos que têm dois complementos indiretos, podem levar o particípio (*s*)*aba* em qualquer dêles, conforme o sentido:

*porandub* [esé] e [supé]:

*nd' a-i-kuab-i kunumī morubixaba supé kinhā porandup-ag-ûera* ou *nd' a-i-kuab-i kunumī kinhā morubixaba supé i porandup-ag-ûera*: não conheço o menino pelo qual a mulher perguntou ao chefe; *nd' a-i-kuab-i morubixaba, kunumī r-esé kinhā porandup-ag-ûera* ou *nd' a-i-kuab-i morubixaba kinhā kunumī r-esé i parandup-ag-ûera*: não conheço o chefe ao qual a mulher perguntou pelo menino

815. Também os verbos retransitivados (n. 531) usam do participípio (*s*)*aba*, para se referirem ao substantivo incorporado, e não ao novo objeto direto. Cpr. as frases:

*o-kó-meeng Itaiyba supé*: deu roça a Itajiba; *o-i-kó-meeng Itaiyba*: deu roça a Itajiba (obj. dir. em tupi: Itajiba); *xe kó-meeng*: deu-me roça (obj. dir.: *xe*); *Itaiyba kó-meeng-aba*: a que é dada por roça a Itajiba; *xe kó-meeng-aba*: a que me é dada por roça

O objeto direto dessas frases é *Itaiyba* e *xe*. Donde os participípios:

*i kó-meẽ'-byr-a*: a quem é dada roça; *xe r-e-mi-kó-meeng-a*: a quem dei roça

816. Com verbos não-transitivos, o participípio *saba* pode implicar tração passiva: *maenduá'-saba* cousa lembrada; *t-e-sarai-taba* cousa esquecida (pela gente).

817. O substantivo a que se refere o participípio pode estar regido de preposição: esta se coloca após o participípio. Cpr.:

*nd' a-i-kuab-i i xó-sag-ûama*: não conheço o lugar a que élé irá; *a-ikó-bé i xó-sag-ûã-me*: vivi no lugar ao qual élé irá; *o-manó abá nde r-uuba nde i meeng-ag-ûera*: morreu o homem ao qual deste tuas flechas; *e-i-meeng kó gûyrapara abá nde r-uuba nde i meeng-ag-ûera supé*: dá êste arco ao homem ao qual deste tuas flechas; *xe r-esarai nde maenduá'-sag-ûera r-esé païé supé xe porandub-am-bûera r-esé*: esqueci-me de perguntar ao pajé pelo homem do qual te lembraste

## PARTICÍPIO SABA PREPOSICIONADO

818. As preposições e outras partículas delimitam o sentido, de si vago, do particípio:

819. **esé** ou **rí** (n. 605): “por, para”:

*xe porandup-ag-ûama r-esé nde-be, a-iur*: vim para te perguntar;  
*nde i'-e-r-ur-é-ag-ûera r-esé xe io-upé, aípó a-é*: digo-o, porque mo pediste

820. **-pe** (n. 140)

1. — “em, a” (locativa):

*muamb-á'-pe*: no assalto, no lugar da batalha, etc.; *abá amó o anam-bûera o-tym amé s-ok-ûer-pe*; *abá amó, o-nho-tym-bae okar-pe, i tymb-ag-ûer-pe tapyî-ĩ mo-nhang-i amé*: uns índios enterram seus parentes em suas (dos parentes) antigas casas; outros, que os enterram fora, constróem uma pequena choupana no lugar em que os enterraram

2. — Corresponde às vezes ao gerúndio, ou ao infinito seguido de **-reme**:

*xe nde r-enõi-dá'-pe* (ou *r-enõi-me*), *t' ere-só-ne*: quando eu te chamar, vás!; *xe nde r-epiak-á'-pe* (ou *r-epiak-a*), *t' oro-enõi-ne*: vendo-te, eu te chamarei

3. — “porque, por”:

*xe mará-ar-ag-ûé'-pe*, *xe pytá-û*: fiquei porque estava doente;  
*endé xe sy r-ausup-á'-pe*: pelo amor que tens a minha mãe

4. — “com, -mente”:

*koritei-sá'-pe*: apressadamente, com pressa

5. — Seguido de *umã*: “já está em (tempo)”:

*karu-sá'-pe umã*: já é (está na) hora de comer; *ybá ú-sá'-pe umã*: já está em tempo de se comer a fruta; *muamb-á'-pe xe só-sá'-pe umã*: já está em tempo de eu ir à batalha

Com *nd' a-é-î... ranhé* (n. 467):

*nd' e-i t-e-mbi-ara r-eõ-sá'-pe ranhé*: ainda não é hora de morrer o prisioneiro; *nd' er-é-î nde mendá-sá'-pe ranhé*: ainda não estás em tempo de casar

821. **-ramo** (n. 619): “como, na qualidade de, segundo”:

*t' a-nheeng xe nheeng-ab'-amo*: falarei segundo o meu modo de falar

822. (*S*)aba aparece também junto a substantivos, pronomes, advérbios e até frases:

*kaá mboî-etá-saba r-upi a-gûatá*: passei por um mato em que há muita cobra; *nde-sú'-pe xe r-uba r-eõ-û*: no lugar em que estás, meu pai morreu

823. FORMA NEGATIVA. — Quando o particípio é complemento predicativo, o advérbio negativo é *nda...ruã* (n. 184):

*nda xe porandup-ag-ûera ruã*: não é aquêle pelo qual perguntei; ou a quem perguntei

824. Incluindo o sentido de “ter”, nega-se com *nda... -i* (n. 352):

*nda xe porandup-ag-ûer-i*: não tenho pelo que perguntar; a quem perguntar; *nd' i porandup-ag-ûer-i*: não tem pelo que perguntar; a quem perguntar; *nda xe s-ausup-ab-i*: não tenho como amá-lo; *nda xe r-ausup-ab-i*: não há meio de êle me amar

825. É muito usado sobretudo na 3.<sup>a</sup> p. impessoal negativa:

*nd' i papá-sab-i*: não há (modo de) contá-los; não têm conta; *nd' i gû-ab-i*: não há (modo de) comê-los, de acabar de comê-los

826. SUBSTANTIVOS ABSTRATOS. — No tupi colonial, principalmente literário, delineava-se a tendência para dar acepção abstrata às palavras formadas com (*s*)aba:

*porang-aba*: beleza  
*i'-e-ro-biá'-saba*: confiança  
*syk-aba*: chegada

*maenduá'-saba*: lembrança  
*mo-asyp-aba*: contrição  
*mor-ausup-aba*: amor

A tendência se acentuou mais no guarani antigo e no tupi moderno.

827. (*S*)*aba* forma também ordinais: *i mo-sapy'-saba* (AR., 1.<sup>a</sup> ed., 154v.): o terceiro deles

### EXERCÍCIOS

828.

*nhâia*: fonte, ponto de beber  
água  
*y-ekó-aba*: regato  
*syk*: chegar; juntar-se

*y-tororoma*: bica dágua  
*tatobapy*: entrada da aldeia,  
primeiras casas  
*pé-yypy*: id., antes das primei-  
ras casas

829. *Tatobapy* segue *taba* (n. 259); *pé-yypy* segue *pé* (n. 252).

830. *Pindá mo-nhang-aba*. — *Pirá syk-aba*. — *Paranã epíak-aba*. — *Kaá asap-aba*. — *Mbaé nhâi-pe nhandé nho-obaiti-ag-ûama?* *Aipó y-ekó-aba nde nhe-mo-akym-ag-ûer-pe*. — *I katu-pe y-tororoma nde y gû-aba?* — *Ere-kûab-pe umã taba oré só-sag-ûama r-upi?* *A-kûab umã s-apé-yypy, i tatobapy r-upi abé*. — *Nd' e-i karu-sá-pe-pe ranhé?* *Nd' e-i ranhé*. — *Abá-pe nde r-e-mi-kó-meeng-a?* *Pindobusu*. — *Na Pindobusu ruã i kó-meeng'-byr-an-búera*. — *Marâ-namo-pe?* — *Mbaé-pe Pindobusu kó meeng-ag-ûera?* *Aipó-bae pe r-e-mi-asag-ûera*. — “*Marâ-pe i mo-ngaraib-pyra r-enôi-dab-eté?*” (AR. 16). — “*S-etá-pe erimbáé aipó i-ará?* *S-etá: n' i papá'-sab-i iandé-be*” (AR. 45). — *Xe r-ayt, a-i-mo-ang nde r-eõ-ag-ûama koyte*.

831.

trôco, paga: *ekobiara* (*t*)  
Estréla dalva: *Pirapanema*,  
*Íasy-t-atá-gûasu*, *Íaguara*  
Pléiades, Setestrelo: *Seixu*

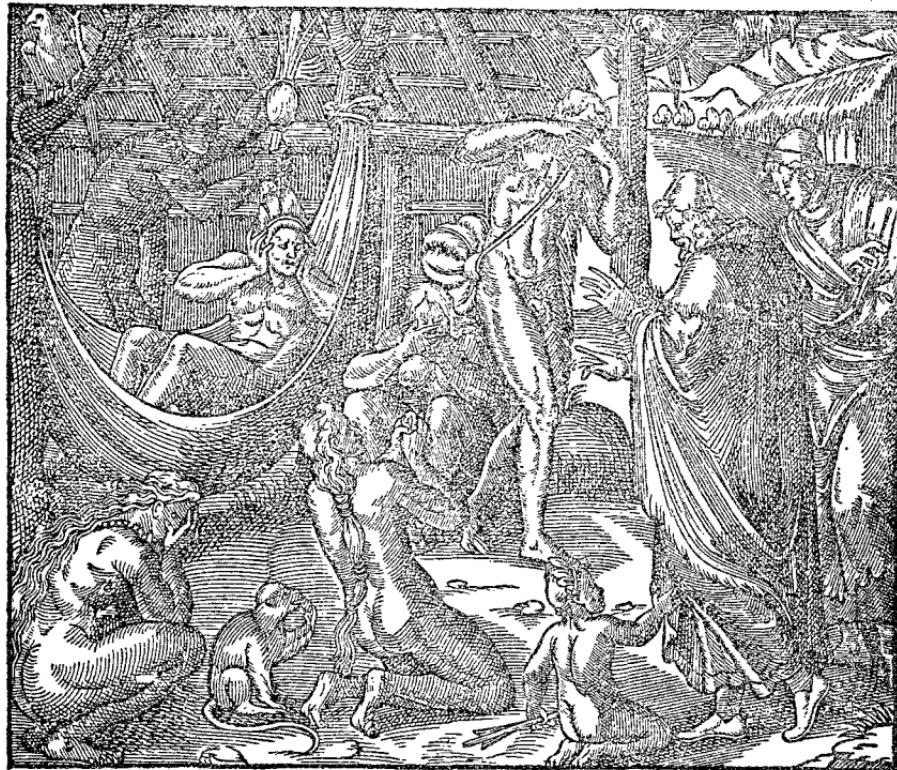
baía, enseada: *kuá*  
Via-Láctea: *Tapiirapé*  
Angra dos Reis: *Okarusu*  
ser fundo: *yypy* (*t*) (*xe*) (n.  
241)

832. É funda a enseada pela qual passaram as jangadas? — O branco em que bateste chamou os seus companheiros para te matar na casa em que dormes. — Como se chama aquela estréla, perto da qual passou a lua? É a Estréla-dalya? Não. Ela não tem nome. E como se

chama aquela multidão de estrélas? Chama-se Via-Láctea. — Por que dissesse que a chuva vai chegar? Porque (*-reme*) já apareceu (*o-ie-kuab*) no céu o Setestrelo. — Conheces a aldeia para a qual estás olhando? Conheço. É Angra dos Reis. — Já sabes o nome daquela estréla pela qual me perguntaste? — Dou-te esta rême em (como) paga (trôco) da que me deste e que me furtaram.

### BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 19; 28v-29; 32v-33; 42v; 48; FIGUEIRA 116-120; MONTOYA 16; 18; 25; 33-34; RESTIVO 100-109; 161-169; CAETANO 50-57; 58-60; ADAM 58-65; L. BARBOSA 188.



Saudação lacrimosa (THEVET)

## PARTICÍPIO SÂARA

833.

AFIRM.

|            |                      |                       |
|------------|----------------------|-----------------------|
| pres.      | <i>sûara</i>         |                       |
| fut.       | <i>sûar-ama</i>      | ou <i>sar-ama</i>     |
| pass.      | <i>sûar-ûera</i>     | " <i>sar-ûera</i>     |
| pass.-fut. | <i>sûar-am-bûera</i> | " <i>sar-am-bûera</i> |
| fut.-pass. | <i>sûar-ûer-ama</i>  | " <i>sar-ûer-ama</i>  |

NEGAT.

|            |                          |                           |
|------------|--------------------------|---------------------------|
| pres.      | <i>sûar-eyma</i>         |                           |
| fut.       | <i>sûar-am-eyma</i>      | ou <i>sar-am-eyma</i>     |
| pass.      | <i>sûar-ûer-eyma</i>     | " <i>sar-ûer-eyma</i>     |
| pass.-fut. | <i>sûar-am-bûer-eyma</i> | " <i>sar-am-bûer-eyma</i> |
| fut.-pass. | <i>sûar-ûer-am-eyma</i>  | " <i>sar-ûer-am-eyma</i>  |

834. Em geral significa "o que costuma ser", "o que costuma estar".

Sufixa-se a complementos circunstanciais, isto é, a substantivos, pronomes, infinitos prepostionados, ou a advérbios e locuções adverbiais.

835. Assume também a forma *ndûara*, que chega a ser mais usada que *sûara*, sobretudo quando precede nasal. Depois de *i*, em geral se converte em *xûara*. Depois de consoante, *ixûara*. Depois de *y* e mesmo de *i*, torna-se *gûara*.

*maraká pupé-sûara* ou *ndûara*: o que está dentro do chocalho  
*t-enondé-sûara* (ANCH. 10): o que está (*ou vai*) à frente

*ara iabiõ-ndûara*: (o que é) de cada dia, quotidiano

*iepi-ndûara*: (o que é) de sempre

*erimbaé-ndar-ûera*: o que foi de antigamente, antigo, antiquado

*kori-ndûara*: (cousa) de hoje, hodierno

*kûesé-ndar-ûera*: cousa de ontem

*oirã-ndar-ama*: cousa de (para) amanhã

*nã-ndûara*: o que é assim

*iké-ndûara n' ikó*: êste é daqui

*ybak-i-gûara* ou *ybak-v-gûara*: o que está no céu

Nos documentos aparecem as formas *soara*, *ndoara*, *xoara*, *goara*, etc.; mas o tem aí um som surdo como na antiga grafia portuguêsa "agoa" (água).

**836.** São as seguintes as partículas a que mais de freqüente se sufixa:

**-pe**: o que está em, o que mora em; o que é de (*lugar*, *nação*, etc.):

*ybv-pe-sûara* ou *ndûara*: o que está na terra, terreno; *paranã-me-ndûara*: o que está no mar, marítimo; *nhñ-me-ndûara*: o que mora no campo; *ybak-pe-sûara* ou *ndûara*: o que está no céu, celeste; *xe r-etã'-me-ndûara*: o que está na (ou é da) minha terra; *pô-pe-sûara*: o que está nas mãos: armas; *tî-me-ndûara* (ANCH., ib.): o da frente ou dianteira

**pupé**: o que está dentro de

*y pupé-sûara* ou *ndûara*: o que está dentro dágua; *karamemûã-me-ndûara*: o que está dentro da caixa

**supé**: o que é para, o que se destina a, útil para

*Mboioby supé-ndar-ama*: o que se destina a Mboobi; *mbaé ixé-be-sûara*: cousa (que é) (útil) para mim; *i xupé-sar-ûera ixé*: fui útil a élle

**-bo**: o que está por, o que anda por, o que é por (de)

*kaá-bo-ndûara*: (animal) que anda pelos matos, montês; *ar'-bo-ndûara*: o que é de cada dia, quotidiano; *yby-bo-ndûara*: o que anda pelo chão

\*-i: o que está em (*sítio*)

*t-aky-puer-i-xûara* ou *gûara*: o que está atrás de (gente); *xe ybyr-i-xûara*: o que está ao longo de minha pessoa

**esé** ou **rí**: o que é referente, pertencente, tocante a; o que é de

*xe r-esé ndûara* ou *ixûara*: o que se refere a mim; *Pindobusu r-esé ndar-ama* ou *ixûar-ania*: o que está destinado a Pindobuçu; *xe r-esé-ndûara ebokûeia* (VLB 339 ad.): isso está destinado a mim

Aparece também a forma *esé-indûara*.

**-ramo**: o que é para (que seja). Muito usado no futuro:

*e-ra-só kó pirâ kang-ûera nde pindá-ramo-ndar-ama*: leva esta espinha de peixe, para (que seja) teu anzol

**-reme**: o que é de *ou* para quando, o que se refere ao tempo em que:

*xe só-reme-ndûara*: tocante ao tempo de eu vir; *xe só-reme-ndar-ûera*: tocante ao tempo em que fui; *xe só-reme-ndar-ama*: tocante ao tempo em que irei; para quando eu fôr

**upi**: o que está por, segundo, conforme, de acordo

*s-upi-ndûara*: o que está de acordo, o que é verdadeiro

837. Para exprimir nacionalidade, o sufixo se apresenta amiúde sob a forma *gûara* ou *quâana*, precedido da preposição *-i*, que muitas vezes se elide se vem depois de *y*:

*tatobapy-gûara*: natural ou morador da fronteira; *kaá-i-gûana*: o que mora no mato, natural do mato; *nhû-i-gûana*: o que mora no campo, natural do campo; *Pakatá y-gûara*: natural ou morador de Porto-Seguro; *ybytyr-i-gûara* ou *ybytyr-i-quâana*: morador ou natural da serra; *ybak-i-gûara*: o que mora no céu, celestial; *mamó-i-gûara*: morador de outra parte, forasteiro

— No caso, há certa indecisão entre *-i* e *y*, nos autores.

## PARTICÍPIO *SÛERA*

838. Significa “aquele que costuma”, “que freqüentemente”.

Só se usa com os verbos não transitivos. Exige os pronomes pacientes. Precedido de nasal: *ndûera*; de consoante: *ixûera*:

*atá-sûera*: andejo; *nheeng-ixûera*: falador; *iabab-ixûera*: fujão; *nheeng-atã-ndûera*: o que costuma falar aos gritos; *i po-sub-ixûer*: ele é amigo de fazer visitas; *nde nhe-mo-yrô-ndûer*: és rabugento, zangado

839. A partícula *îá* ou *îaby* dá aos verbos não transitivos igual sentido:

*o-iabab îá* ou *îaby*: tem por costume fugir; *a-kanhem îá* ou *îaby*: tenho por hábito sumir ou fugir; *xe poro-îuká îá* ou *îaby*: estou habituado a matar (gente)

Pode-se acrescentá-la a *sûera*:

*i nhe-mo-yrô-ndûer îá*: é rabugento, está sempre zangado; *nde î-epyk-ixûer îaby*: és vingativo

840. O mesmo sufixo *sûera* tem também o sentido de “quase que”, “por pouco que”. Neste sentido não forma nomes verbais, mas pode modificar até verbos transitivos:

*a-manô-sûer*: por pouco que morri; *oro-îuká-sûer*: por pouco te matei

## PARTICÍPIO *TYBA*

841. O sufixo *tyba*, modificando os verbais formados de (*s)ara*, (*s)aba* e (*t-e-)mi-*, junta-lhes a idéia mais acen-tuada de “hábito, constância, continuação, freqüência”:

- moro-iú'-byk-ara*: o que enforca, enforcador.  
*moro-iú'-byk-á'-tyba*: o que costuma enforcar, algoz  
*xe r-ekó-aba*: lugar em que estou, meu lugar  
*xe r-ekó-á'-tyba*: lugar em que costumo estar  
*xe só-aba*: lugar ao qual vou  
*xe só-á'-tyba*: lugar ao qual costumo ir  
*ie-por-aká'-saba*: lugar ou tempo de pescar  
*ie-por-aká'-sá'-tyba*: lugar ou tempo em que se costuma pescar  
*up-aba (t)*: lugar de (a g.) se deitar  
*xe r-up-á'-tyba*: lugar em que costumo deitar-me  
*xe r-e-mbi-ú*: minha comida, o que eu como  
*xe r-e-mbi-ú-tyba*: o que costumo comer  
*xe r-e-mi-mborará*: o que eu sofro  
*xe r-e-mi-mborará-tyba*: o que costumo sofrer  
*yg-asap-aba*: lugar de atravessar o rio  
*yg-asap-á'-tyba*: lugar em que se costuma atravessar o rio; passagem do rio

842. *Tyba* pode-se conjugar como verbo: "haver, estar, abundar":  
*i tyb*: há, está, há abundância; *nd' i tyb-i*: não há, não está, há falta, há pouco; *e-i katu, Abaré tyb-eym-e é* (AR. 147): pode (outra pessoa, batizar), se é que não há padre

Há também o verbo derivado *mo-tyb* "fazer caso ou muito de"

### EXERCÍCIOS

843.

|                        |         |                  |         |
|------------------------|---------|------------------|---------|
| <i>pai</i> :           | padre   | <i>posanga</i> : | remédio |
| <i>mamó-í-gûara?</i> : | morador | <i>pepyra</i> :  | festim  |

de onde?

844. *Mamó-í-gûara-pe nde? Pakatá ygûara.* — *Mamó-pe nde r-ekó-á'-tyba?* *Nde só-á'-ty'-pe.* — *Kó mbaé iké-ndûara.* *Aipó-bae aé-pe-sûara.* *Na iké-ndûara ruã-n' ikó, aé-pe-ndûara-te.* — *O-ká gûá kûêi kamusi.* *Mbaé-pe i por-am-bûera?* *Y nhó-te.* — *Mbaé r-esé-pe nd' ere-ú-í pirá?* *Nda xe r-e-mbi-ú-tyba ruã.* — *Abá supé-ndar-ama-pe aipó posanga?* *Na nde-bo-ndar-ama ruã, mbaé-asy'-bor-ûera-ndûara-te.* — *E-i-meeng ixé-bo kaúi iá.* *Nd' i tyb-i.* *Na kori-ndar-ama ruã kaúi pepyra, oirã-ndar-ama-te.* *Aé-pe aipó*

*kamusi-pora, marã? Aîpó-bae oré t-oba-îara iuká-reme-ndar-ama nhó-te.* — *Nde nhe-mo-yrô-ndûer-eté!* — *Mamó-pe cre-só?* *A-só gûarinî-ramo.* “*Paí, marã-pe gûarinî-me na nde pô-pe-sûar-i?*” (CARDIM 339).

845.

fazer caso: *mo-tyb*resto: *kurub-i*por isso: *nd' e-i teé* (n. 463)que ocasião?: *mbaé-reme?*

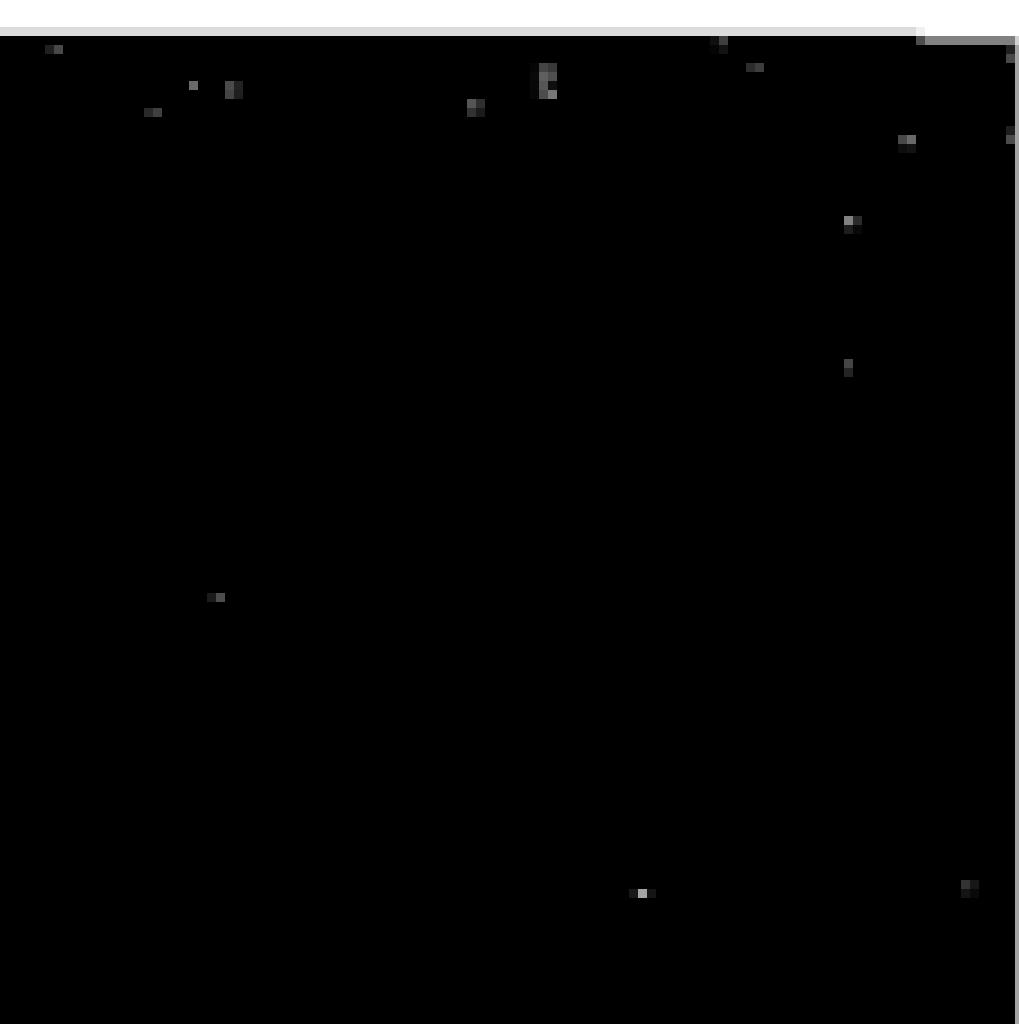
846. A nossa comida de cada dia dai hoje a nós. — Dai-me um pouco de papas. Não. As papas não são para hoje. São para que ocasião? São para quando acabarem as danças. — Qual é o prato em que costumas pôr de mólho o pão? É o de cá? Não. O de lá. Qual é o em que costumas comer? — Que é o que costumas comer? Só o resto? — Como se chama a ilha em que costumavas pescar? Tepotiguaçu. Que significa Tepotiguaçu? Lá há muito peixe? Há. Por isso não se faz muito caso dêles. Quem é o moço com quem costumavas pescar naquela ilha? Era Pindobuçu. Por que não é êle com quem costumas pescar agora? Êle é muito falador e rabugento. — És morador de onde? De Pacatá? Não. De Ibitirapuã. Por isso és falador. Não são faladores os moradores de Ibitirapuã? Sim. São faladores, mas só dizem o que é verdadeiro. — Aquêle bicho é da terra ou dágua? É do mar.

## BIBLIOGRAFIA

**sûara** — ANCHIETA 10-11; FIGUEIRA 139; MONTOYA, *Tesoro* 128v-130; RESTIVO 13-15; 153-155; CAETANO 61-62; ADAM 71-72; L. BARBOSA 188.

**szuera** — ANCHIETA 51v; FIGUEIRA 139-140; MONTOYA, *Tesoro* 113-113v; RESTIVO 69; CAETANO 63; L. BARBOSA 188.

**tyba** — FIGUEIRA 76; VLB 97; 142; 160; 259; 340; MONTOYA, *Tesoro* 387/391; RESTIVO 324; CAETANO 76-77; DRUMOND, *Notas Gerais* 57-70; L. BARBOSA 189; ID. *Traduções* 30-31.



LICÃO 47.<sup>a</sup>

## ÍNDICES DE CLASSE

847. PALAVRAS ABSOLUTAS, E RELATIVAS. — Palavras absolutas são aquelas que por si sós têm sentido perfeito, p. ex. "homem", "sol", "morrer". Relativas são as que exigem outra palavra para completar-lhes o sentido: objeto direto, complemento terminativo ou outro complemento.

848. Em tupi são palavras essencialmente relativas, entre outras, os nomes de partes do corpo, de parentesco, e semelhantes. Também os verbos transitivos e relativos.

849. FORMA ABSOLUTA. — Nesta gramática diz-se estar na forma absoluta a palavra que não é modificada nem por possessivo, nem por outro complemento.

Muitos autores dizem estar na forma *absoluta* certas palavras precedidas do prefixo *t-*: *t-oó*, *t-ugûy*, *t-akuba*, etc. Nomenclatura inaceitável: *t-oó*, *t-ugûy*, etc. são formas *relativas* aos seres humanos, em geral (n. 236). A forma absoluta é *oó*, *ugûy*, etc.

850. Em tupi as palavras relativas nunca podem ficar na forma absoluta dentro de uma frase. Se não estiver determinado o indivíduo a que se referem, devem ser indicada ao menos a *classe* a que êle pertence: superior ou inferior.

851. CLASSE SUPERIOR E INFERIOR. — O tupi distingue gramaticalmente duas classes de seres:

*Cl. sup.*: homens, espíritos

*Cl. inf.*: animais, vegetais, seres inorgânicos

852. ÍNDICES DE CLASSES. — Além dos pronomes *individuais* (*xe*, *nde*, *i*, etc.), há na língua os índices de classe:

## CL. SUPERIOR

*moro-*  
*t-*

## CL. INFERIOR

*mbaé*  
*s-*

A frase portuguêsa “vejo olhos”, na qual não está determinado qual o indivíduo possuidor dos olhos (não se diz se é *ele*, *tu*, ou *eu*), em tupi se verterá de dois modos, conforme os olhos se refiram a pessoas ou a sêres inferiores:

*a-s-epiák t-esá*: vejo olhos (de gente)  
*a-s-epiák s-esá*: vejo olhos (de animal)

Nunca se poderá dizer na forma absoluta: *a-s-epiák esá*.

OBS. 1. — A forma primitiva deve ter sido *te-* e *se-*.

OBS. 2. — *T-*, *s-*, *moro* e *mbaé* poder-se-iam chamar também pronomes pessoais indefinidos, sendo *t-* e *moro-* humanos, *s-* e *mbaé* não-humanos, com o sentido (não a função) dos nossos “alguém” e “algo”: *t-esá*: olho(s) de alguém; *s-esá* olho(s) de algo; *moro-tí*: nariz de alguém; *mbaé-tí* nariz (ou bico) de algo; *moro-ausub-a* amar a alguém; *mbaé-kuab-a* saber algo.

## ANTES DE SUBSTANTIVOS

§ 1.<sup>º</sup> — PREFIXOS DE CLASSE *t-* E *s-*

853. Com os substantivos que têm *s-* ou *t-* como possessivos da 3.<sup>a</sup> p. (n. 238 e 240), o prefixo da classe superior é em geral *t-*, e o da inferior, *s-*:

|                     |                   |
|---------------------|-------------------|
| <i>t-ugûy</i> :     | sangue (de gente) |
| <i>t-umby</i> :     | cadeiras (de g.)  |
| <i>t-embé</i> :     | beiço (de g.)     |
| <i>t-erapûana</i> : | fama (de g.)      |
| <i>t-akuba</i> :    | calor (de g.)     |

|                     |   |
|---------------------|---|
| <i>s-ugûy</i> :     | sangue (de animal)                      |
| <i>s-umby</i> :     | cadeiras (de animal)                    |
| <i>s-embé</i> :     | beiço (de an.), borda<br>(de rio, etc.) |
| <i>s-erapûana</i> : | fama (de ser inf.)                      |
| <i>s-akuba</i> :    | calor (de ser infer.)                   |

*t-aiyba*: queixo (de g.)  
*t-anh-apuā*: prêas (de g.)  
*t-ysy*: fila (de g.)

*s-aiyba*: queixada (de animal)  
*s-anh-apuā*: prêas (de an.)  
*s-ysy*: fila (de animais, árvores, etc.)

854. *S-* pode, pois, exercer duas funções distintas: 1) a de possessivo individual da 3.<sup>a</sup> p. (n. 238); 2) a de índice da classe superior.

A frase *a-s-epiak s-esá* pode significar “vejo olhos (de animal)” e também “vejo os olhos dèle”.

855. Nos nomes que seguem *ayra* (n. 240), é *t-* e não *s-* o índice de ambas as classes, como é também o possessivo da 3.<sup>a</sup> p.

856. Nos que seguem *atuuba* (n. 242), o índice da cl. inferior pode ser tanto *t-* como *s-*, de preferência *s-*.

Sobre os substantivos da 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> classes, v. n. 246 e 250-257.

857. Certos substantivos não têm índice da classe superior: são nomes que por sua própria natureza só se referem a séres inferiores:

|                 |               |  |
|-----------------|---------------|--|
| <i>s-apó</i> :  | 1) raiz dèle  | 2) raiz (de vegetal ou de outra cousa) |
| <i>s-ûaîa</i> : | 1) rabo dèle  | 2) rabo (de animal, etc.)              |
| <i>s-akã</i> :  | 1) galho dèle | 2) galho (de árvore, etc.)             |

Mas empregados em sentido figurado, com referência ao homem, levam o *t-*. MONTOYA no *Tesoro* arrola as palavras *tugûai* “cauda” e *tacang* “galho”. Mas o mesmo autor fala de “cauda” no sentido figurado de “acompanhamento”, p. ex., de filhos.

858. EXCEÇÃO. — *S-aba* significa “pêlo” tanto de gente como de animais.

859. OBS. — Os substantivos de que se trata neste § 1.<sup>º</sup>, nunca se empregam na forma absoluta. Ainda quando incorporados, devem levar algum determinante ou índice de classe:

*a-t-ugûy-ú-potar*: quero beber sangue (de g.) ; *a-s-ugûy-ú-potar*: id. (de animal) ; quero beber o sangue dêle, -a, -es, -as ; *a-îe-ugûy-ú-potar*: quero beber meu próprio sangue ; *a-îo-py t-atá* ou *a-t-atá-py*: sopro fogo (de g.) ; chego ou faço fogo (de g.) ; *a-s-atá-py*: tr. sopro fogo a, chego ou faço fogo para ; *a-s-atá-py nde r-e-nui-xira*: chego fogo a teu assado ; *a-îe-atá-py* ou *a-îi-atá-py*: sopro ou faço fogo para mim ; *e-s-atá-py nde r-e-mi-môïa* (VLB 118) : atiça o fogo a teu cozido

### § 2.<sup>º</sup> — PREFIXOS DE CLASSE **moro-** E **mbaé**

860. Os outros substantivos, isto é, os que têm *i* como possessivo da 3.<sup>a</sup> p., não levam índice da classe superior, mas subentende-se que se refiram a esta classe, desde que não se achem precedidos do possuidor ou da palavra *mbaé*, que é o índice geral da classe inferior:

*kang-ûera*: osso, ossada (subentende-se: de gente) ; *ay kang-ûera*: ossada de bicho-preguiça ; *mbaé kang-ûera*: ossada (de animal ou animais)

861. Correspondente a *mbaé*, há para a classe superior o prefixo *moro-* ou *mboro-* (n. 380), que se aplica a *qu al que r* substantivo relativo, mesmo aos que têm *s-* como possessivo da 3.<sup>a</sup> p., como *eté* (n. 238) :

*moro-tí*: nariz (de gente) ; *mbaé tí*: nariz (de animal) ; *moro-boiá* ou *boiá*: súdito (de gente) ; *moro-îara* ou *îara*: senhor (de gente) ; *mbaé îara*: senhor (de cousas) ; *anama* ou *moro-anama*: parente (de gente) ; *mbaé anama*: parente (de animais) ; *mor-ekobiara* ou *t-ekobiara*: substituto (de gente) ; *mbaé r-ekobiara* ou *s-ekobiara*: substituto (de cousas)

Mas *moro-* é pouco usado, a não ser com os mesmos nomes que poderiam levar *t-*.

862. SUBSTANTIVOS COMEÇADOS POR *p.* — Referindo-se à classe superior, trocam o *p* para *mb* ou mesmo *m*:

*py*: pé

*xe py*, *nde py*, *i py*, etc.: meu pé, seu pé, etc.

*abá py*: pé do índio

*mby*: pé (de gente)

A mesma cousa vale dos adjetivos substantivados:

*panema*: imprestável

*manema*: (homem) poltrão

*poranga*: belo

*moranga*: beleza (de gente)

Referindo-se à classe inferior, devem ser precedidos do possuidor (substantivo ou possessivo) ou do índice da classe inferior, *mbaé*:

*iagûara py*: pé de onça

*i py*: o pé dela

*mbaé py*: pé (de animal ou de outra cousa)

863. OBSERVAÇÃO. — Os possessivos individuais se aplicam indiferentemente a qualquer classe de sérés, superior ou inferior:

*a-i-kutuk s-esá*: furei os olhos dêle (do homem, do jaguar, etc.)

## ANTES DE ADJETIVOS, VERBOS E PREPOSIÇÕES

### § 1.<sup>º</sup> — PREFIXOS DE CLASSE **t-** E **s-**

864. Não só os substantivos, mas tôdas as palavras relativas, que têm como complemento da 3.<sup>a</sup> p. os pronomes *t-* ou *s-*, são susceptíveis de levar os índices de classes: adjetivos, verbos transitivos, preposições.

865. Com *verbos transitivos*, *t-* e *s-* funcionam como objeto direto. Só se dá o caso no infinito, gerúndio e formas derivadas. Só nos verbos que têm *s-* como pronome objetivo da 3.<sup>a</sup> p. (n. 310), no v. irregular *ityk* (n. 922) e nos compostos de *ro-* ou *no-* (n. 508, 509, 413):

*t-ausub-a*: amar (g.)

*s-ausub-a*: amar (cousa)

*t-ausup-a*: amando (g.)

*s-ausup-a*: amando (cousa)

*t-e-ityk-a*: atirar, -ndo (g.)

*s-e-ityk-a*: atirar, -ndo (cousa)

*t-e-no-sem-a*: retirar,  
-ndo (g.)

*s-e-no-sem-a*: retirar, -ndo  
(cousa)

Mas para a classe superior é mais comum o prefixo *moro-*, sobretudo com os transitivos regulares:

*mor-ausub-a*: amar (g.); *mor-e-no-sem-a*: retirar (g.), etc.

866. Com *adjetivos*, verbos *predicativos* e verbos *intransitivos*, *t-* e *s-* funcionam como sujeito. Só se dá o caso no infinito e derivados. Os verbos intransitivos, no caso, são todos irregulares:

|                                   |                 |                                   |                      |
|-----------------------------------|-----------------|-----------------------------------|----------------------|
| <i>t-oby</i> : azul (g.)          | <i>ser azul</i> | <i>s-oby</i> : azul (c.)          | <i>ser azul</i> (c.) |
| <i>t-e-iké</i> : entrar (g.)      |                 | <i>s-e-iké</i> : entrar (c.)      |                      |
| <i>t-ekó</i> : estar (g.)         |                 | <i>s-ekó</i> : estar (c.)         |                      |
| <i>t-en-a</i> : estar parado (g.) |                 | <i>s-en-a</i> : estar parado (c.) |                      |
| <i>t-eō</i> : morrer (g.)         |                 | <i>s-eō</i> : morrer (c.)         |                      |

867. Com *preposições*, *t-* e *s-* funcionam como complemento:

|                                    |                      |
|------------------------------------|----------------------|
| <i>t-akypúer-i</i> : atrás de (g.) | <i>atrás de</i> (c.) |
| <i>t-enondé</i> : antes de (g.)    | <i>antes de</i> (c.) |

868. Algumas preposições, para a classe superior, preferem *moro-*:

|                                     |                          |
|-------------------------------------|--------------------------|
| <i>moro-esé</i> : por (g.)          | <i>por</i> (c.)          |
| <i>moro-upi</i> : por, segundo (g.) | <i>por, segundo</i> (c.) |

869. *S-* pode pois exercer duas funções: 1) a de pronome da 3.<sup>a</sup> p.; 2) a de pronome ou índice da classe inferior:

|                      |                |                                   |
|----------------------|----------------|-----------------------------------|
| <i>s-ausub-a</i> :   | 1) amá-lo      | 2) amar (cousas)                  |
| <i>s-oby</i> :       | 1) ele é azul  | 2) (cousa) azul; ser (cousa) azul |
| <i>s-ekó</i> :       | 1) estar ele   | 2) estar (cousa)                  |
| <i>s-akypúer-i</i> : | 1) atrás d'ele | 2) atrás de (cousa)               |

870. Em alguns verbos irregulares o próprio *t-* é o pronome sujeito da 3.<sup>a</sup> p. do infinito; ou, se o verbo é transitivo, *t-*

é o pronome objetivo da 3.<sup>a</sup> p. do infinito, gerúndio e formas derivadas:

intr.: *t-uba* (n. 885): 1) estar élle deitado; 2) estar deitado (g.); 3) id. (c.)

tr.: *t-ara* (n. 921): 1) tomá-lo; 2) tomar (g.); 3) tomar (c.)

*t-á* (n. 891): 1) tomado-o; 2) tomado (g.); 3) tomado (c.)

871. Todos êsses adjetivos, verbos intransitivos, transitivos, preposições, devem vir acompanhados respectivamente do seu sujeito, objeto direto ou térmo regido, ainda que estejam incorporados.

## § 2.<sup>º</sup> — PREFIXOS DE CLASSE **moro-** E **mbaé**

872. *Moro-* e *mbaé* são os índices de classe que se empregam com os verbos, adjetivos e preposições não incluídos no parágrafo anterior. Servem aliás também para todos (n. 380):

*moro-pysyk-a*: tr. apanhar  
(gente)

*moro-sem-a*: intr. sair

*moro-ausub-a*: tr. amar  
(aos outros)

*moro-esaraí*: intr. esquecer-se (g.)

*mbaé pysyk-a*: apanhar (cousa)

*mbaé sem-a*: sair (cousa)

*mbaé ausub-a*: amar as cousas

*mbaé-asy*: doer (cousa)

873. Ao contrário de *t-* e *s-*, os índices *moro-* e *mbaé* se usam também fora do infinito, do gerúndio e dos derivados. Mas neste caso, *moro-* assume a forma *poro-*:

*a-poro-pysyk*

*a-poro-ausub*

874. *Moro-* é usado com os nomes de côr, substantivando-os:

*tinga*: branco

*moro-tinga*: o branco, a côr branca (de g.); ser branco (g.)

*îuba*: amarelo

*moro-îuba*: amarelo, a côr amarela (de g.), etc

*oby*: azul, verde

*mor-oby*: o azul, a côr azul, etc.

*una*: preto

*moro-una*: o preto, a côr preta, etc.

Estes nomes de côres parece terem sido empregados também com relação a sêres inferiores. Mas é escusado anotar que não se diz *xe moro-ting* nem *nde mor-oby*, etc., mas *xe ting*, *nde r-oby*, etc: sou branco, és azul, etc.

## EXERCÍCIOS

875.

*Kaúi*

*aípi y:* cauim (feito) de  
aipim  
*akaíu y:* cauim de caju  
*kagû-aba:* vasilha de beber  
cauim  
*unguá obaíara* ou *obaixuá-*  
*ra:* mão de pilão  
*tepiti:* prensa (de espre-  
mer)  
*sabeypor:* intr. embebe-  
dar-se

*porasei:* dançar  
*paresar* [*supé*]: convidar (por  
mensageiro)  
*meen'-gaú:* tr. dar de beber  
vinho a  
*so'-sok:* socar  
*mo-in:* tr. cozinhar  
*mo-pupur:* ferver  
*en (nho-s):* despejar  
*apó (î):* fazer  
*suú-suú:* tr. mastigar

876. *Marã ngatu-pe pe-i-apó kaúi?* *Kunhã o-io-sok akaíu unguá pupé,* *o-ty-amí o pó pupé,* *kó-ipó tepiti pupé,* *ty-púera ygasaba pupé* *s-en-a.* *Mbaé-pe kaúi só'-sok-aba?* *Unguá obaíara.* — *Marã ngatu-*  
*-eté-pe o-i-apó amé gûá aípi y?* *O-i-pé-ok gûá aípi, o-i-mo-in;* *aé riré*  
*kunhã-muku poranga i xuú-suú-û,* *ygasaba y r-esé t-yneysem-bae pupé*  
*i mun-a.* *Kunhã o-i-mo-nan abati r-esé, i mo-in ie-by, i mo-pupu' nhaé*  
*pupé.* *O-nho-s-en ty-púera ygasaba i kuá r-upi i aty-pyr-ûera pupé,*  
*ygasaba asoi-á-bo, s-eiá nhó-te mokôî ara aé-pe.* — *Marã-eté-i-pe*  
*kaúi gû-aba?* *O-kaú ianondé, abá pysaré o-porasei, o-nheengá'.*  
*Koem-e o-kaú ypy, o-nheengá', o-porasei abé.* *Kunhã-muku o-i-meen'-*  
*-gaú.* *Abá kaú-reme-bé, i karu-eym-i.* *O-kaú-kaú o-ar eym-a puku-î,*  
*o-sabeypó'.* — *Tá-pe-sûara nhó-te-pe i kaú-û?* *N' aan-i.* *O-i-xoó*  
*amundaba pora abé, i xupé o-paresá'.* — *Kurumí, pitanga abé será*  
*o-kaú?* *N' aan-angá-î: abá nhó-te, o-mendá riré.* *Aé-pe kunhã-taí?*  
*N' aan-i-bé.*

plantação de milho: *abati*  
furar: *mo-bok*  
ter nojo de: *ie-gûaru* [*sui*]  
mensageiro: *paresara*

vomitar: *gûeen*, intr.  
—: *mo-ie-byr*, tr.  
arrotar; *eû (xe)*  
— fétido: *eû rem (xe)*

877. Em que ocasiões fazeis cauim? Quando nasce uma criança, antes e depois de uma guerra, quando matamos algum prisioneiro, quando vamos trabalhar na plantação de milho do chefe. Em que ocasião mais? Quando furamos o lábio inferior de um rapaz. De que maneira bebeis o cauim? Vestimos [em nós] o manto de penas e o diadema. Por que é que muitos vomitam? Vomitam o cauim porque têm nojo dêle? Porque as moças o mastigaram, misturando-o com a sua saliva? Não absolutamente. Porque os outros estão arrotando fétido. Qual é a vasilha de beber cauim? É uma cabaça ou cuia. O mensageiro está bêbado? Não. O cauim ainda não está azedo...



Fases do sacrifício de um prisioneiro (STADEN)

P. CRISTÓVÃO VALENTE (1566-1627)

(adaptação ortográfica)

## ESTRIBILHO

*Pe-ior-i, apŷab-etá,  
Oiepé t' ia-i-mo-eté  
Iandé Karai-bebé.*

## COPLA

*Xe r-arõ-ana ybak-y-gûara,  
Karai-bebé poranga,  
E-i-mbo-é katu xe anga,  
T' o-i-kuab ybaka píara.  
Xe r-uba, xe r-e-r-ekó-ara  
Nde r-esé nhó t' a-gûatá.  
E-i-peá xe r-aang-ara<sup>1</sup>.*

*Tupã r-obaké e-ikó-bo,  
Xe suí nd' ere-syryk-i<sup>2</sup>,  
Na xe mo-pyá-tytyk-i  
Anhangá xe r-apekó-bo<sup>3</sup>.  
Nd' e-i teé moxy<sup>4</sup> o-só-bo<sup>5</sup>  
O atá-pe xe r-eiá,  
Nde pó gûyr-pe xe mo-ingó-bo.*

*Xe irũ-namo memé  
Nde a'-me xe r-ausub-á'-bo<sup>6</sup>  
Nd' a-é-î katu-î nhe-mo-nygá-bo  
T-ekó angaipaba pupé:  
Nd' o-ti-i serã<sup>7</sup> asé  
Marã<sup>8</sup> o-ikó-bo<sup>9</sup> ara iá  
O arõ-ana r-obaké.*

ARAÚJO, *Catecismo* (ed. 1898), \*V-\*Vv.

1 — tentador, † demônio. 2 — Imperat. negat.: não te afastes.. 3 — visitando-me, procurando-me, quando me procurar. 4 — Imprecação: maldito! 5 — Ger., exigido por *nd' e-i teé* (n. 463). 6 — Ger. de *ausub-ar* (s.). Mais regular seria *r-ausub-á* (n. 404). De acordo com as gramáticas, aqui não seria o caso de gerúndio, visto como o sujeito da oração principal é de outra pessoa (n. 425). 7 — Com verbo negat., *serã* equivale a “certamente, sem dúvida”, e o verbo em port. passa para a forma afirmat.: “a gente se envergonha sem dúvida”. 8 — Alguma cousa, nada. Pode-se entender também como “o mal”. 9 — fazendo. Dando aos três últimos versos a forma interr., seria possível outra trad.: “não se envergonha a gente acaso, fazendo algo (o mal) diante de seu guarda? ”.

## BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 14v-15; 49v-50; 51-52; FIGUEIRA 86; 90; VLB 282; 290; 321; MONTOYA 53-54; Id. *Tesoro* 318/312-319/313; RESTIVO 52-55; 277; CAETANO 38; ADAM 9; 22-27; L. BARBOSA 173-174; Id. *Os Índices*.

*LIÇÃO 48.<sup>a</sup>*

**VERBOS IRREGULARES**

879. Já foram estudados os verbos começados por *s* (n. 303), por *î* (n. 127) e as irregularidades aparentes dos pronomes objetivos (n. 299 ss).

Dos verbos que se seguem, indica-se apenas o que têm de irregular.

880. O gerúndio, os participios, as formas da conjugação subordinada que levam índices de classe, sofrem as mesmas alterações do infinito.

881. É: “dizer”

*Trans.*, mas sem pron. obj. quando leva pref. ag.

INDIC., PERMISS., IMPERAT., INFIN., GER.: v. n. 455.

PARTICÍPIOS: *i-ara* ou *e-î-ara*; *î-aba* ou *é-saba*; *e-î-bae*

Não tem os participios *t-e-mi-* e *pyra*. Substitui-os *î-aba*, que significa: 1) o que êle diz; 2) o dito, chamado, que tem por nome.

CONJUG. SUBORD.: *xe é-û*, *nde é-û*, *i é-û*, etc.

AFIXOS: admite *mbo-* e *ukar*; não, porém, *poro-*.

Apesar de trans., conjuga-se como intr.: os prefixos e pronomes que o precedem, imediatamente, são subjetivos: *gûi-î-á-bo*: “dizendo eu”, *i* é “dizer êle”.

882. Só: “ir”

Só é irreg. no imperat. (n. 195).

## 883. Ú: “comer”

*Trans.*, mas sem pron. obj. quando leva pref. ag. No mais, regular.

*Compostos.* Ú-sei “querer comer” (n. 897, 2) admite pron. obj.: a-í-ú-sei úi “quero comer farinha”.

## 884. Íur: “vir” (radical ur)

INDIC.: a-íur, ere-íur, o-ur, ía-íur, oro-íur, pe-íur, o-ur

IMPERAT.: 2.<sup>a</sup> p. s.: e-íor, e-íor-i, íor-i; 2.<sup>a</sup> pl.: pe-íor, pe-íor-i

INFIN.: xe r-ur-a, nde r-ur-a, t-ur-a (também refl.). Etc.

Cl. sup. e inf.: t-ur-a

CONJUG. SUBORD.: xe r-ur-i, nde r-ur-i, t-ur-i, etc.

GERÚNDIO: gúi-t-ú, e-íú, o-ú; ía-íú, oro-íú, pe-íú, o-ú

PARTICÍPIOS: o-ur-bae; t-u-sara; t-u-saba (fut.: t-u-sag-úama ou t-ur-ag-úama; pass.: t-u-sag-úera ou t-ur-ag-úera)

*Compostos.* O comp. r-ur (*ro-ur*) “trazer” faz no imperat. e-r-ur ou e-r-ur-i; pe-r-ur ou pe-r-ur-i.

## 885. Íub: “estar deitado” (radical ub)

INDIC.: a-íub, ere-íub, o-ub; ía-íub, oro-íub, pe-íub, o-ub

IMPERAT.: e-íub; pe-íub

INFIN.: xe r-ub-a, nde r-ub-a, t-ub-a, og-ub-a ou g-ub-a. Etc.

Cl. sup. e inf.: t-ub-a

Com -reme: xe r-u'-me, nde r-u'-me, t-u'-me, og-u'-me ou g-u'-me

Cl. sup. e inf.: t-u'-me

CONJUG. SUBORD.: xe r-ub-i ou xe r-ú-i, nde r-ub-i ou nde r-ú-i, t-ub-i ou t-ú-i. Etc.

GERÚNDIO: gúi-t-up-a, e-íup-a, o-up-a; ía-íup-a, oro-íup-a, pe-íup-a, o-up-a

PARTICÍPIOS: o-ú-bae; t-up-ara (raro); t-up-aba

*Compostos.* Os comp. *mo-ub* “colocar deitado” e *ro-ub* ou *r-ub* “deitar-se com” são regulares. *üb-i* “estar deitado quieto”, *üb-é* “estar vivo” e “estar deitado acordado, sem se mexer”, *üb-iõ-te* id., *üb-katu* “acomodar-se, deitar-se bem” e outros compostos por sufixação seguem a *üb* nas modificações da 1.<sup>a</sup> sílaba.

### 886. Ikó: “estar”, “fazer”

INFIN.: *xe r-ekó, nde r-ekó, s-ekó, o ekó.* Etc.

Cl. sup.: *t-ekó*; inf.: *s-ekó*

CONJUG. SUB.: *xe r-ekó-û, nde r-ekó-û, s-ekó-û.* Etc.

GERÚNDIO: *gûi-t-ekó-bo, e-ikó-bo, o-ikó-bo; ia-ikó-bo, oro-ikó-bo, pe-ikó-bo, o-ikó-bo*

PARTICÍPIOS: *o-ikó-bae; t-ekó-ara; t-ekó-aba*

*Compostos.* Os compostos de sufixos, como *ikó-bé* “viver” e *ikó-tebẽ* “estar aflito, necessitado”, seguem *ikó*. *R-ekó* (de *ro+ikó*) “estar com, ter, fazer com, tratar” segue os compostos com *ro-* (n. 503). *Mo-ingó* “colocar” só é irregular na sua formação.

### 887. O verbo *ikó* significa “fazer” em frases como:

*a-ikó emonã, ixé aé emonã a-ikó, emonã a-ikó, a-ikó marã* (VLB 232): fiz isso; *nd' a-ikó marã* (*ib.*): não fiz nada; *marã nde ipó ere-ikó* (*ib.*): alguma cousa deves ter feito; *xe r-uba r-upi emonã a-ikó* (*id.* 388): faço-o, imitando a meu pai; *marã-pe s-ekó-û?*: que fêz Ele?; *Pero aé emonã xe mo-ingó-ukar* (VLB 264): Pedro mesmo me fêz fazer isso

### 888. Levando complemento regido da preposição *-ramo*, corresponde a “ser”:

*ere-ikó oré morubixab'-amo-ne*: serás nosso maioral; *marã-na-mo-pe asé s-ausub-i?* — *Og-ub-eté-ramo, o mo-nhang-ar'-amo, o p̄ysy-rō-an'-amo s-ekó-reme* (Ar. 95): por que deve a gente amá-lo (a Deus)? Porque Ele é (por ser Ele) o pai verdadeiro, o criador, o salvador da gente

### 889. In: “estar sentado, estar quieto”

INFIN.: *xe r-en-a, nde r-en-a, s-en-a, o en-a.* Etc.

Cl. sup.: *t-en-a*; inf.: *s-en-a*

**CONJUG. SUB.:** *xe r-en-i, nde r-en-i, s-en-i ou nen-i.* Etc.

**GERÚNDIO:** *gûi-t-en-a, e-in-a, o-in-a; ia-in-a, oro-in-a, pe-in-a, o-in-a*  
**PARTICÍPIOS:** *o-in-bae; t-en-dara; t-en-daba*

**Compostos.** Os compostos *in-i* “estar sentado, quieto”, *in-iã-te* “id., sem se bolir”, *ind-é* “estar à parte”, *in-bé* ou *im-bé* “estar” e na 3.<sup>a</sup> p. “haver”, têm a 1.<sup>a</sup> sílaba como *in*. *No-in* é regular. *Mo-in* só é irregular no particípio (*te-*)*mi-*: (*te-*)*mi-mõ-í-a*.

### 890. Iké: “entrar”

**INFIN.:** *xe r-e-iké, nde r-e-iké, s-e-iké, o e-iké.* Etc.

Cl. sup.: *t-e-iké*; inf.: *s-e-iké*

**CONJUG. SUB.:** *xe r-e-iké-û, nde r-e-iké-û, s-e-iké-û.* Etc.

**GERÚNDIO:** *gûi-t-e-iké-bo* ou *gûi-ké-bo*, *e-iké-bo*, *o-iké-bo*; *ia-iké-bo*, *oro-iké-bo*, *pe-iké-bo*, *o-iké-bo*  
 ou *gûi-ké-á-bo*, *e-iké-á-bo*, *o-iké-á-bo*; *ia-iké-á-bo*, etc.

**PARTICÍPIOS:** *o-iké-bae*; *t-e-iké-sara* ou *t-e-iké-ara*; *t-e-iké-saba* ou *t-e-iké-aba*

**Compostos.** *Mo-ingé* só é irregular na formação. *Ro-iké* é regular.

### 891. Ar: “tomar, pegar, apanhar”

**INDIC.:** *a-î-ar, ere-î-ar, o-gû-ar; ia-î-ar, oro-gû-ar, pe-î-ar, o-gû-ar*

*xe r-ar*: élle me toma, êles me tomam; tu me tomas, vós me tomais

*nde r-ar*: élle te toma; êles te tomam

*oro-gû-ar*: eu te tomo, nós te tomamos

*opo-gû-ar*: eu vos tomo; nós vos tomamos

**INFIN.:** *xe r-ar-a, nde r-ar-a, t-ar-a, o ar-a.* Etc.

Cl. sup. e inf.: *t-ar-a*

**CONJUG. SUB.:** *xe r-ar-i, nde r-ar-i, t-ar-i.* Etc.

**GERÚNDIO:** *xe r-á, nde r-á, t-á; iandé r-á, oré r-á, pe r-á, t-á*

Cl. sup. e inf.: *t-á*

**PARTICÍPIOS:** *o-gû-ar-bae*; *t-a-sara*; *t-a-saba*; *t-ar-(i)-pyra*; *t-e-mbi-ara* ou *t-e-mi-í-ara*

**OBS. —** *Gû* vem sempre depois de *o* átono; não é prefixo objetivo, mas ligação eufônica entre *o* e a vogal seguinte. Cfr. *o-gû-eté* (n. 238), *o-gû-e-ro-bebê* (n. 503), *o-poro-gû-e-rur* (n. 506).

Não se confunda este verbo com *iar* “estar unido, aderir”, relativo [*esé*], regular.

892. Ityk: "atirar, jogar fora, derrubar, vencer"

INDIC.: *a-ityk, ere-ityk, o-ityk; iá-ityk, oro-ityk, pe-ityk, o-ityk*

*xe* (ou *nde, iandé, oré, pe*) *r-e-ityk*: *joga-me* (-te, -nos, -vos).  
*oro-ityk*: *jogo-te*; *jogamos-te*; *opo-ityk*: *jogo-vos*; *jogamos-vos*  
*a-ie-ityk*: *jogo-me*, etc.  
*a-itá-ityk*: *jogo pedra*

INFIN.: *xe r-e-ityk-a, nde r-e-ityk-a, s-e-ityk-a, o e-ityk-a.* Etc.

Cl. sup.: *t-e-ityk-a*; inf.: *s-e-ityk-a*

CONJUG. SUB.: *xe r-e-ityk-i, nde r-e-ityk-i, s-e-ityk-i.* Etc.

GERÚNDIO: *xe r-e-ityk-a, nde r-e-ityk-a, s-e-ityk-a.* Etc.

Cl. sup.: *t-e-ityk-a*; inf.: *s-e-ityk-a*

PARTICÍPIOS: *o-ityk-bae; t-e-ityk-ara; t-e-ityk-aba; t-e-ityk-pyra;*  
*t-e-mi-e-ityk-a*

893. Poti: "defecar"

INDIC.: Regular. Mas a 3.<sup>a</sup> p. pode ser *o-poti* ou *o-gûe-poti*

INFIN.: *xe r-e-poti, nde r-e-poti, s-e-poti, o e-poti.* Etc.

Cl. sup.: *t-e-poti*, inf.: *s-e-poti*

CONJUG. SUB.: *xe r-e-poti-û, nde r-e-poti-û, s-e-poti-û.* Etc.

GERÚNDIO: *gûi-potî-á-bo e-potî-á-bo, o-e-potî-á-bo; iá-potî-á-bo,*  
*oro-potî-á-bo, pe-potî-á-bo, o-e-potî-á-bo*

PARTICÍPIOS: *o-potî-bae; potî-ara* (cl. inf.: *s-e-potî-ara*); *potî-aba*  
 (cl. inf.: *s-e-potî-aba*)

894. Pynô: "emitir ventosidade"

INDIC.: Regular. Mas a 3.<sup>a</sup> p. pode ser *o-pynô* ou *o-gûe-pynô*

INFIN.: *xe r-e-pynô, nde r-e-pynô, s-e-pynô, o e-pynô.* Etc.

Cl. sup.: *t-e-pynô*; inf.: *s-e-pynô*

CONJUG. SUB.: *xe r-e-pynô-û, nde r-e-pynô-û, s-e-pynô-û.* Etc.

GERÚNDIO: *gûi-pynô-mo, e-pynô-mo, o-e-pynô-mo*  
*iá-pynô-mo, oro-pynô-mo, pe-pynô-mo, o-e-pynô-mo*

PARTICÍPIOS: *o-pynô-bae; pynô-sara* (cl. inf. *s-e-pynô-sara*), *pynô-*  
*-saba* (cl. inf. *s-e-pynô-saba*)

### 895. Manó: “morrer”

INDIC. IMPERAT., GERÚNDIO: regulares

INFIN.: *xe r-eō*, *nde r-eō*, *s-eō*, *o eō*; *iandé r-eō*, *oré r-eō*. Etc.

Cl. sup.: *t-eō*; inf.: *s-eō*

CONJUG. SUB.: *xe r-eō-û*, *nde r-eō-û*, *s-eō-û*. Etc.

PARTICÍPICOS: *o-manó-bae*; *t-eō-saba* ou *t-egû-ama*

Quando o infinito está incorporado ao gerúndio, assume a forma regular: *ere-ú-pe yby kô-ipó mbaé aiba t-egû-ama*, *e-manó-potá?* (Ar. 229): co-meste terra ou veneno mortal, querendo morrer?

### 896. Nomun: “cuspír”

*Intr.* Só aparentemente irregular.

É o próprio verbo transitivo *mun (nho)* “cuspír”, com o objeto direto (*no ← (te)ndy* “saliva”) incorporado: “cuspír saliva”.

Há também *nhe-nomun* “cuspír (a própria saliva)”.

## VERBOS DEFECTIVOS

### 897. 1. Ab: “abrir, cortar”

*Trans.* Era originalmente *îo-s-ab* (n. 326). No tupi histórico é defectivo. Só se emprega, quando leva substantivo ou pronome reflexivo incorporados:

*yby-ab*: abrir a terra, cavar

*yb-ab*: cortar as vergônteas, pôdar

*ybyrá-ab*: cortar madeira

*îe-ab* ou *î'-ab*: abrir-se, rachar

*morubixaba ybyrá-gûy-pe ah̄z só-û ybyrá-ap-a* (VLB 422): êle foi à coutada d' El Rei, para cortar madeira

### 2. Seî: “ter vontade de”, “querer”

*Trans.* Só se usa com objeto incorporado:

*a-y-ú-sei*: quero beber água; *ere-mbaé-ú-sei*: estás com vontade de comer; *o-karu-sei*: id.; *pitanga o-kamb-ú-sei*: a criança quer mamar; *a-i-ú-sei soó*: quero comer carne; *xe ú-sei --- \*y-sei*: estou com sede

Aplica-se, propriamente, aos apetites fisiológicos. Mas, em sentido figurado, a quaisquer desejos: *xe Tupã r-ökó a-i-ú-sei* (ANCH., *Poesias Tupis* 21): "eu desejo (lit. tenho fome da) a lei de Deus".

### 3. Rung: v. n. 547.

## VERBOS EXCLUSIVOS DO PLURAL

898. Alguns só se empregam no plural:

*kub* ou *kub-é*: "estar":

*ia-kub*, *oro-kub*, *pe-kub*, *o-kub*; *ia-kub-é*, etc.

*ie-oí*: "ir-se, partir, passar" (só no refl. pl.)

## EXERCÍCIOS

889.

*iu-atí*: espinho

*pik*: calar

*epy (t)*: preço

*obaixúar (s)*: contradizer

*Tupã r-oka*: templo

*ie-qùn'-byk*: refl. enforcar-se

*Rerityba*: n. pr. de aldeia

*am*: estar de pé

900. Vários verbos traduzem "estar". Os principais são: *ikó*, *in*, *iub*, *am*. *Am* significa "estar (de pé)". *In* "estar (sentado ou de qualquer forma quieto no lugar)". *Iub* "estar (deitado)". *Ikó* significa, em geral, "estar", e é particularmente usado com verbos de movimento. Usam-se *am*, *in*, *iub*, mesmo que acaso em português não se exprima "de pé", "sentado", "deitado": "estou doente" traduz-se *xe mbaé-asý güi-t-ub-a* (desde que o sujeito esteja realmente na cama); "estou rezando": *a-tupã-mo-ngetá güi-t-en-a* (se está ajoelhado ou sentado); "estou-te esperando": *oro-arõ güi-am-a* (se está de pé). — As vezes juntam-se dois verbos com o sentido de "estar": *iké oro-ikó oro-kup-a*: "aqui estamos". — Há também os derivados *mo-ingó* colocar (geral), *mo-am* colocar de pé, *mo-in* colocar sentado ou quieto, *mo-ub* colocar deitado, *r-ekó* estar com ou ter (geral), *ro-am* id. cousa que está de pé, *no-in* id. cousa que está quieta, *ro-ub* ou *r-ub* id. cousa que está deitada; *ro-kub* id. (geral, plural).

901. *Güi-t-ú*. *T-á*. *Nde r-á*. *O á*. *E-in-a*. *T-en-a*. *E-iup-a*. *Nen-i*. *Xe r-ekó*. *Xe r-e-r-ekó*. *S-e-r-ekó*. *S-e-r-ekó-bo*. *S-e-r-ekó-û*. *O-ikó-bo*. *O-ú*. *T-ara*. — *Xe kutuk iu-atí*. *Ning-ning e-i xe py*. *E-ió-ok*

*iu-atî nde py suí. Ten e-i!* — *Marã-pe nde r-e-mi-ausuba r-ekó-û?*  
*Xe r-e-mi-ausuba o-nhe-nomun nde iara r-obá r-esé. Marã-pe xe iara*  
*s-e-r-ekó-û aé-reme?* “*O-pik o-am-a, i nheeng obaixuár-eym-a*” (AR.  
 78 ad.). — “*Marã-pe Iudas r-ekó-û aé-reme?* *Aipô ô iô-upé é abé, o*  
*iara r-epy-pûera r-e-ityk-i Tupã r-ok-pe: aûlé o-só-bo, o-ie-aîu'-byk-a,*  
 — *n' i nhyrõ-i xó-é Tupã ixé-bo-ne — o-î-á-bo*”. (AR. 81). — *Ma-*  
*mô-pe ere-ikó aé-reme?* *Taba “Rerityba” i-á-pe.*

902.

costume: *ekó* (*t*)  
 tambor: *gûarará*  
 aljava: *uub-uru*

bracelete: *nhaã*  
 bastão de ritmo: *yba*  
 tocar, bater: *mo-pu*, tr.

903. Estando eu sentado, tu (estando) deitado, e êles (estando) de pé, o branco entrou, tomou a aljava e atirou-a fora, com as frechas. A aljava, caindo no chão, deu um estalo (n. 471). As frechas quebraram-se. E eram muitas. — Que fêz êle depois disso? Quando viu que nós íamos para o lado dêle, para apanhá-lo, saiu voando (n. 471). E que fizestes vós? Não fizemos nada. — Quando o branco entra em nossa casa, nós não nos sentamos. É o nosso costume. — Quem é aquêle que apanhou o meu bracelete? — Por que atiraram fora a minha pedra de beiço? — Sabes tocar tambor, (estando) deitado? Não. Sei tocar (estando) sentado ou (estando) de pé. — Por que não trouxeram êles o meu bastão de ritmo? Quem é que o trará?

#### 904. AO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DA EUCARISTIA

P. CRISTÓVÃO VALENTE (1566-1627)

(adaptação ortográfica)

#### ESTRIBILHO

*Myiapé ybak-y-gûara,*  
*Apŷá'-bebé<sup>1</sup> r-e-mbi-ú,*  
*Xe anga r-ekó puku.*

## COPLA

*Xe amby-asy posanga,  
Xe r-ekó-tebē r-upi-ara<sup>2</sup>,  
E-s-epiak xe mará-ara<sup>3</sup>,  
T' ere-s-ausub-ar xe anga,  
Ior-i, xe r-ekó-mo-nhang-a<sup>4</sup>,*

*Xe anga taygayba<sup>5</sup>,  
Xe anga i'-e-ro-biá'-saba,  
Yby-pora mo-esãi-baba<sup>6</sup>,  
Ybaka-pora r-oryba,  
More-ausub-ara yba<sup>7</sup>,*

*Nde angaturama ri<sup>8</sup>,  
E-ior-i xe pore-ausub-ok-a,  
E-i-py-tybyr-ok<sup>9</sup> xe r-oka,  
Nde pytá-saba iepi,  
T' a-guatá nhó nde r-upi,*

*I angaturam-bae supé  
Myiapé t-ekó-bé iara;  
I poxy-bae, t-á'-sara<sup>10</sup>,  
T-eõ o-gû-ar<sup>11</sup> o io-upé<sup>12</sup>.  
Oiepé mbi-ú pupé  
Pe-s-epiak t-ekó paraba!<sup>13</sup>*

ARAÚJO, *Catecismo* (ed. 1898), pp. \*Vv-\*VI

1 — homem que voa, † anjo. 2 — inimigo, afugentador. 3 — doença, fraqueza. 4 — governar-me, tomar conta de mim. 5 — fortaleza. Próprio-mente: forte, valente. Como subst. abstrato, o uso é forçado. 6 — causa de alegria, alegria. Melhor seria *mo-esãi-daba*: 7 — arrimo dos infelizes. 8 — pela tua bondade. Melhor: por sérres bondosa. 9 — limpa (imperat.) por dentro. 10 — os maus que o recebem. 11 — tomam. 12 — para si mesmos. 13 — vêde (que) diversidade!

## BIBLIOGRAFIA

**Verbos irregulares** — ANCHIETA 54v-58v; FIGUEIRA 53-64; MONTOYA 55-68; RESTIVO 122-139; CAETANO 40-43; 78-80; ADAM 72-79; DALL'IGNA 66-67.

**Verbos defectivos** — MONTOYA 68-69; RESTIVO 139-141.

**Verbos exclusivos do plural** — MONTOYA 68; RESTIVO 139-140; ADAM 79.

## PRONOMES RELATIVOS

905. Não há pronomes relativos. As frases que os incluem, em português, se vertem pelos particípios, de acordo com a função sintática.

906. que; o ou a qual; os ou as quais; o ou a que;  
aquele, -a que, etc.

Sendo SUJ.: *-bae* ou *sara*

” SUJ.: de v. passivo: *pyra* ou *m(b)i-*

” OBJ. DIR.: *m(b)i-* ou *pyra*

” COMP. REL. OU CIRCUNSTANCIAL: *saba*

907. quem

Como “que”, “o qual”, etc., anteposto *abá* ao particípio:

Sendo SUB.: *nd' a-i-kuab-i abá o-manó-bae-púera*: não conheço  
quem morreu

” OBJ. DIR.: *nd' a-i-kuab-i abá s-e-mi-iuká-púera*: não sei a  
quem matou

” OBJ. IND.: *nd' a-i-kuab-i abá i mendá'-sag-ñera*: não sei  
quem casou

908. cujo, -a, -os, -as; do qual, da qual, dos quais,  
das quais

Sujeito

-*Bae*, precedido do suj. com o possessivo, e do obj.  
dir., caso haja:

*nd' ere-î-kuab-i-pe abá i kó o-kaî-bae-pûera?*: não conheces o índio cuja roça pegou fogo? (lit. o índio que sua roça pegou fogo); *abá, s-e-mi-r-ekó i membyr-ar-bae-pûera, o-nhe-nong o-up-a o inî-me-ne*: o índio, cuja mulher deu à luz, ficará deitado em sua rede; *kunhã i mena mi-ausuba o-îuká-bae-pûera, o-îc-er-ok*: a mulher, cujo marido matou um escravo, toma novo nome

909. Com verbo *passivo*: *pyra*, precedido do sujeito com possessivo:

*abá i ïybá kutuk-pyr-ûera o puerab umã* (REST. 188 ad.): já sarou o índio cujo braço foi sangrado

Se o verbo passivo tem complemento de causa eficiente, verte-se como ativo.

910. Conforme o sentido, em vez de *-bae*, pode vir *sara*, ou *pora*, *bora*, *sûara*, *sûera*:

*a-s-epiak kunhã i membyra kunumî îuká-sar-ûera*: vi a mulher cujo filho matou ou matava meninos

911. Sendo o verbo predicativo, com um substantivo por complemento, a construção é:

*o-manô gûâibî morubixaba i mena-bae*: morreu a velha cuja marido é chefe

Mas sendo adjetivo, o complemento fica logo antes de *-bae*:

*gûyrá s'd' porang-eté-bae, nd' i nheeng-i*: os pássaros cuja plumagem é muito bonita, não sabem cantar

912. Quando o complemento é um particípio, em geral se omite *-bae*:

*kunhã i mena ïuká-pyr-am-bûera o-îabab*: fugiu a mulher cujo marido devia ser morto; *mamó-pe gûá kunhã-taí i ïybá ïagûara r-e-mbi-ú-pûera s-eiar-i?* ou *mamó-pe gûá kunhã-taí i ïybá ïagûara r-e-mbi-ú-pûera s-eiar-i?*: onde deixaram a menina cujo braço foi devorado pela onça?

913. Com os verbos intransitivos, encontra-se a construção:

*i memby'-kambu-bae* (*nd' o-î-aby-î Tupã nheenga, o-îe-kuakub-eym-a*) (Ar. 117) : aquelas cujos filhos estão mamando (não desobedecem à lei de Deus, não jejuando); *kunhã i men-eô-bae-pûera o-men-dar t-ykeyra r-esé-ne*: a mulher cujo marido morreu, deve-se casar com o irmão mais velho dêle

### Objeto direto

914. (*T-e-)mi-*, com o objeto direto incorporado ao verbo:

*o-manó ïagûara oré r-e-mi-îybá-ybõ-bûera*: morreu a onça cujo braço flechamos; *a-s-epiak tukana nde r-ybyra r-e-mi-ayr-ar-ûera*: vi o tucano cujos filhotes teu irmão apanhou

Aparecem também construções como esta:

*o-manó ïagûara i ïybá oré r-e-mi-î-ybõ-bûera* ou *r-e-mi-î-ybõ-bae-pûera*

### Complemento relativo ou circunstancial

915. *Saba*, precedido do sujeito com possessivo ou genitivo:

*Pindobusu o-î-kuá'-meeng ixé-be gûaîbî i membyra o mendá'-sag-úera*: Pindobuçu mostrou-me a velha com cuja filha se casou; *abá, o oka gûatá-sara r-e-iké-ag-ûera, "Ere-îur-pe?" e-í i xupé-ne*: o índio em cuja casa entrar um viandante, dir-lhe-á “Vieste?”

916. *Observação*: Como se vê, nas frases de "que", "cujo", etc., há casos do possessivo *i* em lugar de *o*, referindo-se embora ao sujeito da oração principal. Ainda que anormal (n. 61), tal sintaxe se explica por certa independência (*se* não gramatical, pelo menos de sentido) dêsse gênero de frases.

### EXERCÍCIOS

917.

*kurupysayba*: árvore (espécie)*mbo-ar*: apanhar*amyniū*: algodão*iuguá*: visgo (para caçar passarinhos)*poó*: colhêr (obj.: a fôlha ou a árvore)*aé (-n')* *ipó...* *-reme*: se por acaso

918. *O-manó ybyrá s-oba nde r-e-mi-poó-púera*. — *Nda s-asy-i-pe nde pó nde ybá poó-sag-ûera?* — *Nd' ere-ityk-i xó-é-pe kurupysayba i iuguá nde gûyrá mbo-d'-sag-ûera-ne?* *Nd' a-ityk-i, i kutuk-a nhó-te.* — *Mbaé gûyrá-pe nde r-e-mi-mbo-ar-ûera?* — *Abá, o oka gûatá-sara r-e-iké-ag-ûera, "Ere-iur-pe?"* — *e-i i xupé-ne.* *Gûatá-sara "Pá. A-iur"* — *abá s-oka o e-iké-ag-ûera supé e-i abé-ne.* — *Marã-pe aipó kaá s-aynha abá r-e-mi-apó mi-ngaú-ramo r-era?* *Amyniū.* — *E-s-enôi gûaibí t-aiyra s-e-mi-îuká-púera;* *aé ipó s-ekó-eym-e* (VLB 214), *e-s-enôi t-ayra.* — *Kunhã i men-eõ-bae kybyra o-mendar i membyra r-esé-ne.* — *"Kunhã, i memby' îuká-pyr-ûera, o-iaseó nhó-te o-in-a"* (REST. 188 ad.) — *Mbaé kunhã-muku nde mendá'-sag-ûama?*

919.

ferrão; dente de cobra: *popiaba*envenenar: *mo-popiab*filhote: *ayra* (*t*) (n. 43)pear: *mo-puku-sam*, *puku-sâ-*  
*-mo-in*andorinha: *taperá*soltar; desatar: *samb-ok*cocar: *akangitara*apanhar (com a mão): *ar* (n. 891)mundo: *ara*

920. As almas vêm aquilo que nós vemos? Que é o que nós vemos? Nós vemos tudo aquilo que tem corpo. O que não tem corpo não vemos. — Quem é que fêz os nossos olhos, com os quais nós vemos o mundo? — Morreu o guará, de cujas penas fiz o cocar com que me viste. — Mostra-me a [tua] perna [em] que a cobra te envenenou. — Soltaste o passarinho cujos filhotes apanhastes? (Foi) aquela andorinha cujas penas te mostrei. — Em quem bateste? — O prisioneiro, com o qual vieste do combate, é que foi morto.

## A GUERRA

921.

- amarrar: *apy-tî*  
 dar combate a: *pó-kok* [*esé*]  
 cercar: *aman*  
 cercar, sitiар: *pîar* (*io*)  
 dividir-se em bandos: *îe-peá-peá*  
 encurralar: *mo-iar*  
 esperar no caminho: *apé-arô* (*s*)  
 fazer fortificações: *ybyrá-mo-nhang*  
 guerrear: *ikó marana rí*  
 fazer destruição (de g.): *poro-mo-mbab*  
 mandar recado que se juntem  
     (para guerra): *amanaié* [*supé*]  
 matar muita gente: *por-apiti*  
 pegar: *ie-potar*  
 tomar cativo: *pysyk*  
 queimar: *mo-ndyk*  
 quebrar a cabeça a: *akan'-gá* (*nh*)  
 pelas costas: *kupé koty, ku-pé-bo*
- recuar (resistindo): *syry'-syryk*  
 id. (em fuga): *syî*  
 resistir (na defensiva): *nhe-ran* [*supé*]  
 id. (na ofensiva): *nhe-ran* [*esé*]  
 simular fuga: *ro-nhan*, tr.  
 tomar a dianteira: *enondé-ar* (*s*)  
 id.: *okesym* (*s*)  
 render-se: *aûié* (*xe*) [*supé*]  
 vencer: *mo-aûié, ityk*  
 atacar pela retaguarda: *kupé-ab*  
 batalha, combate: *mará-mo-nhangá, îo-gûe-r-ekó*  
 cerca (dos sitiantes): *ka-ysá*  
 estacada (defesa): *ybyrá*  
 id. (a de fora): *ybyrá pó-kanga*  
 id. (a de dentro): *ybyrá patagûi*  
 flecha incendiária: *atá-uuba* (*t*)  
 lugar do assalto: *muamb-aba*  
 terreiro: *okar-usu*

922. **Ityk** só se diz de grandes vitórias.

923. De manhã avistamos os inimigos. [Mas] antes que chegássemos à sua taba, chamada (n. 881) Itacuatiara, êles (se) fizeram fortificações, escondendo-se detrás das estacadas. Nós cercamos a taba com uma cerca de ramos. Eles mandaram recado a seus parentes residentes em Guacarioca para que se juntassem contra (*rí*) nós. Vieram e quiseram atacar-nos (*biã*), mas nós nos dividimos em bandos, armando-lhes uma cilada: enquanto alguns de nós simulavam fugi-los, outros (de nós), que os esperavam no caminho, os atacaram pelas costas. [Êles] quiseram recuar (*biã*), nós os encurralamos. Não nos resistiram [e] se renderam. Nós os vencemos.

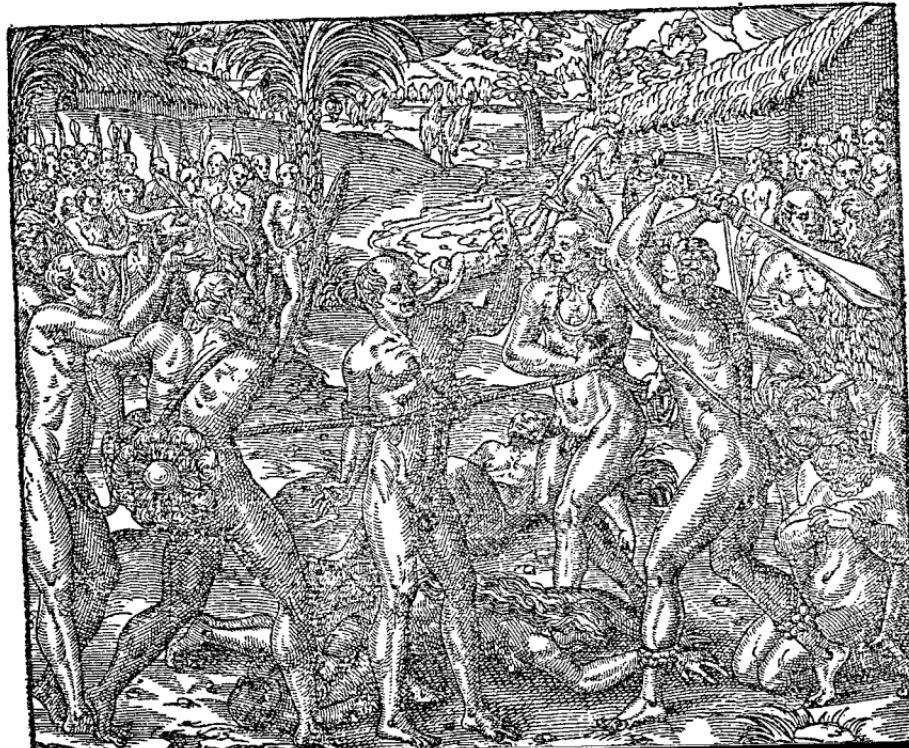
Voltamos então para ajudar os outros a atacar a taba.

Os inimigos esconderam-se dentro de suas casas. Quisemos queimar uns galhos de árvores (*biã*) para que (n. 458) a fumaça os obrigaesse a sair, [mas] estando verde a lenha, o fogo não pegou. Então atiramos flechas incendiárias contra as (suas) casas. O fogo pegou, queimando tudo. Os inimigos saíram para o terreiro. Nós tornamos a dar-lhes combate. [Eles] quiseram fugir (*biã*), [mas] nós lhes tomamos a dianteira.

Então fizemos [uma] destruição, matando muita gente, e quebrando-lhes a cabeça com o tacape. Os outros, que não matamos, nós os tomamos cativos, amarramo-los e trouxemo-los para a nossa taba, depois de termos quebrado a cabeça a todos os cadáveres que deixamos no lugar do assalto.

#### BIBLIOGRAFIA

RESTIVO 187-191; CAETANO 88; ADAM 37-38. — V. Biliografia das Lições 40.<sup>a</sup> a 46.<sup>a</sup>



## REDUPLICAÇÃO

924. As sílabas tônica e pré-tônica de uma palavra, repetidas, dão a idéia de *plural* (se a palavra é substantivo ou pronome), de *superlativo* (se é adjetivo ou advérbio) ou de *continuidade* ou *duração* (se é verbo):

*abá abá*: multidão de homens

*nhandu-etá-etá*: muitas emas, muitíssimas emas

*mbegué mbegué*: muito devagar, devagarinho

*o-puká-puká*: riu-se muito, demoradamente, ficou rindo

Cpr.:

*a-s-obá-petek*: esbofeteei-o

*a-s-obá-peté'-petek*: estive-o esbofeteando

*a-î-nupã*: bati-lhe

*a-î-nupã-nupã*: estive-lhe batendo, demorei-me batendo-lhe

A língua popular traduz literalmente, e melhor:

*abá-abá*: homens, homens; *nhandu-etá-etá*: muitas, muitas emas; *o-puká-puká*: riu, riu; *a-î-nupã-nupã*: bati, bati nêle

Quase sempre os verbos assim reduplicados se podem traduzir por uma locução composta de “ficar”, “ir” ou “andar” + participio presente: *o-nheẽ-nheeng* “ficou falando”.

925. Se a palavra termina em ditongo ou tritongo, perde no primeiro elemento as vogais átonas; se termina em sílaba átona, perde tôda a sílaba (e repetem-se a penúltima e a antepenúltima); se termina em consoante, costuma também perder a consoante:

*ybyty'-bytyra*: serranias, outeiros

*o-sapuká'-pukai*: grita continuamente

*o-sapuká'-pukai-a*: gritando continuamente

*o-papá'-papar*: estiveram contando

Se o verbo é monossilábico, repete-se também a última sílaba do pronome que o precede:

*xe pô' xe poi*: ficaram-me dando de comer demoradamente

*ere-só re-só*: ficas indo, demoras-te indo

Não se repetem as outras partículas (futuro, gerúndio, etc.):

*oré-îu' ré-iur-eme*: quando ficarmos vindo

*nhandé mĩ' ndé mim-ne*: ir-nos-ão escondendo

926. Às vezes repete-se apenas a última sílaba não átona do verbo. E' o que se chama reduplicação *monossilábica*, em oposição à anterior, que é *dissilábica*. Exprime-se então a ação muito reiterada, uma atrás da outra. Cpr.:

*oro-sê' ro-sem*: ficamos saindo

*oro-sê-sem*: saímos sucessivamente, um após outro

*a-iuru-py'-ru-pyk pitanga*: tapei a boca da criança (para não chorar)

*a-iuru-py'-pyk mará-á'-bora*: tapei a boca do doente (dando-lhe comida)

“Tapar a boca à criança” supõe certa continuidade ou duração (enquanto a criança tenta chorar). Ao passo que “dar de comer ao doente” implica repetição ou divisão (bocado a bocado).

927. Não se repetem os metaplasmos da primeira sílaba, provenientes de sua posição:

*mo-ndyk* (comp. de *mo+syk*): fazer chegar

*mo-ndy'-syk*: fazer chegar uns após outros

*mo-ndok* (comp. de *mo+sok*): cortar

*mo-ndó'-sok*: retalhar

928. Há tendência para a desnasalação do primeiro elemento, quando apocopado:

*sa-sãî* (em vez de *sã-sãî*), *su-sung* (em vez de *sû-sung*), *pi-pin* (em vez de *pî-pin*)

929. Embora nem sempre a distinção entre os dois casos seja clara, pode-se dizer que, em geral, a iteração das duas sílabas indica a *c o n t i n u i d a d e* ou *d u r a ç ã o* de um ato, ao passo que a reduplicação da sílaba final conota a *m u l t i d ã o* de agentes ou pacientes, ou a *s u b d i v i s ã o* do processo verbal:

*o-sê o-sem*: êles não param de sair, ficam saindo

*o-sê'-sem*: saem muitos; é um contínuo sai-sai

*o-î-nupã-nupã*: estiveram-lhe batendo ou espancando-o

*o-i-nupã-pã*: bateram em muita gente, a torto e a direito; deram muita pancada

*tasyba sê'-sem-eme-bé o kûara suí, sabiá i mo-kô'-kong-i*: à medida que as formigas iam saindo do (seu) formigueiro, o sabiá as foi engolindo

*abá s-aynha o-î-mo-sã'-mo-sãî; s-akypûer-i aíuru i mo-kô'-kong-i*: o índio ia espalhando as sementes; por trás dêle o papagaio as foi engolindo

*sukuriuu o-îuká sûasu, i mo-kô'-mo-kong-a*: a sucuri matou o veado, e o ficou devorando

*sabiá arabé pá-katu mo-kô'-kong-i*: o sabiá engoliu tôdas as baratas (uma a uma)

*koem-e ixé iepeaba mo-ndok-i*: cortei a lenha de manhã

*koema abé ixé iepeaba mo-ndok-i*: desde manhã estou cortando lenha

*e-î-mo-ndó'-sok iepeaba!*: retalha a lenha!

Usando da nomenclatura moderna: a reduplicação da sílaba final exprime o aspecto *iterativo*, e a reduplicação das duas últimas sílabas exprime o aspecto *durativo* da ação verbal.

930. Tanto a reduplicação monossilábica como a dissilábica, no verbo, dão o sentido de processos que não se efetua(m) em um só momento ou lugar.

Mas a reduplicação dissilábica implica ação ou ações *prolongadas(s)*, ao passo que a monossilábica diz respeito a ação ou ações *inextensa(s)* ou *discreta(s)*, no tempo ou no espaço.

Durativo e iterativo são ambas formas *imperfectivas*: denotam ações ou estados em via de se perfazerem ou realizarem. O que explica também certa função *depreciativa*. São inúmeras as abonações de formas reduplicadas para designar ações fracassadas ou erradas (mesmo moralmente):

*meẽ'-meena*: entregar, por êrro, uma cousa a quem não é o dono (VLB 315); *r-ekó-r-ekó*: dizer e desdizer (VLB 193); *mo-mbeú-mbeú*: tornar público o que é secreto (VLB 357); etc.

Outras vezes as formas reduplicadas ostentam um caráter *intensivo* ou *superlativo*.

Nenhuma contradição com a função anterior. A linguagem tem desses contra-senso (o nosso diminutivo tanto significa *pequenez*, como *carinho* e *desprezo*).

Em oposição às formas *imperfectivas* (durativo e iterativo), há a forma *perfectiva* — o verbo não reduplicado — que denota um processo ou estado não extenso nem subdividido, nem em vias de realização, mas visto como um todo completo ou perfeito, seja no passado, no presente ou no futuro.

Observe-se que tanto a forma *perfectiva* como as *imperfectivas* são de per si indiferentes à noção de tempo relativo (n. 113). As partículas temporais se lhes agregam acidentalmente. O tempo, em lídimo tupi, é categoria mais nominal do que verbal.

931. Pode-se dar uma combinação *iterativo-durativo*:

*sok*: intr. quebrar-se

*só'-sok*: iterat. quebrar-se em vários pedaços, espedaçar-se

*mo-ndok*: tr. quebrar

*mo-ndo-sok*: iter. quebrar em vários pedaços, espedaçar  
*mo-ndó'-mo-ndok*: dur. ficar quebrando

*mo-ndo-só-ndo-sok*: iter.-dur. ficar quebrando em vários pedaços

932. Note-se que, não havendo nas línguas neolatinas processo regular para exprimir os *aspecios*, muitas vezes a tradução não leva em conta êsses matizes do tupi:

*Kó ara pupé pe-puká-puká*

*Aé-reme pe-r-asé-r-asem* (*Crest.* 147 corrig. e ad.):

“Neste mundo rideis (lit. ficais rindo)

“Então (no outro mundo) chorareis (lit. ficareis chorando)”

Por isso mesmo, na versão para o tupi, é mister não esquecer a reduplicação, toda vez que a ação fôr *contínua* ou *repetida*, ainda mesmo que em português êsses aspectos não sejam gramaticalmente expressos.

933. 1. O adjetivo ou verbo predicativo segue os verbos, no que se refere à reduplicação. Prevalece a função intensiva, superlativa ou plural não já da ação mas do *estado*:

*pinima*: pintado; *piní-pinima*: todo pintado, muito pintado, cheio de pintas; *xe paí*: estou carregado; *xe pá' xe paí*: estou sobre-carregado; *mirí*: miúdo; *mirí-mirí* (*VLB* 297): muitas cousas miúdas

2. O nome verbal segue o verbo. O adjetivo nominal acompanha a natureza dos substantivos. Nestes, a reduplicação conota sempre certa multiplicidade ou mesmo pluralidade.

A monossilábica dá idéia de distribuição ou multiplicação; a dissilábica, de extensão ou difusão (no espaço ou no tempo). A monossilábica serve a uma modalidade de coletivo ou plural discreto, i. é, a uma multidão de séries subdivididos, que conservam entre si alguma relação de unidade — como as estrélas de uma constelação ou as pintas de um animal. Já a reduplicação dissilábica serve melhor para exprimir o coletivo ou plural de cousas extensas ou *contínuas* — como as listas na pele de um animal, as fibras de uma madeira, etc.:

*mytá*: estrado; *mytá-mytá*: escada (conjunto de várias estrados ou degraus); *mutuka*: mutuca; *mutu-mutuka*: broca, pua

Vê-se, pois, que nem sempre a reduplicação no substantivo corresponde ao nosso plural.

3. Há casos de reduplicação mono-dissilábica com nomes; cpr.

*tinga*: branco, brancura

*ti-tinga*: mancha branca; impigem

*titī-titinga*: muitas ou várias manchas ou impigens

*Ti-tinga* já implica certa pluralidade (a dos inúmeros pontinhos que formam uma mancha). *Titī-titinga* acrescenta o conceito de pluralidade ou multiplicidade das manchas difundidas ou estendidas pelo corpo.

4. A reduplicação dissilábica dos numerais forma os distributivos, ou melhor, o plural dos números:

*mokōî*: dois; *mokō'-mokōî*: dois a dois, i. é, vários grupos de dois

5. Algo semelhante se dá com os recíprocos. Já incluindo êles a noção de pelo menos dois sêres (*um* ao *outro*, etc.), a reduplicação vem acrescentar a idéia de plural, de “vários” *um* ao *outro*, etc.

E como o prefixo *io* não supõe necessariamente reciprocidade (n. 629), a reduplicação de elemento a que se afixe *io-* pode significar uma série (ou *plural*) de sêres ligados, seja recíproca seja consecutivamente:

recíproca:      1 → 2    3 → 4    5 → 6    7 → 8    9 → 10

consecutiva:    1 → 2 → 3 → 4 → 5 → 6 → 7 → 8 → 9 → 10

Nas partículas (advérbios, preposições, etc.) prevalece a reduplicação dissilábica. A função não difere muito das dos verbos e nomes: além do conceito de repetição-distribuição (redpl. de 1 sílaba), continuação, duração ou extensão (redpl. 2 sílabas), tendência para o superlativo ou intensivo e para o depreciativo ou pejorativo:

*o-io-akypûer-i*: um atrás do outro (2)

*o-io-akypûé'-kypûer-i* (VLB 257): uns atrás dos outros (mais de 2, p. ex. em fila)

*o-io-ybyr-i a-î-mo-in* (VLB 352): prendo-os (2) um junto ao outro

*o-io-yby'-ybyr-i a-î-mo-in* (*id., ib.*): prendo-os (mais de 2) um junto ao outro (p. ex., em corrente)

*o-îo-upé* (VLB 257): um ao outro

*o-îo-upé-upé* (*id.*, *ib.*): um ao outro, e o outro ao outro, etc.

*a-mo-îo-akypûer xe nheenga* (*id.*, *ib.*): repeti minhas palavras  
(1 vez)

*a-mo-îo-akypûé-kypûer xe nheenga* (*id.*, *ib.*): repeti minhas  
palavras (mais de 1 vez)

6. Há casos de reduplicação de sufixos, como *-bae*, *sara*, *saba*, *püera*, etc.

7. Nos seguintes pronomes e interrogativos, a reduplicação exprime o plural:

*amó amó*: alguns

*abá abá-pe?*: quais as pessoas?

*mbaé mbaé-pe?*: quais as cousas?

*marã marã-pe?*: quais as cousas?

*mbaé mbaé-remé-pe?*: em que ocasiões?

*mbaé mbaé-p' iã t-eõ sui nhe-ang-û-aba?* (AR. 158): quais (as  
cousas que são) os motivos de se recear a morte?

934. Obs.: Certos verbos, primitivamente iterativos, perderam a forma simples. São vocábulos que indicam ações extensas, não porém contínuas e iguais, senão compostas de partes repetidas: *bebé* "voar", *papar* "contar", *pepek* "bater asas, revoar" e "cordear as velas" (VLB 371), *pupur* "fervor", *ryry* "tremer", *tytyk* "palpituar", *ruru* "estar inchado, embebido, prenhe"; etc.

935. Vai certa divergência nos antigos gramáticos quanto à reduplicação monossilábica. ANCHIETA parece supor que o processo é aplicável a quaisquer verbos. MONTOYA e RESTIVO afirmam que só uns poucos verbos (uma meia dúzia) conhecem o processo, que aliás estes autores não distinguem funcionalmente da reduplicação dissilábica.

Curioso que os verbos que servem de exemplos a ANCHIETA, ao VOCABULÁRIO NA LÍNGUA BRASÍLICA, etc. sejam quase os mesmos de MONTOYA e RESTIVO. Tudo indica as seguintes soluções: 1. Em numerosos verbos, não há reduplicação monossilábica, porque o sentido não se presta a iterações: "querer", "dormir", etc. 2. Noutros, iterativos por natureza, como "voar", "contar", etc. (n. 934), extinguiu-se, por inútil, a forma não iterativa. O iterativo já era, pois, um processo decadente na língua. Conservava-se em alguns poucos verbos, cujo sentido mais se prestava.

## EXERCÍCIOS

936.

- paū, nho-paū*: intervalo  
*paū-paū*: às vezes, a intervalos  
*mo-paū, mo-nho-paū*: fazer de vez em quando  
*ro-byk*: tr. chegar-se a  
*îá'-iab*: gretar-se todo  
*py-koē, py-gûaia*: côncavo

- mo-py-koē*: tornar côncavo  
*pekâi*: cutucar (às escondidas)  
*endy-iab (s) (xe)*: luzir  
*endy-iâ'-iab (s) (xe)*: reluzir (estrélas, águas, fogos, etc.)  
*endy (s) endy (s) -iab (xe)*: reluzir (fogo, estréla, etc.)

937. *A-î-mo-paū-paū nhó-te Tupā ok-pe xe r-e-iké* (VLB 266) — “*A-iké paū-paū nhó-te Tupā ok-pe*” (ib.). — “*Nde-be oro-sapuká'-pukai*” (Ar. 2) — “*Kó ara pupé pe-puká-puká; aé-reme pe-r-asé'-r-asem*” (Crest. 147 corrig. e ad.) — *Xe s-ekyî-me, pirá r-endy-r-endy-iab-amô*”. — *Mondá'-sara gûyrapara r-e-ro-by'-ro-byk-eme é, abá amô morubixaba pekâ'-pekâi*. *O-sapuká'-pukai, oré r-enô'-r-enôi-a*. *Oro-sê-sem oré r-oka suí mondá'-sara mo-mo-sem-a*. — *Pe-î-mo-py-koē-koē ikó ybyrá pesé-bûera*. *O-îá'-iá'-pab!...* — *Pe-no-sê-sem u: nhaé suí, aîpó pitanga iuru-py'-pyk-a*. — “*Marâ'-pe asé r-ekô-û kruk-eme o-ker ianondé?* *Marâ' marâ'-p' akó iei xe r-ekô-û?* — *e-í*” (Ar. 112). — “*Abá abá-pe asé r-esé Tupā mo-ngetá-sar-amc s-ekô-û?*” (Ar. 18).

## EXERCÍCIOS

938.

- confessar-se: *nhe-mo-mbeú*  
 frechar dois de uma vez: *mo-ie-kan*  
 atirar (flecha) acertando: *ybô*  
 beliscar: *mo-tyk*  
 repetir (uma vez): *mo-îo-aky-pûer*  
 id. (mais vezes): *mo-îo-aky-pûé'-ky-pûer*

- fazer cócegas em: *pokixyk*, tr.  
 apressadamente: *anhé*  
 apressar: *mo-anhé*  
 soluçar: *ie-kok (xe)*  
 toma!: *kó!*  
 com força: *atâ*  
 se não, do contrário: *aan-eym-*  
 brayateiro: *aþepu*

939. Em que ocasiões a gente se deve (n. 695) confessar? Quais as cousas que a gente contará, confessando-se? A gente não deve ficar

repetindo sempre as mesmas palavras. — Um peixe beliscou o anzol. Não foi só um, mas um cardume que estêve beliscando. Deixe-os ficar beliscando ainda. Eles estão repetindo, uns atrás dos outros. Dois peixes grandes estão beliscando também, com força, o meu anzol. Dêem-me o arco que os frecharei de uma só vez. Toma! És um bravateiro! — Não me estejas fazendo cócegas, do contrário não atirarei. Eu não atiro, porque estou soluçando. Erraste, porque atiraste apressadamente. Tu é que me ficaste apressando.

## 940. SUCESSOS EM CASA DE CAIFÁS

P. ANTÔNIO DE ARAÚJO (1566-1632)

(adaptação ortográfrica)

*Mamó-pe Anás īandé īara r-e-ra-só-ukar-i? — Mor-e-r-ekó-ara<sup>1</sup>*  
*Caifás s-er-bae supé. Marā e-i-pe Judeus i xupé i mo-mbegú-á-bo<sup>2</sup>?*  
*— O-nheena-mo-nhā-mo-nhang<sup>3</sup> tenhé o-e-moem-amo, i īuká-uká'-potá nhé. Marā-pe īandé īara r-ekó-û aé-reme?* — *O-pík o-am-a<sup>4</sup>, i nheeng-obaixuár-cym-a. Marā e-i-pe Caifás i xupé o-porandup-a?*  
*— Tupā-eté r-esé a-porandub endé-bo, e-i, e-î-mo-mbeú katu Tupā R-ayr-amo nde r-ekó, oré-bo, e-i. Marā e-i-pe īandé īara i xupé?*  
*— Nde é aípó er-é, e-i; anhé-té, pe-s-epiak irā Tupā T-uba é-katu-aba koty xe gúapyk-a xe r-en-a-ne, e-i; yby-tinga ar-bo xe r-ur-a abé-ne, e-i. Marā e-i-pe Caifás Judeus-etá supé, īandé īara aípó é-reme?* — *Tupā r-esé tiruá kó nheenga r-e-ityk-i, e-i; pe-s-endu'-n' akó i nheenga poxy, e-i. Marā-eté-i-p'-ipó peē-mo?* e-i. *Marā e-i-pe pe nheenga?* e-i; *o aob-usu mo-ndo-ró'-ndo-rok-a, o marā-motar-amo. Marā e-i-pe Judeus aé-reme?* — *īa-īuká memé aípó ī-ara, e-i; t' o-manó, e-i. Marā īabé-pe marana rí t-ekó-ara<sup>5</sup> s-e-r-ekó-û aé-reme?* — *O-î-xã-mi-syk<sup>6</sup> s-e-ro-an-a i aí-ai-a'*, *s-obá r-esé o-nhe-no-mñ-no-mun-a, aoba ibí<sup>7</sup> pupé s-obá uban-a, s-obá peté'-petek-a, i aypy atyká-tyká-bo<sup>9</sup>, "e-î-kuá r-aú<sup>10</sup> nde rí o-pó-ar-bae", o-î-á-bo i xupé.*

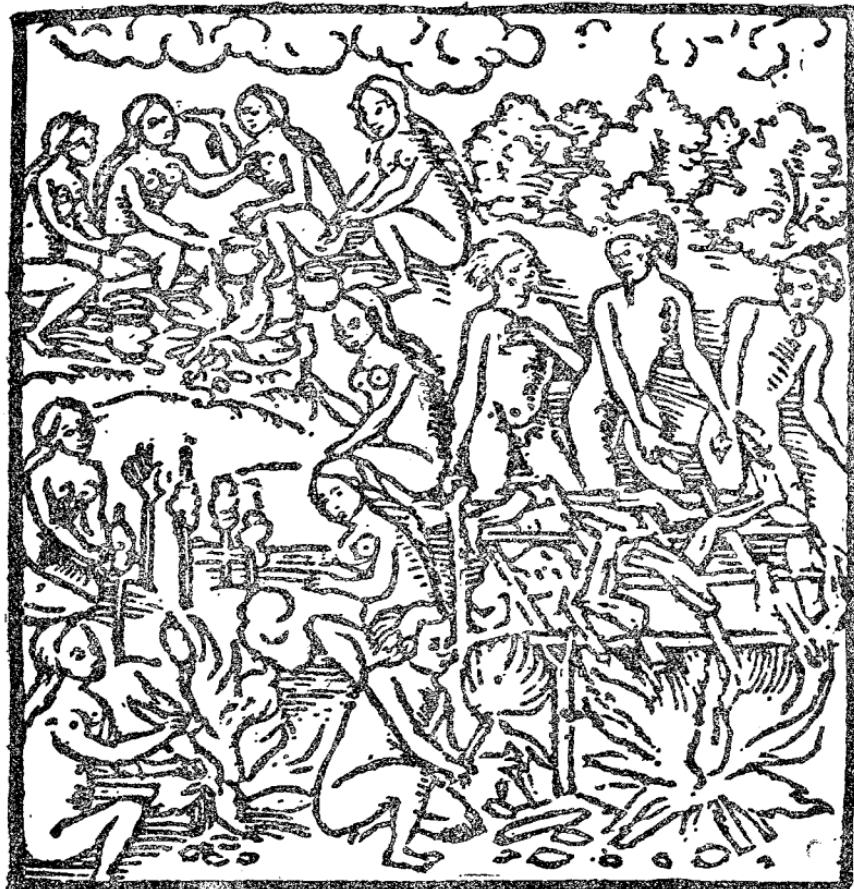
Catecismo (ed. 1898), pp. 78-79.

1 — chefe, príncipe. 2 — para acusá-lo. 3 — ficam discursando. 4 — estêve calado. 5 — guerreiros, † soldados. 6 — amarraram-no. De *sam-bisyk*, aliás, mais correto *sam-bysyk* (de *sama* “corda” e *pysyk* “apanhar”).

7 — ficando a escarneçê-lo. De *iaî* (*io*), durat. Mais correto seria *i id'* *i iaî-a*. 8 — *aoba ybî* (melhor que *ibî*): véu. 9 — a esmurrar-lhe o cacho da pescoço. 10 — ptc. que denota desprezo ou enfado.

## BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 52v-53v; VLB 208; 220; 280-281; 300; 401; 406; 412; 413; — 86; 151; 249; 257; 262; 352; 361; 410; passim; MONTOYA 51-52; RESTIVO 72-74; L. BARBOSA 168-169; 171; DALL'IGNA, *A Reduplicação*; ID., *Análise* 69-70.



O corpo do prisioneiro é moqueado (STADEN)

## CONDICIONAL

941. Forma-se do indicativo, acrescentando-lhe *-mo*. Na forma negativa, intercala-se *xó-é* ou *xó* (n. 186). A partícula interrogativa *-pe* antepõe-se a *-mo*:

*a-i-pysyk-mo*: eu o apanharia; *nd' iandé maenduar-i xó-é-mo*: não nos lembraríamos; *nd' oro-pysyk-i xó-pe-mo?*: não te apanharíamos?

O sufixo pode ser reduplicado:

*a-iuká-mo-mo* ou *a-iuká-mo*

942. Havendo na frase algum advérbio, deve-se repetir depois dêle o sufixo *-mo*. Mas pode-se também omitir o que estiver por último:

*eu iria hoje: a-só-mo kori-mo* ou *a-só-mo kori*; *kori-mo a-só-mo* ou *kori-mo a-só*

943. As partículas estreitamente unidas ao verbo colo-  
cam-se antes de *-mo*:

*nda emonan-i xó-é-te-pe-mo?*: não seria, pois, assim?

Mas vêem-se exemplos como:

*marã-mo-te-pe raú?* ou *marã-mo-te-pe?*: como pois havia de ser?

944. O próprio infinito, acompanhado de *-reme* (n. 679) ou *riré* (n. 684), pode receber o sufixo *-mo*.

Ao infinito regido pela conjunção *-remo*, o sufixo *-mo* dá o sentido do nosso subjuntivo imperfeito ou futuro (“matasse” ou “matar”).

945. Os pronomes objetivos são os mesmos do infinito (n. 336). É de largo uso a conjugação subordinada (n. 554):

*xe s-epiak-eme-mo, a-îuká-mo*: se eu o visse (*fut.*), matá-lo-ia; ou: se eu o visse (*pass.*), tê-lo-ia matado; *i kuab-eme-mo, s-eõ-û-mo*: se êle o soubesse, morreria; *nde só-remo-mo, s-eõ-eym-i-mo*: se fôsses, êle não morreria; *nde só-eym-e-mo, s-eõ-û-mo*: se não tivesses ido, êle teria morrido; *emonã-neme-mo*: se fôsse assim; *emonã-eym-e-mo*: se não fôsse assim

946. *Riré-mo* corresponde a “se tivesse”; negat.: *cym-iré-mo* “se não tivesse”:

*nde kiriri riré-mo, nde r-epiak-eym-i xó-mo*: se te tivesses calado, êle não te teria visto; *nde puká-eym-iré-mo, nd' oro-endub-i xó-é-mo*: se não tivesses rido, êle não te teria ouvido

947. Para exprimir o passado, tem freqüente emprêgo a partícula *beé* ou *meé*:

*nde xe r-enõi-eme-mo, oro-endu' beé-mo*: se me tivesses chamado, eu te teria ouvido; *nde só-remo-mo, nd' a-pytá-i xó-é beé-mo*: se tivesses ido, eu não teria ficado; *xe ie-byr-eym-e-mo, i pytá beé eym-i-mo*: se eu não voltasse, êle não teria ficado

*Beé-mo* ou *meé-mo* ocorrem particularmente nas respostas indiretas:

*nde r-oka ar-pe uuba ar-i*: caiu uma flecha em cima de tua casa  
*nd' a-s-epiak-i xó-é meé-mo?*: não a teria visto (se tivesse caído)?  
*a-îuká gûá nde r-ykeyra*: mataram a teu irmão

*i marangatú meé-mo*: tivesse êle sido bom (e não o matariam)

*Beé-mo* ou *meé-mo* fica sempre depois do primeiro elemento da frase, e não admite outro *-mo* no período:

*o-pytá meé-mo iké ou iké meé-mo i pytá-û*: êle teria ficado aqui.

Às vezes junta-se a *mbaé*, sem diferença de sentido:

*mbaé meé-mo a-só*: eu teria ido; *mbaé meé-mo iké i pytá-û*: ele teria ficado aqui

948. Com o mesmo sentido, em lugar ou antes de *beé*, pode-se empregar o advérbio *umã* ou *ymã*:

*nde só-reme-mo, a-îe-byr umã-mo* ou *a-îe-byr umã beé-mo*: quando fôsses, já eu teria voltado

949. O condicional, acompanhado de *-ne*, implica a idéia de obrigação:

*ere-só-mo-ne kori(-mo)* ou *kori-mo-ne ere-só(-mo)*: deverias ir hoje

Neste caso, aparece com freqüência a partícula de realce *-te*:

*ere-só-te-mo-ne kori*: tu é que deverias ir hoje; *kori-te-mo-ne ere-só*: hoje é que deverias ir; *ahé ranhé-te-mo-n' o-só-mo* (VLB 327): ele é que deveria ter ido primeiro

950. Assim também *beé* (ou *meé*), seguido de *-mo* ou *-te-mo*, pode equivaler a “deveria ter”:

*i xupé beé-te-mo aipó er-é*: a ele é que o deverias ter dito

951. Às vezes tem valor de argumento:

*nda xe r-ausub-i, xe poi beé-mo*: não me ama, (pois) deveria ter-me dado de comer (i. é, do contrário, ter-me-ia dado de comer); *nda xe r-ayra ruã endé, nd' ere-iaseó-î xó-é beé-mo*: não és meu filho, (pois) não deverias ter chorado (i. é, se o fôsses, não chorarias); *nd' -a-gúasem angá-î ã marã biri ikó abá r-ekó-púera amó supé, e-í*; *Herodes meé-mo ikó o-î-meeng t-eõ supé, i angaiaba kuap-a, e-í* (AR. 84): eis que não encontro sequer a menor falta na vida passada deste homem — disse; (do contrário) Herodes, conhecendo os crimes dêle, o teria condenado à morte — disse

952. Havendo dois verbos no condicional, um subordinado ao outro, pode-se omitir um dos sufixos *-mo*:

*xe ió-upé nde i é-reme-mo, oro-pytybō(-mo)* ou *xe ió-upé nde i é-reme(-mo), oro-pytybō*: se me dissesse, eu te ajudaria

953. Mas *beé* exige sempre *-mo*:

*xe ió-upé nde i é-reme, oro-pytybō meé-mo* ou *xe ió-upé nde i é-reme-mo, oro-pytybō*: se me dissesse, eu te teria ajudado

954. É de muito uso no condicional, sobretudo no passado, a partícula afirmativa *raé* (n. 1043):

*mbaé meé-mo xe r-enõi raé*: devias ter-me chamado; *nde maenduar umã beé-mo raé*: já devias ter-te lembrado; *nd' a-i-kuab-i, aé beé-mo raé*: não o sei, (pois do contrário) tê-lo-ia dito; *nde só-reme-mo, nd' ere-s-epiak-i xó-é meé-mo raé*: se fôsses, não os terias visto

955. A partícula *-mo* aparece também modificando o gerúndio, quando a oração principal está no condicional:

*nd' o-i-porará-i xó-é-pe-mo asé t-eō, kó-ipó mbaé amó ikó ara pupé o-ikó-bo-mo? N' aan-i xó-é-mo* (AR. 51): não sofreria a gente a morte, ou outras cousas, (estando) neste mundo? Não; *a-manó, kó-ipó xe mará-ar-mo, i ú-eym-a-mo* (AR. 118): eu morreria, ou adoeceria, não a comendo [carne]; *o-tí nhé-mo anhé, o tekó-kuab-amó é-mo* (AR. 22): deviam envergonhar-se certamente, se é que entendessem

## 956. EXORTAÇÃO ANTES DA ABSOLVIÇÃO

P. ANTÔNIO DE ARAÚJO (1566-1632)

(adaptação ortográfica)

*Ere-i-kuú' katu ipó nde angaipaba, Tupã suí nde sykyié-eym-a, nde i mo-abá-eté-eym-a<sup>1</sup>, anhangá r-atá suí nde nhe-ang-ú-eym-a. Tupã r-esá-pe katu nde angaipaba r-ekó-û. Emonã té-katu-eté-pe nde nhe-mo-mbeú iabiõ, abaré<sup>2</sup> supé "Tupã nheenga r-upi katu a-ikó ang-iré-ne" nde é-ag-ûera nd' ere-i-mo-por-i? Erimbaé-pe aipó nde i-aba*

*ere-î-mopô'-ne? Nd' ere-î-kuab-i-pe Tupã iandé r-ub-yþy oïepé nhó<sup>3</sup> s-ekó-aba suí i mo-sem-ag-ûera, s-esé iandé r-esé bé t-eõ, opá-katu ikó ara pupé iandé r-e-mi-mborará-tyba abé s-e-ityk-ag-ûera?*

*Oïepé nhó ngatu erimbaé karaí-bebê<sup>4</sup> Tupã nheenga aby-û biâ<sup>5</sup>, s-esé nhó Tupã i mo-ingó-û anhang'-amo t-atá-pe s-e-ityk-a. Nd' ere-sykyié-î ipô<sup>6</sup> Tupã suí: e-sykyî-á-bo-mo<sup>7</sup>, ere-ikó katu-mo, i nheenga ere-s-apîá'-katu-mo. Anhangá suí é ere-sykyié; nd' er-é-î teé<sup>8</sup> i nheenga ere-s-apîá-bo; s-e-mi-motara r-upi ere-ikó s-atá-pe nde só ianondé. Iang nde angaipaba kuap-a, a-nh-andub anhangá r-atá-pe nde só potar-a. Na nde angaipab-i xó-é-mo, ybak-pe e-só-potá-mo: na s-aub-i<sup>9</sup> nde r-ekó poxy nde r-ekó-reme, nde r-esé Tupã i'-epyk-eym-e<sup>10</sup>; aipó kuap-a-mo, ere-î-mo-ram-bûé<sup>11</sup>; Tupã nheenga aby ram-bûera-mo, nd' ere-irumô'-rumô-î xó-é-mo nde angaipaba-mo, nde nhe-ang-û-aba bé irumô-mo. Nd' a-î-kuab-i xe angaipaba xe nhe-mo-mbegû-á'-pe xe r-e-mi-mo-mbeú-pûera r-esé ixé-bo Tupã nhyrô-ag-ûera, e-î-á-bo-mo, nd' ere-ro-îe-byr-i xó-é-mo. Oïepé nhó Tupã nheeng-aby roiré abiâ<sup>12</sup> abá o-nhe-ang-û-eté, s-e-ro-îe-byr-eym-a, memé-t'-ipó o angaipaba irumô-sara o-nhe-ang-û-eté-û-mo.*

*Catecismo* (ed. 1898), pp. 247-248

1 — de *mo-abá-eté* “honrar”. 2 — † padre. 3 — uma só vez. 4 — os anjos. 5 — n. 306. 6 — certamente. 7 — se o temesses. Ger. seguido de -mo (n. 955). No original vem *ecykyábomo*, ao que parece, êrro. 8 — por isso mesmo (n. 463). 9 — não sem razão. 10 — Devia ser *i'-epyk-eym-i*. 11 — impedirias. 12 — se... (quanto mais).

## LOCUÇÕES GERUNDIVAS

957. As locuções compostas de dois participípios presentes traduzem-se levando os dois verbos ao infinito (em ordem inversa à do português), e, no fim, acrescentando *-reme*. Sendo paroxítono, o primeiro verbo perde a última sílaba, ou, se termina em ditongo, a última vogal:

*xe ker xe r-u'-me, xe nupã-û: estando eu dormindo, êle me bateu; nde s-arõ nde r-en-eme, nd' oro-enôi-botar-i: estando tu esperando-o, não te quis chamar; xe mbaé ú xe r-en-eme, xe iá' xe iáí o-ikó-bo: estando eu comendo, êle ficou a me escarnecer*

958. Mas se o sujeito da oração subordinada fôr o mesmo da principal, a locução se poderá traduzir de dois outros modos: 1) com dois gerúndios (mais usado); 2) com o 1.<sup>º</sup> verbo no infinito, regido de *-reme*, e o 2.<sup>º</sup> no gerúndio:

levantei-me, (estando) dormindo: *gûi-ké gûi-t-up-a, xe puam-i* ou  
*xe ker-eme gûi-t-up-a, xe puam-i*  
 cpr. *xe ké' xe r-u'-me, xe puam-i*

## GERÚNDIO EXPLETIVO

959. Por vêzes aparecem locuções verbais em que o gerúndio é mero expletivo, nem sempre traduzível em português. Dá-se isso com o gerúndio dos verbos que significam “estar” (n. 900):

*s-ygé-pe o eté-rama Tupã t-ar-i i puk-eym-e nhé o-á' o-up-a* (ANCH. *Poesias Tupis* 27): no ventre dela Deus tomou o seu (futuro) corpo, (estando) nascendo sem que ela se corrompesse

960. Locuções semelhantes se fazem com os mesmos verbos no gerúndio, quando compostos com os prefixos *ro-* ou *no-*, *mo-* ou *mbo-* (n. 480):

*o-kaí o-up-a aûié-rama-nhé o ekó-bé r-e-r-ekó-bo* (AR. 248): estão ardendo, eternamente vivendo (conservando a sua vida): ardem sempre vivos; *o-py-rung nde akanga r-esé, i mo-mbep-a muru nde r-e-r-ekó-bo* (Nic. apud REST. 151 ad.): pisou tua cabeça, esmagando-a (maldita!); *o é-katu-aba koty o-i-mo-gûapyk i mo-in-a* (REST. 151 ad.): fê-lo assentar (colocando-o) à sua direita

## EXERCÍCIOS

961.

*abaré*: padre

*Tupã*: Deus

*ang-iré*: doravante

*oiepé-í*: um só

962. *I nhyrô nhé-pe-mo ländé lara i xupé*, “*Nde nhyrô ixé-bó*” *o-îo-upé i é-reme-mo?* *I nhyrô nhé-mo* (AR. 81). — *Ere-î-aby-ett* *Tupã nheenga, nde angaipaba kuakup-a, anhangá supé e-nhe-meeng-*

-eté-bo. Té-umé ang-iré emo-nã e-ikó-bo. Abaré Tupã r-ekó-biara supé é asé nhe-mo-mbeú: nd' e-i katu-î oîepé-í tiruã Tupã nheeng-aby-ag-ûera o îo-upé i mo-mbeú-pyr-ûera mo-mbegû-á-bo abá supé: abá o iuká potar-eime tiruã n' o-î-mo-mbeú-î xo-é-mo: o-î-porará-mo t-eô i mo-mbeú pousup-a-mo (Ar. 221 ad.). — Na nde angaipab-i xo-é-mo, ybak-pe e-só-potá'-mo (Ar. 248).

## 963.

estar acomodado: *îu'-katu*, intr. como pois havia de ser?: *marã-te-pe-mo?*, *marã-mo-te-pe?*

964. Estando eu acomodado, êle ficou (n. 932) me chamando. Se êle soubesse que estavas acomodado, não te teria ficado chamando. — Se fôsses tupinambá, não terias chorado. — Por que (n. 573) não comeis carne, depois que nasce um vosso filho? Ficaríamos doentes — dizendo — não a comemos. — O velho guerreiro, estando morrendo, mandou chamar os seus filhos, e lhes disse: eu não vos teria chamado, se não soubesse que vou morrer.

## 965. SUCESSOS EM CASA DE CAIFÁS

P. ANTÔNIO DE ARAÚJO (1566-1632)  
(continuação da p. 327)

*Opab-e-nhê serã erimbaé aé-pe t-ekó-ara îi-aó-û, s-obá peté-petek-a?* — *Opab-ê-nhê, pysaré s-e-r-ekó memûã bé r-e-ro-koema<sup>2</sup>.* *O-iké umã-pe<sup>3</sup> São Pedro Caifás r-ok-pe aé-reme?* — *O-iké umã. Marã-pe s-ekó-û?* — *T-eyi-pe<sup>4</sup> nhê i gûapyk-i, t-atá ipy-pe o-îe-pe-gû-á-bo.* *Marã e-i-pe gûá i xupé,* — Jesus boiá ã ikó, e-i. *Mboby-pe aîpó i é-û i xupé?* — *Mokôî. Marã e-i-pe São Pedro?* — *Nd' a-î-kuab-i aé abá, e-i, Tupã r-esé o-î-á-bo tenhê<sup>5</sup>, o e-moem-amo,* *Tupã r-era r-enôî-a.* *O-î-aby-eté katu serã Tupã nheenga, aîpó o-î-á-bo?* — *O-î-aby-eté katu.* *Nd' o-î-kuab-i-pe aîpó roiré o angai-paba?* — *O-î-kuab, o îo-esé ïandé ïara maë-neme.* *Marã s-ekó<sup>6</sup> r-esé-bé-pe i kuab-i?* — *Gûyrá sapukaïa r-esé bé.* *Marã iabé-pe?* — *Ïandé ïara nheeng-ûera r-esé bé o-maenduar-amo.* *Marã e-i-pe umã ïandé ïara i xupé?* — *Mosapyr ipó<sup>7</sup> xe boiá-ramo nde r-ekó ere-î-kuakub, mokôî gûyrá sapukaï eym-e-bé-ne, e-i.* *Marã-pe São Pedro r-ekó-û, o angai-paba kuab' 'iré?* — *O-sem okar-pe o-iaseó-asý-katû-á-bo<sup>8</sup>.* *Aé-pe Judeus n' o-ikó-tebê-î, Judeus supé o ïara*

*meeng-ag-ûera r-esé?* — *O-ikó-tebê. Marã-pe s-ekó-û t-ekó-tebê sui?* — *O-î-meeng ie-by' s-epy-púera morubixab-etá i ïar-ûera supé.* — “*A-î-aby-eté ikó Tupã nheenga, xe ïara angaturam-eté meeng-a*”, *o-î-á-bo. Marã e-i-pe Judeus i xupé?* — *Nd' oro-ikó-î<sup>9</sup> aipó-bae r-esé, e-i; nde aé ipó emo-nã ere-ikó<sup>9</sup>, e-i; ere-i-kuá' ranhé meé-mo<sup>10</sup> emo-nã nde r-ekó-rama, e-i. Marã-pe Judas r-ekó-û aé-reme?* — *Aipó o îo-upé é abé, o ïara r-epy-púera r-e-ityk-i Tupã r-ok-pe: aûié o-só-bo o-ie-aû'-byk-a, “n' i nhyrô-î xó-é Tupã ixé-bo-ne”, o-î-á-bo. I kuá-pok serã moxy o-î-atimung-a?* — *I kuá-pok. Opá-katu serã s-ygé-apûâ<sup>11</sup> kuâ-amô i kuá soró'-saba r-upi?* — *Opá-katu. Aé-pe i anga, mamó-pe i xó-û?* — *Anhangá r-atá-pe. I nhyrô nhé-pe-mo ïandé ïara i xupé, “Nde nhyrô ixé-bo” o îo-upé i é-reme-mo?* — *I nhyrô nhé-mo.*

Catecismo (ed. 1898), pp. 79-81.

1 — De *aô* “injuriar”. 2 — v. n. 960. 3 — já havia entrado...? 4 — diante de todos, pùblicamente. 5 — jurando falso, por Deus. 6 — por que acontecimento...? 7 — v. n. 1046. 8 — para chorar sentidamente. 9 — v. n. 286. 10 — v. n. 950. 11 — intestinos.

## BIBLIOGRAFIA

**Condicional** — ANCHIETA 18v; 22; 23v-24; 25-25v; 26; FIGUEIRA 18-19; 29-30; 45-46; MONTOYA 14; 22-23; RESTIVO 39-42; 120-121; CAETANO 19; ADAM 57.

**Locuções gerundivas** — ANCHIETA 26v; RESTIVO 87-88.

**Gerúndio expletivo** — RESTIVO 148-151.

## OPTATIVO

966. Forma-se do indicativo, seguido de uma das partículas: *-mo mā*, *-te-mo mā*, *meī mā*, *beī mā*, *meī-mo mā*, *beī-mo mā*. No negativo, intercala-se *xó-é* ou *xó* (n. 186).

*-Mo mā* e *-te-mo mā* servem para todos os tempos: as outras apenas no passado.

967. *Mā* é mais uma interjeição de desejo ou dor: “ah!”. Junta-se amiúde ao vocativo:

*xe r-ayr mā!*, *xe r-ayr-í mā!*: ah meu filho! ah meu filhinho!

É separável, e ocupa o último lugar na frase:

*a-s-epiak-mo xe r-ayra mā!*: oxalá eu veja a meu filho (lit. ah se visse...); *nda xe r-epiak-i xó-é meī-mo xe r-ayra mā!*: oxalá meu filho não me visse!; *i katu meī-mo xe r-ayra mā!*: oxalá meu filho fôsse bom!; *a-só-te-mo kori ahē irū-mo mā!* (VLB 362): quem me dera ir hoje com êle!

Algumas vezes se omite *mā*:

*anhé-te-mo*: oxalá fôsse assim  
*anhé-te-mo-ne*: oxalá seja assim

968. Por sua vez, as partículas *-mo*, *-te-mo*, *meī*, *meī-mo* se pospõem sempre ao primeiro elemento independente da frase:

*ixé meī-mo nd' a-iabab-i xó-é kaá-pe mā!*: oxalá eu não tivesse fugido para o mato!; *koriteī-mo Tingusu o kó sui ie-byr-i mā!*: oxalá Tinguçu volte logo da roça

969. Segundo ANCHIETA, o optativo nunca é empregado com as 2as. pp., mesmo que elas sejam objeto direto. Substituem-se pela 3.<sup>a</sup> p., expresso ou subentendido o nome da 2.<sup>a</sup> p. com que se fala. Assim, falando com Pindobuçu: oxalá eu te ouvisse!: *a-s-endu'-te-mo mā!* ou *a-s-endu'-te-mo Pindobusu mā!* (lit. ah se eu o ouvisse!, ou a Pindoboçu!); oxalá me tivesse visto!: *xe r-epiak mei mā!* ou *xe r-epiak mei Pindobusu mā!* (ah se ele me visse!; se Pindoboçu me visse!)

Mas encontram-se exemplos em contrário nos outros gramáticos e no próprio ANCHIETA.

970. *-Mo mā*, *-te-mo mā*, etc. podem modificar advérbios:

*emonā-te-mo mā!*: oxalá fôsse assim!; *aiê* ou *anhé-te-mo mā!*: oxalá fôsse verdade!; *anhé-te-mo t-ur-i mā!* (VLB 320): assim ele viesse!

971. Muito usado, para exprimir o nosso futuro do optativo, é *marā iasūara-mo* “oxalá”, seguido de verbo, e, facultativamente, de uma das partículas *mā*, *-te-mo mā*, *-mo-ne mā*, *-te-mo*, *-mo*, *-mo-ne*:

*marā iasūara-mo a-só* ou *xe só-û*: oxalá eu vá

Mas pode aparecer também no passado:

*marā iasūara-mo-te-mo abaré re apiramō-nem? re anaiahab-evni-e-bé, xe r-eō mā!* (AR. 249): oxalá eu tivesse morrido antes de pecar, quando o sacerdote me batizou!

972. Com o verbo *oryb* (*s*) (*xe*) “alegrar-se, folgar”, e o superlativo *eté*, a frase que leva a intenção *mā*, fica com o sentido de “Oh quanto folgo!, folgo muito!”:

*xe r-oryb-eté nde r-ur-a r-esé mā*: folgo muito com tua vinda!

Igual sentido tem qualquer verbo seguido de *eté-í* e *mā*:

*o-ur-eté-í xe r-uba mā!* (VLB 314): quanto me alegro com a vinda de meu pai!

973. Sentido oposto traz *'té-katu-nhé'-té... mā* ou *'té-katu-nhé'-té-í... mā!*: *o-manó 'té-katu-nhé'-té xe r-uba mā!*: quanto me pesa a morte de meu pai! *'té-katu-nhé'-té kó ahē mā!*: oh como é enfadonho êste homem!

974. *Mã*, precedido de '*té-í*', exprime espanto:

'*té-í pirá mā!*: oh que peixe! (grande, bravo, etc.), oh quanto peixe!  
'*té-í kó ahē mā!*: oh que homem êste! (enfadonho, ou grande, etc.).

975. A interjeição *tó!* expressa também espanto pelo tamanho de alguma cousa ou pessoa. Mas, explicada, atribui-se a tudo:

*tó! 'té-í kó pirá r-ekó mā!* (VLB 318): oh que quantidade de peixes!

### EXERCÍCIOS

976. *Marā e-i-pe asé o pyá-pe, ybaka r-esé o-maē'-mo-ne?* "Ybak-*pe* é *Tupā xe r-ub-eté r-ekó-û mā!*" *e-i-ne*; "*A-só-te-mo xe r-uba pyr-i, xe r-etam-eté-pe mā!*" *e-i-ne*. *N' asé r-etama ruā-te-pe ikó yby asé r-ekó-aba?* *N' aan-i, ybaka-por-ama r-esé* é *Tupā asé mo-nhang-i*: atar-amo é asé *r-ekó-û ikó yby pupé* (AR. 23). — *Tó! 'té-í aipó gûyrá r-ekó mā!* — *Tó! 'té-í ygara mā!* *Maira ygar-usu-n' iā.* *Na nde r-oryb-eté-i t-ur-a r-esé?* *Xe r-oryb-eté mā!* — *I pore-ausub-í mā!*

977.

navio: *ygar-usu*

estar, ficar saudoso: *karuk-asy*

(*xe*)

só falta: *eyma nhó* (após infinitivo)

regressar (indo): *só (gûi)-ie-by'*

regressar (vindo): *iur (gûi)-ie-by'*

ter saudades de: *epiak-aub (s)*

978. Oh quanto folgo com a chegada dos portuguêses! — Oh quanta gente! — Como são enfadonhos êsses portuguêses! Eles regressarão dentro de pouco às suas terras! Oxalá eu fôsse com êles! Não terias saudades de tua terra. Eu não ficaria saudoso. Oxalá fôsses para lá: então quererias regressar, e não poderias. — Eu irei. Queres ir. Falta só ires. Eis que vou. Finges apenas que vais (*biā*), mas não vais. — Oh que enormidade de canoa! É o navio em que chegarão os portuguêses.

979.

## DANÇA DE DEZ MENINOS

P. JOSÉ DE ANCHIETA S. J. (1534-1597)

(adaptação ortográfica)

1.<sup>o</sup>

Xe r-etama mo-oryp̄-a,  
ere-îu', xe r-ub gûé.  
Xe abé nde r-obaké  
a-îu' gûi-îe-mbo-ry'-mbo-ryp̄-a.

6.<sup>o</sup>

Gûaraparî, s-er' umûana,  
oro-ityk-potá i xui.  
Santa Maria koy'  
i porang, i mo-era-pûan-a.

2.<sup>o</sup>

Kô xe anama r-ur-i pá  
nde r-a-pé-pe nde r-epiak-a.  
Xe abé xe mo-îe-guak-a,  
nde mo-ory' katu potá'.

7.<sup>o</sup>

Tupã sy mor-ausub-ara  
oré anga o-i-pysyrô.  
Nde abé ere-î-pytybô,  
oré anga mbo-é-sara.

3.<sup>o</sup>

Tapyyî' pepyra gû-á-bo,  
xe r-amûna poraseî.  
Xe Tupã r-ekó a-î-useî,  
xe r-uba r-ekó peá-bo.

8.<sup>o</sup>

Pecado amotar-eym-a<sup>5</sup>,  
a-s-ausu' Paí Iesu,  
ta xe pytybô ngatu,  
o pyá pupé xe mim-a.

4.<sup>o</sup>

Xe r-uba xe mo-nhang-ara  
nde r-ausu' xe irû-mo bé.  
Endé-te<sup>1</sup> xe r-ub-eté,  
Paí Iesu r-ekobîara.

9.<sup>o</sup>

E-s-eiyî-ukar-umé  
iké suí xe r-etama,  
t' o-ikó pab-ê xe anama  
Tupana r-ekó r-esé.

5.<sup>o</sup>

Koy' kô taba r-e-r-up̄-a<sup>2</sup>,  
oro-ikó-katu bé-î.  
S-era-pûan<sup>3</sup> Gûaraparî,<sup>4</sup>  
Tupã oka r-e-ro-kup̄-a.

10.<sup>o</sup>

Ior-i, Paí Marasá<sup>6</sup>,  
ikó taba mo-ngatû-á-bo<sup>7</sup>,  
Paí Iesu mo-ngetá-bo<sup>8</sup>,  
i xupé s-ausub-ukâ.

Poesias tupis, pp. 21-23.

1 — mas. 2 — r-ub (de ro+ub) : a) deitar-se com; b) ter ou estar com cousa que jaz ou está deitada. Aqui, no sentido b). 3 — é famosa. 4 — n. pr. de aldeia. 5 — odiando. 6 — Padre Marçal. 7 — abençoar; também: melhorar. 8 — rezar a.

## BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 18; 21; 24-24v; FIGUEIRA 16-17; 27-29; 34; 41-44; MONTOYA 14; 22; RESTIVO 38-39; CAETANO 19; ADAM 57-58.

LIÇÃO 53.<sup>a</sup>

ORAÇÕES SUBORDINADAS

980.

CONCESSIVAS

*iepé, aûié-é, aûié-bé, aûié-bé-é, aûié-bé-te, aûié-bé-ramo(-te), ti-* { “ainda que, embora, pôsto que,  
*ruã-mo* } apesar de (que), mesmo que,  
“ainda quando, por mais que”

V. exs. n. 1050.

981.

FINAIS

“para que, afim de que”

Traduzem-se, conforme o caso, pelo *permissivo*, seguido ou não de *-te* (n. 198); pelo verbo “dizer”, no *gerúndio* (n. 458); pelo particípio *saba* (n. 799). — Quando o sujeito é o mesmo da oração principal: *gerúndio* (n. 393, 425).

982.

CONDICIONAIS

“se, caso, dado que, caso que”: *-me* (n. 679)

983.

“como se”:

*iaramé, iaramé-té, iasúara-mo-n' aé, iasúara-mo-n' aé-mo,*  
*iasúá-mo-n' aé, serã-mo-n' aé, serã-mo-n' aé-mo:*

*i kyreymbab iaramé, "Mbaé membeka" i é-û ixé-be: como se élé fôsse valente, chamou-me mole; o-só ipó-ne reá gûi-i-á-bo-mo-n' aé* (VLB 268 corr.) : como se eu pensasse que élé podia ir

No futuro, acrescente-se *ram* ac verbo: *ram iaramé*; etc.:

*ixé t-obaíara iuká-ram iasúara-mo-n' aé, ybyrá-pema xé-be i meeng-i: como se eu é que tivesse de matar o inimigo, deu-me a mim o tacape*

No negativo: *eym iaramé*, etc., e também: *eym-eté*, *eym-eté-m' aé*:

*xe kyreymbab eym serã-mo-n' aé, ahé xe kurá-kurab-i: como se eu não fôsse valente, élle me fica chamando nomes injuriosos; xe pô-ekyì ybyrá-pema r-esé, ixé t-obaíara iuká-ram eym-eté: arrebatou-me das mãos o tacape, como se eu não tivesse de matar o inimigo; emonan eym-eté-mo: como se não fôsse assim*

984. “não fôsse...; se não fôsse...”

*...iá-by mā!, iaby-no mā!; aé, aé-no, aé ipó-mā, aé ipó-no mā!:*

*o-só é ahé iaby-no mā! (VLB 389): não fôsse fulano ter ido...!*  
*ahé r-ur-a aé ipó-no mā!: não fôsse ter élle vindo...!*

### CAUSAIS

985. “porque, visto que, pois que, já que, uma vez que, desde que, como”:

*-reme* (n. 679) ou *pé* (n. 1012), *esé* (n. 605) ou *-pe* (n. 140).

Estas duas últimas regendo ou não a partícula *saba* (n. 819, 820).

986.

## MODAIS

“como, assim como, qual”, etc.:

*îá, îá-bé, îá-bé-nhé, îá-katu(-nhé), îá-katu'-té-nhé:*  
*ere-s-ausu'-pe nde r-apixara nde îe-ausub-a îa-bé?* (Ar. 244):  
 amas a teu próximo como te amas?

987.

## LOCAIS

“onde”: particípio *saba* (n. 799):

*nd' a-î-kuab-i s-ekó-aba:* não sei onde está

## OBSERVAÇÃO

Em geral, as conjunções subordinativas finais, causais, modais, locais, temporais, podem ser vertidas pela partícula *saba* (n. 799):

*nd' a-î-kuab-i i xó-saba:* não sei para que, por que, como, aonde, quando  
 ele foi

## EXERCÍCIOS

*ÎE-POR-AKÁ'-SABA*

988.

*îe-por-aká'-saba:* caçada

*soó:* caça

*soó aiba:* animal que não se come

*yeẽ:* fojo

*mundé-gûasu:* armadilha para onças

*potâia:* pinguelo (de corda)

*poẽ:* id. (de esteira)

*etymã-kang-upi-ara* (t): id. (de vara)

*nong (nho) ou upir (s):* armar

*gûyapi tenhé:* cair, sem apanhar

*potâi'-mo-in:* armar

*mundé-rung:* intr. fazer armadilha

*mytá, mytá-îura, okaî' (t) yba-*  
*té:* casinha na árvore (para esconder-se)

*boiá:* servo

*ar:* intr. cair (armadilha ou caça)

*kaá mo-mbyrõ:* caçar, cercando, com muita gente

*kaá mo-ndó:* fazer caçada

*kaá-bo ikó ou só:* caçar

*soó r-esé ikó:* caçar

*mo-potâi-iar:* tr. armar, para que não caia

*mo-potâi-gûé:* id., para que caia

*mo-gûyapi:* tr. desarmar

989. Marā-namo-pe pe-î-apó aipó yeē? Oro-î-apó, iagûara xe boiá r-ayra gû-ar-ûera mbo-á-sag-ûama r-esé. O-ar umâ-pe? Nd' e-i ranhé. — Peē mundé-gûasu nong-eme, iagûara ar-i-ne. Oro-nho-nong iepé, o-gûyapi tenhé. Pe-s-upir bê-nhé. Ixé mundé r-ûpi'-r-upir ram iarameté... Emonan-eme é, pe-î-mo-gûyapi bê-nhé.

*Nota:* Com auxílio do vocabulário acima, formar outras frases.



Pesca à flecha e com rête, em barragem (STADEN)

## A PESCA

990.

pesca: *ie-por-aká-saba*  
 barragem: *pari*  
 cardume: *eyña (s)*  
 vara de pescar: *pindá-yba*  
 isca: *potaba*  
 barbasco: *timbó-gûasu, timbó-piriana*  
 entorpecente vegetal: *tingy*  
 covo: *îekeá, îekeí*  
 parati (peixe): *parati*  
 linha de anzol: *pindá sama*  
 arisco: *esá-eté (t)*

pescar, caçar para (outro):  
*por-akar*, tr.  
 id. (para si): *ie-por-akar*  
 pescar com anzol: *pindá-e-ityk, intr.*  
 estar à tôa: *ikó nhó-te*  
 embarbascar (peixe ou rio):  
*tingy-iar*, tr.  
 ficar tonto: *gûaiú*  
 atirar-se a: *nhe-mo-mbor [-pe]*  
 pôr: *mo-in*  
 dar um puxão: *mo-syk*, tr.

991. Vamos pescar! Não quereis também pescar para mim, já que estais à toa? Como se não estivéssemos pescando para nós mesmos... — Atirai a rête ao mar, para apanharmos aquêle cardume de peixes. Nós não a trouxemos. E por que não a trouxestes? Para que to dissemos?!... Como se eu tivesse de [ficar sabendo] (saber)... Como se fôsses apanhar muito peixe... — Dai-me pois a vara e a isca, já que não trouxestes a rête. Eu vou pescar no pari, porque (*-reme*, no fim da frase), por mais que lanço o anzol, os peixes não beliscam. Mesmo que não belisquem, deves de vez em quando dar um puxão na vara: há peixes que não beliscam. Os peixes daqui são muito ariscos. Vamos entontecê-los com entorpecentes, para apanhá-los com a (nossa) mão? — Já cortei o barbasco. Atiremo-nos à água, porque os peixes já estão tontos. — E tu que estás fazendo? Estou pondo covos para (*ger.*) apanhar paratis.

992.

## CANTIGA A NOSSA SENHORA

P. JOSÉ DE ANCHIETA (1534-1597)

(adaptação ortográfica)

1. *Iandé kanhem' 'iré iandé r-ausup-a,*  
*Tupã amó kunhã ngatu mo-nhang-i,*  
*abá sosé pab-ē i mo-morang-i<sup>1</sup>,*  
*t-ekó katu<sup>2</sup> r-esé i mo-î'-ekó-sup-a<sup>3</sup>.*

5. "Xe sy-ramo ngatu<sup>4</sup> t' o-ikó" — o-î-á-bo<sup>5</sup>,  
amó kunkã suí i mo-ingó-é-bo<sup>6</sup>,  
s-ausub-a r-e-r-ekó-bo<sup>7</sup>, i mo-eté-bo,  
i angaturã<sup>8</sup> ngatu mo-eburusû-á-bô<sup>9</sup>.
9. Santa Maria s-era, anhang-upiara,  
Tupã r-endab-eté, Tupã r-âiyra,  
Tupã sy-rama rí i mo-nhang-byra,  
t-eõ r-upiara nhé, t-ekó-bé ïara.
13. S-ygé-pe o eté-raina Tupã t-ar-i.  
I puk-eym-e<sup>10</sup> nhé o-á' o-up-a<sup>11</sup>.  
Îandé pore-ausub-ok-a, îandé sup-a,  
pitang-amó ngatu s-ekó-potar-i.
17. Maria, Tupã sy, moro-ityk-ara<sup>12</sup>,  
anhanga sumarã, i xykysyîé'-ba<sup>13</sup>,  
îandé maran' irû, îandé abaité'-ba<sup>14</sup>,  
t-ekó katu r-esé îandé mo-ingó-ara.
21. T' ïa-s-ausu' pab-ë Santa Maria,  
îandé pyá pupé s-ekó mo-ndep-a.  
T' o-pó-ar anhanga rí, muru<sup>15</sup> mo-mbep-a<sup>16</sup>,  
s-ekó poxy suí îandé r-eiyî-a.

Poesias tupis, pp. 26-27.

1 — embelezou-a, adornou-a. 2 — virtudes. 3 — concedendo (obj. dir. de p., ind. de c.). 4 — realmente. 5 — dizendo (i. é: formando intenção, n. 458). 6 — fazendo-a diferente, separando-a. 7 — tendo-lhe amor. Ger. expl. n. 960. 8 — bondade, santidade. Abstrato, por influência port. (n. 1093). 9 — engrandecendo. 10 — sem que ela se corrompesse. 11 — nasceu. Ger. expl. (n. 959). 12 — vencedora, vitoriosa. 13 — receio, motivo de receio. De kysyîé há, por metátese, a var. sykysyîé. Aqui, insolitamente, juntam-se as duas var.: sykysyîé, no verbal *saba* (n. 802). 14 — Parece part. *saba* de *abaité*: causa de nossa coragem ou temibilidade. 15 — o maldito (n. 1049). 16 — esmagando.

## BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 23v-24; 26-26v; 27v; FIGUEIRA 148-149; 162-163; MONTOYA 81-82; passim; CAETANO 89.

## ADVÉRBIOS

993. Dispensa-se uma resenha de todos os advérbios. Apresentam-se aqui as observações necessárias para o seu correto emprêgo.

### SINTAXE

Em que casos os advérbios exijam o gerúndio ou a conjugação subordinada, v. nn. 434, 554, 568.

### ADVERBIOS DE MODO

994. Todo adjetivo, verbo intransitivo ou intransitivado, pode fazer de advérbio de *modo*, pospondo-se a verbo, adjetivo ou advérbio:

|                 |             |                       |                       |
|-----------------|-------------|-----------------------|-----------------------|
| <i>puku</i> :   | longo       | <i>ikó-bé puku</i> :  | viver longamente      |
| <i>atā</i> :    | forte       | <i>ar atā</i> :       | segurar com força     |
| <i>py-atā</i> : | forte       | <i>pysyk py-atā</i> : | segurar com firmeza   |
| <i>katu</i> :   | bom         | <i>ikó katu</i> :     | viver bem             |
| <i>poxy</i> :   | feio, torpe | <i>mo-mbeí katu</i> : | louvar (declarar bem) |
|                 |             | <i>ikó poxy</i> :     | viver mal             |

Podem-se dar metaplasmos:

*epiak + katu = epiá' katu*  
*mo-nhang + memûã = mo-nhan' memûã*  
*atā + katu = atā ngatu*

Os prefixos de classe, é claro, não aparecem:

*anhé* (*t*): apressado

*anhé*: apressadamente

Cai o *a* final átono:

*poranga*: bonito

*nheē' porang*: falar bonito

*nhe-mim-a*: esconder-se

*nhe-mim*: às escondidas

*îe-aseî-a*: encolerizar-se

*nheeng îe-aseî*: falar com indignação

*angaturama*: bom

*r-ekó angaturam*: tratar bem

995.

## ADVÉRBIOS DEMONSTRATIVOS

Os adjetivos ou pronomes demonstrativos funcionam também como advérbios demonstrativos (de lugar ou de tempo) (n. 75):

*kó s-ekó-û*: ei-lo, aqui está (*vis.*) ; *kó t-ú'-î*: ei-lo, aqui está deitado (*vis.*) ; *aipó i xó-û* ou *t-ur-i*: ei-lo aí vai ou vem (*invis.*) ; *o-só uî*: eis que vão (*vis.*) ; *ebokûé* ou *ebokûé i xó-û*: ei-lo que lá vai (*vis.*) ; *ebokûé xe so-û* ou *a-só*: eis que aí vou, eis lá vou (*vis.*) ; *ebokûé-té-i t-ur-i*: eis que vem aí pertinho (*vis.*).

Distinguem-se exatamente como os demonstrativos (n. 69).

Para maior realce, às vezes repetem-se os demonstrativos:

*kó-eté-î t-ur-i kó* (VLB 198): ei-lo que vem aqui pertinho

996.

## ADVÉRBIOS NUMERAIS

Os adjetivos ou pronomes numerais servem de advérbios numerais (n. 215), mas antepõem-se ao verbo:

*oiepê i ie-byr-i*: voltou uma vez

*mosapyr i nhe-á-pu-mim-i*: mergulhou três vezes

997.

## ADVÉRBIOS DE TEMPO

## INTERROGATIVOS

*erimbaé?*: quando?*mbaé-reme?*: em que ocasião  
ou hora?

## AFIRMATIVOS

*arakaé, erimbaé, kûesé-nheyym:*  
*akûé-me*: antigamente, em  
 tempo passado  
*kûesé*: ontem; há poucos dias  
*îei, oiei, îei-îe, îei-bé, oiei-bé*:  
 hoje (passado)  
*ramó*: agora de pouco, recente-  
 mente  
*umã, umûâ, ymã, ymûâ*: já  
 (passado)  
*koyr, koy'*: agora, hoje  
*koy'-te*: já, finalmente  
*kori*: hoje (fut.), mais logo,  
 depois

*oirã, oirandé*: amanhã  
*kori koem-e*: amanhã de manhã  
*irã, mirã, karamosé, erimbaé,*  
*amô-neme*: futuramente  
*bi-pe, ambi-pe*: em alguma oca-  
 sião, algum dia (fut.)  
*koromó*: daqui a pouco, logo  
 logo  
*apyr-î*: daqui a pouco, logo  
 logo  
*koriteî*: logo, depressa, ligeiro  
*taûné, kûei-eté*: logo  
*aûîê-rama, aûîê-rama-nhé*: sem-  
 pre, para sempre

998.

## ADVÉRBIOS DE LUGAR

## INTERROGATIVOS

*umá?, umá-me?, mamó?: onde?**manõî?: donde?*

## AFIRMATIVOS

*ké, iké*: aqui  
*eb-apó*: lá  
*mô*: acolá  
*kybô*: para cá  
*apûé, apûé-katu*: longe  
*ybaté*: em cima, no alto

*amô*: para lá  
*bi-pe*: algures  
*ebo-kûé*: por aí, por lá  
*eb-anõî*: daí  
*anõî*: de lá

999. Certos pronomes demonstrativos, regidos de prepo-  
 sição, equivalem a advérbios:

|  |   |
|--|---|
| <i>aipó-pe</i> : ali, lá                       | <i>akûei-pe</i> : aí, lá, no lugar de que falamos |
| <i>aipó sui</i> : dali, de lá                  | <i>kûé koty</i> : para a outra banda              |
| <i>aé-pe</i> : lá                              | <i>kûei-bo</i> : por alguma parte                 |
| <i>eui-me ou ebouï-me ou uï-me</i> :<br>áí, lá | <i>kûé-pe</i> : em ou a alguma parte              |

1000. OBS.: Conforme a posição na frase, o mesmo elemento pode ter diversas funções:

- i iuká-py' katu*: o morto (que era) bom
- i iuká-katu-pyra*: o (que foi) bem morto
- xe r-e-mi-mbo-é-pué' katu*: o bom que eu ensinei
- xe r-e-mi-mbo-é-katu-púera*: o que eu ensinei bem

### EXERCÍCIOS

1001.

|  |                                      |
|--|--------------------------------------|
| <i>manh-ana</i> (de <i>maē-ana</i> ): vigia,<br>esquia | <i>sâi</i> : apenas                  |
| <i>nheeng apuã</i> : falar aos brados                  | <i>apē</i> : torto                   |
| <i>nhee' ngatu</i> : falar bem                         | <i>pyy'-pyyi</i> : depressa          |
| <i>matu-eté</i> : muito                                | <i>pysaré</i> : durante toda a noite |
|  | <i>nheë'-bik</i> : parar de falar    |
|  | <i>aûié-nhé</i> : inconsideradamente |

1002. *Oro-ikó Tupā r-ok-pe. Iké nd' ia-é-i katu ïa-nheeng-a. ïa-é katupe ia-nheen' mbevê?* Aan-i. — Kó mitanga o-nheeng apuã o-in-a. E-î-mo-nhee'-bik. — Abá-pe akó abá oïei Tupā r-ok-pe o-nheë' ngatu-bae-púera? Abaré r' akó, nda païé ruã: païé nd' i nheë' ngatu-î. Mbaé-pe i nheenga? O-î-mo-mbeú-mbeú porang Tupā sy angatarama, o nheë' ngatu-ramo. Kori-pe i nheeng iebyr-i-ne? N' aan-i, kori koem-e-te. — Abá i nheeng ara puku-î, pysaré; karaiba nd' i nheë' mbuku-î. Maira i nheë' sâi. Peró i nheeng aûié nhé. — Py-saié xe pak-i, nde nheeng atâ r-endup-a. — Ere-î-kuab-pe oré nheenga? Aan-i. Pe nheë' mbyy'-mbyyi. — Pysaré ebaçó manh-ana in apê-î.

1003.

|  |   |
|--|---|
| resíduo do caldo de mandioca:<br><i>typy-oka</i> | pôr de molho: <i>mo-mbub</i>            |
| grelha: <i>mo-kaë ytá</i>                        | apodrecer: <i>pub</i> ( <i>xe</i> )     |
| ralo: <i>ybesë</i>                               | defumar: <i>mo-kaë</i>                  |
| sêco, enxuto: <i>kaë</i>                         | joeirar: <i>mo-guab</i>                 |
|  | fazer bolotas de: <i>mo-apuam</i> , tr. |
| ralat: <i>kyty</i>                               |   |

1004. Que estiveste fazendo aqui ontem? Não estivemos aqui, senão lá. Em que ocasião estivestes lá? Estivemos toda a noite fazendo farinha. Como fazeis farinha? A farinha branca (*uí tinga*) fazemos assim: ralamos a mandioca, esprememos-la na prensa; (do) seu pó fazemos bolotas, assamo-las em panelas ou em pratos de barro. Outras vezes misturamos *typyoka* com essa farinha, e assim fazemos a farinha dura (*uí atã*), que levamos à guerra. Também pomos a raiz de mólho. Quando apodrece, descascamo-la, deixamo-la defumar em grelhas. Esta é a mandioca *karimã*. Pilando-a, fazemos a farinha *karimã*, e desta (n. 619,2) fazemos o *mi-nгаú*. A gente pode também espremer a mandioca podre (*mandió-puba*), cozê-la: assim a gente faz o *mbeiu*. O *mbeiu* a gente faz também da mandioca fresca, depois de ralá-la. E a peneira que eu vi hoje lá, para que é? É para joeirar a farinha podre. Como se chama a farinha crua? Chama-se *typy r-aty*. Como se diz “caldo de mandioca crua coalhado”? Diz-se também *typy-aka*. E “farinha do caldo de mandioca”? *Typy-ok' uí* ou *typy-ak' uí*. Como se chama a farinha de mandioca, que se espreme com as mãos e que não se joeira com a peneira? Chama-se farinha *tina* ou *mixá-kuruba*. Conheces mais alguma farinha? Sim. Conheço também a farinha *esá-kûá'-tinga*.

#### 1005. EXORTAÇÃO ANTES DA ABSOLVIÇÃO

P. ANTONIO DE ARAÚJO (1566-1632)

(continuação da p. 333)

*Nde iuru-pe nhó-te serã<sup>1</sup>*, “*A-ikó katu ang-iré-ne*” — er-é e-nhé-mo-mbegû-á-bo *iepi*, na nde *pyá-pe ruã*: o *pyá-pe katu aípó é-í-ara o-í-mo-por aípó o é-ag-ûera*. *Anhangá r-atá-pe koyr o-ikó-bae, aé-pe o-só ianondé*, “*A-só-potar ybak-pe*” *e-i biã<sup>2</sup>*; “*Nd' a-só-potar-i anhangá r-atá-pe*” *e-i biã*. *I pupé nhé<sup>3</sup> aé-pe koyr r-ekó-û, o-kaî o-up-a<sup>5</sup> aûié-rama-nhé o ekó-bé r-e-r-ekó-bo<sup>6</sup>*, o *iuru nhó-te aípó o é-ag-ûe-ra r-epy-ramo*.

*Nde maenduá' katu<sup>7</sup> Tupã r-e-mi-mo-nhang-ûer'-amo nde r-ekó<sup>8</sup> r-esé, nde r-esé Tupã T-ayra nhe-mo-kunumû-ag-ûera<sup>9</sup> r-esé, nde anga r-epy<sup>10</sup>-ramo og-ugûy té-katu<sup>11</sup> meeng-ag-ûera r-esé. Nde maenduar nde r-esé ybyrá ïo-asaba<sup>12</sup> pupé i mo-iar<sup>13</sup>-pyr-amo, nde r-esé s-eô-agûera r-esé.*

*Tupã nheenga aby-reme, anhangá supé ere-nhe-meeng-eté, s-e-mi-ausub'-amo e-nhe-mo-ingó-bo: s-ausup-a nhé<sup>14</sup>, i mo-eté-bo nhé;*

*Tupā nde mo-nhang-ara, nde pysyrō-anā r-e-ro-yrō-mo, i mo-eté-eym-a, Tupā nde r-ausub-a sui<sup>15</sup> e-ie-peá-bo. Na s-aub-i<sup>16</sup>, iké xe r-obaké nde r-ur eym-e-bé, nde iuká-eym-i, nde r-esé o-í-epyk-a: o angaturam'-amo<sup>17</sup> é nde nhe-no-nhen-a<sup>18</sup> r-arō-mo é.*

Catecismo (ed. 1898), pp. 248-249.

1 — n. 1045. 2 — bem que (n. 306). 3 — n. 1058. 4 — estão. 5 — estão ardendo. 6 — sempre vivos (n. 960). 7 — imperat. 8 — séres tu. 9 — ter-se feito menino. 10 — preço, resgate. 11 — todo. 12 — cruz. 13 — pregar. 14 — (n. 1058). 15 — do amor de Deus para contigo. 16 — não sem razão (n. 576). 17 — por ser bondoso 18 — corrigires-te.

## BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 2; 39-40; 57-58; FIGUEIRA 126-144; MONTOYA 76-80; RESTIVO 327-330; CAETANO 69-74; ADAM 32-35.



Preparação do repasto sacrificial (DE BRY)

## CONJUGAÇÃO NEGATIVA (Síntese)

1006. Acrescenta-se ao:

INDICAT.: *nda* — *-i* ou *nda* — *ruã* (n. 183 e 184)

INDICAT. FUT., CONDICION., OPTAT.: *nda* — *-i xó-é* ou *nda* — *ruã-i xó-é* (n. 186)

IMPERAT., PERMISS.: — *umé* (n. 193)

INFIN. (n. 344), GER. (n. 405), CONJ. SUBORD. (n. 565),  
PARTICÍPIOS: — *eym-* (n. 701, 730, 738, 760, 773, 798, 833)

1007. *ruã*

*Ruã* serve também para negar frases inteiras e membros da oração; às vezes, prescinde de *nda*:

*na mbaé-ú-potá ruã, a-ûur*: venho não com intenção de comer;  
*nda xe r-uba supé ruã ere-i-meeng*: não foi a meu pai que o deste;  
*xe r-esé-bé ruã t-ur-i*: não foi comigo que êle veio; *nda xe é-reme ruã, nde abé er-é-ne*: não porque eu o disse, tu também o dirás

Nas frases interrogativas, sem *nda*, toma acepção dubitativa:

*aûné ruã-pe? aûné ruã-te-pe? aûné ruã-pe é?*: não basta? não parece que chega?; *o-só ruã-pe é?* (h.); *o-só ruã-pe rí?* (m.) (VLB 255): é certo ou será certo que êle foi? êle não foi?; *kó abá boâá ruã-te-p' ikó nde?* (Ar. 77): pois não és discípulo dêste homem?

1008. **eym-**

Como sufixo de substantivos, *cym-* (n. 334) corresponde a “sem”, “falta de”:

*t-ekó-eté-eym-a*: falta de valentia (covardia); *mbaé-cym-a*: falta de bens (pobreza); *pab-eym-a*: sem fim, infinito; *t-er-eym-a*: sem nome; *t-ub-eym-a*: sem pai, órfão de pai; *sy-eym-a*: sem mãe, órfão de mãe

1009. Qualquer verbo, mesmo no indicativo, condicional e optativo, pode-se negar com *eym* em lugar de *nda* — *i*, etc.:

*a-iuká-eym*, *ere-iuká-eym*, etc.: não mato, não matas, etc.

Mas é esta forma de raro uso, a não ser com os verbos de pronome paciente:

*xe katu-eym*, *nde katu-eym*, etc.: não sou bom, não és bom, etc.; *xe ytab-eym*, *nde ytab-eym*, etc.: não sei nadar, não sabes nadar, etc. (n. 383)

1010. **nda — eym-i**

Juntando as duas partículas negativas *nda* e *eym-i*, resulta uma afirmação elegante:

*nd' a-î-potar-eym-i*: não deixo de o querer, quero-o; *nda pe maenduar-eym-i s-esé*: não deixastes de vos lembrar dêle; *nd' oro-endub-eym-i xó-é-ne*: não deixarei de te ouvir; *e-î-meeng-eym umé i xupé-ne*: não deixes de lho dar; *nd' ii ytab-eym-i*: ele não deixa de saber nadar; sabe nadar; *nda xe r-endub-eym-i xó-é meñ-mo xe r-aiyra mã*: oxalá minha filha não tivesse deixado de me ouvir

1011. **nda — eym- ruã**

No gerúndio, infinito e conjugação subordinada, a negação dupla é *nda — eym- ruã*:

*nda s-epiak-eym-a ruã*, *ixé s-enôi*: não deixando de o ver, eu o chamei; *nda i xó-eym-e ruã*, *nde s-epiak-eym-i-ne*: não porque ele

deixou de vir, não o verás; *nda i xó-remē ruā, na nde s-epiak-eym-i-ne ruā*: não porque êle vai, não deixarás de vê-lo; *nda gûi-xó-eym-a ruā, a-s-epiak*: não porque não fui, eu o vi

1012. Obs. Junto a verbo negativo, a partícula *pé* ou *pé-é* (após nasal *bé*) supre a conjunção *-remē*. O verbo perde a consoante final oral. A pospositiva negativa é *-i*, não *ruā*:

*nda xe só pé-i*: não porque eu vá; *nda xe r-epiá' pé-i*: não porque êle me veja; *nda i tym bé-i*: não porque o enterraram; *na xe s-epiak-eym bé-i*: não porque não o visses; *aipó nda xe é pé-é-i*: não porque eu dissesse isso; *nda xe sem bé-i, nd' oro-epiak-i xó-é-ne*: não porque não saio, é que não hei de te ver

### EXERCÍCIOS

1013.

|                       |              |                   |                 |     |
|-----------------------|--------------|-------------------|-----------------|-----|
| <i>ara</i> :          | entendimento | <i>mo-nгаіú</i> : | tr. dar a beber | vi- |
| <i>i'-ekó-ab-ok</i> : | alterar-se   | <i>nho a</i>      |                 |     |

*eym (s)* : id.

1014. *Mbaé-pe pe-s-ekar?* — *c-i*; *nda s-e-mi-ekar-a kuab-eym-a ruā* (AR. 75). — *O-i-aby-pe abá Tupā nheenga s-oó gû-á-bo s-oó gû-ab-eym-a pupé, o e-mi-ú-rama r-esé o-ikó-tebē-bo nhé?* *Nd' o-i-aby-i*, “*A-manó, kó-ipó xe mará-ar-mo i ú-eym-amó*” — *o-i-á-bo* é. *Marā o-ikó-bo bé-pe abá aipó-bae o-i-aby?* *S-oó gû-ab-eym-a pupé abá supé s-oó ú-uká.* *Marā o-ikó-bo bé-pe?* *O iá nhó-te mbaé ú-eym-a, o-sabeipor-amó, sabeipora sui ara mo-kanhem-a, abá mo-ngagû-á-bo, kó-ipó s-eym-a, i mo-sabeipó', kó-ipó “t' o-sabeipó” o-i-á-bo nhó-te tiruā.* *O iá nhó-te kagû-ara-pe, marā?* *Nd' o-i-aby-i Tupā nheenga* (AR. 118). — *Marā e-i-pe amó-aé Tupā asé r-ekó-mo-nhang-aba?* “*Anhé-té*” *er-é tenhé umé, Tupā r-era r-enõi-a, e-i.* *Abá-pe aipó-bae o-i-aby?* *I por-eym-bae, kó-ipó o e-mi-nguá-katu-eym-a o-i-mo-mbeú-bae, “Emo-nã kó, Tupā r-esé”* — *o-i-á-bo tenhé* (AR. 98). *Mbaé katu mo-nhang-ag-ûama r-esé Tupā r-enõi-dara, na i mo-pó'-potá ruā, marā-pe?* *O-i-aby bé* (AR. 99). — *O-i'-ekó-ab-ok-bae-rama-pe t-ekó puku ybak-pe s-e-mi-e-r-ekó-rama?* *Nd' o-i'-ekó-ab-ok-bae-rama ruā* (AR. 63).

1015.

deve ser; será certo que?: oxalá não fôsse...!: *nda...*  
*ruā-pe?* (-eté)-ī *mā!*

1016. Quantos guerreiros vieram? Não são poucos (*mobyr*). Será assim? É certo isso? Quem é aquêle que vem à frente dos outros? Deve ser teu pai. Oxalá não fôsse meu pai. Não vais encontrá-los? Não por que veio meu pai, irei encontrá-los. Não és bom filho, pois não vais (n. 951). Tu também vais? Não porque vais, deixarei eu de ir. — De que fêz Deus antigamente êste mundo? De nada (lit.: não de cousa). De nada o céu e a terra Ele fêz? De nada. (Cfr. AR. 43).

1017.

## DANÇA DA PROCISSÃO

P. JOSÉ DE ANCHIETA (1534-1597)

(adaptação ortográfica)

1. *Kó oro-ikó oro-nhe-mbo-*  
*-'ryp-a*  
*nde ara mo-morang-á'-pe.*  
*T-o-ú', nde ie'-r-ur-é-sá-*  
*-pe,*  
*Tupā oré mo-oryp-a,*  
*o-pytá-bo oré pyá-pe.*
6. *Oro-i'-e-ro-biá' nde rí,*  
*S. Lourenço angaturama,*  
*e-s-arō oré retama*  
*oré summarā suí.*
10. *T-oro-ityk oré poxy,*  
*paîe r-e-ro-biâr-eyma,*  
*moraseiâ, mbyrryryma,<sup>1</sup>*  
*carai-monhangâ<sup>2</sup> ndi.*
14. *Tupā r-e-ro-biá' katu*  
*nde pyá suí nd-o-ir-i:*  
*t-oro-gûe-ro-biá' nde pyr-i*  
*iandé rub-eté Jesus.*
18. *Oré anga t-o-îo-su'*,  
*s-ekó poxy mo-sa-sâi-a,*  
*Nde abé i-mo-esâi-a,*  
*Jesu irū-mo t-ere-îu'.*
22. *T-ynysem Tupā r-ausuba*  
*nde nhŷâ-me erimbaé.*  
*E-maê oré r-esé,*  
*t-oro-s-ausu' iandé r-uba*  
*iandé mo-nhang-ar-eté.*
27. *Ere-s-apiâ' iandé iara,*  
*i nheenga mo-pô' pâ.*  
*E-îor-i oré r-ausub-á',*  
*t-oro-î-mo-morang ko ara,*  
*nde r-ekó poranga r-á'.*
32. *S-upi-bé ere-mo-mbûeîrá'*  
*maraa-bora, s-obá'-sap-a:*  
*nde r-ayra i maraá',*  
*anhanga r-ekó potá:*  
*e-îor-i-no i-mo-mbûeî-*  
*rap-a.*

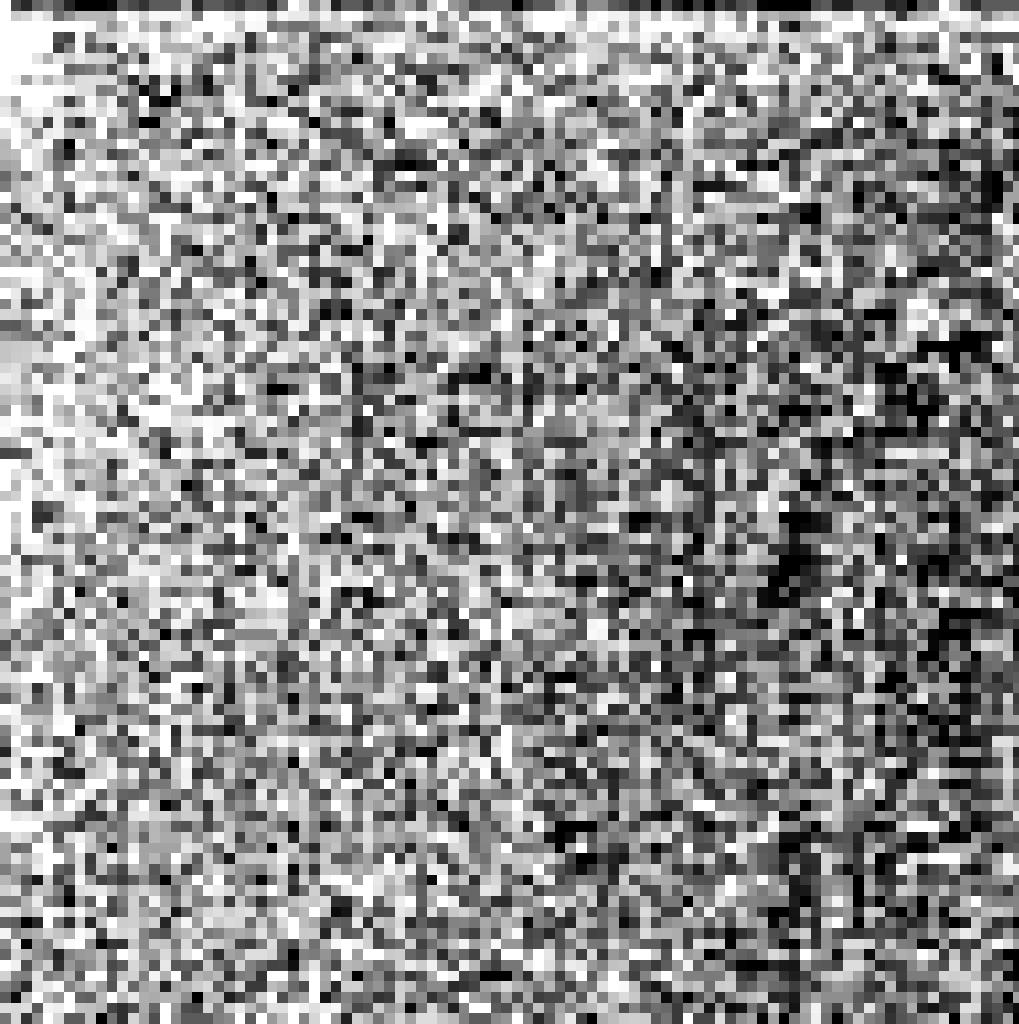
37. *Iandé Iara mo-mbegû-á-bo,*  
*t-eõ ere-î-porará,*  
*t-oré-py-atã angá*  
*mbaé-asý porará-bo*  
*Tupana r-esé nde iá.*
42. *O-sykyié nde suí*  
*anhanga, nde mo-abaeté-bo.*  
*E-îor-í imo-sykyié-bo,*  
*t-o-ikó umé oka r-upi*  
*oré anga mo-nugué-bo.*
47. *Tupã mo-mburû-ar-eté*  
*t-atá pupé nde r-esyr-i,*  
*opá nde r-eté r-air-i*  
*itá-tiâia pupé.*
51. *T-oro-îaseó memé,*  
*Paí Tupã r-epiak-aup-á.*  
*T-o-ur kó ara pupé*  
*oré anga mo-akup-á.*
55. *O-ryryî, nde iuká ré,*  
*Tupã summarã r-eyâ.*  
*E-îor-í oré r-ekyí-a,*  
*t-oro-ikó nde ipy-pe nhé,*  
*oré summarã mo-ndyí-a.*
60. *Nde iuká-sar-ûera o-só*  
*o-kâi-a anhangá r-atá-pe.*  
*Endé Tupã r-oryp-á-pe*  
*aînê-rama nhé ere-ikó.*
64. *Nde iabé t-oro-s-ausú'*  
*Paí Tupã oré nhya-me,*  
*t-oro-gûe-r-ekó s-etâ-me*  
*nde pyr-i t-ekó puku.*
68. *Oré r-e-r-ekó-ar-eté,*  
*nde pô-pe oré anga r-u-î.*  
*Oro-byá<sup>3</sup> nde r-esé.*  
*Oré r-ausubá' iepé,*  
*oré r-ekó-bé puku-î.*

*Auto de S. Lourenço, p. 89-92*

1 — duvidosa palavra, quanto ao sentido. Parece indicar algum uso supersticioso relacionado com “girar” ou com “mover-se velozmente”, senão com o uso do “catavento”. Cfr. MONTOYA, *Tesoro* 299/293: *Pyryi*; RESTIVO, *Vocabulário* 535: “Veío”; VLB 425 “Uentoinha”. 2 — cerimônias de “santidadade”. Cfr. VLB 385. 3 — *byar*, intr. acomodar-se; ficar; permanecer; estar bem. Cfr. MONTOYA, *Tesoro* 79v; VLB 288.

## BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 17v-20; 22-23v; 26v-30v; 34-35v; 39v-40; 46-48; FIGUEIRA 23-35; 36-53; 100; 105-106; 108; 113; 114; 143; MONTOYA 13-18; 21; 43-44; 46-48; 49-50; RESTIVO 45-47; 86; 92; 93; 95; 99; 104-105; 108; 141; 160; 163-169; 211-213; CAETANO 15-16; 18; 19; 25-26; 31; 35; 46; 48; 50; 51; 58; ADAM 51; *passim*; TOVAR 125-126.



## CATEGORIAS VERBAIS (Síntese)

### PESSOAS

1018. Há diferenciação de 6 pessoas: 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> s., 2.<sup>a</sup> pl., 3.<sup>a</sup>, 1.<sup>a</sup> s. + 2.<sup>a</sup> (s. ou pl.) (+ 3.<sup>a</sup>), 1.<sup>a</sup> s. + 3.<sup>a</sup>.

Na 3.<sup>a</sup> p., não se distingue o singular do plural. Em alguns casos, opõem-se a 3.<sup>a</sup> reflexiva e a não-reflexiva (n. 304).

### MODOS

1019. Exprimem morfológicamente as diferentes atitudes de quem fala, diante da ação ou estado referidos.

Há os seguintes: *indicativo, imperativo, permissivo, infinito, gerúndio, particípios, condicional e optativo*.

O infinito e os particípios (exceto *-bae*) são formas nominais.

Ademais desses, a língua tupi conhece outros modos, como o negativo, o interrogativo, o dubitativo, o potencial (n. 1028). Também certas partículas têm função modal: *raé* dá um sentido de *quotativo*, i. é, de afirmativa baseada apenas em informação (n. 1043); *reá* (h.) e *rei* (m.), de *opinativo* (n. 1044); *anga(b)*, de *exortativo* (n. 459); etc.

1020. Não há subjuntivo. Conforme o caso, supre-se com os outros modos:

*oxalá* êle venha!: *o-ur-te-mo mā!* (optat.)

*oxalá* êle tivesse vindo!: *o-ur meī mā!* (optat.)

quando êle vier: *t-ur-eme* (infin.)

se viesses: *nde r-ur-eme-mo* (condicion.)

se tivesses vindo: *nde r-ur' iré-mo* (condicion.)

quero que me mates: *a-î-potar nde xe iuká* (infin.)

quero que me mates: *a-î-potar nde xe iuká-sag-ûama* (particípio)

êle manda que vás: *e-kûâi!* — *e-i nde-be* (imperat.)

que êle vá: *t' o-só* (permiss.)  
 deixa que êle vá: *t' e-i nhé o-só-bo* (gerúndio, n. 434)  
 não venhas: *e-îor umé* (imperat.)  
 disse para que o ouvisseis: *peẽ s-endup-ag-ûama-n' ikó a-é*  
 (partic.)

As conjunções que em português levam o verbo para o subjuntivo presente, pedem indicativo em tupi. As que levam o verbo para o subjuntivo imperfeito, pedem condicional:

ainda que eu vá: *aûié-bé-te a-só*  
 ainda que eu fôsse: *aûié-bé-te-mo a-só*  
 ainda que me bata, eu falarei assim mesmo: *aûié-bé-te xe nupã-û, a-nheeng-î*  
 ainda que me batesse, eu falaria assim mesmo: *aûié-bé-te-mo xe nupã-û, a-nheeng-î-mo* (VLB 93)  
 por mais que o chame, não me ouve: *a-s-enõi iepé, xe r-endub-eym-i*  
 por mais que o ficasse chamando, não me ouviu: *a-s-enõ'-s-enõi iepé-mo, xe r-endub-eym-i*

Em lugar de *aûié-bé*, vem também *aûié-é*, *aûié-bé-é*, *aûié-bé-ramo*, *aûié-bé-ramo-te*, *tiruã-mo*.

## TEMPOS

1021. O tempo não é expresso gramaticalmente no verbo tupi (n. 113).

Em lugar do *tempo* ou *ocasião*, relativos, em que se verifica o processo verbal (antes, depois ou durante o tempo em que se *fala*), o tupi procura descrever o *aspecto* ou maneira da ação: se é instantânea ou prolongada; repetida, subdividida, ou contínua (n. 920 s.).

O tempo pode ser indicado através de partículas independentes, como *koyr* agora, *oieí* hoje (pass.), *kori* hoje (fut.), *küesé* ontem, *oirandé* amanhã, *irã* futuramente, *erimbaé* ou *arakaé* antigamente, *umã* já, etc.

NOTA. Para uma comparação com nossas línguas, deve-se lembrar que mesmo nestas a distinção gramatical (presente, passado, futuro) nem

sempre é objetiva. O futuro só existe na língua literária: "eu vou—irei"; "domingo te pago—pagarei". Ainda: "vai chover"; "hei-de voltar"; "vou trazer". Cfr. a origem do futuro nas línguas neolatinas, anglo-germânicas, no latim, etc. O presente e o passado são empregados para um acontecimento futuro: "quando ela vier, eu sigo", "quando ele voltar, eu já fui". Por outro lado, o presente pode implicar noções diferentes da de tempo: "este avião voa 800 kms. por hora", i. é, tem capacidade para isso (ainda que nunca o tenha feito, e mesmo que no momento presente esteja parado); "a terra gira em derredor do sol"; "aquele menino nada", i. é, sabe nadar; "aquele moça não dança", i. é, não sabe dançar ou não usa dançar. O mesmo se diga dos outros tempos gramaticais: "este novo tipo de avião voará 1.000 kms. horários"; "por esta rua passava bonde". Nas duas frases "Galileu afirmou que a terra roda em derredor do sol" e "Galileu afirmou que a terra rodava em derredor do sol", *roda* e *rodava* significam absolutamente a mesma cousa. Apenas *rodava*, da oração subordinada, obedece a uma espécie de concordância com o tempo gramatical da oração superordinada ou principal.

**1022.** Na maioria dos casos, o indicativo dos verbos de prefixo agente (*a-*, *ere-*, *o-*, etc.) corresponde ao passado real, que se exprime em nossas línguas ora pelo passado ora pelo presente gramaticais:

*o-pak soó*: o bicho acorda ou melhor acordou  
*o-manó xe sy*: morreu minha mãe

O nosso presente gramatical é uma abstração, com pouca realidade objetiva. Se o acontecimento se está realizando no momento presente, temos ou o aspecto durativo ou o iterativo. P. ex.: "Pedro dorme", i. é, "está dormindo" — um processo que vem do passado,obre o momento presente e perde-se no futuro. Se o acontecimento já está realizado, temos o passado.

**1023.** O indicativo traduz também o nosso futuro. Mas quando este envolve intenção ou *resolução* de quem fala, traduz-se pelo permissivo (n. 197). Quando denota *expectativa* de quem fala, pede *-ne* (n. 113).

Em tupi, o futuro é mais um modo do que tempo, no verbo.

**1024.** O indicativo dos verbos predicativos (de *xe*, *nde*, *i*, etc.) afirma uma equação, indiferente de per si à noção de tempo.

Mesmo quando, na maioria dos casos, se traduz por nosso presente, reflete não o momento presente absoluto, mas resultante de um passado remoto ou imediato:

*paíé i marangatu*: o feiticeiro é bom (já o era antes, tanto assim que justifica a afirmação presente).

As precisões ficam a cargo das partículas temporais (n. 1021), resolutivas ou expectativas (n. 1023).

1025. A noção de processo habitual, costumeiro, exprime-se com partículas como *íá*, *íaby* (n. 382) ou pela conjugação com prefixos pacientes (*xe*, *nde*, *i*, etc.), aplicável a quaisquer verbos.

Apenas, os verbos transitivos devem levar *poro-* ou *mbaé* (n. 382).

Encontram-se, porém, exemplos como

*abá o-gûatá o-py-bo*: o homem anda com os (seus) pés  
*aípó-bae te-ne nd' o-î-aby-î mboâa* (AR. 241): êsses não dif-  
ferem da (parecem-se à) cobra

1026. A capacidade física, intelectual ou moral (modo *potencial*) traduz-se também pela conjugação predicativa (n. 383) ou por locuções em que entra o verbo *é* (n. 461-462).

1027. A própria conjugação perifrástica, normalmente, não se refere à ação presente em particular, mas à ação prolongada ou contínua, em qualquer tempo, conotada a posição do sujeito (n. 900):

*o-nheeng o-in-a*: estêve, -ava, -á, -ará (parado) falando  
*o-nheeng o-up-a*: estêve, -ava, -á, -ará (deitado) falando  
*o-nheeng o-am-a*: estêve, -ava, -á -ará (de pé) falando  
*o-nheeng o-ikó-bo*: estêve, -ava, -á, -ará falando  
*o-nheeng o-kup-a*: estiveram, -avam, -ão, -arão falando

Pelo contexto, pelos advérbios temporais que acompanham, se depreenderá a que tempo diz relação.

1028. Nos documentos ocorre amiúde o advérbio *irã* “futuramente, tempo virá, algum dia”:

*e-i-asoiab-ok nde karamemûã t' a-s-epiak ne mbaé. A-nhe-mo-sainan; a-s-epiak-ukar irã nde-be. Nd' a-r-ur-i xo-p' irã mbaé nde-be?* : (LÉRY 24 ad.) : abre a tua caixa, para que eu veja os teus objetos. Estou ocupado; algum dia vos mostrarei. Pois eu não te trarei presentes qualquer dia?; *a-r-ut irã, xe r-ekó aúié riré* (id. 38 ad.) : eu os trarei quando os meus negócios estiverem concluídos; *a-só irã-ne* (id. 42 ad.) : irei qualquer dia

1029. Nos documentos coloniais nota-se a tendência (européia) de dar o sentido de presente à forma geral. Para reforçar a noção de *passado*, aparece às vezes *erimbaé* “antigamente” ou *umã* “já”:

*mamó-pe erimbaé t-ejí katu pab-ẽ Iandé fara r-e-ra-só-û Kaifás r-oka suí i xem' iré?* (AR. 82) : aonde a multidão levou a N. S., depois que Ele saiu da casa de Caifás?

## ASPECTOS

1030. Os verbos apresentam-se ora sob a forma perfectiva ora sob a forma imperfectiva.

A primeira exprime um processo realizado (“perfectum”) e visto como um todo ou unidade indivisa e inextensa (seja no presente, no passado ou no futuro). A segunda exprime um processo em vias de realização (no presente, no passado ou no futuro) e que se estende ou subdivide no tempo ou no espaço.

A forma perfectiva pode ser atual ou habitual. A atual é expressa pela forma comum do verbo. Sobre a habitual, v. n. 1925.

As principais modalidades de formas imperfectivas, em tupi, são o iterativo, o durativo e o iterativo-durativo, que se obtêm pela reduplicação (n. 924).

OBS. A língua tupi conhece outros aspectos, obtidos pela adição de sufissos, como *bé* (continuativo ou permanutivo), *bé-nhé* (repetitivo), *iá(-by)* ou *amé* (habitidual), *apyr-í* ou *súer(-í)* (iminentivo), *katu* ou *eté* (intensivo), *pÿi* (freqüentativo), *í* ou *(te-)nhé* (remissivo ou distensivo), *é* (restritivo), *bíar* (morosivo-progressivo), etc. Como em todas as línguas, há circunlóquios para

expressar aspectos: *puká-yþy*, *puká-íepotabé*, *puká-íebyr*, *puká-pik*: começar a, continuar a, tornar a, parar de rir, Etc.

## VOZES

1031. Além das vozes *ativa*, *reflexiva* e *recíproca* (n. 578), há a voz causativa e a causativo-comitativa. A *causativa* indica que o sujeito causa uma ação (ou estado) a um objeto, e obtém-se com o acréscimo do prefixo *mo-* ou *mbo-* (n. 196) aos verbos não-transitivos (e nomes) e do sufixo *ukar* (n. 516) aos verbos transitivos. A voz *causativo-comitativa* acrescenta que o sujeito participa de certo modo do efeito que causou, e obtém-se com o prefixo *ro-* ou *no-* (n. 500).

O verbo pode estar simultaneamente em várias vozes. Mas os morfemas *ie-* e *io-* por um lado e *mo-* e *ro-* por outro são incompatíveis entre si.

1032. Não há *conjugação passiva*. Há os particípios passivos *pyra* e *t-e-mi-*. O primeiro não se usa quando vem expresso o agente (n. 767):

*i iuká-pyra*: o (que é) morto; *xe r-e-mi-iuká*: o (que é) morto por mim; *i iuká-pyr-ama endé*: tu és o (que será) morto; *xe r-e-mi-iuká-rama endé*: tu és o (que será) morto por mim

1033. Nos documentos figura também um circunlóquio: o verbo *ikó* precedido do particípio *pyra* (raramente *t-e-mi-*), modificado pela preposição *-ramo*:

*i iuká-pyr-amó ere-ikó*: foste morto; *xe r-e-mi-iuká-pyr-amó ere-ikó*: foste morto por mim; *i mo-mbeú-katu-pyr-amó ere-ikó kuhñá suí*; *i mo-mbeú-katu-pyra bé nde membyra Jesus* (AR. 2): és ben-dita acima das mulheres; bendito também o teu filho Jesus

## EXERCÍCIOS

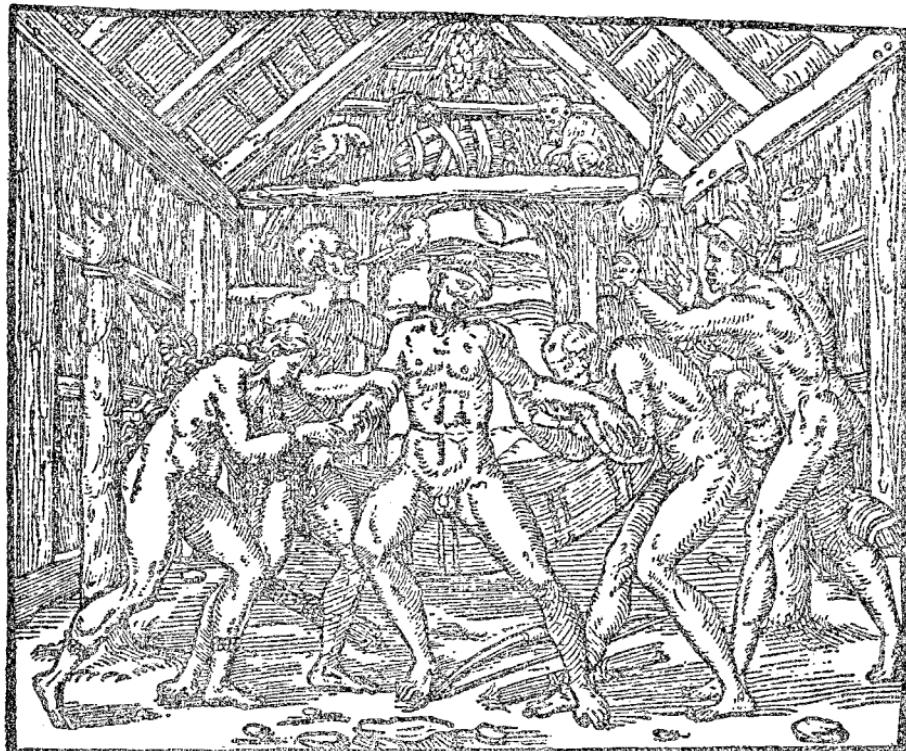
1034.

|  |   |
|--|---|
| <i>þosanga</i> : remédio   | <i>atá-'pynha</i> ( <i>t</i> ): carvão, brasa |
| <i>— o-ikó-bé-bae</i> : brasa  | <i>— o-gûé-bae</i> : carvão                   |
| <i>ekó-aba</i> é ou <i>nhé</i> ( <i>s</i> ) ( <i>xe</i> ): ser costume |   |

|                         |                              |
|-------------------------|------------------------------|
| <i>þosanong</i> : curar | <i>mo-timbor</i> : defumar   |
| <i>mo-gûat</i> : ferir  | <i>suban</i> : chupar, sugar |
| <i>þyter</i> : chupar   |                              |

1035. Suban só se diz de “chupar” os doentes, para curá-los.

1036. Paíé poro-posanong-ar-amo nhe-mo-ingó-û. Mbaé-asy-bora peú atã riré, i mo-tinbor-i. O-î-xuban mbaé-asy-bora r-eté, i xuí mbaé asy r-e-no-sem-a mo-ang-aup-a. Aipó riré, o io-îuru suí t-atá-’pynha ogûé’-bae-püera, kó-ipó pirá kang-ûera, o e-mi-mima, r-e-ityk-i, i mun-a, “Ang-bae a-no-sem nde r-eté suí” — o-î-á-bo mará-á’-bora supé, o îurara-guâi-amo. — Mará-á’-bora, o asy suí s-asë-s-asem-e “I anga s-asë-s-asem o-ikó-bo” — abá i é-û. — Kunhã, mará-á’-bora mo-mbuerá’-potá, i îuru-pe amyniû r-e-nimbó mo-ndeb-i, i xuban-a, “T’ oro-mo-mbuerab-ne” — o-î-á-b’-aup-a. — Nda abá ruã mará-á’-bora mo-ngetá-û. Marã-pe emonã s-ekó-û? S-ekó-aba é. — Abá amó, o-î-mo-guâi-bae-püera, o-î-xubã-xuban i püerab eym-e-bé-ne.



Tratamento de um doente (THEVET)

1037.

febre: *akuba* (*t*)  
 disenteria: *eikûar-ugûy* (*t*)  
 corrupção (doença): *ygé-aíba* (*t*)  
 tosse maligna: *uú asy*  
 (para) longe: *mamó*

morador da aldeia: *taipiñara*  
 agasalhar bem (o hóspede): *ie-*  
*-mbo-ryryî [esé]*  
 espantar, expulsar: *mo-ndyî*

1038. Como vai o doente? Tem melhorado? — O pajé o estêve sugando tôda a noite para curá-lo. — E o doente sarou? — Ainda não. — Que é o que o pajé, sugando-o, tirou do corpo dêle? — Um carvão. — E que disse o pajé, depois de ter ficado a sugá-lo? — Disse que êle sararia. — Quais as doenças que o pajé costuma curar aqui? — Febres, disenterias, corrupções, tosses malignas. — E o carvão está de verdade no corpo dos doentes? — Não. É o pajé que finge tirá-lo. — E ainda que o carvão estivesse no corpo do doente, poderia o pajé tirá-lo? — Que mais costuma o pajé fazer com os doentes? — Ele fica defumando-os.

1039.

## A NOSSA SENHORA

QUANDO SUA IMAGEM FOI LEVADA A RERITIBA

P. JOSÉ DE ANCHIETA (1534-1597)

(adaptação ortográfica)

*E-îor-í, Virgem Maria,*  
*Tupã sý, kó taba sup-a,*  
*mamó anhangá mo-ndyî-a,*  
*t' e-í-katu nde r-ausup-a*  
*nde r-esé o-îe-mbo-ryryî-a.*

*E-î-peá pá maraara:*  
*t-akuba, t-eikûar-ugûy,*  
*t-ygé-aiba, uú asy*  
*t' o-îe-ro-biá' t-âpiñara*  
*Tupã nde membyra rí.*

*Poesias tupis*, p. 33.

1040.

## DO JUÍZO UNIVERSAL

P. ANTÔNIO DE ARAÚJO (1566-1632)

(adaptação ortográfica)

*O-ur bé-pe irã Jesus Cristo ybaka sui-ne?* — *O-ur bé-ne.*  
*Mbaé-reme-pe t-ur-i?* — *Yby kai pab 'iré-ne.* *Aé-pe opá irã mbaé*

kaî-ne? — Opab-ē-nhé. O-kûab-é-pe<sup>1</sup> irã soó, gûyrá, pirá, kaá, oka, kó-ipó mbaé amó-ne? — N' aan-i xô-é-ne. Opá-katu-pe asé abé asé pab-i-ne? — Opá-katu. O-ikó-bé ie-byr-pe asé aé riré-ne? — O-ikó-bé ie-byr-ne. Marã iâbê-pe? — O-iké ie-by' asé anga asé r-eõ-bûera pupé, i mo-ingó-bé-bo-ne. Abá-pe iandé r-enõî-ne? — Karaí-bebê. Aú-nhé-nhé-pe<sup>2</sup> irã i nheenga r-upi asé r-eõ-bûera puam pab-i-ne? — Aú-nhé-nhé. Opá-katu-pe abá ang-ûera r-ur-i ybaka sui, Purgatório sui, anhangá r-atá sui, ogû-eté-pûera mo-ingó-bé-bo-ne? — Opá t-ur-i-ne. I poran' gatu-pe i angaturam-bae r-eté-ne? — I poran' gatu, kûarasy o-berap-a-ne. Emonã abé-pe i angaipá'-bae r-eté-ne? — N' aan-i: i poxy katu-ne. Umã-me-pe asé nhe-ynhang-i<sup>3</sup>, Iandé Iara Jesus Cristo r-ur-eme-ne? — "Josafá" ybyty-gûaia s-er-bae-pe. Marã-pe Iandé Iara r-ur-i-ne? — Ybytinga ar-bo. Abá-pe irû-namo t-ur-i-ne? — Opá-katu ybaka-pora r-ur-i-ne. I abaeté<sup>4</sup> katu-pe irã i angaipá'-bae supé o-ú'-ne? — I abaeté katu-ne. O-s-epiak-pe irã i angaipá'-bae i tupã<sup>5</sup> t-ur-eme-ne? — N' aan-i; s-eté anhó o-s-epiak-ne. S-eté beraba<sup>6</sup> tiruã-pe nd' o-s-epiak-i xó-é-ne? — Nd' o-s-epiak-i xô-é-ne, i abaeté<sup>7</sup> anhó o-s-epiak-ne. S-oryb-eté-pe i angaturam-bae s-epiak-a-ne? — S-oryb-eté-ne.

Catecismo (ed. 1898), pp. 60-62.

1 — escaparão? 2 — imediatamente. 3 — se juntará. Melhor: *nhe-ynhang-i*. 4 — terrível. Melhor *abaí-té* (de *abaíba* + *eté*). 5 — divindade. No tupi colonial, *Tupã* significa "Deus". Aqui está em sentido forçado: "natureza divina". 6 — o resplendor do seu corpo. 7 — o seu terror.

## BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 17v; 21-22; passim; FIGUEIRA 101-116; passim; MONTOYA 18; passim; RESTIVO 30-47; passim; CAETANO 14-19; 19-27; 31; 35; 46-50; 50-58; ADAM 51-58; DALL'IGNA, *Análise* 67, Id. *A Categoría* 50-53.

## PARTÍCULAS

1041. A frase tupi se caracteriza pela abundância de partículas. Idioma concreto, o tupi procura com as partículas exprimir os pormenores tanto das ações e estados descritos na frase, como dos sentimentos com que a pessoa, que fala, acompanha a sua fala ou elocução: enfado, desgôsto, raiva, desprezo, carinho, louvor, saudade, dúvida, interrogação, certeza, meia certeza, opinião baseada em informação de outrem, etc. Grande número de partículas têm essa função, por vezes intraduzível noutra língua: expressões da *linguagem afetiva*.

## INTERROGATIVAS

1042. -Pe, serã, hẽ (n. 157) indicam que a pessoa que fala está perguntando. Normalmente não se traduzem.

## AFIRMATIVAS

Algumas já foram indicadas, n. 103.

1043. Raé, usadíssima, parece servir para afirmar a conclusão daquilo que se ouviu, sem maior responsabilidade de quem fala. Equivale a “de maneira que”; outras vezes não se traduz:

*o-só raé*: de maneira que foi; diz que foi; *aé gû-e-mi-tyma aysó pyter-pe bé-pe* *Tupã amó ybá t-ekó-bé ïara moam-i?* *Emo-nã raé* (AR. 49): colocou Deus também no meio daquele seu formoso jardim um fruta, senhora da vida? (Diz que) assim foi

O mesmo sentido tem nas interrogações:

*o-só-te-pe raé é?* (ANCH. 36) : de maneira que élé foi? então élé foi?

Por vêzes *raé* é substituída ou acompanhada por *i é*, que mais claramente exprime a palavra de terceiros (i. é: dito dêle ou dêles):

*emonā i é* ou *emonā raé* ou *emonā i é raé*: assim dizem que é

**1044.** **Reá** (de h.) e **reĩ** (de m.) são afirmativas sentenciosas, principalmente para os casos em que não há *certeza absoluta*. Com freqüência vêm acompanhadas de *ipó* ou *serã*, dubitativas. Correspondem às vêzes a “deve ser”, “há de ser”:

*Iandé Íara Jesus Cristo r-eō-ag-ûera: s-esé ipó Tupã xe r-ausub-ar-i reá* (AR. 31) : a morte de N. S. J. C.: por ela Deus se há de compadecer de mim; *o-s-apíá' katu, "Xe r-e-r-ekó-ar-ĩ aé xe mena, xe r-uba r-ekobiara aé reĩ" o-î-á-bo* (AR. 167) : (a espôsa) deve obedecer a seu marido, pensando “Meu marido deve de ser meu guarda querido (*ĩ* diminutivo de afeto), o substituto de meu pai”

## DUBITATIVAS

**1045.** São principalmente **serã** e **ipó** ou **n'ipó** “talvez”, “quiçá”, “provavelmente”, “por ventura”:

*ké suí serã i asab-i* (sic) *India Tapy' tinga r-etã'-me* (AR. 138) : daqui élé passou para as Índias, a terra dos Tapuitingas; *o-só ipó reá* (VLB 190) : deve ter ido; *bi-p' eté-ĩ ipó ahẽ r-ekó-û* (VLB 339 corr.) : deve de estar por aí pertinho; *aé ipó* (ou *n' ipó*) *s-ekó-eym-e* (VLB 214) : e no caso que não esteja; *aé-n' ipó* ou *aé-n'ip' aé* ou *aé-n' ipó...* *raé* ou *aé serã-ne* ou *aé serã-ne... raé*: e parece que... (narração); *aé-n' ipó N. pó-ar-i s-esé raé* (VLB 214) : e parece que N. deu nêle

Às vêzes juntam-se as duas:

*aé serã-n' ipó... raé* (ib.) : e parece que... ; *ogû-ausu' katu-ag-ûera r-epy-ramo Tupã ipó serã s-e-ra-só-û s-eté r-e-sé-bé ybak-pe*

(AR. 139) : Deus, em prêmio do grande amor que (S. João) lhe teve, provavelmente o levou com seu corpo para o céu

1046. O sentido principal de *ipó* é afirmativo: “certamente”, “de verdade”. Evolui para dubitativo, como, no português, “certamente”. Exs. como afirmativa:

*a-só ipó* (FIG. 121) : vou, resolutamente; “*a-i-epyk ipó serã s-esé-ne*” — *er-é-pe?* (AR. 229) : disseste: “hei de me vingar dêle de verdade”?

1047. *Serã*, com verbo negativo, toma sentido contrário: “sem dúvida”, “certamente” (e o verbo se traduz na forma afirmativa) :

*nd' o-ti-î serã asé*

a gente se envergonha, sem dúvida,

*marã o-ikó-bo ara iá*

de fazer isso cada dia

*c arõ-ana r-obaké*

diante de seu (anjo da) guarda

(VALENTE, Poema III)

*nd' o-manó serã-î xó-é-ne* (MONT. Tes. 154) : morrerá, sem dúvida

## DEPRECIATIVAS

1048. Raú conota enfado, desgôsto:

*marã-mo-te-pe raú?* : pois como havia de ser? ; *e-i-kuá' raú nde ri o-pó-ar-bae* (AR. 79) : adivinha quem te bateu

1049. Muru ou mburu e moxy implicam raiva, maldição:

*t'ere-só muru!* : vai-te (com os diabos!)

*Muru* pode ser até substantivo:

*t'ia-s-ausu' pab-ẽ Santa Maria,*  
*iandé pyá pupé s-ekó mo-*  
*-ndep-a,*

amemos todos a Santa Maria,  
introduzindo sua lei em nosso  
coração,

*t'ó-pó-ar anhangá rí, muru  
mo-mbep-a,  
s-ekó poxy suí iandé  
r-eiyí-a.*

[para] que ela vença o demônio, esmagando o maldito, desviando-nos de sua má lei.

(ANCH., Poesias 27)

1050. Às vezes, na paradoxal linguagem afetiva, podem tomar tonalidade de carinho ou louvor:

*e-i-meeng raú xe-be*: dá-mo, pela tua vida!; “*pe-ió pab-é!*” — *e-i xe sy muru angaba*: “vinde todos” — disse a boa de minha mãe

### DELIBERATIVAS

1051. Sobre **ká**, **ky**, **pá**, v. n. 199.

### OUTRAS PARTÍCULAS

1052. **Nhandu** (ou **iandu**) corresponde ao nosso “já, como de costume”:

*o-ikó-potar s-esé nhandu* (Ar. 240): já está a querer pecar com ela (subent.: como tem o costume de fazer); *irõ nhandu* ou *irõ nhandu hẽ* ou *irõ nhandu gûé* (VLB 258): já começa! (repreensão)

Ocorre com freqüência no imperativo, com o sentido de “já” (n. 208). Não se usa com verbo negativo.

1053. **Amé** ou **-n' amé** ou **-n' ak' amé**: “ser costume”, “costumar”:

*nã-neme amé anhangá ie-iuká-'ib-eté-û moro-esé, abá ogû-e-ro-biá'-potá'* (Ar. 316): nessa ocasião o demônio costuma esforçar-se muito com a gente, desejando que o homem creia nêle

É especialmente empregado quando corresponde ao nosso imperfeito:

*a-só amé iepi* (VLB 394): eu costumava ir sempre; *marã er-é-p' amé e-poro-mbo-é-bo?* (Ar. 77 corr.): que costumavas dizer, quando ensinavas?

1054. Toma por vêzes a accepção de “dever”:

*Tupã é-n' am' asé o-i-mo-eté* (VLB 167) : é a Deus que se costuma adorar (i. é, que se deve adorar); *marã e-i-p' amé asé abaré “hóstia” r-upir-eme?* (AR. 153) : que se costuma (deve) dizer quando o padre ergue a hóstia?

1055. Com *amé* se formam curiosas locuções irônicas:

*mbaé kuap-ara aé amé ahé!* (VLB 359) : que fulano para saber! (i. é, que não sabe nada); *mbaé angaba aé amé!* (VLB 85, 268) : isso falta ora!; *mbaé angaba aé amé y!* (VLB 85) : oh cousa (ou lugar) para ter água (i. é, em que não há água nenhuma); *y angaba aé amé ebokûé y-paú!* (ib.) : oh ilha para ter água!

1056. *Angaba* pode estar no diminutivo *angab-í-me* é, então se encarece ainda mais a *falta*:

*ybyrá angá'-pe é amé* ou *ybyrá angab-í-me é amé* (VLB 268) : oh lugar para ter paus (i. é, que não tem pau algum)

1057. *Irõ*: “portanto”. Muito empregado, com várias accepções:

*irõ* ou *irõ hẽ* (VLB 316) : veja só (bem eu o disse); *irõ* (ib.) : olhe bem, preste atenção (e mais tarde verá que tive razão); *irõ bẽ*, *irõ nhandu* (S. Lour. 75) : veja, outra vez já começa!; *irõ, irõ-no*, *irõ nhandu* (VLB 316) : olhe isto, olhe o que já está fazendo (zanga ou queixa); *neĩ rõ* ou *neĩ-ne rõ* (VLB 197) : eia pois (já que o quer)

1058. **Nhé**. Usadíssima. Às vêzes significa “à toa”, “sem mais”, “sem razão especial”, “por fazer”, etc. Na maioria dos casos, dispensa tradução: vem apenas reforçar o sentido de determinada palavra ou partícula. É muito corrente apôs o gerúndio, conjunções, advérbios, preposições, ou em frases predicativas:

*îa-i-peá nhé aipó-bae, amó r-esé i mo-mondá* (AR. 281) : êsses nós os separamos, fazendo-os casar com outros; *Tupã nheenga aby-reme, anhangá supé ere-nhe-meeng-eté, s-e-mi-ausub'-amo e-nhe-mo-*

*-ingó-bo: s-ausup-a nhé, i mo-eté-bo nhé...* (AR. 249) : faltando aos mandamentos de Deus, tu te entregaste inteiramente ao demônio, transformando-te em seu escravo: amando-o, estimando-o...; *i nhyrō nhé-mo* (AR. 81) : perdoaria sem mais; *iké nhé pe-ikó xe r-arō-mo* (AR. 72) : ficai aqui esperando-me; *i angaturam-eté nhé Santa Maria* (AR. 64) : é santíssima Nossa Senhora; *s-ekó-aba nhé* (VLB 167, 420, 308; AR. 42) : é seu natural; foi sempre assim; *nhusana abŷ-ar-eyma nhé serã “tentação”...*? (AR. 29) : é acaso a tentação semelhante a um laço?

**1059.** Muitas yêzes se alterna no uso com é (n. 204-205) : *gûatá é ou gûatá nhé* (VLB 102) : andar a pé

**1060. Aé...: “e...”**

No tupi não há coordenativa para ligar frases ou membros de orações (n. 145). Mas aparece aé abrindo períodos que tenham alguma conexão com os anteriores. Corresponde a “e...”:

*aé ipó s-ekó-eym-e...* (VLB 214) : e, caso êle não esteja...; *aé-n' ipó N. pô-ar-i s-esé raé* (ib.) : e parece que N. deu nêle

Mais freqüente nas interrogações:

*aé-pe...? :* e porventura...? ; *aé-pe marã?*, *aé-te-pe marã?* : e que há com isso? ; *aé-pe marã ere-ikó s-esé?* (VLB 214) : e que tens com isso? ; *aé-te-pe?*, *ae-te-pe ahẽ?*, *aé-te-p' ahẽ r-ekó-û?* (VLB 159) : e como está êle (ou fulano)? ; *aé-te-pe nde?* (ib.) : e tu (que dizes)? qual é o teu parecer? ; *aé-te-pe nde nheenga?* (ib.) : idem; *aé-mo-p'* (ou *serã*) *ixé s-e-ra-só-aub-i?* (VLB 348) : e por que haveria eu de o levar? ; “*xe porang-eté-te-mo mã! aé-mo abá xe potar-i rei!*” — *er-é-pe?* (AR. 235) : “oxalá eu fôsse muito bonita, (e) os homens me cobiçassem!” — disseste (pensaste) isso?

## GRUPOS DE PARTÍCULAS

**1061.** As partículas, tão abundantes na língua, juntam-se às yêzes em grupos. Nem sempre é fácil separá-las, principalmente nos antigos documentos, que as unem quase sempre numa só palavra. Alguns exs., separados já os elementos:

## 1062. aan:

*aan-i, n' aan-i, aan iā, aan nhé, aan-i reá, aan-i reī ou rī, aan-i r' akó, aan ipó, aan ipó biā, aan umé, aan ymé, aan ymé-ne, aan-i xó-é-ne, aan-i xó-é ipó-ne, aan-i xó-é koy-te-ne, aan-de, aan angá-î, aan gatu tenhé, aan-angá-î katu tenhé, aan-eym-e, aan-eym-e é*

## 1063. anhé ou aíé:

*anhé kó, anhé r'akó, anhé-n' akó, anhé-té, anhé katu, anhé 'té katu, anhé 'té katu nhé, anhé 'té 'té katu nhé, anhé raú-pe, manhé raú-pe, anhé raú-pe é, anhé raú-pe rí, anhé-te-mo, anhé ipó, anhé-p' anhé?, anhé?, anhé ruã-p' anhé?, anhé r' akó reá, anhé reá, anhé r' akó reī, anhé reī*

## 1064. aûié:

*aûié ã, aûié uĩ, aûié ranhé, aûié katu, aûié katu nhé, aûié katu 'té nhé, aûié ipó, aûié katu 'té nhé ipó ou -n' ipó, aûié-rama, aûié-rama-nhé, aûié nhé, aûié é, aûié é-mo, aûié-bé-te, aûié-bé-ramo, aûié-bé-ramo-te, aûié-bé-te-mo, aûié-'té, aûié-'té-pe é, aûié-'té-ramo, aûié-'té-ramo-pe é*

## 1065. nã:

*nã-te, nã-te-ne, nã ndé, nã ndé-te, nã ndé-te-ne, nã-bo, nã-mo, nõ-mo, nã-mo nho-te, nã-mo nho-t' aub, nã-ĩ, nã-ĩ bé-ĩ, nã-ĩ bé-ĩ nhó te, nã-ĩ bé-ĩ nhó-t' aub, nã-neme, nã nhó, nã nhó ranhé*

## 1066. marã:

*marã-pe?, marã-te-pe?, marã-te-pe-mo?, marã-mo-pe?, marã-mo-te-pe?, marã-mo-te-pe raú?, marã-te-pe-ne?, marã-te-p' iã-ne?, marã-namo-pe?, marã serã?, marã ngatu-pe?, marã ngatu-eté-pe?, marã iabé-pe?, marã ngoty-pe?, marã ngoty suí-pe?, marã hẽ?, marã-p' ipó?, marã eté-i-pe?, marã té-ĩ-pe?, marã-neme-pe?, marã-neme-te-pe?, marã-mo-pe?, marã-pe-mo?*

— marā ndé, marā ngatu, marā ngatu-eté, marā iasúara-mo,  
marā iasúara-mo-mo, marā iasúara-mo mā, marā iasúara-mo-  
-te-mo mā, marā iasúara-mo-ne mā, marā iasúara-mo-te-mo

1067. -te

-te-ne, -te-n'akó, -te-n' anhé, -te-n'ipó, -te-mo, -te-mo nā, -te-mo-ne, -te-mo-ne-mo

## A LINGUAGEM DOS HOMENS E A DAS MULHERES

1068. Já nos referimos à existência de palavras que são empregadas só pelos homens, ao lado de outras que o são só pelas mulheres.

Cabe aqui uma resenha dessas partículas e interjeições:

|                                  |                             |
|----------------------------------|-----------------------------|
| pá: sim (só de h.) (n. 44)       | eē (h. e principalmente m.) |
| aan: não (h. e m.) (n. 44)       | eam, eama, eamaē (só de m.) |
| reá: part. afirm. (h.) (n. 1074) | rei (m.)                    |
| rá: em verdade (afetiva) (h.)    | rare (m.)                   |

e-ra-só kē rare! (VLB 316): olha, te digo, que o leves

|                                   |         |
|-----------------------------------|---------|
| é: deve de ser (afirm. duv.) (h.) | ri (m.) |
|-----------------------------------|---------|

abá-p' akó é? (VLB 319): quem seria aquêle?

a-só-p' ixé-ne ri? (VLB 319): não sei se me vá

emonā ruā-pe é (VLB 190): assim deve de ser

|   |                                  |
|---|----------------------------------|
| akaī: oh!; ai! (dó, dor, medo, zombaria) (h.) | aké, aky (m.)                    |
| kué, ahē: oh! upa! (espanto) (h.)             | ió (m.)                          |
| gúi, gûé, gûey: ó (vocat., n. 448) (h.)       | íú ou ió (m.)                    |
| hē!: olá! oh! (só de h. para h.)              | (não tem correspondente para m.) |
| hē gûé ou hē gúi: oh!, olá (h.)               | íú ou ió (m.)                    |

|                                   |                             |                                |
|-----------------------------------|-----------------------------|--------------------------------|
| <i>ahé!</i> ou <i>gûé</i>         | <i>veja isso!</i> (espanto) |                                |
| <i>segûé, ti, eti</i>             | <i>ou zombaria</i> ) (h.)   | <i>eá</i> (m.)                 |
| <i>apí gûé</i> ou <i>apá gûí:</i> | <i>ui!</i> (coitado!) (h.)  | { <i>eá!</i> (escárneo) } (m.) |
| <i>akw!</i> : oh!                 | (dó ou dor) (m.)            | <i>eumaë!</i> (dó)             |
| <i>agi'y!</i> : oh!               | (perda, esquecimento) (h.)  | <i>eumaë! amaë iú!</i> (m.)    |
|                                   |                             | <i>amaë iú!</i> (m.)           |

Acrescentem-se *pá* (h.) e *maë* (m.) (VLB 175), cujo sentido não é claro.

1069.

## DO JUÍZO UNIVERSAL

P. ANTÔNIO DE ARAÚJO (1566-1632)  
(continuação da p. 366)

*Mbaé mo-nhang-a-pe Iandé Iara r-ú' ie-byr-i<sup>1</sup> ybaka suí-ne? — O-ikó-bé-bae, o-manó-bae-püera pab-ē r-ekó mo-ndyk-a<sup>2</sup>. O-î-peá-pe i angaipá-bae i angaturam-bae suí-ne? — O-î-peá-ne. Marã ngoty-pe i angaturam-bae mo-in-i-ne? — O é-katu-aba koty<sup>3</sup>. Aé-pe i angaipá-bae mamó goty-pe? — O asu goty<sup>4</sup>. Marã-pe irã i angaturam-bae r-e-r-ekó-û-ne<sup>5</sup>? — Ybak-pe s-e-ra-só-û-ne. Marã-pe s-ekó-û<sup>6</sup> ybak-pe-ne? — Tupã o-s-epiak-ne. Mbaé eté-pe Tupã r-epiak-a? — Mbaé eté aé anhó opá-katu i potar-pyra sosé. O-î-ekó-ab-ok-bae-rama-pe<sup>7</sup> t-ekó-puku<sup>8</sup> ybak-pe s-e-mi-e-r-ekó-rama? — Nd' o-î-ekó-ab-ok-bae-rama ruã<sup>9</sup>. O-î-kuá' katu-pe i î-ekó-ab-ok-eym-ag-ûama<sup>10</sup>? — O-î-kuá' katu. O-î-porará abé-pe mbaé amó, ebo-uï-me o-ikó-bo-ne? — N' aan-i xo-é-ne. Aé-pe irã i angaipá-bae marã s-e-r-ekó-û-ne? — Anhanga r-atá-pe i mo-ndó-û-ne. O-sem bé-pe irã ebouinga suí-ne? — Nd' o-sem-i xo-é-ne. Aûié-rama-nhé-pe s-ekó-û t-atá porará-bo-ne? — Aûié-rama-nhé. Mbaé s-asy-eté aé-pe t-ekó-ara supé opá-katu s-e-mi-porará sosé? — Aûié-rama-nhé Tupã o mo-nhang-ara r-epiak-eym-ag-ûama.*

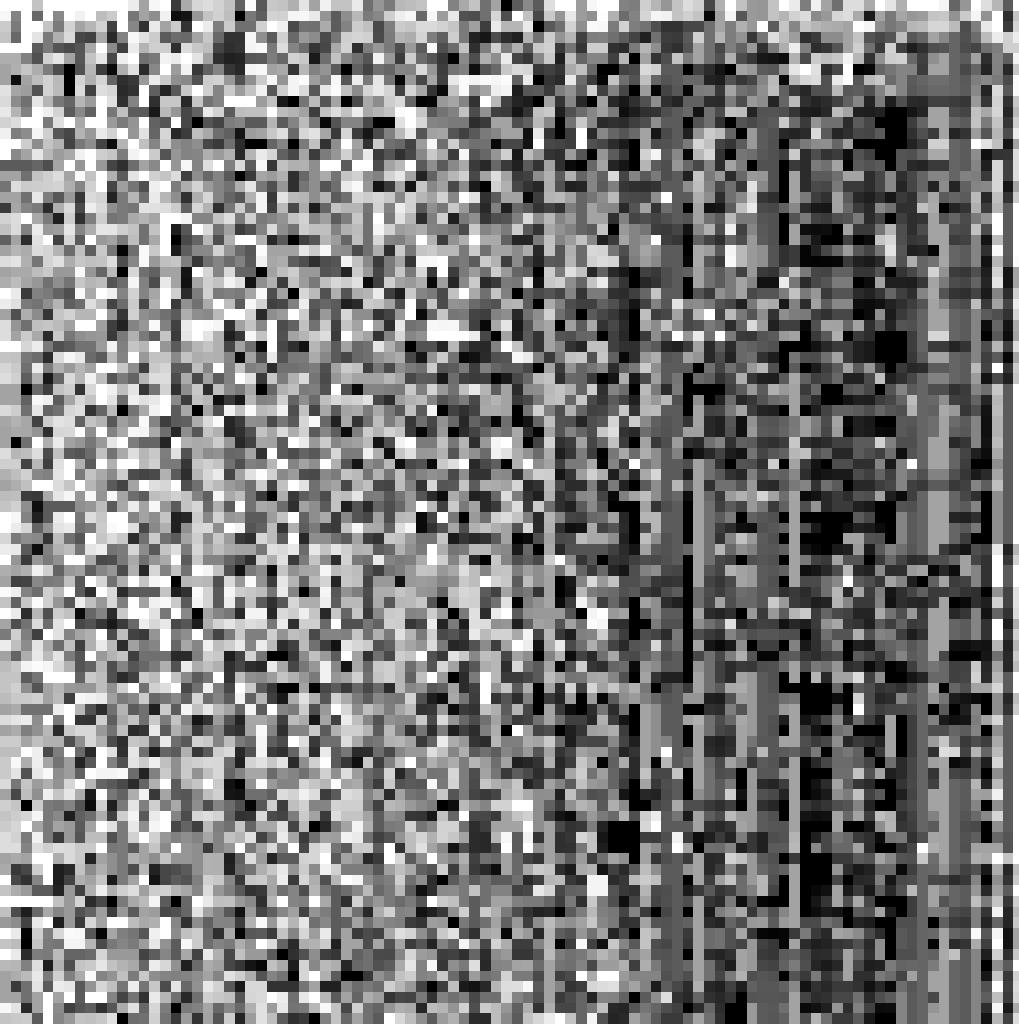
Catecismo (ed. 1898), pp. 62-63

- 1 — tornará a vir. Conjug. subord. 2 — para julgar. 3 — à sua direita. 4 — à sua esquerda. 5 — que fará com os eleitos? 6 — que farão no céu? 7 — é mutável? ou: fica diferente? 8 — vida eterna. 9 — não é mutável. 10 — que não se mudará?

## BIBLIOGRAFIA

Partículas — ANCHIETA 54; 57v; FIGUEIRA 126-137; 144; MONTOYA 19-20; RESTIVO 31-32; 202-327; L. BARBOSA, *Traduções* 42.

Linguagem dos homens e das mulheres — ANCHIETA 14v; FIGUEIRA 9; 133-134; 139; MONTOYA 78; 80-81; RESTIVO 216-327; L. BARBOSA 168.



## PERÍODOS

1070. Na conversa viva, deviam predominar as frases curtas, sem coordenação nem subordinação gramaticais, mas presas entre si pela repetição ou suposição de um elemento comum.

1071. Era também bastante empregada a subordinação; principalmente o gerúndio, as orações temporais, além das frases particip. (-bae). Coordenação quase não existia.

1072. No tupi escrito pelos missionários, e mais ainda no guarani, os períodos são calcados nos moldes europeus: longos, tecidos de frases coordenadas e subordinadas.

1073. Como não nos foi conservada nenhuma narração espontânea em tupi, não estamos em condições de precisar qual seria a técnica do discurso, devendo contentar-nos com vagas alusões dos autores antigos e com a analogia dos codialetos vivos.

## AFIRMATIVAS INDIRETAS (\*)

1074. Os índios apreciavam e empregavam largamente o processo de afirmar perguntando. Isso principalmente nas respostas (Cfr. no espanhol “*como no?*” = sim). Subentendia-se ligeira repreensão ou admiração pela pergunta.

(\*) A maioria dos exemplos que se seguem, são tirados de RESTIVO (Suplemento, Cap. IX, “De las oraciones enfáticas”), com adaptações ao dialeto tupi.

*nd' o-ur-i xe r-ybyra. — O-ú'-te-mo-p' aé?:* meu irmão não veio.  
— Pois ele tinha de vir? (subent.: não); *karaiba nd' o-gûe-r-ur-i-pe*  
*o e-mbi-ar-ûera?* — *Nd' o-gûe-r-ur-i xó-é-te-mo-p' aé?:* o branco não  
trouxe o que caçou? — Pois ele não tinha de trazer? (subent.: é claro  
que trouxe); *ere-î-pytybô-p' ikó mará-á'-bora?* — *A-s-epiak tenhê-*  
*-mo-p'iã?:* socorreste a este enfermo? — (Acaso) eu o veria de balde?  
*abá é-te-mo-p' aé?:* pois quem outro havia de ser?; *nda xe kysé-i*  
*xó-é-te-mo-pe?:* pois eu não havia de ter faca?; *nda xe kysé ruã-i*  
*xó-é-te-mo-pe?:* pois não havia de ser minha faca?

As vezes a resposta é a repetição da pergunta:

*erimbaé-pe?* — *Erimbaé-pe?:* quando? — Quando? (i. é: tão pouco eu  
sei quando)

1075. Havendo dois verbos, um no gerúndio (ou no infinito com *-reme*) outro no condicional, a tradução inclui a locução “como se”:

*xe mbo-é-reme-mo-p' aé, a-î-kuab?* ou *xe mbo-é-te-mo-p' aé, a-î-*  
*-kuab?:* como se mo houvessem ensinado, eu o havia de saber?; *xe*  
*mbo-é-eym-e-mo-p' aé, nd' a-î-kuab-i?*: como se não mo tivessem ensi-  
nado, eu não havia de o saber?; *pe r-ausub-eym-e-te-mo-p' ipó, ixé pe*  
*r-epiak-aub-eym-i?*: como se não vos amasse, não havia de desejar  
ver-vos?; *marã nde r-ekó-eym-e-p' aé, Paí nde nupã-ukar-eym-i raé?*  
ou *marã nde r-ekó-eym-e-mo-p' aé, Paí nde nupã-ukar-eym-i raé?:*  
como se não tivesse feito nada, havia o Padre de mandar bater-te?

O segundo verbo pode estar subentendido:

*roy-ey'-te-mo-p' aé?:* como se não estivesse fazendo frio (não  
havia de me aquecer ou abrigar)?

1076. O verbo é, “dizer”, entra em numerosas dessas res-  
postas interrogativas:

*Tupã nhandé r-ausub: e-i tenhê-(n. 463)-te-mo-p' akó og-ugûy-*  
*marangatu nhandé r-esé i mo-mbuká-bo raé?:* Deus nos ama: à toa  
havia de derramar seu sangue por nós?; “*xe amotar-eymb-ara anhangá*” — *nd' er-é-î-te-p' iã, i nheeng' apiá tenhé* ou “*nda xe amotar-*  
*-eymb-ara ruã anhangá*” — *er-é-te-p' iã, i nheeng' apiá tenhé?:* como  
se o demônio não fôsse teu inimigo, obedeces às suas ordens? (lit.:

não dizes “o demônio é meu inimigo”, obedecendo às suas ordens? ou: dizes “o demônio não é meu inimigo”, obedecendo às suas ordens?) ; “xe r-ayra ikó” — nd’ er-é-î-te-p’ iã, s-ausub-eym-a? ou “nda xe r-ayra ruã ikó” — er-é-te-p’iã, s-ausub-eym-a?: como se não fôsse teu filho, não o amas?

### 1077. O verbo é às vezes se coloca no gerúndio:

emonã aipó gûi-î-á-bo-mo-p’ ixé?: havia eu de entender que isso era assim?; mbaé poran’ gatu-eté gûi-î-á-bo-mo-p’ iã, xe nhe-mo-ndyî tenhé gûi-t-ekó-bo?: como se eu pensasse que era uma coisa muito bonita, havia de me admirar à toa?; “t’ i marangatu” gûi-î-á-bo-mo-p’ ixé, Tupã nheeng-ûera r-esé opo-mbo-é-mbo-é-aub gûi-t-ekó-bo raé?: como se eu esperasse que viésseis a ser bons, havia de vos estar a ensinar as palavras de Deus?; “koromó t’ a-basem” — nda o-î-á-bo ruã — ahê r-anhé r-anhé o-ikóbo: élê está todo apressado, como se fôsse chegar logo (lit.: não dizendo “chegarei logo”: sabendo que não chegará logo). Subentende-se: faz mal em se apressar, pois não chegará mesmo logo); “koromó t’ a-basem” — o-î-á-bo-mo-p’ aé — ahê r-anhé r-anhé o-ikó-bo: havia élê de se apressar, como se fôsse chegar logo? (como se soubesse que ia chegar logo? Subent.: faz bem em não se apressar, pois bem sabe que não chegará logo); “t’ a-r-ekó mbaé” — e-î-á-bo ruã-pe — nde kaneõ tenhé e-ikó-bo raé: estás-te cansando à toa, como se fôsses conseguir alguma cousa (lit.: não dizendo “terei a cousa”: sabendo que não terás...); “nda xe amotar-eymb-ara ruã-n’ ikó anhangá” — e-î-á-bo ruã-p’ iã — ere-î-nheeng-âpiá’ tenhé?: como se o demônio não fôsse teu inimigo, cumpres as suas palavras?; “nda xe amotar-eymb-ara ruã -n’ikó anhangá” — e-î-á-bo-te-mo-p’ aé, ere-î-nheeng-âpiá’ tenhé?: como se o demônio não fôsse teu inimigo, havias de cumprir as suas palavras?; “mbaé abý-ara nhe-mo-nhangá ixé” — e-î-á-bo ruã-pe — mbaé ere-î-mo-ndó iepé?: como se fôsses filho de mau atirador, deixas escapar a caça?; “a-s-eþiak” — e-î-á-bo ruã-te-pe — aipó er-é ixé-be? ou nde s-eþiak iré-mo-p’ aé, aipó er-é ixé-be?: como se o tivesses visto, dizes-me isto?; “xe r-ayra ikó” — e-î-á-bo-mo-p’ iã — ere-î-mo-ngaru?: como se disseses “é meu filho”, havias de dar-lhe de comer?; “nda xe r-ayra ruã ikó” — e-î-á-bo-p’iã — nd’ ere-î-mo-ngaru-î xó-é?: como se disseses “não é meu filho”, não lhe havias de dar de comer?; “nda xe amotar-eymb-ara ruã ikó” — e-î-á-bo-mo-p’ iã — nd’ ere-s-ausub-i xó-é?: como se disseses “é meu inimigo”, não o havias de amar?;

"*nda xe mo-mbor-i xó-é anhangā r-atá-pe-ne Tupā*" — *e-î-á-bo ruã-pe* — *ere-î-mo-maran tenhé katu asé r-ekó-mo-nhang-aba e-ikó-bo raé?*: não dizendo "não me atirará Deus ao inferno" (sabendo que não me atirará), estás desobedecendo aos mandamentos?; "*ar-eté-gûasu-n' ikó*" — *e-î-á-bo ruã-pe* — *nd' ere-porabyky-potar-i?*: sabendo que não é dia de festa, não queres trabalhar?; "*nda xe sy ruã ikó*" — *e-î-á-bo ruã-pe* — *i nheenga nd' ere-s-apiar-i?*: sabendo que é tua mãe (não dizendo "não é minha mãe"), não obedeces às suas ordens?

**1078.** Do cotejo dêsses exemplos conclui-se que, quando há uma repreensão, o verbo é fica no gerúndio negativo (*gûi-î-á-bo ruã*, *e-î-á-bo ruã*); caso contrário, leva o sufixo do condicional *-mo*.

**1079.** Mas pode-se dar também um torneio mais simples às frases:

"*nda xe mo-mbor-i xó-é anhangā r-atá-pe-ne Tupā*" — *e-î-á-bo-p' iã* — *ere-î-mo-maran tenhé katu asé rekó-mo-nhang-aba ere-ikó-bo raé?*: entendes que Deus não te atirará ao inferno, para estares a desobedecer aos seus mandamentos? (*Subent.*: bem sabes que atirará); "*ar-eté-gûasu-n' ikó*" — *e-î-á-bo-p' iã* — *nda pe-porabyky-î?*: entendes que é dia de festa, para não trabalhares? (sabes que não); "*nda xe sy ruã ikó*" — *e-î-á-bo-p' iã* — *i nheenga nd' ere-s-apiar-i?*: entendes que ela não é tua mãe, para desobedeceres às suas ordens? (bem sabes que o é)

**1080.** De acordo com a regra geral (n. 681), em lugar do gerúndio pode também estar o infinito seguido de *-reme*:

|                   |    |                        |
|-------------------|----|------------------------|
| <i>gûi-î-á-bo</i> | ou | <i>xe é-reme</i>       |
| <i>e-î-á-bo</i>   | ou | <i>nde é-reme</i>      |
| <i>o-î-á-bo</i>   | ou | <i>i é-reme</i> , Etc. |

"*xe r-e-mi-tym-bûera r' akó*" *xe é-reme ruã-te-pe*, "*na nde r-e-mi-tym-bûera ruã*" *er-é ixé-be*; ou "*xe r-e-mi-tym-bûera r-akó*" *xe é-reme-mo-p'aé*, "*na nde r-e-mi-tym-bûera ruã*" *er-é ixé-be*: dizes-me "não é o que semeaste", como se eu tivesse dito "é o que eu semeei"



Sepultamento (THEVET)

**1081. EXORTAÇÃO ANTES DA ABSOLVIÇÃO  
P. ANTÔNIO DE ARAÚJO (1566-1632)**

(continuação da p. 352)

Emonā-namo Tupā nheenga abŷ-ag-ûera kuap-a, nde r-e-mi-mo-mbeú-púera, nde r-esaraî-ag-ûera abé, opab-ê-nhé i mo-asý-pyra, s-e-ro-yrô-byra sosé, i mo-asý-á-bo, s-e-ro-yrô-mo, eneî e-iasegû-á-bo, nde pore-ausuba r-apirô-mo. “A-só-mo ixé aé-pe, Tupā xe pysyrô-eym-e-mo reá” — e-î-á-bo. “Marã iasûara-mo-te-mo abaré xe apir-amô-neme, xe angaipab eym-e-bé, xe r-eõ mä!” — e-î-á-bo, nde anga mo-aky’, nde r-esâ-y-ramo, Tupā mo-î-e-ro-kuap-a, anhangá suí, s-atá suí bé e-nhe-ang-û-á-bo.

Eneî, anhangá mo-sem-a koy-te, nde angaipaba mo-asý-á-bo, s-e-ro-yrô-mo, auié-rama-nhé s-e-ro-îe-by'-potar-eym-a; emonâ o-ikô-

-bo é, asé s-e-ityk-i reá. O kotoy suí mbaé poxy r-e-ityk 'iré abá, nd' o-gûe-ro-îe-byr-i o kotoy-pe, i mo-sâi-a, i mo-nem-botar-eym-a. T'i a-pysyk nde anga, Tupã o ausub-á' riré. Tupã anhó t' o-ikó i por-amo ang-iré. Nde r-ekó memûã-ag-ûera r-epy-meen'-gatu roiré, t' ere-î-ekó-sub-eté t-ekó poranga r-esé.

Catecismo (ed. 1898), pp. 249-250

1 — miséria. 2 — chorando. 3 — aplacando. 4 — abrandando. 5 — temendo. 6 — espalhando. 7 — virtude.

## BIBLIOGRAFIA

Períodos — CAETANO 84-90.

Afirmativas indiretas — RESTIVO 191-202; 207-211.

LIÇÃO 59.<sup>a</sup>

## O TUPI COLONIAL

1082. Ao contacto com o português, o tupi sofreu várias alterações.

1083. Algumas palavras introduziram-se na língua, ou pelo menos nos sermões e outros escritos tupis. Quase sempre nomes de séres ou cousas sagradas, ou conceitos de ordem moral cristã, que não tinham fácil tradução em tupi:

*Santa Cruz, Espírito Santo, Ave Maria, Santa Igreja Católica, Santos, Missa, Páscoa, Apóstolos, Cristãos, Santíssima Trindade, Endoénças, Sepulcro, Santíssimo Sacramento, Amém, tentação, graça, mirra, Judeus, rei, ladaínhas, sacramentos, etc.* (Todos do *Catecismo de Araújo*).

Assim também os nomes de dias da semana, de meses, de números, etc.

1084. Na maioria dos casos, porém, traduziam-se os novos conceitos por palavras tupis, que tivessem com êles alguma semelhança, embora vaga. Estendia-se-lhes apenas a significação:

*Tupã*: gênio do trovão e do raio = Deus

*Tupã-r-ar*: tomar a Deus: comungar

*Tupã-mo-ngetá*: falar com Deus: rezar

*Tupã sy*: mãe de Deus: Nossa Senhora

*Tupã r-era r-enõi*: chamar o nome de Deus: jurar

*Tupana* ( ← *Tupā-ara*): dia de Deus: dia santo  
*Tupā* (*r-*)*oka*: casa de Deus: igreja

*ybaká*: céu (firmamento) = céu (dos eleitos), paraíso

*ybaká-pora*: morador do céu

*ybak-y-guara*: celestial

*Maira*: personagem mitológica = branco; francês

*abaré*: = padre

*abaré-guasu*: bispo

*nhe-mo-abaré*: ordenar-se

*ybyrá io-asaba*: paus cruzados = cruz

*yby a-pytera*: centro da terra = infernos, limbo

*mo-nhang*: fazer = criar

*moro-pysyrō-ana*: salvador = Salvador

*ekó-mo-nhang-aba* (*t*): regra de vida = mandamento

*apixara* (*t*): semelhante (*adj.*) = próximo (*adj.* e *subst.*)

*karaiba*: grande pajé; taumaturgo = estrangeiro, (ser sobrenatural); branco; cristão, santificado, santo, bento

*y karaiba*: água benta

*nhandy karaiba*: santos óleos

*nhe-mo-ngaraib*: batizar-se

*nhe-mo-ngaraiba*: batismo

*nhe-m(b)o-iasuk*: lavar-se, banhar-se = batizar-se

*nhe-m(b)o-iasuka*: batismo

*nhe-mo-mbeú*: declarar-se = confessar-se; confissão (do fiel)

*mo-nhe-mo-mbeú*: confissão (ato sacerdotal); confessar

*mend-ar*: tomar marido = casar-se

*mend-ara*: matrimônio

*Anhangá*: gênio mau das matas = diabo

*anhanga r-atá*: fogo do diabo: inferno

*Iurupari*: gênio mau das matas (mais conhecido no Norte) = diabo  
*obá-sab* (*s*): atravessar o rosto a = benzer

*i'-obá-sab*: benzer-se

*marana rí t-ekó-ara*: guerreiro = soldado

*misa mo-nhang*: = dizer missa

*angaȋpaba*; *angaȋpap-aba*: ruindade = pecado

*ekó-angaȋpab-yþy* (*t*): pecado original

*oryba* (*t*): alegria = felicidade celestial

*oryp-á'-pe* (*t*): no céu

*ekó-katu* (*t*): vida boa, honesta = virtude

*mi-tyma*: plantação, horta = Hôrto

*ie-kuakub*: ocultar-se, recolher-se para o jejum (à moda indígena)  
= jejuar

*itá*: pedra = ferro = metal

*itaíuba*: pedra amarela = ouro = moeda = dinheiro

*itaíutinga*: ouro branco = prata

*itaíunema*: ouro (ou moeda) fedorento = cobre

*itaíyka*: pedra rija (mas maleável) = estanho

*itamembeka*: pedra mole = esponja = chumbo

*itanema*: pedra fedorenta = cobre

1085. Algumas palavras, ficando substancialmente idênticas, vestiam porém o sentido europeu ou cristão:

*anga*: alma = alma

*ro-biar*: acreditar em = crer, ter Fé em

*i'-e-ro-biar*: confiar em = ter Esperança

*eþy* (*t*): trôco, revide = preço, paga, valor

1086. Por vêzes tornou-se necessário um rodeio para traduzir o conceito europeu:

*asé sybá-pe abaré-gúasu nhandy karaiba nong-a*: pôr o Bispo na  
fronte da gente o óleo santo = crismar; crisma

*asé r-eõ ianondé nhandy karaiba r-ar-a*: tomar os santos óleos  
antes de morrer = (receber a) extrema-uncão

1087. Algumas palavras portuguêses, aceitas pelo tupi,  
sofreram adaptações fonéticas:

|                                   |   |           |
|-----------------------------------|---|-----------|
| † <i>peró</i> ( ←→ Pero)          | = | português |
| † <i>pereru</i> ( ←→ ferreiro)    | = | ferreiro  |
| † <i>kabaru</i> ( ←→ cavalo)      | = | cavalo    |
| † <i>sapatu</i> ( ←→ sapato)      | = | sapato    |
| † <i>kabará</i> ( ←→ cabra)       | = | cabra     |
| † <i>kurusu</i> ( ←→ cruz)        | = | cruz      |
| † <i>kasiana</i> ( ←→ castelhano) | = | espanhol  |
| † <i>saraúiaia</i> ( ←→ salvage)  | = | selvagem  |
| † <i>kamarara</i> ( ←→ camarada)  | = | amigo     |
| † <i>Roré</i> ( ←→ Lourenço)      | = | Lourenço  |

1088. Apesar de contrariada, uma tendência incoercível fazia com que os europeus forçassem um tanto a índole da língua, para adaptá-la aos conceitos e processos gramaticais latinos e neolatinos:

1089. O indefinido (*s*)etá evolui pouco a pouco para morfema de *plural* (n. 47). Chega-se a encontrá-lo junto de palavras portuguêses já no plural:

*Santos etá* (Ar. 18): os Santos

1090. *O c o m p a r a t i v o*, conceito grammaticalmente inexistente em tupi, desenvolve-se à custa de vários recursos (n. 173).

1091. A partícula de *superlativo*, *eté*, vem esclarecer confusões, nascidas após o contacto com as línguas

européias. Certos objetos, e principalmente certos animais domésticos desconhecidos aos índios, tinham sido batizados com nomes de séres semelhantes:

vinho: *kaüi* (cauim)

cão: *iagûara* (onça)

boi: *tapiira* (anta)

1092. Para voltar ao primitivo sentido, serviram-se então os índios da partícula *eté*:

*kaüi-eté*: cauim

*iagûar-eté*: onça

*tapiir-eté*: anta

1093. Para exprimir *n u m e r a i s* superiores a “três”, ora se adotavam as palavras portuguêsas, ora se recorria a vários circunlóquios (n. 212):

*xe pô, xe py, abá pô i py ara o membyr-ar-a kûab' iré...* (AR. 121): quarenta dias depois que passou o seu parto...

1094. Às vêzes juntavam o circunlóquio e a palavra portuguêsa correspondente:

*mokôî o io-irundyk oito ara syk-eme...* (AR. 120): quando chegaram os oito dias...; *xe pô, xe py, amô abá pô, i py abé, quarenta ara ländé lara Jesus Cristo r-rekó-û kó ara pupé gû-ekó-bé ie-byr' iré* (AR. 127): quarenta dias ficou N. S. J. C. neste mundo, depois que ressurgiu

1095. Não havendo *n o m e s a b s t r a t o s* de qualidades (n. 48), os missionários procuravam imprimir tal accepção primeiro a adjetivos, ao infinito, a substantivos, posteriormente ao particípio *saba* (n. 825):

*taigaiba*: ágil, vivo

= agilidade, viveza

*kunusâia*: modesto

= modéstia

*mor-ausub-ara*: benigno

= benignidade

|   |                                      |
|---|--------------------------------------|
| <i>moranga</i> : formoso                        | = formosura                          |
| <i>angaturama</i> : bom, afável,<br>virtuoso    | = bondade, afabilidade, vir-<br>tude |
| <i>osanga (t)</i> : paciente                    | = paciência                          |
| <i>Tupã</i> : Deus                              | = divindade                          |
| <i>îo-ausuba</i> : amarem-se mû-<br>tuamente    | = concórdia, amizade                 |
| <i>mbaé-ú-eté-eté</i> : comer de-<br>mais       | = gula                               |
| <i>angai<p>pa</p>p-aba</i> : modo de ser<br>mau | = ruindade                           |
| <i>mbaé poxy</i> : cousa feia                   | = desonestidade                      |

Não é de crer que tais inovações tivessem penetrado profundamente na língua viva. Exceto a nova função de *saba*, que vingou, domina as obras do século XVIII e persiste no tupi moderno do Amazonas.

1096. No domínio da *fonética*, acentuava-se lentamente a evolução de *y* para *u* ou *i*, que devia provir já do tupi pré-colonial. Etc.

1097. Quanto aos *tempos, modos e vozes* verbais, pronunciava-se a tendência para enquadrá-los nas fôrmas neolatinas, em substituição ao conceito de aspecto (n. 1021).

1098. Os *índices de classe* em geral não haviam sido compreendidos pelos europeus. Daí a crescente confusão no seu uso. As alternâncias *t-atá*, *r-atá*, etc., parece terem sido tomadas posteriormente como meros fenômenos fonéticos ou mesmo flexionais.

1099. A *conjugação subordinada*, após uma fase de confusão, da qual já é testemunha o *Catecismo de BETTENDORFF*, desapareceu totalmente da língua, apesar de ter persistido mais tempo que no guarani.

1100. Dia a dia, o tupi foi perdendo a sua índole *inco  
rporativa*.

1101. Os *períodos*, sob a influência européia, tornaram-se mais complicados, cheios de orações incidentes e subordinadas, em desacordo com a tendência indígena (n. 1070).

1102. Em compensação, foram rareando mais e mais as *partículas*, tão abundantes na língua primitiva (n. 1041).

1103. BREVE INSTRUÇÃO PARA O BATISMO  
DE UM ÍNDIO PAGÃO EM CASO DE SUPREMA NECESSIDADE

P. JOÃO FELIPE BETTENDORFF (1625-1698)

(adaptação ortográfica)

Xe r-ayt, kó nde r-amyâ r-ekó-pûera r-upi nde r-ekó n' i katu-î; s-upi nde r-ekó-reme, ere-mo-kanhê-ne<sup>1</sup>, anhangá r-atá-pe ere-só-û-ne<sup>2</sup>, aûié-rama-nhê bé Tupã nde r-epiak-i<sup>3</sup> xó-é-ne. Emonâ-namo xe mbo-é-saba r-upi e-ikó, e-ro-biar katu xe nheenga, t' ere-ikó Tupã r/ayr-amo, t' ere-só ybak-pe Tupã r-oryba r-epiak-a. Ere-ikó-potar-pe aîpó xe nheenga r-upi? — A-î-potar.

Mosapyr mbaé pupé nhó-te aîpó-bae r-u-î: Tupã r-e-ro-biâ' pupé, Tupã r-esé i'-e-ro-biâ' pupé, Tupã r-ausuba pupé, Tupã nheenga r-upi t-ekó-potara pupé, nhe-mo-îasuka pupé bé. Ere-î-potar-pe aîpó mosapyr mbaé? — A-î-potar katu.

Nde r-e-mi-e-ro-biar-ama koyr t' a-s-aang<sup>4</sup> nde-bo-ne. Tupã iandé iara opá-katu mbaé tetiruã mo-nhang-ara. Tupã oîepé nhó, abá-ramo o-ikó-bo mosapyr abá, Tupã T-uba, Tupã T-ayra, Tupã Espírito Santo, mosapyr abá o-ikó-é, oîepé Tupã menié. Ere-ro-biar-pe aîpó-bae Tupã r-e-mi-mo-mbeú-ag-ûer-amo s-ekó-reme<sup>5</sup>, opab-î-nhê i mo-ngaraib-pyra angaturam-etá nhe-inhangá<sup>6</sup>, Santa Madre Igreja Católica i-aba, asé mbo-é-sag-ûer-amo s-ekó-reme?<sup>7</sup> — A-ro-biar-eté.

Tupã T-ayra iandé r-esé apŷab-amo asé iabé o-nhe-mo-nhang<sup>8</sup>, iandé r-esé-bé ybyrá io-asaba r-esé i mo-îar-pyr-amo, i iuká-pyr-amo

s-ekó-û, iandé angaipaba r-epy-meenga potá, ybak-pe iandé r-e-ra-só potá-bé-no. Ere-ro-biá'-pe aípó-bae Tupã r-e-mi-mo-mbeú-ag-ûer-amo s-ekó-reme? — A-ro-biar-eté.

Asé anga n' o-manó-bé-e<sup>9</sup> ruã. Ikó ara pab-me<sup>10</sup> opab-î-nhé asé r-e-kó-bé-ie-byr-ne<sup>11</sup>: aé-reme iandé Íara Tupã opab-î-nhé asé iabiô r-ekó-ag-ûera r-upi s-epy-meeng-ne<sup>12</sup>: i angaturam-bae o-só-û<sup>13</sup> ybak-pe Tupana<sup>14</sup> pyr-i, aûné-rama-nhé t-ekó-katu r-esé o-î-ekó-sup-a, o anga, ogû-eté pupé-bé-ne. I angaipá'-bae anhangá r-atá-pe i xó-û<sup>15</sup> aûné-rama-nhé opab-î-nhé t-ekó-aiba porará-bo o anga, ogû-eté pupé-bé-ne. Ere-ro-biá'-pe aípó-bae Tupã r-e-mi-mo-mbeú-ag-ûer-amo s-ekó-reme<sup>16</sup>? — A-ro-biar-eté katu.

Ere-îe-ro-biar-pe Tupã por-ausub-ar-eté r-esé, Iandé Íara Jesus Cristo r-eô-ag-ûera r-esé bé, opab-î-nhé nde r-ekó-angaipag-ûera nhirô-ag-ûama, nde ybak-pe só-ag-ûama bé? — A-îe-ro-biar-eté.

Ere-s-ausú'-pe Tupã nde Íar-eté-ramo, nde pysyrô-an-eté-ramo, nde r-ub-eté-ramo bé, opá-katu mbaé tetiruã sosé i angaturam-eté r-esé é? — A-s-ausub xe pyá-pe katu.

Xe r-ayt, Tupã r-ausup-ar-eté o-î-mo-îe-kuab-ukar o Tupã r-ausuba, Tupã asé r-ekó-mo-nhang-aba r-upi o-ikó-bo.

Tupã nheenga nde r-e-mi-por-ama<sup>17</sup> nã e-í<sup>18</sup>:

1. T' ere-î-mo-eté oíepé Tupã.
2. Anhé'-té er-é tenhé umé Tupã r-era r-enõia.
3. T' ere-mo-eté<sup>19</sup> ar-eté.
4. T' ere-mo-eté nde r-uba nde sy abé.
5. T' ere-por-apiti umé.
6. T' ere-poro-potar umé.
7. T' ere-mo-ndarõ umé.
8. Nde r-e-moem umé abá r-esé.
9. T' ere-nhe-mo-motor umé nde r-apixara r-e-mi-r-ekó r-esé (se fôr mulher, diga: nde r-apixara mena r-esé).
10. T' ere-nhe-mo-motar umé abá mbaé r-esé.

Ere-ikó-potar-pe aípó Tupã asé r-ekó-mo-nhang-aba r-upi, nde r-ekó-bé iá-katu? — A-ikó-potar katu s-upi.

Nhe-mo-ngaraiba r-esé t' oro-mbo-é-ne koy'-té<sup>20</sup>. Kó nhe-mo-ngaiba Tupana r-ayr-amo asé mo-ingó-û, ybaka r-okendab-ok asé-bo. Iandé angaipaba, iandé anga kyá-saba. Emo-nâ-namo nd' e-i katu-i asé Tupã r-ayr-amo o-ikó-bo, Tupã ok-pe<sup>21</sup> o-iké-bo o anga r-eî eym-e-bé. Nhe-mo-ngaiba y karaiba pupé asé nhe-mo-îasyk-a<sup>22</sup>, asé anga o-îo-s-eî, o-î-mo-îasyk i kyâ<sup>23</sup> ok-a. Ere-î-potar-pe xe nde mo-ngaiba, y karaiba pupé nde mo-îasyk-a, t' ere-ikó Tupã r-ayr-amo (se fôr mulher, dirá: r-âiyr-amo), t' ere-iké Tupã ok-pe? — A-î-potar-eté.

*Nde nhe-mo-ngaraiba eym-e-bé, t' ere-î-mo-nhirō gatu Tupā nde iô-upé, i angaturam-eté r-esé nde r-ekó-angaipag-ûera mo-asŷ-á-bo, nde pyá suí katu s-e-ro-yrō-mo, s-e-ro-îe-by'-potar-eym-a bé. Ere-î-mo-asŷ-pab-ê-pe nde r-amyâ r-upi nde r-ekó-púera? ere-mo-asŷ-pe, ere-ro-yrō-pe opab-î-nhé nde r-ekó-angaipag-ûera Tupā r-esé, s-e-ro-îe-by'-potar-eym-a aûié-rama-nhé? — A-î-mo-asŷ-eté xe pyá suí katu, s-e-ro-îe-by'-potar-eym-a aûié-rama-nhé.*

*Ixé oro-mo-îasyk, T-uba, T-ayra, Espírito Santo r-era pupé.*

*Ere-î-potar katu-pe ixé nde mo-îasyk-a, Tupana r-ayr-amo nde mo-ingó-ag-ûama rí? — A-î-potar katu.*

*Compêndio, pp. 105-115*

NOTA — BETTENDORFF não dominava com perfeição a língua. Algumas de suas construções devem ser levadas à conta de êrrros e não à da evolução do tupi. 1 — Devia estar *ere-kanhē-ne* “tu te perderás”, *mo-kanhē* seria trans.: “deitarás a perder”, “perderás”. 2 — n. 561. 3 — Devia estar *nd' ere-s-epiaki xó-é-ne*. 4 — recitarei. 5 — A conjunção *-reme* não tem cabimento, e perturba o sentido. 6 — união, comunhão. 7 — v. nota 5. 8 — v. n. 562. 9 — Devia estar *i* (em nossa ortografia *î*). 10 — Mais comum: *pá'-pe*. 11 — Devia ser: *r-ekó-bé-ie-byr-i-ne*, na conj. sub. 12 — Devia ser: *s-epy-meeng-i-ne*. 13 — Devia ser: *o-só*; v. n. 561. 14 — Deve ter sido esta a forma primitiva tupi: *Tupana*. Por que prevaleceu *Tupā*? Talvez por influência do guarani (ou do tupi de S. Vicente). Palavra capital na catequese, não é de admirar que se tenha uniformizado. 15 — v. n. 562. 16 — v. nota 5. 17 — Devia ser *re-mi-mo-por-ama*. 18 — assim dizem, rezam. 19 — v. n. 484. 20 — Aparecem ambas as formas: *koy'-te* e *koy'-té*; v. n. 16. 21 — No texto está: *pu*, em vez de *pe*: êrrro tipográfico. 22 — No mesmo texto figuram as duas var.: *îasyk* e *îasuk*. 23 — Devia estar: *kyá*.

## 1104.

## CANTIGAS, OU VERSOS

AUTOR DESCONHECIDO

(adaptação ortográfica)

- |  |  |
|--|--|
| 1. <i>Pe-îor-i Tupā pyr-i,<br/>Pabinhê angaipá'-bora.<br/>Pe-ikó ymê iâbabá'-bora<br/>Tupā suí.</i>                                | 5. <i>Pe pyá pe-mo-kui<sup>1</sup><br/>Iandé ïara r-obaké<sup>2</sup><br/>I pyá-pe pe-iké<br/>Aé pe-s-ausub.</i>                               |
| 9. <i>Tenhé<sup>3</sup> pe-î-kuakub<br/>Pe angaipag-ûera:<br/>S' etá abá o-kanhê gûe-<br/>ra<sup>4</sup><br/>T' atá -pe o-kai.</i> | 13. <i>Tenhé pe-mo-saraí<sup>5</sup>,<br/>Pe nhé-mo-mbeú remé<sup>6</sup>.<br/>Pe-ie-reragûáí<sup>7</sup> ymê<br/>Pe Pái<sup>8</sup> supé.</i> |

17. *Nheenga s'upi<sup>9</sup> pupé  
Iurupari<sup>10</sup> pe-mo-sem  
S'endaba n' o-i-gûa-  
sem<sup>11</sup>  
Pe pyá-pe.*

21. *Uim-aé<sup>12</sup> o-só ybak-pe.  
O-nhe-mo-mbeú katu  
O-i-mbo-asy<sup>13</sup> bé katu  
Aûié-rama nhé.*

FERREIRA FRANÇA, *Crestomatia*, p. 146

NOTA — Esta poesia, mais recente, já documenta a fase de decadênciâ do tupi.

1 — humilhai. 2 — Na *Crestomatia* vem *tobaké*, evidente engano. 3 — Não oculteis. O verbo deveria ir para o gerúndio (n. 434). 4 — “Muitos homens se perderam”. O suf. de passado junto ao verbo no indicat. é insólito. 5. — Não vejo usado senão o refl. *nhe-mo-sarai*, com duas acepções “brincar” e “esquecer-se”. Qualquer das duas caberia no contexto. A existir *mo-sarai*, a trad. só pode ser “Não os (pecados) esqueçais”. 6 — Aqui *remé* oxítono, para rimar. Em geral é átono. 7 — corr. de *iurara-gûai*. 8 — “pai, padre, Padre”. Há dúvida sobre se é palavra de origem tupi. 9 — de acordo com a verdade, verdadeiro. 10 — Nome de gênio malfazejo das matas, aplicado mais tarde ao diabo. 11 — *gûasem* era verbo relativo, regido de *supé*. Mas AR. 82 e aqui, figura como transit. Além disso, devia estar *n' o-i-gûasem-i*. 12 — aquêles. 13 — Na *Crestomatia*, por êrro vem *oimoeçybê*.

## BIBLIOGRAFIA

BETTENDORFF passim; ECKART passim; ANÔNIMO, *Dicionário Português e Brasiliiano*, passim; ARRONCHE: passim; FERREIRA FRANÇA passim; BARBOSA RODRIGUES X-XV; ID. *Vocabulário* passim; SAMPAIO 23-25; 59-167.

LIÇÃO 60.<sup>a</sup>

## ESTRUTURA DAS PALAVRAS

1105. Em tupi, como na maioria das línguas, a palavra pode ser um aglomerado de dois ou mais elementos semânticos.

Assim, na frase portuguesa "Os bois pastavam calmamente naqueles altíssimos planaltos", discernimos desde logo os seguintes elementos de sentido próprio: *o*, *-s*, *boi*, *-s*, *past-*, *-av-*, *-am*, *calm-*, *-a*, *-mente*, *n-*, *aquel-*, *-e*, *-s*, *alt-*, *-íssim-*, *-o*, *-s*, *plan-*, *alt-*, *-o*, *-s* — cada qual com seu valor semântico.

Chamam-se morfemas os últimos elementos de sentido próprio — embora nem sempre de uso autônomo — que integram palavras e frases.

### RADICAIS E AFIXOS

1106. Os morfemas dividem-se em radicais e afixos (prefixos e sufixos).

O radical denomina um ser (nome) ou um processo (verbo). Os afixos 1.<sup>º</sup> acrescentam precisões de gênero, número, grau, tempo, modo, pessoa, caso, etc., 2.<sup>º</sup> formam novos temas de verbos e nomes.

Há ainda as partículas independentes, com função semelhante à 1.<sup>a</sup> dos afixos.

1107. I. Os afixos dividem-se em derivacionais e paradigmáticos.

Os derivacionais criam novos temas de nomes (port. *joga-dor*, *notá-vel*) ou de verbos (port. *util-izar*, *a-correr*). Os paradigmáticos precisam relações gramaticais, formando os paradigmas nominais e verbais (port. *jog-o*, *jog-as*, *jog-a*; *branc-o*, *branc-a*, *branc-os*, *branc-as*).

Os derivacionais dizem respeito a conceitos concretos do âmbito da palavra. Os paradigmáticos referem-se a conceitos de relação do âmbito da oração.

## II. Os sufixos podem ser mediais e finais.

Os mediais supõem sempre algum sufixo posterior. São indicados, aqui, com um travessão oblíquo: *eym/*, *púer/*, *ram/*, (*s*)*ab/*, (*s*)*ar/*, *tyb/*, *súar/*, *súer/*, *por/*, *bor/*, etc. Os finais nunca antecedem os mediais, e podem concluir palavras: *-a*, *-i*, *-û*, *-ne*, *-mo*, *-pe*, *-te*, etc.

## III. Há 4 tipos de afixos derivacionais em tupi.

1) os nominais, que de nomes formam nomes: pref. *á*, *apá*, *apé*, *pó*, *py*, etc., suf. *i*, *guasu* ou *usu*, *eté*, *tyb*, etc. 2) os nominais, que de nomes formam verbos: pref. *mo-*, *ro-*. 3) os verbais, que de verbos formam nomes: pref. *mbi-*, suf. *sar/*, *sab/*, *-bae*, *súar/*, *súer/*, *por/*, *bor/*. 4) os verbais, que de verbos formam verbos: pref. *mo-*, *ro-*, suf. *ukar* e a reduplicação.

Paradigmáticos são, além dos afixos pessoais, os afixos verbais de modo (*ta-*, *-mo*), de tempo (*-ne*), de negação (*nda-*, *-i*), de interrogação (*-pe?*), de ilação (*-te*), de conexão (*-no*), de subordinação (*-i*, *-û*), e os nominais de tempo (*ram/*, *púer/*), de negação (*eym/*), de número (*etá*), de abundância (*tyb/*).

**1108.** A distinção verbo-nome não é nítida, pois todo nome pode tornar-se verbo predicativo, e todo verbo no infinitivo é verdadeiro nome. Os mesmos morfemas parecem ter dois "status": o verbal e o nominal.

Alguns afixos estão no limite entre afixos e radicais, p. ex. *á*, *apá*, *apé*, *pó*, *py*, *etá*: são quase-afixos. Caso especial é o sufixo nominal, ou melhor nominatizante, *-a*, não-vocativo, sempre final, e que só aparece junto a temas terminados em consoante ou semivogal.

**1109.** Em alguns casos, a palavra consta de um só morfema, que é o mesmo *radical*, p. ex., em port., *boi*.

Não confundir radical (o elemento principal, quando isolado de todos os afixos) com tema. Este pode constar de afixos. Na frase-palavra *nd'ere-nhe-mo-akub-i-pe?* "não te aqueceste?", o radical é *akub*, mas o tema verbal inclui um afixo causativo: *mo-akub*.

1110. Morfema independente é aquêle que pode ter uso autônomo. Caso contrário é dependente.

Assim, na frase *mobyrr pirá-pe ere-s-epiak paranã-me koyr?* “quantos peixes viste hoje no mar?”, são independentes *mobyrr*, *pirá*, *epiak*, *paranã*, *koyr*; dependentes, *-pe*, *ere-*, *s-*, *-me*.

OBS. 1. — A distinção concide em parte com a anterior (radical e afixo). Mas há alguns radicais que são sempre dependentes, p. ex. *eng*, *biar*, que só se usam nos derivados *nhe-éng*, *mo-nhang* e *ro-biar*. (Cpr. port. *-ceb-* de conceber, receber, perceber, etc.). 2. — Um morfema independente pode ser etimologicamente composto: *mendy* “sogra” (de *men-* e *sy*: “mãe do marido”). 3. — Alguns morfemas independentes exigem a presença de outro morfema (p. ex. o verbo transitivo exige o objeto direto).

1111. Tanto radical como tema não têm uso senão com algum afixo ou com outro morfema (em composição ou incorporação):

*ab* “cabelo” e *mo-nhang* “fazer” (temas) pedem sempre outro elemento: *ab-a* “cabelo” (nome), *á'-ting-a* “cabelo branco”, *mo-nhang-a* “fazer” (infinito), *a-í-mo-nhang* “faço-o”, etc.

Excetuam-se as palavras-morfemas (n. 1109).

1112. A ordem de seqüência dos afixos, ainda mais que a das palavras, tem função gramatical, obedecendo a normas precisas.

Assim, dos prefixos verbais, o negativo *nda* e o permissivo *ta* (que são mútuamente exclusivos) ocupam a posição 1; os subjetivos *a-*, *ere-*, *o-* (com v. não-predicativos) ou *xe nde*, *i*, etc. (com v. predicativos) ocupam a posição 2; os objetivos *xe*, *nde*, *i*, *s-*, *o*, *io-s-*, *oré*, *iandé*, *pe*, *ie-*, *oro-*, *opo-*, *poro-*, *mbaé*, *t(e)-*, a posição 3. Segue-se o tema, i. é, o radical precedido e seguido dos afixos temáticos (como *mo-*, *ro-*, *ukar*, *eym*) ou do objeto ou adjetivo incorporados. Vêm em continuação os sufixos negativo *-i* ou subordinado *-û* ou *-i* na posição 1; o ilativo *-te* na posição 2; o interrogativo *-pe* na posição 3; o condicional *-mo* na posição 4; o conectivo *-no* na posição 5; o futuro *-ne* na posição 6.

Dos prefixos nominais, os possessivos e *t(e)-*, *s(e)-*, *poro-*, *mbaé*, *ie-* (mútuamente exclusivos) ocupam a posição 1; *mbi-* a posição 2. Após o radical, com os prefixos e sufixos temáticos primários, os sufixos (*s(ab)*,

(*s*)ar/, *pyr*/, -bae/, por/, bor/, sâer/, na posição 1; *tyb*/ na posição 2; *ram*/, puer/ na posição 3; -a na posição 4 (sempre final). O suf. negativo eym/ pode vir antes ou depois de qualquer sufixo (exceto -a, que é sempre final).

É claro que nem todos os afixos são simultâneos. Esta, porém, é a ordem em que êles se dispõem. V., p. ex.:

verbais: *nd' ere-îe-pó-mo-pi'-roy-potar-i-te-pe?*

nominais: *xe ie-por-aká-sa'-tyg-ûam-eym-a*

**1113.** É importante conhecer não apenas a ordem de colocação dos morfemas, senão também a ordem de tempo com que se organizam, i. é, os “immediatos constituintes” da palavra.

Assim, na palavra *mo-nhang-ara* “criador”, há três morfemas: um radical *nhang* e dois afixos *mo-* e *-ara*. Mas *-ara* afixou-se a *mo-nhang*, e não *mo-* a *nhang-ara*, nem *-ara* a *nhang*. Em resumo, os sufixos de nomes verbais pressupõem o verbo já com os afixos temáticos. — A reduplicação monossilábica é anterior à prefixação de *mo-* ou *ro-*; a dissílábica é posterior. A ordem não é *sok*, *mo-ndo*, *mo-ndo'-sok*, mas *sok*, *so'-sok*, *mo-ndo'-sok*, *mo-ndo'-só'-ndo'-sok*. Só assim se explica por que é *mo-ndo'-sok* e não *mo-ndo'-ndo*.

## TIPOS DE PALAVRAS

**1114.** Quanto à sua estrutura, encontramos 4 tipos de palavras em tupi:

### A. — Palavras Primárias

1. *Palavras-morfemas.* Consistem em um só morfema: *y*, *á*, *pirá* (cpr. port. sol, homem, azul)
2. *Palavras derivadas primárias.* Contêm mais de um elemento dependente: *ro-biar*, *mo-nhang* (cpr. port. re-ceb-er, per-ceb-er)

### B. — Palavras Secundárias

3. *Palavras derivadas secundárias.* Contêm um elemento independente e outro(s) dependente(s): *iuká-sara*, *a-î-pysyk* (cpr. port. dorm-i, velh-ing-o)
4. *Palavras compostas.* Contêm mais de um elemento independente: *mbaé-t-atá*, *gûyrá-iagûara* (cpr. port. ponta-pé, couve-flor)

## CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

1115. Podem-se reunir as palavras tupis em duas classes morfológicas: variáveis e invariáveis, subdivididas as primeiras em nomes (denominações de sêres ou qualidades) e verbos (denominações de processos ou equações).

Não se incluem os afixos, pois não formam palavras à parte, antes integram nomes e verbos. A presença ou não de determinados afixos é que precisa se tal palavra é nome ou verbo.

1116. O nome compreende o substantivo (portanto também o infinito e os verbais), o adjetivo, o pronome independente, os numerais, indefinidos, demonstrativos e interrogativos.

São susceptíveis de morfemas de tempo, de negação, de número ou aspecto (reduplicação), de vocativo e de referência (possuidor, sujeito, objeto). Os demonstrativos podem levar ou não afixo de invisibilidade (*-a*). Os pronomes independentes, os indefinidos e os interrogativos não levam muitos afixos, e são quase invariáveis. Os numerais e os demonstrativos podem levar ou não o sufixo *-a*, conforme a função.

Os verbos dividem-se gramaticalmente em transitivos e não-transitivos (os predicativos não são verdadeiros verbos).

Recebem afixos de pessoa (sujeito, objeto), de negação, de aspecto, de modo, de voz, e ocasionalmente de tempo.

As partículas dividem-se em 1) independentes, p. ex. os advérbios de tempo, lugar, etc.: *koyr* "hoje"; *iké* "aqui"; 2) partículas-sentenças: *pá* "sim"; 3) temáticas, p. ex. *é*, *í*: *semb-é* "sair à parte"; *epiak-í* "fazer vista grossa"; 4) coordenativas, raras: p. ex. *aé* "e..." (n. 1060); 5) preposições-conjunções subordinativas, p. ex. *-pe*, *-reme*; 5) interjeições e partículas afetivas: p. ex. *iu!*, *té!*, *muru!*, *moxy!*.

Tôdas as palavras, incluídas as partículas, são capazes de reduplicação.

Como a língua tupi exprime algumas relações sintáticas por meio de afixos paradigmáticos — p. ex. o objeto direto no verbo (*a-í-pysyk t-obaíara* "apanhei-o o inimigo") — pode-se chamar língua flexiva, embora de tipo diferente das clássicas.

1117. O nome termina sempre em vogal. Quando o tema termina em consoante ou semivogal, toma o sufixo *-a*. O verbo finito pode terminar em consoante, semivogal ou vogal tónica, não em vogal átona. O mesmo vale das partículas independentes, demonstrativos, indefinidos e numerais. Mas os ordinais e os demonstrativos, desacompanhados (éstes) de substantivos, levam *-a* após consoante final: *kûeî-a*, *ang-a*, *mokôî-a*, *mosapyr-a*, etc.

## DIVISÃO DAS PALAVRAS

1118. Pela própria índole fonética e sintática da língua, os pronomes e as numerosas partículas tendem a reunir-se estreitamente ao verbo, formando densos complexos. Daí se origina a maior indecisão e dificuldade para a escrita.

Devem-se separar totalmente, unir de todo, ou ligar pon hífens êsses numerosos elementos, alguns átonos, outros tónicos, alguns monossilábicos, outros polissilábicos? Depois de muito estudo, decidimo-nos por uma solução prática *ecléctica*. Com algumas incoerências, inevitáveis.

### 1119. Usa-se o hífen:

depois de

prefixos agentes: *a-*, *ere-*, *o-*, *îa-*, *oro-*, *pê-*, *gûi-*, *e-*

prefixos objetivos *oro-*, *opo-*, *i-*, *s-*, *io-*, *nho-*, *î-*, *nh-*

reflexivos: *ie-*, *io-*, *nhe-*, *nho-*

causativos: *mo-*, *mbo-*, *r(o)-*, *no-*

prefixos de classe: *poro-*, *por-*, *po-*, *m(b)oro-*, *m(b)or-*, *m(b)o-*

prefixos de classe, possessivos e pronomes pessoais: *t(e)-* e *s(e)-*  
partícula *r-*

sílaba (*gû)e-*, que precede às vêzes certos nomes e os verbos  
começados por *r(o)-* e *no-* (n. 502-505).

possessivos *og-*, *ogû-*, *gû-*

prefixo passivo *mi-* ou *mbi-*

objeto direto ou sujeito incorporados: *a-y-û*, *xe py-syryk*

antes de

sufixos *(s)ar*, *(s)ab*, *pyr*, *tyb*, *por*, *bor*, *(s)ûar*, *(s)ûer*

sufixos negativos: *eym* e *-i*

todos os sufixos, partículas e preposições átonas: *-pe, -be, -i, -û, -mo, -no, -te, -a*, etc.

sufixos de tempo: (*p*)*uer*, *ram*, (*p*)*uer-am*, *ram-bûer*

partículas que se unem mais intimamente ao verbo, substantivo,  
etc.: *etá, bê, é, ì, í, nhé*

apôsto: *jagûa'-gûyrá*

## entre

os dois ou mais elementos que entram em composição ou incorporação,  
desde que ainda conservem alguma autonomia semântica.

1120. Pode-se deixar de separar os elementos com hífen, quando da composição nasce um terceiro vocábulo com significado próprio: *marangatu, angatú-rama, mendy, posé, poripi*, etc.

## APÓSTROFE

1121. O apóstrofe serve para indicar apócopes e aféreses.

É excusado, porém, assinalar a queda do *a* final de substantivos, adjetivos e infinitos: o fenômeno é por demais comum e normal. Cfr. n. 16 OBS.

## POSIÇÃO, COMPOSIÇÃO, DERIVAÇÃO

1122. *Posição* ou *ordem* é o processo gramatical segundo o qual cada morfema, palavra, membro da oração ou oração deve (ou pode) ocupar determinado lugar relativo dentro do período, para desempenhar dada função.

1123. *Justaposição* é o processo pelo qual se colocam em seqüência imediata, sem pausa, dois ou mais morfemas, para exprimirem um ou mais conceitos gramaticais:

*morubixaba py*: o pé do chefe

*ypeka tî*: o bico do pato

*xe r-ayra r-ura*: a vinda de meu filho

*nheeng-a kuab-a*: saber falar

1124. *Incorporação* é uma justaposição íntima de dois elementos não-dependentes, que conservam cada qual o seu

CURSO DE TOTUMA  
333

sentido próprio, perdendo, porém, o primeiro — quando o tem — o sufixo *-a* (nominal ou infinitivo), ou, diante de consoante, a última sílaba átona:

*á'-tinga*: cãs (*aba + tingá*)

*pirá-ú*: comer peixe (*pirá + ú*)

*pirá-sem-a*: sair peixe (*pirá + sem*)

*á'-kuí-a*: cair cabelo (*aba + kuí*)

*ang-epiak-a*: ver a imagem ou reflexo (*anga + epiak*)

*nheé'-nguab-a*: saber falar

1125. *Composição* é uma justaposição ainda mais íntima de dois elementos não-dependentes, da qual resulta um terceiro elemento não-dependente, de sentido próprio, que se comporta na frase como elemento simples:

*eir-uba*: abelha (*eira mel + uba pai*)

*men-dy*: sogra do homem (*mena marido + sy mãe*)

*iur-ar*: laçar (*iura pescoço + ar prender*)

*petymb-ú*: fumar (*petyma fumo + ú comer*)

*u'-katu*: acomodar-se (*ub jazer + katu bem*)

Nem sempre será fácil distinguir os casos de composição e de incorporação.

1126. *Derivação* é o processo pelo qual da justaposição de dois ou mais morfemas, um radical, o(s) outro(s) afixo(s), se forma uma terceira palavra independente, relacionada pelo sentido com o elemento independente formador:

|                   |          |               |       |                       |                               |
|-------------------|----------|---------------|-------|-----------------------|-------------------------------|
| <i>mo-nhang</i> : | fazer    | <i>ara</i> :  | suf.  | <i>mo-nhang-ara</i> : | o que faz                     |
| <i>syk</i> :      | chegar   | <i>aba</i> :  | suf.  | <i>syk-aba</i> :      | lugar de chegar               |
| <i>syk-aba</i> :  | v. supra | <i>tyba</i> : | suf.  | <i>syk-a'-tyba</i> :  | lugar em que é costume chegar |
| <i>ú</i> :        | comer    | <i>mbi-</i> : | pref. | <i>mbi-ú</i> :        | comida                        |

1127. *Derivação gramatical* ou *inflexão*, ao contrário da anterior, que é lexeológica, é o processo pelo qual a um morfema independente se junta outro dependente para precisar relações gramaticais.

Assim, em *ere-s-epiak-ne* "tu o verás", o morfema independente *epiak* exprime o processo de "ver". O prefixo *ere-* indica que o agente é o interlocutor; *s-* declara que o objeto do processo é da 3.<sup>a</sup> p.; o sufixo *-ne* precisa que o processo se há de verificar no futuro.

OBS. Por vezes, mesmo neste CURSO, dá-se à derivação e à incorporação o nome genérico de composição.

**1128.** Composição, incorporação e derivação lexeológica supõem pelo menos um elemento (o primeiro) nominal (inclusive o infinitivo). O segundo elemento pode ser substantivo, adjetivo ou verbo.

O primeiro elemento perde sempre o sufixo nominal *-a*, quando o tem, e também a consoante final diante de consoante ou semivogal. O segundo elemento perde todos os prefixos que não pertençam ao tema. Verificam-se metaplasmos.

**1129.** Damos a seguir os casos mais comuns de justaposição, incorporação e composição.

### 1130. SUBSTANTIVO + SUBSTANTIVO

#### I. — Determinante + determinado

##### 1. COMPLEMENTO RESTRITIVO + ELEMENTO PRINCIPAL

*abati uí*: farinha (*feita*) de milho

*itá y*: água (*tirada*) da pedra

(*t*)-*esá y*: água (*que sai*) dos olhos

*itá nhaē*: prato (*feito*) de pedra

##### 2. COMPLEMENTO POSSESSIVO + ELEMENTO PRINCIPAL

*paié pô*: mão do pajé

*gûyrá pepó*: asa do passarinho

*abá gûyrapara*: arco do índio

##### 3. COMPLEMENTO RELATIVO + ELEMENTO PRINCIPAL

*paié sy*: mãe do pajé

#### 4. COMPLEMENTO SUBJETIVO + ELEMENTO PRINCIPAL

*paié sem-a*: a saída do pajé

OBS. Os prefixos pessoais podem substituir o nome nos casos 2, 3, 4:

*xe pô*: minha mão (mão de mim)

*nde sy*: tua mãe (mãe de ti)

*i xem-a*: sua saída (saída dele)

#### II. — Determinado + determinante

##### ELEMENTO PRINCIPAL + COMPLEMENTO ATRIBUTIVO

###### 1. APÔSTO (o...que é...)

*abá-soó*: homem-bicho (o homem que é bicho)

*gûyrá-iagûara*: pássaro-onça (pássaro que é também onça)

###### 2. COMPLEMENTO DE REFERÊNCIA (o...do...; o...que tem...)

*abá-pereba*: o índio da chaga (aquele índio que tem chaga)

*ybyrá-á*: árvore que tem (ou dá) fruta

#### 1131. SUBSTANTIVO + ADJETIVO OU VERBO INTRANSITIVO

##### ELEMENTO PRINCIPAL + COMPLEMENTO ATRIBUTIVO

###### 1. ADJETIVO OU VERBO PREDICATIVO

*pirá tinga*: peixe branco      *kaá apûã*: mato redondo

*pir' akuba*: pele quente      *pirá kaë*: peixe tostado

###### 2. VERBO INTRANSITIVO

*pirá sununga*: peixe ba-  
rulhento      *kaá ikobé*: planta viva

*itá syryka*: pedra escor-  
regadia      *abaré bebé*: padre voador

*ybyrá kera*: árvore que  
dorme      *itá manó*: pedra morta

## 1132. ADJETIVO OU VERBO + ADVÉRBIO

## 1. ADJETIVO

*poxy katu:* muito nojento      *poxy aiba:* feio

## 2. VERBO

*mo-mbeú katu:* louvar      *w' katu:* acomodar-se bem  
*manó memuã:* morrer de      *r-ekó aib:* desfeitar  
                                         repente

## 1133. SUBSTANTIVO (OU PRONOME) + VERBO

## 1. TRANSITIVO

*pirá ú:* comer peixe      *m̄baé pysyk:* segurar (as)  
                                         couisas  
*y ú:* beber água      *íur-ar:* prender o pescoço =  
                                         laçar  
*xe pysyk:* apanhou-me      *i pysyk-a:* apanhá-lo (infin.)

## 2. INTRANSITIVO

*pirá sem-a:* sair peixe      *á' kuî-a:* cair cabelo  
                                         *i xem-a:* sair êle (infin.)

## 1134. COMPLEMENTO + PREPOSIÇÃO (OU CONJUNÇÃO)

## 1. SUBSTANTIVO

*y-pe:* no rio  
*y suí:* do rio (procedência)  
*paié r-esé:* por causa do  
                                         pajé

*morubixaba supé:* ao chefe

*nhū r-upi:* pelo rio  
*ar-eté-reme:* se (ou quando)  
                                         fôr dia festivo

## 2. PRONOME

*xe-be:* a mim  
*xe suí:* de mim  
*nde r-esé:* por tua causa

*nde-be:* a ti  
*i xupé:* a êle  
*ixé-reme:* se (ou quando)  
                                         fôr eu

### 3. INFINITO

só *r-esé*: por causa de ir  
só *suí*: para não ir

só *suí-bé*: desde a ida  
só *reme*: se (*ou* quando) fôr

1135. Em geral, há *incorporação* 1) do complemento atributivo ao substantivo, 2) do objeto direto ao verbo, 3) do advérbio de modo ao adjetivo ou verbo, 4) raramente, do sujeito ao verbo intransitivo.

É normal a simples justaposição 1) do complemento restritivo e semelhantes (n. 154), 2) da preposição ao complemento.

Pode dar-se *composição* 1) do complemento restritivo, 2) atributivo, 3) do objeto direto, 4) do advérbio de modo.

1136. Entre a composição e a incorporação não há diferença de forma, senão apenas semântica. O composto é um terceiro vocábulo, e não apenas um conjunto de dois.

1137. Diferença material pode haver entre a justaposição de um lado e a incorporação e composição de outro, quando a) o primeiro elemento é dos que pedem o sufixo nominal *a-*; b) o segundo elemento é dos que levam os prefixos *t-*, *s-*, *r-*. Na justaposição, o *-a* do 1.<sup>º</sup> elemento permanece, e o 2.<sup>º</sup> elemento assume *r-*. Na incorporação e composição, *-a* e *r-* desaparecem:

*nheeng-a r-endub-a* (justap.) ; *nheeng-endub-a* (incorp.) : ouvir falar (infin.)

*t-atá r-endy* (justap.) ; *t-atá-endy* (compos.) : chama do fogo

*men-a sy* (justap.) ; *men-dy* (compos.) : sogra do homem (mãe do marido)

1139. Só o complemento apositivo conserva o *t-* ou *s-*. Mas o complemento de referência perde-o: *ybá s-oó*: fruta-carne (de animal); *ybá t-oó*: fruta-carne (de gente); *Tupá T-ayra*: Deus-Filho; *mbaé-t-atá*: cousa-fogo (de gente); *itá-s-upiá*: pedra-óvo; cpr. *kunhã r-obá*: rosto de mulher (justapos.); *kunhã-t-obá*: mulher-rosto (incorpor., atribut.); *kunhã-obá*: a mulher do rosto (incorpor., referência).

1139. Ademais, na simples justaposição não costuma dar-se a nasalização do 2.<sup>º</sup> elemento pelo 1.<sup>º</sup>.

## EXPRESSÕES CONCRETAS

1140. Os fenômenos psíquicos, estados d'alma, qualidades ou hábitos dos seres vivos costumam ser expressos concretamente pela descrição das resultâncias perceptíveis nas partes ou órgãos do corpo: — olhos, rosto, ouvidos, boca, língua, coração, pés, mãos, cabelos, pele, etc.:

|                               |                               |
|-------------------------------|-------------------------------|
| <i>esá-kaneō</i> ( <i>t</i> ) | olhos cansados = preocupado   |
| <i>pyá-gûapyka</i>            | coração assentado = sossegado |
| <i>iuru-puk-î</i>             | boca aberta = espantado       |
| <i>pir-atã</i>                | pele dura = firme, resistente |
| <i>obá-iuba</i> ( <i>t</i> )  | rosto amarelo = medroso       |
| <i>ab-ebó</i>                 | cabelo eriçado = apressado    |
| <i>apysá-byra</i>             | ouvido erecto = atento        |
| <i>nambi-bebé</i>             | orelha que voa = veloz        |
| <i>pó-îababa</i>              | mão fugidia = ligeiro         |
| <i>py-atã</i>                 | pé duro = forte, animoso      |

1141. As locuções tendem a estereotipar-se, perdendo-se a consciência nítida dos seus elementos componentes:

*xe pó py-atã*: tenho o braço forte (*lit.* tenho o braço pé-duro)  
*ar' obá-kyá*: dia encoberto (*lit.* dia rosto-sujo)  
*esá-kanga* (*t*): olhos(s) claro(s) (*lit.* olho(s) ou vista seca) = claro, ralo, espaçado, transparente, reluzente:

*y esá-kanga*: água ou rio claro; *kaá esá-kanga*: mato ralo ou claro; *ab' esá-kanga*: cabelo ralo; *abá ab' esá-kanga*: homem do cabelo ralo; *aó' pó-esá-kanga*: pano (de fibra) ralo (-a); *pytun' esá-kanga*: noite clara; *pyá esá-kanga*: coração claro ou aberto; *mo-y-esá-kang*: clarear a água; *por-abyky esá-kang*: trabalhar a intervalos; *nhe-mo-pyá-esá-kang*: declarar-se; *xe r-esá esá-kang*: tenho os olhos claros

*esá-(a)-gûáá* (*t*): olho(s) saliente(s) ou saltado(s) (*lit.* olhos cheios, bojudos ou fechados v. n. 346):

*nhe-mbo-esá'-gûáá*: fechar os olhos; *gûyrá r-upiá sá'-gûáá umã*: já está cheio (vivo) o ôvo do passarinho

1142. De todos os nomes de órgãos, o que forma locuções em maior número, é (*e*)sá (*t*), irregular (n. 217):

- esá-gûyryba* (*t*): olho(s) (= vista) baralhadô(s) = tonto  
*xe r-esá gûyryb*: estou com vertigem
- esá-banga* (*t*): olhos(s) torto(s), vesgo(s) = tôrvo, odioso  
*xe r-esá-gûyryb*: eu olho com ódio, torvamente
- esá-kuí* (*t*): olho(s) bulício(s) = preocupado, preparado, apercebido  
*xe r-esá-kuí gûi-t-ekó-bo*: estou prevenido
- esá-eté* (*t*): olho(s) de verdade = arisco; esperto; leviano (no olhar)
- esá-etá* (*t*): olho(s) muito(s) = atento, cuidadoso, solícito
- esá-puku* (*t*): olho(s) comprido(s), longo(s) = preocupado, cuidadoso  
*xe r-esá-puku s-esé*: cuido muito dêle
- esá-tinga* (*t*): olho(s) branco(s) = desfalecido  
*xe r-esá-ting ambyasy suí*: estou desfalecido de fome
- esá-unâ* (*t*): olho(s) negro(s) = reanimado  
*a-nhe-mbo-esá-un nde r-epiak-a*: voltei a mim quando te vi
- pirâ-r-esá*: olho(s) de peixe = desfalecido, desmaiado  
*xe pirâ-r-esá*: estou desmaiado

1143. Algumas palavras são certamente compostas de (*e*)sá, mas o 2.<sup>º</sup> elemento é de origem ou sentido incertos ou ignotos:

- esaraîa* (*t*): esquecido; esquecimento; esquecer-se  
*nhe-mo-sarai*; brincar, jogar (distrair-se, fazer-se esquecido)
- esâîa* (*t*): alegre, alegria; alegrar-se  
*mo-esâî*: alegrar
- sapukaîa*: grito, gritar  
*xe r-esá-pukaîa*: meu grito
- a-sapukâi*: eu grito
- sabeypora*: embriagado; embriagar-se  
*a-sabeypor*: eu estou embriagado

(e)sapyá (*t*): presteza; de repente; (*s*) apanhar de surpresa  
*xe r-esapyá ahē* (VLB 184): élê tomou-me de surpresa  
*a-nhe-mbo-esapyá gûi-t-e-iké-bo*: entrei de repente

*o-îe-esapyá xe r-e-mi-tyma*: saiu-me antes de tempo minha  
 plantação

*e-ra-só* (*s*)*sapyá* (VLB 114): leva-o depressa

*esainana* (*t*): preocupado, desassossegado, inquieto; leviano,  
 dissoluto

*nhe-mo-sainana* [*esé*]: preocupar-se com; prover-se de;  
 preparar

**1144.** O VOCABULÁRIO NA LÍNGUA BRASÍLICA registra muitos compostos de (*e*sá: *sá-inana*, *sá-kút*, *sá-pyá*, *esá-bika*, *esá-py-só*, *esá-etá*, *esá-kanga*, *esá-korôia*, *esá-kuruba*, *esá-kytâ*, *esá-kûar-asy*, *esá-kûd-tinga*, *sá-raia*, *esá-eté*, *esá-kué[-kué]*, *esá-gûryryba*, *esânia*, *esangá*, *esá-ekó-ab-oka*, *esá-pé*, *esá-kûá-rorê*, *esá-kûá-só*, *esá-pytumbýka*, *esá-kûar-umbyka*, *esá-gûyr-umbyka*, *esá-'ynh-usu*, *esá-rorê*, *esá-banga*, *esá-pitanga*, *esá-tinga*, *esá-iuba*, *esaba*, *esá-'tyká*, *esá-aruâ-aiba*, *esá-tyba*, *esá-kûara*, etc., além de inúmeros derivados.

**1145.** Tanto no VOCABULÁRIO NA LÍNGUA BRASÍLICA como no *Tesoro* de MONTOYA vêm arrolados inúmeros compostos dêsse tipo:

*iuru-mbeguê*: bôca vagarosa = lento na fala; *iuru-piru*: bôca seca = cansado de repetir; *iuru-kyrá*: bôca gorda = mentiroso, loroteiro; *iuru-t-atá*: bôca fogo = violento na fala; *iuru-taté*: bôca errada = palavra ou comida errada; *nheé'-kyrá*: palavra gorda = mentiroso, loroteiro; *pir-anama*: pele grossa = firme, obstinado; *pir-yaia*: pele suada = suado; *pí-roy*: pele fresca = fresco; des-cansado, aliviado; *pó-pindá*: mão anzol = ladrão; *pó-etá*: muitas mãos = atarefado, trabalhador; *apysá-anama*: ouvido-grosso = mouco; *nambi-îo-obaké*: orelhas uma diante da outra = aturdido; *obá-iuba* (*t*): rosto amarelo = pálido, medroso; (*xe*): empalidecer; *obá-'sy* (*t*) ou *esá-kûar-asy* (*t*): rosto ou olhos dolentes = carrancudo; *obá-puká* (*t*): rosto risonho = risonho, alegre; *pyá-beraba*: coração reverberante = conturbado; alvorocado; *pyá-saingó*: entradas dependuradas = faminto; *âi-bi'-ryryia*: gengivas trêmulas = risonho; *putu-ú*: engolir a respiração = descansar; *putu-pab*:

acabar-se a respiração = maravilhar-se; preocupar-se com; cuidar de. Etc.

Ver *esá* olho(s), *apysá* ouvido, *nambi* orelha, *iuru* bôca, *âia* dente(s), (*apé-*)*kû* língua, *obá* rosto, *tî* nariz, *aiûra* pescoço, *pó* mão, *py* pé, *pyá* coração, entranhas, *iybá* braço, *nheenga* fala, etc.

**1146.** Dêstes e de outros exemplos infere-se que o nome da parte do corpo exprime também o sentido interior, a faculdade ou qualidade respectiva, bem como o seu exercício:

*iuru* bôca = palavra; apetite; *esá* olho(s) = vista; vigilância; *apysá* ouvido = atenção; *pó* mão = poder; *iybá* braço = força; *py* pé = estabilidade, firmeza, resistência; *obá* rosto = expressão. Etc.

**1147.** Algumas palavras, aparentemente simples, são compostas dêsses nomes de partes do corpo ou semelhantes. Oblitera-se-lhes o sentido primitivo, e tomam uma função de quase-prefixos classificadores:

*pixyb*: esfregar, untar; comp. de *pira* pele e *syb* limpar

*piroy*: fresco; comp. de *pira* pele e *roy* frio

*piryâia*: suor, suar; comp. de *pira* pele e *yaia* suado

*pipoká*: beliscar; comp. de *pira* pele e *poká* torcer (n. 347)

*pipomonga*: pegajoso, viscoso; comp. de *pira* pele e *pomonga* viscoso

*pirakubora*: quente [ser vivo]; comp. de *pira* pele e *akubora* quente

*piringa*: estremecer, arrepiar; comp. de *pira* pele e *ninga* latejar

*pitinha*: mancha branca da pele; comp. de *pira* pele e *tinga* branco

Obs. — Parecem compostas de *pira* outras palavras, cujo último elemento, entretanto, é de origem duvidosa, tendo perdido sua função de morfema independente:

*pixam* beliscar; *pixé* chamusco; *pitub* untar (com azeite, urucu, etc.); *pitanga* avermelhado; *piriana* listado (ao comprido); *piranga* vermelho; *pinima* pintado, malhado. Etc.

## 1148. DOS QUATRO NOVÍSSIMOS DO HOMEM (\*)

P. ANTÔNIO DE ARAÚJO (1566-1632)

*Nde maenduar nderecô cîcagoâma, nde recô paba goâma  
 "Nde maenduar nde r-ekó syk-ag-ûama<sup>1</sup>, nde r-ekó pab-ag-ûama  
 recérâ eicô amô Tupã boyá; ynheenga mombegoâra, yandêbe,  
 r-esé rá<sup>2</sup>" — e-í kó<sup>3</sup> amô Tupã boiá, i nheenga mo-mbegû-ara, iandé-be,  
 opabinhê abà motecôcuâba potâ: yâde monhemoçacoipotâ: yande  
 o-pab-í-nhé abá mo-t-ekó-kuab-a potá, iandé mo-nhe-mo-sá-kuí potá<sup>4</sup>, iandé  
 nhemoçainânamota, yande anga recôrâmarecè yande putupâba  
 nhe-mo-sá-inan-a motá<sup>5</sup>, iandé anga r-ekó-rama r-esé iandé putu-pab-a  
 potâ. Oyoirondic tecô cicâba yyepi.  
 potá<sup>7</sup>. O-io-irundyk t-ekó syk-aba. Ií upy:*

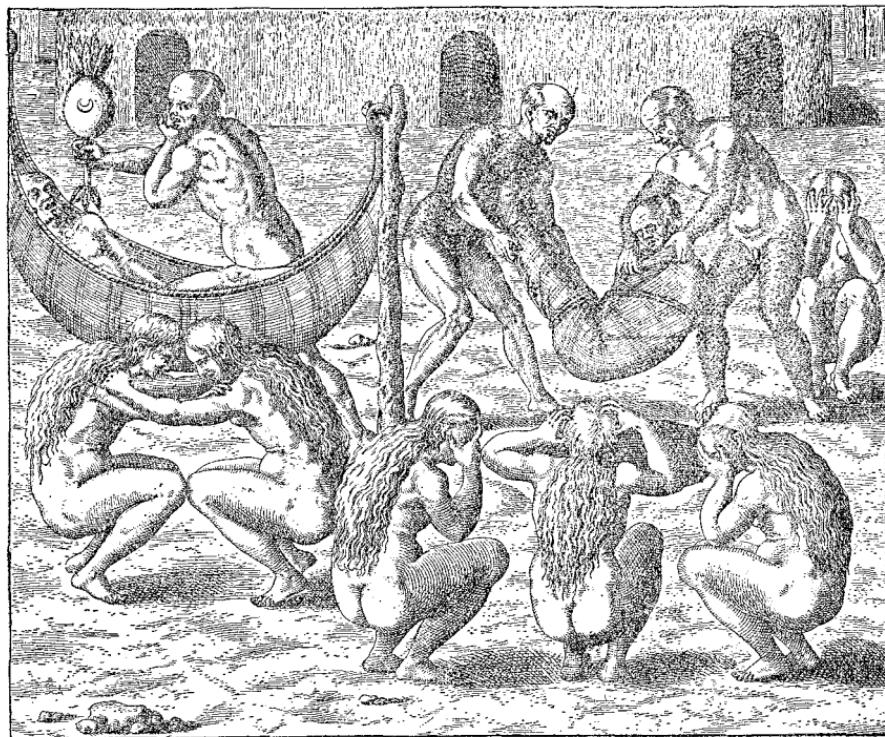
1. *Teõ, teõ roire ymocôya.*  
 T-eõ. T-eõ roiré, i mo-kôi-a:
2. *Tupã acè recômonhangába.*  
 Tupã asé r-ekó mo-nhang-aba.
3. *Anhangâ ratâ, ômoçapîçâba.*  
 Anhangâ r-atá: i mo-sapy'-saba<sup>7</sup>.
4. *Ogorîpâpe Tupã acêbe tecôbe opabârâmeîma meenga,*  
*Og-oryp-á-pe Tupã asé-be t-ekó-bé o-pa'-bae-ram-eym-a meeng-a:*  
*yxicâba.*  
*i xyk-aba<sup>8</sup>.*

*Tecôbê yandebe Tûpã remimeenga cîcâbê, teõ yandê moauied,  
 T-ekó-bé iandé-be Tupã r-emi-meeng-a syk-abé, t-eõ iandé mo-aûié-û,  
 acè iucâbo, acè mocanhema yande anga yandê retê qui yxemebê  
 asé iuká-bo, asé mo-kanhem-a. Iandé anga iandé r-eté sui i xem-e-bé,  
 Tûpã cecô monhang-i, coipo Anhangâ ratâpe, tecocatû abi-  
 Tupã s-ekó-mo-nhang-i, ko-ipó Anhangâ r-atá-pe, t-ekó-katu aby-  
 repiramo ymondôbo auyeramanhé; coipo onheenga r-upi cecô  
 r-epy-ramo, i mo-ndó-bo aûié-rama-nhé, kó-ipó o-nheenga r-upi s-ekó-  
 agoera repiramo igbacupe ogorîpâpe, tatâpe tecô angaipâba  
 -ag-ûera r-epy-ramo ybak-(u)-pe og-oryp-á-pe t-atá-pe t-ekó angaiapaba  
 repi mondícâpe cecô cic-irê, ymoingou.  
 r-epy mo-ndyk-á'-pe s-ekó syk iré, i mo-ingó-û.*

*Catecismo (1.<sup>a</sup> ed.), pp. 154-154 v.*

(\*) No intuito de familiarizar o leitor com os antigos textos tupis, apresentaremos alguns na grafia original. O desta Lição vai acompanhado da transcrição no sistema dêste CURSO. — Para a tradução, consultar nosso *Pequeno Vocabulário Tupi-Português* (Livraria São José, 1951), advertida a diferença de ortografia.

1. *syk* “chegar; bastar”, *syk-aba* “chegada limite; fim”, *syk-ag-ñama* “futuro fim”. 2. *rá* ptc afetiva “em verdade” (de h.) (n. 1068). 3. Cfr. *S. Lour.* 61v, *a-é kó*. 4. “querendo fazer com que nos preparemos”. Sobre *sá-kuí*, v. n. 1142. 5. “desejando que nos alertemos”. Sobre *sá-inan*, v. n. 1143. 6. “querendo que cuidemos do futuro (ser) de nossa alma”. Sobre *putu-pab* ↔ *pytu-pab*, v. n. 1145 e VLB 89, 109, 356, 395; AR. 227; 1.<sup>a</sup> ed. 69; *S. Lour.* 66v. 7. *i mosapý-saba* “o terceiro dêles” (n. 827). 8. “o fim (ou o último) dêles”.



Sepultamento (DE BRY)

## FONOLOGIA

1149. Sendo o tupi antigo língua morta e o seu estudo documental e filológico, para conhecer-lhe a estrutura fonética devemos basear-nos nas informações dos antigos gramáticos. Infelizmente estas não são completas quanto a vários pormenores. O estudo da fonologia tupi não é mais nem menos seguro que o das línguas clássicas.

Pouco nos pode valer o conhecimento dos co-dialectos vivos, que seguiram seu próprio caminho evolutivo. Menos ainda o estudo dos dialectos civilizados do Amazonas e do Prata, que sofreram forte impacto do bilingüismo português ou espanhol. O *b* medial guarani, p. ex., não é oclusivo mas fricativo, tal como no espanhol. Influência do castelhano, ou fenômeno primitivo e independente?

A exposição que se segue, fruto de estudos textuais e consultas, é passível de correções ou de dúvidas quanto a alguns pontos.

## VOGAIS

*i    y    u*  
*e    o*  
*a*

1150 E as correspondentes nasalizadas: *ã, ê, ï, õ, û, ÿ*.

1151. Dividem-se as vogais 1) de acordo com a zona de *articulação*, em pré-palatais, (*i, e*), média (*a*) e pós-palatais (*o, u, y*); 2) de acordo com o grau de *abertura* da boca, em abertas (*a, e, o*) e fechadas (*i, u, y*), ou em abertas

(a), meio abertas (*e, o*) e fechadas (*i, u, y*); 3) de acordo com a disposição dos *lábios*, em arredondadas (*o, u*) e não arredondadas (*a, e, i, y*).

Não há diferença entre vogais longas e breves, excetuado, é claro, o caso de ênfase.

**1152.** As vogais têm o som que nos alfabetos fonéticos se costuma representar pelos respectivos caracteres. *A* é como o de “*caco*”; *é* e *o* como os de “*mesa*” e *moça*”, algo menos fechados (e não como os de “*vela*” e “*mola*”).

**1153.** Os antigos gramáticos esforçam-se por descrever o som do *y*.

ANCHIETA diz que “se pronuncia áspero com a garganta”. FIGUEIRA explica que “é como entre *u* e *i*... e forma-se na garganta como *ig*”. Para ARAÚJO (1.<sup>a</sup> ed., 1618), “se pronuncia com um som grosso ou áspero no céu da boca, como se depois dêle estivera *g*”. BARTOLOMEU de LEÃO (2.<sup>a</sup> ed., 1686) esclarece: “voz gutural, que se forma na garganta, dobrada a língua com a ponta inclinada abaixo e lançado o hábito oprimido na garganta, com um som misto e confuso entre *i* e *u* e que, não sendo *i* nem *u*, envolve a ambos”. MONTOYA: “pronúnciação gutural, que se forma *in gutture*, contraíndo a língua para dentro”. RESTIVO: “gutural que se há de pronunciar no vão (*gueco*) da boca, onde se pronuncia o jota [castelhano], contraíndo um pouco a língua para dentro”. — Também os autores modernos traçam diretrizes práticas. Demos o exemplo de COUTO de MAGALHÃES: “Para pronunciá-lo, abra-se a boca, encolha-se a língua, contraiam-se os lábios, e pronuncié-se o *i* na garganta, e será o som”.

**1154.** Dessas descrições empíricas, bem como da observação dos dialetos vivos, conclui-se que *y* é vogal faucal, i. é, articulada na zona laríngea, 2) que se pronuncia com os lábios contraídos (como para *i*, e não arredondados como para *u*), 3) com a língua recuada (como para *u*) e a sua base erguida em direção ao véu do palato. Portanto, vogal pós-palatal, não arredondada, alta, i. é, fechada.

CABALLERO 147-148 tentou uma análise experimental do *y*.

**1155.** O som do *y* conserva-se inalterado no guarani moderno, sendo fácil aprendê-lo de um paraguaio ou correntino. Fonema igual há em outras línguas americanas (como o kiriri) e, se não igual, assaz parecido, no turco, mongol, etc.

Em tupi tem sido grafado de inúmeras maneiras: *i* (sem ou com um ponto em baixo), *ig* (sem ou com ponto sob o *i*), *ih*, *u*, *i*, *ĩ*, *ii*, *y*, *hy*, etc. Após a indecisão do século XVI, criou-se a tradição do *y*, por iniciativa feliz de Figueira (1621). Nos estudos especializados para lingüistas, prevalece *ĩ*.

1156. Tôdas as vogais podem ser iniciais, mediais ou finais. As vogais não só predominam sôbre as consoantes, como têm mais possibilidades de colocação e de agrupamentos.

## SEMIVOGAIS

*i* *y* *û*

1157. As três vogais fechadas *i*, *u*, *y*, (que se articulam com o dorso da língua elevado em direção ao céu da boca) podem facilmente perder a silabicidade, dando origem às chamadas semivogais *î*, *û*, *ŷ*.

A rigor, são consoantes fricativas. O caráter consonantal é mais nítido nos ditongos crescentes. Mas podem juntar-se a outra consoante. P. ex., *t' ia-só* "vamos!", *nd' ia-só-i* "não vamos".

Há, porém, casos em contrário: 1) Em ditongo crescente predominar o caráter vocálico (*t' ia-só*, com apócope do *a* de *ta*, como nas iniciais vocálicas *t' a-só*, *t' ere-só*, etc., e não como na inicial consonantal *ta pe-só*). 2) Em ditongo decrescente predominar o caráter consonantal (*sy-syî*, redupl., com apócope do *i*, tal como das finais consonantais: *pa-par*).

Por tudo isso, é interessante dar um tratamento à parte às semivogais.

## CONSOANTES

1158.

|                  | Bilabiais    | Línguo-alveolares | Línguo-prépalatais | Velares      | Faucais  |
|------------------|--------------|-------------------|--------------------|--------------|----------|
| Oclusivas        |              |                   |                    |              |          |
| surdas           | <i>p</i>     | <i>t</i>          |                    | <i>k</i>     | ?        |
| sonoras          | ( <i>b</i> ) | ( <i>d</i> )      |                    | ( <i>g</i> ) |          |
| nasais           | <i>m</i>     | <i>n</i>          | <i>nh</i>          | * <i>n</i>   |          |
| pré-nasalizadas  | <i>mb</i>    | <i>nd</i>         |                    | * <i>ng</i>  |          |
| Contínuas surdas |              | <i>s</i>          | <i>x</i>           |              |          |
| sonoras          | * <i>b</i>   |                   |                    | * <i>g</i>   | <i>h</i> |
| Vibrantes        |              | <i>r</i>          |                    |              |          |
| Semivogais       |              |                   | <i>î</i>           | <i>û</i>     | <i>ŷ</i> |

1159. *?* é a oclusão glotal. Não se costuma escrever, mas precedia quase toda vogal que não se seguisse a outra consoante. Nunca é final de sílaba, nem inicial de palavra.

OBS. A julgar pelo guarani moderno, não haveria oclusão glotal após prefixos proclíticos, como *mo-*, *ro-*, *poro-*, *ie-*, *io-*, *mbi-*, *xe*, *nde*, *i*, *a-*, etc., a menos que o tema seja monossilábico e, portanto, tônico (*mbi-ú*, *mbo-é*, *ie-ab*, *xe ab-a*, com oclusão). Nem em compostos de final tônica + inicial não-tônica, como *t-atá-upaba*, *t-atá-endy*, *t-esá-étē*, etc. Nem em algumas palavras avulsas, como *eira*, *t-esá-y*, *aiba*, etc.

1160. *P*, *t*, *k* vêm tanto em princípio como em fim de sílaba. Mas *p* e *t* só excepcionalmente no fim.

1161. *B*, *d*, *g* são oclusivas quando precedidas de nasal, nos grupos *mb*, *nd*, *\*ng*.

Não ocorre *d* fora de *nd*. *B* figura tanto medial como final de palavra, e também inicial de sílaba. Como medial, é consoante fricativa; talvez também como final. Não há *b*, *d*, *g* iniciais de palavras, após pausa: os casos aparentemente contrários ou são simplificação gráfica (*baé* = *mbaé*; *de* = *nde*, *gatu* = *ngatu*) ou são partículas ou temas verbais, que na língua viva supõem outros elementos antepostos. Na escrita tradicional, não se costumam distinguir as fricativas das correspondentes oclusivas. *G* medial é variante (fricativa) de *?*: *yvara* ou *y<sup>?</sup>ara*. *G* oclusiva, só no grupo *\*ng*.

1162. *\*N* é o velar, que não se costuma distinguir, na escrita, do *n* alveolar. Cpr. espanhol “cinco” (velar) e “cinta” (alveolar). Só aparece no grupo *\*ng*.

1163. *\*Ng* final de radical (p. ex. em *mo-nhang-a*, *ang-a*, *ang-ekó*, *pomong-a*) parece ser o mesmo *\*n* velar. Pronuncie-se *mo-nhaŋ-a*, *anŋ-a*, *anŋ-ekó*, *pomoŋ-a*.

Cpr. inglês *king*, alemão *gesungen*. Da falta de conhecimento e transcrição exata desse som em português e espanhol, vem a diferente grafia, p. ex., das palavras *ané* (*t*) “pressa, apressado” e *r-ané* “antes, primeiro; ainda”, que os espanhóis escreveram *angē*, *rangē*, os portugueses *anhé*, *ranhé*.

1164. *Mb* e *nd* podem ser iniciais ou mediais de palavra; nunca finais. *\*Ng* pode ser medial e final, nunca inicial (ás exceções aparentes, como *ngatu*, são casos de incorporação ou composição).

Divergem os autores quanto à caracterização de *mb*, *nd*, *\*ng*. Para alguns, são grupos de sons: *m+b*, *n+d*, *\*n+g*. Para outros, são sons simples, monofonemas: *b*, *d*, *g* pré-nasalizados. A rigor, devia-se escrever *~b*, *~d*,

*g: ~ba?e', ~de', ~gatu', êde', porá'ga, mēdu'ba, kāby', kā'ga, mōba'ka, rā-bûe'ra*, etc.

1165. *Nh* é fonema simples, como em português: inicial e medial.

1166. *S* é o mesmo *s* português da pronúncia padrão, p. ex. de “sabado”, e não o *s* palatal, final de silaba (p. ex. de “aspas”, na pronúncia portuguêsa ou carioca). Pode ser inicial ou medial, nunca final. *X* é som secundário, resultante de palatização de *s* pelo *i*. Pode ser inicial e medial, nunca final.

1167. *H* só ocorre em três ou quatro palavras. Pode ser inicial ou medial.

Em guarani substitui quase todos os *s* tupis.

1168. *R* é alveolar, como o nosso *r* “brando” de “cara”. Pode ser inicial, medial ou final. Junto a nasal, pode nasalizar-se.

1169. Em resumo, as consoantes que podem começar sílaba ou palavra são:  
*p, t, k, ?, m, n, \*n, nh, mb, \*ng, s, x, h, r, i, û, ý*

As que podem ser mediais de palavra (iniciais de sílaba medial ou final):

*p, t, k, ?; b, \*b, \*g; m, n, nh, \*n; mb, nd, \*ng; s, x, h; r; i, û, ý*

As que podem ser finais de palavras:

*k; b; m, n, \*ng; r; i, û* (excepcionalmente: *p, t*)

1170. Tanto o nome e o verbo como as partículas independentes podem começar por vogal ou por consoante (ou semivogal).

Os verbos transitivos começam ou por vogal ou por uma das seguintes consoantes:

*p      t      k      ?      m      n      nh      s      r      nd      i      û  
poi    tym    ká    ?ok    mun    nong    nhang    syb    rab    iaî    (g)ûang*

Os verbos intransitivos começam ou por vogal ou por uma das seguintes consoantes:

*p      t      k      ?      m      b      nh      s      r      nd      i      û  
pak    tuâ    kai    ?ar    mŷi    bak    nharõ    syi    ryryi    nduruk    iaseó    (g)ûeb*

Nos modos finitos, o verbo pode terminar em vogal tônica ou em uma das seguintes consoantes:

*k      b      m      n      ng      r      i      û  
pok    kub    am    mun    mong    ir    pûai    mo-ngaraû*  
excepcionalmente *t* (var. de *r*) *ut = ur*

Nos modos não finitos (inclusive gerúndio, particípio), pode acabar em vogal tônica ou átona, nunca em consoante ou semivogal.

As partículas independentes terminam ou em vogal tônica ou em consoante ou semivogal.

O tema tanto nominal como verbal termina ou em vogal tônica ou em consoante ou semivogal.

1171. Em pausa, as consoantes costumam cair. Não, porém, as semivogais nem as velares *k* e *ng*.

O mesmo se passa na incorporação e composição. Em incorporação, é esporádica a persistência das velares. Na reduplicação, caem as semivogais.

### SÍLABA

1172. Os únicos fonemas silábicos, em tupi, são as vogais. Toda sílaba contém alguma vogal. A sílaba tupi pode ser dos seguintes tipos (V=vogal; C=consoante; S=semivogal):

| V        | VC        | CV        | CVC        | VS         | SV          | SVC         | CSV        | CVS        |
|----------|-----------|-----------|------------|------------|-------------|-------------|------------|------------|
| <i>a</i> | <i>ab</i> | <i>ba</i> | <i>bab</i> | <i>ai</i>  | <i>ia</i>   | <i>iab</i>  | <i>bia</i> | <i>bai</i> |
|          |           |           |            | SVS        | CSVC        | CSVs        |            |            |
|          |           |           |            | <i>iai</i> | <i>biab</i> | <i>biai</i> |            |            |

1173. Não há casos de CC. *Mb*, *nd*, *ng*, para alguns estudiosos, são fonemas simples. A única exceção seria a das semivogais, se consideradas consoantes: *t'* *ia-nhan* "corramos"; *nd'* *ia-nhan-i* "não corremos".

1174. A palavra tupi pode constar de uma ou mais sílabas. Também os temas.

Os monossilábicos são, via de regra, irredutíveis. Quanto aos polissílabos, em alguns casos podem-se isolar os seus elementos componentes:

tema + afixo; subst. + subst.; subst. + adjet.; subst. + verbo; verbo + advérbio; tema + reduplicação; etc.

1175. Grande número de verbos são compostos de verbos monossilábicos, sejam intransitivos como *am*, *ar*, *in*, *bak*, *bok*, *bur*, *byr*, *byk*, *ir*, etc., sejam transitivos como *é*, *ú*, *ar*, *ab*, *ó*, *ok*, *rung*, etc. (cfr. n. 326).

1176. Em outros casos, a identificação já não é fácil. Mas na medida em que progride a análise lingüística, revelam-se elementos mais simples.

Apenas um exemplo. O verbo *rō*, extinto na língua, mas que deixou inúmeros compostos, como *apirō*, *arō<sup>1</sup>*, *arō<sup>2</sup>* (*s*), *asyrō* (*t*), *atyrō*, *égûyrō* (*t*), *ekobiarō* (*s*), *irarō*, *mo-mbyrō*, *mo-ngatyro*, *mo-yrō*, *nharō*, *nhyrō*, *piarō*, *poro-yrō*, *pysyrō*, *ro-yrō*, *tyarō*, *typyrō*, etc.

1177. Apesar dos casos impenetráveis, tem algum fundamento a impressão de que o tupi se compõe de raízes monossilábicas.

### ACENTO TÔNICO

1178. A língua tupi conhece o acento tônico ou de intensidade. Os temas são oxítonos. As palavras podem ser paroxítonas, proparoxítonas, etc., quando se agregam ao tema afixos ou partículas enclíticas.

É o caso dos nomes (substantivos, adjetivos, infinitos, demonstrativos, numerais) terminados em consoante ou semivogal, os quais recebem o sufixo nominal *-a*. E dos sufixos *-i*, *-û*, *-ne*, *-mo*, *-te*, *-pe*, *-no*, das preposições-conjunções *-pe*, *-i*, *-bo*, *-reme*, etc. Há também alguns afixos enclíticos, como os prefixos e pronomes pessoais (em função de possessivos ou de objeto direto, etc.)

Em composição, incorporação, derivação, há acentos subtônicos, que recaem sobre a sílaba tônica do 1.<sup>º</sup> elemento componente.

### ACENTO MUSICAL

1179. Não se conhece o tom ou altura, como fonema primário.

ANCHIETA 35v informa que havia diferença de tom na interrogação. Não esclarece qual fosse nem nos adianta nada sobre a pausa final (.), a medial (,), a exclamação (!), os dois tipos de interrogação (?) e (;) (n. 160 OBS.).

### PROCESSOS FONOLÓGICOS

1180. Foram estudados sob o título de Metaplasmos (Lição 3.<sup>a</sup>).

1181. São os seguintes os principais contactos possíveis (em composição, incorporação e derivação), com as respectivas modificações:

| CONTACTOS   | MODIFICAÇÕES   | EXEMPLOS  |   |
|-------------|--|---|---|
| C + V       | silabação:   | a-s-ausub abá   | (pron. *asausu-<br>babá)  |
| V oral + C  | (não há)   | a-iuká paíé   | (inalterados)   |
| V nasal + C | nasalação:   | nhū-búera   | (de nhū+púera)  |
| V i + C s   | palatização:   | i-xupé  | (de i+supé)   |
| C + C       | 1) inserção de V: ybak-(y)-pe<br>2) apócope:                               | ybak-(y)-pe<br>a-s-ausu' Tupã                           | (de ybak+pe)<br>(de a-s-ausub+<br>Tupã)   |
| V + V       | 3) assimilação:<br>1) oclusão glotal:<br>2) apócope:<br>3) semivocalização | s-o'-beba<br>gûyrá-?i<br>t' a-só<br>pŷ-ara<br>a-i-pysyk | (de s-ob+peba)<br>(de gûyrá+i)<br>(de ta+a-só)<br>(de pŷ+ara)<br>(de a+i+pysyk) |

1182. Resta esclarecer melhor os contactos de V+V (n. 17).

Para os diferentes efeitos — oclusão glotal, apócope e ditongação — entram em linha de conta: 1.<sup>o</sup>) a tonicidade ou não de ambas as vogais, 2.<sup>o</sup>) o seu grau de abertura. Os princípios mais gerais são:

1183. I. — Quando a 2.<sup>a</sup> vogal é tônica: hiato (e oclusão glotal):

a-ir, a-ú, e-í, i á, xe aba, nde ú, a-ar, o-ir, a-é, a-ir, itá-oka, etc.

Exceções: 1. Er-é ← \*ere-é; i'-ab ← ie-ab; \*i'-ar ← \*ie-ar; i'-ub ← ie-ub, etc.

2. No gerúndio, ante a desinência abo (n. 394-400), procedem diferentemente as vogais abertas e as fechadas. Estas (i, u, y) se semivocalizam; aquelas (a, e, o) elidem o a inicial do sufixo:

#### Abertas

iuká + abo = iuká-bo  
mbo-é + abo = mbo-é-bo  
mo-ndó + abo = mo-ndó-bo

#### Fechadas

apiti + abo = apiti-abo  
mo-pu + abo = mo-pú-abo  
apy + abo = apý-abo

A semivocalização pode dar-se também nos verbais (s)ara e (s)aba:  
apiti-sara, apiti-saba ou apiti-ara, apiti-aba  
mo-pu-sara, mo-pu-saba ou mo-pú-ara, mo-pú-aba  
pŷ-sara, pŷ-saba ou pŷ-ara, pŷ-aba

4. Nos contactos *i + i*, *y + y*, *y + i*, *i + y*, pode-se inserir um *î*:  
*akuti + y* = *akuti-î-y* rio da cotia  
*siri + y* = *siri-î-y* rio do siri

1184. II. — Quando nem a 1.<sup>a</sup> nem a 2.<sup>a</sup> vogais são tônicas:

A) — Se ambas são abertas (*a*, *e*, *o*): apócope da 1.<sup>a</sup>.

Quando a 1.<sup>a</sup> vogal é *a*, a apócope é obrigatória; quando é *e* ou *o*, facultativa e pouco usual. Exceto se as duas vogais são iguais (*e + e*; *o + o*): neste caso, é mais freqüente a apócope.

|                   |  |
|-------------------|--|
| <i>a + a = a:</i> | <i>ta + a-só = t' a-só</i> que eu vá         |
| <i>a + e = e:</i> | <i>ta + ere-só = t' ere-só</i> que tu vás    |
| <i>a + o = o:</i> | <i>ta + o-só = t' o-só</i> que élle vá       |
| <i>e + a = a:</i> | <i>ie + akasó = i'-akasó</i> partir          |
| <i>e + e = e:</i> | <i>ie + ekyî = i'-ekyî</i> expirar           |
| <i>e + o = o:</i> | <i>ie + obá'-sab = i'-obá'-sab</i> benzer-se |
| <i>o + a = a:</i> | <i>poro + abyky = por-abvky</i> trabalhar    |
| <i>o + e = e:</i> | <i>poro + enõi = por-enõi</i> chamar (gente) |
| <i>o + o = o:</i> | <i>moro + oby = mor-oby</i> azul             |

OBS. — Quando a 1.<sup>a</sup> vogal é *e* ou *o* (média), pode haver apócope com qualquer vogal seguinte: *i'-upiá-mo-mbor*: pôr ôvo

Exceções. — Os prefixos e pronomes pessoais *a-*, *ere-*, *o-*, *xe*, *nde*, *i*, etc. e os prefixos *mo-*, *ro-*, *io-* não sofrem apócope.

Casos como *er-é*, *m'-oryb*, *r-ekó*, *r-ub*, *r-ur*, não há muitos.

B) — Se a 2.<sup>a</sup> vogal é *i*: semivocalização:

|                    |                                |
|--------------------|--------------------------------|
| <i>a + i = aî:</i> | <i>a-î-pysyk</i> eu o apanhei  |
| <i>e + i = eî:</i> | <i>e-î-pysyk</i> apanha-o tu   |
| <i>o + i = oî:</i> | <i>o-î-pysyk</i> élle o apanha |

OBS. — Como não há temas acabados em vogal átona, nem prefixos terminados em *u* ou *y*, faltam as combinações *u + i*, *y + i*, etc.

C) — Se a 1.<sup>a</sup> vogal é *i*, pode inserir-se um *î* antes da 2.<sup>a</sup> vogal, mormente quando esta é *i* ou *y*:

|                     |  |
|---------------------|--|
| <i>i + a = iîa:</i> | <i>iî-apó</i> fazê-lo; <i>iî aeté</i> é finíssimo; <i>mbi-î-ara</i> ou <i>mbi-ara</i> caçado |
| <i>i + i = iii:</i> | <i>iî inî</i> sua rêde   |
| <i>i + y = iîy:</i> | <i>iî-ybô</i> frechá-lo; <i>iî ypy</i> seu princípio; <i>mbi-î-ybô</i> frechado              |

O i pode-se nasalizar, antes de nasal:  
*i-i-ybô* ou *i-nh-ybô*

OBS. — Não há prefixos terminados em outras vogais fechadas (*u*, *y*), nem temas acabados em vogal átona.

D) — Se a 2.<sup>a</sup> vogal é *y*, e em todos os demais casos, há sempre hiato:

*a + y = ay*: *a-y-ú* bebo água, etc.

*Exceção*. — O caso C).

1185. III. — Quando só a 1.<sup>a</sup> vogal é tônica:

A) — Em geral não há hiato:

|                             |                            |
|-----------------------------|----------------------------|
| <i>t-atá-endy</i> chama     | <i>t-atá-uru</i> candieiro |
| <i>pindá-e-ityka</i> pescar | <i>pyá-upiara</i> fel      |

B) — Quando as duas vogais são iguais, pode haver aférese da 2.<sup>a</sup>:

*obá + asab = obá-'sab* benzer

OBS. — Quando a *o* ou *u* se justapõe a ou e (tônicos ou não), pode inserir-se um *û* ou *gû* eufônico:

|  |  |
|--|--|
| <i>o-gû-ar</i> : élle o toma               | <i>poro-gû-e-ra-só</i> : levar               |
| <i>o eté</i> ou <i>ogû-eté</i> : seu corpo | <i>pûar</i> ou <i>pugûar</i> : atar; enrolar |

1186. MONÓLOGO DE GUAIXARÁ (DIABO)

### E A SAUDAÇÃO LACRIMOSA

P. JOSÉ DE ANCHIETA (1534-1597)

#### GUAIXARÁ

1. *Xe moajù marãgatu  
xemoirõetecatuabo  
aipo tecopicaçu.  
aba çerã ogoveru  
xe retama momoxiabo?*

#### 6. Xe anho

- co taba pupe aico  
cerecoaramo uitecobo,  
xereco rupi imoingobo,  
que cuij aço mamo  
amo taba rapecobo.*

12. *Aba çerā xe yabe?*  
*Yxe çerobiaripira,*  
*xe anhanguçu mixira*  
*Guaixara çeribae*  
*quepe imoeraapoanimbira*
17. *Xe reco iporang ete,*  
*naipotari aba çetica,*  
*naipotari aba imôbica,*  
*aipotacatu tenhe*  
*opabī taba mondica.*
22. *Bae ete caugoaçu*  
*caôy moyebiyebira,*  
*aipo çauçucatupira,*  
*aipo anhe yamõbeu,*  
*aipo imomorangimbira.*
27. *Çeraapoan co moçacara*  
*ycaôyguacubae,*  
*caôy mboapiarete*  
*ae maramonhangara*  
*marana pota meme*
32. *Moraceye ycatu*  
*yeguaca, yemopirâga*  
*çamõgi, yetimâguanga,*  
*yemouna, petimbu,*  
*caraimonha monhanga.*
37. *Yemoirō, morapiti,*  
*you, tapuija rara,*  
*aguaça, moropotara*  
*manhana, çiguaragi*  
*naipotari aba çejara.*
42. *Angari*  
*ayoçub aba coti,*  
*taxererobiar, uijabo.*  
*Outenhe xe peabo*  
*abare yaba cori*  
*Tupã reco mombeguabo.*
48. *Oicobe*  
*xepitiboanamete*  
*xe piri mara tecoara*  
*xe irunamo ocaiba*  
*tubixacatu Aimbare*  
*apiaba moangaipapara.*

Senta-se numa cadeira, e vem  
uma velha a chorá-lo, e elle  
ajuda-a, como fazem os fi-  
dios, e ela, depois de o chora-  
rar, achando-se enganada, diz:

#### VELHA

54. *Ju, Anhangá pico ri!*  
*xe moajute inema mā*  
*xe menduera ipo rei*  
*Piracaê amirī*  
*aeco ixupe biā.*

Fala com elle:

59. *De poxi uĩ, dereuixo*  
*cori xereminduune,*  
*xenho aupacatune*  
*queiçeve naco airumo,*  
*taçone gui, tacaune.*

E foge.

*O Auto de São Lourenço, pp. 22-26.*

De acordo com a reprodução fotográfica, fazem-se aqui ligeiras modificações à edição diplomática do Museu Paulista: *tecopiçaçu*, *queiçeve*, e outras, mais insignificantes, de acentuação e pontuação.

LICÃO 62.<sup>a</sup>

## NOMENCLATURA DE PARENTESCSOS

1187. Para os povos naturais, o parentesco baseia-se não apenas nos laços de sangue, mas também na função social. A nomenclatura reflete essa maneira de ver. Levam o mesmo nome todos os parentes que ocupam a mesma posição relativa. É o que se chama parentesco classificatório. A nomenclatura depende, em grande parte, da organização social de cada povo.

Os tupis observavam a descendência patrilinear. O seu sistema de parentesco era bilateral, i. é, implicava relações simétricas de ambos os lados, paterno e materno. De acordo com o esquema de LOWIE, era um sistema bifurcado misto, pois identificava metade da linha colateral com a linha reta: o irmão do pai tem o mesmo nome (e função social) que o pai; enquanto que o irmão da mãe tem nome (e função) diverso. A irmã da mãe tem o mesmo nome que a mãe, diverso do nome da irmã do pai. O irmão do pai chama a seus sobrinhos "filhos" (como o pai). A irmã da mãe chama a seus sobrinhos "filhos" (como a mãe). Etc.

LOWIE 84 distingue quatro sistemas de parentesco, conforme os nomes que se dão ao pai, ao irmão do pai e ao irmão da mãe: 1.<sup>o</sup>) *Sistema de geração*: os três têm o mesmo nome de "pai"; 2.<sup>o</sup>) *Sistema bifurcado misto*: os dois primeiros têm o nome de "pai": o terceiro tem nome diferente; 3.<sup>o</sup>) *Sistema bifurcado colateral*: cada um dos três tem nome diferente; 4.<sup>o</sup>) *Sistema linear*: os dois últimos têm o mesmo nome, diferente do de "pai".

Em geral, têm igual classificação os parentes da mesma geração e sexo, que desempenham ou possam vir a desempenhar igual função.

1188. São os seguintes os elementos de classificação:  
1.<sup>o</sup>) sexo do *ego*; 2.<sup>o</sup>) sexo do parente; 3.<sup>o</sup>) sexo do pa-

rente intermediário; 4.<sup>º</sup>) geração do parente; 5.<sup>º</sup>) idade do parente em relação à do *ego*.

### 1.<sup>º</sup>) Sexo do *ego*:

O homem chama ao neto e à neta *emi-minó*; a mulher chama aos mesmos *emi-arirô*. O homem chama a seu filho *ayra* e à sua filha *aîyra*; a mulher chama a ambos *membryra*. O homem chama a seu irmão mais velho *ykeyra* e ao mais moço *ybyra*; a mulher chama a ambos *kybyra*. O homem chama à sua irmã, tanto a mais velha como a mais moça, *endyra*; a mulher chama à mais velha *ykera*, à mais moça *pykyyra*. Etc.

OBS. — Na linha reta ascendente, não há diferenciação baseada no sexo do *ego*.

### 2.<sup>º</sup>) Sexo do parente:

O homem chama seu filho *ayra* e à sua filha *aîyra* (mas a mulher chama *membryra* tanto ao filho como à filha). Tanto o homem como a mulher chamam a seu pai *uba* e à sua mãe *sy*. O homem e a mulher chamam a seu avô *amûña* e à sua avó *aryâa* (mas o avô chama tanto ao neto como à neta *emi-minó*, e a avó chama tanto ao neto como à neta *emi-arirô*). Etc.

### 3.<sup>º</sup>) Sexo do parente intermediário:

O homem e a mulher chamam ao irmão ou primo de seu pai com o mesmo nome de pai *uba*; e à irmã ou prima de sua mãe com o mesmo nome de mãe *sy* (ou *syrra*). Vice-versa, o homem chama ao filho ou filha de seu irmão com o mesmo nome de filho ou filha *ayra* ou *aîyra*. Ao passo que tanto o homem como a mulher chamam à irmã de seu pai *aixé* e ao irmão de sua mãe *tutyra*. Igualmente, o homem chama ao primo mais moço (filho do irmão do pai) com o mesmo nome de irmão mais moço *ybyra*; ao primo mais velho (filho do irmão do pai) com o mesmo nome de irmão mais velho *ykeyra*; à prima (filha do irmão do pai) com o mesmo nome de irmã *endyra*. Assim também, a mulher chama a seu primo (filho do irmão do pai) com o mesmo nome de irmão *kybyra*; à prima de mais idade com o nome de irmã mais velha *ykera*, e à de menor idade com o mesmo nome de irmã mais moça *pykyyra*. A no-

mencnatura diferirá se o primo ou prima forem filhos da irmã da mãe, da irmã do pai, ou do irmão da mãe.

OBS. — 1) Parentesco paralelo é aquêle em que entram em jôgo dois irmãos do mesmo sexo. Irmãos paralelos são dois ou mais irmãos (varões) ou duas ou mais irmãs. Tios paralelos são o tio paterno e a tia materna. Primos paralelos são os filhos de dois irmãos homens ou de duas irmãs. Quando os irmãos são de sexo diferente, há parentesco cruzado; p. ex. tio materno: tia paterna; primo (ou prima) filho (ou filha) do irmão da mãe ou da irmã do pai. — Os Tupis distinguiam o parentesco paralelo do cruzado. Não se pode contestar, porém, que davam certa ênfase ao parentesco paralelo com intermediário masculino, — de acordo com a sua concepção de que só o homem era verdadeiro progenitor, e não a mulher, mero receptáculo do gérmen masculino. Essa distinção é importante no casamento. O tio paterno (*uba*) substitui o irmão falecido, casando-se com a viúva. Em nenhuma hipótese se casa com a filha de seu irmão, a que também chama "filha" *aîyra*. Já o tio materno (*tutyra*) é o candidato natural à filha de sua irmã ou prima (*ietipera*), podendo inclusive dispor dela e cedê-la a outrem. E deve ser ouvido a respeito de seu casamento. Em caso de orfandade, tem o dever de desposá-la. Em segundo plano, vêm os seus irmãos mais moços, os filhos dêstes e os outros parentes cruzados.

2) Tio paralelo = pai; tia p. = mãe; sobrinho p. = filho; sobrinha p. = filha; primo p. = irmão; prima p. = irmã.

#### 4.º) Geração do parente:

O homem chama *avra* a seu filho, ao filho do irmão e ao filho do primo (este, filho do tio paterno), e *aîvra* à sua filha, à filha de seu irmão e ao filho do primo (este, filho do tio paterno); a mulher chama *membyra* ao seu filho ou sua filha e ao filho ou filha de sua irmã ou de sua prima. O homem e a mulher chamam *uba* a seu pai e ao irmão ou primo do pai, e *sy* à sua mãe e à irmã ou prima da mãe. O homem chama *emi-minó* a seu neto ou neta e aos nietos ou netas de seu irmão ou primo. A mulher chama *emi-arirô* a seu neto ou neta e aos netos ou netas de sua irmã ou prima. O homem e a mulher chama *aryâ* à sua avó (paterna) e à irmã ou prima tanto do avô como da avó.

#### 5.º) Idade do parente, em relação à do *ego*:

O homem chama *ykeyra* a seu irmão ou primo (filho do tio paterno) mais velhos que élé: *ybyra* ao irmão ou primo (filho do tio paterno) mais moços que élé; *endyra* à irmã ou prima (filha do tio paterno). A mulher chama *kybyra* a seu irmão ou primo (filho do tio paterno); *ykera* à sua irmã ou prima de maior idade que ela; *pykyyra* à sua irmã ou prima de menos idade que ela; *pykyryra* à sua irmã ou prima de menos idade que ela.

**Obs.** — Dentro do respectivo sexo, havia uma geração entre a do *ego* e a dos pais, e mais uma entre a do *ego* e a dos filhos, i. é, a geração dos irmãos mais velhos (para o homem) ou das irmãs mais velhas (para a mulher) e a geração dos irmãos mais moços (para o homem) ou das irmãs mais moças (para a mulher). Não havia diferenciação língüística, baseada na idade, quando os irmãos eram de sexo diferente. O que se explica: o comportamento de qualquer irmão para com a irmã (e vice-versa) era o mesmo, independentemente da idade. Todos os irmãos tinham grande autoridade sobre as irmãs.

## TÉRMOS GERAIS DE PARENTESCO

1189.

*anama*<sup>1</sup>: parente, parentela; parcialidade; nação, raça

*mū*<sup>2</sup>: aliado; amigo; parente; nação, raça

*maranungara*: parente; parentela

*amŷi-pagûama* (*t*): avós; antepassados

*aysé* (*t*): parente ou estirpe do sexo masculino (da mulher)

*atuasaba*<sup>3</sup>: aliado, sócio; compadre

(*ie-*)*kotyasaba*<sup>4</sup>: amigo

1. *anama*. — Em guar., há também *amó* “parente próximo” (MONTOYA, *Tesoro* 32v). Falta documentação para o tupi. 2. *mū*. — “aliança; aliado; amizade, amigo; contrato; trato; troca; sócio”. A princípio aplicar-se-ia ao parente por adoção ou aliança (costume tupi), estendendo-se depois a todo parentesco. — *Mū* deve ter sido v. trans. “aliar, contratar; pactuar”, pois subsiste o reflexivo *nhe-mū* “aliar-se; fazer pazes; fazer troca, comprar, vender”, etc: *a-nhe-mū nde aoba r-esé-ne* (MONTOYA, *Tesoro* 230): darei outra cousa em troca de tua roupa; *a-nhe-mū s-esé* (*ib*): faço troca com él. Há também o substantivo *nhe-mū* “aliança; pazes”. O verbo *mondar* ou melhor *mundar* “furtar” é composto de *mū* + *ar*, lit. “tomar ou retirar o trato”. Também *mundar* “suspeitar; ter ciúme de”. — MONTOYA, *Catecismo* 320, define *mū* “pariente lejano, y amigo, con quién trata y conversa”. 3. *atuasaba* e (*ie-*)*kotyasaba*. — LÉRY 258 acentua a distinção entre *atuasaba* e *kotyasaba*. O primeiro “significa perfeita aliança... tanto que os haveres... são comuns. Todavia não podem haver a filha nem a irmã dos seus aliados. Não assim o outro término, maneira delicada de chamar alguém por outro nome...”. Mas ÉVREUX 142, 242 diz positivamente que *atuasaba* é o “compadre” ou “aliado por hospitalidade” com direito à filha da casa. Era chamado também *ayra* “filho” ou *aiybêna* “genro”. O que acolhia um hóspede chamava-se *mosakara*.

## CONSANGÜINIDADE

1190.

EGO HOMEM

EGO HOMEM OU  
MULHER

EGO MULHER

*amūia*<sup>1</sup> (*t*): avô (paterno e materno); irmão ou primo do avô ou da avó

*aryâa*: avó (paterna e materna); irmã ou prima da avó ou do avô

*uba*<sup>2</sup> (*t*): pai; irmão do pai; primo paterno do pai

*sy*<sup>3</sup>: mãe (; irmã ou prima da mãe).

*tutyra*: irmão da mãe; primo da mãe; primo (filho do irmão da mãe)

*aixé*: irmã do pai; prima do pai

*syryra*: irmã do pai; prima do pai

*ykeyra* (*t*): irmão; filho do irmão do pai; filho do irmão (todos mais velhos que o *ego*)

*endyra* (*t*): irmã; prima

*ybyra*<sup>6</sup> (*t*): irmão; filho do irmão do pai

*ykera* (*t*): irmã, filha da irmã da mãe; filha da irmã (tôdas mais velhas que o *ego*)

*kybyra*<sup>5</sup> e<sup>6</sup>: irmão; primo

*pykyyra*: irmã; filha da irmã da mãe; filha

*asykûera*<sup>4</sup>: irmão ou irmã

*EGO HOMEM*

(todos mais moços que o *ego*)

*ayra* (*t*): filho; filho do irmão; filho do primo p. paterno  
*aîyra* (*t*): filha; filha do irmão; filha do primo p. paterno

*iyra*<sup>7</sup>: filho da irmã; filho da irmã ou do irmão do pai; filho da prima; filho da avó

*iétipera*: filha da irmã; filha da prima; filha da tia

*e-mi-minô*<sup>9</sup> (*t*): neto, neta; neto ou neta do irmão ou irmã e do primo ou prima

*EGO MULHER*

da irmã (tôdas mais moças que o *ego*)

*membyra*<sup>8</sup>: filho, filha; filho, filha da irmã; filho, filha da prima p. materna

*penga*: filho ou filha do irmão; filho ou filha do primo

*e-mi-arirô*<sup>9</sup> (*t*): neto, neta; neto, neta do irmão ou irmã e do primo ou prima

## COSERVAÇÕES

Não há designação para primos cruzados. Os paralelos se confundem com os irmãos (por vêzes, com os sobrinhos). O parentesco paralelo é mais preciso, sobretudo o masculino. O parentesco cruzado, especialmente com intermediário feminino, imediato do *ego*, nem sempre é claro. Nesta obra, "primo" ou "prima" entendem-se paralelos, salvo indicação contrária.

1. ou *amyia* (*t*). Em guarani, para o irmão ou primo do pai reserva-se *ubyra* (*t*), correlato de *syrya*. 3. Os autores não estendem *sy* à irmã e à prima da mãe. Mas RESTIVO, *Frases* 597, registra o uso. Entende-se melhor, assim, o paralelismo com *uba*. 4. *Lit.* "o que foi pedaço". Aplica-se aos verdadeiros irmãos, de ambos os sexos. 5. Quando o irmão é casado, pode-se dizer *uket-mena*, lit. "marido da cunhada". 6. *yby-kyra* (*t*), "irmão caçula (do homem)"; *kyby-kyra* "irmão caçula (da mulher)". 7. *Iyra* (n. 253) engloba vários graus de parentesco cruzado do homem: sobrinho, tio, primo. Usa-se também para enteado do homem. 8. O VLB e o *Catecismo* de ARAÚJO dão *membyr-aysé* para sobrinho (filho da irmã ou prima) da mulher, e *membyr-kunhã* para a sobrinha correspondente. Mas MONTOYA, *Tesoro* 219-220, traduz também como "filho" e "filha". 9. *e-mi-minô* e *e-mi-arirô* originam-se de participios passivos (n. 773). Donde \**minô* e \**arirô* devem representar verbos alterados. Desde logo, compostos de *rô* ou *nô(ng)*, que figuram em numerosos verbos transitivos (n. 1176). É interessante aproximar, por um lado, *menô* "fornicar" e *ar* "nascer" (p. ex. *membyr-ar* "dar à luz"), por outro, *amyia* (*minô*, aliás *mînô*) e *aryâa* (*arirô*).

## AFINIDADE

1191.

## EGO HOMEM

*atuuba*<sup>1</sup> (*t*): pai da espôsa; irmão do pai da espôsa; primo do pai da espôsa

*aixó* (*t*): mãe da espôsa; irmã da mãe da espôsa; prima da mãe da espôsa

*e-mi-reko*<sup>4</sup> (*t*): espôsa  
*aty*<sup>5</sup> (*t*): espôsa  
*gûaimi*<sup>6</sup>: espôsa

*obaíara*<sup>7</sup> (*t*): irmão ou primo da espôsa

*ykyyr-aty* (*t*): espôsa do irmão ou primo ou sobrinho paternos mais velhos que o *ego*

*ybyr-aty* (*t*): espôsa do irmão ou primo ou sobrinho paternos mais moços que o *ego*

*e-mi-rekó-ykera* (*t*): irmã ou prima ou sobrinha mais velhas da espôsa

## EGO HOMEM OU MULHER

*mcengaba*: espôso, espôsa

*tutyra*: espôso da irmã do pai ou da prima do pai  
*aixé*: espôsa do irmão do pai ou do primo do pai

*mena*: espôso

## EGO MULHER

*menduba*<sup>2</sup>: pai do espôso; irmão do pai do espôso; primo do pai do espôso

*mendy*<sup>3</sup>: mãe do espôso; irmã da mãe do espôso; prima da mãe do espôso

*mena*: espôso

*yké-mena* (*t*): espôso da irmã ou prima ou sobrinha mais velhas que o *ego*

*pykyy-mena*: espôso da irmã ou prima ou sobrinha mais moças que o *ego*

*ukeí*: espôsa do irmão; ou do filho do irmão da mãe; espôsa do irmão do marido

*men-ykeyra*: irmão ou primo (filho do irmão) mais velhos do espôso

## EGO HOMEM

*e-mi-rekó-pykyyra* (*t*): irmã ou prima ou sobrinha mais moças da espôsa

*aîy-bena*<sup>8</sup> (*t*): espôso da filha ou da sobrinha paterna ou da filha do primo (filho do tio paterno)

*ayr-aty*<sup>9</sup> (*t*): espôsa do filho ou do sobrinho paterno ou do primo (filho do tio paterno)

*iyr-aty*: espôsa do filho da irmã; espôsa do filho da irmã ou do irmão do pai; espôsa do filho da prima; espôsa do filho da avô

*ietipé mena*: espôso da filha da irmã; ou da filha da prima; ou da filha da tia

## EGO MULHER

*men-ybyra*: irmão ou primo (filho do irmão do pai) mais moços do espôso

*peuma*: espôso da filha; ou da filha da irmã; ou da filha da prima

*membyr-aty*: espôsa do filho; ou do filho da irmã; ou do filho da prima

*peng-aty*: espôsa do filho do irmão; ou do filho do primo

1. Composto de *aty* (*t*) e *uba* (*t*) “pai da espôsa”, com assimilação do *y*.
2. Composto de *men(a)* e *uba* (*t*) “pai do marido”. 3. Composto de *men(a)* e *sy* “mãe do marido”. 4. Etimologicamente, “a que é possuída” (n. 782).
5. No tupi histórico, parece que só se empregava em composição. Mas devia ser a forma primitiva para “espôsa”, suplantada pelo circunlóquio *e-mi-r-ekó*. No dialeto tapirapé, ainda é corrente *che-ranty* “minha espôsa”. 6. lit. “velha”, forma afetivo-jocosa: *xe gúaimi* “minha velha”. 7. Em alguns lugares “espôso da irmã ou prima”. Em São Vicente “espôso da irmã ou prima (tanto do homem como da mulher)”. 8. ou *aîy-mena* “marido da filha (do h.)”. 9. ou *ay-taty*.

## VOCATIVO

1192. Além dos nomes descritivos de parentesco, há algumas formas vocativas, especialmente para os graus mais próximos:

EGO HOMEM

EGO HOMEM OU  
MULHER

EGO MULHER

*pai<sup>1</sup>*: ó meu pai!, pa-  
pai!; senhor!*ai<sup>2</sup>*: ó minha mãe!,  
mamãe!; senhora!*piá<sup>3</sup>*: ó filho!*xe á<sup>4</sup>*: mano!*miã*: mana!*itó, titó, gûaitó<sup>12</sup>*: so-  
brinha!*xe á<sup>5</sup>*: senhor!*taúpé<sup>11</sup>, miã*: senhora!*aí<sup>5</sup>, taá<sup>6</sup>, tapiá<sup>7</sup>*: mano!*peí, gûaúpira<sup>9</sup>*: mana!*tang<sup>8</sup>, gûaiá*: mano!*kyi<sup>10</sup>, kynaí, naí, toí*,*taúpé<sup>11</sup>*: mana!*taá<sup>6</sup>*: senhor!*tapé<sup>11</sup>*: senhora!

Com exceção de *xe á*, todos dispensam o possessivo. Alguns são também descritivos.

1. *pai*: atribui-se a homens de respeito: principais, feiticeiros, sacerdotes, parentes mais velhos, etc. É também descritivo: *pai abaré* "padre". 2. *ai*: atribui-se à senhora mais velha que o *ego*. Também descritivo: *ai aryia* "avô", *ai syrya* "tia materna". — No guar, *h-ai*. 3. *piá*: os documentos não registram a forma correspondente para "filha". 4. *xe á*: também reverencial, como *taá*: "senhor!" Talvez se reservasse aos irmãos mais velhos. — *Lit.*: "minha glande". 5. *ai*: deve ser o mesmo que *gûai* de MONTOYA "pintadinho, lindinho", que se aplica às pessoas mais jovens, sem restrição de sexo. 6. *taá*: v. 4. 7. *tapiá*: em guar, há *t-apí* "irmão mais moço ou filho (da m.)", descritivo. 8. *tang*: a forma descritiva é *tanga*, que de "tenro, delicado, macio" tirou também "criança". V. MONTOYA, *Tesoro* 354/348. Cfr. *pi-tanga* "criança", *lit.* "pele delicada". Em guar., é mais usual o diminutivo *tang-i*. 9. *gûaúpira*: ANCHIETA relaciona ao *ego* homem; VLB ao *ego* mulher. 10. *kyi*: há dúvida se seria *kyi* ou *kyj*, forma abonada por VLB 286, ao passo que ANCHIETA 14v parece favorecer a primeira. Ambos os autores são imprecisos na ortografia. — De *kyra* "novo, imaturo,

verde", temos *kyra* "gente nova, criança, garoto" (VLB 403). Em composição com *aí* e nasalizado: *kyn-aí*; por aférese *n-aí*. *Ky-í* seria diminutivo. Hipóteses, que não explicam por que êsses termos se reservam ao *ego* mulher. 11. *taúpé*, *tapé*: ANCHIETA distingue "senhora" *taúpé* (ego h.) e *tapé* (ego m.). VLB ignora *tapé*: refere-se a *taúpé* no sentido de "mana" e de "senhora". 12. *itó*, *tító*, *guáitó*: não sabemos se se aplicavam à sobrinha paterna. Não é provável.

1193. Os nomes de parentesco, em geral arcaicos, são de difícil decomposição, mesmo porque aludem a conceitos sociais que não nos foram transmitidos com suficiente clareza.

1194. Observe-se que alguns deles apresentam flagrantes relações com nomes de partes do corpo humano.

GABRIEL SOARES 370 já anotara que, para os tupis, o filho sai "dos lombos do pai". *Asyk-ûera* "irmão, irmã" literalmente significa "o que foi pedação". *Xe á* "minha glande" em sentido figurado é "meu irmão" (CASTILHO 27; VLB 287; cfr. MARCGRAVE 277). MONTOYA, entre outras traduções para "parente" serve-se de derivados de *i'-aok* "separar-se, dividir-se": *xe i* *i'-aok-ag-ûera* (*Tes.* 182v. ad.): "eu sou parente déle"; *xe r-u' i'-aok-ag-ûê* *nde* (ib.): "és meu parente próximo, por parte de meu pai". Cfr. ib. 401v./395v. LÉRY informa que havia o costume délicado do chamar os outros por nomes como "minha perna", "meus olhos", "minha orelha", etc. *Xenambi*, lit. "minha orelha" era o nome do filho de um principal de Tapuitapera, — refere EVREUX 349.

Algumas semelhanças expressivas:

*Uba* "pai" e *uba* "coxa" (além de *uba* "ova"; cfr. *up-iá* "ôvo"). *Sy* "mãe e "raiz", "princípio". *Ayra* "filho" e "sêmen". *Yké-yra* "irmão ou primo mais velho", *ykera* (← *yké-yra?*) "irmã ou prima mais velhas" e *yké* "lado", "costado" (Cfr. *ukeí* "cunhada"). *Ybyra* "irmão mais moço" e *yby* "barriga". *Aiyra* (← *aiy'-yra?*) "filha" e *aiy(ka)* "veia", "nervo". *Endyra* "irmã" e *endy* "saliva".

Algumas aproximações são susceptíveis de dúvidas (como a de *aiyra*), mas deve-se atentar para o conjunto dos fatos.

1195. Uma análise etimológica anotará a freqüência do elemento *yra*:

*ayra*, *aiyra*, *membryra*, *ykeyra*, *ybyra*, *endyra*, *kybyra*, *pykyyra* — em guarani *kypy(y)ra* — *tutyra*, *syryra*, *ubyra*, *iyra*, além de *ykera*, *ietipera*, que bem podem provir de *ykeyra*, *ietipeyra*.

O elemento *yra* é nítido nos casos de *sy-yra* e *ub-yra*. Quase isolado, figura em *iyra*, nome vago de vários parentescos cruzados do homem: tio, sobrinho, primo. O *i* inicial poderia ser o prefixo da 3.<sup>a</sup> p. — que de fato não se repete antes de *iyra* (n. 253) — não fôsse a existência das formas *xe r-iyra*, *nde r-iyra*, etc. A solução talvez dependa do modo de encarar a origem do *r*. Se é vestígio de uma preposição, como *ri* (n. 238 Obs.), temos *xe ri yra*, “minha parte”, “meu parente”, lit. “parte referente a mim” (há exemplos de línguas que pedem o possessivo regido de preposição).

Tem-se a impressão que *yra* devia significar algo como “parte, porção, fragmento, complemento, acompanhamento”, etc.:

*xe sy-yra* “parte ou pedaço de minha mãe” (=tia); *xe r-yké-yra* “parte do meu lado” (=irmão, etc. mais velhos). *Ayra*, além de “sêmen” e “filho”, significa “cousa pequena ou tenra” (MONToya, Tes. 351/345; VLB 297, 344). *Membryra*, apesar de certa dificuldade fonética, deve provir de *men(a)* e *yra* “parte do marido”, consoante o conceito tupi de que só o pai tem parte efetiva no filho. Mais incerta é a decomposição de *ayra*. Sem querer lembrar á “glande” — pois á não leva prefixos de classe — observe-se que todos os nomes de partes sexuais, tanto do homem como da mulher, começam por *a-* e levam prefixo de classe, excetuados precisamente os compostos de á.

Assim, *iyra* seria a “parte” ou “parente” no seu sentido mais vago e distante — coincidindo exatamente com o parentesco cruzado, o menos importante — em confronto com os parentescos mais próximos, relacionados com as partes do corpo.

## IMPEDIMENTOS MATRIMONIAIS (\*)

P. ANTÔNIO DE ARAÚJO (1566-1632)

1196.

Conserva-se a ortografia e a pontuação original. Tanto esta como a acentuação são, por vezes, duvidosas. A tradução é de ARAÚJO, atualizadas apenas a ortografia e a pontuação.

1. *Abarê morececoâramo, ymoingopîra, amô abâ abè mocoï robaquê omendâreimbaè: nomendarî. Icatûbê abâ omêdâ amoâê Abarê robaquê, Abarê ogoerecoâra remimotâra rupi.*

Não ficarão casados os que se receberam diante do clérigo que não era seu pastor; com licença dêste, podem casar diante de outro.

2. *Goêmimotareimâgâtu ojucá çûî, coipo âbâ ogoerecô memoã etê çûî onheangoâbo omendaribaè: coipo ogûba, oci, omuêtê<sup>1</sup> ogoere-*

\*) V. nota à p. 408.

*coâra goêmimotareíma rupî omomendarucareme. Nomendari: emonâ tecô aroêra<sup>2</sup>, yaipeâ.*

O que casa com mêsdo da morte ou de algum grave e ruim tratamento, ou contra sua vontade, por fazer a do pai, mãe ou parente, que o faz casar, não fica casado: há-se de apartar.

3. *Cunhã rerôyabapara cemimotareíma rupi, cecè mendà potanhé, ndeicatui cecè omendâ, mimbâpe cerecô pucui, coipo ceroyebirêima pucuî.*

O que furtou alguma mulher, contra a sua vontade, com intenção de casar com ela, não pode com ela casar, enquanto assim a tiver e a não restituir.

4. *Omendaragoêra recôberemebè, ndeicatui omendâ amoâe recè coepe ceõ agoêrarerapoâneme Abarê cerecoâra aé tececocuah.*

Nenhum dos casados pode tornar a casar, enquanto o outro for vivo; correndo fama de sua morte, o cura fará seu ofício.

5. *Oaiîra, coipo omembira goêmimonhangâ recê, abâ nomen-dari, goêmiminô coipo goemiarirô amoâe yeapicârecê ndeicatui abâ omendâ.*

O pai ou mãe carnal não pode casar com algum filho ou filha, neto ou neta, ou descendente seu.

6. *Oendîra, oquibâra, oacícoera recè ndeicatui abâ omendâ: çaruâbibe<sup>3</sup> oendîra<sup>4</sup>, oquibâra<sup>5</sup>, oacícoera remimonhangâ recê abâ mendâra, oyô irunundic<sup>6</sup> yeapicâ cicâpe.*

Não pode uma pessoa casar com seu irmão, nem com algum descendente no quarto grau.

7. *Ndeicatubei tibâra, tiguera piquiûra poromonhangâ oyoâira, oyo aîrra recè omendâ: anga poromonhangâ abê oyoirundic<sup>7</sup> yeapicâ cicâpe, ndeicatûbei omendâ, oyo êcê.*

Não podem casar os primos ou primas com irmão (*sic*) filhos de irmãos ou irmãs, até o quarto grau.

8. *Oporôerocbaêpoêra ndeicatui omendâ goêmierôcoera recè, oatoâcaba y xi, coipo Tûba recébe.*

O que batizou não pode casar com o por êle batizado, nem com seu pai ou mãe.

9. *Abarê, coipo amô abâ piri morerocaroêra, ndeicâtui omendâ goemierocoera recê, Tûba, coipo y xi recê tiruâ ndeicatui.*

O padrinho ou madrinha da pia não pode casar com seu afilhado ou afilhada, nem com seu pai e mãe.

10. *Ocibâpe yandì caraiba raçâra reraçoâra ndeicatûi cecè omendà. Tûba yxírecé tiruã.*

O padrinho da crisma não pode casar com a sua afilhada, nem com seu pai nem mãe.

11. *Tiaiuacá xemena, coipo xeremirecò, coipo tiaiuacáucar, ñdere-me tiamendar yande yoêcè, êyara omêna, coipo goemirecô iucareme, coipo ynheengarupi amô abâ yiucâroirê, ndeicatuí oyoêcê omendà: noicô yxoè yepè, oyoêcê, aypo tecô angoama<sup>8</sup> recè onhemong-età eimebe, coipo aeroirê.*

Os que se concertaram para matar ou mandar matar a mulher ou marido de um deles mesmos, seguindo-se a morte, não podem casar um com o outro, ainda que não houvesse cópula precedente ou subsequente ao tal concerto.

12. *Mendâra ymongaraibipíreíma tiajucá xeména, coipó, xeremireco coipo tiaiuacáucar; aereme tanhemongaraibucâne, nde recè xemendà yanonde ymongaraibipíra çupeê, jára<sup>9</sup> ndeicatuí cecè omendà, yiucâpiroeramo cecôroire, ndoi coixoè yepè oyoêcê aypo tecô agoáma recè onhemong-età eimebè, coipo aè roirê.*

O mesmo impedimento para com o gentio ou gentia, infiel, que, por se converter e casar com algum fiel, se concertou com ele para a morte do marido ou mulher, seguindo-se a tal morte, não poderão casar um com o outro, ainda que não houvesse cópula, etc.

13. *Omêna, coipo goémirecô jucâçara coipo yjucáucâçata<sup>10</sup>, tamendâne nderecè, oyo ocè obîc-baê çupè opiapenhotê tiruã èjara, ymomburuâba yiucâpiroeramo cecôroirê, ndeicatuí oyoêcê omendâ. Ndoicuabixoè yepè cecè obîcbaê poeta<sup>11</sup>, coipo oyoecè tecôároéra, omêna, coipo goémirecô jucâçaroeramo, coipo jucâ vcaçaroeramo cecô.*

O casado que matou ou fêz matar a mulher ou marido, para se casar com o que foi seu cúmplice no adultério, não pode casar com ele, ainda que o tal cúmplice não soubesse nem desse consentimento para a tal morte.

14. *Mendâra oyo êcê obîcbaê poêra çupê xemena, coipo xeremirecô reôre, tiàmendar yande yoêcê, eibaê, ceõnhe roirê, ndeicatuí cecè omenda.*

O casado que, depois do adultério, prometeu ao cúmplice de casar com ele depois da morte de seu marido ou mulher, não pode casar com o tal cúmplice.

15. Mendâra omendâcâba recê oicôeimebe; y xui amô recê omendâ ymendâ yebira na mendâra ruã; ymêda mocôya, recé ibicire ê: omanôtenhemo y mêtâripiagoêra, ndeicatui omendâ omendâ mocoï agoéra recê.

O casado que, antes de consumar o matrimônio, se casou e consumou com outra, nem ainda depois da morte da primeira pode casar com a segunda.

16. Omendá tenhê reroc-îpíra<sup>12</sup> ceroc-ipíreîma recê: ymenda rirê y aipeanhê cenonhenetebo, emonâ cecô agoéra recê.

Em vão é o casamento do cristão com o que não o é: hão de ser apartados, e o cristão castigado.

17. Oyoêcê omendaragoâma recê nhemong-etâçara Tupã, coipo oanga, coipo Cruz, coipo anhete renôya ndeicâtui aêroiré amô aê recê omendâ, nobic-ixóeyepê oyo écê.

Os que prometeram ou juraram de casar um com o outro, não podem casar com outro.

18. Omeengabetê reõneme abâ ndeicatui omendâ yacîcoêraamo recê.

Nenhum dos esposados pode casar com o irmão ou irmã carnal do espôso ou espôsa que morreu.

19. Mendâra oyoêcé obic eîmbebè, amô reô neme, opitâbaè ndeicatui omendâ omendaçâbam'bira acicoêra amô rece: ovoêce obic-irê, amô reõneme ndeicatuâ opitâbaè poêra mûetê<sup>13</sup>, tâira, taiira, cemiârirô, cemiminô, yeûpicâ oyoirundic cicâpe.

Morto um dos casados, antes do matrimônio consumado, não pode o outro casar com nenhum dos irmãos ou irmãs do morto; se depois do matrimônio consumado, não pode casar com o parente do morto dentro do quarto grau.

20. Morôpotâraritecôara, ndeicatui omendâ, oyoêcê obic-ibae poêra acicoêra recê; coipo yacîcoêra remimonhangâ recê, coipo lûba, y xi recê.

Nenhum dos fornicantes pode casar com os parentes do outro nos primeiros dois graus: convém a saber, com o pai e mãe, irmão ou irmã do outro.

21. Omeengabetê piquiûra, coipo tîquera, coipo y xi, recê obic-baé neicatui omendâ o meêgabetê recê tiruã, coipo y xi, y pi-quîura, tîquera recê, temiarirô coipo temimino yeapicabârecê oyoirundic cicâpe.

O desposado que dormiu com a irmã ou mãe de sua espôsa, não pode casar nem com a espôsa nem com a mãe ou irmã ou parenta no quarto grau.

22. *Mbiauçubeíma mbiauçubetê rece omendaribaè, miauçûbeima cô oyâbaúpa nomêdari, yaipêanhè ayphobaè amô recè ymômendà.*

O fôrro que casa com a escrava, ou viceversa, cuidando que é fôrra, não fica casado; apartamos aos tais, e casamo-los com outras.

23. *Ogoereíma pupe oyabè cereíma recè omêdârirè abà amô reõ eíma pucui ndeicatuí amoâêrecè omendà Tupã ocupe tiruã.*

O que, sendo gentio, casou com outro tal, não pode casar com outro enquanto um dêles fôr vivo.

24. *Apíâba cunhã recè oêcô oçaãg yepêbaè ndeicatuí omendà omêdà rirè, oyepéanhe.*

O impotente não pode casar; se casar, há-se de apartar.

*Catecismo* (1.<sup>a</sup> ed.), pp. 128-131v.

A 2.<sup>a</sup> ed. (1686), além do progresso da ortografia, da pontuação e da divisão das palavras, e do acréscimo de um impedimento (o de idade), apresenta as seguintes alterações textuais (pp. 277-281):

1. *oanameté*. 2. *tecoâra*. 3. *Iäbäibibé*. 4. *okybyra*. 5. *oëndyra*. 6. *oioirundyc*. 7. *oieirundyc*. 8. *ägoâma*. 9. *çupé eiâra*. 10. *iiucaîicaçara*. 11. *poera*. 12. *cerokipyra*. 13. *anámété*.

## BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA, *Cartas* 448-456; ARAÚJO 267-274; ID., 1.<sup>a</sup> ed. 113-117; THEVET, *La Cosmographie* 129-130 (1.<sup>a</sup> ed., 932-932v); SOARES DE SOUSA 367-368; 374-375; EUREUX 139-143; MARCGRAVE 276; MONTOYA, *Catecismo* 318-329; GARCIA 179-189; DRUMOND, *Designativos* 328-354; PHILIPSON 7-31; ID., *O parentesco* 7-17; WAGLEY e GALVÃO 1-24; ID., *O parentesco* 305-308; FERNANDES 129-220.

## LÍNGUA E CULTURA TUPIS

1197. Restaria passar em revista todo o vasto campo da cultura material e não material dos índios tupis, tal como se reflete na sua língua.

O assunto pertence mais à etnografia do que à lingüística, e fica reservado para um *Manual de estudos tupis*, que abrangerá tudo o que se sabe sobre aquéllos índios, desde a antropologia física, a cultura, a língua, os dialetos, a história, a distribuição geográfica, a sua expansão pré e pós-colombiana, até as vicissitudes do seu contacto racial, cultural e lingüístico com os povos sobrevindos de além-mar.

1198. É óbvio que, povo de cultura tão profundamente diversa, o seu vocabulário não encontra fácil equivalência no nosso.

Os dicionários podem dizer que *anga* significa "alma". Mas o conceito de "alma" difere do de *anga* tanto em compreensão como em extensão. Nós atribuímos à "alma" notas características (p. ex. a imaterialidade) que não cabem no conceito indígena de *anga*. Por outro lado, um índio, animista, falará na *anga* do vento. Etc. — Diga-se outro tanto de coisas como *ybaka* "céu", *iasy* "lua", *ara* "dia", "tempo"; *manó* "morrer", etc.

1199. No terreno social, já vimos como o parentesco obedece a princípios totalmente diversos dos nossos.

Se, p. ex., a palavra *uba* (*t*) denomina tanto o "pai" como o "irmão do pai", é claro que ela não tem correspondente preciso em português. Do mesmo modo, "filho" não tem equivalente em tupi, desde que por um lado *ayra* (*t*) significa também "filho do irmão = sobrinho paterno" e por outro lado não abrange o filho pela parte materna.

1200. A comparação fica facilitada pelo fato de que grande número de conceitos culturais nossos não eram conhecidos dos tupis.

Povo de comércio rudimentar, baseado na troca, não desenvolveu a arte de contar, e muito menos a respectiva nomenclatura lingüística, que mal chegava a 4. Ignorava verdadeiras medidas, pesos e moedas. Incipiente noção de "paga" *epy* (*t*), ou melhor "troca", "resgate", que ainda distava do conceito de "preço" ou "valor".

Ao procurarmos traduzir um nome ou uma frase para o tupi (é o que se pede a cada passo de quem estuda a língua), a preocupação inicial deve ser a de verificar se o povo que falou tupi teve conhecimento dos elementos culturais que desejamos traduzir. Seria um contra-senso verter para o tupi nomes de cousas inteiramente ignoradas por aquêles índios, como "rádio", "automóvel", "bom dia", "viva!", etc.

"Campo de aviação" por exemplo, não tem tradução em tupi, pois os índios tupis não conheciam o "avião". Mas, não se pode encontrar uma tradução para "avião", suponhamos: *ygá'-bebé* "canoa-voadora"? A expressão é compreensível e talvez os índios a viessem a usar, se tivessem tido conhecimento do avião. Como também poderiam traduzir de outra forma, p. ex., *guyrá-guasu* "pássaro-grande", ou adaptar a palavra portuguesa. O certo é que essas expressões, no sentido que se lhes dá, não são tupi. Podem divertir, mas carecem de valor lingüístico. Estudar tupi é investigar a língua que os índios realmente falaram e não excogitar como a falariam hoje. Proceder de outro modo é falar português... com palavras tupis.

## SÉRES DELIMITADOS E INDELIMITADOS

1201. Além dessas divergências, mais culturais, há inúmeras outras que, embora de cunho lingüístico, são condicionadas por uma tradição conceptual própria. Assinalamos aqui apenas algumas.

As línguas ocidentais costumam distinguir lingüisticamente duas espécies de nomes: 1.<sup>º</sup>) nomes de sérés delimitados ou indivíduos (p. ex., homem, céu, arco, etc.); 2.<sup>º</sup>) nomes de massas ou sérés indelimitados (p. ex., água, carne, farinha, ar, madeira, cabelo), cujas partes podem verificar também a natureza do todo.

Para individuar ou delimitar estes últimos nomes, nossas línguas recorrem a locuções em que entra um nome de causa limitada (p. ex. copo, porção, feixe, litro, grão, fio, etc.), ligado ao nome da "massa" pela preposição "de":

“copo dágua”, “feixe de lenha”, “um pouco de ar”, etc. Se a “massa” se compõe de unidade indivisíveis como tais (p. ex. feijão, integrado por grãos; cabelo, integrado por fios, etc.), o primeiro térmo dessas locuções será o nome da unidade (grão de feijão; fio de cabelo). Se a “massa” é homogênea (água, carne, ar, etc.), o primeiro térmo pode ser um nome de “parte” ou “continente” ou “medida” e a massa figurará como “todo” ou como “conteúdo”: “pedaço de carne”, “punhado de farinha”, “litro de leite”, etc. Por um processo análogo, formam-se expressões como: “um pouco de espaço”, “um metro de largura”, “um instante de tempo”, etc.

Em tupi, como em geral nas línguas indígenas, os nomes de “massas” significavam também, de per si, as partes delimitadas, sem necessidade de recorrer àquelas locuções formais. *Y* significa “água” em concreto, tanto a “fonte”, como o “rio”, a “lagoa”, o “mar” e a “vazilha dágua”. *Abati* tanto significa “milho” como “grão de milho”. *Aba* tanto abrange “cabelo”, i. é, “cabeleira”, como “fio de cabelo”. *Ui* “farinha” e “grão de farinha”. Ignoram-se expressões como “copo dágua”, “vazilha de farinha”, etc.

Existiriam expressões como “pedaço da carne”, “feixe de lenha”, “cesto de frutas”, “grão de milho”, no seu sentido literal e descriptivo, não como partitivos.

## TEMPO E ESPAÇO

**1202.** Nossas línguas costumam objetivar e substantivar noções mais ou menos abstratas ou acidentais como tempo, espaço, distância, direção, força, inércia, tamanho, época, etc., equiparando-as gramaticalmente aos outros nomes de seres concretos ou independentes. Nomes como “primavera” podem ser sujeito e objeto de afirmação. Dizemos: “a primavera chegou”, “aprecio o verão”, “o inverno é frio”, como diríamos “o barco chegou”, “aprecio o orador”, “o gêlo é frio”. Dizemos: “a distorsão da lâmina causou a ruptura da alça”, como quem diria “o boi derribou o toureiro”. Contamos meses e anos, dias e horas, metros e léguas, como se fossem seres individuais. O tempo e o espaço nos aparecem lingüisticamente como uma “massa” indelimitada, que preenche o vácuo do nada anterior e posterior ao movimento e para lá da última realidade material; massa que se compõe de dias, horas, metros, quilômetros.

**1203.** Em tupi, a palavra *ara* abarca confusamente nossas noções de “tempo, temporada, quadra, dia; sol; luz (solar); mundo, espaço; entendimento, juízo”.

*Ara* é o tempo-espacô real, não parecendo estender-se ao imaginário. Aplica-se também às partes ou delimitações do tempo-espacô

“massa”, como “temporada” (“tempo das águas”, etc.), “dia”, “panorama”, etc. O “tempo-espaço” não é, porém, segmentado em anos, horas, metros, etc.

#### 1204. A noção de “ano” não é nativa.

Os missionários aproveitaram-se de conceitos conexos, como a volta do “inverno” ou “frio” *roy* (tupi meridional e guarani), a colheita do “caju” *akaíu* (tupi setentrional), o aparecimento das “Plêiades”, *Seixu* (tupi meridional e setentrional). É claro, porém, que os índios não tinham noção do ano solar. Conheciam os fenômenos periódicos do ano, como as estações, as quadras de plantio e colheita, mas não seccionavam o tempo à base delas.

HANS STADEN 102, 157 refere-se duas vezes a *pirá-kaẽ* “peixe-séco”, i. é, à época da seca do peixe, quando o *parati*, saindo do mar, sobe os rios para a desova, o que acontece no fim do inverno. O acontecimento é esperado com preparativos vários e marca o tempo de expedições de pesca e guerra.

OBS. Vê-se que, para os tupis, o tempo está concretizado em acontecimentos, à diferença dos nossos hábitos de regular os acontecimentos e agenda por uma prévia divisão do tempo.

*O Dicionário Brasiliano e Português* 158 informa:

“*Acajú-royg* — o ano. Como esta árvore só dá uma vez fruto ao ano, contra o costume das outras que dão sempre ou repetem, moveu os índios a contarem a sua idade pelos caroços que todos os anos se colhem e guardam, com muito cuidado, em um pequeno cesto feito para êste fim, onde cada ano lancam uma castanha. Também contam o ano pela constelação das Plêiades. Veja-se a palavra *Ceixù*. Como talvez os de agora não contem a sua idade com os caroços, bem será que se fale em pretérito.”

Mas a informação, já de si duvidosa, reflete influência européia, visível no cuidado de “contar os anos de vida”.

#### 1205. A idéia de “mês” tinha um sucedâneo muito próximo em *iasy* “lua”.

A periodicidade rigorosa das fases lunares não podia passar despercebida. Entretanto, nenhum nome corresponde à nossa “semana”, seja como parte do mês, seja como conjunto de sete dias.

1206. Ara "dia" não abrangia a noite, mas apenas o lapso de tempo entre o nascer e o pôr do sol.

Ara também significava "sol" (VLB 203), tanto quanto *kó-ara* ou *kûara* "este dia" (VLB 305, 346). A seqüência de accepções parece ser: dia, luz (do dia), sol, tempo, mundo (visível à luz do dia), espaço; luz mental (com que vejo ou entendo o mundo), juízo, entendimento.

A noção indígena de "mundo" era modesta, de acordo com a limitação dos seus conhecimentos geográficos. Mas os documentos afirmam que os tupis tinham grande conhecimento do sertão e até avançadas noções corográficas. — Existem os nomes do "oriente" *kûara(sy) semb-aba*, e do "poente" *kûara(sy) r-e-iké-aba*. Não há os conceitos de "norte" e "sul".

1207. É inútil acrescentar que não se distinguiam segmentos menores de tempo, como "hora", "minuto", etc.

Assinalavam-se certas fases características do dia ou da noite, como a manhã, a tarde, o meio-dia, etc., baseando-se nos fenômenos visíveis, tal como ficou dito do ano. Mas essas fases não dividiam o dia em partes; apenas acentuavam os seus momentos mais perspicuos.

1208. Pode-se dizer que o tupi não objetiva tanto o tempo, quanto as coisas no tempo.

O tempo, é mais adjuntivo do que substantivo. Exprime-se menos por nomes do que por partículas "temporais" ou por sufixos adjuntivos, como *saba* (n. 799). O mesmo vale do espaço e lugar, que figuram de preferência como "locativos".

1209. Não parece que em legítimo tupi se concretizassem nomes de lugar a ponto de usá-los como sujeito e objeto de oração. Frases como "Reritiba é formosa", "Gosto de Reritiba", não são de feitio nativo. Os nomes de lugares aparecem também, mais como adjutivos: "Estou em Reritiba", "Vou para Piratininga", "Venho de Jaguari", etc.

1210. Pelo seu próprio sentido, correspondente a "em", "a", "para", a preposição *-p̄* acompanha freqüentemente os topônimos. O que contribuiu para

que fôsse tomada como parte dêles pelos colonos. Eis por que inúmeros nomes geográficos brasileiros a trazem incorporada: *Acarape*, *Araçuaípe*, *Aratúipe*, *Cauípe*, *Cotegipe*, *Guararape*, *Iguaguacupe*, *Iguape*, *Inhambupe*, *Itaípe*, *Itapagipe*, *Jacuípe*, *Jaguaripe*, *Mamanguape*, *Manguape*, *Mapendipe*, *Mara-caípe*, *Maragogipe*, *Maranguape*, *Meguaípe*, *Meruípe*, *Mucuripe*, *Sergipe*, *Sua-cuäge*, etc., além dos casos em que houve abrandamento do *p*: *Beberibe*, *Cama-ragibe*, *Capiberibe*, *Jaguaribe*, *Peruíbe*, *Piragibe*, *Pirangibe*, etc.

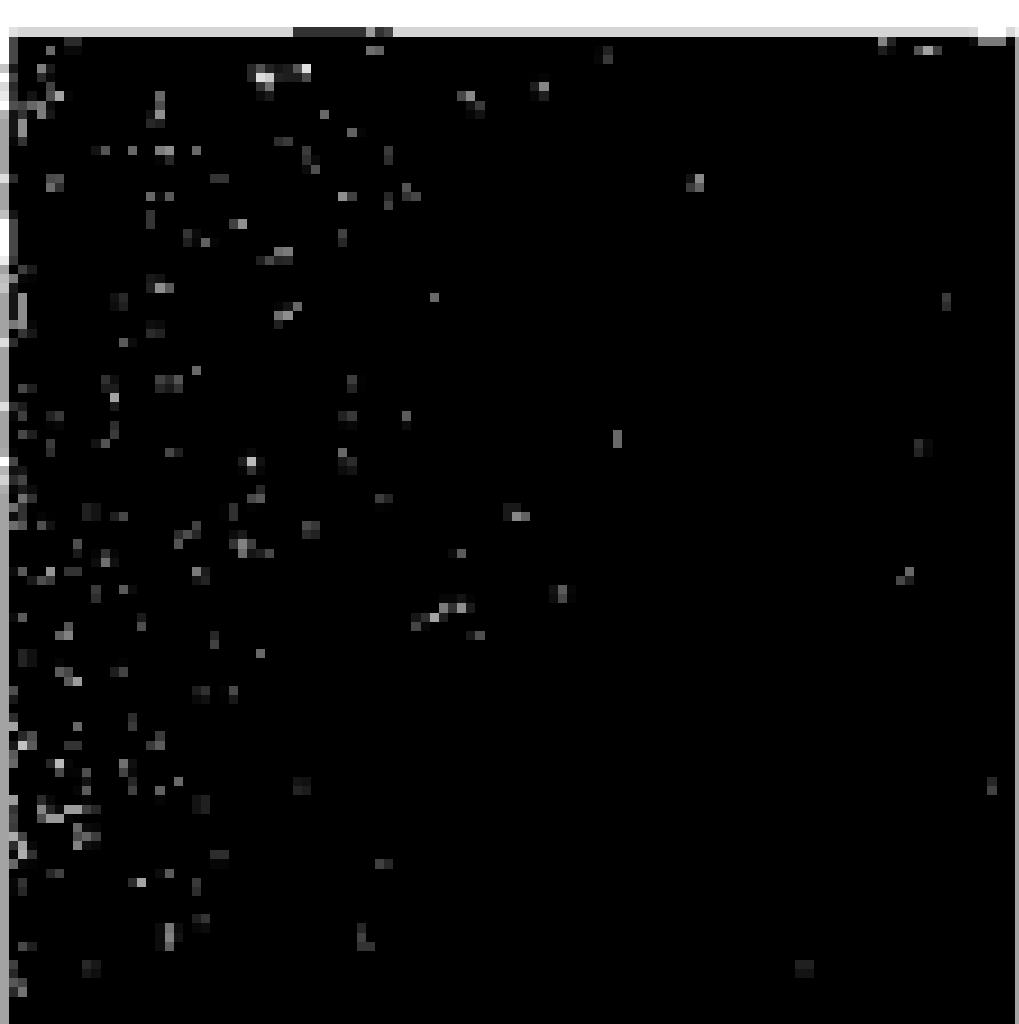
1211. Para referir as cousas no tempo, à falta de maior precisão lingüística, deviam servir aos tupis os mesmos recursos usados pelos atuais tapirapés, que falam um co-dialeto puro:

"Como não sómente as computações, mas também as denominações diretas do tempo nunca deixam de ser abstratas, convém à mentalidade dos Tapirapé usar, principalmente, designações indiretas baseando em fenômenos concretos a indicação de térmos passados e futuros. Assim marcam o tempo do dia, estendendo a mão em direção à posição que o sol ocupava ou ocupará no momento em questão [...] Se acontecimentos se deram há semanas ou meses, os tapirapé os determinam cronologicamente, demonstrando com a mão o grau do desenvolvimento de certas plantas nas épocas em questão, por exemplo, a altura do milho ou da cana de açúcar. Tendo passado já anos, o narrador tapirapé estende a mão na altura que certa pessoa tinha alcançado naquele tempo, sendo esta pessoa, em geral, o próprio narrador, quando sua idade o habilita para tal demonstração. Se êle tem cerca de cinqüenta anos, tendo deixado de crescer, por isso, há decênios, mas queira indicar um termo passado há cinco anos, servir-lhe-á uma criança de cinco anos para cima." (BALDUS 93).

Para caracterizar a imprecisão lingüística do tempo em tupi, baste lembrar que as palavras *kîesé* "ontem" e *oirandé* "amanhã" podem ser empregadas vagamente no sentido de "há tempo" e "futuramente". Há, em câmbio, a distinção entre *oîei* "hoje (passado)" e *kori* ou *kuri* "hoje (futuro)". Mas êste aparece na locução *kori koë-me* "amanhã de manhã", lit. "hoje (futuro) de manhã".

## BIBLIOGRAFIA

BALDUS 87-94; NIDA *passim*; HOIJER 554-573.



## EDIÇÕES CITADAS (\*)

ABBEVILLE (CLAUDE D') *História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e Terras Circunvizinhas; em que se trata das singularidades admiráveis e dos costumes estranhos dos índios habitantes do país.* Trad. de Sérgio Milliet; intr. e notas de Rodolfo Garcia, Liv. Martins (S. Paulo, 1945).

ADAM (LUCIEN) — *Matériaux pour servir à l'établissement d'une grammaire comparée des dialectes de la famille tupi.* Bibliothèque Linguistique américaine, tome XVIII. J. Maisonneuve, Libraire-Éditeur (Paris, 1896).

ALMEIDA NOGUEIRA (BATISTA CAETANO) — *Esbôço gramatical do Abáneê ou língua guarani, chamada também no Brasil língua tupi ou língua geral, propriamente Abañeenga.* Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vol. VI, pp. 1-90 (Rio de Janeiro, 1879).

— *Apontamentos sobre o Abañeênga, também chamado guarani ou tupi ou Língua Geral dos Brasis. Primeiro Opúsculo: Prolegômeno. Ortografia e prosódia. Metaplasmos. Advertência com um extrato de Laet.* In *Ensaios de Ciência.* Março, F. I. Brow & Evaristo, Editores (Rio de Janeiro, 1876).

— *Idem. Segundo Opúsculo: O Diálogo de Léry. Nota preliminar. O diálogo. Explanações.* In *Ensaios de Ciência.* Julho. F. II. Brown & Evaristo, Editores (Rio de Janeiro, 1876).

---

(\*) No corpo da obra ou na bibliografia de cada Lição, citado algum autor sem indicação da obra, entenda-se ser a que vem em primeiro lugar nesta lista.

— *Vocabulário das palavras guaranis usadas pelo tradutor da "Conquista Espiritual" do Padre A. Ruiz de Montoya.* Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vol. VII (Rio de Janeiro, 1879).

— *Cantos do Padre Ancheta.* Reprodução acompanhada de um prefácio de Basílio de Magalhães, sócio do Instituto. In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, vol. 138 (Rio de Janeiro, 1920), pp. 561-608.

— *Notas a CARDIM*, q. v.

— *Manuscrito guarani da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sobre a primitiva catequese dos índios das missões,* composto em castelhano pelo P. Antônio Ruiz Montoya, vertido para o guarani por outro padre jesuíta, e agora publicado com a tradução portuguêsa, notas, e um esboço gramatical do abáñieê. Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vol. VI (Rio de Janeiro, 1879).

**ANCHIETA (JOSEPH DE)** — *Arte de Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil.* Ed. fac-simil. da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Imprensa Nacional (Rio de Janeiro, 1933).

— *Auto representado na festa de São Lourenço.* Peça trilíngüe do séc. XVI, transcrita, comentada e traduzida, na parte tupi, por M. de L. de Paula Martins. Museu Paulista. Documentação Lingüística, 1. Boletim I. Ano I (São Paulo, 1948).

— *Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Serviços.* Publicação da Academia Brasileira de Letras. Livraria Civilização Brasileira, S. A. (Rio de Janeiro, 1933).

— *Poesias Tupis.* Vide PAULA MARTINS.

**ANÔNIMO** — *Vocabulário na Língua Brasílica.* Manuscrito português-tupi do século XVII coordenado e prefaciado por Plínio Ayrosa. Coleção do Departamento de Cultura, vol. XX (São Paulo, 1938).

ARAÚJO (ANTÔNIO DE) — *Catecismo Brasílico da Doutrina Cristã*. Ed. fac-similar de Júlio Platzmann. B. G. Teubner (Leipzig, 1898).

— *Catecismo na Língua Brasílica*. Reprodução fac-similar da 1.<sup>a</sup> edição (1618), com apresentação pelo Pe. A. Lemos Barbosa. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Rio, 1952).

ARRONCHES (JOÃO DE) — *O Caderno da Língua ou Vocabulário Português-Tupi*. Notas e comentários à margem de um manuscrito do século XVIII por Plínio Ayrosa. Imprensa Oficial do Estado (São Paulo, 1935).

BALDUS (HERBERT) — *O conceito do tempo entre os índios do Brasil*. In Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, vol. LXXXI (São Paulo, 1949), pp. 87-94.

BARBOSA RODRIGUES (João) — *Poranduba Amazonense* (Kochiyama-uára porandúb). In Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vol. XIV (1886-1887) fascículo n.<sup>o</sup> 2 (Rio de Janeiro, 1890).

— *Vocabulário indígena comparado, para mostrar a adulteração da língua*. (Complemento do Poranduba amazônense). In Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vol. XV, 2.<sup>o</sup> fascículo (Rio de Janeiro, 1892).

BETTENDORFF (João FELIPE) — *Compêndio da Doutrina Cristã na língua portuguesa e brasílica*. Miguel Deslandes (Lisboa, 1678).

CABALLERO (R. V.) — *Contribution a la connaissance de la phonétique guarani*. In Revue de Phonétique, t. I, fasc. 2 (Paris, 1911), pp. 138-162.

CARDIM (FERNÃO) — *Tratados da terra e gente do Brasil*. J. Leite & Cia. (Rio de Janeiro, 1925).

CASTILHO (PERO DE) — *Os Nomes das partes do corpo humano pela língua do Brasil*. Edição de Plínio Ayrosa. Revista dos Tribunais (São Paulo, 1937).

DALL' IGNA RODRIGUES (ARION) — *Análise morfológica de um texto tupi*. In Logos, ano VII, n.<sup>o</sup> 15. Tip. João Haupt & Cia. Ltda. (Curitiba, 1952), pp. 55-57.

— *Diferenças Fonéticas entre o tupi e o guarani.* In Arquivos do Museu Paranaense, vol. IV (Curitiba, 1945), pp. 333-354.

— *A categoria da voz em Tupi.* In Logos, ano II, n.º 6 (Curitiba, 1947), pp. 50-53.

— *A reduplicação em Tupi.* In Gazeta do Povo (Curitiba, 31-III-1950).

— *Esbôço de uma Introdução ao estudo da Língua Tupi.* In Logos, ano VI, n.º 13 (Curitiba, 1951), pp. 43-58.

— *A composição em Tupi.* In Logos, ano VI, n.º 14 (Curitiba, 1951), pp. 63-70.

DRUMOND (CARLOS) — *Notas gerais sobre a ocorrência da partícula tyb, do tupi-guarani, na toponímia brasileira.* In Boletim XLVI da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (São Paulo, 1944), pp. 55-76.

— *Designativos de parentesco em língua Tupi.* In Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vol. LXIV (Rio, 1942), pp. 179-189.

ECKART (ANSELMO) — *Specimen linguae brasiliæ vulgaris.* Ed. Júlio Platzmann. B. G. Teubner (Leipzig, 1890).

EDELWEISS (FREDERICO G.) — *Tupis e Guaranis.* Estudos de etnônimia e lingüística. Publicações do Museu da Bahia — n.º 7 (Bahia, 1947).

EVREUX (IVES D') — *Viagem ao Norte do Brasil.* Tradução do Dr. César Augusto Marques (Rio de Janeiro, 1929).

FERNANDES (FLORESTAN) — *A organização social dos Tupinambá.* Instituto Progresso Editorial (São Paulo, 1948).

FERREIRA FRANÇA (ERNESTO) — *Crestomatia da Língua Brasílica* (Leipzig, 1859).

FIGUEIRA (Luís) — *Arte de gramática da língua brasílica.* Miguel Deslandes (Lisboa, 1687). Ed. de Julio Platzmann, sob o título: *Gramática da língua do Brasil.* B. G. Teubner (Leipzig, 1878).

— *Arte da língua brasílica.* Manuel da Silva (Lisboa, 1621).

HOLJER (HARRY) — *The Relation of Language to Culture.* In Anthropology Today (Chicago, 1953), pp. 554-573.

LEMOS BARBOSA (A.) — *Pequeno Vocabulário Tupi-Português.*  
Livraria São José (Rio, 1951).

— *Juká* — o *paradigma da conjugação tupi*. Estudo etimológico-gramatical. In Revista Filológica, ano II, n.º 12 (Rio, 1941), pp. 74-84.

— *Os índices de classe no tupi*. In O Estado de S. Paulo (25-VIII-40).

— *Nova categoria gramatical tupi*. In Verbum, t. IV, fasc. 2, junho (Rio, 1947), pp. 67-74.

— *Traduções de poesias tupis*. — In Revista do Arquivo Municipal, vol. 128 (São Paulo, 1949), pp. 27-44.

— *O "Vocabulário na Língua Brasílica"*. Ministério da Educação e Saúde. Serviço de Documentação. Imprensa Nacional (Rio, 1948).

LÉRY (JEAN DE) — *Viagem à terra do Brasil*. Biblioteca Histórica Brasileira, VII, Livraria Martins (São Paulo, 1941).

LOWIE (ROBERT H.) — *Relationship terms*. In Encyclopaedia Britannica. 14.<sup>a</sup> ed., vol. XIX, p. 84 ss.

MARCGRAVE (JORGE) — *História Natural do Brasil*. Tradução de Mons. Dr. José Procópio de Magalhães. Imprensa Oficial do Estado (São Paulo, 1942).

MARTÍNEZ (T. ALFREDO) — *Orígenes y leyes del lenguaje aplicadas al idioma guarani*. Imprenta de Coni Hermanos (Buenos Aires, 1916).

MONTOYA (Antonio Ruiz de) — *Arte de la lengua guarani, ó más bien tupi*. (Viena — Paris, 1876).

— *Vocabulario de la lengua guarani* (Viena-Paris, 1876).

— *Tesoro de la lengua guarani* (Viena-Paris, 1876).

— *Catecismo de la lengua guarani*. Ed. de Júlio Platzmann. B. G. Teubner (Leipzig, 1876).

— *Manuscrito guarani da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sobre a primitiva catequese dos índios das Missões*,

*vertido para guarani por outro padre jesuíta, e agora publicado com a tradução portuguêsa, notas e um esboço gramatical do "Abañee". Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vol. VI (Rio de Janeiro, 1879).*

MORÍNIGO (MARCOS A.) — *Hispanismos en el guaraní*. Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires. Instituto de Filología. Colección de Estudios Indigenistas. I. (Buenos Aires, 1931).

NIDA (EUGENE A.) — *Bible translating* (N. York, 1947).

PAULA MARTINS (M. DE L.) — *Poesias Tupis* (Século XVI). Boletim LI da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de S. Paulo. Etnografia e Língua Tupi-Guarani. N.º 3 (São Paulo, 1941).

PHILIPSON (J) — *Nota sobre a interpretação sociológica de alguns designativos de parentesco do tupi-guarani*. Boletim LVI da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Etnografia e Língua Tupi-Guarani. N.º 9 (São Paulo, 1946).

— “*O parentesco tupi-guarani*”. Boletim LXIII da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Etnografia e Língua Tupi-Guarani, N.º 11 (São Paulo, 1946).

RESTIVO (PAULO) — *Arte de la lengua guarani*. Ed. de C. F. Seybold. Guilherme Kohlhammer (Stuttgart, 1892).

— *Vocabulario de la lengua guarani*. Ed. de C. F. Seybold. Guilherme Kohlhammer (Stuttgart, 1892).

— *Breve Noticia de la lengua guarani*. Ed. de C. F. Seybold. Guilherme Kohlhammer (Stuttgart, 1890).

— *Frases selectas, y modos de hablar escogidos y usados en la lengua guārāñi. Sacados del Tesoro escondido que compuso el venerable Padre Antonio Ruiz de nuestra Compañía de Iesús para consuelo y alivio de los fervorosos misioneros principiantes en la dicha lengua* (1687) [Manuscrito, 633 pp. em 2 colunas].

SAMPAIO (TEODORO) — *O Tupi na Geografia Nacional*. 3.<sup>a</sup> ed. In Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, n.º 54 (Bahia, 1928), pp. 1-400.

SOARES DE SOUSA (GABRIEL) — *Tratado descritivo do Brasil em 1587.* 3.<sup>a</sup> ed. Companhia Editora Nacional (São Paulo, 1938).

STADEN (HANS) — *Viagem ao Brasil.* Versão do texto de Marpugo, de 1557. Publicações da Academia Brasileira. Oficina Industrial Gráfica (Rio de Janeiro, 1930).

THEVET (ANDRÉ) — *Singularidades da França Antártica.* Prefácio, tradução e notas do Prof. Estêvão Pinto. Companhia Editora Nacional (São Paulo, 1944).

— *La Cosmographie Universelle.* Pierre l'Huillier (Paris, 1575), tomo II. In *Les Français en Amérique pendant la deuxième moitié du XVIe siècle. Le Brésil et les brésiliens.* Choix de textes et notes par Suzanne Lussagnet. Introduction par Ch.-A. Julien. Presses Universitaires de France (Paris, 1953).

TOVAR (ANTONIO) — *Ensayo de caracterización de la lengua guaraní.* In *Anales del Instituto de Lingüística*, tomo IV. Universidad Nacional de Cuyo. Facultad de Filosofía y Letras (Mendoza, 1950), pp. 114-126.

UPSON CLARK (CHARLES) — *Jesuit letters to Hervás on american languages and customs.* In *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, t. XXIX (nouvelle série) (Paris, 1937), pp. 97 e ss.

VALENTE (CRISTÓVÃO) — *Poemas Brasílicos.* In *Catecismo Brasílico da Doutrina Cristã* de Antônio de Araújo, q. v.

YAPUGUAY (NICOLAS) — *Sermones y ejemplos en lengua guarani.* Con dirección de un religioso de la Compañía de Jesus. Ed. fac-similar (Buenos Aires, 1953).

WAGLEY (CHARLES) e GALVÃO (EDUARDO) — *O parentesco tupi-guarani<sup>1</sup>.* Boletim do Museu Nacional. Antropologia. N. 6 (Rio, 1946).

— *O parentesco tupi-guarani<sup>2</sup>.* In *Sociologia*, vol. VIII, n.<sup>o</sup> 4 (São Paulo, 1946), pp. 305-308.

OBS. — 1. A resenha bibliográfica inclui apenas as obras citadas ou indicadas no CURSO. De acordo com a advertência do prefácio, tomamos como norma citar tão só as fontes primárias de documentação antiga e, entre os

modernos, apenas os autores que apresentem alguma interpretação gramatical própria, de real valor. Mas a inclusão de uma obra não implica em aceitação de todas as idéias defendidas pelo seu autor.

2. Na escolha das edições, demos preferência às de mais fácil consulta, embora reconhecendo que nem sempre são as melhores.

3. Atualizamos a ortografia dos títulos.

4. Quem desejar mais amplas informações bibliográficas, poderá consultar, entre outros, os seguintes trabalhos:

AYROSA (PLÍNIO) — *Apontamentos para a bibliografia da língua tupi-guarani*. Boletim XXXIII da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (São Paulo, 1943).

CASTRO (EUGÊNIO DE) — *Relação Bibliográfica de Lingüística Americana*. Fasc. 1.º, 1 — Ameríndia (1a. série). Publ. do Instituto Cairú. Ministério da Educação e Saúde (Rio de Janeiro, 1937).

DALL'IGNA RODRIGUES (ARION) — *Esbôço... Análise morfológica*, v. supra.

EDELWEISS (FREDERICO G.) — *Bibliografia Crítica. In Tupis e Guaranis*, q. v.

FURLONG (GUILLERMO) — *La imprenta en Las Reducciones del Paraguay 1700-1727...* In História y Bibliografía de las primeras imprentas rioplatenses, tomo I. Editorial Guarania (Buenos Aires, 1953).

LEITE (SERAFIM) — *História da Companhia de Jesus no Brasil*. 10 tomos (Lisboa-Rio, 1938-1950).

LEMOS BARBOSA (A.) — *Ara poru. In Província de São Pedro*, n. 9. Editôra Globo (Porto Alegre, 1947), p. 39-42.

LOUKOTKA (CESTMIR) — *Les langues de la Famille Tupi-guarani*. Boletim CIV da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (São Paulo, 1950).

MAGALHÃES (BASÍLIO DE) — “*Curso de Tupi Antigo*”. Prefácio à obra do Padre Antônio Lemos Barbosa. In Jornal do Comércio (16-II-1947).

MASON (J. ALDEN) — *The Languages of South American Indians*. In Handbook of South American Indians. Smithsonian

Institution. Bureau of american ethnology. Bulletin 143. Vol. 6 (Washington, 1950), pp. 241-243.

MEDINA (J. T.) — *Bibliografia de la lengua guaraní* (Buenos Aires, 1930).

MITRE (BARTOLOMÉ) — *Catálogo razonado de la sección — Lenguas Americanas*. Museo Mitre (Buenos Aires, 1909-1910).

— *Lenguas Americanas. Catálogo ilustrado de la Sección X de la Biblioteca*. Museo Mitre (Buenos Aires, 1912).

PEDRO II (DOM) — *Qualques notes sur la langue tupí*. Apresentação e notas de A. Lemos Barbosa. In Anuário do Museu Imperial, VI (Petrópolis, 1945), pp. 169-188.

RIVET (PAUL) — *Langues de l' Amérique du Sud et des Antilles*. In Les langues du Monde, par un groupe de linguistes (Paris, 1924), pp. 687-693.

RIVET (P.) et LOUKOTKA (C.) — *Langues de l' Amérique du Sud et des Antilles*. In Les langues du Monde, par un groupe de linguistes. Nouvelle édition. C N R S (Paris, 1952), pp. 1143-1148.

VALE CABRAL (ALFREDO DO) — *Bibliografia da língua tupí ou guarani, também chamada língua geral do Brasil*. In Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vol. VIII (Rio de Janeiro, 1880), pp. 143-214.

Os estudos mais recentes, naturalmente, completam aos anteriores.

VALE CABRAL e MITRE são de primordial importância no que se refere a obras antigas, impressas ou inéditas. PEDRO II traz também informações interessantes, sobretudo para a bibliografia. O mais completo é AYROSA. Não inclui, porém, inéditos nem artigos de jornais, e é menos coerente na crítica; p. ex., faz muitas restrições a LUCIEN ADAM, ao passo que sobre de elogios autores fantasiosos como MANUEL DOMÍNGUEZ e literatos como LEOPOLDO A. BENÍTEZ, etc. Precisamente o que recomenda as breves monografias de EDELWEISS e DALL'IGNA: o juízo crítico sereno e seguro. SERAFIM LEITE é exaustivo no que se relacione com os antigos autores jesuítas do Brasil. O mesmo se diga de FURLONG para a bi-

bliografia das Reduções. As referências de LOUKOTKA, MASON e RIVET visam mais à classificação lingüística, pelo que insistem nos dialetos menos conhecidos. BASÍLIO DE MAGALHÃES faz sucinto apanhado da bibliografia dos dialetos tupi, guarani e nheengatu. O artigo de LEMOS BARBOSA passa em revista a antiga literatura guarani das Missões. EUGÊNIO DE CASTRO colige informações de várias fontes, sem apresentar nenhuma contribuição pessoal.



Consumação da vítima (STADEN)

## INDICE DOS ASSUNTOS

- ablativo absoluto 791  
absolutos — v. palavras; formas  
abstratos 48, 1095  
*acabar de* 733, 768  
ação contínua 932  
— repetida 932  
ácento 12  
— agudo 14  
— musical 1179  
— subtônico 1178  
— tônico 1178  
adjetivo 79, 49, 156  
— qualificativos 49  
— substantivados 48  
advérbio 993  
— de lugar 998  
— de modo 994  
— demonstrativos 75, 995  
— de tempo 997  
— numerais 215, 996  
— que pedem gerúndio ou conjugação subordinada 434, 554, 568  
afetiva — v. linguagem  
afirmativa — v. partículas  
afirmativas indiretas 1074  
afixos 1106  
— derivacionais 1107  
— exclusivos entre si 1112  
— nominais 1107, II  
— verbais 1107, II  
— paradigmáticos 1107  
v. posição  
*ainda* 467  
alcunhas 392  
alfabeto 1  
*andar* + part. presente 924  
animais — v. nomes  
*ano* 1204  
antropônimos 441  
ápócope 38, 49, 1181  
— da vogal tônica 807  
apôsto 342, 1130 II 1  
apóstrofe 9, 1121  
artigo 41 obs.  
aspecto 113, 932, 1021, 1030  
assimilação 300, 1181  
— regressiva 28 obs. 3  
ativo — v. verbo; particípio  
atual — v. forma  
aumentativo 99  
cardinais 212  
carijó 39  
carinho 449  
caso 41  
categorias verbais 1018  
classes 380  
— superior 380, 851  
— inferior 380, 851  
classificação das palavras 1115  
— dos verbos 282  
classificatório — v. prefixos; no-  
mes; parentesco  
coletivos 933  
coletivos 378  
*com* 144  
*começar* 551  
comércio 1200  
complemento 118  
— apositivo 1130 II 1  
— atributivo 1130 II, 1131  
— de referência 1130 II 2  
— possessivo 1130 I 2  
— predicativo 184, 196  
— relativo 1130 I 3  
— restritivo 62, 63, 154, 534, 1130  
I 1  
— subjetivo 1130 I 4  
— terminativo — v. restritivo  
composição 15, 155, 1125, 1147  
comparativo 173, 1090  
*comum* 591  
concretismo 349, 1140

- condicional 941  
 conjugação 111  
 — de pronomes pacientes 78  
 — de prefixos agentes 112  
 — de verbos intrans. por pron. pacientes 382, 383  
 — negativa 183, 1006  
 — perifrástica 1027  
 — subordinada 554, 662, 945  
 conjunções coordenativas 145, 1060  
 — subordinativas 678  
 consecução 593, 629  
 consecutivos 933 5  
 consoantes 2, 1158  
 — finais 39, 158, 1169, 1171  
 — homogânicas 24  
 contactos fonéticos 1181  
 contar 1200  
 continuativo 1030  
 continuidade 924  
 coordenação 1071  
*cortar* 550  
*costumar* 696  
 cōres — v. nomes  
 criações — v. nomes  
*de* (restritivo) 62  
*deixar* 517  
*deliberar* 457  
 deliberativo 113  
 demonstrativos 69  
 depreciativo 930  
 desejo 952  
 desnasalação 32, 928  
 derivação 15, 1126  
 — gramatical 1127  
 determinante + determinado 1130 I  
 determinado + determinante 1130 II  
*dever* 695, 761, 950, 1054  
*dia* 1206  
 diminutivo 102  
 distensivo 1030  
 distributivo 933 — v. numerais  
 ditongos 5, 6  
 divisão 926  
 — das palavras 1118  
*dizer* 455, 981  
 dubitativo 158  
 duração 924  
 durativo 929, 1030  
*e* 145
- enclíticos 13  
 ênclide 15  
*espaço* 1202  
*estar* 428, 900, 959  
 estrutura das palavras 1105  
 etimologias de topônimos 445  
 — de nomes de parentesco 1193  
 etônimos 443  
 exclamação 1179  
 exclusivo 38, 59  
 exortativo 1019  
 expectativa 1023  
 faculdades 1146  
*fazer* 887  
 — (causativo) 482, 516  
 — (impessoal) 472  
 fenômenos atmosféricos etc. 472, 544  
*ficar* + part. pres. 924  
 *fingir* 475  
 fonética — v. fonologia  
 fonologia 1096, 1149 — v. contactos;  
 processos  
 forma absoluta 849  
 — atual 1030  
 — habitual 1030  
 — imperfectiva 930, 1030  
 — perfectiva 930, 1030  
 freqüentativo 1030  
 frutas — v. nomes  
 futuro, no nome 216  
 — no verbo 113, 197, 1023  
 futuro-passado 216, 223  
 gênero 41, 42  
 genitivo 152  
 — irregulares 236  
 gerúndio 147, 393, 425, 647, 981  
 — conectivo ou seriativo 425  
 — dos verbos reflexivos 416  
 — dos de objeto incorporado 418  
 — dos de prefixo *ro*- ou *no*- 509  
 — exigido por partículas 434  
 — expletivo 959  
 — irregular 423  
 — + (*a*)bé 687  
 — + condicional 955  
 — + pá 661  
 — + simulfactivo 425  
 — teleológico 425  
 funções do — 425  
 sintaxe do — 425

- v. locuções
- graus do adjetivo 171
- substantivo 99
- guaraní 26, 39, 484, 561, 691, 706, 827, 1099, 1204
- habitidual 1025, 1030
- hiato 7
- hífen 10, 1119
- homogênicas 24
- idiomáticos de é “dizer” 457
- igual 594
- igualdade 176
- iminentivo 1030
- imperativo 193
- irregulares 195
- imperfectivo — v. forma
- inclusivo 58, 59
- incorporação 15, 541, 1100, 1124
- do objeto 116, 313, 321, 528
- do sujeito 541
- indefinidos 654, 852 obs 2
- indeterminação 643
- indicativo 113, 1022
- índices de classe 236, 604, 847, 852, 1098
- inferioridade 175
- infinitivo — v. infinito
- infinito 315, 332, 647
- dos verbos de pref. *t-* ou *s-* 338
- dos verbos de pref. *ro-* ou *no-* 508
- em função de complemento atributivo 337
- em função de substantivo 337
- incorporado 360
- negativo 334 d)
- objetivo 359
- = particípio 731
- regido 678
- substantivado 48
  - tempo do — 334 c)
  - síntaxe do — 335
- inflexão 1127
- inserção de vogal 1181
- intensivo 646, 930, 1030
- interjeições 1116
- interrogação 1179
  - tipos de — 160 obs., 1179
- interrogativos 157, 656, 663
- iterativo 929, 1030
- iterativo-durativo 931, 1030
- julgar que* 458
- justaposição 1123
- leitura 1
- língua e cultura tupis 1197
- linguagem afetiva 1041
- de cada sexo 44, 1068
- de maiorais 615
- locativo 638
- em topônimos 1210
- locuções de *-bo* 645
- de dois part. pres. port. 957
- gerundivas 427, 957
- maioral — v. linguagem
- majestático — v. maioral
- mandar* 516, 523
- *fazer* 516, 523
- mar* 107
- massas 1201
- matérias anorgânicas — v. nomes
- medidas 1200
- mês 1205
- metaplasmos 15, 49, 155
- metátese 40
- modismos onomatopáicos 471
- modos do verbo 1097, 1019
- moedas 1200
- morfema 1105
  - dependentes 1110
  - independentes 1110
- morosivo-progressivo 1030
- mundo* 1206
- nacionalidade 837
- nasalação — v. nasalização
- nasalização 2, 28-30, 1181
- neologismos 1083, 1084, 1087
- norte* 1206
- Norte 39
- nomes 1115
  - classificatórios 344
  - de animais 42, 261
  - de animais caçados ou pescados 267
  - de criações 267
  - de cores 874
  - de frutas 261
  - de lugar — v. topônimos
  - de matérias anorgânicas 261
  - de parentesco 449
  - de plantas 261
  - de profissões 86, 185

- de qualidades 48
- próprios 441
- verbais 185, 700, 799
- numerais 212, 1093
- cardinais 212
- distributivos 214, 933 4
- ordinais 213, 827
  - v. advérbios
- número 41, 46
- números 212
- objeto direto 115
- incorporado 116, 313, 321, 506, 528
- indireto 118
- obrigação 949
- obrigar* 516
- oclução glotal 7, 1181
- onomatopéias 471
- opinativo 1019
- optativo 966
- orações — v. ordem
- adverbiais 678
- causais 985
- concessivas 980
- condicionais 982
- finais 981
- integrantes dubitativas 982
- locais 987
- modais 986
- subordinadas 980
- ordem 1122
  - das orações 115
  - de posição dos afíxos 1112
  - de tempo dos afíxos 1113
- ordinais 213, 827
- órgãos do corpo 226
- oriente* 1206
- palatização 19, 1181
- palavra 1105
  - absolutas 847
  - compostas 1114, 1147
  - derivadas 1114
  - invariáveis 1115
  - primárias 1114
  - relativas 847
  - secundárias 1114
  - variáveis 1115
- palavras-morfemas 1109, 1111
  - v. classificação; divisão; tipos
- parentesco 42, 449, 848, 1187
- classificatório 1187
- cruzado 1188
- paralelo 1188
- vocativo 1192
- paroxítonos 16
- partes do corpo 226, 848, 1140
- do discurso 48
- particípios 700
  - ativos 702, 720
  - abundanciais 738
  - circunstanciais 799
  - passivos 756, 773, 1031
    - v. tempos
- partículas 1041, 1102
  - afetivas 1116
  - afirmativas 103, 1043
  - coordenativas 1116
  - deliberativas 1051
  - depreciativas 1048
  - dubitativas 1045
  - expletivas 103
  - independentes 1106, 1116
  - interrogativas 1042
  - temáticas 1116
  - que exigem gerúndio 434
    - grupos de — 1061
- partículas-sentenças 1116
- passado, no nome 216
  - no verbo 1022
  - passado-futuro 216, 223
  - passivo 582
    - v. verbo; particípio
  - pausa 26 obs.
  - final 1179
  - medial 1179
- pensar* 458
  - erradamente 459
  - perfectivo — v. forma
- períodos 1070, 1101
- permansivo 1030
- permissivo 113, 196, 981
- permitir* 517
- pesos 1200
- pessoas gramaticais 1018
- plantas — v. nomes
- de subjetividade 153
- plural 46-47; 643; 657; 924; 933; 1089
- poder* 461
- poente* 1206

posse 152  
 — de relação 153  
 — de subjetividade 153  
 — integrante ou natural 153, 353  
 portuguesismos 1083, 1087, 1088  
 posição 1122  
 possessivos 58, 580  
 — irregulares 236  
 — reflexivo ou recorrente 58, 60  
 — relativo 58, 60  
 potencial 1026  
*preço* 1200  
 predicativos — v. verbos  
 prefixos 1106  
 — agentes 111; v. verbos  
 — classificatórios 344  
 — de classe 380  
 preposições 133, 604, 638  
 — com índice de classe 604  
 — de *t* inicial 609  
 — de *s* inicial 610  
 — de *r* inicial 618  
 — exigidas por verbos 285  
 — recíprocas 623, 628  
 — reflexivas 623, 624  
     duas — 630  
 preposições-conjunções subord. 678,  
     1116  
 presente, no verbo 113  
 processos fonéticos 1180  
 profissões — v. nomes  
 pronomes 76, 271  
 — demonstrativos 71  
 — indefinidos 654, 852 obs 2  
 — objetivos 119, 290, 310  
 — oblíquos indiretos 203  
 — pacientes 111  
 — pessoais 76, 271  
 — relativos 905  
 propósito 952  
 proximidade 69  
 próclise 15  
 propósito 952  
 qualidades — v. nomes  
 qualificativos 49  
 quase-afixos 1108  
*querer* 360, 897 n. 2  
*querer dizer* 572  
 quantitativo 1019  
 radical 1106

realce 103  
 recado 457  
 recíproco 295, 506, 578, 588, 933  
     n. 5  
 — prepositionado 623, 628  
 reduplicação 924  
 — dissílábica 926  
 — monossilábica 926  
 — mono-dissílábica 933  
 referência 457  
 reflexivo 58, 60, 294, 304, 578, 580  
 — na função de possessivo 580  
 — prepositionado 623, 624  
 — subordinado 304, 316  
 regência verbal 284-288  
 relativo 58, 60, 230  
     v. pronomes  
 remissivo 1030  
 resolução 1023  
*resolver* 457  
 repetição 926  
 repetitivo 1030  
*resgate* 1200  
 restritivo 1030  
 reversivos — v. verbos  
*rio* 107  
*saber* 461  
 — *fazer* 462  
 saudação lacrimosa 1186  
 semivocalização 1181  
 semivogais 5, 1157  
 sentido interior 1146  
*ser* 88, 274, 354, 888  
 séries delimitados 1201  
 — indelimitados 1201  
 sexo 42  
 — do *ego* 43  
 — do parente intermediário 43  
     v. línguagem  
*significar* 572  
 sílaba 1172  
 silabação 1181  
 singular 46  
 status nominal 1108  
 — verbal 1108  
 subjuntivo 1019  
 subordinação 1071  
 subordinativo 238 obs.  
 subordinativas — v. conjunções  
 — temporais 678

substantivo 41  
 — abstratos 48, 826, 1095  
 sufixos 1106  
 — finais 1107 II  
 — mediais 1107 II  
 — nominais 1107 III, 1108  
 — verbais 1107 III  
 sujeito 115  
 — de menor valor 328  
 — incorporado 541  
*sul* 1206  
 superioridade 174  
 superlativo 171, 924, 930, 1091  
 — relativo 177  
 tamôios 37, 38  
 tema 1109  
 tempo 1202  
 — do nome 216  
 — dos particípios 703  
 — do verbo 113, 1021, 1097  
 — do verbo nas línguas ocidentais  
     1021  
 — relativo 113, 930  
*ter* 274, 350, 354  
 terminativo — v. complemento  
 tipos de interrogação 160 obs  
 — de palavras 1114  
 tom 1179  
 — da interrogação 160  
 topônimos 444, 1209  
     etimologias de — 445  
 tradução para o tupi 1201  
 tritongos 5  
*troca* 1200  
 tupi colonial 826, 1029, 1072, 1082  
 — de Bettendorff 561  
 — de São Vicente 484  
 — literário 826, 1072  
 — meridional 26, 1204  
 — moderno 826  
 — pré-colonial 33  
 — setentrional 26, 1204  
 tupinambás 754  
 tupis 39  
*valor* 1200  
 velares 26

verbais 86, 87, 700  
 verbos 78, 111, 1108, 1116  
 — ativos 283, 522  
 — auxiliar é 460, 1026  
 — bi-transitivos 284  
 — causativos 480, 516  
 — causativo-comitativos 500  
 — compostos de *ok* 372  
 — copulativos 284  
 — de objeto incorporado 116, 313,  
     321, 418  
 — de prefixos agentes 111, 289, 394,  
     409  
 — de pronomes pacientes 111, 289,  
     406, 419  
 — de regência especial 287, 288  
 — de regência múltipla 286  
 — defectivos 897  
 — impessoais 472  
 — intransitivos 284, 381, 531  
 — intratitivos 284  
 — irregulares 879  
 — monossilábicos 122, 317, 1176  
 — neutros 283, 522  
 — passivos 283  
 — plurais 898  
 — predicativos 78, 184, 284, 354  
 — reflexivos 283, 416, 520  
 — retratitivos 284, 531  
 — reversivos 372  
 — transitivo-relativos 284  
     classificação dos — 282  
 verbo-nome 1108  
*vir de* 733, 768  
 visibilidade 69  
 vocativo 446  
 — de carinho 449  
 — de parentesco 1192  
 vogais 4, 1150  
 — finais átonas 8  
 vozes 1031, 1097  
 — causativa 1031  
 — passiva 767, 790, 1032  
 — recíproca 1031  
 — reflexiva 1031

## ÍNDICE DE PALAVRAS E AFIXOS TUPIS

Consignam-se aqui apenas as palavras, afixos e locuções que tenham sido estudados no CURSO. Para os demais vocábulos, o leitor poderá recorrer às listas que precedem os exercícios. Ou também ao nosso *Pequeno Vocabulário Tupi-Português*, desde que se tenha presente a diferença de grafia.

Dos nomes e verbos, regista-se não apenas o tema, senão também o sufixo nominal (e infinitivo) -a, quando o têm. O leitor não ignora em que casos esse -a persiste ou desaparece.

Entre parênteses figuram os elementos ocasionais da palavra ou locução. Assim, *xó(-é)-ne* significa que ocorrem as duas formas *xó-é-ne* e *xó-ne*.

Entre colchetes vêm os pronomes objetivos menos usuais [*to*, *s-*] e os prefixos de classe [*t*, *s*]. Quando a palavra admite os dois prefixos, vem apenas *t*. Quando admite apenas o de cí. inferior, vem *s*. Levam dois *tt* as que têm o mesmo *t* como índice de ambas as classes (V. Lição 17.<sup>a</sup>).

Quando duas ou mais palavras ou afixos são inteiramente homófonos, acrescenta-se breve diferenciação em português.

O asterisco designa as palavras de origem portuguêsa, bem como as formas duvidosas em grafia antiga.

Os afixos átonos são precedidos do hífen. Posposto, o hífen indica que o afixo ou tema nunca está em posição final de palavra mas supõe outro elemento ou sufixo.

A referência é aos números marginais. O estudioso deve consultar também os números seguintes ao indicado. Quando o assunto é tratado em várias lições, grifam-se as indicações mais importantes.

Segue-se esta ordem:

*a b (d) e g h i î k m mb n nd ng nh o p r s t u û x y ý*

- a*- pref. subj. 112, 271
- a*- quase-pref. 344, 346, 66, 1107, 1108
- a*- invis. 70
- a* nomin. 13, 16 obs, 41, 1108, 1116, 1117
- a* ger. 13, 402
- á 166, 167, 344, 346, 449, 1192 v. *xe á*  
á tomado 891
- ã 69
- aan(-i)* 44, 190, 670, 1062, 1068
- ab-a* v. (*s*)*ab-a*
- ab-a* 326, 550, *ab-a* vb 897 n. 2
- ab-a* sb 256, 858, 1140, 1201
- ab-a* vb 326, 550, 897 n. 2
- abá 654, 907
- abá? 161, 933 n. 7
- abá abá? 933 n. 7
- abaité 1040
- abaré 1084
- abati 1201
- abé 146, 646, 686, 691
- abé-rameí 436
- á-bo 396, 400
- abyky 388
- áé pron. e dem. 38, 69, 72, 76, 104, 271
- áé mesmo 73, 77, 204
- áé v. *aé-no*

- aé e 1060  
 aé iþó-no (mã) 984  
 aé-i-bé 434, 568, 642, 648  
 aé-no 984  
 aé-pe 188  
 aeté 35, 88  
 ag- 798, 805  
 aguáá 346  
 agû-á-bo 399  
 ag-ûam-a 805  
 ã(g)-ûam-a 805  
 agûy 1068  
 ag-ûer-a 805  
 ahé dem. 72, 76  
 ahé intj. 45, 1068  
 aí 449  
 aí 449, 1192  
 aib-a 93  
 aí-a [t] 262  
 aí-a [t] 1145  
 aí-bir-a [t] 1145  
 aíê ptc 190, 192, 1063  
 aíê [s] 638  
 aíé-i [s] 638  
 a-ípó 69, 456  
 a-íub-a 483  
 a-íur-a 1145  
 aíuruâub-a 443  
 aíxé 1190, 1191  
 aíxó [t] 243, 1191  
 aíy-ben-a [t, t] 1191  
 a-íyk-a 346  
 a-íyr-a [t, t] 241, 1190  
 ak' v. akó  
 akã [s] 17  
 ak' aé 38, 104  
 akaí 1068  
 akaíu 1204  
 akan'-gá 28 b)  
 akang-ok-a 284  
 aké 1068  
 akó 38, 69, 104  
 a-kok-a 346  
 a-kûé(i)(-a) 69  
 aky 1068  
 akyþuer-a [t] 639, 648  
 am-a fut. 221  
 am-a 803 v. (s)ab-a  
 am-a costume 794  
 am-a vb 428, 900
- amaẽ iú 1068  
 amand-y 22  
 amá-tiri 32  
 amé 524, 695, 794, 1030, 1053  
 amí 36  
 -amo 13, 619  
 -amo ger. 13, 406, 570  
 amó 654  
 amô 131  
 amô abá 150  
 amó amó 129, 933 n. 7  
 amuã-a [t, t] 241, 1190  
 amyá-a [t, t] v. amuã-a  
 amyí-pagiuãm-a [t, t] 1189  
 a mbó 212  
 am(b)y-î 638  
 an-a 727  
 anam-a 1189  
 anan-gatu 638  
 ang-a sb 64, 142, 1198  
 ang-a vb 69  
 angá v. angab-a  
 angab-a 207, 459, 1019, 1056  
 angab-a 207, 1056  
 angaipab-a 1084  
 angá-î 190  
 anhang-a 1084  
 anhé 190, 192, 1063  
 aó 399  
 aõa 72, 76  
 aõama 805  
 aob-a 49  
 a-pá- 349, 666, 1107, 1108  
 apá (gûé ou gûi) 1068  
 a-pan-a 346  
 a-pé- 349, 1107, 1108  
 a-pé-aoba 349  
 a-pé-ar-a 349  
 a-peb-a 346  
 a-pé-bang-a 349  
 a-pé-bur-a 349  
 a-pé-kû 349, 1145  
 a-pé-ok-a 349, 372  
 a-pé-pu 349  
 a-pé-puer-a 349  
 a-pé-rerá 349  
 a-pé-urban-a 349  
 a-pi 346  
 a-pin-a 346  
 apiti 386

- apixar-a [t] 1084  
 apó vb 35, 299  
 apó [s] sb 245  
 a-pomong-a 346  
 a-pu-mim-a v. a-py-mim-a  
 a-puā 97, 346  
 apuā [s] 179  
 apué-katu 188  
 apy [s] 398  
 a-py-mim-a 346  
 a-py-peb-a 109, 346  
 a-py-pem-a 109, 346  
 a-pyr-a 346, 639  
 a-pyr-i 639, 642  
 apyr-i 1030  
 a-py'-rū 346  
 apysá 1140  
 a-pysyk-a 32  
 a-pyter-a 346, 639  
 a-pyter-i 639  
 a-py'-tī 346  
 apŷab-a 42  
 ar-a dia 1203, 1206  
 ar-a parte sup. 639  
 ar-a suf. 726 v. (s)ar  
 ar-a tomar 326 n. 2, 891  
 ar-i 639  
 ar(i)-bo 644  
 arō 28 e)  
 ar-ok-a 372  
 aryî-a 1190  
 a-sang-a 346  
 asé 58, 64, 76  
 asé-i 639  
 asoî-ab-ok-a 372  
 a-sur-a 346  
 asy [s] 95, 286  
 asyk-ûer-a 1190  
 a-sym-a 346  
 asý-ab-a 550  
 atuá-i 638  
 atuá-i-bé 649  
 atuasab-a 1189  
 atu-ub-a [t, s] 43, 242, 1191  
 aty [t] 1191  
 atyrô 490, 1176  
 aub-a 459, 475  
 ausub-a [s] 21 e) 310, 338  
 ausup- [s] 21 e)  
 aûié 168, 210, 434, 568, 1064  
 aûié-bé-(é)(-te)(-ramo)(-te) 980,  
 1020  
 aûié-bé-te(-mo) 1020  
 aûié-é 980  
 aûié-nhé 1001  
 aûié-parab-a 165  
 ayr-a [t, t] 43, 240, 1190, 1199  
 ayr-aty [t, t] 1191  
 ayr-i [t, t] 102  
 aysé [t] 1189  
 ayt [t, t] 37  
 ay-taty [t, t] 1191 n. 9  
 -'b-a 802  
 bab-a 801  
 -bae 13, 71, 700, 906, 1107  
 bar-a 726  
 -be 13, 203, 614  
 bé 146, 174, 646, 686, 691, 1012  
 bebé 112, 183, 193, 196, 332, 934  
 béé 947  
 bé(-te)-mo 947, 950  
 bé-i 174, 967  
 bé-no 146, 493  
 bé-nhé 24, 493, 1030  
 bé-ramei 436  
 biã 306  
 biaar 1030  
 biaar-a 1110 obs 1  
 -bo locat. 13, 203, 394, 643, 836  
 -bo ger. 400  
 -bo (=be) 13, 614  
 bor-a 700, 738, 910, 1107  
 bor-bae 748  
 bûer-a 217  
 byté(r)(-i) 463  
 dab-a 801  
 dar-a 726  
 der-a 221  
 diuer-a 221, 838  
 e- pref. subj. 193, 271, 414  
 -e- 125, 390, 413, 501, 505, 506, 579  
 -e 13, 679  
 é mesmo 77, 204  
 é virá tempo 463  
 é deve de ser 1068  
 é dizer 126, 455, 881, 1076  
 é [s] 165  
 eá 1068  
 eam(a)(é) 190, 1068  
 eb-anõi(-a) 70

- eb-apó 70, 161  
 eb(o)- 70  
 ebo-küe(i)(-a) 69  
 eb(o)-uñ(ng)(-a) 69  
 eb-urusu [s] 99  
 eé [s] 399  
 eẽ sim 44, 1068  
 egû-am-a [t] 895  
 eg-uí 69  
 e-i 455  
 e-i-bae 881  
 ei-a [io-s-] 323, 326, 412  
 e-i-á-bo 455, 881  
 eiar-a [s] 114  
 e-i-ar-a 881  
 e-ior(-í) 195, 884  
 e-iú 423, 884  
 e-iup-a 423, 885  
 ekar-a [s] 37, 103  
 ekat [s] 37  
 é katu 461  
 ekó [t] 886  
 ekó-ab-ok [s] 372  
 ekó-bé [t] 886  
 ekó-biar-amo [t] 636  
 ekó-katu [t] 1084  
 ekó-kuab-a [t] 260  
 ekó-mo-nhang-a [s] 546  
 ekó-tebê [t] 886  
 ekyî-a [s] 232  
 -eme 13, 679  
 e-mi- [t] v. mi-  
 e-mi-arrô [t] 1190  
 e-mi-ausub-a [t] 248  
 e-mi-e-no- [t] 781  
 e-mi-e-r-ekó [t] 780, 782  
 e-mi-e-ro- [t] 781  
 e-mi-minô [t] 1190  
 e-mi-r-ekó [t] 780, 782, 1190  
 e-mi-uru [t] 255  
 emo- 70  
 e-mo-em-a [t] 248  
 emo-nã(n) 70, 434, 568  
 e-mbi- [t] v. mbi-  
 e-m(b)etiar-a [t] 248  
 e-m(b)i-(i)- [t] 248, 891  
 e-m(b)i-ú [t] 248  
 en-a [t] 889  
 en-a [nho-s-] 326  
 enei 434
- en-i  
 eno- 501  
 enôi-a [s] 114  
 enondé [t] 607, 682  
 enotar-a [t] 634  
 endé 76, 82  
 endub-a [s] 114  
 endyr-a [t] 1190  
 eng-a\* 1110 obs 1  
 eõ [t] 217, 570, 895  
 epíak-a [s] 114, 284, 410, 460  
 ep-uru [s] 255  
 e-pynô [t] 894  
 er-a suf. 221  
 er-a [t] 138  
 ere- 112, 271  
 er-é 455  
 erika 72, 76  
 erimã 190  
 erimbaé 1029  
 ero- 501  
 er-ok-a [s] 372  
 erumby 434  
 esá [t] 257, 1140  
 esab-a [t] 1144  
 esá'-gûaá [t] 1141  
 esá-etá [t] 1142  
 esá-eté [t] 1142  
 esá-inan-a [t] 1143  
 esâi-a [t] 1143  
 esá-kang-a [t] 1141  
 esá-kui [t] 1142  
 esá-ngá [t] 1144  
 esá-puku [t] 1142  
 esá-pyá [t] 1143  
 esá-pysô [t] 1144  
 esá-rai-a [t] 286, 1143  
 esá-rai-tab-a [t] 816  
 esá-ting-a [t] 1142  
 esá-un-a [t] 1142  
 esé [s] 139, 144, 462, 605, 620, 641,  
       819, 836, 868, 985  
 esé-bé [s] 140, 605, 648  
 esé-î [s] 638, 639  
 etá [s] 47, 50, 657, 1089, 1107, 1108  
 etá-etá [s] 657  
 etá-eté [s] 657  
 etá-pokang-a [s] 657  
 etá-(té-) (-katu)-nhé [s] 657

- eté suf. 171, 174, 1091, 1107  
 eté [t] 238  
 eté-eté 171  
 eté-í 972  
 eté-katu(-nhé) 171  
 eté-umé 434  
 eti 1068  
 etun-a [s] 165  
 e-tymā [t] 248  
 e-uī 69  
 cumaē 1068  
 é-ú 881  
 eyî-a [t] 379, 673  
 eyî-nhé [s] 673  
 eym-a 225, 334, 405, 798, 1006,  
     1008, 1107  
 eym-ano 406  
 eym-a nhó 977  
 eym-a puku-î 690, 691  
 eym-a riré 685  
 eym-aub-a 478  
 eym-e 680  
 eym-é-bé 648, 682, 690, 691  
 eym-etié(-m' aé) 982  
 eym-i 565  
 eym-iré 685  
 eym-iré-mo 946  
 eym-bab-a 798  
 eym-bae 701  
 eym-bar-a 720  
 eymb-iré 685  
 eym-íaramé 982  
 g- 238, 340  
 go-\* 238, 340  
 goar-a\* 835  
 g-u'-me 885  
 gû- 238, 340, 503, 506, 891  
 gûá 129  
 gûaá 346  
 gû-á-bo 397  
 gûaiá 1192  
 gûaîbî 1191  
 gûaító 449, 1192  
 gûaká 42  
 gûam-a 220  
 gûan-a 837  
 gûang-a [nho-] 326  
 gûar 326 n 2, 891  
 gûar-a 835  
 gû-ar-a 86, 729
- gûarinî 67, 285  
 gûasem-a 148, 285  
 gûasu 100, 1107  
 gûaûpir-a 449, 1192  
 (gû)- 124, 385, 503, 506  
 gûé 448, 1068  
 gûer-a 222  
 gûey 1068  
 gûi- 271, 414  
 gûi v. gûy  
 gûi-í-á-bo 455, 881  
 gûi-ké(-á)-bo 890  
 gûi-t-ekó-bo 423  
 gûi-t-e-iké-bo 890  
 gûi-t-en-a 423  
 gûi-t-ú 423, 884  
 gûi-t-up-a 423, 885  
 gûy 448  
 gûym 471  
 gûyr-a 639  
 gûyr-i 178, 639, 642  
 gûyr-i-bé 178, 648  
 gûyr-i-gûan-a 179  
 gûyr-ok-a 372  
 hê! 45, 159, 1068  
 hê? 157, 1042  
 hê (gûé ou gûi) 32, 1068  
 i(-) pron. e pref. 58, 76, 120, 200,  
     271, 291, 319, 484, 916  
 -i prep. 638, 836  
 -i neg. 13, 183, 1006, 1107  
 -i conjug. sub. 555, 1107  
 -i = î 28, 112, 120, 127, 183, 484  
 -i 20, 113  
 -í dimin. v. -î  
 -î dimin. 102, 1107  
 -î suf. verbal 205  
 -î (-eté mā) 436, 437  
 iã 38, 69, 104  
 iang 69  
 -i-bé 648  
 ï-bé 889  
 ï é 881, 1043  
 ig\* 3  
 i-î 34, 36, 62, 299  
 iiá v. iá  
 iké 150, 395, 480, 890  
 ikó dem. 38, 69, 104, 493  
 ikó vb 284, 286, 428, 886-888, 900,  
     1033

- ikó-bé 283, 188, 886  
 ikó marā 887  
 ikó... -ramo 887  
 ikó-tebē 886  
 im-bé v. i-bé  
 in 423, 428, 889, 900  
 in-bé 889  
 inimbó 247  
 in-iō-te 889  
 ind-é 889  
 i-nh- 299  
 ipó 38, 982, 1044  
 ipy 348  
 irā 1028  
 irarō 301  
 iré 621, 684  
 irō 1057  
 irū 62, 144  
 irū-(na)mo 140, 144  
 irumō 301  
 irun-dyk 212  
 isii [s] 102  
 itá 1084  
 itó 449, 1192  
 ityk 301, 865, 892, 922  
 ixé 82, 271  
 iyr-a 253, 1190  
 iyr-aty 1191  
 -i- pref. pessoal 35, 36, 120, 290, 484  
 -i- prep. 638, 836  
 -i- neg. 183  
 -i- eufônico 34-36, 1183 exc. 4  
 i'- 507  
 ia- pref. 1.<sup>a</sup> pl. 28 obs 3, 112, 271,  
     414  
 ia- pref. 3.<sup>a</sup> p. 328  
 iá como 176, 382, 692, 986, 1025  
 iá ainda bem 434  
 iá um pouco de 751  
 iú costumar 839, 1030  
 iab-a 600, 897 n. 2  
 i-ab-a 897  
 iab-bé(-nhé) 176, 648, 692, 986  
 iabiō 655, 692  
 iab-by 382, 839, 1025, 1030  
 iab-by(-no) mā 984  
 iai-a [iɔ-] 326  
 iai-iá-bo 881  
 iai-iú 423, 884  
 iai-iup-a 423, 885  
 ia-katu(-té)(-nhé) 176, 986  
 ianondé 682  
 iandé 18, 58, 59, 76, 271, 291, 419  
 iandu v. nhandu  
 iá'-ok-a 372  
 i'-ar-a 285  
 i-ar-a 881  
 iaramé(-té) 982  
 ia-suá(r-a)(-mo-n' aé)(-mo) 982  
 iasuk-a 1084  
 iasy 1205  
 -i-bé 648  
 ie- 28 obs 3, 288, 291, 294, 314, 539,  
     578, 625  
 ié 463  
 ie-ab-a 600, 897 n. 2  
 ie-aib-ok-a 372  
 i(e)-akasó 599  
 ie-byr-a 360 obs, 1030  
 iei 150  
 i'-eiyì-a 599  
 i'-ekó-ab-ok-a 372  
 (ie-)koty-á-sab-a 1189  
 ie-kuakub-a 1084  
 ie-mo- 486  
 ie-mo-noong-a 288  
 i'-e-no- 506  
 ie-oí-a 898  
 iepé ainda que 306, 980  
 iepé pron. 293  
 iepé-mo 1020  
 ie-peé 399  
 ieperi-bé-i 693  
 iepi 692  
 ie-potá-bé 360 obs, 1030  
 i'-e-ro- 506  
 i'-e-r-ur-é 284, 287  
 ie-tanong-a 326 n. 2  
 ietiper-a 1190  
 ie-upé 625  
 ie-upir-a 150  
 io- recípr. 295, 314, 558, 624  
 io- pron. obj. 28 obs 3, 122, 291,  
     317, 323, 411, 578, 629  
 ió 448, 1068  
 io-asab-a 1084  
 io-ausub-a 48  
 ior 195, 884  
 ior-i 195, 884  
 io-s- 323, 326, 412

- iō-upé 624  
 iú ptc 448, 1068  
 iú ger. 423, 884  
 i-ub 423, 428, 885, 900  
 i-ub-é 881  
 i-ub-í 881  
 i-ub-iō-te 881  
 iuká 36, 127, 283  
 i-u'-katu 881  
 i-up- 423, 885  
 i-up-ab-ok-a 372  
 i-ur 37, 195, 285, 423, 490, 884  
 iuru 1140  
 iurupari 1084  
 i-ut 37  
 iybá 1145  
 ká ptc 199, 1051  
 ká [io-] 326  
 kabará\* 1087  
 kabaru\* 1087  
 kaē 483  
 kagú-ar-a 79  
 kai-a 114, 334  
 kakar-a 514  
 kamrarar-a\* 1087  
 kamb-y 21 c)  
 karaib-a 443, 1084  
 kasian-a\* 443, 1087  
 katu 92, 171, 284, 419, 1030  
 ké 208, 434, 463  
 ker-a 114, 334  
 kó 69, 210  
 kó-ipó 190  
 kó-i-a 179  
 kok-a [iō-] 326  
 ko-n'ipó 190  
 kori 150, 1192  
 koromó 210  
 koty 137  
 koty-á'-sab-a 1189  
 koty-rung-a 547  
 koyr-i-bé 648  
 koyté 434  
 kuab-a 23  
 kuá-beeng-a 23  
 kuá-meeng-a 23  
 kub-a 428, 898  
 kub-é 898  
 kué 499  
 kui-a 247  
 kuâá 247  
 kunumí 83  
 kunduru 42  
 kunhâ 42  
 kupy-íur-ar-a 40  
 kuri 1192  
 kuri-té-í 206  
 kurumi 83  
 kurusu\* 1087  
 kutuk-a 531  
 kûá 195, 882  
 kûab-a 148  
 kûa-gûasu 106  
 kûai 195, 882  
 kûar-a 106, 1206  
 kûarasý 129, 1206  
 kûé(i)(-a) 69  
 kûé(i)-bo 999  
 kûé(i)-pé 999  
 kûesé 150, 1192  
 kûesé-nhé-'ym-bé 648  
 ky 199, 1051  
 kyá 92  
 kybô 131  
 kybyr-a 1190  
 kyî 1192  
 kynaï 1192  
 kyr-a 165, 1190 n. 6  
 kysyié 40  
 kytî 400, 550  
 -'ma 803  
 mä 967  
 maë ptc 1068  
 maë vb 285  
 maenduar-a 95, 183, 193, 196, 284,  
     333, 816  
 main-an-a 210  
 mair-a 443, 1084  
 mamâ-r-ok-a 372  
 mamô 161  
 man-a [nho-] 326  
 manem-a 862  
 manó 283, 395, 490, 895  
 manhan-a 1101  
 marâ 162, 1066  
 marâ? 162  
 mará-á'-bor-a 92  
 mará-ar-a 754  
 marâ-bae? 161  
 marâ ia-sûar-a-mo? 971

- marā marā? 933 n. 7  
 mará mo-nhang-a 144  
 maran-a 155  
 marā-namo? 161  
 maran-a ri t-ekó-ar-a 1084  
 marā-neme? 161  
 maranungar-a 1189  
 marā ngatu 161  
 marā o-i-á-bo-pe? 572  
 mará-t-ekó 32  
 matu-éte 78  
 -me prep. 13, 140, 614  
 -me 679 v. -reme  
 meé(-mo) 947  
 meé-te-mo 950  
 meeng-a 284, 531  
 meeng-ab-a 1191  
 meí(-mo) (mā) 967  
 memé 434, 668, 692  
 memé-nhé 463  
 memé-te(-ne) 434  
 memé-t'ipó 434  
 membyr-a 42, 43, 1190, 1195  
 membyr-aty 1191  
 men-a 1191  
 men-ybyr-a 1191  
 men-ykeyr-a 1191  
 mend-ar-a 1084  
 mend-ub-a 43, 1191  
 mendy 43, 1191  
 mi- 28 obs, 773, 1032  
 miā 449, 1192  
 mi-apé 247  
 mi-ar-a 247, 779  
 mi-ausub-a 247, 780  
 mi-e- 781  
 mi-íuká 774  
 mim-a [nho-] 317, 326  
 mi-mo-e-mi- 789  
 mi-mõi-a 247, 784  
 mi-mbab-a 254, 267  
 mi-m(b)otar-a 779  
 mi-mbúai-a 247, 779  
 mi-mby 249, 799, 783  
 mi-nduú 779  
 mi-nгаú 246, 779  
 mi-pan-a 28 obs 1  
 mirí 102  
 mi-tym-a 28 obs 1, 247, 783, 1084  
 mi-ú v. mbi-ú
- mi-uru 255  
 mi-xir-a v. mi-xyr-a  
 mi-xyr-a 247  
 mo- 28 obs 3, 288, 302, 480, 500,  
       519, 538, 545, 584, 960, 1107 III,  
       1031, 1112, 1113  
 -mo condic. 13, 941, 1107  
 -mo optat. 13, 966  
 -mo prep. 13, 203, 614  
 -mo ger. 400  
 -mo var. de -ramo 202  
 mo-á'-iub-a 483  
 mo-am-a 900  
 mo-ang-a 478  
 mo-ang-aub-a 478  
 mo-bok-a 478  
 mobyr 656  
 mobyr? 232, 656  
 mobyr-íô 656  
 mo-em-a 247, 248, 852 obs 1  
 mo-e-m(b)i- 789  
 mo-e-mbi-ar-(i)-iar-a 796  
 mo-gúai-a 550  
 mo-in-a 206, 900  
 mo-ingé 395, 490  
 mo-ingó 490, 887, 900  
 mo-íá'-ok-a 372  
 mo-íe- 486  
 mo-íe-mo- 486  
 mo-íepé 212  
 mo-kaë 483  
 mo-kõi(-a) 65, 212  
 mo-kong-a 28 obs 1  
 mo-kõ-nhó 671  
 mo-kuí 28 obs 3  
 mo-mi- 798  
 -mo mā 967  
 -mo-mo 941, 966  
 mo-mo-sem-a 491  
 mo-motar-a 489  
 mo-mbab-a 481  
 mo-mbaé-ú 498  
 mo-mbak-a 481  
 mo-mbeú 492, 1084  
 mo-mbor-a 150  
 mo-mbotar-a 489  
 mo-mbub-a 498  
 mo-mbuk-a 498  
 mo-mbuer-a 231  
 mo-mbytá 498

- mo-né 949  
 mo-noong-a 288  
 -mo-ndar-a 287  
 mo-ndeb-a 492  
 mo-ndok-a 481, 550, 927  
 mo-ndó'-mo-ndok-a 931  
 mo-ndorok-a 550  
 mo-ndó'-sok-a 927  
 mo-ndó'-só'-ndó'-sok-a 931  
 mo-ndyî-a 498  
 mo-ndy'-syk-a 927  
 mo-ndyk-a 927  
 mo-ng-a [nho-] 326  
 mo-ngaru 498  
 mo-ngratyrô 490  
 mo-nger-a 481  
 mo-ngetá 287  
 mo-nguí 28 obs 3  
 mo-nguî-a 129  
 mo-nhang-a 388, 492, 531, 1084  
 mo-nhe- v. mo-îe-  
 mo-nhe-ang-epíak-a 584  
 mo-nhe-'rundyk-a 212  
 mo-pirá-kaë 483  
 mo-pi'-roy 483  
 mo-pô-guåsu 347  
 mo-pô-î 347  
 mo-pô-îo-ybyr-a 347  
 mo-pô-kyryî 347  
 mo-por-a 747  
 mo-pym-a 28 obs 1  
 mor- v. moro-  
 mo-ram-buer-a 231  
 morang-a 862  
 mor-aseî-a 232  
 moro- 87, 351, 387, 724, 852, 860,  
     872, 1107  
 moro-esé 605, 868  
 moro-upi 868  
 mor-ubixab-a 67  
 mor-upi 606  
 mo-sâi-a 28 obs 1  
 mosakar-a 1189  
 mo-sam-a 28 obs 1  
 mo-sapyr(-a) 37, 65, 212  
 mo-sapyt 37, 212  
 mo-sa-sâi-a 32  
 mo-su-sung-a 32  
 mo-sykyié 395  
 mo-ting-a 28 obs 1
- mo-tyb-a 842  
 mo-ub-a 885, 900  
 moxy 1049  
 mo-ytarô 488  
 mû 1189  
 mun-a [nho-] 326  
 mundar-a 287, 1189  
 mundé-rung-a 547  
 muru 1049  
 muru angab-a 207  
 myiapé 247  
 mymbab-a v. mi-mbab-a  
 (m)bab-a 801  
 mbaé 163, 380, 390, 417, 724, 852,  
     947  
 mbaé? 161  
 mbaé-e-ro- 506  
 mbaé mbaé? 933 n. 7  
 mbaé-reme? 161  
 mbaé r-esé? 161  
 (m)bar-a 284  
 mbegué 179  
 mbetara 248, 852 obs 1  
 mbi- 28 obs, 773, 1031, 1107  
 mbi-ar-a 247, 267, 779  
 mbi-ausub-a 248, 779  
 mbi-ú 247, 779  
 mbo- 302, 480, 485, 960  
 mbó 21, 212  
 mbo-ab-a 443  
 mbobyrr 656 v. mobyr  
 mbo-é 287, 788, 881  
 mbo-kui 28 obs 3  
 mboror- 87, 387 v. moro-  
 mbo-ur-a 490  
 mbo-y-ú 538  
 mburu v. muru  
 mby 852  
 mbyá 21  
 -n' 104 v. -ne  
 n' 183  
 na 183  
 nã 212, 1065  
 n'aé 38, 104  
 nai 1192  
 n'ak'amé 1068  
 n' akó 38, 104  
 n'am-a 217, 794  
 n'amé 524, 794, 1053  
 -namo 28 e), 406, 619

- nambi 53, 1140  
 -ne afirm. 103, 198, 199  
 -ne fut. 13, 38, 113, 146, 193, 408,  
     566, 1107  
 neī 434  
 neī bé 210  
 -neme 28 e) v. -reme  
 n' iā 38, 104  
 n'ikó 38, 104  
 nimbó 247  
 ning 471  
 ning-ning 471  
 n'ip'aé 104  
 n'ipó 38, 104, 292, 1045  
 no- 28 obs 3, 30, 124, 500, 579,  
     865, 1107 III, 1112, 1113  
 -no 146, 1107  
 no-in-a 900  
 no-mun-a 896  
 nong-a [nho-] 326  
 no-nhe- 584  
 no-sem-a 124, 501  
 no-tí 30  
 nungar-a 437  
 nupã 400  
 nd' 183 v. nda  
 nda 183, 1006, 1107  
 (n)dab-a 800, 801  
 nd' a-é-i teé 463, 845  
 nd' a-é roîá-i 570  
 nda... eym-i 1010  
 nda... eym... ruã 1011  
 nda... -i 183, 1006  
 (n)dar-a 726  
 nda ...ruã 184, 1006  
 nda s-aub-i 576  
 nde 58, 76, 271, 419  
 ndí 144  
 ndi-bé 144, 648  
 nd' i por-i 495, 746  
 nd' i tyb-i 549, 842  
 (n)dûar-a 835  
 (n)dûer-a 838  
 ngatu 28 b)  
 ngoty 137  
 -nh- 36, 299  
 nha- 28 obs 3, 112, 271  
 nhaẽ 56, 150, 247  
 nhäî-a 142  
 nhan-a 114, 283  
 nhandé 28 58, 291  
 nhand-é 22  
 nhandu 208, 434, 1052  
 nhang-a [nho-] 326  
 nhang-a 1110 obs 1  
 nharõ 285  
 nhauum-a 21 c), 247  
 nhe- 28 obs 3, 294, 539, 578, 786  
 nhé 205, 463, 1030, 1058  
 nhe-ang-epâak-a 584  
 nhe-ang-ú 286, 584  
 nheeng-a 114, 285, 1145  
 nheeng-eym-a 131  
 nheeng-ú 131  
 nhe-mi- 786  
 nhe-mo-e-mi- 789  
 nhe(-mo)-e-mbi-ar(-i)-iar-a 796  
 nhe-mo-m(b)i- 786  
 nhe-mo-saraî-a 786  
 nhe-mo-yrõ 48  
 nhe-mû 1189  
 nhe-no-mun-a 896  
 nhe-ran-a 286  
 nhe-ran-eym-a 92  
 nho- pron. obj. 28 obs 3, 122, 317,  
     326  
 nho- refl. 295, 578  
 nhó 190  
 nh'-okendab-a 326 n. 2, 552  
 nho-s- 323, 326, 412  
 nhó-te 190  
 nhû 65, 217  
 nh'-upá'-tî 326 n. 2  
 nhýã 65  
 nhyrõ 287  
 o- pref. vb 112, 271, 340, 414, 419  
 o refl. 58, 60, 238, 316, 319, 586, 916  
 ó [io-] 326, 399  
 obá [t] 1140  
 obáî(-a) [t] 639  
 obá-iar-a [t] 129, 1191  
 obáké [t] 608  
 obá-ok-a [s] 372  
 obá'-sab-a [s] 17, 1084  
 oby [t] 50, 89, 183, 284, 339, 420  
 ogo-\* 238, 240  
 og(û)- 238, 240, 316, 420  
 o-gûe-pynõ 894  
 og-u'-me 885  
 oirã 150

- oirandé 1211  
 oî-a 898  
 o-î-á-bo 455, 881  
 oiei 150, 1211  
 oiepé 65, 212, 215, 669  
 o-ie-irundyk(-a) 212  
 o-îo- 592  
 o-îo-irundyk(-a) 212  
 o-îo-upé 916  
 o-îo-upé-upé 933  
 ok-a casa 21 c), 250  
 ok-a [io-] 317, 326, 372, 441, 531  
 oken-a 250  
 okend-ab-a 250, 372, 552  
 okend-ab-ok-a 372, 552  
 o-nho- 592  
 oó [t] 97, 1201  
 o-pá(b) 664  
 o-pab-ê(-nhé)(-ngatu) 664  
 o-pab-î(-nhé)(-ngatu) 664  
 o-pá-katu 179  
 o-pá kó mbó 212  
 opo- 291, 296, 314, 409, 505  
 oré 58, 76, 271, 291. 419  
 oro- subj. 112, 271, 291, 296, 314,  
     414  
 oro- obj. 409, 505  
 oro-î-á-bo 455, 881  
 oro-íu 423, 884  
 oryb-a [t] 1084  
 oryb-eté ... mā [s] 972  
 osang-a [t] 48  
 o-ú 423, 884  
 o-up-a 423, 885  
 p' 38  
 pá sim 44, 656, 1068  
 pá determ. 199, 1051  
 pá(b) 334, 660, 665  
 pab-a 114  
 pab-ê (-gatu) v. pá(b)  
 p' aé 38  
 paí 449, 1192  
 pak-a 114, 414  
 p'akó 38  
 pan-a [nho-] 326  
 panakü 247  
 panem-a 49, 54  
 papar-a 934  
 pará 107  
 parab-ok-a 372
- paranã 53, 107  
 par-î 129  
 pe- pref. vb 112, 193, 271, 291, 414,  
     419  
 -pe determ. 199  
 -pe locat. 13, 38, 140, 203, 640, 643,  
     820, 836, 985  
 -pe? 157, 663, 941, 1042, 1107  
 pé ptc 985, 1012  
 pé [io-] 326  
 pé casca 161, 167, 344, 345  
 pé caminho 252  
 -pé-bé\* 691  
 pé-é 1012  
 peê 76, 82  
 pei vb 434, 449  
 pei vocat. 1192  
 pe-î-á-bo 455, 881  
 pe-î-é 455  
 peiepé 293  
 pe-iôr(-i) 195, 884  
 pe-íu 423, 884  
 pe-ká 345  
 pem-a [nho-] 326  
 penei 434  
 peng-a 1190  
 peng-aty 1191  
 pé-ok-a 345, 372  
 pepek-a 934  
 pé-pó 152, 345  
 pereru\* 1087  
 peró\* 443, 735, 1087  
 pesê-õ(na-a) 372  
 pé-sym-a 345  
 pe-té(-pé)-umé 434  
 peum-a 1191  
 pé-yypy 829  
 pi [io-] 234, 326  
 piá 206, 449, 1192  
 p' iã 38  
 piá-î 449  
 pik-a 1030  
 p' ikó 38  
 pin-a [io-] 326, 550, 928  
 pinim-a 56, 1148  
 pipin-a 928  
 p' ipó 38  
 pi-pó-ká 1147  
 pi-pó-mong-a 1147

- pir-a 1140, 1147  
 pirá-kač 483  
 pir-aku'-bor-a 1147  
 pirang-a 114, 1148  
 piré r-esá 1142  
 pirian-a 1148  
 pi'-ring-a 1147  
 pir-ok-a 372  
 pil'-roy 483, 1147  
 pir-yai-a 1147  
 pitang-a 102, 1148  
 pi-ting-a 1147  
 pitub-a 1148  
 pixam-a 1148  
 pixé 1148  
 pi-xyb-a 1147  
 piar-a [io-] 326  
 piar-a 252, 635  
 piar-amó 635  
 po' 386 v. poro-  
 po mão 1107, 1140  
 po quase-pref. 344, 347  
 po-ã 63  
 po-atá 347  
 po'-ban-a 347  
 po-beivé 347  
 po-epyk-a 286  
 po-gúasu 347  
 po-i 347  
 po-ir-a 284  
 poi-a [io-] 326  
 po-ká 347  
 po-me-mbyk-a 347  
 po-mong-a 56  
 po-peb-a 347  
 popor-a 134  
 por- 283, 386  
 por-a 700, 738, 910, 1107  
 por-abyky 139, 388  
 por-apiti 386  
 por-bae 748  
 por-andub-a 161  
 por-ausub-a 783  
 por-epy-an-a 286  
 poro- 87, 351, 380, 385, 417, 487,  
     596, 724, 873  
 poro-(gú)e-no- 506  
 poro(gú)e-ro- 506  
 por-ok-a 372  
 poro-mo- 487  
 poro-mo-ie- 487  
 poro-mo-ie-mo- 487  
 poro-mo-nhang-a 388  
 poro-pysyk-a 388  
 por-ú 284, 386  
 por-upi 650  
 po'-sé 650  
 po'-sub-a 386  
 po'-suban-a 386  
 potar-a 120, 284, 489  
 poti 893  
 potyr-a 165, 167  
 pô-ungá 347  
 poxy 93  
 puam-a 206, 286  
 puku 53, 638  
 puku-i 638, 689, 691  
 pun-a [nho-] 326  
 pupé 138, 662, 836  
 pupur-a 934  
 putu 1145  
 putu-ē 33  
 putu-ur-a 33, 193  
 púañ-a [io-] 317, 326, 523  
 puan-a [nho-] 326  
 púar-a [io-] 326  
 puer-a 216, 334, 1107  
 puer-am-a 223  
 py [io-] 326  
 py pé 344, 1107, 1140  
 py fundo 348  
 pyá 21, 1140, 1144  
 py-ei-a 348  
 py-gúasu 348  
 pyk-a [io-] 326  
 pyku-iur-ar-a 40  
 py-kúab-a 232  
 pykyyr-a 1190  
 pyñô 894  
 py-pirar-a 348  
 pyr-a sb 639  
 pyr-a suf. 756, 906, 1032  
 pyr-i 639, 642  
 py-rung-a 547  
 pyryb(-i) ou (-iõ-te) 174  
 py-sá 41  
 py-sá-pem-a 32, 41  
 pysyk-a 193, 196, 292, 388, 409  
 pyter-a 346, 639  
 putu v. putu

- py-tybyr-*ok-a* 348  
 r- v. *r-(o)*  
 r- 89, 238, 239, 311  
 rá 38, 103, 208, 1068  
 r-á 89  
*rab-a* [iə-] 317, 326  
*r' aé* 38, 104, 954, 1019, 1043  
*r'ak'aé* 38, 104  
*r'akó* 38, 104  
*ram-a* 216, 334, 1107  
*ramei* 437  
*ramei-bé* 436  
*ram iaramé* 982  
*-ramo* prep. 13, 619, 791, 821, 836, 1033  
*-ramo* ger. 13, 406, 570  
*ram-buer-a* 223, 230  
*ran-a* 10, 172  
*ranhé* 210, 466, 683, 820  
*r-ar-a* 891  
*raré* 208, 1068  
*r-ar-i* 891  
*ra-só* 129, 413, 502  
*r-aiú* 192, 1048  
*r-e-* 504 v. *r-*  
*ré* 621, 684  
*reá* 44, 191, 1019, 1044, 1068  
*rei* 44, 191, 1019, 1044, 1068  
*r-e-ityk(-a)* 892  
*r-ekó* ter 124, 353, 502, 782, 886, 900  
*r-ekó* v. *ekó*  
*rem-a* 31, 114  
*-reme* 13, 679, 836, 957, 985, 1012  
*-reme-bé* 648, 689, 691  
*-reme-mo* 944  
*r-esé* v. *esé*  
*ri* prep. 139, 238 obs, 620, 819, 936  
*ri* ptc 1068  
*riré* 621, 684, 691  
*riré-bé* 621, 648  
*riré-mo* 944  
*r(o)-* 28 obs 3, 30, 124, 385, 390, 413, 500, 579, 584, 781, 865, 960, 1031, 1107 III, 1112, 1113  
*rō* 199  
*rō\** 1176  
*ro-am-a* 900  
*rob-a* 96  
*ro-bak-a* 137  
*ro-biar-a* 502  
*ro-iké* 500  
*roiré* 621, 684  
*ro-îe-* 584  
*ro-îyb-a* 287  
*ro-kub-a* 900  
*ro-nhe-* 584  
*ro-nhe-ang-ú* 584  
*ro-pytá* 500  
*recré\** 1087  
*ro-sem-a* 501  
*ro-ti* 30  
*ro-ub-a* 885, 900  
*ro-ur-a* 884  
*roy* 56, 1204  
*ruã* 184, 434, 1007  
*ruã?* 1015  
*r-ub-a* 502, 885, 900  
*r-u'-i* 885  
*r-u'-me* 885  
*rumby* 434  
*rung-a* 547, 897  
*r-upi* v. *upi*  
*r-ur-a* 502, 884  
*r-ur-i* 884  
*r-ur-i* 884  
*ruru* 934  
*ryryi-a* 934  
*s-* pron. e pref. 89, 121, 238, 271, 291, 310, 854, 869  
*s-* pref. de cl. 236, 338, 342, 343, 604, 852, 869  
*sá* 257, 852 obs 1  
*(s)ab-a* suf. 337, 371, 400, 426, 647, 700, 798, 858, 906, 981, 987, 1095, 1107  
*sabeypor-a* 1143  
*sabo\** 400  
*(s)ag-* 798  
*(s)ag-ñam-a* 805  
*(s)ag-ñer-a* 805  
*sai* 928  
*sam-a* 62, 264  
*sapatu\** 1087  
*(s)á'-pe* 820  
*(s)á'-pe ranhé* 820  
*(s)á'-pe umã* 820 n. 5  
*sapukai-a* 1143  
*sapyá* 1143  
*(s)ar-a* 86, 709, 720, 906, 1107  
*sar-a* = *suar-a* 833, 1107

- saraúai-a\* 1087  
 sasãi-a 928  
 (s)á'-tyb-a 841  
 s-e 774, 853  
 sé! 188  
 sé-gué 1068  
 seixu 1204  
 sei-a 897 n. 2  
 sem-a 114, 263, 599  
 s-e-m(b)i- 700, 773  
 serã 1044, 1045, 1047  
 serã? 157, 160, 1042  
 serã-mo-n' aé(-mo) 982  
 s-e-ro- 508  
 s-esé v. esé  
 só 114, 195, 285, 334, 882  
 sok-a [io-] 320, 324, 326, 411  
 soó 85, 395  
 sosé 174, 611  
 sub-a [io-] 317, 324, 326  
 suban-a 303, 1035  
 sugû-á-bo 397  
 sugûaraíy 264  
 suí 134, 174, 610, 612  
 sui-bé\* 691  
 sumarã 264  
 supé 136, 203, 516, 613, 836  
 s-upi 188, 606, 868 v. upi  
 s-upi-katu 188  
 susuá 264  
 susung-a 928  
 suú 234, 397  
 súar-a 700, 833, 910, 1107  
 súé(r) 436  
 súer-a 700, 838, 910, 1107  
 súer(-i) 1030  
 sy 62, 264, 1190  
 syb-a [io-] 325, 326  
 syi-a 498  
 syk-a 28 d), 263  
 sykyié 40, 285, 395  
 sym-a 51, 90, 346  
 syryk-a 28 d), 283  
 sy-yr-a 264, 1190  
 t' v. ta  
 t- pref. de cl. 236, 338, 342, 343,  
     604, 852  
 t- pron. 240, 855, 870  
 ta 196, 200, 1067  
 tá 891  
 taá 499, 1192  
 tab-a suf. 801  
 t' aé 38  
 tagûaib-a 259  
 tak 471  
 t'akó 38  
 taigaib-a 51, 90  
 tai-a 262  
 taiaob-a 260  
 takúar-a 260  
 tang 1192  
 tapé 449, 1192  
 taper-a 259  
 tapiá 449, 1192  
 tapuî-a 259  
 tapyî-a 259  
 tapyyî-a 259  
 t-ar-a 891  
 tar-a suf. 727  
 t-ar-i 891  
 tatak-a sb 259  
 tatak-a vb 52, 259, 263, 471  
 taté 258, 374, 609  
 taté-é 374, 609  
 taté-nhé 374, 609  
 tatobapy 829  
 taty 1191  
 taûpé 449, 1192  
 t-e 774, 853  
 -te 13, 38, 158  
 -te mas 13, 188  
 -te para que 13, 198, 981  
 -te é que 13, 38, 949, 1067  
 té 434  
 tebir-a 259  
 tee 463  
 'té-i... mã 974  
 t' e-i nhé 434  
 té-ipó 434  
 t' e-i tenhé umé 434  
 tek 471  
 'té-katu (nhé)(-tié)(-i) 171, 973  
 tekó-araib-a 259  
 tekó-araí'-bor-a 259  
 tekó-kuab-a 258, 260  
 -te-mo 967  
 -te-mo mã 967  
 -te-mo-ne 949, 967  
 t-e-m(b)i- 773, 906  
 ten 471

- te-ne 434  
 te-nhé 434, 464, 1030  
 tenhéa 259, 260  
 t-e-no- 508  
 t-e-ro- 508  
 tetiruã 667  
 té-umé 434  
 ti 1068  
 tî [iô-] 326  
 tî 65, 150, 259, 1145  
 t' ikó 38  
 tining-a 51, 56, 90  
 ting-a branco 51, 90, 262  
 ting-a enjoativo 51, 90, 262  
 t' ipó 38  
 tiruã 232  
 tiruã-mo 980, 1020  
 titó 449, 1192  
 t' iá 201  
 tó 975  
 toi 449, 1192  
 tubyr-a 259  
 t-u-i 885  
 tuî-bae 51, 90  
 tuîâ-bae 51, 90, 259  
 tunhá-bae 51, 90, 259  
 tupã 32, 259, 1084  
 tupã mo-ngetá 1084  
 tupan-a 1084  
 tupã r-ar-a 1084  
 tupã sy 1084  
 t-ur-a 884  
 t-ur-i 884  
 tutuk-a 52, 259  
 tutyr-a 258, 1190  
 ty 259  
 tyarõ 52, 165, 1176  
 tyb-a 259, 378, 700, 841, 1107  
 tybyr-a v. tubyr-a  
 tybyr-ok-a 372  
 tybytab-a 259  
 tyk 471  
 tykyr-a 28 c), 259, 263  
 tym-a [nho-] 326, 411  
 tymã 247, 248, 852 obs 1  
 typyrõ 28 c), 1176  
 tyr-a 259, 456  
 tyrá 259  
 ty'-rung-a 547  
 tuyuk-a 52, 259, 934
- ú comer 126, 397, 883  
 ú ger. 423  
 ub-a [t, t] sb 21 d), 43, 241, 1190,  
 1199  
 ub-a [t, t] vb 885  
 ubã-r-ok-a 372  
 ub-i [t] 885  
 ubixab-a [t] 106, 242  
 ub-yr-a 1190 n. 2  
 ugûai-a [t] 245  
 ú-î [t] 885  
 ui 154, 1201  
 uî 69  
 ûi-a [nho-s-] 323, 326  
 ukar-a 516, 582, 1031, 1107  
 ukeí 1191  
 umã 169, 465, 948, 1029  
 umá? 32  
 umâ? 32  
 umã-bae? 163  
 ú'-me 885  
 umé 193, 196, 1006  
 umûã 33, 465  
 umûan-î 465  
 up vb 423, 885  
 up' vocat. 21 d), 446  
 u'-pá'-rung-a 547  
 upé 613, 624, 625  
 upi [s] 135, 606, 836  
 upi-bé [s] 606, 648, 688  
 upir-a 531  
 ur-a [t] 884  
 ur-i 884  
 uru [s] 255  
 ur-usu [t] 91, 99, 672  
 u'-sab-a [t] 884  
 u'-sar-a [t] 884  
 ú-sei-a 897 n. 2  
 usu 100, 1107  
 uub-a v. uyb-a  
 uyb-a 122, 206, 251  
 -û 13, 555, 1107  
 ûam-a 218  
 ûer-a 218  
 -x- 200  
 xam-a 62  
 xe 58, 76, 271, 419  
 xe á 449, 1192  
 xe pô 212  
 xe pô xe bv 212

- x'íá 201  
 xó v. xó-é-ne  
 xó(-é)-ne 186, 941, 966  
 sok-a 320  
 xuban-a 19, 303  
 xuí 19 v. suí  
 xupé 19  
 xy 19, 62  
 y fonema 4, 33, 1096, 1109  
 y água 49, 107, 241, 1201  
 y [t, t] 241  
 y-aiba 241 obs 3  
 yapir-a [t] 244  
 yb-a 166  
 ybá 166  
 ybak-a 1084  
 ybaté 148  
 ybō 34, 36  
 ybotyr-a 167  
 ybyr-a 639  
 ybyr-a [t, t] 241, 1190  
 ybyrá 56, 166  
 ybyr-aty 119  
 ybyr-i 639, 642  
 ybytyr-a 241 obs 4  
 y-ekó-ab-a 81  
 ygápem-a 3, 129  
 ygápenung-a 3, 241
- ygápó 3  
 ygá-pukui-a 3  
 ygar-a 3, 59  
 yg 3  
 y(g)é 3  
 y-gúasu 107  
 y-katu 241 obs 3  
 ykeyr-a [t, t] 241, 1190  
 yku [t, t] 241  
 ykyyr-a v. ykeyr-a  
 ymā 169, 464, 948  
 yman-i 465  
 ymé 194  
 ymūā 33, 465  
 ymūan-i 465  
 ynysem-a [t, t] 56, 91  
 ypé 167  
 ypek-a 46  
 ypy 34, 213, 551  
 ypy [t, t] fundo 241, 348  
 ypyr-a 639  
 ypyr-i 639  
 ypyrung-a 547  
 ytab-a 114  
 ytarō 301, 488, 1176  
 y-ú 284  
 ý fonema 5, 1157

## ÍNDICE DAS GRAVURAS

|   |      |
|---|------|
| Aldeia tupi, com suas casas, praça e dupla cerca — STADEN ..... | capa |
| Família tupi — LÉRY .....                                       | 8    |
| Dança dos caraíbas — DE BRY .....                               | 26   |
| Acampamento de expedição guerreira — DE BRY .....               | 70   |
| Fabricação do fogo — STADEN .....                               | 77   |
| Ataque a uma aldeia, e sua defesa — DE BRY .....                | 90   |
| Colheita da mandioca — STADEN .....                             | 97   |
| Guerreiros, adornados e armados — STADEN .....                  | 106  |
| Preparação do cauim — THEVET .....                              | 136  |
| Reunião do conselho — STADEN .....                              | 147  |
| Pesca à flecha e à mão — STADEN .....                           | 152  |
| Aldeia e cenas da vida tupi — DE BRY .....                      | 167  |
| Batalha naval — STADEN .....                                    | 178  |
| Prisioneiros conduzidos. Execução e consumação — DE BRY .....   | 195  |
| Guerrilhas às margens de um rio — STADEN .....                  | 218  |
| Grande festa. Cauim e dança — STADEN .....                      | 224  |
| Pinta-se o prisioneiro e a <i>ybyrapema</i> — STADEN .....      | 245  |
| Grande festa. Cauim e dança — THEVET .....                      | 258  |
| Preparação do cauim — STADEN .....                              | 271  |
| Saudação lacrimosa — THEVET .....                               | 287  |
| Fases de um sacrifício de prisioneiro — STADEN .....            | 302  |
| Sacrifício de um prisioneiro — THEVET .....                     | 318  |
| Pesca à flecha e com rête, em barragem — STADEN .....           | 344  |
| Preparação do repasto sacrificial — DE BRY .....                | 352  |
| Tratamento de um doente — THEVET .....                          | 364  |
| Sepultamento — DE BRY .....                                     | 409  |
| Sepultamento — THEVET .....                                     | 380  |
| O corpo do prisioneiro é moqueado — STADEN .....                | 328  |
| Consumação da vítima — STADEN .....                             | 451  |

## ÍNDICE GERAL

|  |    |   |     |
|--|----|---|-----|
| PREFÁCIO .....                         | 9  | <b>Lição 12.<sup>a</sup></b> § 125-170      |     |
| ABREVIATURAS .....                     | 25 | Genitivo .....                              | 78  |
| <b>Lição 1.<sup>a</sup></b> § 1-11     |    | Interrogativos .....                        | 79  |
| Leitura .....                          | 27 | <b>Lição 13.<sup>a</sup></b> § 171-182      |     |
| <b>Lição 2.<sup>a</sup></b> § 12-14    |    | Graus do adjetivo .....                     | 83  |
| Acento .....                           | 33 | <b>Lição 14.<sup>a</sup></b> § 183-192      |     |
| <b>Lição 3.<sup>a</sup></b> § 15-40    |    | Conjugação negativa .....                   | 87  |
| Metaplasmos .....                      | 35 | <b>Lição 15.<sup>a</sup></b> § 193-211      |     |
| <b>Lição 4.<sup>a</sup></b> § 41-48    |    | Imperativo .....                            | 91  |
| Substantivos .....                     | 43 | Permissivo .....                            | 92  |
| Gêneros .....                          | 43 | Pronomes oblíquos indiretos .....           | 94  |
| Números .....                          | 43 | Ê ou ae .....                               | 94  |
| Substantivos abstratos .....           | 46 | Nhé e ï .....                               | 95  |
| <b>Lição 5.<sup>a</sup></b> § 49-57    |    | <b>Lição 16.<sup>a</sup></b> § 212-235      |     |
| Qualificativos .....                   | 47 | Numerais .....                              | 99  |
| <b>Lição 6.<sup>a</sup></b> § 58-68    |    | Tempos do substantivo ....                  | 100 |
| Possessivos .....                      | 50 | <b>Lição 17.<sup>a</sup></b> § 236-270      |     |
| <b>Lição 7.<sup>a</sup></b> § 69-77    |    | Genitivos e possessivos irregulares .....   | 107 |
| Demonstrativos .....                   | 54 | T ou s iniciais temáticos ..                | 112 |
| Pronomes pessoais .....                | 58 | <b>Lição 18.<sup>a</sup></b> § 271-281      |     |
| <b>Lição 8.<sup>a</sup></b> § 78-98    |    | Pronomes pessoais .....                     | 117 |
| Verbos predicativos .....              | 60 | <b>Lição 19.<sup>a</sup></b> § 282-289      |     |
| <b>Lição 9.<sup>a</sup></b> § 99-100   |    | Classificação dos verbos ..                 | 121 |
| Graus do substantivo .....             | 62 | <b>Lição 20.<sup>a</sup></b> § 290-309      |     |
| Partículas expletivas .....            | 63 | Pronomes objetivos .....                    | 125 |
| <b>Lição 10.<sup>a</sup></b> § 111-132 |    | <b>Lição 21.<sup>a</sup></b> § 310-331      |     |
| Verbos .....                           | 65 | Pronomes objetivos .....                    | 130 |
| Ordem das orações simples ..           | 66 | <b>Lição 22.<sup>a</sup></b> § 332-341      |     |
| Pronomes objetivos .....               | 68 | Infinitivo .....                            | 137 |
| <b>Lição 11.<sup>a</sup></b> § 133-151 |    | ARAÚJO — <i>Obras de Misericórdia</i> ..... | 140 |
| Preposições .....                      | 72 |   |     |
| Conectivos .....                       | 75 |   |     |

|  |     |  |     |
|--|-----|--|-----|
| <b>Lição 23.<sup>a</sup></b> § 342-358 |     | <b>Lição 37.<sup>a</sup></b> § 638-653     |     |
| Apôsto .....                           | 142 | Preposições .....                          | 236 |
| Nomes classificatórios .....           | 143 | Bé ou <i>abé</i> .....                     | 238 |
| Verbo "ter" .....                      | 144 |  |     |
| Verbos predicativos .....              | 145 | <b>Lição 38.<sup>a</sup></b> § 654-677     |     |
|  |     | Indefinidos .....                          | 241 |
| <b>Lição 24.<sup>a</sup></b> § 359-377 |     | <b>Lição 39.<sup>a</sup></b> § 678-699     |     |
| Infinitivo objetivo .....              | 148 | Subordinativas temporais ..                | 248 |
| Verbos compostos de <i>ok</i> ..       | 151 |  |     |
| <b>Lição 25.<sup>a</sup></b> § 378-392 |     | <b>Lição 40.<sup>a</sup></b> § 700-719     |     |
| Coletivos .....                        | 154 | Particípio <i>-bae</i> .....               | 254 |
| Prefixos de classe .....               | 154 |  |     |
| <b>Lição 26.<sup>a</sup></b> § 393-424 |     | <b>Lição 41.<sup>a</sup></b> § 720-737     |     |
| Gerúndio .....                         | 158 | Particípio ( <i>s</i> ) <i>ara</i> .....   | 259 |
| <b>Lição 27.<sup>a</sup></b> § 425-440 |     |  |     |
| Sintaxe do gerúndio .....              | 168 | <b>Lição 42.<sup>a</sup></b> § 738-755     |     |
| <b>Lição 28.<sup>a</sup></b> § 441-454 |     | Particípios <i>bora</i> e <i>pora</i> .... | 264 |
| Nomes próprios .....                   | 174 |  |     |
| <u>Vocativo</u> .....                  | 176 | <b>Lição 43.<sup>a</sup></b> § 756-772     |     |
|  |     | Particípios <i>pyra</i> .....              | 268 |
| <b>Lição 29.<sup>a</sup></b> § 455-479 |     | <b>Lição 44.<sup>a</sup></b> § 773-797     |     |
| Verbo é "dizer" .....                  | 180 | Particípio <i>mi-</i> ou <i>mbi-</i> ....  | 272 |
| <i>Aub</i> .....                       | 188 |  |     |
| <b>Lição 30.<sup>a</sup></b> § 480-499 |     | <b>Lição 45.<sup>a</sup></b> § 798-832     |     |
| Verbos causativos ( <i>mo-</i> ou      |     | Particípio ( <i>s</i> ) <i>aba</i> .....   | 279 |
| <i>mbo-</i> ) .....                    | 190 |  |     |
| <b>Lição 31.<sup>a</sup></b> § 500-515 |     | <b>Lição 46.<sup>a</sup></b> § 833-846     |     |
| Verbos causativos-comitativos          |     | Particípio <i>sûara</i> .....              | 288 |
| ( <i>ro-</i> ou <i>no-</i> ) .....     | 196 | Particípio <i>sûera</i> .....              | 291 |
|  |     | Particípio <i>tyba</i> .....               | 291 |
| <b>Lição 32.<sup>a</sup></b> § 516-527 |     |  |     |
| Verbos causativos ( <i>ukar</i> ) ..   | 201 | <b>Lição 47.<sup>a</sup></b> § 847-878     |     |
|  |     | Índices de classes .....                   | 294 |
| <b>Lição 33.<sup>a</sup></b> § 528-553 |     | VALENTE — Ao Anjo                          |     |
| Objeto direto incorporado ..           | 205 | <i>Guarda</i> .....                        | 303 |
| Sujeito incorporado .....              | 208 |  |     |
|  |     | <b>Lição 48.<sup>a</sup></b> § 879-904     |     |
| <b>Lição 34.<sup>a</sup></b> § 554-577 |     | Verbos irregulares .....                   | 304 |
| Conjugação subordinada ..              | 212 | Verbos defectivos .....                    | 309 |
| <b>Lição 35.<sup>a</sup></b> § 578-603 |     | Verbos exclusivos do plural                |     |
| Reflexivo e recíproco .....            | 219 | VALENTE — <i>Ao SSMo.</i>                  |     |
|  |     | <i>Sacramento</i> .....                    | 311 |
| <b>Lição 36.<sup>a</sup></b> § 604-637 |     |  |     |
| Preposições .....                      | 227 | <b>Lição 49.<sup>a</sup></b> § 905-923     |     |
|  |     | Pronomes relativos .....                   | 313 |
|  |     |  |     |
|  |     | <b>Lição 50.<sup>a</sup></b> § 924-940     |     |
|  |     | Reduplicação .....                         | 319 |
|  |     | ARAÚJO — <i>Em casa de</i>                 |     |
|  |     | <i>Caiáfás</i> .....                       | 327 |

|   |     |  |     |
|---|-----|--|-----|
| <b>Lição 51.<sup>a</sup></b> § 941-965                |     | <b>Lição 58.<sup>a</sup></b> § 1070-1081         |     |
| Condicional .....                                     | 329 | Períodos .....                                   | 376 |
| ARAÚJO — <i>Antes da absolvíção</i> .....             | 332 | Afirmativas indiretas .....                      | 376 |
| Locuções gerundivas .....                             | 333 | ARAÚJO — <i>Antes da absolvíção</i> (cont.) ..   | 380 |
| Gerúndio expletivo .....                              | 334 |  |     |
| ARAÚJO — <i>Em casa de Caifás</i> (cont.) ..          | 335 | <b>Lição 59.<sup>a</sup></b> § 1082-1104         |     |
| <b>Lição 52.<sup>a</sup></b> § 966-979                |     | O tupi colonial .....                            | 382 |
| Optativo .....  | 337 | BETTENDORFF — <i>Inscrição para o batismo</i> .. | 388 |
| ANCHIETA — <i>Dança das meninos</i> .....             | 340 | AUTOR DESCONHECIDO — <i>Cantigas</i> .....       | 390 |
| <b>Lição 53.<sup>a</sup></b> § 980-992                |     | <b>Lição 60.<sup>a</sup></b> § 1105-1148         |     |
| Orações subordinadas .....                            | 341 | Estrutura das palavras .....                     | 392 |
| ANCHIETA — <i>A Nossa Senhora</i> .....               | 345 | Classificação das palavras .....                 | 396 |
| <b>Lição 54.<sup>a</sup></b> § 993-1005               |     | Divisão das palavras .....                       | 397 |
| Advérbios .....                                       | 347 | Posição, composição, derivação .....             | 398 |
| ARAÚJO — <i>Antes da absolvíção</i> (cont.) ..        | 351 | Expressões concretas .....                       | 404 |
| <b>Lição 55.<sup>a</sup></b> § 1006-1017              |     | ARAÚJO — <i>Novíssimos do homem</i> .....        | 407 |
| Conjugação negativa .....                             | 353 | <b>Lição 61.<sup>a</sup></b> § 1149-1186         |     |
| ANCHIETA — <i>Dança da procissão</i> .....            | 356 | Fonologia .....                                  | 410 |
| <b>Lição 56.<sup>a</sup></b> § 1018-1040              |     | ANCHIETA — <i>Monólogo de Guaixará</i> .....     | 419 |
| Categorias verbais .....                              | 358 | <b>Lição 62.<sup>a</sup></b> § 1187-1196         |     |
| ANCHIETA — <i>A Nossa Senhora</i> (em Reritiba) ..... | 365 | Nomenclatura de parentescos .....                | 421 |
| ARAÚJO — <i>O Juízo Universal</i> .....               | 365 | ARAÚJO — <i>Impedimentos matrimoniais</i> ..     | 431 |
| <b>Lição 57.<sup>a</sup></b> § 1041-1069              |     | <b>Lição 63.<sup>a</sup></b> § 1197-1211         |     |
| Partículas .....                                      | 367 | Língua e cultura tupis .....                     | 436 |
| A linguagem dos homens e a das mulheres .....         | 374 | EDIÇÕES CITADAS .....                            | 442 |
| ARAÚJO — <i>O Juízo Universal</i> (cont.) ..          | 375 | ÍNDICE DE ASSUNTOS .....                         | 452 |
|   |     | ÍNDICE DE PALAVRAS E AFIXOS                      |     |
|   |     | TUPIS .....                                      | 458 |
|   |     | ÍNDICE DAS GRAVURAS .....                        | 475 |
|   |     | ÍNDICE GERAL .....                               | 477 |

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO  
NAS OFICINAS DA EMPRÉSA GRÁFICA DA  
"REVISTA DOS TRIBUNAIS" LTDA., A RUA  
CONDE DE SARZEDAS, 38, SÃO PAULO,  
EM 1956.

